

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

ANDRÉ RENÊ BARBONI

Filosofia Brasileira
Um sonho ou uma possibilidade?

FEIRA DE SANTANA-BA

2014

ANDRÉ RENÊ BARBONI

Filosofia Brasileira

Um sonho ou uma possibilidade?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana como requisito para a concessão do Grau de Bacharel em Filosofia.

Área de Concentração: Filosofia

Orientador: Ângelo Márcio Macedo Gonçalves

FEIRA DE SANTANA-BA

2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA

B194f Barboni, André René
Filosofia Brasileira: um sonho ou uma possibilidade? /
André René Barboni – Feira de Santana: UEFS, 2014.
360 f. : il.

Monografia (Graduação – Bacharelado em Filosofia)
– Universidade Estadual de Feira de Santana,
Departamento de Ciências Humanas e Filosofia.
Orientação: Prof. Ângelo Márcio Macedo Gonçalves

1. Filosofia Brasileira. 2. *Sapere aude*. 3. Homem integral. I. Ângelo Márcio Macedo Gonçalves. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDD 100

FOLHA DE APROVAÇÃO

André Renê Barboni

Filosofia Brasileira: um sonho ou uma possibilidade?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana como requisito para a concessão do Grau de Bacharel em Filosofia.

Área de Concentração: Filosofia

Orientador: Ângelo Márcio Macedo Gonçalves

Aprovado em: 07/01/2015

Banca Examinadora

Prof. MSc. Ângelo Márcio Macedo Gonçalves
Instituição: Universidade Estadual de Feira de Santana

Assinatura: _____

Prof. Dr. Alex Sandro Leite
Instituição: Universidade Estadual da Bahia

Assinatura: _____

Prof. Dr. Eduardo Chagas Oliveira
Instituição: Universidade Estadual de Feira de Santana

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

A meus colegas e professores, que este trabalho ajude a iluminar o caminho da sua libertação.

A MINHA FAMÍLIA, AMIGOS e todos aqueles que torcem pelo meu sucesso e que não se contentam com uma simples explicação.

A quem deseja que o *mundo* não fique como está, mas que seja a cada dia, um dia melhor para se viver.

AGRADECIMENTOS

A SUZI, RAFA, VIVI, NATI, MARCELA e TUNIKO por tudo o que vocês representam para mim.

Ao meu orientador por acreditar em mim, pelo seu apoio e amizade.

À aqueles que tiveram a consideração de ler o meu trabalho e dar um retorno, a sua contribuição foi fundamental para o sucesso desse empreendimento.

Aos meus professores por tudo o que fizeram para que eu conseguisse chegar onde cheguei.

Aos amigos do Curso de Filosofia da UEFS, por nossas discussões e debates.

Aos amigos e funcionários da UEFS.

OBRIGADO!...

A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo

Merleau-Ponty

*A verdadeira ciência deve ter como finalidade
tornar melhores os homens*

Pietro Ubaldi

*A verdadeira arte não é só a expressão de um
sentimento, mas também o resultado de uma
inteligência viva*

Hendrik Berlage

*Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a
razão face a face, em todas as épocas da
humanidade*

Allan Kardec

RESUMO

BARBONI, A. R. **Filosofia Brasileira**: um sonho ou uma possibilidade? [Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado em Filosofia]. Feira de Santana: Departamento de Ciências Humanas e Filosofia – Universidade Estadual de Feira de Santana; 2014.

Este é um trabalho de *Filosofia* que questiona a forma como se tem orientado o ensino e a prática de *filosofia* no Brasil. Mais do que simplesmente questionar o método “estruturalista”, nós defendemos que *pensar-por-si-mesmo* é condição fundamental para nos conduzirmos na vida. *Sapere aude!* É o lema que adotamos para empreender uma *filosofia* própria. Brasileira. Que resgata as origens gregas da *filosofia* e vai além quebrando dogmas e revendo *conceitos* que o *referencial materialista* criou, distorceu e empobreceu. Defendemos a posição de que *Ciência, Filosofia, Religião e Arte* são áreas de produção do *conhecimento* que estão em um mesmo patamar. Nenhuma delas é dona da *verdade*, nenhuma delas deve ser exaltada ou rebaixada em relação às outras. Todas são igualmente importantes e o nosso desenvolvimento deve ser integral. *Razão, Intuição, Sentimento e Sensação* são as “asas” que Pierre Weil identificou como elos de ligação destas áreas de produção do *conhecimento*. Um *conhecimento* fragmentado próprio da *Physis*, este *Anti-Sistema* que criamos quando nos inconformamos com a *função* que ocupávamos no *Sistema*. Pietro Ubaldi é quem nos fornece esta maravilhosa visão explicativa e que também nos apresenta os tipos biológicos: *forte, astuto e justo* que utilizamos como chave de entendimento para *compreender* e analisar a ação do homem ao longo da sua história. Com isso, conseguimos perceber que historicamente construímos uma linha divisória infame que separa *ciência* de *religião*. Esta terrível divisão que pode ser comparável a um verdadeiro “muro da vergonha” despreza tudo o que é subjetivo como algo capaz de produzir *conhecimento* e ser coerente com a *verdade*. Só mantém íntegro a *ciência*. Mutila a *filosofia* e a *arte* e relega a *religião* a um limbo de imundice e ignorância. É por isso, que hoje em dia, se tem a ideia de que se uma coisa não é científica, sua *verdade* pode ser questionada. Será que só a *ciência* conduz à *verdade*? Será que *criação e evolução* são coisas inconciliáveis? Ao identificarmos a raiz deste mal, conseguimos vislumbrar que é possível, sim, derrubar esse “muro”, trabalhar todas as nossas potencialidades em um homem integral, que se conhece, que amadurece e é capaz de ousar *pensar-por-si-mesmo* e se livrar dos *dogmas* que cristalizam inverdades na *religião*, mas também na *ciência*, na *arte* e na *filosofia*. Ao fazê-lo, não posso mais me sujeitar a estudar um único *filósofo* e me ater a seus comentadores, pois preciso tratar os meus questionamentos, aquilo que me causa esta *angústia filosófica* que não passará até que eu lhe dê a devida atenção. Eu tenho um sonho de poder discutir livremente, no ambiente acadêmico, as questões filosóficas que me tocam sem ser acusado de ocorrer em *anacronismos* que os “doutores da lei” se valem para defender os pilares carcomidos pelo tempo e que eles acham que sustentam os seus dogmas. Eu não quero este tipo de “filosofia” para mim. Seus métodos e suas técnicas não me valem, suas autoridades nada representam, pois não existe autoridade em *filosofia*. Não há um único *filósofo* que tenha conseguido este título agindo da forma como essa *tradição* quer. Não há porque respeitar esta *tradição*. Ela só quer permanecer no poder, mas para isso ela sufoca e mata o nosso filosofar. Neste trabalho, nós não só sonhamos com o diálogo filosófico que empreendemos na sua primeira parte, mas mostramos que, mais do que possível, já temos um sistema, uma rica *filosofia* a desenvolver e explorar. Que não só é possível, mas necessário que *pensem-por-nós-mesmos* para que não caiamos nas armadilhas que o *mundo* nos prepara. Para nós, *Filosofia é amor à sabedoria*. E esta *sabedoria* consiste em se guiar pelo caminho do *amor*, pois o caminho da *dor* só nos faz perder tempo e atrasa a nossa caminhada evolutiva. O nosso retorno ao *Sistema* que é onde encontraremos a *verdade* e seremos plenamente felizes. Esta *Nova Era* que se apresenta já começou e os *empreendedores sociais* são um exemplo de como podemos vencer neste *mundo* onde nos dizem, a todo momento, que a mudança é impossível. *Sapere aude!* Lute contra isso. Leia este trabalho. Se inspire e junte-se a nós rumo à felicidade.

Descritores: Filosofia Brasileira. *Sapere aude*. Homem integral.

ABSTRACT

BARBONI, A. R. **Brazilian's Philosophy**: a dream or a possibility? [Completion of course work – Bachelor of Philosophy]. Feira de Santana: Department of Human Sciences and Philosophy – State University of Feira de Santana: 2014.

This is a work of *Philosophy* that questions the way he has guided the teaching and the practice of *philosophy* in Brazil. More than simply questioning the “structuralist” method, we advocate that *thinking-by-itself* is critical to conduct ourselves in life condition. *Sapere aude!* Is the motto we have adopted to undertake its own *philosophy*. Brazilian. That rescues the origins of Greek *philosophy* and goes beyond breaking *dogmas* and reviewing *concepts* that the *materialist referential* created, distorted and impoverished. We argued that *Science, Philosophy, Religion* and *Art* are areas of *knowledge* production that are in the same level. None of them owns the *truth*, none of them should be exalted or lowered relative to the other. All are equally important and our development must be integral. *Reason, Intuition, Feeling* and *Sensation* are the “wings” that Pierre Weil identified as connecting links these areas of *knowledge* production. A very fragmentary *knowledge* of the *Physis*, this *Anti-System* we created when we inconformamos with the *function* we occupied in the *System*. Pietro Ubaldi is who gives us this wonderful vision explanatory and also features in the biological types: *strong, astute* and *just* use that as a key to understanding to *understand* and analyze the actions of humans throughout their history. With this, we could realize that historically infamous build a dividing line that separates *science* from *religion*. This terrible division that can be comparable to a true “wall of shame” despises everything that is subjective as something capable of producing *knowledge* and be consistent with the *truth*. Just keeps integrate the *science*. Mutilates the *philosophy* and the *art* and relegates *religion* to a limbo of filth and ignorance. That is why, nowadays, has the idea that if something is not scientific, its *truth* can be questioned. Will only science leads to *truth*? Does *creation* and *evolution* are irreconcilable? By identifying the root of this evil, there is a look that is indeed possible to bring down this “wall”, working our full potential in a full man, who knows, it matures and is able to dare to *think-for-itself* and get rid *dogmas* that crystallize *untruths* in *religion* but also in *science, art* and *philosophy*. In doing so, I can not subject myself to studying a single *philosopher* and I stick to his commentators, because I need to treat my questions, what causes me this *philosophical anxiety* that will not go until I give it the proper attention. I have a dream of being able to freely discuss, in the academic environment, the philosophical issues that touch me without being accused of *anachronisms* occur in the “lawyers” rely to defend the pillars eaten away by time and which they think support their *dogmas*. I do not want this kind of “*philosophy*” for me. Their methods and techniques are not worth me, its authorities represent anything because there is no authority on *philosophy*. No single *philosopher* who has achieved this title acted the way that *tradition* either. There is no reason to respect this *tradition*. Its just wants to stay in power, but to do so its smothers and kills our philosophizing. In this work, we not only dream of philosophical dialogue we undertake the first part, but we show that more than possible, we already have a system, a rich *philosophy* to develop and explore. That is not only possible, but necessary to *think-for-ourselves* lest we fall into the traps that the *world* prepares us. For us, *Philosophy* is *love* of *wisdom*. And this *wisdom* is to be guided by the path of *love*, because the only way the *pain* makes us waste time and delay our evolutionary journey. Our return to the *System* that is where we will find the *truth* and be completely happy. This *New Age* that has already begun and social entrepreneurs are an example of how we can overcome this *world* where we are told, all the time, that change is impossible. *Sapere aude!* Fight it. Read this work. Get inspired and join us toward happiness.

Keywords: Brazilian's Philosophy. *Sapere aude*. Full man.

LISTA DE FIGURAS

1 –	<i>Matriz de fragmentação do conhecimento</i> (WEIL, 1993), modificada por Barboni em 2013.....	65
2 –	<i>A Matriz Holopoiética Fundamental</i> , com vários níveis de fragmentação, interpretada por André René Barboni a partir do trabalho Pierre Weil (1993).....	70
3 -	Foto de um peixe “cofre” tirada por André René Barboni, em uma região de mangue do município de Madre de Deus – Bahia em 2002.....	144
4	Esquema representativo da “Queda e Salvação” proposto por Pietro Ubaldi na obra homônima e modificado por André René Barboni.....	161
5	Representação gráfica das quatro formas de Expressões Categóricas – Diagramas de Euler.....	259
6	Representação gráfica das quatro formas de Expressões Categóricas – Diagramas de Venn.....	259
7	Representação básica do <i>Eneagrama</i>	272
8	Árvore da vida.....	280
9	Primeira logomarca do CRIS.....	324
A	Linha de tempo com algumas referências filosófico-científicas utilizadas neste trabalho.....	352

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

α	<i>Espírito</i>
β	<i>Energia</i>
γ	<i>Matéria</i>
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AS	<i>Anti-Sistema</i>
CEJN	Centro Espírita Jesus de Nazaré
CRIS	Centro de Referência de Informação em Saúde
DNA	Ácido Desoxirribonucleico
ET	Extra Terrestre
EQM	Experiência de Quase-Morte
EUA	Estados Unidos da América
FCU	Fluído Cósmico Universal
FDA	<i>Food and Drug Administration</i>
GEPU	Grupo de Estudos Pietro Ubaldi
GNL	Gás Natural Liquefeito
HIP	Hiperestesia Indireta do Pensamento
IBBIS	Instituto Brasileiro de Benemerência e Integração do Ser
IBM	International Business Machines
LSD	Acrônimo de dietilamida ácido lisérgico
MHF	<i>Matriz Holopoiética Fundamental</i>
MIM	<i>Meritocracia Intelecto-Moral</i>
ONG's	Organizações Não-Governamentais
OVNI	Objeto Voador Não Identificado
PEA	População Economicamente Ativa
PIB	Produto Interno Bruto
RNMf	Ressonância Nuclear Magnética Funcional
Sistema COEX	Sistema de Experiência Condensada
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
RCFM	Radiação Cósmica de Fundo em Micro-ondas
UBT	Unidade Básica de Tempo
UBS	Unidade Básica de Espaço
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UnB	Universidade de Brasília
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	DESENVOLVIMENTO DIALÓGICO.....	21
2.1	O ENCONTRO.....	21
2.2	PREPARANDO AS FUNDAÇÕES.....	21
2.2.1	O que é <i>Filosofia</i> ?.....	21
2.2.2	Porque “Estruturalismo” não é <i>Filosofia</i>	32
2.2.3	A questão fundamental da <i>Filosofia</i>	38
2.2.4	O <i>Sistema</i> e o <i>Anti-Sistema (Physis)</i>	50
2.2.5	O grande perigo de não ser “Estruturalista”.....	54
2.2.6	A <i>matriz de fragmentação do conhecimento</i>	65
2.2.7	Os fundamentos do <i>referencial materialista</i>	73
2.2.8	A morte do <i>referencial materialista</i>	88
2.2.9	A universalidade da comunicação com os <i>espíritos</i>	97
2.2.10	<i>Criação e evolução – conceitos contraditórios?</i>	104
2.2.11	Evidências científicas a favor da <i>reencarnação</i>	112
2.2.12	O <i>perispírito</i> e algumas implicações.....	120
2.2.13	O <i>mundo das ideias</i> e o <i>mundo espiritual</i>	130
2.2.14	A pluralidade dos <i>mundos habitados</i>	139
2.3	CONSTRUINDO O EDIFÍCIO.....	143
2.3.1	Análise x Síntese.....	143
2.3.2	Por um modelo melhor de produção do <i>conhecimento</i>	153
2.3.3	A <i>evolução</i> individual e coletiva.....	161
2.3.4	O verdadeiro significado do fim dos tempos.....	176
2.3.5	A vida em sociedade e as questões éticas.....	188
2.3.6	Os governos do <i>Forte</i> e do <i>Astuto</i>	196
2.3.7	<i>Meritocracia Intelecto-Moral</i>	211

2.3.8	A Nova Era.....	221
2.3.9	A importância do autoconhecimento.....	234
2.3.10	A família sob uma outra perspectiva.....	240
2.3.11	Uma nova <i>Filosofia</i> para a Nova Era.....	254
3	DESENVOLVIMENTO SINTÉTICO.....	267
3.1	A IMPORTÂNCIA DE <i>PENSAR-POR-SI-MESMO</i>	267
3.2	CONHEÇA-TE A TI MESMO.....	271
3.3	OLHANDO O OUTRO LADO DA QUESTÃO.....	274
3.3.1	O modelo <i>Big Bang</i> e a Cabalá.....	276
3.3.2	O surgimento da vida e a <i>evolução</i>	282
3.3.3	Algumas considerações sobre a <i>filosofia da mente</i>	285
3.3.4	Redes neurais artificiais e algumas de suas implicações.....	290
3.3.5	As questões éticas na visão <i>materialista do justo</i>	294
3.4	O EMPREENDEDORISMO SOCIAL.....	298
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	317
	REFERÊNCIAS.....	325
	GLOSSÁRIO.....	335
	APÊNDICE A (Mapa de fala das personagens).....	349
	APÊNDICE B (Silogismos Categóricos Válidos).....	350
	APÊNDICE C (Algumas análises e considerações extras sobre o trabalho).....	351

1 INTRODUÇÃO

Em 2011 ingressei no recém-criado Curso de Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), na condição de aluno através do vestibular. Esta foi uma decisão que tomei em função dos questionamentos que vinha fazendo e que sentia a necessidade de dar um tratamento filosófico mais adequado. Professor da UEFS desde 1996, vindo de: uma formação em Engenharia Elétrica pela Universidade de Brasília (UnB); com mestrado em Telecomunicações – Processamento Digital de Sinais (também pela UnB); um doutorado em Saúde Pública – Epidemiologia pela Faculdade de Saúde Pública da USP (Universidade de São Paulo), e; após ter cursado uma outra graduação em Biologia pela UEFS, sei que muitos se perguntaram por que eu estaria querendo fazer mais um curso de graduação?

Aqueles que me conhecem, mais de perto, sabem como eu gosto de estudar e como me identifico com o lema da UEFS: “*Sitientibus*”, no entanto, a decisão de fazer um novo curso, não foi meramente uma busca por novos *conhecimentos*, mas uma busca por uma preparação para “fazer filosofia” no seu *sentido* mais profundo e verdadeiro. Uma busca que parte de um *sentimento* e uma *vontade* interior de “parir” as ideias e os *conceitos* de quem, na maturidade, percebe que tem algo a falar e transmitir para as gerações futuras. Algo que as ajude a *entender* este *mundo* em que vivemos e que nos possibilite construir um *mundo* melhor para se viver.

O que se pretende, aqui, não é convencer, mas fornecer subsídios para uma discussão mais aprofundada e menos preconceituosa sobre as **questões éticas, o papel da Filosofia e do homem na construção de um mundo melhor**. É em homenagem a Platão, Santo Agostinho e à própria *Filosofia* que parte desta modesta contribuição foi escrita na forma de um “diálogo filosófico” entre supostos “alunos” e “professores” do Curso de Filosofia da UEFS. Seu objetivo geral consistia inicialmente em discutir alguns *conceitos* fundamentais da obra de Descartes: *Deus; a alma e como um homem virtuoso deve se conduzir na vida*. Que método devemos utilizar para adquirirmos um *conhecimento* certo e seguro? É uma questão que certamente também preocupava este *filósofo* e que eu pretendia aprofundar neste trabalho. Mas, de repente me vi no meio de uma “guerra” entre, pelo menos, duas formas de pensar o que é *Filosofia* e como deve dar-se o ensino desta. Então, compreendi que tinha que dar mais atenção a esse assunto.

Entendo que o método “estruturalista” de “filosofar”, que tive contato neste Curso, não é o método que quero utilizar para “fazer filosofia”, simplesmente porque por ele “não se faz filosofia” [pelo menos, a que me interessa]. Só foi criado, como tal, muito recentemente, embora, de certa maneira, ele esteja presente desde os primórdios da *Filosofia*. Não quero segui-lo, não porque ele não seja importante, ou porque nele não tenho interesse, mas porque segui-lo, tal qual requer essa recente *tradição*, me obrigaria a fugir dos meus objetivos e cair em um caminho que me vai fazer perder o interesse pela *Filosofia* e isso seria uma *dor* que eu não poderia suportar.

Sendo assim, é necessário ousar desafiar tal *tradição* sem contudo cair em uma outra tendência. Não quero ser enquadrado nesta ou naquela “tradição”, mas ser original e universal, simplesmente porque estarei “falando da minha aldeia”¹. Preciso fazer isso, não porque acho bonitinho, mas porque necessito falar sobre aquilo que me angustia no presente momento para que ainda haja tempo de causar algum impacto na sociedade em que vivo, enquanto ainda estou respirando. “Filosofar”, para mim, é quase que uma necessidade fisiológica.

Não tenho tempo, condições ou interesse de fazer, neste momento, portanto, um trabalho de história da *filosofia*, mesmo que esse trabalho consista em comentar parte da obra de um *Filósofo* como Descartes ou Platão, não nego que suas obras me interessam, muito pelo contrário, quero estudá-las, *entender* com suficiente profundidade os seus pensamentos, mas não posso me restringir a elas, pois para atingir os meus objetivos de vida, preciso trabalhar as minhas angústias atuais. Para fazer isso, preciso me valer também das chaves de *conhecimento* que utilizei para escrever o artigo “Quando menos é menos”², ou seja: os tipos biológicos – *forte*, *astuto* e *justo* – da obra de Pietro Ubaldi; a *matriz de fragmentação do conhecimento* de Pierre Weil (1993) e; o princípio da *reencarnação*.

A minha maior preocupação é com a questão: **como nos devemos conduzir na vida?** Esta sempre foi e sempre será uma questão atual e que estará presente na *mente* daqueles que quiserem se pautar pelo caminho do *justo*. Mas esta pergunta também perpassa pela questão do *ser*, da sua origem e do seu destino. Não intenciono nem tenho a pretensão de tentar escrever um tratado sobre tais assuntos, mas certamente posso contribuir com alguns elementos interessantes para a discussão desses assuntos, simplesmente trazendo a minha perspectiva. Isso é válido, é permitido e é também o caminho utilizado e obrigatório de qualquer *Filósofo*.

Mas para se pensar a questão: “como nos devemos conduzir na vida?”, é fundamental pensar **o que é *Filosofia* afinal?** Pois, o que entendemos que seja *Filosofia* determina a maneira pela qual nos conduzimos em relação à primeira questão. Assim, esse trabalho apresenta também o meu entendimento do que seja *Filosofia* e como esta forma de pensar me conduz na vida. Embora a palavra “filosofia” tenha origem grega, entendo que os *conceitos* tentam expressar algo que extrapola o pensamento original do seu criador e sempre que alguém se dá conta disso, formula novos *conceitos* para a mesma coisa conceituada. A “filosofia” não é uma exceção.

¹ Esta é uma expressão que era sempre utilizada pelo meu professor de História Geral, do segundo grau, do Colégio Oswaldo Cruz, em Ribeirão Preto – SP e que era usada, entre outras, para mostrar um princípio sempre presente ao longo da história humana. A forma como as aulas eram ministradas pelo professor João Pito me mantinham sempre “ligado”, bebendo cada palavra proferida, com o maior interesse e avidez. Isso influenciou meu desempenho nesta disciplina a ponto de conseguir acertar 85% das questões em uma prova de vestibular, trinta anos depois, sem qualquer tipo de estudo ou revisão extras. Mais do que decorar fatos e datas, aquele professor me ensinou a: pensar a história; identificar quem a está narrando e; descobrir por que motivo o está fazendo.

² Apresentado na Primeira Semana de Filosofia da UEFS.

Quero mostrar que a *Filosofia* é algo inerente à própria natureza humana. Mais ainda, qualquer *ser* que seja capaz de pensar a questão do *ser, faz filosofia*. Filosofar é como respirar e regras e demarcações, muitas vezes, só nos fazem perder tempo na longa caminhada em busca da *sabedoria*. É preciso nos despojar destes preconceitos e dar à *Filosofia* o seu verdadeiro papel.

O *mundo acadêmico*, em que hoje nos encontramos, está contaminado com ideias *materialistas* que se cristalizaram como *verdades absolutas* e a nossa sociedade atual não consegue perceber que *ciência* não é sinônimo de *verdade*. Assim, se alguém resolve defender alguma ideia absurda, que põe em risco o delicado equilíbrio social ou da natureza, basta que essa pessoa consiga convencer os incautos de que as opiniões contrárias não são científicas, para conseguir o seu apoio. Se os argumentos da oposição tiverem alguma base *espiritualista*, então, esta ideia perigosa terá todo o apoio para a sua plena execução.

Acho importante mostrar, aqui, que o *referencial espiritualista* não é incompatível com o *conceito* científico de *evolução*, proposto por Darwin-Wallace. Com efeito, quando se leva em conta o *princípio da reencarnação*, *Deus* assume um papel muito mais coerente e todos os argumentos *materialistas* em prol de uma “ciência dogmática”, que se coloca como dona absoluta da *verdade* e descarta as investigações do que é subjetivo como objetos da *ciência*, caem por terra. A palavra “Deus”, hoje em dia, gera resistências dentro de uma academia que se tornou *materialista*. É preciso manter a *mente* aberta e mudar isso.

Tentarei mostrar que a resistência criada se deve não ao fato de que *Deus* é um *conceito* absurdo, que foi criado para nos dominar, mas porque ficamos enojados com as ações das pessoas que se colocaram como intermediárias entre nós e o sagrado, distorcendo aquela coisa pura e preciosa que preenche a nossa *alma* de alegria e prazer. É preciso cavar este lixo, jogar fora tudo o que a *astúcia* dos homens criou para atender aos seus objetivos inconfessáveis, e só assim, reencontrando aquilo que esquecemos, estaremos livres deste enjoo que não passa.

Entendo que para discutir convenientemente as *questões éticas*, que nos afligem, precisamos ser capazes de discutir as questões, hoje consideradas religiosas, de forma não dogmática, em toda a sociedade e sobretudo dentro do espaço acadêmico, não porque esse é o espaço capaz de nos fazer alcançar a *verdade*, mas porque, a princípio, é o espaço onde a diversidade de pensamentos é respeitada e incentivada de forma mais intensa.

Como preparar as novas gerações de profissionais de *saúde*, que me chegam na condição de estudantes, na maioria saindo da adolescência, para encarar um *mundo adulto* onde o dinheiro assumiu um verdadeiro *status* de divindade, com os seus templos, profetas e sacerdotes que, a toda hora, nos bombardeiam com suas mensagens de incentivo ao consumo e nos levam, conseqüentemente, a adotar um estilo de vida que, nesse campo, lesa a vida do próximo?

Essa, talvez seja, a principal razão que me fez procurar uma fundamentação teórica para tratar tal assunto de forma mais adequada e com um rigor filosófico maior. Considerando toda a minha formação profissional no campo da *saúde* e da epidemiologia, não se pode dizer que eu seja uma pessoa despreparada para discutir filosoficamente estas questões. É claro que qualquer discussão que fazemos, nessa área, tem sérias implicações filosóficas, assim como, o pensamento filosófico tem sérias repercussões em qualquer campo da atividade humana, mas é fundamental lembrar aqui, também, que *saúde* é um *conceito* que, hoje em dia, é sinônimo de qualidade de vida e uma questão de cidadania. Portanto, a solução dos problemas de *saúde* não só extrapola este setor, mas também envolve toda a sociedade.

Questões como: legalização do aborto; das drogas; importação de médicos estrangeiros para suprir a falta de médicos no interior de um país que, teoricamente, já os têm em quantidade suficiente, entre outras, são apenas alguns exemplos de questões complexas que pretendo tratar ao longo do tempo que me resta de vida. Não posso fazer isso adequadamente, se não ousar escrever sobre aquilo que me aflige para, então, me voltar exclusivamente às questões tratadas em outras épocas, em outras condições, por pessoas que tinham outra *visão de mundo*, por melhor que sejam essas pessoas e seus pensamentos. O caminho que essa atual *tradição* segue, embora importante, não me satisfaz.

O estilo de escrita de parte deste trabalho, que se apresenta em parte na forma de um diálogo filosófico, embora não comum, remonta a uma *tradição filosófica* muito mais antiga do que a própria *tradição* acadêmica atual. Entendo que esta forma é adequada aos meus propósitos de manter uma certa flexibilidade/fluidez na escrita do texto sem, contudo, perder o rigor científico-filosófico que um trabalho de conclusão de curso requer. Mais ainda, ele é necessário para marcar e deixar bem claro que o que estou fazendo é *Filosofia*, no seu *sentido* mais puro, e para isso, quero retomar uma *tradição* esquecida, de uma área de produção do *conhecimento* que se deixou intimidar pelo vigor de sua “filha mal-educada e pedante”, que acha que pode reinar absoluta, que sabe tudo, mas que está tomando um caminho imaturo que põe a nossa casa em risco de um colapso de proporções nunca antes imaginada.

Com relação a não me restringir à obra de um autor, tem a ver com o fato de que um trabalho de conclusão de curso em *Filosofia* não necessariamente deve se limitar a comentar o trabalho deste autor, mas pode e deve também versar sobre temas da *Filosofia* tratados por diversos autores. Entendo que um bom texto filosófico deve se autossustentar em seus argumentos e, em respeito aos autores que tratamos, devemos evitar trair o seu pensamento distorcendo-o com uma *visão de mundo*, que por estar situada em uma outra época e em outra cultura, certamente tem grande chance de se dar quando nos propomos a comentar esse autor.

Mas se um aluno se valer de textos de autores não trabalhados pela academia, que não possuem estudiosos entre os professores que poderiam compor a sua banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como é que ele poderia concluir o seu curso tratando do pensamento destes autores? Esta é uma questão que se apresenta. E, quanto a este aspecto, creio que o pré-requisito necessário para alguém participar de uma banca de avaliação de um TCC seja: ter titulação igual ou superior ao título pretendido; ter formação na área de *conhecimento* do estudo e; ter seu nome aprovado pelo Colegiado do Curso. Neste *sentido*, não vejo porque alguém que tenha formação em *filosofia*, mesmo que não tenha, por exemplo, estudado a fundo as questões filosóficas que o *Espiritismo* traz, não esteja capacitado a avaliar um texto filosófico que aborde o tema da *reencarnação* ou da *comunicação com o mundo espiritual*. A ideia de *reencarnação*, inegavelmente, estava presente nos textos de Platão, muito embora, boa parte dos seus comentadores tenham um *referencial materialista*. O mesmo se dá com relação ao outro assunto. Tudo o que se tem que fazer é construir um texto coerente. Um texto que apresente claramente os *conceitos* que serão utilizados. A banca só terá que analisá-lo cuidadosamente, tal como se dá com o trabalho de qualquer bom comentador, pois o texto que estará sendo avaliado é o do estudante e não o(s) do(s) autor(es) que ele está se referindo.

Mas pode-se contra-argumentar que essa é uma coisa que se quer avaliar no aluno que está formando. Se ele é capaz de construir um bom texto filosófico, comentando um determinado autor, que somente uma banca de especialistas neste autor é capaz de julgar sua qualidade.

De certo, esta é uma das modalidades possíveis e previstas em todos os cursos de graduação do país, mas não é a única, nem a melhor. Quando se escreve um texto tratando uma determinada questão filosófica, sempre é possível constatar: se o autor estruturou bem o seu texto; se os *conceitos* apresentados estão bem colocados; se há coerência no texto como um todo; se o pensamento flui ou se perde em algum emaranhado; se ele é falacioso ou tem compromisso com a *verdade*; se o autor conseguiu empreender boas leituras e concatenar o pensamento destas leituras de forma a subsidiar a sua argumentação de forma clara e consistente; etc. Do que está escrito e do que se dá durante o processo de arguição da banca é possível *saber* se o candidato, ao título em questão, está em condições de obtê-lo e é somente, após a conclusão desta etapa, e de acordo com a sua produção e trajetória acadêmica, que temos condição de *saber* se ele estará apto a, no futuro, participar de uma banca desta natureza na condição de avaliador.

Quando utilizo tal argumentação, sempre sou lembrado de que esta proposta é arriscada e que nem todos entendem as coisas desta maneira. Com efeito, isso pode ser facilmente constatado quando se pesquisa sobre as normas/regulamentos e recomendações para se fazer um trabalho de conclusão de curso de graduação em *Filosofia*. Encontra-se situações que variam de

uma total amarração, na qual o aluno tem que se sujeitar a fazer um dos trabalhos que os orientadores estão dispostos a orientar (note que não se trata, aqui, de um tema, mas de uma questão específica que o orientador quer investigar), até situações em que o aluno tem total liberdade de escolha, desde que encontre um orientador disposto a orientá-lo. De forma mais branda, o mesmo se dá com relação à estrutura do trabalho que, em síntese deve ter início (introdução), meio (desenvolvimento) e fim (considerações finais). Em nenhum lugar se encontra alguma coisa que diga que o trabalho não pode ser escrito na forma de um diálogo filosófico.

A impressão que eu tenho é que a parte da academia que diz respeito à *Ciência* está mais segura de si do que a parte da academia que diz respeito à *Filosofia*. De fato, isso parece refletir o *efeito* da divisão histórica entre *Ciência* e *Religião* que acabou descaracterizando a *Filosofia*, a *Arte* e a própria *Religião* como campos produtores de *conhecimento* e criando a falsa impressão de que a “*ciência materialista*” é o único caminho capaz de nos conduzir à *verdade*. Na antiguidade esta divisão simplesmente não existia como hoje o fazemos. *Ciência*, *Filosofia*, *Religião* e *Arte* eram áreas reconhecidas de produção do *conhecimento* que utilizam caminhos diferentes para se chegar a ele. O homem não é só *razão* e *sensação*, mas também *intuição* e *sentimento*. Ele deve fazer uso de todas as suas capacidades e habilidades para aprender³.

Esse é o outro motivo pelo qual eu defendo a minha posição de não só romper com uma *tradição* que tenta imitar um modo limitado de *fazer ciência*, mas retomar um caminho que a *Filosofia*, de certa forma, perdeu. E, aqui, eu não estou falando somente da forma, mas também da *tradição* de realmente “fazer filosofia”. Ou seja, não tem porque queremos *fazer Filosofia* utilizando os parâmetros da *Ciência*. Pois são duas áreas de *conhecimento* distintas, com ferramentas de trabalho distintas e com objetivos distintos. Não podemos e não devemos engessar a *Filosofia* com os enquadramentos de uma *Ciência* empobrecida. Se fizermos isso, estaremos decretando o fim da primeira. E nós não queremos isso.

Assim, defendo a ideia de que ao construir um texto, sem a pretensão de explicar o que este ou aquele autor tentou dizer com tais pressupostos, não só é desejável como necessário para os meus propósitos. Ao dialogar mais livremente com esse autor, captando aquilo que entendo pela essência do seu pensamento, e abordando um tema tratado por ele em uma perspectiva mais atual, sem com isso incorrer em “anacronismos”, me parece mais salutar. Desta forma, as minhas indagações filosóficas que perpassam, mas não se circunscrevem ao trabalho de um determinado autor, poderão mostrar como o pensamento deste ou daquele autor ainda permanece atual e tem a contribuir na solução dos nossos problemas.

³ *Ciência*, *Filosofia*, *Religião* e *Arte* fazem parte da *matriz de fragmentação do conhecimento* – desenvolvida por Pierre Weil (1993) –, e se relacionam entre si com os *conceitos* de *razão*, *intuição*, *sentimento* e *sensação*. Esta matriz se revelou importante para as nossas considerações e voltaremos a ela mais adiante.

Reconheço que não é todo estudante de graduação que tem condições de empreender tal tarefa. Ela certamente é arriscada, mas este é o risco que, mais cedo ou mais tarde, todos os que quiserem ser chamados de *Filósofo* tem que correr. Se eu não puder fazê-lo agora, quando é que eu poderei? Quando eu não tiver mais o vigor necessário para cumprir tal tarefa? Ou quando tudo o que eu disser poderá ser considerado loucura de um homem senil?

Quando uma pessoa fica pronta para filosofar? O que é necessário para isso? Será que tratar uma questão, por uma abordagem filosófica, implica em ter que desenvolver todo um *sistema filosófico*? Provar isso ou aquilo? Ou, apenas se necessita levantar uma nova perspectiva que nos ponha a pensar?

Muitos questionamentos tem sido levantados ao longo deste Curso, não pretendo sequer tentar abordar a todos, mas alguns que dizem respeito às minhas angústias. E, pretendo trazer outros elementos para a discussão, afinal que graça tem um acarajé sem pimenta?

O meu acarajé não é sobre *Deus* ou a *alma*, mas diz respeito ao meio que devo utilizar para fazer as minhas escolhas na vida. Evidentemente que, a resposta à esta questão sempre terá grande impacto na vida de qualquer um. Isso por si só, de certa forma, já responde a pergunta: “para que serve a *Filosofia*?”, que não pretendo responder. **O que quero é encontrar parâmetros razoáveis para apontar caminhos que possam orientar os meus alunos na difícil tarefa de construção de uma sociedade melhor.** Este é o papel que me cabe.

Ao meu orientador, cabe também, o difícil papel de garantir que eu não distorça o pensamento dos autores abordados com “leituras anacrônicas” de suas obras. Tentarei ser obediente a este princípio, embora não prometo que deixarei de enxergar falhas que possam existir na suas argumentações, pois considero que: dado que só *Deus* é perfeito, então é fundamental que identifiquemos as nossas falhas para que possamos corrigi-las. Não se limitar ao texto de um autor que viveu a muitos anos atrás, talvez seja uma boa forma de encontrar um *saber* mais consistente, que este mesmo autor defenderia, caso estivesse convivendo conosco em nosso tempo. Para mim esta é uma forma mais sadia e produtiva de se “fazer filosofia”.

Sapere Aude é agora o meu lema e com ele convido a todos ao nosso café filosófico, um espaço aberto à discussão e ao debate, mas sobretudo um espaço da *filosofia* no qual não existe autoridade e onde cada um é intimado a dar a sua contribuição. **Ouse *saber*!** Não estou pretendendo, aqui, criar um *sistema filosófico*, pois entendo que isso se dá com o tempo e que talvez os próprios *filósofos* não reconheçam os sistemas que criaram na forma em que eles são apresentados pelos seus “fiéis comentadores”, mas intenciono apresentar elementos que julgo importantes para compor um *sistema filosófico* que um dia, talvez, venha a criar.

É em homenagem aos meus professores e colegas, e respeitando a uma *tradição filosófica* que remonta à origem da *Filosofia*, que escrevo parte do desenvolvimento deste trabalho na forma de um diálogo filosófico entre vários personagens que participam de um **café filosófico fictício**. Os nomes dos personagens seriam inspirados em pessoas reais que, de uma forma ou de outra, me tocaram a *mente* e o coração me fazendo refletir filosoficamente sobre questões que me angustiam, mas isso gerou muita confusão durante a fase de elaboração deste trabalho. Para evitar mais constrangimentos, optei por um tipo de “rótulo” para os meus personagens que, espero, consiga quebrar parte da resistência à leitura do meu “sonho”. As falas e os pensamentos defendidos por essas personagens, não necessariamente são delas, muitas inclusive são contrapontos importantes para argumentos que defendo, mas se a trama é fictícia ela não deixa de espelhar algo que experienciei e vivi ao longo do meu Curso de Graduação em Filosofia na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)⁴, portanto, “se queres ser universal, fale sobre sua aldeia”. Há outras razões para que eu escreva parte deste trabalho na forma de um diálogo filosófico, mas deixo para os meus comentadores a tarefa de encontrá-las na leitura atenta do meu texto.

Para aqueles cuja *mente* não consegue aceitar tal “inovação”, sugiro que pulem a parte do diálogo e vão direto para o desenvolvimento sintético e para as considerações finais do trabalho. A síntese do que quero dizer está nessas partes, o diálogo filosófico é para aqueles que acreditam que a *Filosofia* ainda não morreu. É para aqueles que possuem uma *mente* aberta e gostam de ler. *Não se pode querer agradar a gregos e goianos*, isto é, *troianos*, (desculpem o trocadilho, isso me lembra o tempo em que eu morava em Brasília e que meus amigos goianos brincavam com isso), mas faço o possível.

⁴ Grande parte do diálogo foi escrito a partir dos ensaios produzidos ao longo do Curso de Graduação em Filosofia da UEFS. Em todos esses ensaios está presente a filosofia que quero desenvolver. Este texto monográfico apresenta uma visão de mundo que defendo e que caracteriza o que se espera de um trabalho monográfico. O diálogo mantido com as disciplinas deste Curso propositadamente demonstra e demarca este trabalho como sendo um trabalho de Filosofia embora, para aqueles que ainda não conseguem se desvencilhar das tramas do *referencial materialista*, um texto que fala de *Deus*, da *alma* e de preceitos éticos e morais, escrito depois da Teoria da Evolução (que forneceu os subsídios para explicar o surgimento de organismos complexos sem recorrer a uma inteligência superior), possa parecer uma ação de mal gosto que deveria se limitar ao campo do esotérico e religioso. Este trabalho preza por defender que este tipo de posição não só é equivocada, mas despreza e desqualifica toda uma visão de mundo que pode se mostrar, com o tempo, mais coerente com a verdade. *Filósofos* e *Cientistas* dignos destes títulos não podem se dar ao luxo de ignorar tal visão. Podem não aceitá-la, podem não concordar com ela, mas tem o dever de examiná-la com todo o cuidado, rigor e dedicação que qualquer investigação séria da *verdade* requer. O meu “sonho” expresso na forma de diálogo filosófico, mostra como este tipo de discussão poderia se dar no ambiente acadêmico *laico* (que também é mantido com o dinheiro dos impostos das pessoas que abraçaram o *referencial espiritualista reencarnacionista*), onde, apesar da divergência de visões se é, ou pelo menos se deveria ser, respeitado o direito de alguém expor as suas ideias de forma “não dogmática”. Laico, ao contrário do que alguns pensam, não significa ateu, mas que respeita e acolhe o direito de todos de cada um, pois todos são iguais perante a lei, independentemente de raça, cor, credo, religião e o que mais se queira inventar para excluir alguém de algo que verdadeiramente é dele. Para facilitar o trabalho do leitor, o mapa com as páginas das falas de cada personagem pode ser encontrado no Apêndice A.

2 DESENVOLVIMENTO DIALÓGICO

2.1 O ENCONTRO

André Barboni

Meus amigos é com muito prazer que eu os recebo hoje aqui no CRIS⁵. Espero que este seja o primeiro de muitos encontros.

A1

Caríssimos essa é uma atividade que o Diretório Acadêmico de Filosofia da UEFS certamente tem muito prazer em apoiar, um *café filosófico*, com muita coisa boa para alimentar o nosso corpo e o nosso *espírito*, que anseia por um espaço de discussão como esse, onde podemos pensar e nos expressar livremente sem nos determos em um único autor, mas trabalhando questões filosóficas que nos tocam de alguma maneira. E o melhor de tudo é que a gente não precisa esperar as pessoas terminarem de falar para depois comer. Aqui a gente come enquanto escuta alguém falar e todos podem contribuir para o crescimento do grupo como um todo.

A2

E como o grupo está começando hoje, o ideal é que o André comece a discussão com o tema que ele vem abordando há algum tempo: o que é *Filosofia* afinal? E por que ele acha que “Estruturalismo” não é *Filosofia*.

2.2 PREPARANDO AS FUNDAÇÕES

2.2.1 O que é *Filosofia*?

André Barboni

Começemos, então. *Filosofia*? O que é? *Amor à sabedoria*? A Wikipédia⁶, fonte de *saber* de todo adolescente preguiçoso e descolado do século XXI, diz que a palavra “Filosofia” vem do grego *Φιλοσοφία*, literalmente “*amor à sabedoria*” e que consiste no estudo de problemas fundamentais relacionados à existência, ao *conhecimento*, à *verdade*, aos valores morais e

⁵ Centro de Referência de Informação em Saúde – Núcleo de Estudos e Pesquisa criado por André Renê Barboni.

⁶ Site popular da Internet acessado no dia 08/01/2014 (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Filosofia>).

estéticos, à *mente* e à linguagem. Mais ainda, “ao abordar esses problemas, a filosofia se distingue da mitologia e da religião por sua ênfase em argumentos racionais; por outro lado, diferencia-se das pesquisas científicas por geralmente não recorrer a procedimentos empíricos em suas investigações. Entre seus métodos, estão a argumentação lógica, a análise conceptual, as experiências de pensamento e outros métodos a priori”. Pode-se pensar que apesar de todas as ressalvas que podem ser feitas à Wikipédia, esta não deixa de ser uma definição razoavelmente boa. De certa forma este texto parece descrever o que de fato a *Filosofia* é. Mas se é assim, por que tanta confusão e tanta discussão em torno dessa palavra?

P1

Espere aí, André. Com tanta “fonte boa”, você vai citar logo a Wikipédia? Se este fosse um trabalho acadêmico você certamente teria problemas em defendê-lo.

André Barboni

De fato professora eu concordo com a senhora que a Wikipédia “parece não ser uma fonte confiável”. Mas eu também descobri que em *Filosofia* a gente deve ter muito cuidado com o que “parece”, pois nem tudo o que parece é.

P2

Cuidado com a falácia!

André Barboni

Pode parecer falácia, mas não é. Eu explico. Para muitos a Wikipédia não é uma fonte confiável pois qualquer pessoa pode dar as contribuições que desejar. As informações são facilmente divulgadas e a fonte delas permanece anônima. Isso para a *Ciência* é problemático, pois além do anonimato as informações veiculadas podem ser falsas. No entanto, não temos como negar que esta *informação* esteja lá. Para a *Filosofia* pouco deveria importar quem disse isso ou aquilo, o que interessa está no que foi dito. Essa é a minha opinião. Assim, eu posso me valer de algo que esteja escrito na Wikipédia ou qualquer outra fonte “confiável”, ou não, para, a partir daí, construir a minha argumentação. Desta forma, eu estou me valendo propositadamente desta fonte, que muitas vezes é objeto de escárnio por parte de alguns colegas, que comentam jocosamente a atitude de alguns estudantes incautos por a utilizarem em seus trabalhos acadêmicos, para desmistificar, também aqui, esta ideia de que a academia tem que manter uma certa distância do senso comum.

P1

E não tem?

André Barboni

Essa resposta eu não vou dar agora. O que nos interessa no momento é *entender* que um trabalho acadêmico não precisa ser um trabalho chato e desconectado com a realidade do *mundo* em que vivemos. Quanto mais próximo for a sua linguagem com o tempo e o pensamento da sua época, mais fácil fica a sua *compreensão* e eu entendo que isso é algo que deva ser almejado.

P3

É claro que isso pode ser questionado e há também fortes razões para que haja um certo rigor científico e metodológico na elaboração de um trabalho acadêmico. Você está querendo dizer que é possível produzir um trabalho criterioso, mas com uma linguagem mais acessível e mais atual, e que se valer de fontes “não-confiáveis” é uma opção válida?

André Barboni

Exatamente professor. Mas retornemos ao nosso assunto, antes que a gente se perca. O que é *Filosofia* afinal? Esta é a questão que começávamos a tratar quando fomos convenientemente interrompidos. Eu agradeço a professora P1 pela oportunidade que ela me deu para dizer que eu não vou me valer apenas de “fontes confiáveis”, mas as “não-confiáveis” também me serão úteis, *pois se o meu olhar não estiver viciado, não for pre-conceituoso, eu terei melhores chances de construir algo que seja realmente novo*. Essa é uma tese que eu defendo.

P2

Continuemos, então!

André Barboni

Para **pensar o assunto**, uma atitude filosófica que sempre nos traz à *mente* a imagem da estátua “o pensador” de Auguste Rodin, somos forçados a reconhecer que a palavra “filosofia”, neste caso, é bem mais do que uma simples palavra, mas um *conceito*. Os *conceitos*, por sua vez, expressam formas de se pensar e definições sobre aquilo que está sendo conceituado. Como a vida é dinâmica e a mentalidade das pessoas e das comunidades onde elas vivem evoluem, **não há como um conceito se manter inalterado ao longo do tempo**.

Poderíamos recorrer a uma busca interminável de autores que tentaram definir o que é *Filosofia*, mas esta seria uma tarefa não só titânica, mas também desnecessária para os nossos propósitos. Mais ainda, este é um jeito de *fazer filosofia* que, na nossa visão do que seja *filosofia*, não faz aquilo a que ele se propõe, pois um *filósofo* não é um historiador e, não o sendo, não tem porque se apropriar de uma ferramenta que não é sua para fazer algo que diverge daquilo que lhe é próprio. Note que não estamos, aqui, desmerecendo o trabalho do historiador dedicado e

competente, mas por melhor que seja o trabalho que alguém empreenda neste *sentido*, não há como dizer que levantar, apresentar e discutir as diferenças que um determinado *conceito* teve ao longo da história da humanidade seja um trabalho filosófico se esta pessoa não é capaz de propor algo novo. Em outras palavras, para ser *filósofo* é necessário apresentar um pensamento inovador sobre determinado assunto que lhe despertou a atenção e que lhe causou certa *angústia filosófica*.

A3

Angústia filosófica eu gosto desse termo, fale mais sobre ele.

André Barboni

Angústia filosófica é o que nos leva a filosofar, aquilo que nos provoca um certo estado de mal estar e ansiedade que só passa quando o pomos para fora, o “parimos”, como diria Sócrates, que, com sua maiêutica, era mestre em descobrir se tal rebento era um ovo com ou sem gema⁷.

A3

Portanto, *Angústia filosófica* também é um *conceito*, suponho eu. Mas também é algo que extrapola o *conceito*, algo real que é provocado, no olhar de Platão, por algo digno (ovo com gema), ou indigno (ovo sem gema), de atenção do *filósofo*.

André Barboni

Precisamente isso! Embora todo *conceito* tenha uma origem e uma “certidão de nascimento”, a coisa conceituada tem vida própria. Tanto é assim que sempre que mergulhamos no pensamento de determinado autor seus *conceitos* quase nunca tem a mesma significação para todos. Isso se dá, não porque o autor é confuso, as vezes até o é, mas porque estas leituras, mesmo que sejam feitas contemporaneamente aos escritos do autor e com ele presente para explicar o que ele quis dizer com isto, ou aquilo, muito provavelmente quem o lê o faz de forma viciada, pois, não existem duas pessoas que pensam de forma igual, por mais que sejam idênticas suas trajetórias de vida.

Se não pensamos igual, porque deveríamos ter a mesma *compreensão* sobre determinado *conceito*? Podemos até nos disciplinarmos para aceitar tal ou qual interpretação, mas cedo ou tarde, tais *conceitos* nos suscitam ideias diferentes que nos levam a pensar a coisa conceituada de forma diferente. A nossa *visão de mundo* exerce um papel fundamental nesse processo que não podemos evitar. E se não podemos evitar, por que negá-la?

P4

Você quer dizer que a visão que temos de *mundo* deve ser explicitada? Que ao estudar um *filósofo* esta visão interfere nas interpretações que damos e que não devemos negá-la?

⁷ Vide *Teeteto – ou do conhecimento*, reeditado recentemente (PLATÃO, 2007).

André Barboni

Exatamente, professor. Ao explicitar a minha *visão de mundo* eu estou sinalizando para o meu leitor que ele não deve confiar cegamente em tudo o que digo, pois o que digo faz parte e está comprometido pela minha *visão de mundo*.

P4

Mas se seguimos criteriosamente o método estruturalista, pouco importa a nossa *visão de mundo*, estaremos sendo fiéis ao pensamento do autor e o que apresentamos está baseado no próprio texto do *filósofo* estudado.

André Barboni

Se essa *visão de mundo* é omitida, facilita-se o trabalho daqueles que nos querem impor uma determinada opinião pois estaremos aceitando, implicitamente, que esta visão realmente não interfere na forma como o texto é interpretado, quando de fato interfere. Eu simplesmente não posso aceitar isso, pois aceitar é: abdicar da capacidade de *pensar-por-mim-mesmo*; deixar me conduzir como gado por quem pode estar me levando a um precipício; fazer algo que venha a me arrepender amargamente no futuro e; simplesmente nunca poder me dizer *filósofo*. Todo *filósofo* merecedor desse título lutou com todas as forças, e em algumas vezes com o custo da própria vida, por isso. Mais ainda, todo *grande filósofo* compreendeu que por melhores que fossem suas ideias e por mais que quisesse que as pessoas compreendessem e compartilhassem a sua *visão de mundo*, ele nunca poderia deixar de respeitar e lutar pelo direito das pessoas gozarem da liberdade de escolher seus caminhos e expressar seus pensamentos.

O maior de todos os *sábios* e o maior de todos os *filósofos* é aquele que tudo o que sabe é que nada sabe, pois isso o coloca numa posição mais modesta e coerente com o que de fato ela é. Aquele que tem tanta *sede de saber*, que sempre está aberto para *compreender* o que os outros parecem *saber*, é o que está mais próximo da verdadeira *sabedoria*. Ele nunca toma coisa alguma como *verdade absoluta*, mas sempre considera a sua possibilidade. Seu *sistema* sempre está aberto a algo que pode melhorá-lo. Ele sempre tem a humildade de reconhecer seus erros e a *sabedoria* de corrigi-los. Ele nunca é arrogante, pois sabe que há mais por *saber* do que o que a sua *alma* consegue reter em termos de *conhecimento* e *sabedoria*. Só os imaturos e ignorantes fazem da arrogância suas armas e se lançam num pedestal de uma autoridade que verdadeiramente não possuem.

P4

Mas os bons comentadores nos ajudam a reconhecer nos textos dos *filósofos* coisas que dificilmente perceberíamos sem suas observações, principalmente quando ainda não estamos muito familiarizados com esse *filósofo*.

André Barboni

Mas também podem estar nos conduzindo por uma vereda que distorce o pensamento original do *filósofo*. Se temos consciência disso, lemos seus textos com mais cautela.

A1

E cautela e caldo de galinha nunca é demais, não é mesmo?

André Barboni

Perfeitamente! Mas, o que vem a ser “*filosofia*”? *Filosofia* não pode ser uma técnica ou restringir-se a uma técnica, a uma forma de *compreender* o mundo, ou estar limitada a esta ou àquela cultura. Embora a palavra “filosofia” tenha origem grega, o *conceito* tenha sua certidão de nascimento originada naquele país, em uma época remota, a coisa conceituada tem vida própria e preexiste ao *conceito*, mais ainda, embora possa se dizer que filosofar seja algo inerente à nossa condição humana, não podemos dizer que se restrinja a ela. Qualquer *ente* dotado de *razão* e uma certa sensibilidade que podemos traduzir por *intuição* é capaz de filosofar. Estas condições são necessárias para se pensar os *conceitos*, algum tipo de linguagem deve ser capaz de expressar esses pensamentos, pois alguma comunicação precisa ser estabelecida para que outros *entes* sejam capazes de compartilhá-lo. Será que no futuro, talvez, seja possível se criar uma máquina capaz de filosofar? Pensem bem sobre isso. Muitas coisas tidas como impossíveis no passado, hoje são de uso comum. Uma máquina que filosofa não é a única possibilidade de um *ente* filosófico não humano. Talvez o homem seja aquele cuja *filosofia* esteja apenas engatinhando. Considerem a possibilidade de vida inteligente fora do nosso jovem sistema solar.

A3

Você vai falar de ET's?

André Barboni

Isso pode parecer pura especulação, mas, embora não conheçamos outros *entes filosóficos*, temos que admitir que se as condições que nos possibilitam filosofar forem encontradas em outros *entes* não-humanos, então, eles também poderão filosofar. Portanto, Não há porque limitar o filosofar à condição humana. E mais ainda, se a capacidade de filosofar é reconhecidamente uma característica humana então, por que para algumas pessoas, só se pode falar em *filosofia* ocidental? Uma questão de *tradição*? Mas o que vem a ser “tradição”? Uma *transmissão de práticas ou de valores espirituais de geração em geração, o conjunto de crenças de um povo, algo que é seguido conservadoramente e com respeito através das gerações*? Uma definição que o nosso amigo adolescente preguiçoso e descolado do século XXI encontraria facilmente no seu site de busca favorito?

P1

Eu sei que você justificou o uso de fontes “não-confiáveis”, mas me incomoda o fato de você citar a Wikipédia.

André Barboni

Novamente, aqui, por mais restrições que possamos fazer a tal fonte de consulta, temos que admitir, após uma boa pausa reflexiva, que tal definição não é má. Toda *tradição* implica em transmissão de práticas, um conjunto de **crenças e valores**, de uma geração à outra de forma **conservadora**. Por mais que não gostemos destes termos (destacados em negrito), temos que admitir que eles estão presentes em todas as tradições e que as mais antigas tendem a ser mais valorizadas, principalmente porque resistiram à prova do tempo. Assim, pelo menos em princípio, a idade de uma *tradição* é algo que, tal como um bom vinho, lhe agrega valor de forma direta. Como então, valorizar uma *tradição* de 50 anos em detrimento de uma *tradição* de 2.500 anos, ou esta última em detrimento de uma de 5.000 anos?

P5

Você está falando do “Estruturalismo”, da “Filosofia Grega” e da “Filosofia Oriental”?

André Barboni

Exato! Seria isso uma inversão de valores, ou simplesmente uma questão de oportunismo e reserva de mercado? Como pode uma *tradição* de 50 anos que tolhe a nossa liberdade criativa, engessa a nossa forma de expressão, distorce a nossa *forma de ver o mundo* e limita as nossas fontes e os nossos temas prevalecer sobre o nosso direito de *fazer filosofia* como ela foi feita desde sempre? Como podemos aceitar as imposições de uma *escola filosófica* que não consegue “filosofar” no *sentido* forte desta palavra e que mata o sonho que nos conduziu à *Filosofia*. Esta é a maior perversidade que está sendo feita atualmente. Uma lavagem cerebral globalizada que a todo momento nos diz que não somos mais capazes de pensar. O PIOR CEGO É AQUELE QUE NÃO QUER VER. A *Filosofia* é a nossa melhor vacina contra essa DOENÇA.

P4

Espere aí, oh Barboni, agora você foi longe demais, comparar o *Estruturalismo* com uma doença! Se a coisa for por esse caminho eu vou me retirar.

André Barboni

Professor, doença não é o *Estruturalismo*, mas o “Estruturalismo”.

P4

Como assim?

André Barboni

O *Estruturalismo* é todo um movimento filosófico, mas o “estruturalismo” é uma espécie de *bullying filosófico* cujos autores são todos e ninguém.

P4

Todos e ninguém?

André Barboni

Este *bullying filosófico* vai se espalhando, tal como uma doença, ninguém sabe quem começou com isso, ninguém quer assumir a sua autoria, mas todos os que o propagam acabam sendo responsáveis por ele.

P4

Mas o *Estruturalismo* que eu conheço teve origem com Ferdinand de Saussure que se propunha a abordar qualquer língua como um sistema no qual cada um dos elementos só pode ser definido pelas relações de equivalência ou de oposição que mantém com os demais elementos e esse conjunto de relações forma o que chamamos de estrutura. Explorando estas estruturas, através das quais o significado é produzido, tem-se todo um sistema de significação que é fundamental para se *compreender* o pensamento de um *filósofo*. Na matemática, o *Estruturalismo* estuda o que estas estruturas dizem que o objeto é e como a ontologia dessas estruturas deveria ser entendida. Você encontraria facilmente estas definições naquele site do seu “adolescente preguiçoso”.

André Barboni

Concordo com o senhor, professor, e é importante notar que uma das ferramentas mais importantes da *Filosofia* é a linguagem e os *conceitos* que podem ser produzidos com o uso desta linguagem, mas, ao contrário do que querem certas correntes filosóficas, a *Filosofia* não pode e não deve se restringir à linguagem, pois não existe essa tal de “Filosofia da Linguagem”. Isso é um verdadeiro absurdo, como é absurdo se falar que a música se restringe ao piano. O piano é um grande instrumento musical, mas não passa disso, embora se possa compor toda uma sinfonia ao piano, não seria tão agradável assim se toda sinfonia fosse executada por uma orquestra composta apenas com esse tipo de instrumento.

P2

Agora você ataca também toda uma área consagrada da *Filosofia*! Você acha isso uma boa estratégia? A *filosofia da linguagem* é toda uma corrente de pensamento que usa uma forma concreta de expressão do pensamento para se chegar ao cerne do próprio pensamento.

André Barboni

Por favor, não me interprete mal. A *Filosofia* não pode se restringir a um instrumento ou a uma técnica. Da mesma forma, não se pode dizer que a *Filosofia* só pode ser feita através das técnicas historiográficas. Um método por mais útil que seja para se apropriar do pensamento de um determinado autor, não condiciona nem determina a produção de um verdadeiro *filósofo*. Na realidade, não existe em toda a história da *Filosofia* um único *filósofo* que tenha construído sua *filosofia* se mantendo fiel ao método “estruturalista”. Desafio alguém a me provar o contrário. Mesmo que a estrutura de seu texto seja construída com todo o cuidado e obedecendo rigorosamente as regras capaz de qualificá-lo como um texto bem construído e digno de nota, dificilmente alguém conseguirá fazê-lo apenas porque seguiu o método “estruturalista”.

P2

Admito, que pelo menos quanto a isso, eu tenho de concordar contigo, Barboni.

André Barboni

Segundo Heidegger, na sua obra *Introdução à Metafísica*⁸, “os equívocos, de que a filosofia se vê constantemente cercada, são mais fomentados pelo que fazemos nós outros mesmos, pelos professores de filosofia”. E logo ele esclarece que como professor de *filosofia* “com efeito, nossa tarefa habitual, e também justificada e até mesmo útil, consiste em proporcionar um certo conhecimento formativo das filosofias até agora surgidas, o que dá a aparência de ser isso a própria filosofia; quando muito é apenas ciência filosófica”. Note que tal pensamento também apoia a minha posição.

P2

Quem??? Quem disse o que?

André Barboni

Martin Heidegger! Para filosofar, é fundamental pensar as questões que nos *angustiam*. Outros pensadores, evidentemente, nos ajudam e até despertam a nossa atenção para estes assuntos, mas não há como sermos originais sem nos descolarmos do pensamento destes autores. Isso não quer dizer que o método “estruturalista” deva ser desprezado, muito pelo contrário, ele é importante para adquirirmos uma certa disciplina na leitura destes textos. Ele também nos ajuda a estruturarmos melhor as nossas ideias, mas a base do filosofar não é o método utilizado nesse filosofar e sim o questionamento e a própria ação empreendida nesse processo que envolve, também, toda a nossa capacidade perceptiva e de raciocínio. Portanto, não há porque nos limitarmos a este ou àquele método para enquadrar algo que não deve ser enquadrado.

⁸ Vide “Introdução à Metafísica” de Martin Heidegger (1999, p.42);

P2

Certo, mas será que podemos dizer que sabemos o que é *Filosofia*? Será que fomos claro na sua definição? Se é que a definimos. Ou acabamos por fugir do tema? O que você me diz, meu caro André?

André Barboni

Em *Filosofia* não se pode simplesmente dar a definição de um *conceito* e pronto. Afinal, se o fizéssemos que graça teria? Muitos *filósofos* deixam os *conceitos* tratados em aberto. Para muitos, isso pode parecer uma estupidez, ou mesmo uma falta de *conhecimento* e objetividade. Independentemente do que se possa pensar, parece que isso também pode ser uma estratégia para dar mais vida à conversa e manter o tal *filósofo* sempre na pauta de discussão. Mas creio que é importante não deixar o *conceito* tão vago, pois é necessário que minimamente consigamos alcançá-lo e fazer com que a coisa conceituada se desvele, mostre parte das suas pernas, das suas curvas mais sensuais e nos seduza, mesmo que sem se mostrar por inteiro, pois se o fizesse talvez perdêssemos o nosso volúvel interesse.

P6

Hum! Interessante! Fale mais sobre essa sedução.

André Barboni

A *Filosofia* é algo que exige uma certa maturidade, não é um método ou se restringe a uma área de *conhecimento* bem limitada, mas, muito pelo contrário, é um *conceito* tão vasto e abrangente que se mostra fugidio. A *Filosofia* vai a toda parte o que obriga o *filósofo* a tudo *conhecer*. Um *filósofo* que não sabe matemática e se mete a filosofar sobre *conceitos* da matemática, por mais hábil que seja com as palavras, nunca poderá se chamar de *filósofo*, no máximo ele não passa de um bom *sofista*, na acepção desse termo como era utilizado por Platão.

Considerando, principalmente nos dias de hoje, a vastidão do *conhecimento* que se pode ter em relação a tudo o que já adquirimos, é inevitável pensar que ser *filósofo*, no *sentido* forte que essa palavra tem, não é uma tarefa fácil, mas ao contrário do que muitas pessoas que atuam na área da *Filosofia* possam pensar, eu considero que a *Filosofia*, apesar de todas as suas características, enquanto área, não é diferente das demais. Com efeito, tudo o que encontramos nesta área também encontramos nas outras. As dificuldades são praticamente as mesmas, a maturidade requerida para se fazer um trabalho de excelência é a mesma, a exigência em termos de inovação é a mesma, basicamente a única coisa que muda é a forma de se interrogar. Assim, quem veio primeiro? Quem é maior? Quem se apoia em quem? Etc., é totalmente dispensável e uma tremenda perda de tempo.

P1

A *Filosofia* é uma área como as demais? A *Filosofia* não é o gigante nos ombros do qual a *Ciência* anã se apoia?

André Barboni

Professora, eu peço um pouco de paciência com esse seu aluno teimoso, mas não tem essa de anão e nem de gigante. A gente precisa encarar as coisas de outra perspectiva se a gente quiser obter algo mais valioso, mas esta resposta só pode se dar depois de alguns *conceitos* serem trabalhados, senão a gente fica com algo que não se sustenta.

P1

Mas você tem uma resposta para o que seja *Filosofia* afinal?

André Barboni

Amor à sabedoria, é talvez a melhor definição que possa ser dada à *Filosofia*. Vamos ficar com ela, pois é a mais direta, simples e evidente. Estava a nossa vista o tempo todo e não éramos capazes de enxergar o quanto ela é completa. *Saber* não é a mesma coisa que *conhecer*. *Saber* requer muito mais, pois envolve um equilíbrio, uma *justa medida*, de combinação de coisas que muitas vezes são contraditórias. A *sabedoria* requer amadurecimento, mas também necessita de uma certa dose de iniciativa, ingenuidade e coragem. *Sabedoria* requer consciência do que se faz, mas não descarta a possibilidade de sentir. Com efeito, ela consegue conciliar as coisas da *razão* e da emoção. E o faz com toda a serenidade mesmo na mais angustiada das situações.

Sabedoria tem a ver com a *verdade*. Uma das coisas que diferencia o *filósofo* do *sofista* é o compromisso que o primeiro tem com a *verdade* e o descompromisso que o segundo tem para com ela. Assim, por mais que se possa relativizar a *verdade*, o *filósofo* é aquele que sempre a persegue e para quem ela existe em algum lugar que ele procura ansiosamente. Assim, quando dizemos que *Filosofia* é *amor à sabedoria* estamos dizendo muito em um texto extremamente reduzido, mas que consegue captar a essência do que queremos dizer. Tudo o mais é acessório.

A4

Por que, então, tanta confusão com relação a isso? Se você queria falar o que é *Filosofia*, por que polemizou tanto com relação ao “Estruturalismo”? Eu também me sinto angustiada com essa ideia de não poder escrever sobre aquilo que me trouxe para o Curso de Filosofia da UEFS, mas os meus professores me dizem que eles só poderiam me orientar em um autor que eles dominam e conhecem mais profundamente. Como eu poderia abordar um autor diferente?

2.2.2 Porque “Estruturalismo” não é *Filosofia*

André Barboni

A resposta tem a ver com o descompasso entre o que os alunos recém ingressos no curso de Filosofia entendem o que seja a *Filosofia* e aquilo que lhes é ensinado que ela seja. Pelo menos em termos práticos aqui no Brasil. Creio que todo estudante que ingressa em um curso destes o faz movido por questionamentos e algumas leituras que o impulsionam a pensar estas questões. Durante o curso, porém, as questões que ele é levado a trabalhar são outras, de outros tempos e de outros *filósofos*, muitos inclusive, que nunca pensaram em por os seus pés no Brasil. Como não se frustrar com tal exigência que os obriga a estudar uma questão que não lhes é afeita, de uma realidade que não lhe pertence, de um tema que não é exatamente aquilo que lhe moveu a fazer tal curso e se ater a textos e a um método que não lhe dão espaço para criar? Muitos desistem do Curso, não por que esse seja um filtro excelente em termos de qualidade e exigência e eles não foram capazes de atingir as metas programadas, mas simplesmente porque não tiveram coragem e nem forças para enfrentar a “arrogante muralha castradora” que se lhes apresentou de forma tão descomunal [pelo menos é essa a impressão que muitos alunos tem].

Quando eu digo que a doença é o “Estruturalismo” me refiro a um tipo distorcido de *Estruturalismo*, uma maneira *dogmática* de se posicionar, na qual algumas pessoas se investem de toda a arrogância que os títulos acadêmicos podem lhes conferir para, em última instância, garantir um espaço de poder semelhante ao que um certo clero ocupava no auge da Idade Média, com direito a inquisição, torturas, fogueira e tudo o mais. Os tempos mudaram, as técnicas se sofisticaram, mas continuam fundamentalmente a mesma coisa.

P5

De certa forma isso me lembra Kant.

André Barboni

De fato, Kant na tentativa de responder à pergunta “*was ist Aufklärung?*” [que é esclarecimento?]⁹ define *Aufklärung* como a saída do homem de sua *menoridade*, da qual ele próprio é culpado. Sendo que, por sua vez, *menoridade* deve ser entendida como a incapacidade do indivíduo de fazer uso do entendimento sem a direção de outro alguém. A culpa desta *menoridade* se dá não pela falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se a si mesmo sem a direção de outrem. Com este tipo de provocação, Kant nos instiga a adotar o lema “*Sapere aude*” e ousar *saber*, ter coragem de usar o nosso próprio entendimento para pensar as questões que nos angustiam. Me parece que tal provocação teve tanto *efeito* na

⁹ Vide o artigo de Immanuel Kant republicado In: Textos seletos, 2005.

Alemanha a ponto de um certo poeta dizer que “só é possível filosofar em alemão”. Eu sempre achei que era possível filosofar em qualquer língua.

A5

E por que não o fazê-lo em tupi-guarani, ou até mesmo em português brasileiro?

André Barboni

Fazê-lo como querem algumas correntes acadêmicas¹⁰, implica em se ater somente às obras de alguns poucos autores e a de comentadores consagrados destes *filósofos* e os questionamentos que se obtém a partir desta metodologia não conseguem descolar dos questionamentos originais. Não conseguimos produzir uma *filosofia* própria e permanecemos eternamente dependentes das *filosofias* estrangeiras e o que é pior, por mais que estudamos estes autores e tentemos ser fiéis ao seu pensamento original, nos escapa detalhes da sua vida e do pensamento da sua época que acabam fazendo com que distorçamos as suas ideias. E, isso se torna ainda mais evidente, quando eu analiso o texto de um comentador *materialista* sobre um autor *espiritualista* e vice-versa. Nestes casos, para mim, a distorção é quase impossível de não acontecer.

P4

Barboni, eu já lhe falei que isso não tem nada a ver. Não importa a *visão de mundo* do comentador se ele segue o método *estruturalista* corretamente. Os seus argumentos ainda não me convenceram do contrário.

André Barboni

Observo, que para um leitor que tenha um *referencial materialista*, certos *conceitos* como: *Deus, alma, reencarnação, comunicação com o mundo espiritual*, etc., não passam de mera superstição e *conceitos* desprovidos de *sentido*. O texto de Carnap (1932) é um bom exemplo de como as palavras da *metafísica*, por não apresentarem um *sentido/referência*, aceitável pelo *referencial materialista* dos positivistas lógicos do Círculo de Viena, são descartadas nas suas análises e, para eles, fazia todo *sentido*, então, em falar da morte da *metafísica*. Daí que, se esse autor se dispusesse a comentar um *filósofo* como Descartes, certamente ele distorceria o seu pensamento original. Mas, mesmo que consigamos tal “façanha”. Note que eu estou utilizando este termo porque considero que é uma tarefa quase que impossível manter-se fiel ao pensamento do autor. Será que é isso o que realmente importa para a *Filosofia*?

P4

Como assim?

¹⁰ O “estruturalismo”, por exemplo.

André Barboni

Eu ousou afirmar que: se todo aquele que se propõe a estudar *Filosofia* e que escreva um texto filosófico na Academia, ou fora dela, se se limitar a discutir as ideias do(s) autor(es) que o precedeu, mantendo-se fiel ao pensamento original do(s) autor(es) trabalhado(s) por ele, então, a sua *filosofia* não conseguirá avançar e não dará conta de acompanhar a *evolução* do *mundo* em que vive. Ele não dará conta de tratar as suas angústias, de expressá-las publicamente e se sentirá mal com isto.

P2

Alguns poderiam argumentar que não é bem assim e que praticamente estamos tratando problemas que já foram abordados pelos *filósofos* da Antiguidade, mas a discussão continua rica como naquela época, ou até mais, pois o seu pensamento atingiu uma certa universalidade que é reconhecida, ressaltada e sempre atualizada por seus comentadores.

André Barboni

Eu pessoalmente não discordo disso, mas observem que esta riqueza se deve não ao fato dos problemas, necessariamente serem outros, ou serem discutidos em outra época, mas ao fato de que os *filósofos* que sucederam aos antigos não se limitarem ao papel de meros comentadores e ousaram propor novas abordagens para velhos problemas. Muitos deles, sequer citam seus predecessores, mas ao invés de ficarem discutindo os fatos e as pessoas, se focaram nas ideias. Isto para mim é a maior prova da inteligência deles, pois como diz o ditado popular: “as pequenas inteligências discutem as pessoas, as inteligências medianas, discutem os fatos, mas as grandes inteligências, discutem as ideias”.

P4

Então, partindo desse raciocínio, é preciso seguir o exemplo das grandes inteligências e focar o nosso texto na discussão dos problemas trabalhados por *filósofos* como Descartes, em suas ideias, sem se prender aos detalhes do seu texto, e mais especificamente ao rigor da letra, como fazem alguns comentadores, mas mantendo-nos fiéis ao espírito dos seus *conceitos*, pois assim estaríamos honrando a memória deste *filósofo*?

André Barboni

Também podemos introduzir novos elementos que são frutos de outras leituras e reflexões sobre o texto de outros autores, aceitos e não aceitos, pela academia. A razão de evocá-los não é porque eles são referências em termos deste ou daquele autor, mas porque, de alguma forma, eles contribuem para a discussão do tema a ser tratado e fornecem subsídio para uma nova abordagem filosófica.

P2

Mas e o ensino de *Filosofia*? Dá para filosofar sem a história da *Filosofia*? Como lidar com uma história da *Filosofia* que não é histórica (anacrônica)?

André Barboni

Mesmo no ensino essa abordagem pode se mostrar vantajosa.

P2

Como assim?

André Barboni

Oswaldo Porchat Pereira¹¹, em um discurso aos estudantes sobre a pesquisa em *Filosofia*, publicado originalmente em 1998 e que faz parte do livro: “A Filosofia entre nós” da Coleção filosofia e ensino da editora Unijuí, também questiona se o uso do “método estruturalista” é “a melhor maneira para preparar alguém para a *prática da Filosofia*” e “para atender ao anseio original dos que vieram ao curso de Filosofia movidos por outra intenção que não a de tornar-se um dia bons historiadores do pensamento filosófico”¹².

Ele ainda se pergunta: “se com tal prática não se está contribuindo para a concretização desses impulsos, ou se os está matando?” e se o “aprendizado de um método rigoroso de pesquisa historiográfica, do método estruturalista, por exemplo, é o único ou o melhor caminho para fazer desabrochar as potencialidades filosóficas daqueles estudantes que foram trazidos a um curso de Filosofia por sentirem sede e fome de Filosofia”¹³.

P2

Sim, e daí? Eu conheço este texto, nós trabalhamos com ele em nossas aulas. Este pode ser um bom exemplo de um texto irônico. Alguns poderiam dizer, ainda, que se trata de um texto de alguém que ficou senil. Não que eu pense isso, mas sempre se deve desconfiar se, de fato, o texto quer dizer o que parece dizer.

André Barboni

Será? Ele chega a conclusão de que talvez os professores de Filosofia da USP tenham ido longe demais na orientação historiográfica e que talvez tenha chegado o momento de enfatizar mais a antítese representada pela investigação criativa, na esperança de que o futuro venha a nos brindar com alguma síntese satisfatória e que de qualquer modo é preciso mudar, pois *errare*

¹¹ Professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e fundador do Departamento de Filosofia da UNICAMP, foi discípulo de Victor Goldschmidt, Martial Guérault, entre outros, e tem uma longa trajetória de vida em defesa do método histórico dito “estruturalista”.

¹² Vide Pereira (2005, p. 112).

¹³ Vide Pereira (2005, p. 112-113).

humanum est, sed perseverare in errore diabolicum, como diziam os medievais. Assim, é necessário contribuir para que se busquem outros caminhos para que “a História da Filosofia, entre nós, comece a dar lugar finalmente à Filosofia”¹⁴.

Ele reconhece e mais ainda, ele afirma que esta *tradição brasileira* tem demasiadamente ignorado, ou quase ignorado, algumas importantes tendências e autores que estão influenciando decisivamente o pensamento contemporâneo e que são objeto de estudo e discussão nas melhores universidades do Ocidente e que dever-se-ia introduzir

cursos e seminários e orientar trabalhos e pesquisas, não apenas sobre doutrinas filosóficas deste ou daquele autor, sobre questões internas à lógica de seus sistemas, mas preferencialmente ainda que não exclusivamente, sobre problemas filosóficos, sobre diferentes tratamentos e formulações desses problemas, sobre as polêmicas filosóficas que os envolvem e nas quais é tão fértil a literatura filosófica antiga, moderna e contemporânea. E a *preferência deve também recair*, parece-me, *sobre problemas para o mundo filosófico contemporâneo* que sejam tratados na literatura filosófica de nossos dias, introduzindo a eles os nossos alunos. Disciplinas como Introdução à Filosofia, Moral, Estética, Lógica, Teoria do Conhecimento, Filosofia da Ciência, Filosofia Geral, parecem-me particularmente adequadas a esse tipo de atividade [...] Dever-se-ia dar também atenção especial, porém, àqueles problemas filosóficos que são *problemas para nossos estudantes*, questões que naturalmente os preocupam¹⁵.

Para Oswaldo Porchat Pereira¹⁶, os problemas de *filosofia moral* tem um lugar especial e é muito desejável que os estudantes sejam fortemente incentivados, desde o primeiro ano a *experimentarem livremente nos seminários, nos trabalhos e nas aulas os seus próprios pontos de vista sobre os assuntos tratados* e a tomarem posição, criticarem e ousarem criticar, se isso lhes convier, mesmo as formulações dos grandes *filósofos* e suas teses, pois em “História da Filosofia a autoridade parece contar muito, mas **em Filosofia a autoridade nada conta**”¹⁷.

P2

De certa forma o nosso Curso atendeu esses critérios.

André Barboni

Com efeito, eu tenho que reconhecer que de certa forma esta orientação foi seguida em nosso Curso. Desde o primeiro semestre os professores nos incentivaram a nos expressar e sempre eu tive liberdade para colocar as minhas opiniões que, com certeza, muitas vezes conflitaram com os pensamentos dos autores que meus professores tinham como seus heróis. Isso pode até ter diminuído um pouco as minhas notas, mas nada que me impedisse de prosseguir com a minha caminhada, mas note que é importante ousar ainda um pouco mais, pois pelo que eu vejo, estamos no caminho certo para nos tornarmos um centro de excelência na produção do *conhecimento* filosófico e para isso, é preciso também permitir esta liberdade nos TCC.

¹⁴ Vide Pereira (2005, p.114-115).

¹⁵ Vide Pereira (2005, p. 116-117).

¹⁶ Vide Pereira (2005, p. 117).

¹⁷ Vide Pereira (2005, p.121, o destaque é nosso).

O artigo de Pereira (2005), em tudo, embasa o que eu tenho defendido. Inclusive ele emprega o argumento de que a maioria dos pensadores filosóficos (os grandes, os médios e os pequenos...) não se prepararam dentro do rigor do método estruturalista, se limitando ao trabalho de comentador e esperando o grande dia D (o dia de pensar filosoficamente com as próprias forças...) para brindar ao *mundo* com seu pensamento. Eles simplesmente ousaram tal como Kant nos desafiou com o seu grito de *sapere aude*.

É justamente isso que o professor Oswaldo Porchat Pereira conseguiu se dar conta, duzentos anos depois de Kant e depois de ter trilhado toda uma vida no campo filosófico e do ensino de *filosofia*, preparando gerações de *filósofos* e professores. Para mim, esse não é um ato senil ou um discurso irônico de algum provocador. Se nos limitarmos a comentar e discutir os trabalhos e a forma como os *filósofos* que nos antecederam abordaram as questões que lhes interessavam, nunca teremos a oportunidade de discutir as questões do nosso tempo sob as condições do nosso tempo e, assim, nunca seremos capazes de filosofar verdadeiramente, pois nosso trabalho não será capaz de dar conta destas questões enquanto elas nos instigam.

Por isso, talvez que “em muitas universidades, sobretudo de línguas anglo-germânicas, aprender a filosofar é aprender a debater teses, a sustentar pontos de vista, a impugnar pontos de vista contrários aos que se estão defendendo”¹⁸.

P2

E o que você acha que isso muda?

André Barboni

Com certeza isso torna a tarefa do professor mais árdua. De certo o professor vai precisar ampliar seu campo de leitura, não vai poder se esconder nos recônditos do trabalho de um determinado *filósofo* e se tornar um superespecialista em algo muito restrito. Ele não será mais aquele professor que prepara uma aula magistral para expor um assunto que ele estudou cuidadosamente. Mas creio que ele só tem a ganhar em sair desta zona de conforto que a superespecialização lhe confere e o Curso de Filosofia será um espaço onde haverá muito mais interação e dinamismo. Portanto, hasteemos bem alto a nossa bandeira para que os quatro cantos do *mundo* possam reconhecê-la. ***Sapere aude!*** Com esse lema podemos passar ao que interessa.

A2

O quê?

André Barboni

A questão fundamental da *Filosofia*.

¹⁸ Vide Pereira (2005, p.120).

2.2.3 A questão fundamental da *Filosofia*

A2

A questão fundamental da *Filosofia*?

André Barboni

Para Martin Heidegger, a pergunta “**por que há simplesmente o ente e não antes o Nada?**” é a *questão fundamental da filosofia*. Com ela e a partir dela no texto “Introdução à Metafísica”, uma obra de 1935, ele chega à *questão do Ser* que ele desenvolveu na sua obra maior: “Ser e Tempo”¹⁹ em 1927. Cronologicamente, “Ser e Tempo” foi escrito antes, mas por uma questão didática, “Introdução à Metafísica”, pelo menos para quem quer *entender* esse autor, deveria ser lida antes, pois se Heidegger não investigou primeiramente a questão “por que há simplesmente o ente e não antes o Nada?”, quando o fez, descobriu que ela estava intimamente ligada à *questão do Ser*. Na primeira obra citada ele coloca esta questão como: a primeira de todas as questões; a primeira em dignidade por ser a mais vasta, a mais profunda e a mais originária das questões. Para Heidegger, a pergunta “Por que há simplesmente o ente e não antes o Nada?” é sempre investigada quer *côns*cia quer inconscientemente, em toda questão. É, portanto, a *questão fundamental da filosofia*. Para ele, “o que propriamente se investiga nesta questão é uma *loucura* para a fé que já tem a resposta: todo ente, que não for Deus, é por Ele criado. Deus mesmo ‘é’, enquanto criador incriado”. Mas, nessa *loucura* consiste a *filosofia* onde toda questão essencial acha-se fora do seu tempo. Ou porque, em suas próprias palavras, “a filosofia se projeta para muito além da atualidade ou por remontar a atualidade a seu passado-presente originário”. Assim, “o filosofar é e permanecerá sempre um *saber*, que não só não se deixa moldar pela medida do tempo, mas ainda submete o tempo à sua própria medida”²⁰.

A2

Cuidado! *Ser e Tempo* é uma obra que veio antes e que trata a *questão do Ser*. A questão que você coloca como a *questão fundamental da filosofia* no fundo não passa de outra forma de se apresentar a *questão do Ser*.

André Barboni

Eu reconheço isso minha cara colega. O propósito aqui não é responder a questão “por que há simplesmente o ente e não antes o Nada?” que Heidegger tratou e deixou em aberto, mas, tal como ele, tentar dar novos subsídios para se pensar tal questão e a sua “correlata”. Correlata, aqui, está entre aspas, pois ao começarmos pela questão “por que há simplesmente o ente e não antes o Nada?” chegamos, necessariamente à *questão do Ser* à qual está intimamente ligada, mas

¹⁹ Heidegger, M. [1927] **Ser e tempo**. Publicado pela Editora Universitária São Francisco em 2011.

²⁰ Vide “Introdução à Metafísica” (HEIDEGGER, 1999, p. 39).

não porque ela vem depois. Na realidade ela vem antes, mas se vier depois *entenderemos* melhor porque Heidegger conduziu a *questão do Ser* pela via que ele trilhou.

A2

Explique isso melhor.

André Barboni

Note que *Ser*, *Ente* e *Nada* são *conceitos* que estão intimamente relacionados entre si. Na obra “Introdução à Metafísica”, Heidegger (1999, p. 136) ao tratar da delimitação do Ser no capítulo IV, e mais especificamente ao fazer a distinção entre *Ser* e *Aparência*, reporta esta questão à Parmênides e destaca três caminhos para a investigação do *Ser*. Assim, “para assumir a sua existência na claridade do Ser, o homem deve: primeiro dar consistência ao Ser; segundo, mantê-lo na e contra a Aparência e terceiro, arrancar, ao mesmo tempo, o Ser e a Aparência ao abismo do Não-ser”. Segundo sua interpretação dos fragmentos de Parmênides, os três caminhos proporcionam uma indicação em si unitária na qual: o caminho para o *Ser* é inevitável (e foi o que ele trilhou em “Ser e Tempo”); o caminho para o *Nada* é inacessível (talvez seja por isso que ele o interrompeu em “Introdução à Metafísica”); e o caminho para a *aparência* é sempre acessível e frequentado, mas evitável (é o caminho do *Ente* e que pergunta pela quiddidade que Heidegger reconhece como válido, mas tenta, a todo custo, evitar para não incorrer nos “erros” de uma *tradição filosófica* que ele critica).

Segundo Heidegger, o processo de tradução dos textos da *filosofia* grega para o *mundo romano* introduziu distorções que não se pode considerar como algo trivial e inofensivo. Daí a necessidade, indicada por Heidegger, de se buscar os *conceitos* na sua origem. Nesta busca Heidegger chega à ideia de que o *ente como tal* em sua totalidade, chamavam-no os gregos de *Physis* [o vigor dominante que brota e permanece]. A investigação filosófica do *ente como tal* é assim *meta ta physika* [investigar algo que está além do *ente*]. “Quando se trata de investigar *peri physeos*, sobre o Ser do ente, então o tratado sobre a *Physis*, a física em *sentido* antigo, já está além de *ta physika*, além do ente. Já está no Ser”²¹.

A2

Certo!

André Barboni

Na investigação de “por que há simplesmente o ente e não antes o Nada?” procura-se um fundamento, que deve fundar o império do *ente*, como superação do *Nada*. A investigação abre apenas o espaço para o *ente* poder revelar-se nessa sua investigabilidade e isso conduz à questão

²¹ Vide “Introdução à Metafísica” (HEIDEGGER, 1999, p. 46-47).

sobre o *Ser*. E, como dissemos, é na obra *Ser e Tempo* que esta questão é tratada em mais profundidade.

A2

Concordo.

André Barboni

Nesta obra, Heidegger defende que há três modos de *Ser do ente*: o *ser simplesmente dado* (*vorhandenheit*); o *ser à mão* (*zuhandenheit*) e o *ser aí* (*dasein*). O primeiro, “pode-se dizer que”, corresponde aos objetos como pensados pela *filosofia* cartesiana e a relação que o homem tem para com eles é de *conhecimento*. O segundo, fisicamente corresponde a estes mesmos “objetos”, mas a relação que temos para com eles é de uso, *ocupação*. O terceiro modo de *ser do ente* é o mais importante, pois é o único que é capaz de *dar sentido ao mundo*. É este *ente* que corresponde ao homem, contudo, para Heidegger, este *ente* não se reduz ao *res cogitans* de Descartes. Note que ele não nega o que o cartesianismo afirma, mas tem lá suas restrições e o *conceito* de *dasein* não equivale, simplesmente, ao *conceito* de *res cogitans*.

Para Heidegger²², a questão do *Ser* é uma questão privilegiada, pois é o solo onde a *árvore cartesiana*²³ está plantada. Seu *sentido* já deve estar, de alguma maneira à nossa disposição uma vez que nos movemos numa *compreensão do Ser*, daí deve brotar a questão explícita do *sentido do Ser* e a tendência para o seu *conceito*. Existir, para Heidegger, é se projetar para o *sentido* e, portanto, o que o homem é repousa na *ec-sistência*. Assim, *Deus* é, a pedra é, a árvore é, o animal é, o anjo é, mas só o homem existe, pois só o homem dá *sentido* a tudo mais, só o homem *é no mundo*, as outras coisas estão dentro do “mundo”.

A razão disso, é que o “mundo” para Heidegger tem um *sentido* diferente do “mundo” cartesiano (*res extensa*)²⁴. Para ele, o “mundo” é sinônimo de *horizonte de significância* e o homem é a “clareira do Ser” [o espaço onde a luz pode se manifestar]. Portanto, podemos dizer que *Ente* é tudo o que é, que pode ser categorizado, enquanto que o *Ser* se dá no *Ente*, mas não se restringe ou se localiza nele. Assim, para ele, a *metafísica* teria pensado o *Ser* com a lupa da entificação, mas isto não dá conta de explicá-lo. Para *compreendê-lo* é preciso, então, se perguntar: como o *Ser* se mostra? A *metafísica* pensou o *Ser* perguntando por ele na perspectiva da quididade e se “esqueceu” de pensar o *Ser* pela forma como ele se dá. A palavra “esqueceu”,

²² Vide “O Retorno ao Fundamento da Metafísica” (HEIDEGGER, 1983).

²³ Onde a física seria o tronco, as outras *ciências* os ramos, a *metafísica* as raízes.

²⁴ Para Heidegger (2011, p. 139-154), o mundo foi reduzido, na perspectiva cartesiana, a uma coletânea de coisas com extensão e ele questiona na página 47 se esta ontologia de “mundo” investiga o fenômeno do *mundo*. “Se não o faz, será que ao menos determina um ente intramundano a ponto de tornar visível a sua determinação mundana?”. Para ele, ambas as perguntas devem ser respondidas negativamente. Na visão de Heidegger (2011, p.154), “Descartes preparou a *compreensão* de um *a priori*, cujo conteúdo foi fixado por Kant de maneira mais penetrante. Dentro de certos limites, a análise da *extensio* independe da falta de uma interpretação explícita do ser deste ente dotado de extensão”.

está entre aspas, pois, na realidade, parece que antes de Heidegger, ninguém tinha se dado conta disto. Quer dizer: embora a questão do *Ser* já estivesse posta como questionamento, a formulação não se dava de forma que se pudesse acessá-lo.

Ao se pensar o “mundo” como um *horizonte de sentidos* em contraposição a um conglomerado de coisas extensas (*res extensa*), as *categorias* só podem ser utilizadas para descrever os *seres simplesmente dados* (*vorhandenheit*) e os *seres à mão* (*zuhandenheit*), mas para o *dasein* só se pode falar em *existenciais*. Para Heidegger, a relação do *dasein* com o “mundo”, de início e na maioria das vezes, não é intelectual, mas de *compreensão*, de *ocupação*, onde a maior parte do tempo os *seres* (*entes*) estão à mão, em uma relação de uso, onde o *cogitans* não está presente na forma como quer Descartes. Somente quando ocorre uma perturbação da referência por surpresa, impertinência ou importunidade é que a relação muda para algo que a *tradição* poderia chamar de uma “certa relação sujeito-objeto”, mas que Heidegger evita utilizar esta terminologia impregnada de *conceitos* e *preconceitos* que ele quer se distanciar. Ou seja, somente quando esta perturbação se dá é que a relação do *dasein* com o “mundo” se torna uma relação intelectual. Derivada, portanto, dos modos de *ocupação*.

P7

Note André que ao quebrar com a *circunvisão* [a relação que os instrumentos guardam em si num todo relacional], a *impertinência* possibilita a passagem de um *Ser-à-mão* para um *Ser-simplesmente-dado*, ou seja, a *manualidade* do instrumento se recolhe. O que não significa que o *Ser-simplesmente-dado* deixe de corresponder à uma certa *manualidade*, mas essa *impertinência* possibilita a *percepção* da própria *manualidade* do fenômeno. O conjunto instrumental com o qual contava se evidencia e aí anuncia-se ao “mundo”. O *Ser-a-mão*, agora *percebido* como tal possibilita uma *reflexão intelectual* sobre o mesmo que pode ser confundida com a relação sujeito-objeto da *tradição*²⁵.

André Barboni

Certo, professora. Mas note que a primeira questão que nos surgiu, quando estudamos a obra *Ser e Tempo*, é o fato de apesar de concordamos com Heidegger de que a relação intelectual do *dasein* com o “mundo” é derivada e que ele se move, desde sempre, numa *compreensão* [abertura de *sentido*] de *ser*, somos incomodados com a sensação de que este autor, tal como Descartes, parece colocar o homem em uma situação privilegiada em relação as demais espécies deste planeta. Mais ainda, aquilo que Heidegger considera mais fundamental e que possibilita o acesso ao *conhecimento* do *dasein*, uma relação de *ocupação* e *uso* não intelectual, para quem é biólogo e estudou biologia mais profundamente fica parecendo que tudo o que Heidegger aponta

²⁵ Vide o §16 de “Ser e Tempo” (HEIDEGGER, 2011).

como “características” do *dasein*, exceto esta reconhecida capacidade racional, são características dos demais animais e que, portanto, a afirmação de que o homem não passa de um animal racional tem fundamento.

P4

Neste ponto eu tenho que concordar contigo.

P7

Espere aí, mas nós temos uma linguagem, construímos instrumentos, damos *sentidos* às coisas... Os animais não fazem isso.

André Barboni

Tem certeza professora? Para mim esse é um ponto em que os pensamentos de Heidegger e Wittgenstein se aproximam muito, pois no fundo eles são exemplos notáveis de uma corrente de pensamento que defende que cada um de nós tem um “mundo” que é só seu. Creio que ambos concordariam que a linguagem é, então, a forma que temos para mergulharmos neste “mundo”. Mais ainda, é ela o canal pelo qual nos é possível estabelecer comunicação com os demais seres humanos e tanto é assim que no §19 das “Investigações Filosóficas”²⁶, Wittgenstein (1999), afirma que imaginar uma linguagem é o mesmo que imaginar uma forma de vida.

P7

Nesta obra ele trata dos inúmeros jogos de linguagem possíveis.

André Barboni

Na realidade, no minha modesta opinião, Wittgenstein (1999) está criticando Agostinho que disse que frases são combinações de nomes que são significados na nossa *mente* de forma *a priori* e, também, a sua própria teoria apresentada no “Tractatus Lógico-filosófico”²⁷. Ele está preparando o terreno para dizer que, diferentemente do que se pensava até então, o *sentido* da linguagem se dá no uso e não de forma *a priori* na *razão*.

P7

No §25 das *Investigações*, Wittgenstein (1999) afirma que os animais não falam porque lhes falta a capacidade mental. E, para ele, isto não quer dizer: “não pensam e por isso não falam”. Mas: simplesmente não falam. Ou melhor: não empregam a linguagem, se prescindirmos das formas mais primitivas de linguagem. Mandar, perguntar, relatar, dialogar pertencem a nossa história natural tanto como andar, comer, beber e julgar.

²⁶ Publicada postumamente, pela primeira vez, em 1953.

²⁷ Publicado, pela primeira vez, em 1921 com o título de *Logisch-philosophische Abhandlung* (WITTGENSTEIN, 2001).

André Barboni

Para Wittgenstein (1999), a apropriação da linguagem se dá no uso, iniciando muito provavelmente com um processo de adestramento ostensivo, onde compreendemos o *sentido* das palavras e formamos um primeiro vocabulário. No §25, das *Investigações*, ele diz explicitamente que a linguagem é típica dos seres humanos e que os animais não teriam capacidade intelectual para dela fazerem uso. Sob muitos aspectos somos forçados a concordar com ele, mas não reconhecemos nele uma autoridade para fazer tal afirmação. Afinal ele não estudou profundamente os animais de forma a embasar tal proposição.

P7

Mas ele precisaria fazer isso? Me parece que isso é óbvio.

André Barboni

Considerando os avanços da Biologia e, mais especificamente, dos estudos sobre o comportamento dos animais, nos questionamos: será que os animais são capazes de se comunicarem? De terem uma linguagem própria, no *sentido lato*? Caso positivo, o que deve ser repensado na *filosofia* das *Investigações Filosóficas* de forma a mantê-la atualizada?

P7

Vejamos até onde isso nos leva.

André Barboni

Karl Ritter von Frisch, é referência obrigatória no que se refere à comunicação entre os animais. Seu trabalho começou por investigar se as abelhas eram totalmente cegas para as cores. Sobre uma mesa, ao ar livre, ele colocou um papel colorido entre papeis de diferentes tonalidades de cinza e, sobre ele um prato de xarope de açúcar. Ele supunha que as abelhas da colmeia poderiam ser treinadas para reconhecer esta cor e demonstravam suas habilidades de distingui-la dos tons de cinza. Para prevenir um afluxo muito grande de abelhas, ele suspendia a alimentação, mas durante estas suspensões, notou que abelhas exploradoras chegavam só esporadicamente no prato vazio e algumas retornavam para a colmeia ficando a mesa de alimentação deserta. Se, no entanto, uma abelha exploradora encontrasse um prato com alimento e conseguisse retornar à colmeia, dentro de alguns minutos aparecia um grupo de forrageiras. Será que a exploradora comunica o seu achado na colmeia? Esta questão deu início a outras investigações que deram à Frisch o prêmio nobel de Fisiologia/Medicina em 1973 por seus estudos sobre o comportamento dos insetos, notadamente das abelhas²⁸.

²⁸ Vide Frisch (1973).

A1

Prêmio Nobel de Fisiologia/Medicina? Não é qualquer um que consegue ganhar um prêmio desses, o trabalho deve ser bom e ter implicações sérias. Agora eu também fiquei interessado. Fale mais sobre isso.

André Barboni

Com a sofisticação dos seus métodos ele comprovou de forma contundente que uma operária, após encontrar uma fonte de alimento, regressava à colmeia e transmitia esta *informação* para as demais abelhas, por meio de duas danças: a dança circular que anunciava a presença de alimento próximo à colmeia e a dança tremelicante do 8 para sinalizar a presença do alimento não só a uma distância maior da colmeia (de 50m a alguns quilômetros), como também a sua direção em relação à posição do sol. Entre as conclusões de Frisch está o fato de que as abelhas são capazes de *compreender* uma mensagem com muitos *dados* e de reter *informações* na memória, são igualmente capazes de produzir uma mensagem representando *dados* sobre posição, qualidade e distância do alimento de forma eficiente e precisa. Como dissemos, anteriormente, a mensagem: é elaborada por meio de uma dança, pois elas não dispõem de aparelho vocal; é apenas uma conduta, não um diálogo; é relativa a um *dado* objetivo, fruto da experiência; tem um conteúdo limitado; e não se decompõe em elementos menores.

P4

Sim, eu até entendo porque você, sendo também biólogo, questione afirmações que colocam o homem acima dos outros animais na escala evolutiva, mas como diria meus alunos brasileiros, você não está “forçando um pouco a barra” ao comparar o homem com uma abelha?

André Barboni

Na realidade não. Com efeito, inegavelmente o homem é um animal que se encontra em uma posição, digamos assim, privilegiada na escala evolutiva, mas eu diria que esta posição não se finda nele e que na Biologia estudamos comparativamente os seres da escala, evitando fazer qualquer juízo de valor afim de *entendermos* como funcionam estes processos evolutivos e sempre que fazemos isso, verificamos que, sob muitos aspectos, o homem está em desvantagem adaptativa com relação aos outros animais. Portanto, não há porque sermos tão pretensiosos e nos colocarmos como seres privilegiados e acima dos demais neste *mundo* que vivemos.

P4

Eu até entendo o seu ponto de vista ao dizer que dado a sua formação, fica difícil você se limitar ao pensamento de um *filósofo* que viveu em outra época, e que não observou, ou não teve acesso a descobertas como a de Frisch e suas implicações, mas você há de convir que a nossa

linguagem é bem mais sofisticada do que a das abelhas e outros animais e não há como afirmar que eles tem um padrão de entendimento como o nosso.

P7

Concordo contigo, P4.

André Barboni

Certo, mas talvez o maior mérito do trabalho de Frisch seja, justamente, ter inaugurado um novo e produtivo campo de pesquisa sobre o comportamento dos animais visando *entender* seu complexo e diversificado modo de comunicação/aprendizado. Entre outras coisas, este campo já revelou que: o som é um dos muitos meios utilizados pelos animais para enviar mensagens, mas como foi observado, não é o único nem o mais eficiente. O infrassom é utilizado por girafas, crocodilos, elefantes e muitos outros animais para enviar sinais a grandes distâncias. O cheiro é muito utilizado para: demarcação de território; reconhecimento de filhotes pelas mães – mesmo entre colônias de até 40 milhões de animais (morcegos do México); defesa; anunciar o período ideal para a cópula; etc. Informações visuais, também são utilizadas para: reconhecimento; acasalamento; obtenção de alimento (os bicos abertos dos filhotes lembram aos adultos da sua tarefa de alimentá-los; quando os cães selvagens retornam de uma excursão de caça, os filhotes adotam uma atitude de súplica motivando-os a regurgitar o alimento); advertência e defesa. Só para citar alguns poucos exemplos²⁹.

Os sinais são vitais para a sobrevivência e *evolução* das espécies. Quando a girafa lambe o filhote recém nascido, além de limpá-lo, ela também se familiariza com o seu gosto e odor únicos. Durante os primeiros meses de vida o filhote está vulnerável e depende da mãe para alimentá-lo e protegê-lo. É fundamental que a mãe e o filhote aprendam a se identificar nos primeiros momentos a fim de enfrentar as adversidades da savana. Os animais usam sinais não só para cooperar uns com os outros mas também para se defender contra rivais. Em um *mundo* competitivo a comunicação permite que os animais protejam os seus recursos preciosos de vizinhos gananciosos. A defesa do território se faz não só pela agressividade, mas principalmente pela demarcação com cheiros, sons entre outros sinais.

P3

Você diria que a demarcação que se faz em *Ciência e Filosofia* tem a ver com isso?

André Barboni

Com certeza creio que a gente pode defender essa posição de que a demarcação do que é

²⁹ As informações veiculadas neste e nos próximos cinco parágrafos do personagem “André Barboni” se baseiam no documentário “A comunicação Animal” transmitido pela GNT e disponibilizado na Internet a partir de 08/07/2011 no endereço: <http://www.youtube.com/watch?v=X24iPRpbX9I> acessado no dia 13/11/2012 17:44.

científico ou não, mais do que uma limitação do método pode, também, representar uma delimitação de território. Mas, prosseguindo, a água transmite o som com mais eficácia do que o ar. Chamados de alta frequência são utilizados por golfinhos para se comunicar com outros integrantes do grupo. Acredita-se que os golfinhos vivam em grupos para aumentar o seu sucesso na caça e sua defesa contra predadores.

Os cupins são governados por substâncias químicas. Uma única rainha governa o funcionamento preciso de sua colônia. Ela é uma “máquina de por ovos grotesca” que é servida por um exército de operárias. Elas alimentam a rainha com informações químicas que a orientam sobre o estado da colônia. Ela responde suas mensagens regulando o número de descendentes que produz. A medida que os ovos são postos, os operários captam comandos químicos da rainha. A rainha funciona como um centro de controle gigante que comanda as ações de seus súditos. Ela governa o seu império cuidadosamente certificando-se de produzir operários suficientes para manter a colônia e cuidar dos que nascerão. Este sistema de comunicação extraordinário permite que milhões de indivíduos cegos funcionem como um organismo gigante.

Os chipanzés combinam 32 tipos de sons diferentes para expressar suas emoções. Associado a gestos e posturas este conjunto forma uma complexa variedade de sinais que viabilizam um convívio coletivo e durável. Os laços de amizades estabelecidos pelos jovens chipanzés irá no futuro determinar o seu *status* na colônia. Como os seres humanos, estes animais nascem com um conjunto de sinais inatos que se desenvolvem através da interação social. Seus chamados mudam com o tempo e acredita-se que diferentes grupos desenvolvem sotaques regionais distintos. Os jovens chimpanzés vivem com a mãe por até sete anos e durante este período eles aprendem tarefas como quebrar nozes com o uso de pedras como ferramentas. Modos, gestos e até movimentos dos olhos transmitem informações para os seus companheiros.

O que basicamente diferencia a linguagem humana da linguagem de outros animais inteligentes como os golfinhos e os chipanzés é a nossa capacidade de intercalar uma ideia na outra, formando frases imensas. Esse componente, presente apenas na linguagem da nossa espécie, é chamado *recursividade*. Estudar a comunicação dos animais pode ser uma boa maneira de ajudar a *entender* os nossos próprios processos de comunicação e aprendizagem.

P3

Bem argumentado, mas o que isso mostra para você?

André Barboni

Que a linguagem é algo natural ao homem e também aos demais seres vivos que tem necessidade de se comunicar. Isso é fundamental para a sua sobrevivência e subjaz à *razão*, o que de certa forma, fortalece a posição de Wittgenstein, mas não é exatamente como ele pensava.

P3

Certo Barboni, mas será que podemos dizer que os outros animais também conseguem dar *sentido* às coisas?

André Barboni

De certo modo sim.

P3

Como assim?

André Barboni

Eu diria que a ideia de um *ser* que está *aí no mundo*, que se *ocupa* dele, também se aplica aos outros animais, mas quando este *ser* faz uso da *razão*, numa “relação derivada”, que é o que diferencia o homem dos demais animais, as palavras de Heidegger só fazem mostrar que Descartes não estava errado. E complementaria dizendo, que em muitos animais a gente encontra exemplos que demonstram um certo nível de raciocínio, o que, para mim, significa que eles estão num processo de desenvolvimento da inteligência mais primitivo, mas que ainda não podemos atribuir-lhes uma *razão*, no *sentido* em que Descartes a atribuía ao homem.

Mas note que atribuir características a um *ser do ente* nada mais é do que trabalhar num *sentido* que Heidegger quer se distanciar, não há como nos livrarmos de nossa *historicidade* e deixar de ver em todo esse esforço que ele empreende para fazer com que esse *Ser* se mostre, *conceitos* que, de certa forma, o definem e cristalizam algo que ele quer manter fluído. Assim, se não podemos dizer que os animais *dão sentido ao mundo*, por outro lado, não temos como dizer até que ponto a *razão* é importante para determinar esse *sentido*. Embora isso seja importante e de certa maneira ponha em xeque certos posicionamentos de Heidegger e seus comentadores, há algo ainda mais simples que põe em questionamento todo o pensamento de Heidegger.

P7

O quê? Explique isso melhor.

André Barboni

Vejamos. Em primeiro lugar Heidegger não é um autor fácil. A forma como ele escreve não facilita a sua leitura. Quando ele fala em *Ser do ente*, ele está falando do *Ser* ou do *ente*? A primeira impressão que eu tive é de que ele falava do *Ser*, pois o caminho trilhado em “Ser e Tempo”, a princípio, é o caminho do *Ser* e a palavra “Ser” estando em maiúscula pode estar indicando precisamente isso, mas se ela for escrita com letra minúscula “ser”, neste caso seria um verbo, o que indicaria que ele estaria falando do *ente*.

P7

Para Heidegger (2011, p. 44), o “Ser é sempre ser de um ente”.

André Barboni

Certo, mas mesmo que Heidegger queira acessar o *Ser* que está no *Ente*, mas que não se restringe a ele, o fato é que quando ele indica que há três formas de manifestação do *Ser do ente*: o *ser simplesmente dado* (*vorhandenheit*); o *ser à mão* (*zuhandenheit*) e o *ser aí* (*dasein*) e no final da página 42 e início da página 43 da minha versão de “Ser e Tempo” ele define *dasein* como “esse ente que cada um de nós mesmos sempre somos e que, entre outras coisas, possui em seu ser a possibilidade de questionar”. Me parece que ele utiliza o *dasein* apenas para se referir ao homem e exclui todas as outras possibilidades.

P7

É essa a sua questão?

André Barboni

Não. A questão é: **onde se encaixa os demais seres vivos? Se eles não são *dasein*, o que eles são? *Vorhandenheit* ou *zuhandenheit*? Se forem o primeiro tipo, Heidegger os está objetificando, no segundo caso, fica ainda pior, porque isso indicaria que eles estão aí para o nosso uso** e a impressão que eu tenho ao ler a obra principal deste autor é: que essa é uma coisa que ele quer evitar; que ele está o tempo todo querendo dizer precisamente o contrário.

P7

De fato, Heidegger se opõe a essa objetificação da natureza e ao posicionamento do homem como mestre e possuidor dessa natureza. Mas eu não tinha me dado conta disso, de fato, para se resolver esse problema os demais seres vivos teriam que ser *dasein* [*seres aí*], isso os colocaria, de certa forma, em pé de igualdade com o homem, como você vem me questionando em nossas aulas, mas como afirmar que um pé de alface é capaz de questionar?

André Barboni

Pois é professora, parece que tem um furo grande aí e eu não acho que seja problema de tradução. Para mim Heidegger deveria ter situado os demais seres vivos como *dasein*, pois todos eles *estão*, de fato, *aí no mundo*. A capacidade de questionar é uma característica especial que um tipo particular de *ser aí* parece ter adquirido evolutivamente e isso é um bom exemplo do que eu tenho dito até aqui. Como eu posso ler um autor com Heidegger e não pensar essas coisas? Se penso e aponto este tipo de “problema”, como fico diante da comunidade que estuda esse autor? Certamente eles irão me acusar de incorrer em *anacronismo*.

P4

Mas isso faz parte do processo de estudo em *filosofia*.

André Barboni

Certo. Mas as pessoas tendem a levar para o lado pessoal. Elas acham que eu estou atacando o seu ídolo, que estou mostrando que ele não é perfeito. Dificilmente o senhor me orientaria em um trabalho que investigasse esse tipo de coisas em Descartes. Certamente o senhor iria procurar algo que exaltasse suas qualidades, que são muitas, mas o senhor e qualquer outro estudioso de um determinado autor, dificilmente iria querer orientar alguém que apontasse e explorasse as falhas no pensamento desse autor. Principalmente falhas como essa.

P4

De fato eu não iria querer.

André Barboni

Pois bem. Essa é uma das razões pelas quais eu afirmo que não se deve ficar preso a um único autor. Um dos problemas que advém daí é o fato de quem o faz, dificilmente consegue visualizar este tipo de falha, além disso, se visualiza tenta esquecer, pois muito tempo e esforço foi investido nesse autor e nem todos estão dispostos a investir em outro autor ou se sentem capazes de filosofar [construir algo inovador que dê conta dos pontos falhos na obra de um autor que o precedeu]. Mas é justamente isso que eu defendo que temos que fazer. Quando encontramos algo que pode ser melhorado no autor que estudamos devemos fazê-lo.

P4

Mas isso seria um *anacronismo*.

André Barboni

Eu não gosto desse termo. Eu acho que ele é utilizado, a torto e a direito, para fazer justamente isso, agir como um escudo de defesa para falhas que de fato existem, mas que a torcida organizada do autor está tentando varrer para debaixo do tapete. Se o nosso compromisso é com a *verdade*, não devemos relativizá-la e, então, o posicionamento mais coerente é ampliar o nosso espectro de leitura e mergulhar em um autor sem se prender totalmente a ele, assim ficamos livres para ressaltar suas qualidades posicionando-as aonde, de fato, elas devem ser posicionadas e mantendo a serenidade com relação aos seus limites e suas falhas. Agindo assim, veremos que cada autor contribui com uma preciosa pedra do grande mosaico da vida. Aquilo que é importante, geralmente é visto por mais de um autor. As peças não se encaixam perfeitamente, mas se sobrepõem nestes pontos. Olhando de perto, talvez fique meio esquisito, mas se nos afastarmos um pouco e mirarmos o painel formado, teremos uma visão esplendorosa.

P5

A ideia é interessante. Somente um artista para pensar assim.

André Barboni

Mas isso não é tudo. Tem mais.

P5

O quê?

2.2.4 O Sistema e o Anti-Sistema (Physis)

André Barboni

Ao ler Pietro Ubaldi eu percebo que a resposta para a questão: “**por que há simplesmente o ente e não antes o Nada?**” **não está no Ente nem no Nada, mas no Ser.** Heidegger (1999, p.39) diz que “a fé já tem a resposta para essa questão e todo ente, que não for Deus, é por Ele criado. Deus mesmo 'é', enquanto criador incriado”. Note que aqui a origem de tudo estaria no *ente Deus*, mas a minha interpretação da obra de Ubaldi diz que *Deus* não é um *Ente* mas um *Ser* que cria algo que ainda temos dificuldades de *entender*.

P5

Explique melhor.

André Barboni

Para Ubaldi, *Deus* não é apenas uma necessidade lógica, ele é um fato. Na origem de tudo só existia *Deus* e sua própria *substância divina*. Não havia tempo nem espaço.

P5

Sem tempo e espaço?

André Barboni

Pois é. Algo imaterial, difícil para nós imaginarmos. *Consciência* pura é o mais próximo que eu consigo chegar dessa visão.

P5

Acompanhemos o seu raciocínio. Eu estou curioso!

André Barboni

Pois bem. A primeira *criação* se deu a partir do que existia, a própria *substância divina*. Com ela *Deus* criou o que Ubaldi chama de *Sistema* [um sistema orgânico de *seres* onde cada *ser*

é único e ocupa uma função específica] onde tudo é perfeito e como tudo é perfeito, cada *ser* possui a liberdade e o *livre arbítrio* para inclusive se voltar contra o *Sistema*. Mas se tudo é perfeito, não há por que alguém querer sair da sua *função*, isso é apenas uma possibilidade um *Nada*. E o que era apenas uma possibilidade se concretiza e surge o *Ente a Res extensa* (como diria Descartes), o Universo como o conhecemos, através de algo que podemos correlacionar com a teoria do Big-Bang³⁰ (que não é de Ubaldi, mas é compatível com o seu pensamento).

P5

Interessante!

André Barboni

Observemos que antes do *Ente* havia o *Nada*, mas o *Nada* é apenas uma possibilidade, não se pode criar algo do *Nada*, o que existia antes desse *Nada*? O *Ser*. O *Sistema*, cuja menor parte se revoltou tal como as células de um corpo que se tornam cancerígenas e não aceitam mais trabalhar como deviam. Note como essa ideia é mais completa, mas Ubaldi não é um autor lido pela Academia, no entanto, ele nos dá uma solução bem original e coerente para a *questão fundamental da filosofia*. Que outro filósofo fez isso tão brilhantemente?

P2

Mas o que você me diz da *substância divina*?

André Barboni

Bem lembrado professor. A *substância divina* faz parte do *Ser* maior, se confunde com ele, é parte da sua *essência* e tem o Seu pensamento e Suas leis impregnados nela. Não há como separá-los dela. Assim, o *Sistema* é também *Deus*, assim como o *Anti-Sistema*.

P2

Anti-Sistema?

André Barboni

A parte que caiu. Que Descartes chamava de *Res extensa* e que normalmente é confundida com o *conceito* grego de *Physis* (talvez mais apropriado).

P3

Isso parece com a teoria Panteísta.

André Barboni

Na realidade *Monismo*.

³⁰ Singh (2006).

P4

Como o de Leibniz?

André Barboni

Não como o dele, mas eu me atrevo a dizer que melhor. Mas para entendê-lo eu preciso falar na *grande equação da substância*.

P2

Grande equação da substância?

André Barboni

Sim esta equação aparece pela primeira vez na obra “A Grande Síntese”³¹ e ela relaciona *espírito* (α), *energia* (β) e *matéria* (γ). Segundo essa equação, *espírito*, *energia* e *matéria* são formas de manifestação da mesma “substância”. Assim, a *substância divina*, *Deus* ou o próprio *Sistema* estariam presentes em todo *Anti-Sistema* (*Physis*) de forma imanente. Isso implica que a *Lei de Deus*, sua *vontade*, está expressa na própria constituição de tudo o que há. Contrário a esse *impulso de queda* que se afasta do *Sistema*, esta *substância divina* ao procurar o seu lugar natural produz um movimento de retorno a Ele que chamamos de *evolução*.

P3

Você está unindo *criacionismo* e *evolucionismo*? Isso não é uma contradição?

André Barboni

Eu não vejo contradição nisso, professor. A obra de Ubaldi permite isso, mas não é só ela, a literatura espírita também possibilita essa união sem conflitos. No entanto, nem todo espírita aceita a obra de Ubaldi.

P3

Por que não? Ubaldi não é espírita?

André Barboni

Quando leu o *Livro dos Espíritos*³², Ubaldi disse que era espírita e não sabia. Ele esteve em Uberaba com Chico Xavier e reconheceu a grandeza desse *médium*. Emanuel [o guia espiritual de Chico] no prefácio da obra a Grande Síntese de Ubaldi, traduzida por Guillon Ribeiro, diz que

³¹ A Grande Síntese foi publicada, pela primeira vez, em capítulos na revista italiana *Ali del Pensiero* tendo sido concluída em 1935. No Brasil, ela foi traduzida por Guillon Ribeiro e Publicada na Revista o Reformador da Federação Espírita Brasileira (FEB). Em 1937 foi reunida em um livro que mais tarde foi publicado pela FEB em 1939. Posteriormente, ele foi reeditado pela LAKE (tradução de Mário Corbioli e Benedicto de Godoy Paiva) e pela Fundação Pietro Ubaldi (tradução de Carlos Torres Pastorino e Paulo Vieira da Silva).

³² Vide “O livro dos espíritos” (KARDEC, 1981).

tal obra “é o Evangelho da Ciência” (p. 12). Ubaldo dedicou sua obra aos espíritas que são os seus maiores leitores no Brasil, mas Ubaldo não frequentava centros *espíritas* e nunca assumiu como *religião* o *Espiritismo*. Com efeito, ele sempre se declarou católico. Mas se você considerar a posição de Kardec de que o *Espiritismo* não é *religião* e que uma pessoa pode ser católica e espírita, muçulmana e espírita, evangélica e espírita, judia, budista, ou de qualquer outra crença *espiritualista*³³ e espírita, mas só não pode ser *materialista*³⁴ e espírita. Então...

P3

Quer dizer que eu posso ser católico e espírita? Isso não é um contrassenso?

André Barboni

Na realidade não. Para Kardec, *Espiritismo* é uma *Ciência Positiva*, pois se baseia em fatos reais e uma doutrina filosófica com sérias implicações morais que visa melhorar o homem e ajudá-lo no seu processo evolutivo. Ele não tem dogmas, nem ritos, templos, cerimônias, ou sacerdotes, mas grupos de estudos e locais de reunião para as suas atividades como qualquer outro grupo de estudos acadêmico que promova: conferências; palestras; reuniões de estudo; pesquisa; etc. O *Espiritismo* é uma *ciência* de observação que se baseia em princípios e leis naturais que sempre existiram e que foram descobertos, estudados e sistematizados pelo professor Hippolyte Léon Denizard Rivail que, mais tarde, ficou conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec. Nome que ele possuía em uma encarnação anterior, na França, como druida.

P3

E por que alguns espíritas divergem de Pietro Ubaldo?

André Barboni

Porque eles acham que Pietro Ubaldo contraria Kardec quando fala de *queda*. Para eles o movimento é em um *sentido* único, o *sentido* da *evolução*. Mas Ubaldo nos apresenta uma dança, um movimento cíclico que se repete em quase tudo e propõe uma ideia mais abrangente em que o que é apresentado por Kardec explica uma parte, mas não o todo.

P3

Então Kardec também teria falhado.

André Barboni

Aí é que está. Não falhou, pelo menos quanto a isso. Ele teve a felicidade de dizer:

³³ Aquele que crê que temos uma alma imaterial que sobrevive a morte do corpo físico. Este *referencial* geralmente aceita a existência de *Deus*, mas não é isso o que define quem compartilha dessa crença.

³⁴ Aquele que crê que o princípio inteligente que possuímos é fruto da *matéria* e quando o corpo físico morre, desaparece com ele esse princípio inteligente.

“Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma *verdade* nova se revelar, ele a aceitará” (KARDEC, 1984, p. 44-45).

Este é o tipo de pensamento não dogmático que deve reger tudo aquilo que quer se manter atual e que busca a perfeição. A *Ciência* não é perfeita porque ela não erra, ela o é quando admite o seu erro e se propõe a corrigi-lo. O mesmo deve se dar com relação à *Filosofia*, à *Religião* e à *Arte*, penso eu, do contrário **tudo o que não se atualiza, morre e cai no esquecimento**. Esse é um pensamento que deve nortear o trabalho de todo aquele que deseja se manter coerente com o progresso da humanidade.

P4

Você está querendo dizer que a *Filosofia*, tal como a *Ciência*, tem que ter este tipo de comportamento que permita que ela se renove e evolua?

André Barboni

Precisamente professor.

P4

Mas, a *Filosofia* é diferente da *Ciência*. Cada *filósofo* tem o seu sistema e eles não se falam. Você não pode querer tratá-lo como um conjunto de hipóteses e teorias que tentam explicar um fenômeno.

André Barboni

De certa forma até posso, mas eu prefiro pensar que cada um desses autores nos legam preciosas ferramentas que nos ajudam a *entender* tudo o que há e até o que não há, mas que podemos pensar na possibilidade de existirem.

P4

E onde é que você quer chegar com isso? O que isso muda?

2.2.5 O grande perigo de não ser “Estruturalista”

André Barboni

Muita coisa. Primeiro porque contraria esse modo de enxergar a *filosofia*, típico do “estruturalismo”. E devemos notar, agora, que o “estruturalismo” representa, aqui, uma forma dogmática de defender uma posição que não tem sustentação científica nem filosófica mais.

P4

Digamos que eu aceite essa sua posição. Vejamos até onde a sua argumentação irá nos conduzir.

André Barboni

Segundo, porque ele me permite, por exemplo, salvar Heidegger daquele “imbróglio” que nos referimos há pouco.

A2

A questão dos seres vivos?

André Barboni

Precisamente. Note que, do meu ponto de vista, Heidegger, tal como qualquer outro pensador, nos oferece instrumentos que nos auxiliam a lidar com a nossa realidade. Pelo que podemos *compreender* da leitura que fazemos dos seus textos está o fato de que ele tem uma visão antropocentrista.

A2

Como assim?

André Barboni

Eu explico. Pelo que eu pude *compreender*, para Heidegger cada homem tem um “mundo” que é só seu. “Mundo” aqui é, como dissemos, sinônimo de *horizonte de significância* e como esse é um *conceito* central em sua obra, sua *filosofia*, então, vai procurar ser coerente com isso. Mas note que esse “mundo” que muitas vezes também pode ser confundido com “visão de mundo” pode não se ajustar perfeitamente à realidade. Neste caso, dizemos que existe aí uma distorção, tal como os defeitos da visão como: a hipermetropia, o astigmatismo, a miopia, etc., mas também algo mais sério, como é o caso da loucura que muitas vezes torna o irreal, real para o louco.

A2

Sim, mas eu ainda não entendi aonde você quer chegar.

André Barboni

Vejamos. Este modo de posicionar cada um no centro desse “mundo”, que não é exclusiva de Heidegger, de certa forma subjetiviza a realidade, digamos assim. Você há de convir que independentemente do que eu acho que as coisas sejam, elas são. Não vamos relativizar tudo, senão não conseguiremos chegar a conclusão alguma que seja logicamente sustentável.

A2

Mas Heidegger não quer pagar tributo à *Lógica*.

André Barboni

Mas sua *filosofia* tem que ser coerente. Por mais que ele fuja da *Lógica* não há como escapar dela, pelo menos não quanto a isso. Devemos *entender* que a *Lógica* nos ajuda a diferenciar um discurso coerente e consistente de um discurso falacioso e isso é fundamental para todo aquele que quer construir uma argumentação sólida.

A2

Que seja, quanto à isso eu concordo contigo.

André Barboni

Vejamos, então. Heidegger nos legou um conjunto de instrumentos (*conceitos*) que ele forjou com muito esmero e que constituem o arcabouço da *filosofia* que ele produziu. Tudo bem?

A2

Tudo bem!

André Barboni

Se eu sigo o método “estruturalista” e trabalho um autor como Heidegger estou limitado a utilizar suas obras e a de alguns especialistas em suas obras. Mais ainda, eu não posso utilizar livremente os *conceitos* ou as palavras que ele utilizou para batizar esses *conceitos*, mesmo que eu as utilize no seu *sentido popular*, sem causar certa confusão. **A primeira coisa que eu reivindico** é a liberdade de trabalhar com qualquer fonte e/ou autor. E neste caso, é qualquer fonte e autor mesmo. Eu não estou me restringindo apenas às fontes/autores que a academia considera confiáveis, mas eu considero que tudo pode ser usado como base de uma boa argumentação e as fontes “confiáveis” da academia não são melhores nem mais recomendáveis do que as fontes para as quais ela costuma “torcer o nariz”. Daí eu poder me valer, por exemplo, de uma definição dada por um site como a Wikipédia, pois o que interessa não é a fonte, mas a definição. Ela é “boa” eu posso usar, ela é “ruim”, eu posso usá-la como ruim.

P1

Usá-la como ruim?

André Barboni

Exato. Se a definição não é boa, essa definição é em si um exemplo que eu posso utilizar em minha argumentação. O que importa não são as fontes nem os autores que eu cito na minha

argumentação, mas a argumentação em si. E é aí que a *Lógica* entra e, nesse caso, todo *filósofo* está sujeito a ela quer goste quer não goste dela. O *apelo à autoridade* é uma falácia que encontra facilmente exemplos em qualquer livro de *Lógica*. Quando eu digo que uma fonte é confiável, no fundo eu estou incorrendo nesse tipo de falácia. Assim, eu defendo a utilização de fontes como a Wikipédia não por que ela é uma fonte confiável, ou boa, ou fácil de utilizar, mas porque ela não é diferente das demais. Com efeito, TODAS AS FONTES E AUTORES SÃO NÃO-CONFIÁVEIS. Este é o caminho que Descartes tomou para começar a sua *filosofia*.

P4

A dúvida cética! Descartes começa com ela, mas não permanece com ela o tempo todo. Se o fizesse não conseguiria chegar a lugar algum.

André Barboni

Com efeito, não se pode duvidar de tudo. Mas observe que para construir qualquer coisa é preciso material e ferramentas e o material do *filósofo* é a palavra e suas ferramentas são os *conceitos* que ele trabalha com sua capacidade de raciocinar seguindo a sua *intuição*. Pensem um pouco nisso e vocês verão que eu não estou errado.

P4

Admitamos que você esteja correto quanto a isso, embora você esteja introduzindo outros elementos eu suponho que você vai retomá-los mais tarde.

André Barboni

Exato. Continuando, **a segunda coisa que eu reivindico** é o direito de utilizar os *conceitos* formulados por qualquer autor da forma que me interessar, pois eu não estou realizando um trabalho de *exegese* do texto deste autor, mas filosofando. Na *exegese*, como o próprio termo já diz, se procede uma interpretação profunda do texto. Este não é o meu objetivo. Quando eu leio um autor ele me dá novos *instrumentos* de trabalho. A técnica estruturalista me permite *conhecer* melhor o “mundo” de um determinado autor, mas o que me interessa não é falar do “mundo” desse autor, mas apresentar ao *mundo* o meu “mundo”. E nesse *sentido*, as palavras que uso não são mais deste ou daquele autor, mas minhas. Quem fizer uma *exegese* do meu texto poderá verificar se o *conceito* que eu me apropriei permanece inalterado ou não, mas isso é secundário.

P4

É por isso que você alega não haver *anacronismos* no texto de um *filósofo*?

André Barboni

Precisamente, pois *anacronismo* para mim é uma palavra que deveria ser banida do

dicionário de quem quer *fazer filosofia*. Tudo o que ela faz é limitar a nossa criatividade. Ela vive dizendo: você não pode isso; você não pode aquilo; Fulano já disse isso; Ciclano já usou essa palavra; se você usar essa palavra as pessoas vão interpretar a frase de outra maneira; essa palavra tem historicamente este *sentido*; tal autor não pensou isso; ele não usa esse termo dessa maneira; etc.; etc; etc... O grande problema disso tudo é eu não poder, então, me apropriar dos *conceitos* como o que de fato eles são: ferramentas de trabalho do *filósofo*. Se o faço e me dou a liberdade de testar os seus limites, modificá-las e adaptá-las as minhas necessidades tenho, de fato, a possibilidade de construir algo meritoso. Pode até ser que minha mediocridade me impeça de atingir tal objetivo, mas eu tenho a possibilidade de alcançá-lo. Se adoto o método “estruturalista” como caminho para filosofar, NUNCA conseguirei atingir tal objetivo por mais genial que eu seja. **Nenhum filósofo adotou tal caminho.**

A2

Certo, mas como salvar Heidegger daquele “imbróglio”?

André Barboni

Que bom! A2, que você está atenta e me lembrou que eu tenho que fechar o meu raciocínio quanto a esta questão. Note que se eu não me restrinjo ao método “estruturalista”, então, eu posso me valer dos *conceitos* que Heidegger construiu com ferramentas de trabalho, mais ainda, fico livre para testar seus limites e explorar seu “mundo” mais abertamente. Assim, o que noto é que Heidegger se esforça muito por se opor a uma visão objetificadora da realidade.

A2

Nesse ponto eu tenho que concordar contigo.

André Barboni

Ao dizer que existem apenas três formas de manifestação do *Ser do ente*: o *ser simplesmente dado* (*vorhandenheit*); o *ser à mão* (*zuhandenheit*) e o *ser aí* (*dasein*) ele não nos dá outra opção. Existem apenas estas três formas. Certo?

A2

Certo.

André Barboni

Para evitar maiores confusões eu vou me referir a elas como: o *ser simplesmente dado*; o *ser à mão* e o *ser aí*. Ao utilizar a tradução das palavras alemãs eu tento evitar a confusão anacrônica. Pois bem, se o “mundo” é *horizonte de sentidos* e só existem estas três formas de manifestação do *Ser do ente*, então, a pedra é um *ser simplesmente dado* para mim (um *ser aí*) a

maior parte do tempo. Se a utilizo para algum propósito ela passa a ser um *ser à mão*. Em ambos os casos eu a objetifiquei e faço isso com tudo inclusive com os demais *seres aí*. A escravidão é uma forma de transformar o homem (um *ser aí*) em um *ser à mão*, de objetificá-lo. Ao pensarmos na mão-de-obra necessária para executar um projeto qualquer, os trabalhadores (*seres aí*) que correspondem a esta mão-de-obra são também objetificados. Heidegger não nega isso.

A2

Concordo.

André Barboni

Os demais seres vivos poderiam ser tratados como *seres aí*, mas Heidegger (2011, p. 42-43) parece excluir essa possibilidade quando afirma que o *dasein* é “esse ente que cada um de nós mesmos sempre somos e que, entre outras coisas, possui em seu ser a possibilidade de questionar”. Neste caso, excluídos da classe dos *seres aí*, torna-se mais fácil objetificá-los.

A2

Mas isso é tudo o que ele não quer.

André Barboni

Mas, de certo modo, acaba obtendo, pois ao definir assim o *dasein* ele torna o homem um ser à parte dos demais. Cria um certo *status* privilegiado que é sempre o primeiro passo para se cometer as maiores atrocidades cientificamente/filosoficamente apoiadas. Foi assim com o nazismo, que enaltecia uma raça pura em detrimento das demais. Se você olhar mais atentamente a história da humanidade verá que este padrão se repete sempre.

A2

Que padrão?

André Barboni

Primeiro, descaracteriza-se um *ente* como algo semelhante a nós. Segundo, exalta-se certas qualidades que possuímos ou cremos possuir, mas que julgamos que esse *ente* não possua. Terceiro, tem-se, então, algo que nos permite fazer o que quisermos com este *ente*, que se tornou um objeto sem valor para nós e, cuja única utilidade é servir aos nossos propósitos.

A2

E fazemos isso com gente, com os animais, com as plantas, com todos os seres vivos e tudo o mais que existe ou que podemos imaginar que exista?

André Barboni

Você captou o espírito da coisa! Mas a questão não morre aí. Se utilizamos os *conceitos* de Heidegger como ferramentas, notamos que elas tem limitações e podemos fazer modificações para torná-las mais versáteis. Assim, se consideramos que *dasein* significa *ser aí*, então, não há como negar que os seres vivos estão aí, vivendo as suas vidas, assim como o martelo e a pedra, também *estão aí* no “mundo”, a *Res extensa está aí*. Não há mais diferença entre eu e tudo o que há. Aliás, na visão monista de Ubaldi, *espírito* (α), *energia* (β) e *matéria* (γ) são a mesma coisa. Esta sim é uma visão que me liberta da objetificação das coisas. E note que Ubaldi nem se preocupa se ele está perguntando ou não pela quiddidade, ele seguiu um caminho onde a *intuição* teve um papel fundamental para ele enxergar algo que ainda precisamos trabalhar um pouco mais para *entender* a grandiosidade do que ele nos fala.

A5

Como assim?

André Barboni

No *monismo* de Ubaldi, tudo é, em última instância, *substância divina*. *Deus* não é um *Ente* à parte da sua *criação*. *Deus* está na e é a própria *criação*. Cada um de nós é uma célula divina, fazemos parte do organismo divino, mesmo estando no *Anti-Sistema* [a parte que caiu, a *Physis*]. O universo é como um grande holograma no qual o Todo está na parte.

A5

Isso é muito para a minha cabeça. Parece muita piração.

André Barboni

Mas note que não é tão complicado assim. Se você reparar bem, vai ver que os nossos sentidos são enganadores, como já sabiam os antigos. A física moderna já nos mostrou que tudo é constituído de átomos e partículas subatômicas como os elétrons, por exemplo, que estão em constante movimento em volta dos núcleos destes átomos. Com efeito, a física que tenta estudar tais fenômenos, tem hoje em dia, um grau de sofisticação que exige uma base matemática e uma abstração muito grande.

A5

Concordo plenamente.

André Barboni

Apesar disso não é difícil ao leigo *compreender* que embora os nossos sentidos digam que um objeto é feito de *matéria* sólida, que possui uma certa densidade, pois tem massa e uma certa

forma tridimensional, o *conhecimento* que esta parte da física nos traz é que esse mesmo objeto possui mais espaços vazios do que algo que poderíamos chamar propriamente de sólido.

A5

Isso parece contrariar o que a gente consegue sentir como: a dureza ou a maciez de um determinado objeto; a resistência que ele opõe ao nosso toque; a sua aspereza; etc.

André Barboni

E por mais que nos esforcemos, nunca de fato o tocamos, pois se o fizéssemos haveria uma verdadeira explosão. O que sentimos é resultado da ação das forças de repulsão que se dão em nível subatômico.

A5

Isso até lembra um pouco Heidegger.

André Barboni

Certo, mas é em outro *sentido* que ele diz que “a cadeira não toca a parede” e até mesmo, eu diria, propriamente o chão. Pois *tocar*, para Heidegger, tem outro *sentido* diferente do senso comum. No entanto, observe que tudo também pode ser descrito em termos de ondas e vibração e que nossos sentidos físicos trabalham em uma estreita faixa do espectro de frequências. Com efeito, o homem tanto é sabedor disso como desenvolveu aparelhos que nos permitem explorar estas outras faixas de frequência que nossos sentidos não são capazes de perceber.

A5

Como assim?

André Barboni

O seu celular, por exemplo, ele recebe e transmite sinais que operam numa faixa de frequências inaudível e invisível para nós. Esses sinais também se nos apresentam sem cheiro, sem gosto e não conseguimos percebê-los pelo tato. No entanto, eles foram conscientemente produzidos pela engenhosidade humana e pela *ciência positivista* que muita gente ataca sem se dar conta do quanto é dela dependente.

A5

Inclusive eu, mas você sabe que a minha crítica não se dá com respeito ao que se produz de bom, mas ao que se faz de ruim e principalmente com relação a essa objetificação do ser humano e a essa forma de *fazer ciência* que diz que *entender* é melhor que *compreender*.

André Barboni

Certo, mas isso também faz parte do que a gente vem discutindo e tem a ver com o fato das pessoas se apropriarem de uma ferramenta e achar que ela serve para tudo. Não serve. Não existe uma ferramenta universal que tudo resolve e tudo dá conta. Sempre que alguém acha que a obteve, faz bobagem e assume uma posição dogmática. Acho que é contra isso que você e todo *mundo* luta, mas volta e meia, nos deixamos aprisionar por alguma armadilha que nos leva a adotar a tal posição dogmática. O problema é que temos uma imensa dificuldade de reconhecer isso, principalmente depois que tal posição dogmática nos permitiu gozar de um certo prestígio.

A5

Como assim?

André Barboni

O reconhecimento pelos seus pares, já dizia Linus Torvalds, é uma das três coisas que motivam as pessoas na vida, que dão *sentido* à vida e impulsionam o progresso da sociedade.

A5

Linus o quê?

A1

Torvalds, o criador do Linux.

A5

Aquele sistema operacional de computadores?

A1

Isso mesmo.

A5

E quais são as outras duas coisas que motivam as pessoas? Computadores? Tecnologia?

André Barboni

Na *verdade* não. Para este brilhante engenheiro de computação que acabou nos legando um grande bem, pois ele chegou a uma lei, que poderia ser chamada de “Lei de Linus”, sobre as três coisas que dão *sentido* à vida, que são fatores de motivação para o progresso da humanidade e a *evolução* das sociedades como um todo: 1- sobrevivência; 2- o lugar que você ocupa na ordem social; 3- diversão. O primeiro fator parece óbvio, pois para uma sociedade evoluir ela precisa sobreviver, mas para pensar os demais ele precisou considerar como eles se comportavam com relação à *vontade* de sobreviver (TORVALDS; DIAMOND, 2001).

A5

Como assim?

André Barboni

Para ele a questão não é “Você mataria por dinheiro?”, mas “Você *morreria* por dinheiro?” e a resposta seria obviamente negativa. Os exemplos de que a motivação social é suficiente para levar as pessoas a esquecerem a sua sobrevivência, segundo ele, são inúmeros e vão desde o caso literário de Romeu e Julieta onde eles preferem se matar não por amor ou sexo, mas porque preferiam morrer a perder seu relacionamento social até o caso do soldado patriota que quer arriscar a vida por seu país e sua família – sua sociedade (TORVALDS; DIAMOND, 2001).

A4

Mas morrer por diversão?

André Barboni

Quantas pessoas arriscam a vida, todos os dias, em esportes radicais? Nem todas o fazem pela fama, ou porque são viciadas em adrenalina, mas simplesmente por prazer, para se divertirem. É isso o que de fato as motiva. E se vocês pensarem bem sobre isso, verão que ele não deixa de estar certo, pois os empreendimentos mais sólidos e lucrativos da humanidade estão ligados a essas três coisas: sobrevivência, reconhecimento social e diversão.

A5

Mas por que a tal posição dogmática nos permite gozar de um certo prestígio?

André Barboni

Sempre que nos inteiramos de algo e nos especializamos nisso nos tornamos uma certa referência com relação a isso. Se temos o reconhecimento dos nossos pares, dos nossos amigos e familiares estamos atendendo pelo menos ao segundo item da “Lei de Linus”. Muitas vezes atendemos também aos outros dois, pois quem gosta do que faz, se diverte com o seu trabalho e com ele adquire as condições para garantir a sua sobrevivência. Mais ainda, como a pessoa ama o que faz, tende a se dedicar à sua ocupação e se destaca dos demais pares, graças a esta dedicação, e isso lhe confere mais reconhecimento que funciona como uma alimentação positiva para a sua motivação e desempenho. Portanto esse pensamento de Linus Torvalds tem grandes implicações filosóficas e também não deve ser deixado de fora da nossa discussão.

A5

E imaginar que um pensamento assim pudesse vir de alguém de uma área tão tecnicista!

André Barboni

Pois é. Então, fica claro que quem se apropria de um *conhecimento* e domina uma ferramenta ou todo um instrumental não vai gostar de ver ninguém se aventurar a dizer que tem alguma coisa errada com o seu instrumento, a sua técnica, o seu tema de trabalho ou qualquer outra coisa que possa embaçar o brilho da sua imagem construída tão duramente.

P2

Isso é perfeitamente plausível e faz todo o *sentido*.

André Barboni

Portanto, qual é o maior perigo de não se seguir o método “estruturalista”?

P2

Você quer dizer que tal atitude põe em risco essa imagem?

André Barboni

É exatamente isso o que defendo e esse risco se dá na medida em que tal método foi construído de tal forma que ele parece estar todo voltado a preservar a imagem do autor. Ele blinda os pilares centrais do seu pensamento me impedindo de atacá-los. Se o faço, vem o tal do “anacronismo” para me colocar numa posição que torna ineficaz a minha ação, pois se afirma que a *Filosofia* é atemporal e que o pensamento deste autor é perfeito dentro do sistema dele.

P2

Mas o sistema de um *filósofo* não conversa com o de outro. Se você tenta fazê-los conversar terá problemas de distorção de pelo menos um deles.

André Barboni

Não conversa por quê? Se dois pensadores tratam de uma mesma questão, por que eu não posso analisar a questão tendo em vista estas duas perspectivas, esses dois “mundos”, como diria Heidegger? Se eu utilizar seus *conceitos* e sistemas como ferramentas poderei analisar a adequação destas ferramentas à investigação da questão. Poderei perceber os seus limites, comparar suas abordagens e daí, quem sabe? Encontrar a minha própria maneira de abordar a questão e pode ser que a minha maneira se mostre mais adequada sob muitos aspectos.

P2

E, de certa maneira, é justamente isso o que todo *filósofo* fez?

André Barboni

Precisamente.

P2

E como fica o ensino de *Filosofia*?

André Barboni

Muito mais rico, pois o ensino de *filosofia* não se restringirá a nos fazer *compreender* o pensamento de um *filósofo* ou de um grupo de *filósofos*, mas nos ajudará a encontrar o nosso próprio caminho de pensar. O nosso caminho de filosofar e creio que isso é mais importante.

P2

E como você acha que isso deve ser feito?

André Barboni

Para dar conta de tal tarefa eu vou ter que falar da *matriz de fragmentação do conhecimento* de Pierre Weil (1993).

P2

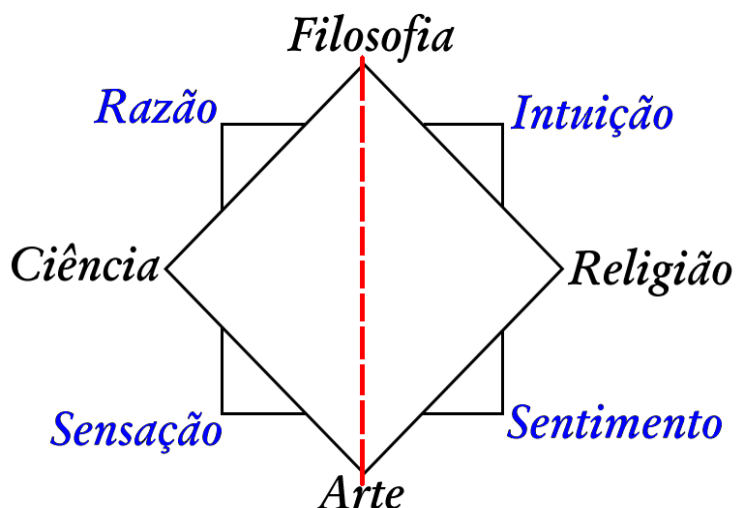
Matriz de fragmentação do conhecimento?

2.2.6 A matriz de fragmentação do conhecimento

André Barboni

Uma figura que relaciona *ciência*, *filosofia*, *religião* e *arte* e as apresenta como áreas produtoras de *conhecimento* e que se relacionam e se integram através da *razão*, da *intuição*, do *sentimento* e da *sensação* (figura 1).

Figura 1 – *Matriz de fragmentação do conhecimento* (WEIL, 1993), modificada por Barboni em 2013.



P2

Parece que você já vem pensando nesta figura há algum tempo!

André Barboni

Desde 2003.

P2

Desde 2003?

André Barboni

Sim. No semestre de 2003.2 eu substitui um professor de uma disciplina de metodologia em pesquisa para o curso de enfermagem. O professor tinha se afastado para fazer um pós-doutorado e eu me prontifiquei a ministrar a disciplina. Umás três semanas depois das aulas terem iniciado eu me deparei com uma confusão que os alunos estavam fazendo com relação à pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa.

P2

Como assim?

André Barboni

Existiam mais três professoras que trabalhavam basicamente com pesquisa qualitativa e elas diziam que praticamente existiam três correntes filosóficas em termos de pesquisa científica: *positivismo*, *fenomenologia* e *dialética*. No *positivismo* se enquadrava, praticamente, todo tipo de pesquisa quantitativa onde só era considerado passível de se *fazer ciência* aquilo que pudesse ser mensurável. A *fenomenologia* teria surgido como uma reação a este modelo de produção de *conhecimento* estendendo os objetos de *ciência*, mas tinha o inconveniente do cientista ter de se colocar à parte do fenômeno, o que para os fenômenos sociais era considerado impossível de se alcançar. A solução ideal parecia estar na *dialética* trabalhada pelo *materialismo histórico*, no qual o pesquisador assumia uma posição e através do confronto, do debate de ideias, se chegaria a um consenso que indicaria, então, a melhor solução para a questão trabalhada. Estes dois últimos modelos são normalmente utilizados pelas pesquisas qualitativas.

P3

Esta forma de introduzir os alunos na metodologia da *ciência* me parece complicada.

André Barboni

Eu também achei, mas é basicamente a forma como elas trabalham, mas isso não é o que me indignou e fez com que eu procurasse algo que pudesse embasar melhor o que eu queria

dizer. O que me surpreendeu foi o fato de alguns alunos disserem: o que é melhor? Qualidade ou quantidade? Se qualidade é melhor, então, pesquisa qualitativa é melhor que pesquisa quantitativa e portanto o *positivismo* pouco vale.

P3

Essas professoras estavam ensinando isso?

André Barboni

Eu não creio que elas estivessem ensinando isso, mas foi essa a mensagem que esses alunos conseguiram captar.

P2

E qual a ligação que isso tem com a *matriz de fragmentação do conhecimento* de Pierre Weil (1993)?

André Barboni

Em uma busca rápida na internet, procurando por *ciência e conhecimento*, eu me deparei com a figura 1, sem a linha tracejada em vermelho (que foi a minha contribuição à ela).

A3

Por que você incluiu esta linha?

André Barboni

Eu respondo, A3, mas não agora senão a gente “perde o fio da meada”. E prosseguindo... Com esta figura eu pude mostrar aos meus alunos que o *conhecimento* está fragmentado e que não é só a *Ciência* que é capaz de produzi-lo. Na realidade, nem sempre foi assim. Na antiga Grécia, os gregos não faziam esta distinção que hoje fazemos entre *ciência, religião, arte e filosofia*. Estas quatro áreas produziam *conhecimento* e estavam mais integradas. De fato a gente pode pensar a *verdade* como um objeto tridimensional em cima de um pedestal no centro de uma sala rodeada por bancos onde artistas se sentam para desenhá-lo. Cada um deles o desenha, à sua maneira, e de acordo com o seu ângulo de visão, mas nenhum deles consegue captar todos os detalhes do objeto. É isso, basicamente, o que os diferentes métodos de pesquisa conseguem nos oferecer, um esboço, uma cópia nem sempre bem feita, de algo que é sempre mais do que esta visão consegue representar.

P5

Mais uma vez o artista se apresenta!

André Barboni

A imagem da aula de desenho me pareceu adequada e eu pude dizer aos meus alunos que o que importa não é se a pesquisa é *quantitativa* ou *qualitativa*, se foi feita com esse ou com aquele método, mas o que interessa é: qual a questão que estamos trabalhando? E qual a metodologia que dá conta de abordá-la? É isso o que precisa ser definido e detalhado em um projeto de pesquisa. Dependendo da questão, não há nada melhor do que o bom e sempre útil método quantitativo. Dependendo da questão, pode-se utilizar metodologias qualitativas ou híbridas.

P3

André, creio que sua intervenção foi apropriada.

André Barboni

Pois bem, note que eu utilizei aquela figura, naquela época, sem ter acesso ao texto original. Posteriormente, fiz uso dela em alguns trabalhos acadêmicos do Curso de Filosofia da UEFS e a utilizei na minha tese de progressão de carreira³⁵, mas só recentemente adquiri a obra. Assim eu não sabia se as análises e as deduções que eu produzi nesses trabalhos correspondiam à visão que Pierre Weil tinha ao construir a sua figura original, nem sabia se a figura que eu encontrei na internet era fiel à original do seu livro.

P3

Ou seja, as interpretações eram suas. Era a sua leitura de uma figura que você encontrou na internet e que você sabia, ou pelo menos supunha, que tinha sido proposta por Pierre Weil.

André Barboni

Exato. Ao comprar a obra eu constatei que de fato ela foi proposta por Pierre Weil (1993) e faz parte de um capítulo escrito por ele em um livro em que ele divide a autoria com Ubiratan d'Ambrosio e Roberto Crema. O livro é dividido em três partes e cada autor é responsável por uma delas. Mas a figura em que eu me baseei corresponde à figura 4 desse livro (p. 19) e, como dito anteriormente, não possui a linha tracejada em vermelho, mas no centro dos quadrados que se cruzam, Pierre Weil acrescentou uma *lemniscata*, um oito deitado, mais conhecida das pessoas como o símbolo do infinito.

P5

E qual seria o significado desta *lemniscata*.

André Barboni

É aí que a coisa fica interessante.

³⁵ Vide Barboni (2013).

P5

Como assim?

André Barboni

Para Pierre Weil (1993), a *lemniscata* representa a *Matriz Holopoiética Fundamental* (MHF).

P5

Matriz Holopoiética Fundamental?

André Barboni

Para Pierre Weil (1993), a física quântica e as teorias cosmogênicas atuais, indicam que o objeto e seus fenômenos, que pela nossa conversa anterior pode ser perfeitamente representado pela *Physis* dos antigos gregos, passaram a ser percebidos em três níveis diferentes: *matéria*, *vida* e *programação*. Três manifestações da mesma *energia* que já existe em potencial no próprio espaço. O espaço, portanto, seria inseparável dessa *energia* primordial que ele denomina de *Matriz Holopoiética Fundamental*. Uma representação, segundo ele, da passagem do *mundo* absoluto, do espaço-*energia* atemporal, para o *mundo* relativo do espaço-tempo.

P5

Então, você quer dizer que isso é interessante porque a *Matriz Holopoiética Fundamental* de Pierre Weil corresponderia à noção de *Sistema* de Pietro Ubaldi?

André Barboni

De uma forma muito apropriada onde cada um chegou a este *conceito* por caminhos diferentes e sempre que isso acontece é sinal de que temos algo aí que é importante para a construção do nosso mosaico. Note que eu uso a ideia de *mosaico* ao invés de *quebra-cabeças*, pois no quebra-cabeças, as peças se encaixam perfeitamente. O nosso *mosaico* está mais para aqueles murais feitos com recortes de revistas e jornais onde cada tira colada é irregular, algumas foram cortadas até com tesoura e possuem certa geometria, mas a grande maioria foi cortada mesmo com a mão. Portanto, não há porque procurar um encaixe perfeito entre peças que se sobrepõem em alguns pontos e em outros é impossível encontrar uma semelhança.

P5

Você poderia também dizer que este *mosaico* é formado por recortes de cópias diferentes de uma mesma imagem que você está tentando reconstituir. Algumas cópias são coloridas, outras em preto e branco, algumas estão desbotadas pelo tempo, outras estão com um efeito de sépia, mas todas proveem de uma mesma foto.

André Barboni

Perfeitamente, professor. Mas note como o fato do *Sistema (Matriz Holopoiética Fundamental)* ter sido excluído da nossa figura 1 é providencial.

P5

Como assim?

André Barboni

A fragmentação do *conhecimento* se dá também em função do nosso afastamento da MHF.

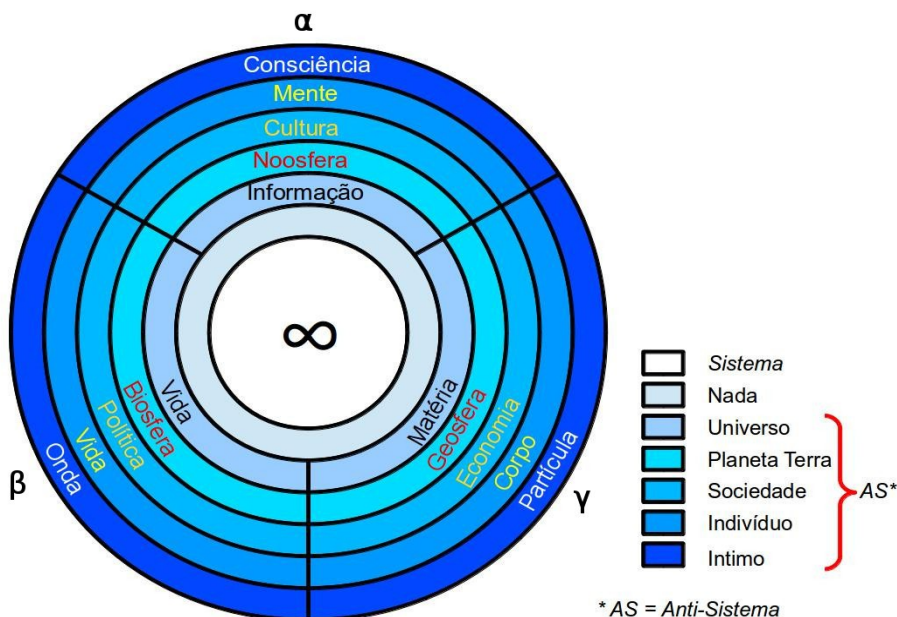
P2

Você está usando *Sistema e Matriz Holopoiética Fundamental* como sinônimos?

André Barboni

Bem lembrado, professor. Para mim esses são termos que podem ser utilizados como sinônimos, pois no fundo eles representam a mesma coisa conceituada, mas para evitar maiores confusões eu vou utilizar o termo que eu estou mais familiarizado, ou seja, daqui para frente eu vou utilizar a palavra “Sistema” para me referir ao que estamos tentando *entender* como essa “matriz”, esse “organismo complexo e perfeito”, essa “energia”, fora do tempo e do espaço, que deu origem a toda a *Physis*. Mas, na figura 2, eu ainda vou me valer da denominação utilizada por Pierre Weil (1993) para dar uma noção de como a visão de holograma se aplica a tudo o que existe e como, mais uma vez conseguimos correlacionar o pensamento destes dois autores com muitos outros pensamentos que vieram antes e que virão depois deles.

Figura 2 – A Matriz Holopoiética Fundamental, com vários níveis de fragmentação, interpretada por André René Barboni a partir do trabalho de Pierre Weil (1993).



P2

Interpretada? Que tipo de modificação você introduziu nessa figura?

André Barboni

A figura 2 é na realidade, uma composição de várias figuras encontradas no trabalho de Pierre Weil (1993). A primeira modificação introduzida foi ampliar a área do círculo referente ao *Sistema* e reduzir a área correspondente ao *Nada*. Associar essas áreas ao *Sistema* e ao *Nada* também fazem parte da minha interpretação. Pierre Weil não faz tal associação, pelo menos não nesse trabalho e, até agora, eu não tenho qualquer indicação de que ele seja leitor de Pietro Ubaldi. Os demais níveis, para mim, representam o *Anti-Sistema*, outro *conceito* de Ubaldi ou a *Physis*.

Note que o *Anti-Sistema* ou a *Physis* representa a porção do todo que caiu. Assim a *teoria da queda* de Ubaldi está também aqui representada e aquilo que era Uno se fragmenta em três em todos os níveis que se possa imaginar. Eu organizei os níveis de uma maneira que ficasse didática e procurei utilizar uma única palavra para representar cada elemento. Pierre Weil (1993) utiliza o termo “luz” ao invés de “onda” na camada que eu chamei de “intimo”. Creio que o termo que eu utilizei é mais apropriado. Na camada “sociedade” eu procedi, ainda, duas modificações: 1- substituí “vida social e política” por “política” e; 2- substituí “produção de bens” por “economia”. Isso atende ao critério de utilizar uma única palavra para representar o que se quer dizer sem cometer maiores distorções desde que se considere o *sentido lato* destas palavras. E é justamente isso o que estamos fazendo aqui.

P2

Com isso, podemos dizer que a figura 2 não pertence mais a Pierre Weil, mas é uma criação sua?

André Barboni

Pode-se dizer que sim. Eu me vali de *conceitos* produzidos por um autor para construir as minhas próprias ferramentas mas, até por uma questão ética, não posso deixar de apresentar a “certidão de nascimento” delas. Mas note que agora eu tenho duas *chaves de conhecimento* para começar um trabalho de síntese ou construção. Eu vou me valer destas ferramentas mais tarde.

P2

Então você pretende construir alguma coisa?

André Barboni

Sem dúvida alguma. Muitos autores se limitam ao trabalho de análise, na realidade a

grande maioria deles. São poucos os trabalhos de reunião dos *conhecimentos* fragmentados sintetizando um *arcabouço teórico* capaz de nos ajudar a *compreender* o que de fato se dá, ou pelo menos que ousam fazê-lo.

P2

Arcabouço teórico?

André Barboni

Sim. No fundo, tudo não passa de teorias que construímos para tentar *compreender* aquilo que, de alguma forma, nos “toca”. Que despertou a nossa curiosidade. Tratar tudo como teoria e não como uma coisa certa e evidente é um dos princípios que elegemos para a construção do “nosso sistema filosófico”. Mas eu não posso deixar de observar, aqui e agora, que eu não posso afirmar categoricamente que tenho um *sistema filosófico* pronto e acabado, no entanto, tudo o que eu me atrevo a dizer é que ousar ter coragem de dar os primeiros passos nesse *sentido* e para isso, só posso me valer daquilo que li, aprendi e vivenciei em minha vida e para ser universal tenho, então, que me valer justamente disso e “falar da minha aldeia”. Falar daquilo que temos intimidade, que nos cerca, que nos “toca” é, então, outro princípio que eu adoto na construção dessa “minha *filosofia*”. E é justamente isso que me dá prazer, que me faz feliz e que eu não posso abrir mão, pois fazê-lo seria o mesmo que abrir mão do ar que respiro.

P2

Por isso você recusa tão veementemente a fazer um trabalho nos moldes do “estruturalismo”?

André Barboni

Correto! Mas note que eu ainda não estou satisfeito, pois a minha caixa de ferramentas ainda não está completa. Falta-me ainda um pequeno conjunto de ferramentas fundamentais que impõem um divisor de águas e que torna a minha vista clara e transparente. Onde eu consigo enxergar, com muita nitidez, uma série de equívocos no pensamento e no comportamento das pessoas e me permite determinar uma rota mais segura e certa para atingir meus objetivos.

P2

Que conjunto de ferramentas?

André Barboni

As ferramentas trazidas por Kardec. Elas me permitem me livrar dos erros do *materialismo* sem abrir mão da minha racionalidade.

P2

Explique isso melhor...

2.2.7 Os fundamentos do referencial materialista

André Barboni

Se nós observarmos bem a história da humanidade veremos que existem dois e apenas dois grandes *referenciais*. Por *referencial* devemos *entender* todo um arcabouço de crenças, leis e princípios que norteiam a nossa forma de pensar, sentir, se expressar, etc. No campo das *ciências*, poderíamos recorrer à palavra “paradigma” de Thomas Kuhn, mas se utilizássemos tal palavra estaríamos empobrecendo o nosso *conceito* e criando confusões com os comentadores de Kuhn que nos criticariam dizendo que estaríamos utilizando o seu *conceito* indevidamente. O *conceito* de *referencial*, portanto, não se aplica só ao campo da *ciência* mas a tudo mais. Assim, se tomarmos por referência a figura 1, nós diríamos que o *referencial* se aplica também ao campo da *filosofia*, da *religião* e da *arte*. Ao homem integral enfim, posto que o homem não é só movido pela *razão* e pela *sensação*, mas também pela *intuição* e seus *sentimentos*.

P3

Você disse que existem apenas dois *referenciais*. Quais são eles? Além disso, você deu a impressão agora de que a figura 1 se refere ao homem. Explique isso melhor.

André Barboni

Obrigado professor, mas eu não estou perdido. Apenas preciso introduzir mais alguns elementos para que possamos *compreender* a lógica do pensamento que eu estou tentando expor. Assim, é preciso esclarecer que a figura 1 é uma representação não só da fragmentação do *conhecimento*, mas também expressa a nossa própria fragmentação, pois ela também é uma forma de representação do próprio homem e de padrões que costumamos seguir, individual ou coletivamente. Sistemas complexos são construídos a partir de princípios simples que por recursividade e interação geram coisas que a primeira vista parecem muito complicadas. Se descobrimos e identificamos esses princípios podemos estudar estes sistemas através de um método que Pietro Ubaldi emprega, que eu chamaria de “voo em espiral”. No que consiste ele, faz-se um primeiro voo e se identifica alguns princípios e *conceitos*, em um segundo sobrevoa a nossa visão não é mais a mesma e agora conseguimos enxergar detalhes que nos escapavam. Em termos de *conhecimento*, podemos dizer que a espiral é ascendente e que seus círculos vão aumentando de diâmetro. Assim, eu peço um pouco de paciência, pois cada vez que usamos

nossas ferramentas, elas parecem um pouco diferentes, mas os *conceitos* são assim, vocês já repararam nisso? Sejam eles expressos em palavras, na forma de um esquema como o das figuras 1 e 2, como um símbolo ou outra coisa qualquer, eles sempre tem a capacidade de nos surpreender revelando novas facetas quando o utilizamos em abordagens diferentes.

P2

Que seja, e quanto à questão dos dois *referenciais*?

André Barboni

Como eu disse, esses dois *referenciais* representam duas formas de se ver, pensar e sentir o *mundo*, mas eles são contraditórios.

P2

O que quer dizer que eles mutuamente se excluem.

André Barboni

Exato! Somente um está certo e um deles tem, necessariamente, que estar errado. Não existe um meio termo aqui. Não há como tentar ser conciliador e dizer para o grupo de pessoas que abraçaram o *referencial* errado, que elas, de alguma maneira, podem estar certas. Não! Elas simplesmente estão baseando as suas vidas em uma visão equivocada. Estão construindo todo um edifício em cima de uma fundação que não se sustenta e o desastre pode se dar a qualquer momento e não há o que elas possam fazer a não ser que mudem de *referencial*. Isso pode parecer cruel, mas é a mais pura verdade.

P2

Eh...

André Barboni

Os *referenciais* a que eu me refiro são o *espiritualista* e o *materialista*. O primeiro diz que temos um princípio inteligente que é imaterial e que sobrevive à morte deste nosso corpo físico corruptível, pois é imortal. O segundo, reconhece a existência de um princípio inteligente, mas diz que o mesmo é fruto das leis que regem a *matéria*. Uma vez que esse nosso corpo físico morre, este princípio inteligente se finda com ele. Note que aqui temos uma situação que é dicotômica: ou o princípio inteligente, reconhecido por ambos os *referenciais*, sobrevive à morte do corpo físico ou se finda com ele.

P2

Mas aí você está entrando em uma questão religiosa.

André Barboni

Não! A questão é de base filosófica e tem tudo a ver com a *questão fundamental da filosofia*, posta por Heidegger: “por que simplesmente o ente e não antes o Nada?”. Dizer que esta é uma questão de ordem religiosa já implica uma visão *materialista*.

P2

Mas é essa a visão acadêmica atual.

André Barboni

Agora sim chegamos no ponto que me interessa trabalhar. Como se deu essa “visão acadêmica atual”? Como ela foi construída? Foi sempre assim? Ela está no caminho certo rumo à *verdade*? Ou ela está nos conduzindo rumo a um precipício?

P3

Certamente ela não foi sempre assim. No passado a *Igreja* ditava o que era certo e o que era errado a partir da sua interpretação da Bíblia. Mas depois de Galileo o *mundo* não foi mais o mesmo. As descobertas científicas desde Isaac Newton até as imagens mais recentes de nossos satélites e sondas espaciais só fazem confirmar que o que a *Igreja* dizia estava errado. Portanto, se existe um *referencial* correto dentre os dois que você apontou, parece que o *referencial materialista* é o vencedor.

André Barboni

É essa a impressão que temos. Não é mesmo? Mas por que, então, isso não nos satisfaz? Por que bem lá no fundo isso nos incomoda?

P2

Isso não me incomoda.

P3

Durante um tempo isso não me incomodou. Mas ultimamente...

P2

Você está ficando velho...

André Barboni

Será que a crença em uma vida após a morte não passa do fruto de uma necessidade, que nós temos, de resistir a algo que nos é inevitável? Uma tentativa vã de continuar a existir? Uma forma ingênua de buscar consolo para algo que nos apavora? O *Nada*.

P2

Do *Nada* viemos, para o *Nada* voltaremos! O *Nada* é *Deus*! Ou, então, *Deus* é *Nada*!

André Barboni

Seria essa a base do pensamento *materialista*?

P2

Acho que a base não está no *Nada*, mas na própria *matéria*. As próprias leis que regem a *matéria* são necessárias e suficientes para gerar a vida e explicar tudo o que há. A visão de um *Deus* que nos criou a sua imagem e semelhança, que criou o *mundo* em seis dias e descansou no sétimo e que criou os animais e a natureza tal como eles se nos apresentam, hoje em dia, já foi desmistificada pela *ciência*.

André Barboni

É por isso que a figura 1 é tão importante para essa discussão.

P2

Como assim?

André Barboni

A figura 1 nos apresenta o *conhecimento* fragmentado em quatro grandes áreas. Pierre Weil (1993) a construiu baseando-se nos tipos psicológicos de Jung e note que *ciência* se contrapõe à *religião* assim como *filosofia* se contrapõe à *arte*. Entre *ciência* e *filosofia* temos a *razão* e entre *ciência* e *arte* temos a *sensação*. A *sensação* é a base da experimentação e boa parte dos debates filosóficos dos últimos tempos tem sido a discussão polêmica entre *racionalistas* e *empiristas* em cujo fundamento estão respectivamente a *razão* e a *sensação*. Justamente as duas “asas” da *ciência*. É com essas “asas” que o cientistas ou o tipo psicológico de visão científica consegue alçar voo rumo ao *conhecimento*. Mas note que a linha tracejada em vermelho, que eu introduzi na figura original, divide essa figura em duas partes. O lado esquerdo, ou o lado da *ciência*, está inteiro, o mesmo se dá com o lado da *religião*, mas a *filosofia* e a *arte* estão divididas e não mais são reconhecidas, hoje em dia, pelas pessoas comuns, como áreas produtoras de *conhecimento*.

P2

De fato, hoje em dia, a maioria das pessoas acham que só o *conhecimento científico* é que é verdadeiro, mas em um passado que muitos querem esquecer, a *religião* é que determinava o que era verdadeiro ou não. Este costume ainda pode ser observado em certos países e comunidades regidas pela *religião*.

André Barboni

Para mim, é justamente essa mudança de *paradigma*, ou melhor de *referencial*, que foi a maior contribuição do *materialismo*. Para muitos, isso pode ter sido um grande ganho, mas eu pretendo mostrar que o ganho não se deu por essa mudança de *referencial*, mas por outras causas e que querendo fugir de algo ruim caímos na mesma armadilha em que nos encontrávamos.

P2

Explique isso melhor.

André Barboni

Sempre que se tem uma coisa como certa e verdadeira temos a tendência de achar que tudo o mais que se contrapõe ou que parece se contrapor a essa coisa, pouco ou nada vale. A desvalorização destas outras coisas é o primeiro passo para se cair nessa armadilha a que eu me refiro e isso pode ser considerado mais um princípio que elegemos para a *filosofia* que um dia, quem sabe, seremos capaz de propor. Ou seja, ***ao desvalorizarmos uma coisa assumimos uma série de atitudes que geralmente nos conduzem a uma posição que queremos evitar e que desprezamos. Ao acolhermos essa coisa e darmos a ela o seu devido lugar adquirimos o equilíbrio e a serenidade necessárias à verdadeira sabedoria.***

P2

Você quer dizer, com isso, que para fugir dos abusos religiosos adotamos o *materialismo* que nos conduziu a uma *ciência* que despreza e serve de base para apoiar esse desprezo pelas coisas religiosas e que isso nos conduz a adotarmos o mesmo tipo de atitude que condenávamos?

André Barboni

Exatamente isso, mas para que as coisas possam ficar mais claras é necessário retomar alguns pontos que eu trabalhei na minha tese de progressão de carreira que o senhor conhece³⁶.

P2

Vejamos, então.

André Barboni

Primeiro – o *conhecimento* nem sempre esteve fragmentado como hoje. Os antigos gregos não separavam estas áreas como nós a separamos. Para eles, o *conhecimento* poderia ser atingido pela poesia e pela música, as previsões dos oráculos eram levadas à sério e os *filósofos* tinham um destaque especial em sua sociedade. A própria *ciência* não era vista como ela é hoje. Buscava-se um equilíbrio e uma integração entre as coisas do *espírito* e da *matéria* como algo

³⁶ Vide Barboni (2013).

que conduziria à verdadeira *sabedoria*. É preciso resgatar isso para que possamos evitar as doenças que a hipertrofia e/ou a hipotrofia de uma dessas áreas nos causa.

P2

A *saúde* estaria no equilíbrio? *Mente* são em corpo são, como diriam os gregos?

André Barboni

Precisamente. A gente vai *entender* isso melhor um pouco mais a frente. Em segundo lugar, o fato de não privilegiar qualquer destas áreas nos permite manter uma *abertura de sentidos* para o que elas nos podem revelar. Ao tomarmos uma coisa como certa e segura, nos fechamos à possibilidade dessa coisa não ser certa e nem segura. Com o tempo, muitas dessas coisas que tomamos como verdadeiras se mostram equivocadas e isso nos conduz, muitas vezes, à situações embaraçosas nas quais tentamos justificar o injustificável. Portanto, *nada é certo e seguro*. Este é um princípio universal que adotamos.

P2

Mas se ele é universal, isso também se aplica a ele o que implicaria em que deve haver algo que seja certo e seguro. Isso não é incoerente?

André Barboni

Mas esse princípio não descreve uma certeza, mas norteia uma atitude.

P4

A da dúvida cética!

André Barboni

Precisamente. Se tudo é passível de erro, então, não existe autoridade e tudo pode não ser como eu penso que seja. Assim, eu posso partir do princípio de que tudo são hipóteses e conjecturas que me dão uma certeza relativa, mas que pode ter que ser repensada se certas condições deixarem de ser satisfeitas. Ou seja, não trabalho mais com *verdades absolutas*, mas relativas e não posso deixar de ter plena consciência disso sob o risco de cair na tal armadilha. Agindo assim, estou sempre aberto para *conhecer* e isso é fundamental pois me permite rever minhas posições, sempre que necessário, e me protege de tentar justificar o injustificável só porque o considero uma “verdade absoluta”.

P2

Certo! Me parece razoável isso que você está dizendo, mas no seu trabalho de progressão³⁷,

³⁷ Vide Barboni (2013).

você procura mostrar que a linha tracejada em vermelho, na figura 1, é uma espécie de “muro da vergonha” que foi construído historicamente. Fale mais sobre isso.

André Barboni

Para isso eu me vali de outra chave de *conhecimento* que nos foi legada por Pietro Ubaldi e que está presente em quase toda a sua obra: os **tipos biológicos forte, astuto e justo**³⁸.

P2

Eu me lembro deles. Você os tem utilizado em muitos dos seus trabalhos.

André Barboni

De fato. Para Ubaldi (1939), existem três tipos biológicos diferentes, dois deles (o *forte* e o *astuto*) agem de forma egoística enquanto que o *justo* age de forma altruística. O tipo *forte* faz uso da força para impor a sua *vontade* e é o menos evoluído dos três. Já o tipo *astuto*, com inteligência mais desenvolvida, se utiliza da *mentira* e de vários outros artifícios para enganar, ludibriar e de forma mais flexível conseguir atingir seus propósitos. O tipo *justo* despreza a *mentira*, é tão ou mais inteligente que o tipo *astuto*, mas age de forma altruísta. O seu compromisso é com a *verdade* e com o modo certo de agir.

P2

Só existem esses três tipos?

André Barboni

Para Ubaldi (1939), sim, mas cada um de nós traz em si esses três tipos misturados de alguma forma. Predominantemente agimos de acordo com a lógica de um deles, mas a nossa caminhada evolutiva segue no sentido do *justo*. A grande maioria das pessoas, hoje em dia, segue a lógica do *astuto* e assumir uma postura de *forte*, não é lá muito “politicamente correto”. Embora muito se fale de justiça, e muitos se preocupem em “fazer a coisa certa”, são poucos os exemplos de *justos* que temos na história da humanidade.

P2

Ou seja, *justo* é como um ideal evolutivo que buscamos, mas que poucos conseguem atingir verdadeiramente, mas enquanto não conseguimos atingi-lo, buscamos ou devemos buscar, no nosso dia a dia, sempre que possível, “fazer a coisa certa”. Essa é a atitude que cada um deveria cultivar. É isso que você está querendo dizer?

³⁸ Para maior aprofundamento vide os seguintes livros de Pietro Ubaldi (1939, 1952, 1953b, 1953c, 1953d, 1954b, 1954c, 1954d, 1956, 1959, 1960, 1961, 1965a, 1965b, 1965c, 1966, 1967, 1971, 1972, 1974, 1993).

André Barboni

Precisamente. E de uma forma geral é o que a humanidade tem feito ao longo da sua história, pois as monarquias absolutistas e os governos ditatoriais que representam o domínio da lógica do *forte* tendem a se tornar mais raros cedendo espaço para as *democracias* que obedecem a lógica do *astuto*. As nossas referências filosóficas se principiam em um tempo e em um espaço também considerado o berço da *democracia*. Mas eu defendo que deve existir, então, um tipo de governo que opere na lógica do *justo*. A esse governo eu chamo de *meritocracia intelecto-moral*.

P8

Meritocracia intelecto-moral?

André Barboni

Um sonho almejado por Platão e muitos outros, mas que, na minha modesta opinião, só pode ser alcançado no momento em que exista na sociedade uma *massa crítica de justos*. Enquanto isso não se der, tentativas de construção da tal *meritocracia intelecto-moral* só redundarão em terríveis governos ditatoriais. Mas a discussão sobre isso precisa ser postergada.

P8

Por quê?

André Barboni

Porque ainda precisamos trabalhar alguns elementos para que este assunto fique claro e devidamente discutido. Assim, se da Grécia antiga até os dias de hoje, o *mundo* girou em torno da lógica do *astuto* e do *forte*, podemos dizer que as decisões, na maioria das vezes, sempre foram tomadas de forma egoística. Precisamos, então, *entender* isso para *compreendermos* como chegamos aonde chegamos e como podemos conduzir o nosso destino rumo a uma objetivo maior, melhor e mais nobre.

P2

E isso inclui *entender* o papel do *materialismo* nesse processo?

André Barboni

Exatamente, pois o *referencial materialista* tem sido construído nessa *lógica egoística* na qual os interesses pessoais ou de um grupo restrito sempre foram colocados acima dos interesses da maioria. E, notadamente, isso se deu no seio da *Igreja*. Se analisarmos a sua história, veremos que a mensagem do Cristo contrapunha a figura de um *Deus* que é pai e amoroso a um *Deus* vingativo. Segundo essa mensagem, deveríamos nos deixar guiar pela “lei do *amor*” amando a *Deus* sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Se amamos a *Deus*, respeitamos

tudo o que ele criou, cuidamos e reverenciamos toda a *criação*, pois devemos honrar o nosso Pai Maior e faz parte disso amar o nosso próximo. Esse é o nosso dever, nossa obrigação e nossa alegria. Amá-los como a nós mesmos é o padrão que devemos tomar para que lhe façamos sempre aquilo que gostaríamos que nos fosse feito caso estivéssemos em seu lugar. Essa é a típica mensagem do *justo*. E essa foi a missão de Jesus: mostrar o caminho para a nossa *evolução espiritual* e fazer a humanidade avançar para um novo patamar. Mas note que para o *justo*, “ser” é muito mais importante do que “parecer”. Por isso é que ele faz o que fala e vive o que prega.

A6

E essa mensagem se contrapõe a do “devemos amar aqueles que nos amam”, pois *Deus* só ama a quem lhe é obediente. Aos infiéis e aos nossos inimigos toda espécie de *dor* e sofrimento lhes deve ser infringido.

André Barboni

Correto, mas note que não foi isso o que se viu nas ações dessa *Igreja* que em uma determinada época mandava para a fogueira quem ousasse pensar diferente dos seus “doutores”.

A6

Que de alguma forma colocasse em xeque os seus dogmas!

André Barboni

Pois era muito perigoso contrariar ou ferir a susceptibilidade das autoridades dessa *Igreja*, nesta época, mas nem sempre foi assim.

A3

No início os cristãos gozaram de uma liberdade maior para pensar e agir, mesmo quando foram perseguidos. Mas como eles passaram de perseguidos a perseguidores?

André Barboni

A mensagem do Cristo, ou de qualquer outro *justo* ou missionário traz sempre uma novidade que consola, alivia e liberta um determinado público-alvo, mas incomoda um outro grupo que goza de um certo prestígio e poder e que não quer sair da sua “zona de conforto”. Geralmente a ação é violenta e cruel e quando essa violência não é física, nem por isso, ela não deixa de ser cruel. As pessoas a quem essa mensagem se destinava buscaram logo espalhá-la o máximo possível. Assim, com as primeiras perseguições, os cristãos se dispersaram o que facilitou a divulgação da sua mensagem. Quanto mais aumentava a perseguição, mais a mensagem era espalhada, principalmente, entre os oprimidos do Império Romano que dia a dia se corrompia e sofria novas ameaças, interna e externamente.

A3

Estaria aí uma prova da interferência divina?

André Barboni

Para muitos sim. Mas, de qualquer maneira a mensagem ia se espalhando, mas também se diluindo e sofrendo novas influências e chegou um momento por volta do século IV d.C. em que os cristãos reagiram ao invés de oferecer a outra face.

A3

Conforme seria de se esperar se houvesse coerência com a mensagem original?

André Barboni

Exato! Neste momento os dirigentes desse império decadente se espantaram com uma reação inesperada e perceberam que estavam diante de uma força poderosa que precisavam controlar para se manter no poder e foi aí que surgiu a poderosa *Igreja Católica Apostólica Romana*. Observe que essas são linhas gerais que me dizem que o Império Romano, com toda a sua estrutura, em um certo período da humanidade resolve, tal como um camaleão, mudar de cor, se travestir com uma outra roupagem e continuar tirando vantagem de um meio ambiente em que ele se encontrava. Essa é uma atitude típica do *astuto*. Ele mudará de aparência sempre que lhe convier. Mas a mudança é somente aparente, no fundo ele continua sempre o mesmo.

A3

Ele só o faz para continuar usufruindo das vantagens que ele tinha até então e, se possível, ele procurará auferir novas vantagens, não é mesmo?

André Barboni

É essa a intensão. Você pode procurar na história da humanidade e mesmo no nosso dia a dia e verá que é sempre assim. Desta forma, a *Igreja* que tantos criticam, embora vestida com o manto da *religião*, não passa do Império Romano, com toda a sua estrutura, fazendo o que sempre fez, expandindo o seu poderio pelos quatro cantos do *mundo*. A lógica é militar, a estratégia se sofisticou, os métodos nem sempre são sutis e todos, agora, devem se submeter. Em nome de *Deus*, não há mais limites para a sua ambição. Quem se opor terá que sofrer as consequências nesta e na outra vida. Note que agora a astúcia dos homens se apropriou de algo sagrado e usou de toda a sua inteligência para distorcer fatos e criar artificios que lhe permitissem atingir os seus propósitos.

A3

Como não se revoltar contra isso?

André Barboni

A *mentira*, arma predileta do *astuto*, tem perna curta. Qualquer um com um pouco de inteligência e raciocínio lógico, mais cedo ou mais tarde, se revoltará contra esses abusos e nem todos serão capazes de separar a mensagem do *justo*, da ação dos *astutos*.

A6

Lutero tenta fazer isso.

André Barboni

Ele e muitos outros, mas o poderio da *Igreja* é muito grande e muitos pagam com a própria vida por tal ousadia. Eram tempos perigosos cujo perigo atiçava as *mentes* mais brilhantes a desafiarem tal poderio.

A3

Como Copérnico, Galileo Galilei e René Descartes?

André Barboni

O caso de Galileo Galilei é sempre lembrado e trazido à baila para mostrar como foi importante construir essa linha divisória que separa *ciência* de *religião* e como a *verdade* deve ser buscada pelos caminhos da *ciência*, pois só ela é capaz de se contrapor a essa *Igreja* dogmática. É importante mostrar, aqui, que esse caso é um exemplo inequívoco de que posições hegemônicas nem sempre são corretas e que pessoas que nos apresentam visões que contrariam basicamente tudo o que nos permitem explicar as coisas como elas são e parecem ser, precisam ser levadas mais a sério, pois podem estar vislumbrando algo que, no futuro, se mostrará mais apropriado para descrever aquilo que hoje nossa limitada capacidade de *compreensão* não é capaz de *entender*, mas o caso Galileo não é único.

P3

E você quer dizer que este tipo de coisas continua acontecendo?

André Barboni

Muito mais do que a gente possa supor e sempre que alguém se propõe a comentar um autor e se torna autoridade nesse autor. Sempre que alguém tenta estabelecer limites entre o que tem valor e o que deve ser desprezado, isso se dá.

P3

Você, então, se posiciona contra as demarcações em *ciência*?

André Barboni

Não só em *ciência*, mas em tudo o mais.

P3

Mas é preciso estabelecer parâmetros que diferenciem o que é científico do não-científico, para se evitar que se pesquise algo que a metodologia científica não da conta de tratar.

André Barboni

O senhor nos lembrou de algo importante, do que vem depois do “para”. Na minha opinião, essas demarcações só fazem indicar os limites de tal ou qual metodologia. Achar que elas fazem algo mais é transformá-las em um dogma e cair na armadilha que queremos evitar. Se temos consciência que essas demarcações indicam apenas os limites das ferramentas que utilizamos, podemos, então, pensar em outras maneiras de superar esses limites e, assim, encontrar um caminho que nos permita tratar algo que estas ferramentas não conseguem lidar. É fundamental que percebamos que o apego a essas demarcações como *verdades absolutas* (*dogmas*) se constitui em uma tentativa de garantir um território de poder por parte de um leão que ficou velho e tem medo da nova geração que se apresenta. Se tomarmos a “lei de Linus” como referência eu diria que é a tentativa de garantir a manutenção do *status quo* a principal motivação dessas pessoas. E como diria o autor dessa lei: eles são capazes de matar e morrer por isso. Portanto, devemos ter todo cuidado.

P2

Mas a *Igreja* fez isso, mas não foi capaz de impedir o progresso da *ciência* que mostrou que o *materialismo* é o *referencial* correto.

André Barboni

Na realidade não mostrou. O que aconteceu é que a *astúcia materialista* se imiscuiu no seio da *religião* e a desvirtuou. Com isso provocou reações sinceras, mas que também, com o tempo foram contaminadas pelo *materialismo*. Sua ação tem seguido a *lógica da astúcia* e tem provocado perdas que nos é impossível quantificar. Por outro lado, o *espiritualismo* continua resistindo bravamente a esses ataques e isso se deve, principalmente, ao fato de que cada um de nós, bem lá no fundo tem um tremendo pavor do *Nada*. O *Nada* é tudo o que o *materialismo* nos oferece como princípio e como fim e isso não é consolador.

P2

Mas isso só comprova que o *espiritualismo* não passa de uma ilusão consoladora para algo que tememos.

André Barboni

Pode-se pensar assim, mas será que não existe algo mais nessa história?

P2

O quê, por exemplo?

André Barboni

O homem passou a ser reconhecido como tal, ao longo da sua *evolução*, a partir do momento em que se observou nos achados arqueológicos vestígios que revelavam uma certa preocupação e cuidado com os mortos e com o além. Em todas as culturas se observa uma certa relação com o divino e essa relação também passa por um processo evolutivo. Neste processo, as relações mais primitivas são de temor e tentativas de agradar algo que reconhecidamente tem poder de vida e morte sobre seus adoradores. Isso conduz à adoração de várias divindades antropomórficas ou não, mas que precisam ter sua ira aplacada e se agradadas podem nos conceder favores especiais e *milagres* [algo que consegue subverter as leis naturais]. Embora a *ciência* nos permita livrar de muitas dessas crenças ela não tem força suficiente para eliminá-las, pois esse é um anseio muito forte no ser humano.

P2

Mas isso não quer dizer que esses deuses sejam verdadeiros.

André Barboni

Nem que temos uma *alma* imortal. Mas é importante considerar que em um dado momento alguém aparece com a ideia de um *Deus* único, e todo poderoso, que viria acabar com a disputa de qual é a melhor divindade. Evidente que quem já tinha a sua divindade não gostou muito lá dessa história, principalmente aqueles que se colocavam como intérpretes e intermediários entre essa divindade e os seus adoradores. Pode-se ter uma boa ideia do que eles são capazes quando se analisa o caso do faraó Akhenaton que tentou introduzir a figura de um *Deus* único no Egito cerca de cem anos antes que Moisés tirasse o seu povo daquela terra.

P2

Então, os cultos que pregam a existência de um *Deus* único seriam uma *evolução* daqueles que pregam a existência de vários deuses?

André Barboni

De certa forma sim, pois eles remetem à origem de tudo. Pois se tudo tem uma causa, há de existir uma causa primeira e essa causa inteligente só pode ser *Deus*.

P2

Que exista uma causa primeira eu até entendo que seja uma necessidade lógica, mas que essa causa seja inteligente é uma outra história. Também pode-se pensar que tudo não passa de uma eterna transformação de uma *matéria* que sempre existiu.

André Barboni

Não discordo, mas reconhece-se a causa pela grandeza dos seus *efeitos*...

P2

E o que isso implica?

André Barboni

Que dado o grau de complexidade e biodiversidade que se tem. Para muitos seria impossível que o *acaso* conseguisse fabricar tudo isso que conhecemos. Assim, é natural pensar que exista uma Inteligência Maior capaz de conduzir todo esse processo.

P2

Mas Darwin provou que o tempo e a seleção natural são responsáveis por essa enorme biodiversidade.

André Barboni

Será? Isso ainda é bastante controverso. Em todo o caso há de se considerar que, seja por bem ou pela força, a ideia de um *Deus* único acabou se espalhando, foi aceita por grande parte da humanidade e tem sido alvo de debates filosóficos há centenas de anos. Junto com essa discussão se encontra o debate entre *materialistas* e *espiritualistas*. Note que são duas questões distintas e que há *espiritualistas* que rejeitam a ideia de *Deus*.

P7

Como os budistas.

André Barboni

Exato. Portanto, a questão que estamos tratando no momento diz respeito a termos ou não uma *alma* imortal, que constituiria na nossa essência, que resistiria à morte do corpo físico e manteria a nossa identidade. Mas é fundamental dizer ainda que a mensagem trazida por Jesus de Nazaré ressalta para esse *Deus* único do seu povo uma característica que poucos notavam.

P2

Qual?

André Barboni

Ele não quer o nosso temor, mas o nosso *amor*. O caminho do Cristo é um caminho de *amor*. Devemos desconfiar de qualquer coisa que se contraponha a isso. Essa é uma boa regra para diferenciarmos o que pertence à sua mensagem original do que foi introduzido pela astúcia dos homens. Mas como eu disse antes, temos aqui duas questões filosóficas e em um primeiro momento nos interessa descobrir qual *referencial* devemos confiar: no *materialista* ou no *espiritualista*. Se optamos pelo *materialista*, a segunda questão parece se esvaziar.

P2

Concordo.

André Barboni

Estamos diante, portanto, de duas *crenças*: a *materialista* e a *espiritualista*.

P2

Crenças? Você irá tratar esses *referenciais* como *crenças*?

André Barboni

Acredito que essa é a melhor abordagem e segundo Russell (2005): 1- a teoria da verdade deve admitir o seu oposto, a falsidade; 2- se não houvesse nenhuma crença não haveria falsidade nem verdade, pois a verdade e a falsidade são propriedades das crenças e dos enunciados; 3- a verdade e a falsidade de uma crença sempre depende de alguma coisa externa à própria crença. Assim, só podemos determinar a verdade ou a falsidade dessas crenças com algo que seja externo a elas e é justamente aí que entra o trabalho de Kardec.

P2

Mas o trabalho de Kardec não estaria dentro do referencial *espiritualista*?

André Barboni

Na realidade ele se deu a partir de uma investigação científica. Se nós considerarmos que para verificar a *verdade* ou *falsidade* de uma *crença* é necessário um *experimento*, eu diria que Kardec, com o seu trabalho, nos legou não só uma gama de experimentos, mas toda uma *ciência* capaz de por um fim a esta questão.

A7

Vejamos, então, eu agora fiquei interessada!

2.2.8 A morte do *referencial materialista*

André Barboni

Na segunda metade do século XIX, na França e em toda a Europa, aconteceram uma série de fenômenos que ficaram mundialmente conhecidos como mesas girantes. Ignorado inicialmente por Kardec, ele se viu obrigado à investigá-los após relatos de pessoas sérias de sua inteira confiança. Cético, e conhecedor do magnetismo, ele procurava encontrar alguma explicação científica para tais fenômenos desde que fosse descartada a hipótese de fraude.

A7

Mas estes fenômenos não começaram na América?

André Barboni

De fato eles sempre existiram, mas em 11 de dezembro de 1847, como nos é relatado pelo famoso escritor Arthur Conan Doyle³⁹, uma família de fazendeiros canadenses se instala na cidade norte americana de Hydesville, no estado de Nova Iorque.

A7

Arthur Conan Doyle, o criador de Sherlock Holmes? Ele era espírita? Isso é mesmo verídico ou é ficção?

André Barboni

Sim, para as duas primeiras perguntas e quanto à terceira, cada um pode tirar suas próprias conclusões. Assim, continuando a narrativa, além do pai (John D. Fox) e da mãe (Margareth Fox), de *religião metodista*, o grupo familiar que residia nesta casa no tempo das manifestações, de acordo com o relato de Conan Doyle (2008), compunha-se das filhas Margareth (14 anos) e Kate (11 anos). Os antigos inquilinos já haviam notado estranhos ruídos que, pelo visto, parece não foram observados ou não incomodaram a família até meados de março de 1848. Desta data em diante cresceram continuamente de intensidade e às vezes eram simples batidas e outras vezes soavam como o arrastar de móveis.

As meninas ficaram tão impressionadas que iam dormir no quarto dos pais. De tão vibrante que era o som, as camas tremiam e se moviam. Todas as investigações foram feitas e todas as tentativas de explicação para os fatos ocorridos falharam. Finalmente, na noite de 31 de março ocorreu uma irrupção de sons muito altos, inexplicáveis e continuados e, intuitivamente, a jovem Kate Fox desafiou, com palavras brandas, a força invisível a repetir as batidas que ela dava com os dedos. Qual não foi a surpresa, de todos, quando o desafio foi imediatamente respondido.

³⁹ Doyle (2008).

Estabeleceu-se, então, uma consistente comunicação com aquela “inteligência invisível” que dizia ser o *espírito* de um homem assassinado naquela casa, à cinco anos, por um antigo inquilino que o matou por causa de dinheiro e o enterrou na adega a dez pés de profundidade. Descendo à adega, a comissão de investigação, que se formou, escutou golpes pesados e brutais que soavam, aparentemente, vindos de dentro da terra, quando o investigador principal estava no meio do citado aposento. Isso parecia indicar o local da sepultura. Ao cavarem o local eles descobriram os restos mortais de um homem que correspondia à descrição do “espírito”. Não é difícil imaginar a impressão que isso causou em todos.

Mais tarde, um vizinho chamado Duesler teve a ideia de usar o alfabeto para obter respostas e por essa maneira foi revelado o nome do morto, Charles B. Rosma. Segundo Conan Doyle (2008), a ideia de coordenar as mensagens só se desenvolveu quatro meses mais tarde, quando Isaac Post, um quaker de Rochester (uma cidade próxima), tomou a direção dos trabalhos de investigação e comunicação, que já na noite seguinte eram acompanhados por não menos de duzentas pessoas que se reuniam em volta da casa. O relato completo e mais detalhado pode ser obtido facilmente pela Internet ou consultando o próprio livro escrito por Conan Doyle que está disponível em versão impressa publicado pela editora Pensamento.

A7

Certo, mas o que isso tem a ver com as mesas girantes?

André Barboni

Esses fenômenos mais tarde ficaram conhecidos como “mesas girantes”, Kardec os classificou como fenômenos de *efeitos físicos*. Ele chegou à conclusão que eles são provocados por uma ordem de *espíritos* ainda muito ligados à *matéria*, mas para ocorrer, havia a necessidade da presença de um tipo de *médium* especial que ele denominou de “médium de efeitos físicos”.

A7

Médium de efeitos físicos?

André Barboni

Uma pessoa que consciente ou, na maioria das vezes, inconscientemente doa uma certa *energia vital* que possibilita a ocorrência do fenômeno. É como se essa substância envolvesse o objeto a ser movido e possibilitasse assim que o *espírito* através da sua *vontade* e da sua *energia mental* controlasse essa substância e por intermédio dessa movesse o objeto em questão. Note que a *energia* necessária para fazer uma mesa se mover é muito maior e apresenta um padrão vibratório menos sutil do que a *energia* necessária para a interação de dois *espíritos*, um encarnado e o outro desencarnado.

A7

Agora eu fiquei confusa.

André Barboni

A confusão se dá porque são muitos *conceitos* novos, mas não é tão complicado assim. Não se pode aprender tudo de *espiritismo* em poucas horas. Quanto mais estudamos, mais temos para aprender. Isso é trabalho para toda vida.

O que é importante a gente enfatizar no momento é que, nesta época, aconteceram uma série de fenômenos que chamaram a atenção do *mundo* inteiro e que despertaram a curiosidade das pessoas para o *mundo espiritual*. Kardec estudou estes fenômenos a partir de fatos positivos: os documentos e as evidências físicas que eles deixavam; das suas observações pessoais; do relato de outras pessoas. Após muita reflexão ele foi capaz de sistematizar toda uma teoria sobre o assunto e que vem sendo estudada e complementada por outros estudos sérios desde então.

A7

É nisso que consiste a doutrina espírita?

André Barboni

Pelo menos em parte. Mas note que Kardec não era um homem qualquer. Ele tinha tido a melhor instrução que um homem esclarecido da metade do século XIX poderia almejar. Ele era perspicaz e não se deixava enganar facilmente. Conhecia e tinha plena ciência das fraudes que se davam com o intento de conseguir algum tipo de vantagem sobre os incautos e que eram cometidas por muitas pessoas inescrupulosas. Assim, ele tomava todos os cuidados e preferia rejeitar mil *verdades* a admitir uma *mentira*. Um desses cuidados era justamente verificar que tipo de vantagem o “médium” poderia estar auferindo da comunicação, mas ele também observava, anotava e comparava *dados* como o grau de instrução do *médium* e o teor da comunicação. Eram compatíveis? Existia alguma possibilidade das informações reveladas na comunicação serem de *conhecimento* prévio do *médium*? Etc.

P2

Isso, no entanto, não era garantia de que ele poderia ter aceitado alguma *mentira* como *verdade*. Nem que ele tenha deixado escapar algum detalhe importante.

André Barboni

Concordo, mas era algo que funcionava como uma bússola que norteava sua ação investigativa. No entanto, observe que Kardec não criou os fenômenos. Ele os investigou, comparou, analisou sobre todos os aspectos que lhe ocorreu e lhe pareceu correto analisar e

conseguiu apresentar um arcabouço teórico capaz de explicar o que ocorria. Ele fez o que qualquer cientista sério faz hoje em dia. Ao fazê-lo ele tirou esses fenômenos do campo do sobrenatural e trouxe para o campo do natural. Mas há algo mais no seu trabalho que é fundamental e não podemos de forma alguma ignorar.

P2

O quê?

André Barboni

Se de fato nos é possível estabelecer uma comunicação com o *espírito* de alguém que morreu, então, o *referencial materialista* está morto. Ele é um grande equívoco e tal comunicação é a prova que faltava para, de uma vez por todas, acabar com qualquer dúvida que poderíamos ter com relação a essa questão. Quem quiser defender tal *referencial* terá que se debruçar sobre esses fenômenos e provar que tudo não passa de uma fraude e uma ilusão. O grande problema é que estes fenômenos e essas comunicações tem se dado em todo o *mundo* e em diversas épocas da história da humanidade. O trabalho de Kardec mostra a coerência que existe entre eles.

P2

Certo, mas a hipótese de fraude não está inteiramente descartada.

André Barboni

Se a gente quiser ser coerente com tudo o que eu tenho dito. Sempre devemos considerar a possibilidade de uma hipótese ser verdadeira. Mas observe que, neste caso, para fazê-lo precisamos, necessariamente, levar em consideração o trabalho de Kardec e de seus sucessores, notadamente a contribuição brasileira que representa o campo mais fértil desse trabalho.

A7

Isso me parece um trabalho muito grande!

André Barboni

Imenso, e mesmo que ele seja feito, basta um único caso de comunicação verídica para provar que temos uma *alma* que sobrevive à morte do corpo físico. Qualquer um que tenha se deparado com um caso destes não tem porque admitir que o *referencial materialista* possa ser o correto. É claro que sempre existe a possibilidade de nos enganarmos com respeito a alguma coisa e tomarmos algo como certo quando esse algo não é certo. Mas, a menos que cheguemos a alguma contradição que evidencie esse nosso erro, essa nossa “certeza” vai se sustentando e não tem porque mudarmos o nosso *referencial*.

P2

Por outro lado, se a pessoa não acredita na veracidade destas comunicações, então, ela pode muito bem acreditar que o *referencial materialista* é o correto.

André Barboni

Observe que estamos utilizando a palavra “acreditar”. O *materialismo* é uma questão de *fé*. *Fé* em algo que julgamos como certo. O mesmo se dá com relação ao *referencial espiritualista*, mas observe que Kardec, ao estudar esses fenômenos, os descreve como naturais e não como sobrenaturais, como pensam boa parte das pessoas.

Para Kardec eles não contrariam as leis da *matéria*. Ele cria uma ponte que nos permite cruzar a linha tracejada em vermelho da figura 1. Ele nos convida a estudar fenômenos que hoje situamos no lado desvalorizado do *quadro de fragmentação do conhecimento* proposto por Pierre Weil (1993). Não fazê-lo seria algo indigno da *ciência* como tal.

P2

Você, então, acredita que devemos atender positivamente a este convite?

André Barboni

Se quisermos ser considerados pessoas sérias sim. Mais ainda, se quisermos ser pessoas sábias, plenamente realizadas e integrais temos, necessariamente, que fazê-lo sob pena de deixarmos de lado algo que nos é essencial. Não se trata aqui de virar santo, ir para o céu ou fugir do inferno. Trata-se de *conhecer* a nossa própria *essência*.

P2

E se eu não me conheço como posso ser *sábio*? Como posso me considerar *filósofo* já que você definiu *filosofia* como *amor à sabedoria*. Não é mesmo?

André Barboni

Justamente isso, professor. Se buscamos a *verdade* temos que investigar seriamente os fenômenos que põe em xeque o nosso *referencial* sob pena de cair no mesmo tipo de situação ridícula que se viram os defensores de um sistema geocêntrico de universo.

P3

Mas André, na época de Galileo a ideia de uma Terra em movimento parecia absurda e o sistema geocêntrico encontrava perfeita explicação na física de então. Somente os especialistas é que tinham algumas dificuldades para explicar certos fenômenos cujo erro de medição eram sempre atribuídos à falhas do observador e/ou dos seus instrumentos.

André Barboni

Certo, mas hoje em dia, depois do homem ter pisado na lua e ter enviado satélites e sondas espaciais. Depois de todo o progresso científico que tivemos e das imagens que conseguimos captar com os nossos modernos telescópicos. Depois de todos os avanços da moderna astronomia e da *ciência* aeroespacial, não há como mais alguém querer sustentar o modelo geocêntrico e a física de Aristóteles. Essa pessoa não seria mais levada a sério.

P3

Isso se dá porque o *paradigma* anterior sofreu uma crise que resultou no *paradigma* atual.

André Barboni

Certo, mas como toda crise, que provoca o nascimento de algo novo, ela sacrifica os seus heróis, que tem que pagar um alto preço pela ousadia de pensar diferentemente daqueles que se colocam como autoridades do pensamento vigente.

P3

Tenho que reconhecer que assim se deu com Galileo e tantos outros.

André Barboni

Portanto, inovar exige, antes de tudo, muita coragem e determinação. Galileo, por exemplo sofreu grande oposição às suas ideias e entre os problemas que enfrentou estava a dificuldade de explicar por que uma pedra largada do alto de uma torre caia junto a ela, se era *verdade* que a Terra se movia. A lógica dizia que ela deveria cair distante da torre ou se chocar com ela.

P3

A física newtoniana dá conta desta argumentação perfeitamente através do princípio da inércia. Um princípio que Galileo parecia *conhecer* e que reconhecidamente o coloca em uma posição de precursor desse princípio da física newtoniana.

André Barboni

Mas que alguns de seus comentadores parece terem distorcido dizendo que o princípio de inércia de Galileo era circular.

P3

De fato este tem sido um equívoco que eu alguns colegas nos empenhamos em desfazer⁴⁰.

André Barboni

O grande problema, me parece, tem a ver com o fato destes comentadores não dominarem

⁴⁰ Ver Vasconcelos (2001; 2005).

a Física ou terem se esquecido dela. Se a Terra está parada, ao largar uma pedra no alto de uma torre ela deveria cair rente a esta. A física Aristotélica explica isso dizendo que a pedra tende a buscar o seu lugar natural. Como o lugar natural da *terra* é abaixo do *ar*, a pedra cai. E cai rente a torre porque a Terra não se move. Mas se ela se movesse, ao cair da pedra, o chão que fica na Terra se moveria e a pedra, então, dependendo do lado da torre que soltássemos esta pedra, se afastaria das paredes da torre. Se fazemos esse experimento verificamos que a pedra cai rente à torre. Isso é um fato. Mas se soltamos uma pedra no alto de um mastro de uma embarcação que se movimenta a uma velocidade constante em linha reta, na superfície de um lago tranquilo, a pedra também cai rente ao mastro. Como explicar isso com a física aristotélica?

Se tal experimento fosse feito à noite, porém, e ao invés da pedra utilizássemos uma bola luminosa, para quem está no barco veria a bola descrever um movimento de queda retilíneo, mas para uma pessoa situada na margem em uma posição paralela ao movimento da embarcação a trajetória da bola seria parabólica.

P3

Ou seja...

André Barboni

Eu não estou querendo entrar no mérito desta discussão entre “inércia circular” ou não defendida por especialistas em Galileo. O que me interessa são os fatos: 1- o movimento do objeto muda de acordo com o referencial; 2- quando a pedra é abandonada do alto da torre ou a bola é largada do topo do mastro, ambas estão livres para sofrer a ação da gravidade, mas não deixam de sofrer a ação de todas as demais forças que agem sobre elas.

Assim, em termos absolutos o movimento destes corpos acompanharão também os movimentos da Terra, do Sistema Solar, da Via Láctea, etc. O que faz com que em termos absolutos estes objetos tenham um movimento que em nada é retilíneo, pois se não fosse assim, a menos que a Terra estivesse parada, quando saltássemos cerca de meio metro de altura dentro de um recinto fechado, dependendo do tamanho do recinto nos choraríamos violentamente contra suas paredes. No entanto, a Terra se move, assim como o Sistema Solar, a Via Láctea, etc. Isso nós já conseguimos comprovar cientificamente e não nos chocamos contra as paredes do recinto, porque elas, nós e a Terra nos movemos e estamos sujeitos às mesmas forças responsáveis por esse movimento. A única força diferente neste sistema foi o impulso que demos com as nossas pernas para saltar. Como o ar não oferece resistência suficiente para sustentar o nosso peso, sofreremos a ação da força da gravidade que desacelera o nosso corpo até atingirmos a altura máxima e depois o acelera até atingirmos o chão novamente.

P3

E o que isso mostra?

André Barboni

Que não é necessário entrar nas especificidades da discussão sobre as interpretações dos trabalhos de Galileo, um reconhecido precursor do princípio da inércia, que geraram esta polêmica entre os defensores de que ele postulava um princípio de “inércia circular” e os que defendem que o seu princípio de inércia era coerente com o que diz a física newtoniana, para *entender* que boa parte dessa confusão se dá justamente pela falta de habilidade dos comentadores.

P3

Mas você acredita que Galileo defendia um princípio de inércia circular?

André Barboni

Creio que isso é irrelevante para o trabalho de Galileo como a defesa dessa tese é irrelevante para o trabalho de Feyerabend. Para mim o maior mérito do seu trabalho está no fato dele mostrar como a *ciência* se engana e como os cientistas muitas vezes se valem das chamadas “hipótese *ad-hoc*” para ajustar os fatos às suas teorias⁴¹.

P3

Para você, Galileo, seria apenas um exemplo que ele se vale para ilustrar isso?

André Barboni

Um exemplo importante porque ele estava no centro de uma virada importante do pensamento da humanidade. Mais que uma mudança de *paradigma*, eu diria uma mudança de *referencial*, pois com o *conhecimento* que hoje temos não há mais como defender o *referencial geocêntrico* em detrimento do *referencial heliocêntrico* para o sistema solar. Mais ainda, não há mais como defender a física aristotélica em detrimento da física newtoniana ou, então, falarmos de mundo sublunar e supralunar a não ser em termos históricos com algo que norteou o pensamento humano por um longo período, mas que o homem conseguiu ultrapassar.

P3

Eu reconheço que faz *sentido* isso que você está dizendo e que é pertinente à nossa discussão na medida em que a gente observa que quem traz uma nova perspectiva e tenta inovar o pensamento humano tem de enfrentar todo o tipo de dificuldades para “provar” a sua teoria.

⁴¹ Ver Feyerabend (2011a).

André Barboni

Isso se dá porque existe toda uma gama de teorias que passaram pelo mesmo processo, se estabeleceram e se consolidaram. As pessoas que se especializaram nesse *conhecimento* são, em princípio, as que melhor tem condições de encontrar possíveis falhas que eles possam ter, assim como, defender estas teorias dos ataques que podem sofrer. Eu diria que não há como evitar um envolvimento passional do pesquisador com suas teorias devido à “lei de Linus”.

P3

Aquela que diz que o reconhecimento dos nossos pares é algo pelo qual somos capazes até de matar e morrer?

André Barboni

Ela mesma. E é justamente essa parte da lei que o senhor ressaltou que tem maior relação como o que estamos dizendo, mas os outros dois aspectos também nos ajudam a *compreender* a defesa tão acirrada que se faz das ideias predominantes.

P3

Como assim?

André Barboni

Quando ataco uma ideia/teoria consolidada seus defensores se sentem triplamente atacados: *primeiro*, porque o seu prestígio, em grande parte, depende da sobrevivência intacta de sua ideia/teoria, qualquer arranhão a essa imagem, que para eles é sagrada, faz com que eles não deixem de ter uma atitude “fundamentalista radical” com relação a isso para não saírem da sua zona de conforto; *segundo*, porque com a mudança do *referencial* eles teriam que se readaptar e mudar hábitos e costumes que lhes agradam e que estão familiarizados. A possibilidade de não conseguirem mais se divertir como antes os apavora; *terceiro*, mas não menos importante, no caso de não conseguirem e/ou não quiserem se adaptar às novas condições que irão se apresentar representa uma séria ameaça à sua sobrevivência, pois pode ser que eles sejam substituídos por pessoas que se adequam mais às novas condições e percam o seu sustento.

P3

Você está dizendo que não só o prestígio, mas também a diversão e a própria sobrevivência estão em risco, para os defensores de um *referencial* antigo, graças às ameaças do novo?

André Barboni

Exato! E é por isso que os defensores do *referencial materialista* se recusam a estudar os fenômenos espíritos.

P3

Não é porque eles não existam? Ou porque não são mensuráveis? Ou não temos meios adequados para estudá-los?

André Barboni

Não! É porque, no fundo, o estudo deles nos conduziria à destruição dos pilares e dos alicerces do *referencial materialista*.

P3

E é por isso que você tem defendido o estudo das obras de Kardec na academia?

2.2.9 A universalidade da comunicação com os *espíritos*

André Barboni

Não só delas, mas de todo e qualquer fenômeno que possa colocar em risco todo e qualquer *referencial* que venhamos a defender. Este é um princípio que deve nortear o trabalho sério de qualquer um. Este é um princípio que considero universal, assim como a comunicação com os *espíritos* que Kardec estudou tanto na teoria como na prática.

A1

Mas André, eu vi, outro dia, um vídeo no YouTube no qual a parapsicologia diz que não existe comunicação de qualquer espécie de *espíritos* de pessoas mortas com os vivos⁴².

André Barboni

Se isso fosse *verdade* salvaria o tal do *referencial materialista*. Eu conheço esse vídeo e ele diz que não há nenhum caso destas supostas comunicações que não seja explicado pela *parapsicologia*, uma *ciência* que estuda o que está além da psicologia. Podemos dizer que seus estudos abrangem: a hipótese da existência de uma forma de obtenção de informações que prescindia da utilização dos sentidos conhecidos, a chamada *percepção extrassensorial* e que envolve fenômenos tais como *telepatia*, *clarividência* e *precognição*; a hipótese da existência de uma forma de ação física sobre o meio físico em que não seriam utilizados qualquer mediadores ou agentes conhecidos, e esse tipo de ação a parapsicologia denomina de *telecinese*; e finalmente, os fenômenos associados à memória extra-cerebral e à experiências multidimensionais, como a *experiência de quase-morte*, *projeção da consciência*, *mediunidade*, *agente theta*, etc. Esta definição você encontra facilmente naquele site do nosso amigo

⁴² Vide <http://www.youtube.com/watch?v=R4KI3Camiyw> Acessado em: 07/02/2014.

adolescente preguiçoso⁴³. Mas note que o próprio Kardec pode ser considerado um precursor desta *ciência* e que a mensagem do vídeo a qual você se refere pode ser contestada.

A1

No entanto, o vídeo diz que as supostas comunicações ocorrem sobre três aspectos: 1- os inúmeros truques das pessoas que dizem se comunicar com os mortos; 2- o *estado alterado de consciência* explica muitos destas “comunicações”; 3- a adivinhação por *hiperestesia indireta do pensamento* (HIP) – uma grande sensibilidade dos sentidos que pode ser confundida com *mediunidade* também é responsável pela explicação destas supostas comunicações sobrenaturais. A conclusão que se chega é que não existem comunicações com os *espíritos*, anjos, demônios, etc. Nosso próprio inconsciente dramatiza dependendo da cultura e da crença.

André Barboni

Note, A1, que o que este vídeo nos prova é que a parapsicologia, de fato, reconhece que existem fenômenos nos quais as pessoas alegam se comunicar com os mortos. Mais ainda, ela procura dar explicações para esses fenômenos que considera naturais, ou seja, para a parapsicologia as “comunicações” com os *espíritos*, anjos, demônios, etc., não passam de fenômenos que tem explicação natural e nada tem de sobrenatural. Nisso estamos de pleno acordo e creio que Kardec concordaria comigo, pois muito ataque é feito à sua obra por pessoas que sequer se deram ao trabalho de examiná-la.

A1

Como assim?

André Barboni

Qualquer um que se dê ao trabalho de ler os livros escritos por Kardec. Notadamente o “Livro dos Espíritos”⁴⁴ e o “Livro dos Médiuns”⁴⁵ verá que Kardec não se deixou enganar com relação à possibilidade de fraudes e/ou sugestão, muito menos atribuía estes fenômenos à causas sobrenaturais. De fato, o seu trabalho, na forma e com a seriedade com que foi conduzido, nos permite considerá-lo um dos pioneiros da moderna parapsicologia. No entanto, eu tenho minhas dúvidas se ele aceitaria ser classificado como parapsicólogo, pois ele considerava que toda pessoa era *médium*, em maior ou menor grau, todos tinham algum tipo de *mediunidade* que poderia ser educada e desenvolvida com algum esforço e portanto, essa característica humana nada tinha de paranormal, muito pelo contrário, ela é perfeitamente normal.

⁴³ Vide <http://pt.wikipedia.org/wiki/Parapsicologia>.

⁴⁴ Uma obra de 1857, traduzida e publicada pela Federação Espírita Brasileira – Vide Kardec (1981).

⁴⁵ Lançado na França em 1861, foi também traduzida e publicada pela Federação Espírita Brasileira – Kardec (2003).

A1

Mas a gente não vê as pessoas psicografando mensagens e recebendo *espíritos* a toda hora.

André Barboni

Nem toda *mediunidade* é ostensiva. Muita gente, por razões culturais ou de crença, ignora ou tenta ignorar o que sente. Salvo os casos de obsessão, onde existe algum comprometimento do passado, os *espíritos* tendem a respeitar o nosso *livre-arbítrio* e evitam uma interferência mais direta, salvo motivo de força maior ou quando há alguma necessidade que os autorize a isso.

A1

Que situações são essas?

André Barboni

A ação espiritual sobre o nosso plano físico é bem maior do que a gente supõe. A maior parte desta ação se dá sem que a notemos. Muitas vezes somos intuídos a agir desta ou daquela forma por ação de *espíritos* que agem para o nosso bem, mas também, para nos prejudicar. Note que *intuição*, aqui, de um certo modo, tem um caráter diverso do termo utilizado na figura 1. Naquela figura estamos nos referindo a uma capacidade do nosso próprio *espírito* intuir sobre algo. Aqui estamos falando da capacidade do nosso *espírito* intuir sobre algo a partir de uma sugestão proveniente de outro *espírito* que atua de forma sutil e que a maioria das pessoas não consegue perceber. As vezes esta intervenção se faz necessária para se evitar um mal maior.

A1

A maioria das pessoas? Quer dizer que se é possível notar essa influência e *saber* distinguir a diferença entre uma *auto-intuição* e uma *intuição sugestionada*?

André Barboni

Precisamente, mas note que estamos atuando aqui em uma fronteira na qual muitas vezes é difícil *saber*, com certeza, onde começa um estado e onde acaba o outro.

A7

Ou seja, é difícil ter certeza se o que estamos sentindo ou pensando é nosso ou nos está sendo sugerido. Se é real ou uma ilusão.

André Barboni

É mais ou menos como se estivéssemos diante da situação que Descartes se vale para apresentar o seu método. A nossa *mente* pode estar nos enganando. Como diferenciar um sonho da realidade? Muitas vezes o sonho nos parece mais real do que o real.

A7

Mas Descartes encontrou uma maneira de diferenciar.

André Barboni

E é precisamente isso que também precisamos fazer. No entanto, tem pessoas que tem grande dificuldades em fazê-lo e, dependendo da situação, isso pode gerar um desequilíbrio e levar a um estado patológico que irá requerer ajuda para que esta pessoa se reequilibre.

A7

Assim, a loucura ou, pelo menos, boa parte das pessoas com esse tipo de diagnóstico poderiam ser tratadas por uma abordagem que levasse em consideração isso?

André Barboni

Essa é uma das implicações práticas que a visão espírita traz e que tem apresentado inúmeros exemplos de sucesso no restabelecimento do equilíbrio físico e psicológico de casos que a *ciência* tradicional julgava perdidos.

A7

Mas os sanatórios espíritas não deixam de contar com o apoio da *ciência* tradicional.

André Barboni

Concordo, no entanto, a abordagem com os pacientes leva em consideração: a nossa condição de *espíritos* encarnados; a nossa história, presente e passada e; a relação que mantemos com o *plano espiritual*. Em todos esses casos de sucesso, a pessoa com o diagnóstico de loucura e/ou perturbação psicológica apresentou um quadro de emaranhamento espiritual em cuja trama ela se apresentava como vítima e algoz de *espíritos* encarnados e desencarnados do seu grupo de convivência. Estas histórias mostraram que entre nossos familiares, amigos e grupos de convivência mais estreitos estão os nossos maiores amigos e inimigos do passado. A coerência entre as histórias de casos distintos e sem conexão tem mostrado a universalidade de certos princípios que não podemos e não devemos ignorar.

A1

Que princípios?

André Barboni

Primeiro, que somos *espíritos* imortais que sobrevivem à morte do corpo físico e que reencarnam. Segundo, ao longo de cada encarnação fazemos amigos e, as vezes, inimigos através da nossa ação e conduta. Terceiro, situações não resolvidas geram *carma* e precisam ter um

desfecho, mais cedo ou mais tarde. Quarto, a verdadeira *sabedoria* consiste em se *compreender* isto e procurar resolver estas situações ainda nesta vida, não deixando para outra existência algo que possa se agravar e crescer com o tempo. Quinto, o melhor caminho para a solução destes problemas é o caminho do *amor* e do perdão das ofensas.

A1

O caminho que Jesus Cristo nos ensinou?

André Barboni

Amar o próximo como a nós mesmos nos dá a verdadeira medida de como quebrar essa roda de encarnações onde alternamos o papel de vítima com o papel de algoz. A *Lei de Deus* sempre age no sentido de restabelecer o equilíbrio.

A1

Então, *carma* nada mais é do que a ação desta *Lei*? Ele me obriga a passar por situações provocadas por alguma necessidade do meu passado que eu, na maioria das vezes, desconheço.

André Barboni

Entender esses princípios me ajudam a *compreender* e aceitar a minha situação e me dão um direcionamento mais positivo para minha vida. Me ajudam, a superar doenças e limites que a maioria das pessoas considera simplesmente inaceitáveis. Quem consegue aceitar essas condições com alegria e otimismo contagia e toca profundamente a alma das pessoas a sua volta e seus exemplos nos fazem acreditar que nossa humanidade não é tão ruim assim.

P8

Mas muitos alegam, também, que este tipo de pensamento ajuda as classes dominantes a manter sob controle as classes dominadas.

André Barboni

Eu até entendo esse tipo de colocação, mas a *verdade* é que para quem age de acordo com a *lógica de dominação*, qualquer coisa serve como motivo e/ou justificativa para se manter esse tipo de controle e garantir o uso e o abuso do poder.

P8

Mas você não nega que o princípio da *reencarnação* e/ou a comunicação com *espíritos* possam ser usados para se manter o *status quo*, ou mesmo para se tomar o poder e/ou justificar alguma ação predatória?

André Barboni

Professor, é claro que eu não nego. Como eu disse, quem quer o poder e não tem escrúpulos se vale de qualquer coisa que ele possa julgar útil aos seus propósitos. Para esse tipo de pessoa nada é sagrado, ou pelo menos, aquilo do qual ele se vale é sagrado apenas no sentido em que serve aos seus propósitos e no modo em que serve aos seus propósitos. Foi isso o que se valeu a elite do decadente império romano quando viu na *igreja* cristã nascente a tábua de salvação para as suas preces de se manter no poder. Toda a distorção que se deu, a partir de então, não passa de um *feito* em cascata de ações que se deram para justificar tal apropriação.

A1

Essa é uma tese complicada, André, nem todo mundo concorda com você. Não se pode dizer que a *Igreja* Católica se reduz à uma tentativa de sobrevivência do Império Romano.

André Barboni

Não é isso o que eu estou dizendo. O que eu afirmo é que a elite do império romano decadente viu na *igreja* cristã a oportunidade de se manter no poder e ao fazê-lo distorceu tudo aquilo que achou necessário para satisfazer os seus propósitos. Este tipo de pensamento me dá condições de *entender*, por exemplo, porque se criou e manteve por tanto tempo o Tribunal do Santo Ofício e a Inquisição, com suas práticas nada cristãs, com todo o aval e com todo apoio da cúpula da *Igreja*. Isso me permite diferenciar aquilo que é do homem daquilo que é de *Deus*.

A1

Ou seja, você está querendo dizer que o *sentimento* de aversão que muitas pessoas tem pela *religião*, na realidade se dá contra este tipo de abuso cometido por homens que se apropriaram e distorceram algo que é sagrado.

André Barboni

Precisamente isso, e eu diria ainda que essa distorção mesclou *conceitos*, crenças e costumes de diferentes povos e culturas. Realizou uma espécie de síntese, mas o elemento norteador desta síntese estava contaminado por interesses nada cristãos.

A1

E haveria uma forma de separar o joio do trigo e resgatar a essência do cristianismo?

André Barboni

Não só há, como esta é uma tarefa que a *Igreja* Católica e as *igrejas* de um modo geral terão que fazer se quiserem continuar sobrevivendo no *mundo* que virá.

A1

Como assim?

André Barboni

O mundo hoje mudou, a *ciência* progrediu muito e nos legou novos *conhecimentos* que tornaram o nosso olhar menos ingênuo. A parapsicologia, mesma, consegue descartar muitas coisas que a credice popular chamaria de milagres com explicações bem fundamentadas cientificamente e que fazem todo o *sentido* para a nossa *razão*.

A1

A própria *Igreja Católica* se vale dos modernos métodos científicos para investigar cada milagre que são atribuídos a santos ou candidatos a santos. Muitos são descartados como tais, mas existem aqueles que resistem à todas as investigações e são considerados fenômenos que fogem totalmente à explicação natural.

André Barboni

É aí que a gente diverge um pouco. Para mim, não existem milagres. Tudo ocorre dentro das leis naturais *criadas* por *Deus*. Os milagres envolvem fenômenos cuja explicação parece contrariar tais *Leis*, mas se aprofundarmos um pouco mais veremos que eles tem uma explicação, no entanto, eu não descarto a intervenção de alguma entidade espiritual. O tal santo, ou uma outra entidade que age em nome dele, ou que é confundida com ele.

A1

E a comunicação com essa entidade poderia ajudar a esclarecer os fatos?

André Barboni

Com certeza, e note que temos aqui um princípio universal, pois em todo o mundo, nas mais diversas épocas da humanidade, existem relatos de comunicação com *espíritos*, anjos, demônios, etc., inclusive no seio da própria *Igreja Católica*. Em todos os povos e culturas isso se dá, daí o seu caráter universal e note que o fato de existir a fraude e a imitação não é suficiente para descartar o fenômeno, mas é antes de tudo uma confirmação de que possivelmente existe algo que inspirou esta imitação. Assim como a *Igreja Católica* investiga os ditos “milagres” e descobre que muitos deles não passam de fraude ou ilusão, também existem milhares de casos em que há uma constatação da veracidade dos fenômenos. A confirmação da comunicação com um *espírito* desencarnado diante da comprovação de um trilhão de casos de fraude já é mais do que suficiente para comprovar a sobrevivência da *alma* e decretarmos o fim do *referencial materialista*. Você concorda comigo quanto a isso?

A1

Tenho de admitir que sim. Mas por quê atualmente tantas pessoas, então, tem tanta dificuldade em aceitar a existência da *alma* e de *Deus*?

2.2.10 Criação e evolução – conceitos contraditórios?

André Barboni

Por causa dos trabalhos de um tal de Charles Darwin. E para ser justo, não devido propriamente ao seu trabalho, mas ao que se deu depois, principalmente, pela ação dos seus comentadores e pesquisadores com o olhar impregnado do *referencial materialista* que viram nas leis da *evolução* e seleção natural que Darwin descobriu uma explicação capaz de destruir a ideia de *Deus*, atacar a *Igreja/criacionismo* e eliminar o *referencial espiritualista*.

P2

Mas a teoria da *evolução* não é de Darwin e Wallace?

André Barboni⁴⁶

Bem lembrado, professor, no Brasil ela é atribuída, em geral, apenas à Darwin, muitos sequer sabem quem foi Wallace. O papel de Wallace foi fundamental para que a teoria fosse publicada. Tudo começou, porém, com a viagem que Charles Darwin fez a bordo do HMS Beagle, um veleiro que zarpou do porto de Plymouth em 27 de dezembro de 1831, passou pela Bahia e pelo Rio de Janeiro em 1832, contornou a América do Sul, após muitas incursões por seu território, só atingindo as famosas ilhas Galápagos em 16 de setembro de 1835. Em 20 de outubro, do mesmo ano, o Beagle parte rumo ao Taiti e Nova Zelândia e segue pela Austrália, ilhas Maurício, Cabo da Boa Esperança e chega novamente na Bahia em 1 de agosto de 1836. No dia 6 do mesmo mês ruma à Pernambuco e depois, no dia 17, parte finalmente rumo ao seu destino final na Inglaterra com a chegada em Falmouth em 2 de outubro de 1836.

Nesta expedição, o jovem teólogo, Charles Darwin, com apenas 22 anos, sobe, no dia 25 de dezembro de 1831, a bordo da embarcação comandada pelo capitão Fitzroy da Marinha Real. Após uma angustiante espera de dois dias, com atrasos e adiamentos da partida, esperando um tempo bom, o navio financiado pela Sociedade Real de Londres parte para a missão que o tornaria mundialmente famoso. Eram 75 pessoas a bordo de um navio apinhado de suprimentos.

A função de Darwin na expedição era de naturalista não remunerado, o que significa que

⁴⁶ As informações desta fala são baseadas no livro Wood e Twist (2010).

ele teve que conseguir quem o financiasse. O pai, a princípio, se opôs alegando que a viagem seria prejudicial à carreira do seu filho na *igreja*. Mas Darwin conseguiu o apoio do seu tio Josiah Wedwood II, um “homem de bom senso”, que interveio a seu favor e deu a recomendação que seu pai exigiu como condição para ele apoiar tal empreendimento.

A viagem possibilitou ao jovem naturalista uma experiência sem par que exigiu todos os recursos das suas inúmeras habilidades que incluíam *conhecimentos* de geologia, taxidermia, das diferentes áreas da biologia e uma extraordinária capacidade de observação.

De volta à Inglaterra, Darwin se instalou e se preparou para escrever vários livros sobre a sua viagem e iniciou um caderno secreto onde discorria sobre a “Transmutação das Espécies” e desenvolvia as suas ideias sobre *evolução*. Ele ficou adiando a publicação deste material porque estava ciente da oposição que iria sofrer e para não contrariar sua esposa que era profundamente religiosa. A decisão de tornar público o seu trabalho só se deu após uma carta, seguida de um ensaio com conclusões sobre a *evolução*, do seu colega naturalista Alfred Russel Wallace.

A4

Quanto tempo levou para Darwin publicar a sua teoria depois da viagem do Beagle?

André Barboni

A viagem terminou em 1836. Em 1858, Darwin e Wallace concordaram em fazer um anúncio conjunto da teoria da *evolução*, durante uma reunião convocada especialmente para cientistas. A razão para tal é que o ensaio que Wallace enviou à Darwin continha a síntese de suas observações como naturalista e chegava, nas próprias palavras de Darwin, “quase exatamente às mesmas conclusões gerais” que ele sobre a origem das espécies (WOOD; TWIST, 2008). Na carta, Wallace pedia a opinião de Darwin para um ensaio que ele pretendia publicar.

A4

Mas se Darwin não tinha publicado nada, Wallace poderia ter sido considerado o “pai da *evolução*” caso tivesse publicado o ensaio sem esse anúncio conjunto.

André Barboni

Esse é um ponto que gera, ainda hoje, muita discussão. Darwin provinha de família nobre e abastada enquanto Wallace tinha origem humilde e dependia do seu próprio trabalho para sobreviver. Alguns questionam o comportamento ético de Darwin dizendo que: eles já se correspondiam antes do envio do trabalho de Wallace sobre a seleção natural ter incomodado Darwin e ameaçando a sua primazia; Charles Lyell já tinha *conhecimento* do avanço dos trabalhos de Wallace, e alertou Darwin para que publicasse algo porque senão perderia a

originalidade; Wallace enviou o trabalho para Darwin apreciar se o mesmo era digno de publicação, em caso positivo, Darwin deveria enviar o trabalho para Lyell publicar; Darwin “usou” Lyell e Joseph Dalton Hooker para que resolvessem da melhor maneira essa situação e eles resolveram que a melhor saída para Darwin não perder a primazia da descoberta seria os dois apresentarem os trabalhos na Sociedade Lineana. Estas informações você acha facilmente na Internet e elas parecem indicar que houve um “acordo de cavalheiros” para garantir a primazia de algo revolucionário para quem tinha maior recursos e prestígio social.

A4

E qual foi a posição de Wallace?

André Barboni

Wallace era uma pessoa com inúmeras qualidades e, humilde, reconheceu que Darwin tinha também feito um trabalho excepcional. Ele disse que o seu maior mérito foi ter conseguido fazer com que Darwin publicasse “A Origem das Espécies” no ano seguinte.

A4

Mas o que dizia essa tal de teoria da *evolução*?

André Barboni

Que a natureza agia tal como os *columbófilos* que criavam pombos-correios para competição selecionando características que julgavam úteis. Aquilo que esses homens faziam artificialmente, a natureza selecionava as características que se mostrassem benéficas à adaptação do organismo ao meio em que vive. Esta vantagem adaptativa lhe confere melhores possibilidades de sobrevivência e reprodução e, naturalmente, a proporção de indivíduos portadores desta nova característica se sobressai na população. Em algum tempo no futuro, como resultado das mutações selecionadas e acumuladas, uma nova espécie começará, gradualmente, a aparecer. Isso é favorecido, também, pelo isolamento reprodutivo entre os indivíduos com a nova característica e os sem esta característica, o que facilitaria a diversificação. Assim, são dois os processos que formam a base da Teoria da *Evolução* de Darwin: a seleção natural e a adaptação ao meio ambiente.

A4

E como isso fere o *referencial espiritualista*?

André Barboni

Na realidade ele fere de morte o *Criacionismo* na medida em que seus defensores acreditam que *Deus* criou os homens e todos os demais seres vivos da maneira com que eles se

nos apresentam agora. Se Darwin está certo, os organismos evoluem do mais simples ao mais complexo por mudanças adaptativas, provocadas por mutações selecionadas naturalmente ao longo do tempo. Através das eras, espécies são criadas e extintas sob a ação de leis naturais que o homem, então, pode se valer para provocar artificialmente o surgimento de novas espécies, manipulando o seu DNA e/ou provocando mutações que gerem características desejáveis em organismos que ele quer “melhorar”.

A4

São as tais técnicas de seleção e melhoramento genético?

André Barboni

Precisamente, o que também incluem os organismos transgênicos que geram muita polêmica, pois não sabemos quais são as verdadeiras implicações da inserção de um organismo geneticamente modificado para o equilíbrio ecológico do meio ambiente. Organismos com vantagens adaptativas inseridos no meio ambiente podem levar a extinção de espécies nativas e ao aparecimento de “pragas” que trarão mais malefícios que benefícios.

A6

Certo, mas mesmo com a teoria da *evolução* se comprovando não se pode eliminar totalmente a ideia de um *Deus criador* e dizer que essas leis descobertas não tem origem divina.

André Barboni

Mas é justamente aí que está a empolgação dos mais ferrenhos *materialistas*. Pela primeira vez foi possível explicar a nossa grande biodiversidade sem uma intervenção divina. Tudo seria baseado em leis da própria natureza e em achados científicos que colocam a origem de tudo para antes do tempo bíblico. A *fé* na Bíblia está abalada e se esta se abala, por que não abalar também a *fé* em um *Deus*, Todo Poderoso, que tudo criou? A causa de tudo, o *motor imóvel* continua sendo uma necessidade ou não passa de uma invenção supersticiosa? Pode agora um homem, que se diz racional, continuar a acreditar em *Deus*? Esta é a grande questão que se apresenta.

A6

Mas devemos considerar que a Bíblia, tal como qualquer outro livro, é escrita por homens que estão em um contexto histórico. Muitas de suas passagens só foram colocadas no papel após muitos anos de uma *tradição* oral. Nem tudo deve ser tomado ao pé da letra e quando se fala que o *mundo* foi criado em seis dias, uma ideia que muitos ridicularizam, pois a *ciência* parece desmentir, não se leva em consideração que um dia de *Deus* pode não ter o mesmo significado de um dia como o entendemos atualmente, mas pode representar uma era, um tempo de duração

variável e que representa uma fase da *evolução* de tudo. Esse tipo de argumentação salva o texto bíblico do “ridículo” e o coloca como uma visão de como as coisas podem ter acontecido sob a ação divina explicadas na forma na qual o povo da época era capaz de *compreender*.

André Barboni

A6, pessoalmente eu acredito que boa parte dos textos religiosos apresentam uma narrativa que, se for tomada ao pé da letra, produz certa incredulidade nas mentes mais racionais que possuem alguma formação científica. É nesse *sentido* que a teoria da *evolução* de Darwin e Wallace nos dão subsídio para refutar parte do texto bíblico. No entanto, se levarmos em consideração isso que você acabou de dizer eu tenho que admitir que o mesmo texto bíblico que essas pessoas poderiam “ridicularizar” merece ser analisado com mais cuidado, pois ele traz um *conhecimento* oculto que é coerente com a mesma “ciência” utilizada para ridicularizá-lo.

A6

Então você concorda comigo? É possível conciliar *fé* e *razão*? Pode um texto religioso, como o texto bíblico da gênese mosaica, ser compatibilizado com o que nos é revelado pela *ciência* moderna?

André Barboni

Eu não tenho dúvidas sobre isso. Por trás de toda lenda há uma *verdade científica*. Eu pude comprovar bem isto quando elaborei um trabalho, no final da minha graduação em biologia, investigando as relações de amor e ódio que as pessoas têm em relação ao alho.

A6

Que tipo de trabalho era esse?

André Barboni

Um trabalho de *Etnobiologia*. Uma parte da biologia que estuda como os seres humanos, mediatizados por suas culturas, interagem com o *mundo natural* ao seu redor, obtendo dele os recursos necessários às suas sobrevivências num dado contexto histórico.

A6

Isso me lembra um pouco a Antropologia.

André Barboni

Não deixa de estar relacionado a ela, mas vejamos o que eu descobri. Fundamentalmente eu foquei com meus colegas, nas relações de amor e ódio que as pessoas tinham com relação a essa planta, largamente utilizada há mais de 5.000 anos pela humanidade. Nossa pesquisa

revelou que a maior parte das relações de ódio se dava com respeito ao seu odor característico. E tal planta tem historicamente sido utilizada como poderoso amuleto para afastar vampiros. Tanto que na Transilvânia se uma pessoa se recusar a comer alho ela se torna suspeita de ser vampira.

A6

Mas isso é lenda!

André Barboni

Mas a nossa pesquisa consistia também em investigar se essas lendas tinham algum fundamento científico. Assim, em Aparados da Serra (Rio Grande do Sul), descobrimos que é comum os cavalos aparecerem com as crinas trançadas, mas em contraposição à crença de que isso é obra de bruxas, as pessoas mais esclarecidas na região procuraram explicações científicas segundo as quais isso seria da responsabilidade de morcegos. Na região, entretanto, predomina a versão atribuindo o fato aos seres sobrenaturais das noites de lua, com o que concordam os antigos moradores, que até indicam uma receita de tratamento preventivo contra o trançamento de crinas dos cavalos durante os passeios das bruxas: passar alho – “a gente não sabe por que, mas se passar alho na crina, ela não é mais trançada”, dizem.

A6

Pelo jeito tem gente que prefere a explicação mais supersticiosa.

André Barboni

Pelo menos ela desafia mais a nossa imaginação. Mas note que os morcegos tem um olfato muito apurado e são muito sensíveis ao odor característico dessa planta que tem sido usada não só na alimentação, mas também como amuleto e com fim terapêutico por incontáveis gerações no *mundo* inteiro. Suas propriedades medicinais tem comprovação científica reconhecidas por órgãos como o Ministério da Saúde e o FDA (*Food and Drug Administration*), o departamento responsável pela aprovação de todo e qualquer medicamento nos Estados Unidos da América. Portanto, quando investigamos os contos, as lendas e as crenças populares, com mais atenção, sempre encontramos algum tipo de *verdade* por trás delas e podemos observar, ainda, que esse é um excelente recurso para se transmitir um *conhecimento* ao longo de gerações, com pouca ou nenhuma alteração da sua essência.

A1

É por isso que Jesus falava por meio de parábolas?

André Barboni

Eu acredito que sim. Muito do que ele fez ou falou foi distorcido. Eu creio que ele tinha

perfeito *conhecimento* de que isso iria acontecer, pois ele conhecia a natureza humana e sabia o quanto a astúcia e a ambição dos homens é capaz de distorcer as coisas mais puras e sagradas. A parábola, e as histórias de um modo geral, prende a atenção da mais simples das pessoas, mexe com sua imaginação e é excelente para transmitir um *conhecimento* por gerações. Contada a um grupo, ela se difunde rapidamente e quando alguém esquece e/ou omite alguma parte, sempre aparece outra pessoa para lembrar a parte omitida. Mais cedo ou mais tarde alguém registra essa história em meio mais palpável e a mensagem embutida é preservada na sua essência.

A1

Platão teria adotado também essa técnica com os seus diálogos?

André Barboni

Eu não duvidaria disso. Para mim, ele e outros *filósofos* que o antecederam compartilhavam de um *conhecimento* mais profundo que precisava ser transmitido ao longo das gerações, mas só aqueles que se mostrassem dignos de obtê-lo deveriam ser capazes de conhecê-lo. Que melhor forma de conseguir isto do que embutir esse *conhecimento* em uma história que possa ser conhecida de todos? Todos veem mas poucos enxergam.

P2

Então, na sua opinião, a escola de Platão seria uma escola iniciática?

André Barboni

Na qual Aristóteles estudou por vinte anos, mas não conseguiu apreender o *conhecimento* secreto, pois não compreendeu a *teoria das reminiscências*. Faltou-lhe a chave da *reencarnação* para abrir a porta do *conhecimento* secreto que nos conduz para a verdadeira *sabedoria*.

P2

Essa é uma tese controversa!

André Barboni

Mas é também uma explicação de porque Aristóteles nunca teve chances de suceder Platão na direção da sua escola e reforça os meus argumentos contra a autoridade de comentadores *materialistas* que se metem a comentar autores *espiritualistas* como Platão. Se Aristóteles que dominava o grego, estudou e conviveu com Platão por vinte anos não conseguiu entendê-lo, como é que alguém, cuja *mente* opera no *referencial materialista* e não consegue admitir a veracidade do *princípio da reencarnação* pode dizer que entende este *filósofo*? Eu acho isso muita arrogância e pretensão. Eu prefiro ficar com o texto original, ou mesmo uma boa tradução, que, apesar dos erros, ainda contém a *essência* do pensamento inicial.

P2

Mas os defensores do estruturalismo/”estruturalismo” também privilegiam o uso do texto original como forma de se chegar à *essência* do pensamento inicial do seu autor.

André Barboni

É claro que neste ponto eu concordo com eles, mas para não distorcer o pensamento original é preciso também *compreender* como o autor pensava. Um comentador que esteja dentro de um *referencial* dificilmente pode se dizer especialista em um autor de um *referencial* contraditório ao seu sem que levante em mim a suspeita de que sua interpretação possa estar equivocada. É como tomar por certo os comentários de um torcedor fanático do Bahia sobre o Vitória e vice-versa. Note que eu não estou dizendo que alguém não deva se especializar nesse ou naquele autor, muito pelo contrário, isso até pode ser muito salutar, mas se essa pessoa não compreende e crê em certos *conceitos* fundamentais do *referencial* do autor que ele estuda, então, sua análise fica comprometida.

P2

Assim, na sua opinião, para *entender* Platão é fundamental estudar Kardec, pois o princípio da *reencarnação*, que é retomado por esse autor, é em *essência* a base daquilo que Platão acreditava e que fundamenta a sua *filosofia*?

André Barboni

Não só por isso, mas tanto Kardec como Ubaldi, além de serem *reencarnacionistas* e nos darem uma noção melhor do real significado deste princípio, também nos possibilitam *entender* melhor como se dá a *evolução*. Estudando esses autores a gente consegue estender tal princípio para além do *plano material* e perceber que a *evolução espiritual* guia a *evolução material*.

P2

Ou seja, você defende a ideia de que a *evolução* tem uma meta, um fim, que é *Deus*!

André Barboni

Precisamente isso, e para atingir este fim a *reencarnação* é uma necessidade física e não só lógica. As obras de Ubaldi complementam as obras de Kardec e até mesmo os espíritas que tem resistência a ela deveriam estudá-las com mais respeito e atenção.

P2

Mas haveria alguma prova científica a favor da *reencarnação*?

2.2.11 Evidências científicas a favor da *reencarnação*

André Barboni

Ou a *reencarnação* existe ou não existe. Isso é um fato. Se não existe, seria perda de tempo ficar discutindo sobre ela, se existe, seria tolice não tentar *compreender* as suas implicações. Pode-se dizer, então, que estamos diante de um dilema e se você crê na *reencarnação*, então discuta e se não crê não discuta. Mas se ela é um fato, crer nela, ou não, não vai fazer com que este fato se altere. Portanto, pelo menos do ponto de vista filosófico, talvez valha a pena refletir um pouco mais a respeito, uma vez que podemos considerar Sócrates e Platão como *filósofos reencarnacionistas*.

Deixando um pouco Kardec de lado, vamos falar dos trabalhos de um outro pesquisador, o psiquiatra e diretor dos Departamentos de Parapsicologia e Psiquiatria Comportamental, além do curso de Medicina da Universidade da Virgínia, o Dr. Ian Stevenson, canadense, nascido na cidade de Montreal, que entre outras coisas, pesquisa *reencarnação* (STEVENSON, 2011a) e temas ligados a ela tais como: experiência de quase-morte (EQM); aparições ou visões no leito de morte; a problemática da relação entre *mente* e cérebro; e a permanência da personalidade pós-morte. Um trabalho de pesquisa de mais de cinquenta anos de estudos sobre lembranças que crianças tinham de vida passada – hipótese de sobrevivência da *consciência* após a morte (STEVENSON, 2011b).

A1

Mas não haveria outras explicações possíveis para estes fenômenos?

André Barboni

A1, sempre se pode ter mais de uma explicação para qualquer fenômeno. Geralmente ficamos com aquela que explica tudo de forma mais simples. Das muitas possíveis, neste tipo de caso, sobressaem-se duas, pois esse assunto mexe com os *referenciais materialista* e *espiritualista* e mesmo para esse último persiste a posição dogmática influenciada por uma “Igreja” forjada na astúcia dos homens que lutam por riquezas e poder e que não tem o mínimo interesse que as pessoas, em geral, aceitem tal princípio, pois isso lhes tiraria a força de muitos argumentos que eles utilizam há séculos para enriquecer.

A1

Mas nem todos que se posicionam contra a *reencarnação*, e que acreditam nessa “Igreja”, o fazem por esses motivos.

André Barboni

Eu concordo, mas são convencidos a isso em função de acreditarem nos argumentos forjados por esse grupo e aceitos sem a devida reflexão. A falta de um estudo sério e sem preconceitos da *reencarnação* e seus *efeitos* fazem com que essas pessoas pensem que a parte sagrada de sua *religião* também estaria ameaçada. Isso é um equívoco, pois se daria a faxina onde a verdadeira *fé* se veria livre da mancha de orgulho e ignorância que a astúcia dos homens teceu e que nos impede de ver a luz tal como ela é.

A1

Você quer dizer que ao estudarmos seriamente este assunto e aceitarmos a possibilidade da *reencarnação* ser um fato veremos que existem muitas provas dela e isso nos ajudará a encontrar a verdadeira *fé* que a *Igreja* se afastou?

André Barboni

Precisamente isso, existem muitos fatos sugestivos de *reencarnação*. Note que eu estou me utilizando do termo “sugestivo” não porque eu tenho alguma dúvida de que a *reencarnação* seja um fenômeno real, mas porque eu estou trabalhando com a hipótese desse fenômeno ser de fato real. Assim temos uma base para trabalhar com quem duvida dessa possibilidade. Você verá que o Dr. Ian Stevenson também se utiliza dessa abordagem ao estudar alguns dos muitos fenômenos que são explicados pelo princípio da *reencarnação*.

A1

Você quer dizer, então, que os trabalhos desse pesquisador não esgota o assunto, mas você o escolheu porque tem uma abordagem científica e expõe elementos relevantes?

André Barboni

Precisamente isso. O Dr. Stevenson (2011a), no seu livro “Reencarnação: vinte casos”, apresenta: sete casos que sugerem *reencarnação* na Índia; três no Ceilão; dois no Brasil; sete entre os Tlingits do Sudeste do Alasca e um no Líbano. Segundo ele, os pesquisadores dos “casos espontâneos de reencarnação” têm usado principalmente os métodos do historiador e do jurista e, por vezes, do psiquiatra, para reconstituir os acontecimentos passados, na maioria dos casos, os principais eventos já aconteceram antes do pesquisador entrar em cena e muito depende da sua habilidade como questionador para direcionar e analisar o relato. Para se descobrir erro em qualquer relato, o pesquisador deve comparar o que uma pessoa disse com o que outra pessoa disser ou escrever sobre o mesmo acontecimento. Não há como escapar, na *ciência*, mesmo no laboratório, dos relatos de uma pessoa, seja ela quem for, e a tarefa que se apresenta é testar e melhorar, e não descartar o relato. Ou seja, é um trabalho semelhante ao de um detetive policial.

A6

Ou seja, o pesquisador não presenciou os fatos, mas os investigou tal como um detetive que segue as pistas para solucionar um crime. A *ciência* é então utilizada na análise das evidências e a dedução lógica é a base para a ligação das pistas e o preenchimento das lacunas.

André Barboni

Correto. Na introdução do seu livro o Dr. Stevenson (2011a), tece algumas considerações metodológicas com relação à: detecção e eliminação de possíveis erros na coleta de *dados*; traduções e possíveis erros de interpretação; métodos de registro de *dados* e possíveis erros provenientes disso; a aparente linguagem bem desenvolvida atribuída às pessoas; falha de memória por parte das testemunhas; informações das entrevistas de acompanhamento com os indivíduos e suas famílias; métodos de apresentação dos *dados* nos relatórios e os planos para futuras investigações e relatórios.

Basicamente a pesquisa do Dr. Stevenson (2011a) consiste em coletar os *dados*, comparar os relatos, eliminar possíveis erros de memória tornando o relato mais fiel ao que realmente possa ter acontecido e, então, investigar se de fato teria existido alguém no passado que corresponda às lembranças reportadas pela pessoa investigada. Confrontam-se os detalhes em busca de evidências que sugiram ser um caso de *reencarnação*. Não se trata de uma *ciência* exata, mas o investigador trabalha com as hipóteses normais de: fraude; *criptomnésia* [memória oculta, inconsciente, ancestral ou subliminar]; memória genética; *percepção extrassensorial* e *personificação*. Mas também, trabalha com hipóteses que incluem a sobrevivência da *alma* como: *reencarnação* e *possessão*.

A6

Ele, então, tem ciência de que está trabalhando com algo que não lhe permite um verdadeiro controle das variáveis e que existem outras hipóteses para explicar o fenômeno.

André Barboni

Isso é correto. O Dr. Stevenson, no entanto, não é o único pesquisador da atualidade a falar de *reencarnação*, um princípio presente em muitas culturas e *religiões* e entre povos que não tiveram o menor contato entre si. Para Kardec, isto por si mesmo já indicava estar aí presente um princípio universal. A *reencarnação*, apresenta indícios não só em crianças, notadamente nas menores de sete anos, que dizem lembrar de vidas passadas, mas existem relatos sugestivos disto também em: casos de regressão hipnótica; experiências de *déjà-vu*; sonhos/pesadelos; pessoas sob a influência de doenças e drogas; meditação; situações de forte emoção e comunicações mediúnicas. O Dr. Stevenson (2011b), confessa a sua preferência pelos relatos espontâneos das

crianças que se lembram das vidas passadas, mas não descarta a validade de investigação das demais situações.

A3

Mas do ponto de vista filosófico o que traz essa novidade?

André Barboni

Do ponto de vista filosófico, a *reencarnação* não é um *conceito* novo, nem se pode dizer que ele seja puramente restrito ao campo do religioso, vários *filósofos* já se ocuparam dele, inclusive defendendo a sua existência, mas é inegável o fato de que a *reencarnação* torna os homens mais iguais, na medida em que não tem mais *sentido* em falar de superioridade de raças, sexo ou qualquer outra coisa, pois: o branco hoje pode ser o negro de amanhã; o homem, mulher; o rico, pobre; o gênio, o portador de alguma patologia/idiotia que lhe impeça de manifestar a sua genialidade. O contrário, também pode se dar e, mesmo a genialidade, que não é meramente uma questão genética, pode ser o prêmio disponível a cada um que se esforce suficientemente para alcançá-lo. A noção de *reencarnação*, tem ainda o mérito de acabar com a ideia de um céu e um inferno, onde os gozos e os castigos, respectivamente, são eternos tal como a *Igreja Católica*, entre outras *religiões*, pregou e ainda hoje prega.

A3

Se essa ideia pega eu já vejo a cara de certos padres que atuam por aí, com seus discursos moralizantes, ameaçando a todos com o fogo do inferno. Quem vai querer se confessar com eles? Se sua benção não vai me livrar do inferno e eu vou ter que resgatar minha dívida, nesta ou em outra vida, que *sentido* tem para mim a confissão?

André Barboni

Ela ajuda a reconhecer e admitirmos as nossas culpas. Tal procedimento, conduzido corretamente, sem julgamentos, e por uma pessoa amiga, não necessariamente um sacerdote, pode ajudar uma pessoa a mudar sua trajetória de vida rumo a uma atitude mais positiva. Isso pode ser muito salutar se houver respeito e confiança. Mas note que pelo perigo que esta ideia representava para os interesses daqueles que desejavam comercializar indulgências, é muito fácil *entender* porque o *Espiritismo* tinha que ser combatido. Entre os muitos ataques que sofreu, dois precisam ser ressaltados: 1- o *Espiritismo* seria uma nova *religião*; 2- os *espíritos* que se manifestam o fazem contra a *vontade* de *Deus* e a mando do diabo.

A8

Mas nós já vimos que Kardec fazia questão de ressaltar que o *Espiritismo* não é *religião* e a ideia de diabo é simplesmente absurda para quem estudou minimamente a obra de Kardec.

André Barboni

De fato, desde o seu primeiro escrito até o último Kardec prima em dizer que se algum dia o *Espiritismo* vir a se tornar uma *religião* o será pela *vontade* dos seus adversários, pois que não tem: dogmas; liturgia; sacerdotes; nem visa fazer proselitismos. A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, fundada por Kardec em tudo seguia os moldes de uma sociedade científico-filosófica da sua época. As reuniões se davam entre os membros afiliados que para serem aceitos tinham que demonstrar algum *conhecimento* prévio a respeito do *Espiritismo*.

A linguagem presente nas publicações de Kardec é sempre ponderada, racional e coerente com os estudos que ele empreendia. Portanto, o único laço de união entre *Espiritismo* e *religião* que Kardec admitia é a sua capacidade de ligar o homem à *Deus*, os seus princípios de *amor* e *caridade* cristã, sempre expressos nas obras do codificador da *doutrina espírita*, que ao contrário do que pregavam seus adversários, é voltado apenas ao bem.

A8

E eu diria mais, *pelo fruto se conhece a árvore*, máxima do Cristo e sempre defendida por Kardec, se deduz que o *Espiritismo* nunca poderia proceder do demônio, primeiramente porque este último nunca existiu e em segundo lugar que, se assim o fosse, o demônio estaria agindo contra si mesmo, conquistando adeptos para *Deus* e transformando homens de conduta repreensível em pessoas de bem.

André Barboni

Bem lembrado A8.

A7

Mas para se admitir a existência da *reencarnação* tem-se que admitir a existência da *alma*. Você tem defendido que a comunicação com os *espíritos* daqueles que morreram é uma prova de que o *referencial materialista* é o falso, mas muitos dos que defendem o *referencial espiritualista* negam a comunicação com os mortos, inclusive ela foi fortemente combatida pela *Igreja* no passado e hoje também continua a ser combatida não só pelos católicos como pelos evangélicos.

André Barboni

Como Kardec, nunca tentou convencer alguém a se tornar espírita, mas somente apresentou argumentos em defesa dos seus princípios, nós aqui também não nos preocuparemos em convencer quem quer que seja sobre a existência da comunicação com os *espíritos*. Apenas nos limitaremos a ponderar o quanto o trabalho de Kardec pode ser útil à discussão filosófica e como o seu pensamento se aproxima da linguagem filosófica. Isto pode ser facilmente

constatado no seguinte trecho do livro dos Médiuns, onde Kardec rebate a acusação dos céticos com relação à comunicação com o *mundo dos espíritos*, desafiando-os a provar que uma destas coisas não é possível, desde que se parta do princípio da existência e sobrevivência da *alma*:

1º que o ser pensante, que existe em nós durante a vida, não mais pensa depois da morte; 2º que, se continua a pensar, está inibido de pensar naqueles a quem amou; 3º que, se pensa neles, não cogita de se comunicar com eles; 4º que, podendo estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado; 5º que, podendo estar ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco; 6º que não pode, por meio do seu envoltório fluídico, atuar sobre a matéria inerte; 7º que, sendo-lhe possível atuar sobre a matéria inerte, não pode atuar sobre um ser animado; 8º que, tendo a possibilidade de atuar sobre um ser animado, não lhe pode dirigir a mão para fazê-lo escrever; 9º que, podendo fazê-lo escrever, não lhe pode responder às perguntas, nem lhe transmitir seus pensamentos. Quando os adversários do Espiritismo nos provarem que isto é impossível, aduzindo razões tão patentes quais as com que Galileu demonstrou que o Sol não é que gira em torno da Terra, então poderemos considerar-lhes fundadas as dúvidas (KARDEC, 2003 p. 26-27).

Se a lógica que Kardec utiliza para refutar os argumentos contrários à comunicação dos *espíritos* não é digna de ser discutida pela *Filosofia*, então o que será? Será que o tema da sobrevivência da *alma*, ou os demais temas abordados pelo *Espiritismo*, tal como proposto por Kardec, não interessam à *Filosofia*? Ou será que, em um determinado momento criamos resistência a certos assuntos que nos fazem recordar de um período tenebroso da nossa história?

Há quem negue todas as provas e evidências da existência da sobrevivência da *alma*, da comunicação com os *espíritos* e da *reencarnação*, e podemos até *entender*, mas é preciso ter cuidado, pois “se os hereges pudessem ser queimados vivos nos dias de hoje, os cientistas – sucessores dos teólogos, que queimavam qualquer um que negasse a existência das almas no século XVI – hoje queimariam aqueles que afirmam que elas existem” (STEVENSON, 2011a, p. 5). É por isso que eu combato as atitudes dogmáticas que cegamente defendem uma “verdade”.

A7

Mas você considera a *reencarnação* e comunicação com os *espíritos verdadeiros*?

André Barboni

Eu não tenho dúvidas quanto a isso, mas estou disposto a discutir a respeito e considerar seriamente os argumentos contrários à minha *crença*. Quando eu digo “crença” não quero dizer que se trata de uma *fé* em algum tipo de *dogma* que me foi imposto, ou que tenho dúvidas sobre sua veracidade, mas que a minha *razão* me permite considerar esses pontos como *conceitos* que podem ser verdadeiros ou mostrar-se equivocados. Quem não procede assim tende a ter atitudes fanáticas e cair no ridículo caso alguns dos seus *conceitos* sejam contestados por alguma evidência mais forte. Ou pior, como no caso da inquisição, assumir alguma ação mais violenta não meramente por uma questão de ganância e ambição, mas por *fé* em algo que acredita.

A1

Você admite, então, que nem todos estavam movidos pela ambição e pela astúcia, mas muito do que se deu naquela época foi motivado pelo que eles acreditavam?

André Barboni

Certamente que sim. Para muitos, eles estavam salvando a *alma* daqueles que torturavam e queimavam nas fogueiras. O mesmo se dá atualmente quando alguém se explode matando outras pessoas que não compartilham da sua fé. Eles o fazem porque acreditam que essa é a coisa certa para se fazer. Qualquer um que leia o Alcorão⁴⁷ encontrará facilmente nas suas 114 suras ou capítulos, subdivididos em um total de 6.235 versículos material mais do que suficiente para sustentar essa interpretação enganosa, pois, praticamente em todas as suras, esse texto sagrado para os muçulmanos, diz: que Alá é o único e verdadeiro *Deus*; que Maomé é o último dos profetas; que os infiéis terão uma morte horrível e o seu destino é sofrer permanentemente no fogo do inferno e; que aquele que se mantém fiel a Alá, segue os seus preceitos e combate os infiéis, ao morrer será recebido no paraíso por lindas e formosas donzelas onde há fontes de águas cristalinas e todas as coisas boas no imaginário do povo do deserto do qual Maomé provinha. A forma como o texto se apresenta conduz a muitas interpretações que podem justificar atitudes que certamente contrariam a ideia de um Alá bom e misericordioso que aparece, também, nesse mesmo texto.

A8

Mas certamente nem todo muçulmano é fanático e um terrorista em potencial, pois muitos conseguem ver que Alá, como *Deus* único, também criou os “infiéis”.

André Barboni

De fato essa é uma luta entre irmãos, por isso eu chamo a atenção para a questão das interpretações. Um bom comentador pode ajudar a desfazer este tipo de equívoco, mas também, corre o risco de reforçá-lo. Quanto mais autores sobre um certo assunto a gente lê, maior a chance que temos de evitar cair em uma armadilha como esta. Devemos levar isso em consideração, pois se Kardec estiver certo a respeito da *reencarnação*, e as demais coisas que ele trata em sua obra, certas atitudes infelizes levam séculos para serem remediadas. Muito sofrimento pode ser evitado quando se pensa duas vezes antes de cometer tais atos.

P2

Certo André, você falou dos trabalhos do Dr. Stevenson com crianças que espontaneamente dizem se lembrar de vidas passadas, mas existiriam outras provas científicas da *reencarnação*?

⁴⁷ Ver Maomé (2013).

André Barboni

Na realidade, não só os espíritas mas outras *religiões* orientais (Ayyavazhi, Budismo, Caodaísmo, Confucionismo, Hinduísmo, Jainismo, Seicho-No-ie, Seita dos essênios, Sikhismo, Taoísmo e Fé bahá'í), ocidentais (Cientologia, Cristianismo primitivo ou apostolar, Renovação Cristã, Eckankar, Igreja Católica Liberal, Judaísmo e Vodú), de mistérios (Cristianismo esotérico e Rosacruzianismo), influenciadas pelo espiritualismo brasileiro (Movimento Ramatis, Racionalismo Cristão, Religião de Deus – Legião da Boa Vontade, Santo Daime, Umbanda, Vale do Amanhecer e União do Vegetal), de reconstrucionismo pagão (Wicca), de acordo com aquele site no nosso adolescente preguiçoso, são *reencarnacionistas*. Embora tantas pessoas professem uma *religião reencarnacionista*, muitas evidências de *reencarnação* tem sido obtidas de estudos científicos, que muitas vezes, não tinham o propósito de comprovar a sua existência.

Um dos trabalhos que mostra isso e que vale a pena ressaltar é o trabalho que o Dr. Stanilav Grof (2007) relata no seu livro “Psicologia do Futuro”. Neste livro ele nos apresenta os frutos de um trabalho de mais de quarenta anos de experiência com pacientes/profissionais que atingiram um *estado alterado de consciência (estados holotrópicos)*. O trabalho começou com algumas pessoas que se submeteram a sessões de terapia com altas doses de LSD para indução dos “estados holotrópicos”. A partir do qual a pessoa tem acesso a fatos ocorridos no *período perinatal e transpessoal* [referência à experiências ocorridas em vidas passadas].

P4

Oh! Barboni, relatos de experiências feitos por uma pessoa que fez uso de LSD, você acha isso confiável?

André Barboni

Professor, o que interessa aqui é que o fenômeno se repete e pode ser estudado pelos métodos científicos. O que o Dr. Grof observou ao longo de muitos anos de intenso trabalho lhe permitiu chegar à conclusão de que vamos experienciando traumas e bloqueios que envolvem situações ocorridas em vidas passadas, no *período perinatal*, e ao longo da nossa vida presente. Estas memórias vão sendo registradas por um Sistema de Experiência Condensada (que ele denomina de *Sistema COEX*) definido como: um sistema de “memórias com carga emocional, de diferentes períodos de nossas vidas, que se assemelham pela qualidade da emoção ou sensação física que compartilham” (GROF, 2007, p. 37).

P4

Quer dizer, então, que a partir destes estudos, Grof conseguiu construir um modelo explicativo que mostra que as experiências *perinatais* e *transpessoais* são fundamentais no processo de construção da nossa personalidade?

André Barboni

Não só isso, mas note que agora a nossa visão se amplia ainda mais. Este trabalho não só indica um cabedal de experiências, uma herança de *conceitos* e preconceitos relacionados ao tempo e a cultura que estamos inseridos e constituem/determinam a nossa “visão de mundo”, mas também fazem parte deste pacote as nossas *experiências perinatais* [traumas e vivências sofridas na nossa vida intra-uterina e próximas ao nosso nascimento], mas também, nossas *experiências transpessoais* que remetem à experiências de vidas passadas o que indica que o homem não viria a este planeta como uma *tabula rasa*, mas como um *ente* que tem todo um passado e um *saber* que transcende em muito ao *olhar materialista*. A pergunta que nos fazemos, então, é: “o que isso muda?”. Senão tudo, pelo menos muita coisa, talvez devamos reler Platão com outros olhos, dado que os resultados da pesquisa de Grof apontam para o fato de que talvez a *reencarnação* não seja apenas um *conceito* para sustentar um *sistema filosófico* e talvez muitos autores *materialistas* percam sua importância por negarem algo que “existe” no *sentido* tradicional dessa palavra.

A1

Mas isso, também, indica que o nosso lado espiritual precisa ser melhor observado para que possamos encontrar o verdadeiro equilíbrio para a nossa *mente* e o nosso corpo?

André Barboni

Precisamente isso, mas note que ainda nos falta *entender* uma outra coisa, que o *Espiritismo* nos traz e, que é fundamental para *entendermos* a nossa trajetória evolutiva.

A1

O que?

2.2.12 O perispírito e algumas implicações**André Barboni**

Como se dão as conexões corpo-alma? O *perispírito*, de certa forma, resolve a questão colocada por Leibniz que nós trabalhamos na disciplina “História da Filosofia Moderna”.

P4

A de como uma substância imaterial (*res cogitans*), consegue se comunicar com uma substância material (*res extensa*), e vice-versa, uma vez que ambas são de naturezas diferentes? Como a *alma* e sua *vontade* pode, por exemplo, mover o braço e a mão para pegar um objeto?

André Barboni

Correto! Segundo o artigo de Caruso Samel⁴⁸, “Leibniz contesta Descartes sob dois aspectos, dizendo que os cartesianos erraram em supor duas substâncias isoladas, a substância extensa (Matéria) e a substância espiritual (Força) e erraram também por reduzirem a matéria simplesmente à extensão, isto é, tudo que ocupa lugar no espaço”. Quanto ao primeiro aspecto, nas *mônadas*, que para Leibniz seriam a única *substância*, na *verdade* infinitas, as duas naturezas coexistem sem que isto represente uma dualidade radical pretendida por Descartes. Com relação ao segundo aspecto, Descartes não se ocupa da força, mas apenas do movimento que seria mera mudança de posição de um objeto em relação à sua origem. Para Leibniz, o movimento visível, não é um simples movimento de posição observável, ele deve ser o resultado de uma “força viva” que está na *mônada*. A chamada matéria, na sua essência, contém também esta Força. Assim, Leibniz substitui a noção de uma matéria cartesiana estática e inerte por uma noção dinâmica, “em contraste com a física da extensão, retomando o pensamento grego de que é na natureza que se encontra o princípio do movimento”.

P4

Parece que agora você vai ter a oportunidade de explicar em que o *monismo* de Ubaldo difere do *monismo* de Leibniz.

André Barboni

Correto, mas vejamos, Leibniz rejeita a posição dualista de Descartes da independência entre uma *substância material* e outra *espiritual*, bem como rejeita igualmente a posição *monista* de Spinoza de que o pensamento e a *consciência* estão puramente no campo material e mecânico. Para ele, o movimento deriva da ação do *espírito* (*Deus*). Existiria uma experiência interior, a experiência da *consciência*, que não pode ser explicada por números ou movimentos puramente mecânicos, além do princípio de que as *mônadas* que compõem todas as coisas do *mundo* exterior. Depois de definir a *substância* como ação, Leibniz explicou que a ação essencial da *substância* é a representação e a atividade contínua da *mônada* é o esforço de se realizar e evoluir. Apesar de sua quantidade no Universo ser infinita, cada *mônada* é também diferente uma da outra variando também com relação ao seu poder de *representação* (grau de espiritualidade). A *mônada* não tem extensão, não é divisível, não é material, é unidade sem partes que forma compostos e é a *essência* das coisas. É força, *energia* vigor que no Racionalismo Cristão pode ser traduzida pelo próprio *espírito* com o seu *corpo astral*, ou *perispírito*⁴⁹.

⁴⁸ As mônadas de Leibniz – 2. “A Razão”: Jornal do Racionalismo Cristão. Fundado por Luiz de Mattos e Luiz Thomaz em 19/12/1916 e dirigido por Gilberto Silva. Disponível em: <http://www.arazao.net/as-monadas-de-leibniz-2.html>. Acessado em: 02/07/2012.

⁴⁹ Vide nota anterior.

A8

André, eu vejo aí uma semelhança entre as *mônadas* de Leibniz e o que descreve a “grande equação da substância” de Ubaldi, pois nesta equação Ubaldi relaciona *espírito*, *energia* e *matéria* como sendo modos de manifestação da mesma *substância divina*. Sendo assim, tanto Leibniz quanto Ubaldi estariam dizendo, com palavras diferentes, que a *vontade divina* estaria expressa em cada partícula do Universo e como toda *matéria* é composta de um pequeno grupo de partículas que se agrupam de formas diferentes, isso parece fazer um certo *sentido*.

André Barboni

Também penso assim. Mas observe que para Leibniz (1974, p. 77), **Deus é um Ser absolutamente perfeito**, pois possui todas as perfeições reunidas no seu grau supremo. Infinitamente *sábio*, “age da forma mais perfeita, não só no *sentido metafísico*, mas também moralmente falando”. Com relação a nós, pode-se dizer que quanto mais estivermos inteirados a respeito das obras de *Deus*, mais seremos capazes de reconhecer a excelência e a *sabedoria* que elas contém.

A4

Se a *vontade* de *Deus* está presente em tudo, na própria natureza íntima da *matéria*, então *Deus* é responsável por todo o mal?

André Barboni

Leibniz, no seu “Discurso de Metafísica”, argumenta contra os que sustentam a ideia da inexistência de bondade nas obras de *Deus*, ou então, que as regras da bondade e da beleza são arbitrárias e os que creem que *Deus* poderia fazer melhor dizendo que: **“as obras exprimem em si o caráter de Deus”**. Os erros e imperfeições que supomos existir na obra de *Deus* se dá pelas nossas limitações e pelo “diminuto conhecimento que temos da harmonia geral do universo e das razões ocultas da conduta de Deus”. E mais, **“Deus não faz coisa alguma pela qual não mereça ser glorificado”** (LEIBNIZ, 1974, p. 77-78, o destaque é nosso). **“Deus age sempre da maneira mais perfeita e mais desejável possível”**, reconhecer isto, segundo Leibniz, é o fundamento do amor que devemos a *Deus* sobre todas as coisas. Assim, como consequência disto, não basta se conformar com a *vontade de Deus*, mas estar satisfeito com tudo o que nos sucede, segundo a Sua *vontade*, para estarmos em conformidade com o amor de *Deus*, pois “quem ama busca a sua satisfação na felicidade ou perfeição do objeto amado e das suas ações”.

A4

Esse argumento, não me convence, pois parece mais algo que uma pessoa de *fé* diria para defender o seu *Deus* e não algo que possa ser sustentado pela *razão*.

André Barboni

De certo modo, eu não discordo de você, mas note que há coerência lógica em se pensar assim, pois perante os atributos divinos, que são supremamente perfeitos, nossa imperfeição e limitada visão do todo nos impede de avaliar as razões de Sua estratégia, assim como, um soldado tem dificuldades em *entender* o seu papel no plano estratégico de uma grande guerra.

A4

Certo! Mas ainda continua aquela *sensação* de que há alguma coisa errada nesse argumento e que essa é uma ideia enganosa.

André Barboni

Eu não tiro a sua razão, mas vejamos, Leibniz (1974) defende ainda que: *Deus* tudo faz para o melhor e nada poderá prejudicar a quem o ama; a simplicidade das vias equilibra-se com a riqueza dos *efeitos*; como em astronomia, o sistema mais simples é sempre o preferido para melhor explicar os fenômenos; *Deus* nada faz fora da ordem e; nem mesmo é possível criar acontecimentos que não sejam regulares. Posto que nada se pode fazer fora da ordem, uma vez que as *leis de Deus* por serem perfeitas não têm exceção, pode-se dizer que os milagres também estão na ordem como as operações naturais. Da onde se conclui que as coisas ruins que acontecem, não acontecem porque *Deus* as quer assim, mas porque *Deus* permite que elas aconteçam por estarem de acordo com as leis naturais mais gerais que Ele estabeleceu e, porque, daí cabe a nós tirar um proveito maior sobre a ação do mal que sofremos e não mais ficar atribuindo a *Deus* esta ação ou a culpa de não nos ter livrado dele.

A8

Se tento ir de um prédio a outro, não pelo chão, mas de seu topo, pelo ar e caio e me esborraço no chão por ignorar a lei da gravidade. Não é *Deus* ou a gravidade que são más, mas eu e minha ignorância é que somos culpados desse ato e suas consequências. Em outras palavras, creio que é isso o que Leibniz quer dizer, pois há uma razão maior para que exista a gravidade.

A4

Mas, então como distinguir a ação de *Deus* da ação das criaturas?

André Barboni

Para responder a esta questão, Leibniz (1974, p. 82) afirma que “a natureza de uma substância individual ou de um ser complexo consiste em ter uma noção tão perfeita que seja suficiente para *compreender* e fazer deduzir de si todos os predicados do sujeito a que se atribui esta noção; ao passo que o acidente é um ser cuja noção não contém tudo o que se pode atribuir

ao sujeito a que se atribui esta noção”. Assim, *Deus* vendo a noção individual e a exceção de um ser, nela vê ao mesmo tempo o fundamento e a razão de todos os predicados que verdadeiramente dele se podem afirmar e até mesmo conhece nela *a priori* (e não por experiência) o que se deu ou se dará, coisa que só podemos *saber a posteriori*.

Para Leibniz (1974), cada substância singular traz de certa maneira o caráter da *sabedoria* infinita e da onipotência de *Deus*, em sua noção estão compreendidos todos os seus acontecimentos com todas as circunstâncias e toda a sequência de coisas exteriores: passado, presente ou futuro.

P2

Isto, porém, parece destruir a diferença entre *verdades contingentes* e *necessárias* e, portanto, a própria noção de *livre-arbítrio*.

André Barboni

Leibniz contesta esta possível contradição pela necessidade de distinguir entre o certo e o necessário. Pois, estão assegurados os futuros contingentes, visto que *Deus* os prevê, mas daqui não se segue a sua necessidade. As *verdades necessárias* se fundam no princípio de contradição e na possibilidade ou impossibilidade das próprias essências, sem ter em conta a livre *vontade* de *Deus* ou das criaturas.

P2

E como fica a posição de Ubaldi?

André Barboni

Ubaldi entende que ao criar o *Sistema*, *Deus* estava ciente da possibilidade das criaturas se revoltarem e, com o seu *livre arbítrio*, escolher outra *função* que não aquela que tinha lhe sido destinada. Isso provocou o surgimento do *Anti-Sistema*, como dissemos anteriormente, mas o *Anti-Sistema* é algo que não deveria existir, é como um câncer no organismo divino que luta para restabelecer o seu equilíbrio. Enquanto permanecer a nossa *vontade* de se manter no *impulso de queda* continuaremos no *Anti-Sistema*, mas a *dor* será nossa companheira. A medida em que despertamos a nossa *consciência*, percebemos o quanto fomos tolos em nossa revolta e nossa *vontade* escuta a nossa essência que sente saudades do seu lugar de origem e, assim, evoluímos.

P2

Quer dizer, então, que para Ubaldi, *evolução* é esse retorno ao *Sistema*. Então, o nosso *livre-arbítrio* se dá até certo ponto.

André Barboni

Exato, mas o trabalho de Kardec revelou ainda que além do corpo e da *alma*, como diz Descartes, temos um *perispírito* [um corpo *semi-material*, na maior parte do tempo invisível e intangível, mas que pode se materializar sob certas condições de acordo com a *vontade* do *espírito*]. Esse “corpo fluídico” (expressão que Kardec utilizava) faz a ligação entre a nossa *alma* imortal e o nosso corpo físico mortal. O *perispírito* é produzido através da ação da *alma* sobre o *fluido cósmico universal* (FCU) e ao conjunto *alma-perispírito* Kardec deu o nome de *espírito*.

A3

Fluido cósmico universal?

André Barboni

Na pergunta 36 do *Livro dos Espíritos*, Kardec (1981, p.63) indaga à *espiritualidade maior* se o *vácuo absoluto existe em alguma parte do Espaço universal?* E a resposta dada é: “Não, não há o vácuo. O que parece vazio está ocupado por matéria que te escapa aos sentidos e aos instrumentos”. Na questão de número 27 do mesmo livro (*Há então dois elementos gerais do universo: a matéria e o Espírito?*) a resposta é mais longa e específica:

Sim e acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas, ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o Espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o Espírito possa exercer ação sobre ela. Embora de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo com o elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o Espírito não o fosse. Está colocado entre o Espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inúmeras combinações com esta e sob a ação do Espírito, de produzir a infinita variedade de coisas de que apenas conheceis uma parte mínima. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o Espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá (Kardec, 1981, p. 59-60).

A8

Isso tem a ver com *matéria escura*?

André Barboni

Se você procurar na Internet por “fluido cósmico universal” achará um vídeo⁵⁰ que começa justamente com a questão 36 formulada por Kardec e relaciona com a *matéria escura* que você mencionou. Eu não posso afirmar que o *fluido cósmico universal*, descrito no *Livro dos Espíritos*, seja a *matéria escura* que os cientistas, ainda, pouco conhecem, mas transcrevi parte do vídeo que achei interessante para que vocês possam tirar suas próprias conclusões:

⁵⁰ Vide <http://www.youtube.com/watch?v=13s6hH-N8CI>.

Por milhares de anos olhamos para os céus noturnos e acreditamos que a matéria iluminada fosse tudo o que compunha o Universo. Os cientistas agora sabem que não é o que brilha na luz, mas sim o que se esconde no escuro que guarda os verdadeiros segredos de nosso firmamento. Há uma *matéria escura* misteriosa que une as estrelas e galáxias e partículas estranhas como: WIMPS, áxions e MACHOs podem ser as responsáveis. E há uma *energia escura* e repulsiva que cria espaço no Universo, mas afasta mais as galáxias na direção de um destino desolador. Combinadas, *matéria* e *energia escura*, compõem 96% do Universo... Como vigas mestras em uma construção, as partículas lentas da *matéria escura* agiram como a estrutura na qual a matéria comum poderia se prender.

A8

Para mim, é notória a semelhança.

André Barboni

Na sequência do vídeo Dan Bauer do FermiLab dá o seguinte depoimento:

Acreditamos que por ser fria e não interagir muito a *matéria escura* foi unida pela gravidade lentamente e com o tempo, formando as sementes para a matéria normal se aglutinar em galáxias.

Segue outro depoimento de uma pessoa não identificada que diz: “É como uma teia cósmica. Uma teia de aranha com fios de *matéria escura* que se intersectam como o padrão de um andaime. Nesse *sentido* a *matéria escura* é a estrutura que provê a armação das galáxias brilhantes que vemos com facilidade”.

Segue outro depoimento de uma pessoa não identificada que diz:

São como as luzes da árvore de Natal, não são a árvore em si. São coisas visíveis de muito longe, mas na realidade a galáxia é um grande halo do qual quase nada se vê. Vê-se a parte brilhante, estrelas e planetas, que se acumularam no centro de um halo maior que é mais *matéria escura*.

O narrador do History Channel prossegue: “Os cientistas se perguntam há muito tempo por que as galáxias se formaram em padrões aparentemente aleatórios no espaço. Agora eles sabem que foi devido à força gravitacional da *matéria escura*”.

Michio Kaku, autor de “Mundos Paralelos”⁵¹, continua: “O universo não é nada uniforme. Tem vazios e aglomerados. Parece ter regiões em forma de bolha. Agora acreditamos que é devido à *matéria escura*”.

A3

Então, se eu entendi bem, o *fluido cósmico universal* que supomos possa ter ligações ou ser aquilo que os cientistas denominam de “matéria escura” é um fluido abundante no Universo que a *alma* se utiliza para compor o *perispírito*, mas também é o grande responsável pela própria estabilização da *matéria* e de tudo o que há no *Anti-Sistema*?

⁵¹ Vide Kaku (2007).

André Barboni

A3, que bom que você está acompanhando o meu raciocínio! Mas note, então, que o *fluido cósmico universal* está sempre disponível e que o *perispírito*, que é *semi-material*, é uma produção da *alma* que se utiliza dessa “matéria” especial como uma espécie de “corpo sutil” que reflete sua personalidade e lhe confere uma identidade como o nosso corpo físico na nossa dimensão. Assim, podemos dizer que o *perispírito* em conjunto com a *alma* formam o *espírito* que é imortal. Ou seja, na nossa dimensão material, o homem é formado por *alma*, *perispírito* e corpo físico. No plano espiritual, o *espírito* é formado por *alma* e *perispírito*.

A3

Certo, entendi.

André Barboni⁵²

Se diz que o *perispírito* é *semi-material* porque pertence à *matéria* pela sua origem (*fluido cósmico universal*) e à *espiritualidade* pela sua natureza etérea. Por sua natureza e em seu estado normal o *perispírito* é invisível aos nossos olhos, porém pode sofrer modificações que o tornam perceptível e até tangível de acordo com a *vontade* da *alma*. Esta, por sua vez, extrai seu *perispírito* dos elementos contidos nos fluidos ambientes de cada *mundo*, de onde se deduz que os elementos constitutivos do *perispírito* variam conforme os *mundos*. Conforme a *alma* seja mais adiantada moralmente a natureza do *perispírito* se torna mais sutil e depurada.

O *perispírito* não se acha encerrado nos limites do corpo. Por sua natureza fluidica e expansível irradia para o exterior e forma em torno do corpo uma *aura* que o *pensamento* e a força de *vontade* podem dilatar com maior ou menor intensidade. A máquina Kirlian tem sido utilizada para obter fotografias que confirmam o que alguns médiuns já visualizavam há séculos.

Sendo de natureza idêntica a dos *fluidos* do *mundo espiritual*, o *perispírito*, os assimila com facilidade e, por sua vez, reage sobre o organismo material com que se acha em contato molecular. Se os eflúvios são de boa natureza o corpo resente uma impressão salutar, se são deletérios, a impressão é penosa. Se permanente e enérgicos, esses eflúvios maus podem causar desordens físicas e produzir certas enfermidades. O *perispírito* é, portanto, o intermediário pelo qual se processa a transferência dos *fluidos* salutar e *energia* nos processos de curas e passes espirituais e, no caminho inverso, é o órgão de transmissão de todas as sensações provenientes dos estímulos captados pelo corpo físico para a *alma*, que de fato é a sede da memória e da sensibilidade, pois sem a *alma* o *perispírito* é uma “matéria” inerte privada de vida e sensações.

⁵² Baseado no texto “O Perispírito” de Elio Mollo disponibilizado em: <http://www.aeradoespirito.net/Livros1/OPerispirito.pdf> e acessado em 08/03/2014.

A7

Quer dizer, então, que o *perispírito* está para a *alma*, assim como o corpo físico está para o homem? Sem o *espírito* o corpo físico não passa de um cadáver. Sem a *alma*, o *perispírito* é apenas uma *matéria* que a natureza recicla de alguma maneira.

André Barboni

Correto A7, mas tem mais uma coisa interessante à respeito do *perispírito* que não podemos deixar de mencionar.

A7

O quê?

André Barboni

O *perispírito* é o princípio diretor da vida organizada, o elemento de aglutinação e organização da *matéria* obediente às leis biológicas e ao comando da *alma*. O molde, a forma ou o modelo se encontra nos fatores genéticos e hereditários de cada ser, herdados do material genético doado pelos pais. A *alma* se utiliza do *perispírito* como um laço fluídico para se ligar ao corpo em formação e o material genético a ser utilizado na encarnação é escolhido, conforme nos foi revelado nas obras do espírito André Luiz, psicografadas pelo *médium* Chico Xavier, pelo próprio *espírito reencarnante* auxiliado pela *espiritualidade maior*, especializada nessa função.

A7

O que isso implica?

André Barboni

Em função das necessidades encantatórias de um *espírito*, pode ser escolhido um material genético (óvulo e/ou espermatozoide) com algum problema genético específico que aquela *alma reencarnante* terá que conviver ao longo daquela *reencarnação*. Note que a escolha tem finalidade cármica e visa dar ao *espírito* as condições ideais para o seu progresso moral naquele momento. Não se trata de castigo ou punição, mas de uma oportunidade de superação de alguma falha moral, reequilíbrio espiritual e/ou ajuste vibracional. Revoltar-se contra isso é falhar na missão. Mas nem toda prova envolve problemas genéticos. Acidentes perinatais ou mesmo em idade mais avançada, também, são aproveitados na programação da *reencarnação* pelo *espírito reencarnante* apoiado pela *espiritualidade maior*. O *livre-arbítrio* sempre é respeitado e o indivíduo que tinha programado passar pela prova de perder um braço em um certo momento de sua vida, pode perder apenas um dedo, se conseguir aprender a lição a que se propunha e tiver merecimento para a redução dessa provação.

A7

É a misericórdia divina atuando?

André Barboni

Sempre que nos fazemos merecedores dela. Observe também que o *perispírito*, como você mesma notou, atua como o corpo espiritual da *alma* no plano invisível. Sua natureza é extremamente susceptível ao estado mental da *alma*. Se esta está em harmonia com a *lei de Deus* e apresenta uma atitude positiva e edificante, seu *perispírito* reflete isso e o *espírito* se sente bem e equilibrado. No entanto, *sentimentos* de revolta, mágoa, remorso, etc., podem levar à um desequilíbrio que irá se refletir no *perispírito* causando-lhe doenças e deformações. Dependendo da gravidade dessas *lesões perispirituais*, a *espiritualidade maior*, com a anuência do *espírito* doente, programa uma *reencarnação* de reequilíbrio.

O corpo físico que esse *espírito* terá, drenará a carga energética negativa e agirá no sentido de reequilibrar o organismo espiritual daquela *alma*. Muitas crianças que não chegam à vida adulta, ou que morrem até mesmo antes de nascer por apresentarem algum problema de mal formação se enquadram nessas situações. Diversas outras patologias inatas ou adquiridas também cumprem essa função de drenagem da *energia* negativa acumulada no *perispírito*. A maioria delas, senão a totalidade, devidas à nossa invigilância e descuido com os nossos atos e pensamentos.

P2

Você quer dizer que um pensamento negativo e desequilibrante pode provocar doenças?

André Barboni

Sim. Isso se dá tanto no *plano espiritual* com *espíritos* desencarnados como no nosso *plano material*.

P2

Isso me faz lembrar de certas culturas que atribuem as causas das doenças à ação de *espíritos*.

André Barboni

Isso também se dá, mas nem tudo pode ser tratado com passes e orações. A medicina atual também tem recursos que não devemos dispensar.

P2

Mas você fala do *mundo espiritual* como uma realidade. Explique isso melhor.

2.2.13 O mundo das ideias e o mundo espiritual

André Barboni

As obras de Kardec não falam muito do plano espiritual da perspectiva de quem vive naquele plano. Não que Kardec não se interessasse por ele, muito pelo contrário, ele se interessou e fez muitas perguntas a respeito, mas é com as obras do *espírito* André Luiz que a nossa noção do *mundo espiritual* começa a ficar mais clara. Notadamente com a obra “Nosso Lar”⁵³, que vendeu mais de um milhão de cópias e recentemente foi adaptada para o cinema⁵⁴. E depois, com os demais livros da série⁵⁵, são confirmadas as informações dadas pelos *espíritos* à Kardec de que o *mundo material* em que habitamos é uma cópia imperfeita do *mundo espiritual*.

P2

Isso me lembra Platão.

André Barboni

A correlação é tão forte a ponto de eu poder afirmar que Platão, ao se referir ao *mundo das ideias*, na realidade pensava no *mundo espiritual*. Para mim eles são sinônimos, com a diferença de que no caso de Platão, as pessoas ainda podem achar que se trata de um artifício que ele se valeu para sustentar a sua *teoria das reminiscências*, mas com o *Espiritismo* a coisa muda de figura. Pois, o *espírito* nos é apresentado como uma realidade e o *mundo espiritual*, então, passa a ser logicamente plausível uma vez que se aceite tal realidade.

P2

Você está dizendo que o *mundo espiritual* é plausível desde que se aceite como realidade a existência do *espírito*. Você tem alguma dúvida quanto a isso?

André Barboni

Não. Mas é prudente mostrar que existe lógica no que eu estou afirmando. Eu não estou querendo convencer quem quer que seja com as minhas argumentações, mas apresentar um conjunto de coisas que me faz pensar o *mundo* de uma forma diferente da visão *materialista* dominante. Eu acredito que estas coisas são importantes para quem deseja sinceramente encontrar e seguir o verdadeiro caminho da *sabedoria*.

P2

Em outras palavras, trilhar o caminho da *Filosofia*?

⁵³ Vide Xavier (1944a).

⁵⁴ Vide Nosso Lar (2010).

⁵⁵ Vide Xavier (1944b, 1945, 1946, 1947, 1948, 1949, 1954, 1955, 1957, 1959, 1960a, 160b, 1963, 1964, 1968).

André Barboni

Precisamente. Não é a toa que nós nos alongamos em tecer considerações que colocassem em dúvida o *referencial materialista* e mostrasse vantagens em se adotar o *referencial espiritualista*. Mas também nos preocupamos em mostrar que tal *referencial* não é homogêneo e que visão que o *Espiritismo* nos traz, permite retomar algo que a astúcia dos homens fez com que esquecêssemos. Era fundamental resgatar isso para que pudéssemos avançar sem medo de abrir mão de nossa *razão* e cairmos nas malhas de um fanatismo religioso que não tem mais *sentido*.

P2

E alguma vez teve?

André Barboni

O medo também tem a sua função. Para aqueles que ainda são imaturos e não tem a noção do perigo de trilhar certos caminhos, o medo e a ameaça de um castigo maior, por parte de uma Entidade que tudo sabe e tudo vê, pode ser uma solução. Mas este tipo de solução tem tempo determinado e fere a nossa inteligência. Se perpetuada, traz mais malefícios do que benefícios e acaba sendo desrespeitosa, mesmo quando sendo empregada com a melhor das intenções.

P2

Você está dizendo que tudo que a *Igreja* fez ao longo da história é justificável?

André Barboni

Não. Eu estou dizendo que não precisaria ser assim, mas que a *espiritualidade maior*, que guia a nossa *evolução*, respeitando o nosso *livre-arbítrio*, sempre aproveita a ação dos homens, seja em que *sentido* for, para nos instruir.

P2

Mesmo quando a ação nos causa tanta *dor* e sofrimento, eles não interferem?

André Barboni

Se essa *dor* e sofrimento por em risco a nossa existência é claro que a interferência tem que se dar de forma mais efetiva. Os amigos espirituais estão constantemente trabalhando em nosso auxílio, nos intuindo, nos dando forças nas horas mais angustiantes e fazendo todo o possível para nos proteger, mas não podem impedir o nosso *livre-arbítrio* e suas consequências. A *dor* e o sofrimento, também fazem parte da vida e nos ensinam lições que se bem compreendidas nos fazem muito bem. Ao termos ciência desta ajuda e ao nos mantermos receptivos a ela, a nossa *consciência* se expande e somos tomados por um otimismo que não achávamos que seríamos capazes de possuir. Isso nos dá força para fazer o impossível.

P2

Você não está exagerando?

André Barboni

O impossível só é impossível até que alguém o faça. Quantas coisas, no passado, foram consideradas impossíveis e hoje são corriqueiras? Pensem nisso.

A7

Mas André, no *mundo espiritual* só tem gente amiga?

André Barboni

Evidente que não. Uma pessoa não muda de caráter só porque morreu. Na realidade, o que a gente observa nas próprias comunicações que se dão todos os dias, nos centros espíritas espalhados pelo Brasil, é que boa parte dos *espíritos* que se comunicam sequer tem a consciência de que morreram e continuam agindo como se nada tivesse ocorrido.

A7

Que estranho?

André Barboni

Após o fenômeno que chamamos morte, já é esperado uma certa perturbação e confusão mental por parte do *espírito* recém-desencarnado. O grau de perturbação e a sua duração dependem de vários fatores, entre eles: o apego que o *espírito* tem à *matéria*; o grau do seu adiantamento moral e; o *conhecimento* que possui sobre *reencarnação* e o *mundo espiritual*.

P2

Você quer dizer que estudar o *Espiritismo* ajuda o *espírito* se preparar para esse momento?

André Barboni

Ajuda, mas não determina as condições, pois muitas pessoas com grande *conhecimento* e anos de prática na *doutrina espírita*, quando chega o seu momento, também temem a morte e se deixam iludir pela *sensação* de ainda estarem ligadas ao seu corpo físico. Permanecem, por um tempo, tentando seguir com a sua rotina diária. Nas comunicações ouvimos relatos de *espíritos* desencarnados que não entendem por que seus *entes* queridos não lhes respondem quando falam com eles. Isso lhes aumenta a confusão mental. O *conhecimento espírita* para aqueles que de fato os assimilam e vivenciam sinceramente suas lições, no entanto, lhes ajuda nessa hora e graças às ações de auxílio e *amor* ao próximo que desenvolveram ao longo de sua vida lhes são abertas as portas para o amparo dos amigos e parentes que se encontram na espiritualidade.

A7

Mas só os espíritas ou quem detém esse *conhecimento* tem esse amparo?

André Barboni

Não. Definitivamente ele está disponível a todos. Qualquer um que tenha amigos ou parentes queridos que já se foram e que gozem de algum merecimento são amparados. Mesmo aqueles que insistiram no caminho das trevas recebem ajuda da *espiritualidade maior*. O problema é que nesse caso o *espírito* desencarnante pode, também, ser recebido por aqueles a quem se fez devedor. A *espiritualidade maior* sempre atua para o bem de todos, mas tem que respeitar à *lei da ação e reação*. No *mundo espiritual* os *espíritos* se reúnem por sintonia e por afinidade e migram para planos de acordo com a frequência vibratória dos seus pensamentos.

P2

Frequência vibratória dos pensamentos?

André Barboni

Tudo é vibração e tem uma certa frequência de ressonância. Os pensamentos de ódio, rancor, inveja, etc. vibram em uma frequência mais baixa do que os pensamentos edificantes. Daí que quem não consegue manter pensamentos e atitudes saudáveis acaba atraindo para o seu convívio o tipo de companhia que melhor se afina com a sua frequência vibratória. Isso acontece tanto no nosso *plano material* como no *plano espiritual*, o que faz com que tenha *sentido* a frase de Jesus que dizia “orai e vigiai”. Orai porque, a oração eleva o padrão vibratório dos nossos pensamentos e permite que nos sintonizemos com a *espiritualidade maior*. Vigiai porque, a vigilância constante nos ajuda a evitar as armadilhas da *espiritualidade inferior*. Note que eu me utilizo, aqui, dos termos “maior” e “inferior” em função das faixas vibratórias que estas *espiritualidades* se encontram. *Deus* não faz distinção entre seus filhos. Ele sabe que no final todos despertarão para a Luz e que o seu retorno ao *Sistema* é mais do que certo.

P2

Então, o *livre-arbítrio* é uma ilusão!

André Barboni

Nós já vimos que não. Todos nós iremos morrer, isso é certo, a menos que alguém desenvolva ou encontre um elixir da vida eterna, essa é uma certeza que podemos ter. Mas como viveremos a nossa vida é algo que temos algum controle. Ninguém pode dizer com precisão o que se dará amanhã, mas podemos fazer planos e tentar executá-los. De um modo geral, eles podem se concretizar, mas nunca temos certeza absoluta.

P2

Isso parece razoável.

André Barboni

Façamos, então, uma pequena reflexão para termos ideia do que significa estar no *mundo espiritual*. No *mundo da matéria*, o nosso *espírito* está preso ao seu corpo físico que inibe seus movimentos e sua liberdade de ir e vir, assim como, suas lembranças do passado. Tudo se dá como se tivéssemos sido criados no momento da nossa concepção, ou como querem alguns, no momento do nascimento, não vamos entrar em polêmica sobre isso. Certo?

P2

Certo.

André Barboni

No *mundo espiritual*, por outro lado, o *espírito* se sente mais livre pois não tem mais que carregar o pesado fardo do corpo físico que lembra muito uma pesada armadura ou um escafandro. A figura deste último tem sido muito utilizada, apropriadamente, pois além do envoltório limitante também associamos a ideia do meio ambiente, no caso a água, que é mais denso que o ar. No *mundo espiritual*, portanto, a própria atmosfera nos permite maior liberdade de movimentos, o *espírito* está mais livre e pode, então, utilizar de suas habilidades com mais desenvoltura. Neste ambiente estamos livres dos problemas advindos do envelhecimento e quanto mais aprendemos e despertamos a nossa *consciência*, mais liberdade gozamos.

A7

Isso parece o paraíso!

André Barboni

Sim, mas note que ninguém quer ficar ocioso. Quanto mais evoluído for o *espírito*, mais ele deseja trabalhar. O *corpo espiritual*, como dissemos, é formado por uma “matéria” especial. Essa *matéria* é altamente susceptível e influenciada pelo pensamento. O que significa que ela sempre espelha o estado mental do seu *espírito*. Não há como mascarar os nossos *sentimentos*, principalmente para os *espíritos* que se encontram mais avançados, moralmente falando.

A7

Creio que isso seria bastante embaraçoso se aqui na Terra o nosso corpo físico também se comportasse dessa maneira. E talvez seja por isso que os *espíritos* procurem ficar com quem está no seu mesmo grau evolutivo. Ficar próximo de *espíritos* superiores exige uma constante vigilância para não se passar vergonha.

André Barboni

Mas note que essa reunião de *espíritos* afins também gera uma frequência de ressonância coletiva que ajuda a plasmar o ambiente que eles se encontram, pois a “matéria” desta dimensão tem propriedades ideoplásticas. Isso faz com que o ambiente adquira as características imprimidas pelas *mentes* mais fortes que imponham a sua *vontade* e pelo conjunto das *mentes* que compõem a coletividade que habita essas regiões. Assim, a literatura espírita nos relata regiões luminosas e até mais felizes que o “Nosso Lar” e regiões trevosas onde a luz mal consegue penetrar. Nestas regiões infelizes, a desarmonia mental dos *espíritos* que nelas habitam são aproveitadas por *espíritos* inteligentes, mas renitentes no mal para impor o terror e dominar com mais facilidade suas *consciências*. Verdadeiros impérios das sombras se estabelecem, alimentando uma rede de revolta e ignorância que fortalece o *impulso de queda* descrito por Ubaldi em seus livros.

A7

Que horror! Então, para o *Espiritismo*, existe céu e inferno.

André Barboni

Note que o inferno, aqui, só existe enquanto o *espírito*, que nele habita, alimentar o *impulso de revolta* contra *Deus*. Enquanto mantiver uma frequência vibratória baixa que impeça o auxílio da *espiritualidade maior*. A oração, feita com sinceridade, e o arrependimento de suas faltas mediado pela *dor* agem como um pedido de socorro **que é sempre atendido**. Enquanto isso não se dá, é inútil que as equipes socorristas se lancem em seu auxílio, pois esses *espíritos* fugiriam da luz e buscariam os ambientes mais ajustados à sua faixa vibratória. Outra razão para as equipes socorristas se manterem em alerta, está no fato de que o socorro é feito com mais eficiência por quem está mais próximo da faixa de frequência vibratória do socorrido. Assim, entre os *espíritos* que cumprem esta tarefa, muitos estão lutando pelo seu próprio erguimento espiritual e não raro são os casos de socorristas que se deixam influenciar pelas cenas que presenciam dificultando o trabalho dos seus guias e mentores espirituais.

A7

Quer dizer que as equipes que realizam esse trabalho, de resgate espiritual, correm o risco de se perder e serem aprisionadas nesses ambientes?

André Barboni

Isso nos é confirmado por diversas obras além da série André Luiz. Mas em todas elas, sempre é dito que esse esforço pessoal sincero é de vital importância para quem socorre que, muitas vezes, acaba sendo quem mais se beneficia desse trabalho.

P2

Me parece um trabalho especializado.

André Barboni

De fato o é. Existem diversas colônias espirituais no espaço próximo à Terra. Em cada uma delas existe uma hierarquia e distribuição de trabalhos onde cada um se esmera em executá-los da melhor forma possível. A ação das equipes de resgate sempre são acompanhadas de perto pela *espiritualidade inferior* que a todo momento tenta impedir e dificultar o seu trabalho. Muitos dos *espíritos* resgatados são algozes do passado vigiados de perto por suas vítimas que, agora, buscam vingança. Em alguns casos, o emaranhamento de ódio e vingança entre esses *espíritos* atravessa várias encarnações e a solução conciliadora está longe de se dar.

P2

Quer dizer que existe uma verdadeira guerra entre o bem e o mal na *espiritualidade*?

André Barboni

Não só na *espiritualidade* como também no nosso *plano material*, pois lembre que tanto as trevas como a luz trabalham intensamente pela vitória e isso inclui a nossa dimensão. No entanto, eu tenho observado, após muitas leituras, que existe um certo acordo que ambas as partes se forcem a seguir. Neste acordo se respeita o *livre-arbítrio* do *espírito* socorrido.

P2

Como assim?

André Barboni

Os pensamentos, a *vontade* e as ações de uma pessoa determinam o seu destino. Quando essas ações prejudicam alguém, esse alguém pode se sentir no direito de cobrar a dívida. Esse dano é computado na contabilidade da *Lei de Deus* e no desencarne, ou mesmo nessa vida essa pessoa pode se ver na situação de ter que saldar a dívida. Dívidas não salgadas geram *carma*. De volta ao *mundo espiritual*, como dissemos, esse *espírito*, dependendo do seu progresso espiritual, pode se ver numa região de luz ou de sombras, que André Luiz chamou de *umbral*.

No *umbral*, um *espírito* se vê como vítima e algoz de si mesmo e sofre enquanto resiste à luz e não a busca sinceramente. Somente quando se dispõe a não mais sofrer é que a *espiritualidade maior* tem permissão para agir e sua ação tem que ser respeitada, à contragosto, por quem se beneficiava, ou melhor, julgava se beneficiar dessa situação infeliz. Creio que essa expressão é mais correta, pois não há verdadeiro benefício para nós na *dor* que causamos a qualquer *ser* que seja. Isso nos afasta do nosso verdadeiro destino.

P2

Então, a minha felicidade ou o meu sofrimento dependem do meu pensamento, da minha *vontade* e dos meus atos. Se tenho pensamentos negativos, atraio por sintonia *espíritos* que se comprazem com esses pensamentos. Isso, imagino eu, age como uma bola de neve, alimentando ainda mais esse tipo de pensamento. A minha *vontade* pode quebrar esse ciclo, mas se não quebra e minhas ações se dão contrárias às *Leis de Deus*, eu terei que arcar com as consequências dos meus atos.

André Barboni

Por outro lado, se meus pensamentos são positivos, a *espiritualidade maior* se faz presente de acordo com o meu grau de merecimento e frequência vibratória. Se me mantenho receptivo, consigo sentir a *energia* salutar que eles me transmitem e até capto seus pensamentos e sugestões. Fortalecido consigo realizar grandes coisas para o meu progresso espiritual e quanto mais sintonizado com a Luz, mais fácil fica a minha acensão evolutiva e mais perto fico da verdadeira felicidade.

P8

Isso lembra o sistema de castigo e recompensas que muitas *religiões* se valem para a determinação de um Céu e um Inferno.

André Barboni

Pode ser, mas note que, nesse caso, não existe um sacerdote com poderes de perdoar os pecados do pecador e por *graça* lhe abrir as portas do paraíso para que o mesmo possa eternamente usufruir de benefícios a que não fez jus. A felicidade está à disposição de todos. Todos serão felizes à medida que evoluírem espiritualmente e isso depende, em última instância, do próprio indivíduo que busca essa felicidade. Quem já a alcançou ou está no caminho certo para alcançá-la já percebeu que a trajetória do *amor*, conforme ensinado por Jesus de Nazaré, é o meio mais curto e eficiente para atingir tal objetivo.

A8

Amor e caridade como preconizava o próprio Kardec.

André Barboni

O *amor* incondicional e o bem que fazemos sem olhar a quem o estamos fazendo nos faz credores aos olhos de *Deus* e da *espiritualidade maior*, que aproveitam cada oportunidade para resgatar o *Anti-Sistema* de sua *queda* infeliz. Isso significa, na visão de Ubaldi, que cada ser, cada átomo desse universo precisa ser resgatado.

A8

Cuidado! Você está misturando Ubaldi com Kardec. Kardec não fala de *Anti-Sistema* nem de *queda*.

André Barboni

A visão de Ubaldi complementa a de Kardec. Kardec trata de uma via da teoria de Ubaldi: a que trata do retorno do *Anti-Sistema* ao *Sistema*, e que nós conhecemos como *evolução*. Ubaldi nos mostra uma visão mais ampla que nos permite *compreender* outras pesquisas e descobertas feitas pelo homem na atualidade e preencher lacunas que ficam nas teorias que tentam explicar a origem do universo. Assim, tanto Ubaldi como Kardec concordariam que o *amor* e a *caridade* nos ajudam a *evoluir espiritualmente* e que não se pode ser feliz deixando para trás algum irmão. Se *Deus* é pai, e todos somos seus filhos, se ele é perfeito e guarda todas as *virtudes* no seu grau de perfeição máximo, como ele pode não se entristecer com o fato de um filho seu não ser feliz? Se verdadeiramente O amamos, como podemos ser felizes sabendo que o nosso Pai amado está triste com alguma coisa. Para quem vive isso, e a verdadeira felicidade depende disso, a caridade para com o nosso próximo nos obriga a dar o que nos falta e fazer qualquer sacrifício pela sua felicidade. É por isso que as grandes almas se empenham tanto em nos ajudar.

P2

Mas se os *espíritos* se agrupam por afinidade no *mundo espiritual*, então, deve ser muito penoso para as grandes *almas* deixar um ambiente onde elas convivem com *espíritos* do mesmo nível para coexistirem com homens que ainda se satisfazem com coisas sórdidas.

André Barboni

Nos relatos de Platão, e outros tantos, é notória uma certa melancolia que eles sentem e que nos fazem pensar que eles anseiam pela morte.

A3

Isso eu já tinha notado!

André Barboni

A minha tese é que eles, de uma forma ou de outra, sabem que esse *mundo* ainda tem muito que *evoluir* para chegar no nível *espiritual* da morada que eles proveem. As *reminiscências* que trazem consigo em sua *alma* lhes provoca uma saudade imensa.

A3

Mas essas colônias existiriam apenas no *mundo espiritual*?

2.2.14 A pluralidade dos *mundos habitados*

André Barboni

A pluralidade dos *mundos habitados*. “As muitas casas no reino do meu pai”, como disse Jesus de Nazaré, se dá também, de acordo com o relatos dos *espíritos*, no nível material. Essa ideia, inclusive, tem sido assunto de pesquisa da *ciência* há muitos anos. Atualmente, a moderna astronomia tem se empenhado e desenvolvido novas técnicas para mapear planetas em uma zona do cosmo que eles julgam habitável⁵⁶. E note, que os filmes de ficção científica, como “Jornada nas Estrelas”, tem influenciado gerações há décadas e muito do que antes era pura especulação, hoje já é corriqueiro.

A3

Como os celulares, por exemplo?

André Barboni

Mas não se trata apenas disso. Já se fala da construção de naves espaciais capazes de viagens interestelares e existem vários projetos de colonização de outros planetas em andamento. Muito tem sido investido na identificação e solução dos problemas a serem enfrentados na execução de tais projetos. Entre eles, a tentativa de se criar ecossistemas viáveis em ambientes artificiais que simulam as condições de Marte e o desenvolvimentos de motores de propulsão que utilizam o plasma e reduziriam significativamente o tempo das viagens espaciais. Todas essas informações podem ser facilmente obtidas a partir de uma rápida busca na Internet.

P1

Mas você sabe que nem tudo o que está disponível na Internet é confiável.

André Barboni

Estou de pleno acordo com a senhora professora, tanto que eu nem estou citando as minhas fontes neste caso, pois não quero que elas comprometam o que eu estou afirmando. Estas mesmas informações tem sido veiculadas repetidas vezes no History Chanel, e em outros canais abertos e fechados da televisão. O que me interessa fazer notar, aqui, é que a existência de outros planetas com vida inteligente em diferentes estágios evolutivos é algo que atualmente é bem aceito pelo senso comum da população. É fato, também, que quase toda estrela possui planetas, a senhora pode pesquisar por si mesma e verá que a *ciência* não nega isso.

⁵⁶ Região do espaço ao redor de uma estrela onde o nível de radiação emitida pela mesma permite a existência de água líquida na superfície de um planeta/satélite natural que ali se encontre. A partir dos *dados* da missão espacial Kepler, estima-se que esta região tenha, pelo menos, cerca de 40 bilhões de planetas com condições semelhantes às da Terra.

P1

Aonde você quer chegar com esses argumentos?

André Barboni

Se não estamos sós no universo. E essa é uma possibilidade bastante razoável. Pode-se pensar que existam civilizações em estágios bem mais avançados do que o nosso. Se nós conseguimos construir foguetes, sondas e naves espaciais capazes de explorar o nosso sistema solar, é justo imaginar que eles também o possam fazer, até com mais sucesso e habilidade.

P1

Não me diga que agora você vai falar de OVNI⁵⁷ e ETs?

André Barboni

Não faria mal falar deles, afinal muitos cientistas acreditam que o tempo transcorrido entre o início da vida no planeta até hoje é insuficiente para garantir essa nossa enorme biodiversidade. Muitos chegam inclusive a pensar na hipótese da vida ter começado em outro lugar e chegado até a Terra não só em foguetes, mas também, de “carona” em asteroides na forma de micro-organismos congelados. “Eram os Deuses Astronautas?” é um livro clássico de Erich von Däniken (2010) que fez muito sucesso desde que foi lançado em 1968. Seus livros inspiraram muita gente inclusive “os teóricos do astronauta antigo”.

P1

Däniken e *os teóricos do astronauta antigo*, você quer mesmo que eu leve esse pessoal a sério?

André Barboni

Não professora, a senhora não precisa levá-los a sério, mas a senhora há de convir que existem muitas coisas das nossas civilizações antigas que, até mesmo hoje em dia, ficam difícil de explicar se considerarmos a tecnologia existente em sua época e que ainda permanecem um mistério para nós.

A8

A ideia de seres espaciais visitando o nosso planeta é razoável e diariamente, ou quase que diariamente, são avistados uma série de objetos estranhos nos céus do *mundo* inteiro, muitos deles com registro fotográfico e em filme. Para muitos há alguma explicação razoável, mas para outro tanto não se *saber* ao certo o que são.

⁵⁷

Objeto Voador Não Identificado.

André Barboni

Os teóricos do astronauta antigo, grupo que se denomina assim e que até ganhou um programa no History Chanel, com esse nome, não teriam dificuldades em afirmar que se tratam de naves espaciais nos visitando. Isso eu admito, como admito também que nem tudo o que eles dizem parece certo. Creio até que eles exageraram um pouco.

P1

Só um pouco?

André Barboni

As vezes bem mais que um pouco. Mas note que se tivéssemos a tecnologia para viajar pelas estrelas e construir colônias em planetas com condições semelhantes às da Terra, certamente o estaríamos fazendo. Os filmes de ficção científica, de certo modo, agem como verdadeiras bolas de cristais antecipando algo que desafia a nossa capacidade e imaginação. Se podemos fazê-lo, nessas condições, o que impediria quem as tivesse de já tê-lo feito anteriormente? Qualquer potência militar ficaria ansiosa para por as mãos nessa tecnologia e faria questão de esconder do *mundo* qualquer pista que levasse a esse segredo.

A8

Você acha que dar espaço na mídia para quem não seja levado muito à sério é uma boa maneira de esconder um segredo?

André Barboni

Um segredo que é desacreditado perante muitos é um segredo que mesmo visto por todos não é levado à sério e permanece mais tempo seguro. Note, no entanto, que eu não estou dizendo que é assim, mas o mesmo se dá com relação ao *mundo espiritual*. A mídia e a televisão distorcem muito o que ele de fato é. Os norte-americanos, mesmo, costumam encarar as aparições de *espíritos desencarnados*, como *almas penadas*, que arrastam correntes e perturbam as pessoas até que algum problema pendente seja resolvido para, então, gozarem do seu justo descanso eterno. Não é isso que a literatura espírita nos informa.

P1

Você está considerando que essa literatura espírita está com a *verdade*.

André Barboni

Não é bem assim, o que eu digo é que quando a estudo, as suas explicações me parecem mais coerentes e plausíveis e isso me faz defender o seu estudo sério, também, na academia.

P2

Que tipo de ganho você supõe que a *Filosofia* teria se o fizesse?

André Barboni

No mínimo seríamos capazes de *entender* melhor a nós mesmos. Isso, por si só já é um imenso avanço para o nosso crescimento pessoal e já justificaria tal medida. Filosoficamente ficariam injustificadas todas e quaisquer diferenças entre as pessoas que pudessem fazer com que privilegiássemos um grupo em detrimento de outro, pois a noção de *reencarnação* nos lembra que a situação que privilegia hoje uma pessoa, amanhã, lhe pode ser retirada e a situação pode se inverter. Como consequência, as pessoas que compreendessem esses ensinamentos se esforçariam para ser mais tolerantes e solidárias umas com as outras.

P1

Mas nem todo mundo que é *espírita* se comporta dessa maneira.

André Barboni

Concordo, e de forma alguma eu estou querendo que as pessoas se convertam ao *Espiritismo*, mas que elas reflitam sobre o *conhecimento* que ele traz e na sua crença promovam a sua reforma íntima. É a isso que eu as convoco, pois estamos caminhando para um planeta superpopuloso. Estima-se que a Terra possa chegar a uma população humana em torno de 20 bilhões de indivíduos. Se continuarmos vivendo da forma como temos vivido, correremos o risco de esgotar os recursos do planeta de forma irreversível. Precisamos, então, nos valer de todos os recursos que nos permitam trabalhar de forma harmônica e respeitando a vida como um todo.

A8

Desenvolver tecnologia para viajar pelas estrelas pode ser uma forma de sobrevivência para a humanidade.

André Barboni

Mas não resolve o problema. Só o adia e a um alto custo de termos, talvez, de deixar definitivamente a nossa casa. Mas eu acho que já temos o suficiente para passar a uma etapa mais importante da nossa discussão: construir um modelo coerente que nos ajude a pensar o *mundo* de forma mais saudável e que nos auxilie nas nossas escolhas de vida sem comprometer a nossa *evolução*.

P2

Você quer propor um *sistema filosófico*?

2.3 CONSTRUINDO O EDIFÍCIO

2.3.1 Análise x Síntese

André Barboni

Eu não diria um *sistema filosófico*, mas é preciso construir algo novo. Dar algum tipo de contribuição para o pensar filosófico. Não basta achar falhas nos pensamentos de alguns *filósofos* é necessário fazer o segundo movimento. O movimento de construção que caracteriza todo *filósofo* que se faz merecedor desse título.

P2

E no que constituiria essa sua contribuição?

André Barboni

Vejamos, primeiro eu preciso retomar uma contribuição que eu formulei para a resolução dos paradoxos de Zenão de Eleia. Esta solução me ocorreu quando estava cursando a disciplina CHF510 – História e Filosofia da Ciência, no início da minha graduação em Biologia.

P3

Que eu ministrei. Eu me lembro do seu interesse nas minhas aulas.

André Barboni

Para responder aos argumentos de Zenão tivemos que nos reportar às ideias de Pitágoras de um universo constituído por números (naturais) e, que assim como acontece com a “harmonia” musical, é resultante da imposição do limite (proporções numéricas) na continuidade indefinida do som. Pitágoras acreditava que o universo todo se explica pela imposição do limite no limitado; e se o que faz a harmonia é o número, então é o número que constitui todas as coisas.

P2

Isso é interessante!

André Barboni

Sendo assim, tudo o que vemos e conhecemos é constituído por um número limitado de elementos infinitesimais, eu diria mais, o próprio tempo e o espaço são assim, mesmo que os nossos sentidos, a nossa percepção aponte para o contrário. Não é muito difícil para nós homens e mulheres do século XXI *entender* isso, mas o que me impressiona, é o fato de os gregos daquela época já terem uma ideia disso.

Assim, tomemos como exemplo a figura 3. Ela mostra um peixe “cofre”, habitante das águas de um rio da Bahia (região de mangue) e embora a luz, as cores e as formas nos pareçam contínuas, toda a foto foi gerada por um equipamento digital, ou seja, a câmera fotográfica (digital) captou a luz em seus milhares de sensores, registrou o *dado* medido em uma escala de valores finita, estes *dados* foram passados a um computador e impressos por um processo que utiliza apenas 4 cores.

Figura 3 – Foto de um peixe “cofre” tirada por André René Barboni, em uma região de mangue do município de Madre de Deus – Bahia em 2002.



P2

Parece ter bem mais do que quatro cores nesta foto.

André Barboni

E tem mais, a foto original, é uma matriz de 1600x1200 pontos, cada ponto combina apenas três cores (vermelho, verde e azul), num total de 65 milhões de possibilidades, e apesar de todo o processo ser finito e do reduzido número de cores utilizadas a impressão que temos é que estamos diante do infinito. Uma mera ilusão que já havia sido detectada por Pitágoras.

P2

Quando olho para a foto não consigo perceber esta matriz de pontos. Tudo me parece contínuo e eu não *saberia* dizer, ao certo, quantas cores vejo.

André Barboni

Assim, se tal como acontece no computador, o tempo for constituído de unidades infinitesimais e indivisíveis de tempo, digamos UBT (unidade básica de tempo) e o espaço também for constituído de UBS (unidade básica de espaço), podemos resolver os quatro paradoxos de Zenão.

P2

Quais paradoxos?

André Barboni

- 1 – Dicotomia** – Situação imaginada: um móvel que está no ponto **A** e deve atingir o ponto **B**. O movimento é impossível, diz o argumento, porque, antes de atingir **B**, é preciso que o móvel atinja o meio caminho entre **A** e **B** (seja **C**); e, antes de atingir **C**, deve atingir o meio caminho entre **A** e **C**; e assim ao infinito;
- 2 – Aquiles (e a tartaruga)** – Situação imaginada: uma competição entre um corredor rápido e um lento (tradicionalmente, Aquiles e a tartaruga). É dada uma vantagem inicial à tartaruga. É impossível para Aquiles alcançar a tartaruga, diz o argumento, porque, quando ele atinge o ponto de onde ela partiu (seja **A**), ela já está em **B** (pois, embora lentamente, a tartaruga não para de se mover); e quando Aquiles atinge **B** a tartaruga já está em **C**; e assim ao infinito;
- 3 – Flecha** – Situação imaginada: uma flecha em voo. Considera-se a flecha em cada instante (indivisível) de tempo. Uma flecha que voa está em repouso, diz o argumento, pois um objeto está em repouso quando ocupa um espaço igual às suas próprias dimensões. Ora, a flecha em voo ocupa, em qualquer instante, um espaço igual às suas dimensões. Logo, a flecha em voo está em repouso;
- 4 – Estádio** – Situação imaginada: três séries constituídas de igual número de corpos do mesmo tamanho: uma estacionária (seja **A₁ A₂ A₃ A₄**); e duas (sejam **B₁ B₂ B₃ B₄** e **C₁ C₂ C₃ C₄**) que se movem em direções opostas, numa pista de corridas (estádio). A um certo ponto, as três séries estarão enfileiradas. Podemos apresentar a situação pelo seguinte diagrama:

Situação inicial	Situação final
A₁ A₂ A₃ A₄	A₁ A₂ A₃ A₄
B₄ B₃ B₂ B₁	B₄ B₃ B₂ B₁
C₁ C₂ C₃ C₄	C₁ C₂ C₃ C₄

Considerando a situação descrita acima, o quarto argumento de Zenão conclui que a metade de um dado tempo é igual ao dobro deste tempo.

P2

E como você resolveu os paradoxos?

André Barboni

No primeiro caso (dicotomia), em uma UBT não é possível percorrer menos do que uma UBS, assim, do ponto **A** para o ponto **B** existe um número finito de UBS e portanto, para percorrê-lo um número finito de UBT deve ser gasto o que implica que o movimento é possível.

A8

Unidade Básica de Espaço eu até entendo, pois a gente trabalha com a ideia de átomos, mas você está dizendo que o tempo também é quântico?

André Barboni

Será essa ideia tão absurda assim? Note que no caso dois, Zenão já admite que é possível a partir do ponto **A** chegar ao ponto **B**. O problema surge da ideia falsa do espaço poder ser dividido indefinidamente. Novamente se a tartaruga para uma dada UBT não consegue percorrer menos do que uma dada UBS e dado que Aquiles é mais rápido pois consegue percorrer numa dada UBT mais UBS que a tartaruga, ele não só alcançará a tartaruga como conseguirá ultrapassá-la e isto de fato acontece na prática.

A8

Mas a solução que você deu para esse problema também não implica que o tempo tenha que ser discretizado.

André Barboni

Mas na enunciação do terceiro problema (flecha) isto fica mais evidente. Observe que, agora, Zenão já admite a ideia de UBT. De fato podemos considerar que em cada UBT a flecha está instantaneamente em repouso, mas tudo funciona como num filme, uma sequência de fotos. Se olharmos para cada foto separadamente, enxergaremos uma flecha em repouso, mas se compararmos duas ou mais fotos verificaremos que ela muda de posição de uma para outra fotografia e portanto ela se movimenta. Se nós não discretizarmos o tempo, como é que vamos solucionar o problema do movimento?

A8

Esta pergunta é boa. Eu estou pensando, mas não consigo encontrar uma resposta que pareça adequada para rebater o seu argumento. No entanto, a ideia de um tempo quântico parece soar estranho, pois, a impressão que temos é que podemos dividi-lo indefinidamente. Você está dizendo que fisicamente isso não é possível ao passo que matematicamente o é?

André Barboni

Precisamente isso. Mas, quanto ao último paradoxo, a hipótese de Zenão parece já estar pressupondo que espaço e tempo são formados de unidades mínimas, isto é, indivisíveis. Assim, temos que: uma unidade mínima de espaço só poderá ser percorrida numa unidade mínima de tempo, ou múltiplo dela, uma vez que ambas são indivisíveis. Na situação acima, vê-se B_1 percorreu duas unidades mínimas de espaço (A_3 e A_4), no mesmo tempo em que C_1 percorreu quatro unidades mínimas de espaço (B_1 , B_2 , B_3 e B_4). Portanto, um dado tempo (duas unidades mínimas) é igual ao dobro desse mesmo tempo (quatro unidades mínimas)".

Está claro que existe um erro aqui, na realidade C_1 também percorreu duas unidades mínimas de espaço se compararmos com a série **A** (estacionária). Zenão compara inicialmente a série **B** com a série **A** e depois compara a **C** com a **B**. Se compararmos as séries **B** e **C** com a série **A** verificaremos que B_1 percorre duas UBS e C_1 também. Se compararmos **B** com relação a **C**, verificaremos que tanto B_1 como C_1 percorrem quatro UBS, pois se deslocam com a mesma velocidade, mas em sentidos contrários o que faz com que as velocidades relativas se somem. Isto demonstra como Zenão era habilidoso em criar argumentos capciosos.

A1

Um verdadeiro *sofista*.

André Barboni

De certo, mas observe que a ideia de um espaço e um tempo quânticos. De um universo constituído fisicamente por números naturais, como pensava Pitágoras, não é tão estranha assim. Afinal o que é um filme?

A1

Uma sequência de fotos muito parecidas umas com as outras.

André Barboni

Mas não exatamente iguais.

A1

Concordo, pois se fossem iguais não perceberíamos movimento.

André Barboni

O movimento se dá para nós porque o nosso cérebro/nossa *mente* se encarrega de unir os pontos de tal forma que não percebemos que são uma sucessão de fotos parecidas. Mas se diminuíssemos a velocidade com que estas fotos nos são apresentadas perceberíamos isto.

A1

Novamente tenho que concordar contigo.

P2

Aonde você quer chegar com isso, André.

A8

Que o universo, tal como o conhecemos, não passa de um gigantesco filme 3D?

André Barboni

E que é sustentado pela *mente divina*. O *motor imóvel* que move essa imensa engrenagem.

A8

André, você não está forçando um pouco a barra?

André Barboni

Observe que não. Você sabe perfeitamente que um elétron passa de uma órbita à outra ganhando ou perdendo *energia* através de um *salto quântico*. Isso já é mais do que aceito pela *ciência*. Como isso se dá, ainda é um mistério. A *ciência* ainda não deu uma resposta satisfatória para essa questão. Mas pense no *Sistema* de Ubaldi como uma grande matriz de *informação*. Uma *Matriz Holopoiética Fundamental*, proposta por Pierre Weil (1993), que constantemente é atualizada e guarda toda a *informação* sobre cada partícula dessa *Physis*, desse *Anti-Sistema* que *caiu*, mantendo a memória do nosso passado, do nosso presente e podendo armazenar todo o nosso futuro. Isso nos leva à ideia de um “Universo vaga-lume” como o proposto por Maurício Crispim⁵⁸.

A8

Universo vaga-lume? Maurício Crispim?

André Barboni

Maurício Crispim é um querido amigo nosso que há alguns anos vem fazendo palestras aqui em Feira de Santana. O primeiro convite foi feito pela minha esposa que preside o Grupo de Estudo Pietro Ubaldi (GEPU) no Centro Espírita Jesus de Nazaré (CEJN). Foi através das elucidações que ele trouxe da obra de Pietro Ubaldi que nós resolvemos empreender a leitura de toda a obra e as ricas discussões que nós tecemos nos permitiu pensar e repensar muitos *conceitos* filosóficos que dizem respeito à obra de Ubaldi, mas não se restringe à ela. Atualmente você acessa facilmente suas palestras no YouTube.

⁵⁸ Médico brasileiro, profundo estudioso das obras de Pietro Ubaldi, idealizador e fundador do Instituto Brasileiro de Benemerência e Integração do Ser (IBBIS) [vide site <http://www.ibbis.org.br>].

A8

Eu conheço ele, mas você está dizendo que ele propôs que o Universo pisca como um vaga-lume?

André Barboni

Entre outras coisas. Você deveria assistir a palestra “Medicina Quântica”⁵⁹, proferida em Cuiabá. Você vai ver como ele consegue, inteligentemente, unir vários *conhecimentos* usando a nossa técnica do *mosaico síntese*. Ele mesmo me fez *entender* que tudo aquilo que é importante é reforçado por diversos autores/pensadores. Note que com a explosão de *conhecimentos* que hoje vivenciamos, não faz mais *sentido* continuar trabalhando unicamente com os instrumentos de uma *tradição* que nos limita a trabalhar com um único autor e seus comentadores.

Se eu faço isso, fica praticamente impossível dar o *salto quântico* necessário para passar ao próximo nível de pensamento. Neste caso, o nível consiste em *entender* o Universo como um grande holograma onde o todo é reproduzido nas partes. Mas você poderia dizer que isso não é novidade, e de fato não o é. Mas devemos observar, também, que esse nosso grande holograma tem uma frequência fundamental.

A8

O que isso quer dizer?

André Barboni

Que dado que nós estamos restritos a uma UBT e a uma UBS. Existem limites para esse universo material como o fato de não conseguirmos ultrapassar a velocidade da luz. Se existe uma unidade de tempo mínima, então, o nosso universo, o nosso holograma, tem que operar em uma certa frequência de transição de um *frame* para outro. Quanto mais densa é a *matéria*, maior é a inércia, maior é a *energia* necessária para deslocá-la e menor é essa frequência fundamental. Crispim, na última vez que estive em Feira de Santana, em conversa conosco, nos revelou, pela primeira vez, a ideia dele de um “universo vaga-lume” para responder a questão: se o universo é como um filme 3d, uma sequência de hologramas, como é que se dá a mudança de um estado ao outro? Como se dá o movimento?

A8

O velho problema encarado por Aristóteles!

André Barboni

Cuja solução envolve o *motor imóvel*.

⁵⁹ Disponível no endereço: <http://www.youtube.com/watch?v=ZYtd-nyc9vk> Acessado em: 15/04/2014.

A3

Mas Galileo não abalou a física aristotélica e a *ciência* já não nos deu condições para eliminarmos *Deus* desta equação?

André Barboni

Note, A3, que eu nem falei em *Deus*, eu falei em *motor imóvel*. Tomás de Aquino fez essa correlação e não sou eu que vou desfazê-la, muito pelo contrário, o que eu estou trazendo aqui é novos elementos para que a gente possa *entender* como a *vontade divina* é a *vontade suprema* que sustenta todo o movimento que é complementar e é novo a cada momento. É o *Deus* vivo que trabalha intensamente para manter tudo e todos, sustentando as nossas escolhas e o nosso *livre-arbítrio* com sua poderosa *mente* que cria e recria cada *frame* desse “filme”.

A3

A ideia de vaga-lume é porque entre um *frame* e outro não há *nada*?

André Barboni

Não se pode dizer que não há *nada*. Eu diria que é justamente o intervalo de tempo no qual a nossa *consciência* interage com a *consciência* divina, quando o *Anti-Sistema* troca *dados* com o *Sistema*. Lembre-se que segundo as teorias que vimos sustentando, a *criação* divina se deu em nível de *Sistema*, fora do tempo e do espaço. Uma *criação consciencial*, como defendemos. Nessa *criação* perfeita, como só pode ser perfeito aquilo que é produzido pela suprema perfeição, o *livre-arbítrio* é uma necessidade. Assim, cada individualidade que compõe esse sistema orgânico tem a possibilidade de pretender a uma *função* diferente da que lhe foi destinada. Pode agir diferentemente do que foi programado, mas não pode fugir à Lei e às consequências da Lei que rege o seu funcionamento. Isso se dá pela mesma forma como nós não podemos fugir da lei da gravidade por mais que queremos ignorá-la. Se a ignoramos e tentamos passar de um edifício a outro pelo ar sem algo que nos sustente, pode ser que a *irmã dor* se torne nossa amiga íntima caso venhamos a sobreviver de tal ousadia.

A3

Me esclareça isso melhor.

André Barboni

Você pode encontrar facilmente mais detalhes sobre essa ideia de *universo vaga-lume* no vídeo da palestra que Maurício Crispim fez no IX Congresso Roustaing em 2013⁶⁰. Talvez fique mais claro, mas você também vai notar que novos *conceitos* vão ser acrescentados.

⁶⁰ Vide <http://www.youtube.com/watch?v=Pc9wY8i9DnU>.

A8

Roustaing, André, muita gente critica o trabalho dele por causa dos “Quatro Evangelhos” e da ideia do *corpo fluídico* de Jesus.

André Barboni

Esse é um tópico que a gente pode até discutir, mas não agora, senão a gente não consegue avançar naquilo que a gente já começou. O trabalho de Roustaing tem muitos méritos, apesar de uma controvérsia sobre um ponto menor que cabe a cada um aceitar ou rejeitar, mas que não muda o essencial. Portanto, eu não vou entrar agora nesse assunto, mas se você quiser podemos retomar mais tarde, quando for proveitoso. Tudo bem?

A8

Tudo bem.

A6

Corpo fluídico de Jesus? Agora eu fiquei curiosa e eu vou querer *saber* que história é essa, nem que seja mais tarde.

A1

Eu também.

André Barboni

Pois bem, mais tarde eu retomo. Mas continuando, se o espaço e o tempo são quânticos, então, imaginem que tudo o que há nesse nosso *Anti-Sistema*, em um determinado momento desaparece para reaparecer, pouco depois, ligeiramente alterado. É como se esse universo todo piscasse. Mas se o *Anti-Sistema* proveio do *Sistema*, então, na sua origem ele é “imaterial”, uma espécie *consciência*, de *informação*. Crispim defende que, de certo modo, a gente nunca deixou o *Sistema*. Parte de nós ainda continua lá. Quando o universo “apaga” é como se nossa *intenção* de movimento fosse comunicada ao *Sistema* e este, por sua vez, também nos realimenta com aquilo que nos é possível conseguir. Assim, o movimento se dará não exatamente como queremos, mas como uma resultante da nossa *intenção* interagindo com todo o conjunto de *intenções* do restante do universo, respeitando as leis da natureza.

P2

Então, se eu entendi bem, para você, existe *livre-arbítrio*, mas esse *livre-arbítrio* está limitado por essa interação. A *vontade* de Deus não se impõe como algo determinístico. Nós somos livres para querer e agir, mas nem tudo que queremos podemos.

André Barboni

Perfeito professor, o senhor sintetizou algo que eu considero fundamental. Algo que tem sido alvo de intermináveis discussões filosóficas sem um resultado que eu considere satisfatório. Em boa parte, esta é a grande briga entre *materialistas* e *espiritualistas*. Os primeiros não conseguem admitir a ideia de que não são donos do seu destino, os segundos, por sua vez, não conseguem suportar o inferno que seria se cada um pudesse impor a sua *vontade*. O meio modifica o homem ou é o homem que modifica o meio? Eu sempre achei que essas duas ideias não são contraditórias. Essa ideia de um *universo vaga-lume*, que apenas começa a ser descortinada, nos possibilita a *compreender* que isso é possível. O que eu reivindico e que a forma de “fazer filosofia” que o “estruturalismo” me nega é o DIREITO DE PENSAR.

P4

Mas o “estruturalismo” não lhe impede de pensar. Muito pelo contrário.

André Barboni

Mas me obriga a trabalhar com um ou no máximo dois *filósofos*, que pelas condições efetivas de orientação me impossibilitam de trabalhar com temas e/ou pensadores que tratam dos problemas que me tocam. Nenhum dos professores que eu tive, pensou e trabalhou com um *filósofo* que abordou todos esses aspectos. Cada um tinha uma peça do *mosaico* que eu queria montar, mas nenhum deles tinha todas as peças necessárias para a síntese que eu pretendia fazer.

P4

Eu reconheço que a nossa abordagem se adéqua melhor ao trabalho de análise.

André Barboni

Mas tal como Ubaldi, eu acho que devo começar pelo esforço da síntese. Tenho plena consciência de que estou abrindo um grande franco para os muitos ataques que virão. Que o meu lago não, terá talvez a profundidade que muitos gostariam, mas, por outro lado, ele me dá a visão de conjunto que eu preciso para não falar besteira nos itens que eu quiser me aprofundar. Mas como é mais fácil destruir do que construir. Eu me proponho a ouvir e refletir seriamente sobre qualquer crítica que me seja feita, mas só devo respeito àquelas que vierem acompanhadas de alguma construção. **Pois quem destrói e não constrói nunca será merecedor do título de filósofo, no máximo de comentador e/ou sofista.**

P4

E *sofista*, para você, não é uma coisa boa! Ele não é capaz de produzir *conhecimento*?

2.3.2 Por um modelo melhor de produção do *conhecimento*

André Barboni

Não se trata aqui de ser capaz ou não de produzir *conhecimento*. O problema com o *sofista* é que ele não tem compromisso com a *verdade*. O caminho que ele trilha não é o da *sabedoria* que o *filósofo* tanto aprecia. Por isso é que, tal como se dava com Platão, eu não posso admirar o *sofista*. Por melhor que seja a sua argumentação, por mais habilidade que ele tenha com a palavra, por melhor que seja sua técnica, ele não passa de uma *astuto*. Esse é o tipo biológico que a *filosofia* de Pietro Ubaldi nos conclama a superar. Se pretendo ser *filósofo* devo me empenhar com todas as forças de cada fibra do meu *ser* para me tornar um homem *justo*. Quem não consegue *entender* isso, não tem a mínima noção do que seja *Filosofia*.

P4

Espere aí, oh Barboni, isso é muito forte! Você não pode dizer isso. Os *sofistas* são ótimos pensadores. Essa sua forma de distinção não é correta.

André Barboni

Não só é correta, como é a mais pura *verdade* que Platão se esmerou tanto em dizer em praticamente toda a sua obra. Não se trata de um mero preconceito, mas de apontar um caminho que nos permite realmente ascender e *evoluir* rumo ao *Sistema*. E eu não estou sendo *anacrônico*, aqui, ao utilizar um *conceito* de Ubaldi para explicar os objetivos de Platão. O *filósofo* que agora fala é Barboni, a explicação é desse último, que se utiliza do termo *Sistema*, que é mais completo, para explicar algo que Platão talvez utilizasse outro termo. “Mundo das ideias” seria um provável candidato, mas como eu o relaciono a “mundo espiritual”, que ainda é *Anti-Sistema*, não creio que seria muito apropriado me utilizar desse termo pois ele distorceria o que eu estou querendo afirmar. Eu retomarei isso mais tarde, primeiro é preciso tecer considerações sobre como se pode dar a produção do *conhecimento* por outra via.

P4

Que via?

André Barboni

A da *intuição*. A via que a atual *Filosofia* esqueceu e fez com que não consigamos mais filosofar nem atingir as altiplanuras de um *conhecimento* maior.

P4

Não consigamos mais filosofar nem atingir as altiplanuras de um *conhecimento* maior?

André Barboni

Sim, lembre-se da figura 1. A linha divisória que foi criada, para separar *Ciência* de *Religião*, fez com que a *Filosofia* ficasse mutilada. A *intuição* ficou na parte desprezada pelo *materialismo* que se tornou hegemônico, apesar da maior parte das pessoas do nosso planeta dizerem possuir uma *religião*. Note que, tal como aconteceu no final do império romano, muitos pagãos se diziam cristãos, mas no fundo continuavam a pensar e agir como pagãos.

P4

Você já disse que a figura 1 funciona para você como uma chave que lhe permite abrir algumas portas do *conhecimento* e eu até concordo que a *intuição* seja importante. Descartes também a considerava importante, mas eu não creio que *intuição* para ele tenha o mesmo *sentido* que tem para Pierre Weil ou Pietro Ubaldi.

André Barboni

Professor, eu concordo com o senhor quanto ao fato dos pensadores se utilizarem de um mesmo termo para exprimir *conceitos* diferentes ou ligeiramente diferentes. Mas acho também que a *intuição*, na mais verdadeira acepção que essa palavra possa ter, diz respeito a algo que a nossa *alma* consegue captar, mas que a nossa *razão* tem dificuldades em expressar. Isso faz com que percebamos que a linguagem é pobre para dizer aquilo que é real, mas que ela não dá conta de dizer. Nesse *sentido*, o próprio termo “intuição”, empregado por diferentes pensadores, com distintas *visões de mundo*, de certo modo, se refere à mesma coisa, que é vista por diferentes modos e explicada pelas lentes, da *razão*, que distorcem o objeto observado.

P4

Você vai tentar unificar essas visões?

André Barboni

Não me atrevo a tanto, mas note que o *quadro de fragmentação do conhecimento*, que Pierre Weil (1993) conseguiu produzir, nos oferece sempre novas maneiras de tentar *compreender* tudo isso. A linha vertical que eu tracei na figura 1, separa o lado esquerdo, que diz respeito mais à parte *sensível*, do lado direito, mais adequado à nossa parte *espiritual*. Mas também podemos traçar uma linha divisória horizontal e, no plano superior, veremos que este se refere mais ao nosso *intelecto* enquanto que o plano inferior está relacionado às nossas *paixões*.

P4

Só agora, depois que você fez esta divisão, é que eu percebi que a parte superior pode corresponder ao *cogito* de Descartes e à inferior é possível fazer uma associação ao corpo.

André Barboni

Ou seja, a *intuição* de René Descartes não é tão diferente assim da de Pierre Weil, ou da de Pietro Ubaldi, ou da de André Barboni. Note que agora eu me coloco no MESMO NÍVEL desses pensadores, e mais ainda, eu me coloco DESPRETENSIOSAMENTE como *filósofo*. Ouso dizer isso, pois me atrevo a sair da minha *menoridade*, como me desafiou Kant. Ouso pensar e filosofar, respirar o ar rarefeito da *sabedoria* que a minha ousadia me permite e, antes que alguém se ofenda com minha afirmação, é preciso esclarecer que quando eu digo que estou no **mesmo nível**, eu não quero dizer que sou tão bom ou habilidoso quanto eles, mas que, tal como eles, eu ouso *pensar-por-mim-mesmo*. Me coloco **despretensiosamente** como *filósofo*, porque filosofar é algo inerente à condição humana, só não filosofa quem não quer, a massa tem **preguiça** de pensar. Prefere ser conduzida como gado. Recusar-se a isso é uma necessidade para quem já entendeu que o caminho da *felicidade* está na *evolução* e quanto mais ela for em linha reta melhor, mais sábia é a decisão de quem trilha esse caminho.

P4

Mas não se pode dizer que o *sofista* não seja um pensador habilidoso. Que ele não ousou sair da sua *menoridade*.

André Barboni

O problema está no caminho que ele trilha. Ele evolui pela *dor*, enquanto que o *filósofo* pelo *amor*. Este é o verdadeiro caminho da *sabedoria*, é por isso que *Filosofia* é *amor à sabedoria*.

P2

Mas como distinguir um caminho do outro?

André Barboni

Esse é o verdadeiro papel da *Lógica*. Pelo menos é essa a sua pretensão inicial que a nossa *intuição* tenta resgatar. Mas a *Lógica* por si só não é completa. É necessário também experiência de vida, humildade para observar atentamente e aprender, com os próprios erros e com os dos outros, é preciso refinar o *amor*, apurar os sentidos e a inteligência. Disciplina é fundamental no desenvolvimento das *virtudes* que possibilitam esse progresso e não podemos esquecer de algo que é fundamental para descobrirmos, afinal, em que caminho estamos e não ficarmos desperdiçando o nosso precioso tempo.

P2

O quê?

André Barboni

Não podemos esquecer nem desmerecer o papel da nossa querida *irmã dor*.

P2

Irmã dor? Você agora virou franciscano?

A1

Olha eu aqui. Alguém vai querer mais um pedaço de bolo de aipim?

A7

Reh! Reh! Reh! Se eu comer mais vou passar mal.

André Barboni

Pessoal, parece brincadeira, mas a coisa é muito séria. Francisco de Assis e alguns dos seus seguidores mais chegados como o Frei Leão, que dizem que era uma das encarnações passadas de Pietro Ubaldi, que nasceu e viveu naquela mística região da Itália (Umbria), que o santo impregnou com sua maravilhosa *energia*, percebeu que a *dor* é uma amiga que merece ser muito amada, pois sempre nos alerta sobre qual caminho estamos trilhando.

P2

Quer dizer que se sentimos *dor* é porque escolhemos o caminho errado?

André Barboni

Se fosse tão simples assim seria fácil. Há dois tipos de *dor*: a que sentimos em decorrência dos nossos erros e a que sentimos em decorrência dos nossos acertos.

P2

Agora eu fiquei confuso.

André Barboni

Quando erramos somos acompanhados de uma *dor* que nos provoca arrependimento. É a partir do arrependimento que tomamos coragem para a mudança de trajetória que nos coloca no bom caminho e nos permite reparar as nossas faltas, ou pelo menos, nos ensina a não mais repetir o erro. Quando acertamos, muitas vezes também somos acompanhados da *irmã dor*, mas diferentemente do caso anterior, em vez de nos provocar arrependimento, essa *dor* nos consola e nos faz sentir com a *sensação* de dever cumprido. É a *dor* que sente o prisioneiro do mito da caverna, que viu o *mundo real* e depois voltou para libertar seus companheiros, ao ser atacado por eles. A ingratidão e a ignorância deles o fere, mas ele fez aquilo que devia e essa *dor* o *salva*.

P2

A *dor*, então, funciona como uma espécie de sensor que nos ajuda a encontrar o caminho da sabedoria *a posteriori*?

André Barboni

De fato, é isso o que eu estou dizendo e Ubaldi traz nova luz sobre ela, mas ele também nos mostra como a *intuição* pode ser utilizada para *conhecer* e atingir um nível de *conhecimento* que a *razão*, por si só, não é capaz de dar conta. É por isso que eu me dei tanto ao trabalho de mostrar que o *referencial materialista* deve ser colocado sob suspeita, pois ele, com o seu preconceito sobre as coisas espirituais, e com a sua prepotência de achar que pode falar em nome da *Ciência*, descaracteriza a *intuição* como via de excelência para *conhecer*.

P2

Quando você associa *razão* ao *racionalismo* e *sensação* ao *empirismo* eu até entendo que você se utilize desses *conceitos* para apontar vias que levam ao *conhecimento*. Mas *intuição*, como via de acesso ao *conhecimento*, isso me soa estranho.

André Barboni

Isso porque somente a *Ciência*, hoje em dia, é reconhecida popularmente como área produtora de *conhecimento*. Mas se nós repararmos bem, a *intuição* é o método escolhido por Descartes para se chegar ao verdadeiro *conhecimento*.

A7

Mas, André, não é a *razão*?

André Barboni

A *razão* é utilizada para organizar as coisas. Pô-las em ordem, Descartes divide o problema em tantas partes quanto forem necessárias até que se consiga ter um “entendimento claro e evidente” sobre elas. Depois ele junta esses *conhecimentos* obtidos pela *análise* para promover a *síntese* e revisa tudo para que não fique aresta alguma. Assim, o *conhecimento*, de fato, se dá pela via da *intuição* que nos permite o tal “entendimento claro e evidente”. Em última análise, o método cartesiano é um método baseado na *intuição* e na *razão*, um verdadeiro método filosófico, portanto. É por essas e outras razões que este autor é tão caro para a *Filosofia*.

P4

Agora eu gostei! Eu posso não concordar com muita coisa que você diz, oh! Barboni, mas não tenho como discordar que a *intuição*, em Descartes, cumpra esse papel.

André Barboni

Já é um começo, professor! Mas note que se a *intuição* é uma via para o *conhecimento*, então, o *sentimento* também é. Assim, a *Religião* e a *Arte* também são áreas produtoras de *conhecimento*. Essa é uma tese que eu defendo.

P5

O seu raciocínio é coerente, temos que admitir.

P1

Mas soa estranho nos dias de hoje.

P2

Principalmente no que toca à *Religião*. Afinal ela me parece tão dogmática e refratária à discussão aberta que a produção do *conhecimento* exige.

André Barboni

Mas não precisa e não deve ser assim. Esse engessamento que o dogmatismo impõe é uma praga que também contamina a *Arte*, a *Filosofia* e a *Ciência*. Na *Filosofia*, um dos seus agentes se apresenta na forma do “estruturalismo” que eu identifiquei anteriormente e que faço questão de me afastar. Nunca é demais lembrar que o termo está entre aspas, pois se refere à uma posição dogmática que institui “doutores” em certos assuntos e pensadores e tenta me privar da minha liberdade e do meu direito de *pensar-por-mim-mesmo*.

P2

Acho que isso ficou claro. Se você falou de tantas coisas, ampliando a frente onde pudesse ser atacado, pelo menos quanto a isso, você tem mostrado que em todas essas frentes procurou combater esse cerceamento do seu direito de *pensar-por-si-mesmo*.

André Barboni

Que bom que isso ficou claro! Mas vejamos como a *intuição* pode ser usada para atingir níveis ainda maiores de *conhecimento*.

P4

Não basta o caminho apontado por Descartes?

André Barboni

Eu não digo que ele seja ruim, mas Ubaldo nos mostra outro, que ele trata na sua obra “As Noúres” (UBALDI, 1953a).

P4

Noúres?

André Barboni

Correntes de pensamento. Nesse livro, Ubaldi (1953a) defende a existência de tais correntes e procura explicar como elas podem ser captadas pela *intuição*.

P4

E como se daria esse processo?

André Barboni

Ele envolve uma preparação por parte daquele que deseja acessar tais correntes. Pois, é um processo de sintonia que requer disciplina e afinação. Neste processo, a nossa *consciência* se expande buscando níveis superiores de *correntes de pensamento*. A visão, conscientemente obtida, precisa ser passada depois pelo crivo da *razão* que também precisa ser adestrada para não distorcer tanto a visão original.

P4

Isso me parece meio *místico*!

André Barboni

Isso me soa de forma preconceituosa como se não devêssemos ao *conhecimento místico* o fato de estarmos aqui.

P4

Como assim?

André Barboni

Remédios, tratamentos e curas foram e são até hoje obtidos pelas visões dos xamãs, inclusive na história de todos os povos da nossa civilização ocidental. Guerras e problemas tecnológicas foram resolvidos por visões e *in-sites* de líderes e cientistas em todos os tempos. Não se pode negar isso. Por que, então, menosprezar algo que nos permite dar *saltos quânticos* no avanço dos nossos *conhecimentos*.

P4

Mas Ubaldi utiliza algum tipo de alucinógeno ou técnica de respiração que lhe permite atingir *estados alterados de consciência* para ter este tipo de visão? Ele dorme, ou tem algum tipo de sonho revelador?

André Barboni

Não. Ele o faz desperto e em plena posse da sua *consciência*. Ele precisa de um ambiente calmo e de um certo recolhimento. Uma refeição leve durante a noite, um dia vivido em paz e harmonia se mostraram desejáveis à uma sintonia mais fina. Uma “boa música” também ajuda no estabelecimento desta sintonia. Toda música é vibração, se queremos captar pensamentos superiores e harmoniosos, devemos *saber* escolher bem a música que iremos ouvir para preparar o ambiente. O silêncio da madrugada dava a paz que Ubaldi precisava para fazer a “Ascese Mística”, nome do livro que precipitou a sua condenação ao *Index Librorum Prohibitorum* (UBALDI, 1954a).

A3

Pietro Ubaldi teve suas obras incluídas no *Index Librorum Prohibitorum*?

André Barboni

Duas: “Ascese Mística” e “A Grande Síntese”, para ser mais preciso⁶¹.

A3

Eu vou acabar lendo esse autor que você tanto cita.

André Barboni

Mas leia não porque ele incomodou a *Igreja* de alguma forma, mas porque ele traz elementos que nos permitem ir além do que as “asas” da *razão*, que está tão ancorada no *mundo sensível*, não consegue alcançar. Reconhecer e abraçar as nossas propriedades do *espírito* através da plena realização do homem integral faz com que encaremos o *mundo* mais cômicos de nós mesmos. Os nossos passos são mais firmes. O nosso caminhar é mais seguro. A nossa visão é mais completa e refinada. Conseguimos enxergar e nos livrar das armadilhas que o *materialismo* a toda hora se vê prisioneiro.

P2

Mas a *ciência* e a *filosofia materialistas* produziram muita coisa boa.

André Barboni

Eu não nego, mas de curta visão, pontual e que incautamente tenta se dizer autora daquilo que foi produzido por *mentes espiritualistas*. Isso é trapaça!

P2

Certo, mas você quer que a gente caia no *Criacionismo*?

⁶¹ Vide Ubaldi (1954a) e Ubaldi (1939) respectivamente.

2.3.3 A evolução individual e coletiva

André Barboni

Esse absurdo nunca me passou pela minha cabeça. Muito menos que um livre pensador se submetesse às orientações de alguma autoridade religiosa só porque o *referencial materialista* se mostrou equivocado como decorrência dos resultados dos trabalhos de Kardec e de tantos outros. Reconhecer que se tomou o caminho errado não implica em ter que seguir o outro caminho, repetindo os erros de quem por ele trilhou sem *reflexão*. As duas vias levam ao *Sistema*, em ambas a *irmã dor* nos acompanha de forma desagradável quando agimos sem *reflexão*. No caminho *materialista* desprezamos o nosso maior aliado e corremos maior risco de por tudo a perder. O mais importante não é crer, ou não, em *Deus* e na *alma*, mas trilhar o caminho do *justo*. O *astuto* já é um progresso em relação ao *forte*, mas se nos esforçamos sinceramente para ser *justos*, mais cedo, ou mais tarde, encontraremos a *verdade* e ela nos libertará.

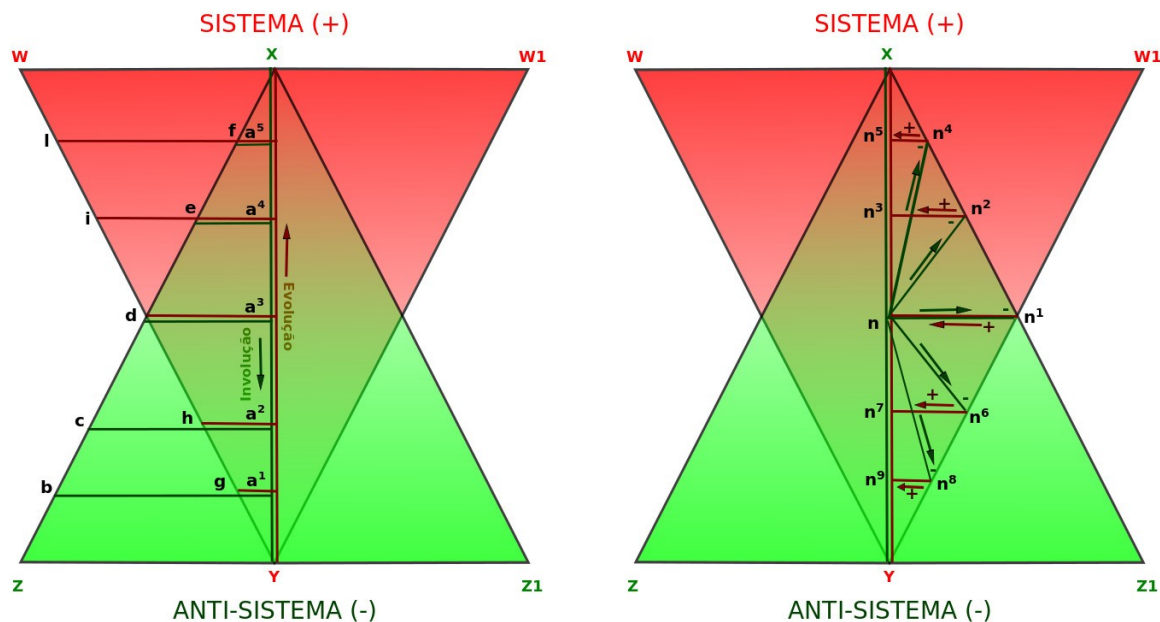
P2

Que *verdade* é essa que nos libertará?

André Barboni

Para explicar isso eu vou ter que recorrer à figura 4.

Figura 4 – Esquema representativo da “Queda e Salvação” proposto por Pietro Ubaldi na obra homônima e modificado por André René Barboni.



FONTE: Ubaldi (1965b).

P2

Queda e Salvação? Você não vai falar de céu e inferno? Vai?

André Barboni

Sim e não, mas é sempre bom lembrar, mais uma vez, que ao falarmos de *Deus*, da *alma*, de *queda* e *salvação* não estamos querendo fazer proselitismos nem estamos falando do ponto de vista religioso, mas filosófico. Portanto, nossa abordagem será filosófica e estamos tentando responder à questões de cunho filosófico. Se isso tem implicação no campo religioso essa é outra história, que foge do escopo da nossa conversa. Tudo bem?

P2

Tudo bem! Prossigamos então, o que essa figura complicada traz de novo que merece a nossa atenção.

André Barboni

Reconheço que a figura é um tanto quanto complexa. Ubaldi precisou de um livro inteiro para falar sobre ela, nós vamos sintetizar suas palavras e tentar adaptá-la aos nossos propósitos, mas seria bom para quem queira se aprofundar no assunto, consultar a obra original⁶².

P2

Vejamos, então.

André Barboni

Para começar eu separei a figura original em duas. Creio que assim fica visualmente menos poluído e mais fácil da gente conseguir observar o que Ubaldi captou com sua *intuição* e traduziu para nós no seu livro. Como eu disse antes, na concepção de Ubaldi, *Deus* criou o *Sistema*, que em ambas metades da figura 4 é representado pela linha **W-W1**. Neste momento da *criação*, o *Anti-Sistema* é só uma possibilidade, um *Nada*. Como tudo é perfeito, cada individualidade que compõe o *Sistema* goza de *livre-arbítrio* e pode querer sair da sua *função*. Se isso acontecer, o *Anti-Sistema* será gerado. Quando isso acontece, surge a *Physis* [o vigor dominante que brota e permanece]. Tempo e espaço são criados e através de uma concentração da menor parte do *Sistema* que “caiu”. Se dá, então, um processo de redução vibracional do *espírito* que se manifesta, agora, através de *energia* e *matéria* em uma grande explosão criadora.

A8

O *Big Bang*?

André Barboni

Podemos dizer que sim. Pois estamos trabalhando no nosso *mosaico síntese* e, portanto, é **lícito e desejável que nos utilizemos de diversas teorias para compor a nossa**.

⁶² Vide Ubaldi (1965b).

P4

Isso contraria tudo o que eu venho trabalhando!

André Barboni

Mas isso não quer dizer que essa metodologia não seja válida e não possa produzir bons frutos. Continuando... Observem que temos agora dois triângulos opostos, tanto no lado direito como no esquerdo da figura 4. Para simplificar as coisas prestem atenção na parte esquerda da figura, pois eu vou falar daquilo que é comum às duas partes. A parte direita observaremos depois quando for oportuno falar sobre ela. Tudo bem?

P2

Tudo bem!

André Barboni

Como eu disse antes, a base do triângulo vermelho representa o *Sistema* na sua plenitude. Se não houvesse *queda*, teríamos apenas essa linha. A *Involução*, porém, se deu, mas não de forma homogênea. Uns caíram mais, outros menos, seguindo o sentido da *involução* até esgotar o seu *impulso de queda* e atingir o grau máximo *negativo* onde o *Sistema* é representado pelo ponto **Y**. Assim, para cada ser que caiu, de **X** a **Y**, atua a Lei que está escrita na sua *essência* e lhe força a proceder o caminho de volta [*evolução*]. Esta figura, então, é uma tentativa de representação do grande processo natural que diz respeito ao *todo* como às *partes*.

P2

Se a linha **W-W1**, do triângulo vermelho, representa a plenitude do *Sistema*, então, a linha **Z-Z1**, do triângulo verde, representa a plenitude do *Anti-Sistema*?

André Barboni

E **Y** é o *Nada* no *Anti-Sistema* que representa a possibilidade de retorno ao *Sistema*. A diferença é que na *queda* apenas a menor parte do *Sistema* involuiu ao passo que na *salvação* todo o *Anti-Sistema* deverá evoluir. Se isso não acontecer, *Deus* não é Todo Poderoso.

P2

Mas, então, não existe *livre-arbítrio*!

André Barboni

Existe, mas o nosso *livre-arbítrio* não supera a *vontade* de *Deus*, pois está condicionado à Sua *Lei* que é perfeita. Quanto mais A compreendemos, mais queremos que Ela se cumpra e mais nos esforçamos para que isso aconteça.

P2

Mas aonde fica a nossa liberdade?

André Barboni

Liberdade sem limites? Isso é bom? Será que é justamente isso que queremos? Que precisamos? Sem nada nem ninguém para nos orientar? Não creio que alguém no seu juízo perfeito possa, de fato, querer isso.

P2

Mas, em última instância, o *livre-arbítrio* não existe.

André Barboni

E que mal isso tem. Isso porém não quer dizer que eu não seja responsável pela forma como conduzo a minha vida e que eu seja fruto exclusivo do meio onde viva, das condições em que fui criado. Muito pelo contrário, individualmente, no atual nível evolutivo em que nos encontramos e no espaço de tempo de uma vida humana, faz todo o *sentido* em se falar de *livre-arbítrio*, mas em um nível bem mais amplo, o *livre-arbítrio* levado ao extremo, outra coisa não produz que não seja o caos total, um inferno que ninguém conseguiria suportar. Pode ser que alguém ache isso bom, mas só o acha enquanto não se vê nele.

P2

Então, para você, existe *livre-arbítrio* no nosso campo de atuação, mas em termos universais, a *vontade* de *Deus* prevalece. A curto prazo somos donos do nosso destino, mas a longo prazo ele já está determinado. É isso?

André Barboni

Podemos dizer que sim. Mas note que o triângulo vermelho indica o *sistema* e o verde o *anti-sistema*. O movimento de **X** a **Y** é de *involução* e o de **Y** a **X** de *evolução*. A *involução* não precisaria ter ocorrido, ela só se deu em respeito ao nosso *livre-arbítrio*. A *revolta* lançada contra *Deus* ricocheteia, contra o próprio *Ser* que se cristaliza no *Ente*. O *Ser* está agora mergulhado no *Anti-Sistema* que foi gerado por ele mesmo com o seu *impulso rebelde*. Sua paz só se dará após ele neutralizar esse *impulso rebelde* e subir lentamente **pelo mesmo caminho** que desceu.

P2

A *Physis*, então, é *criação* nossa e não de *Deus*?

André Barboni

Mas na sua essência *Deus* está presente como *imanência*.

P2

E o que isso implica?

André Barboni

Que toda a *Physis* não pode fugir da *Lei de Deus*. Somos livres para agir, mas não podemos nos esquivar das leis que regem a natureza. Podemos estudar estas leis, podemos fazer grandes proezas com esse *conhecimento*, mas não temos como subverter essas leis. Não existem milagres, pois milagres seriam exceções e a *Lei de Deus*, por ser perfeita, não permite exceção. A *Lei* só é constrangimento no *Anti-Sistema*, no *Sistema* Ela apenas cumpre o seu papel e é obedecida voluntariamente.

A8

E o que significa essas linhas horizontais e essas letras no lado esquerdo da figura 4?

André Barboni

Os pontos **a¹**, **a²**, **a³**, **a⁴** e **a⁵** representam diferentes níveis de evolução. No nível **a¹** é forte a influência do *Anti-Sistema* (**a¹-b**) enquanto que a *influência* do *Sistema* (**a¹-g**), ainda é fraca. Na medida em que evoluímos, cresce a *influência* sobre nós das forças do *Sistema* e quando atingimos o nível **a³** as *influências* do *Sistema* e do *Anti-Sistema* estão equilibradas. Note que eu me utilizei do termo “*influência*”, mas o mais correto seria, talvez, conquista em termos de valores *positivos* (*Sistema*) e *negativos* (*Anti-Sistema*). Pietro Ubaldi (1965b, p. 259) nos apresenta um esquema que elucida bem isso, assim:

nos pontos	NEGATIVIDADE (AS) retrocedendo em diminuição	POSITIVIDADE (S) conquistada em aumento
y.....	y z.....	S = zero
a ¹	a ¹ b.....	a ¹ g
a ²	a ² c.....	a ² h
a ³	a ³ d.....	a ³ d
a ⁴	a ⁴ e.....	a ⁴ i
a ⁵	a ⁵ f.....	a ⁵ l
x.....	AS = zero.....	x w

A8

Então a área do triângulo representaria esse grau de *negatividade* (*Anti-Sistema* – área em verde) ou *positividade* (*Sistema* – área em vermelho) em todos os possíveis níveis da *escala evolutiva Y-X*?

André Barboni

Creio que é isso o que Ubaldi quis dizer e assim, considero que conseguimos dar conta do lado esquerdo da figura 4. Resta-nos agora *compreender* o lado direito.

A8

Sim, vejamos!

André Barboni

No lado direito temos representado as nossas ações e a reação da *Lei* à elas. Vejamos, então, como isso se dá na concepção de Ubaldi. A linha da *Lei de evolução/involução* segue verticalmente (**Y-X/X-Y**). O afastamento dessa trajetória é representado pelas linhas em verde seguindo o sentido das setas verdes que apontam o *erro* (-). Esse *erro* pode nos manter no mesmo *nível evolutivo*, proporcionar uma ascensão ou uma *queda*. Toda subida significa *obediência* à *Lei de Deus*. Toda descida um ato de *revolta*. A linha de *dor* (+), representada em vermelho com as respectivas setas, corresponde à reação da *Lei* nos conduzindo de volta ao nosso caminho. Assim, podemos pensar em três situações: **1.º caso** – *estacionário* – **n-n¹**; **2.º caso** – *subida* – **n-n²** ou **n-n⁴**; **3.º caso** – *descida* – **n-n⁶** ou **n-n⁸**.

A8

André, essa ideia de que o espírito involui não é bem aceita pelo *Espiritismo*.

André Barboni

A8, frequentemente nós erramos. A literatura espírita está repleta de casos de *espíritos* que falharam em suas missões, que fracassaram em seus propósitos evolutivos e que se deixaram conduzir pelos seus impulsos negativos. Se você observar, como um todo, vai ver que o que foi aprendido se conserva, nesse *sentido* não existe retrocesso, mas a qualquer momento, o nosso *livre-arbítrio* nos permite escolher o caminho de *queda*, uma insensatez que nos é permitida e que alguns insistem em seguir. Você contesta isso?

A8

Não!

André Barboni

Então prossigamos... No **primeiro caso** (*estacionário*), *erro* e *dor* se anulam e *obediência* e *revolta* são iguais a zero. Não se pode falar, então, de *evolução* ou *involução*. No **segundo caso** (*subida*) o resultado é a medida da *obediência* mais da *dor* subtraída do *erro* e nesse caso a *evolução* é evidente. Mas no terceiro caso (*descida*) a medida da *revolta* mais do *erro* supera a da *dor* e nesse caso se eu não posso utilizar a palavra *involução*, que palavra você sugere?

A8

Queda?

André Barboni

Pois é a palavra que Ubaldi usa. *Evolução* é o caminho, mas em toda escalada o alpinista está sujeito a sofrer quedas, esta não é diferente nem mais fácil, muito pelo contrário, quanto mais longa é a subida maiores são as dificuldades e mais desejado é o prêmio.

P2

Mas, André, Ubaldi apresenta a *dor* como algo positivo. Como isso pode ser bom?

André Barboni

Não é bom nem ruim. A *dor* é uma reação da *Lei*, algo que é inerente à Ela. Como o atrito e a gravidade que tornam possível o nosso caminhar sobre o solo. Se alguém já caiu de bicicleta ou de moto e sentiu na própria pele a ação do atrito do solo sobre ela bem sabe a *dor* que sentiu por dias a fim. Como dizer que essa *dor* foi boa? Se você não é masoquista não vai querer cair, para não ter que passar por isso novamente, e vai tomar todos os cuidados para se proteger caso isso venha a acontecer.

A8

Então nós também aprendemos com as *quedas*!

André Barboni

E nesse *sentido* não *involuímos*. Se com o resultado dos nossos *erros* guiado pela nossa *revolta* nos posicionamos contrários à lei de *evolução* descemos a um patamar inferior ao que estávamos na nossa escalada, o nosso cabedal de *conhecimento*, por sua vez, não se perde e podemos aproveitar a oportunidade para auxiliar o progresso daqueles, que como nós, se encontram naquele *nível evolutivo*.

P6

Qual é a vantagem de fazer isso?

André Barboni

Quando nos *revoltamos* é raro não quereremos levar alguém conosco. Que *sentido* tem uma revolta solitária? A *queda*, descrita por Ubaldi, foi uma verdadeira rebelião organizada que alguns textos religiosos dão apenas uma pálida noção.

P6

Então, isso tem tudo a ver com poder. A *queda* foi em decorrência de uma sede por poder que ocorreu ainda no *Sistema*. É isso que você está me dizendo?

André Barboni

Em última instância podemos dizer que é exatamente isso. Mas não podemos nos esquecer que o *Sistema* foi construído a partir da *substância divina*. Sua *Lei* e Sua *Vontade* é a *essência* de cada *Ser* que compõe este *Uno-Todo*. Portanto, não há como fugir do nosso destino. Todo esforço que fazemos nesse sentido provoca uma reação dessa *Lei*.

P6

Mas, se eu entendi bem, cada *individualidade* no *Sistema*, tinha a sua própria *vontade*, *liberdade* e *poder* de se manifestar e agir inclusive contra a *Vontade-divina*.

André Barboni

Isso é correto. E quando nos revoltamos, usamos de toda a nossa inteligência e habilidades para subverter todo o *Sistema* e continuamos a tentar até hoje. Se a gente observar bem o Universo verá como somos capazes, habilidosos e obstinados nessa tarefa.

P6

Eu não *saberia* dizer com relação a todo o universo, mas inegavelmente tenho que admitir que o homem é criativo e determinado nas suas resoluções de poder.

André Barboni

E como somos seres sociais, não temos como não deixar de agir socialmente. Assim, toda *evolução* ou *involução* se dá individual e coletivamente.

P6

E que implicações isso tem?

André Barboni

Se a minha *trajetória de queda* segue a linha do roubo e da trapaça com o emprego da *astúcia*. Eu prossigo no meu intento lesando e prejudicando as pessoas até o limite da minha capacidade de suportar a *dor* das consequências dos meus atos. Neste processo angario inimigos, mas também aliados que se juntam a mim influenciados pelo meu aparente sucesso e por objetivos afins. Quando esgoto o meu *impulso de queda*, porém, o arrependimento se faz presente ao vislumbrar o que perdi e o longo e difícil caminho de subida que preciso trilhar.

P6

Mas tem pessoas que nunca se arrependem e nunca são punidas pelo mal que fazem. Outras, no entanto, são pegas logo nas primeiras tentativas. Que explicação você me dá para isso?

André Barboni

Cada caso é um caso, mas não se pode esquecer do papel da *reencarnação*. A *trajetória de queda* pode se dar por milênios sem que chegue o ponto de virada para a grande subida. Quando se analisa o período de uma única existência, fica-se sem parâmetros para *compreender* como a *Lei-divina* é justa.

P6

Você quer dizer que no caso do indivíduo que nunca é apanhado a *Lei* ainda não agiu e que no caso do indivíduo que só de pensar em cometer uma infração já sofre a ação da *Lei*, os *níveis evolutivos* são diferentes?

André Barboni

Não os *níveis evolutivos*, propriamente dito, mas as *trajetórias evolutivas* estão em níveis diferentes. O primeiro ainda goza de liberdade para descer, o segundo, provavelmente, já compreendeu em sua *alma* que aquilo é errado e, de alguma maneira, já iniciou a sua caminhada evolutiva. Quanto maior é o entendimento da *Lei-divina* e quanto mais próximo do sucesso menor é a folga que a *Lei* lhe confere. O mesmo se dá com relação à chegada ao ponto de inflexão para início do processo de subida. De certa forma, o lado direito da figura 4 mostra isso.

P6

Então o ponto **n** é o ponto em que o indivíduo gozaria da máxima liberdade de errar sem comprometer o seu processo evolutivo?

André Barboni

Se você passa por um radar acima do limite de velocidade permitido, provavelmente, você será punido. Mas se você viaja por toda uma longa estrada bem acima da velocidade permitida e reduz a velocidade quando o radar se aproxima, pode ser que nada aconteça e você nem seja multado. Muitos agem assim, mas há uma séria razão para que as autoridades estabeleçam um limite de velocidade para as rodovias e essa razão não tem nada a ver com “cortar o seu barato” de sentir a adrenalina por dirigir em alta velocidade. Cada um de nós tem plenas condições de *entender* o quanto isso pode ser perigoso e pode afetar, não só a nossa vida como a de outras pessoas. A gente é livre para agir, mas não tem como fugir das consequências dos nossos atos, mesmo que a justiça dos homens não se mostre efetiva.

A4

E o que acontece com aqueles que se deixam seduzir pela conversa e pelos exemplos daqueles que iniciaram um processo de *queda*?

André Barboni

Boa pergunta, A4! O fato de nos deixarmos conduzir como gado não anula o nosso *livre-arbítrio* nem a nossa *responsabilidade*. Se fazemos algo que não é certo a culpa é inteiramente nossa. Não tem essa de que eu estava simplesmente cumprindo com a tarefa que me foi designada. Mesmo quando apontam uma arma para a nossa cabeça, ou para uma *ente* que amamos profundamente, temos opções de escolha.

A4

E se a pessoa estiver abalada emocionalmente, ou sobre o *efeito* de álcool ou de alguma droga?

André Barboni

Existem condições atenuantes, mas mesmo assim, prevalece o *livre-arbítrio* e a pessoa terá que arcar com as consequências de seus atos. Nada é esquecido, nada é deixado de lado. No momento oportuno somos chamados a enfrentar e corrigir as consequências de cada falta que cometemos. Se elas se agravam com o tempo, mais trabalho teremos para corrigi-las. Portanto, quanto antes começamos melhor para nós. Daí que, aquele que só de pensar em cometer uma falta já sente a força da *Lei-divina*, deveria levantar as mãos para o Céu e agradecer pela bondade divina que o poupa de tanto esforço e sofrimento. Esta é uma pessoa abençoada.

A4

Mas muitos acham que abençoado é aquele que nunca é pego.

André Barboni

Se você olhar o conjunto vai ver que eles se enganam. Coitado daquele que se deixa enganar pela lógica invertida e ilusória do *Anti-Sistema*.

A4

Lógica invertida e ilusória do *Anti-Sistema*?

André Barboni

Sim. Essa é outra coisa que Ubaldi faz questão de destacar. O *Anti-Sistema* inverte a lógica das coisas. Platão dizia que o *mundo sensível* é uma cópia imperfeita do *mundo das ideias*, nisso é fácil a gente concordar com ele, pois dizemos que o *mundo das ideias* de Platão corresponde, em uma certa medida, ao *mundo espiritual*. Mas esses dois “mundos” pertencem ao *Anti-Sistema*. O *Sistema*, porém, é diferente, pois pertence ao campo do *Ser* e não do *Ente*. Na nossa tendência de inverter as coisas o que é real torna-se irreal e vice-versa. Achamos bom aquilo que nos faz mal e, muitas vezes, não gostamos daquilo que é saudável.

A7

Eu já tinha notado isso com relação a certos hábitos que cultivamos, mas também com relação às coisas espirituais. A gente fica feliz quando alguém nasce e triste quando morre. Se a verdadeira vida é a espiritual e a Terra é um *planeta de provas e expiações* como você diz, então, deveria ser o contrário, principalmente se a pessoa levou uma vida correta e cumpriu com sucesso a tarefa que se propôs a realizar.

André Barboni

Bem pensado A7, mas observe que existem várias colônias espirituais onde se reúnem espíritos de acordo com o seu *grau de evolução*. Quanto mais próximo do *Sistema* é esse *grau*, mais perfeita são as coisas. Mais harmônico e orgânico é o seu funcionamento e menor é a necessidade de controle sobre cada um, pois cada individualidade sabe e se esmera para cumprir com perfeição a sua *função*. Nos níveis inferiores, no entanto, o desequilíbrio das *mentes* que neles vivem associados com a sede de poder dos *espíritos* que neles habitam ignorando os benefícios da *luz* e do *amor*, tornam essas regiões sombrias, cuja descrição nos fazem lembrar o “Inferno” de Dante Alighieri (1999).

A7

Mas quando você fala das *Noúres* de Ubaldi, essas *correntes de pensamento* são só boas?

André Barboni

Você chegou em um ponto chave que é importante ressaltar. É claro que não. É muito mais fácil para nós, no estágio que nos encontramos aqui na Terra, sintonizar com as *correntes de pensamento barônicas* dessas faixas vibratórias menos felizes.

A7

Barônicas?

André Barboni

Um termo cunhado por Ubaldi que une “*barós*” [pesado, denso] e “*ontos*” [ser, entidade] para indicar algo proveniente de entidades de constituição psíquica densa.

A7

Ou seja, desses planos inferiores.

André Barboni

Precisamente isso. A nossa sintonia se faz sempre que abrimos a nossa guarda e nos deixamos levar pelos aborrecimentos do dia a dia.

A7

Por isso Jesus nos aconselhava a orar e vigiar?

André Barboni

Nunca é demais observar, mais uma vez, que esse ensinamento tinha o propósito de nos lembrar que orando estamos elevando o nosso padrão vibratório e isso permite a nossa sintonia com os níveis mais salutares de *correntes de pensamento*. Vigiar as nossas ações, evitamos sair dessa sintonia e cair nas armadilhas que o *Anti-Sistema*, a toda hora, nos prepara.

A4

Mas você disse que a *evolução* é individual e coletiva. O que acontece se um *ente* querido meu sintoniza com essas *forças barônicas* e resolve seguir pelo caminho da *revolta*?

André Barboni

Ele tem o *livre-arbítrio* para fazê-lo. Mas como você disse, se trata de um *ente* querido seu. Você não vai querer que isso aconteça. Não pode deixar de respeitar o *livre-arbítrio* dele, mas pode lutar com todas as suas forças para convencê-lo a mudar sua trajetória e ampará-lo nas suas adversidades. O *amor* é o grande motor desse processo. Por isso Jesus centrou todo o seu evangelho nele. O perdão das ofensas e o esquecimento das mágoas, e daquilo que nos causou *dor*, também é fundamental para sairmos do *estado de revolta*. Isso muitas vezes se dá por cansaço de sofrer. Seguimos tanto no caminho da *revolta*, freados apenas pelo atrito da *dor* que desacelera a nossa *queda*, até que o *impulso negativo* se esgote. Mas em toda essa trajetória *Deus* está conosco, assim como aqueles que nos querem bem. O sofrimento é coletivo, assim como é coletiva a alegria do retorno ao *Sistema*.

A4

Isso quer dizer que formamos grandes famílias, cujos membros se ajudam mutuamente para que o retorno ao *Sistema* se dê?

André Barboni

Correto. Quanto mais trabalhamos em benefício do nosso próximo, mais amigos espirituais conquistamos e cada vez mais fortalecemos as nossas *virtudes*. É por isso que na figura 4, depois que passamos o ponto **a³** rumo ao *Sistema*, a influência das forças positivas é maior do que a das negativas e fica mais agradável evoluir.

A4

Mas se alguém fica para trás ou é esquecido...

André Barboni

Alguém da nossa família “olha para ele”. Essa é uma expressão que Bert Hellinger, um filósofo, teólogo e pedagogo alemão do nosso tempo, utiliza para descrever o comportamento, notadamente de crianças, nas terapias de “constelação familiar”.

A4

Constelação familiar?

André Barboni

Este é um tipo de terapia que eu tive oportunidade de *conhecer* recentemente, durante o nosso curso de graduação, e que foi desenvolvida por Bert Hellinger. Sua formação monástica o conduziu ao trabalho com as comunidades Zulu na África do Sul onde desenvolveu o olhar *fenomenológico* das *constelações sistêmicas*. Neste tipo de terapia trabalha-se com técnicas de representação, uma espécie de psico-drama, onde constantemente nos é mostrado que alguém foi “esquecido” pelo grupo. Isso age como uma ferida aberta no campo energético familiar. A solução sempre se dá pelo reconhecimento disso e por uma ação amorosa de acolhimento.

A5

Olhar *fenomenológico*, que interessante! Fale mais sobre isso.

André Barboni

Eu me considero ainda neófito nesse assunto. Mas já existem vários livros do próprio Bert Hellinger traduzidos para o português que você pode ler para se aprofundar. Eu pessoalmente adquiri um que recomendo: “O Amor do Espírito na Hellinger Sciencia” (2011). Do que vivenciei nessa minha formação com Marly Cordeiro, que é membro da Hellinger Sciencia e estudou com o próprio Hellinger, me causou forte impressão o fato de pessoas que não se conheciam e que nunca tiveram contato entre si nesta vida, conseguirem, apenas deixando a *energia* fluir e seguindo os instintos do seu corpo, representar uma cena, cujos papéis lhe foram sugeridos na hora, que tinha tudo a ver com o drama que a pessoa estava vivendo. Não foi um nem dois casos, isso se repetiu em todas as vivências do curso durante todo um ano.

A5

Mas se o olhar era *fenomenológico*...

André Barboni

A gente vivenciava o *fenômeno* até que o facilitador entendesse que já tinha sido suficiente para elucidar a questão ou que já tinha elementos para trabalhar com o cliente.

A7

Isso tem alguma coisa a ver com *Espiritismo*?

André Barboni

A orientação religiosa de Bert Hellinger é católica. Ele tenta explicar o fenômeno, mas eu acho que a explicação fica como que faltando alguma coisa. Creio que o *conhecimento* que o *Espiritismo* nos traz pode ajudar na elucidação do que acontece, mas inegavelmente neste trabalho, há um *campo de sintonia* que se abre para a *percepção do espírito*. A coisa não se dá a nível racional, mas é como se nossa *alma* sentisse o que deve fazer. O facilitador, através da sua *intuição* e do seu olhar treinado ajuda o cliente a *compreender* a cena que se apresenta pela linguagem corporal dos participantes. Foi impressionante o quanto estas cenas se mostraram significativas para quem estava na posição de cliente e para nós.

A5

Mas com o tempo o grupo passou a se *conhecer* melhor e a gozar de uma certa intimidade.

André Barboni

Isso só contribuiu para uma sintonia mais afinada mesmo nos casos em que o cliente vinha de fora e/ou a personagem representada era algo mais abstrato como “a minha felicidade”, ou “o espírito dos meus ancestrais”, ou “a vida”.

A5

Você está dizendo que a terapia funciona não só com a representação de personagens que são amigos e familiares, mas também com *entes* mais genéricos?

André Barboni

Exato. E tudo pode se desenrolar a partir de uma questão, como: “por que nada dá certo em minha vida?”, ou “por que eu não consigo arrumar um namorado?”, etc. A “constelação” pode ainda ser feita como bonecos lego, por exemplo. O cliente escolhe e posiciona os personagens e o facilitador o ajuda na leitura da cena. Uma cliente que escolhe bonecos grandes para se representar e ao pai e escolhe um boneco pequeno para representar o namorado pode estar sinalizando que ela tem um problema com o *referencial masculino*. No seu olhar o boneco que representa o seu namorado não está a altura do pai. Se você pede para a cliente que posicione os bonecos de forma que o namorado peça permissão ao pai para namorá-la, ela vai perceber que isso não é viável.

A4

Pedir permissão do pai para namorar a filha? Que coisa mais ultrapassada!

André Barboni

Será? Certas tradições tem lá suas razões que não devemos desprezar. Neste caso, essa ação, mesmo no nosso tempo, em que isso caiu em desuso, funcionaria para essa jovem como uma ação libertadora, uma espécie de rito de passagem da adolescência para a fase adulta lhe dando a permissão do pai para ser feliz. Mas para isso, ela precisa trocar o boneco pequeno que representa o namorado por um boneco grande. Ao fazê-lo ela, simbolicamente, consegue encontrar aquele que será digno de a fazer feliz.

A4

Com isso você quer dizer que, por mais que queiramos fugir dela, estamos sujeitos à nossa *historicidade*. A nossa cultura está impregnada no nosso *espírito* como no nosso DNA está impregnado o DNA dos nossos antepassados?

André Barboni

Pode-se dizer que sim. E como estamos ligados à nossa coletividade, não há como ascender a planos superiores sem que os levemos junto conosco. Aquele que sobe um degrau dessa imensa escadaria, precisa se certificar que está sendo acompanhado pelos demais. Se alguém é esquecido, o grupo sente a sua falta e é obrigado a empreender esforço no sentido de resgatar a ovelha desgarrada.

A4

Mas se a medida em que subimos esta escadaria somos mais felizes. Então, aquele que se desprende de tudo consegue subir sem ter que olhar para trás.

André Barboni

Mas na medida em que sobe, aumenta o seu *amor altruísta*. E o *altruísmo* se opõe ao *egoísmo* na medida em que ele busca, cada vez mais o que é bom para todos. Não há, então, como ser feliz sabendo que os demais não o são. Chegar no *Sistema* sozinho é o mesmo que não chegar. Assim, quem sobe mais, com mais empenho luta pelos que ainda não subiram. Note como é outro o princípio que move esses heróis que nos lembram “os três mosqueteiros” com seu lema “um por todos e todos por um”, ao passo que nas faixas *barônticas* é “cada um por si e Deus por todos”.

A4

Mas no plano em que estamos, parece que esse segundo lema predomina. Como esse *mundo* pode *evoluir* se existem tantos *espíritos* voltados para o mal? Como dar a outra face para aquele que tem prazer em bater?

2.3.4 O verdadeiro significado do fim dos tempos

André Barboni

É aí que entra o verdadeiro significado do *Apocalipse*.

A4

Você vai falar do fim dos tempos?

André Barboni

Apocalipse quer dizer revelação. O tempo surgiu com o *Anti-Sistema*, só pode acabar com ele. A revelação diz respeito ao fenômeno de *transição planetária* onde o joio é separado do trigo, o lobo das ovelhas, para que estas possam prosseguir na sua escala evolutiva a partir de um certo ponto, que eu ousaria apontar como o ponto **a³** da figura 4.

A4

Transição planetária, explique melhor isso.

André Barboni

Como eu disse, a evolução se dá individual e coletivamente. O nosso planeta passou de uma categoria de *mundo primitivo* para *mundo de expiação e provas*. Isso é uma *transição planetária*, mas há mais de dez mil anos estamos nos preparando para uma nova *transição planetária*: a mudança de um *mundo primitivo* para um *mundo de regeneração*. Quando isso acontece, os *espíritos* que ainda estão imbuídos do *sentimento* de revolta e renitentes no mal, são forçados a deixar o planeta e migrar para outros orbes mais condizentes como o seu padrão vibratório. *Mundos primitivos* que estão se preparando para a *transição planetária* para *mundos de espiação e provas* costumam acolher esses *espíritos* como *entes* queridos que terão destacado papel nesta empreitada.

A4

Então, é como se essa parte da nossa família ficasse para trás.

André Barboni

É como se eles fossem reprovados no exame e tivessem que cursar novamente uma série que eles não conseguiram aproveitar com sucesso. Mas eles não foram abandonados. Muitos *espíritos* que não precisariam passar por essas provas novamente, inclusive, os seguem e se juntam à *espiritualidade maior* daquele orbe para promover o seu progresso. No entanto, se esses *espíritos* renitentes no mal não forem afastados, o seu desequilíbrio poria em risco a própria sustentabilidade da vida no *mundo* de origem.

A4

Mas se um *espírito* que poderia ficar na Terra, depois que ela evoluísse para a categoria de *mundo de regeneração*, acompanhar *entes* queridos seus para um *mundo primitivo* isso não seria um retrocesso?

André Barboni

Pode-se dizer que uma pessoa com curso superior que resolva dar aulas para o pré-primário tenha regredido?

A4

Não, mas...

André Barboni

Não tem essa de regressão. O que existe é uma lógica perfeita. Os *mundos* evoluem e tem seu tempo, assim como tudo o mais. A *espiritualidade maior* preside a sua formação, acompanha e direciona o seu progresso atuando com muito empenho e dedicação no *despertar das consciências* até chegar ao nível hominal. A partir desse ponto, o *livre-arbítrio* atua, pois a *consciência* já está madura suficiente para se falar em *carma*. Isso muda o nível de atuação e *responsabilidade* do *plano maior* que agora é mais exigido em suas *funções*. O orbe, agora, está pronto para acolher *seres* exilados de *mundos de expiação e provas* que não tiveram condições de continuar suas trajetórias em um *mundo de regeneração*.

A4

Que vantagem isso tem para esses *mundos primitivos*?

André Barboni

Os *exilados* que neles chegam são *espíritos* que, embora renitentes no mal, trazem consigo um avanço evolutivo em relação aos *espíritos nativos* daquele orbe. Lembre-se que não tem qualquer inocente aqui. Toda a *Physis* caiu do *Sistema*, inclusive Jesus, os santos e toda a *espiritualidade maior* do *Anti-Sistema*.

A7

Inclusive Jesus?

André Barboni

Inclusive ele, mas depois a gente fala mais sobre ele. Primeiro a gente precisa *entender* melhor o que significa essa tal de *evolução* individual e coletiva que envolve a *evolução* dos *mundos* habitados. Tudo bem?

A7

Tudo bem. Mas eu estou curiosa!

André Barboni

Em um *mundo* como a Terra que hoje conta com mais de sete bilhões de *espíritos* encarnados. Estima-se que a população de *espíritos* desencarnados do nosso planeja seja da ordem de 24 a 30 bilhões de indivíduos. Embora a nossa expectativa de vida tenha aumentado, a fila, agora, anda mais rápido, mas nem sempre foi assim. Imagine, então, que em um *mundo primitivo*, os primeiros humanoides obtiveram um sucesso evolutivo e começam a se multiplicar formando comunidades mais numerosas. Atingem o estado hominal com o auxílio da *espiritualidade maior* e dos primeiros exilados que começam a *reencarnar*. Para estes é um verdadeiro sacrifício encarnar em um corpo mais primitivo com um cérebro que não tem a mesma capacidade intelectual que nós atingimos.

A8

Não seria isso uma *involução*? Kardec diz que o *espírito* não retroage.

André Barboni

Quando um *espírito* muito inteligente que usou e abusou dessa inteligência prejudicando outras pessoas *reencarna* em um corpo com algum tipo de deficiência mental. Você diria que houve *involução* e que isso contraria Kardec?

A8

Não.

André Barboni

Pois bem. O mesmo se dá aqui, o que temos é a *lei do carma* agindo. Os *espíritos* que foram exilados não souberam fazer bom uso do seu *livre-arbítrio* e, agora, precisam arrefecer a sua *revolta*. A encarnação em corpos mais primitivos tem dupla função, ajuda no aprimoramento desses corpos e age terapeuticamente amortecendo o *impulso de revolta* e dando oportunidade para o *espírito reencarnante* repensar suas posições. Observe, no entanto, que esse é um período revolucionário onde se dá muitas redescobertas, surgem as primeiras civilizações, a produção de armas e ferramentas se sofisticam e com elas as guerras e a escravidão surgem. A história se repete e de tempos em tempos, muitos daqueles *espíritos* que acompanharam voluntariamente os exilados *reencarnam* para, através do próprio exemplo, resgatar para a luz essa nova humanidade. Essa é uma verdadeira prova de *amor* que eleva a psicofera daquele orbe e vai mostrando o caminho para a *evolução do espírito*.

A7

Isso me faz lembrar um pouco da Bíblia!

André Barboni

Muitas histórias antigas, não só da Bíblia, estão repletas de narrativas que falam de *seres* especiais com missões especiais e que são venerados como verdadeiros deuses. Histórias como a de Adão e Eva, que tiveram que deixar o paraíso, podem ter tido a sua origem nas *reminiscências* de exilados de outros orbes que aqui se encontravam saudosos do *mundo* que deixaram.

P2

Mas essa nossa conversa está tomando um rumo muito fantasioso!

André Barboni

Será? Ou estamos retomando um clima mais próximo das origens da *Filosofia*?

P2

Como assim?

André Barboni

Na Grécia Antiga, nos primórdios da *Filosofia*, na *mente* do homem grego populava todo um conjunto de lendas e histórias que preenchiam e desafiavam a sua imaginação. Eles não tinham televisão, cinema, internet, nem qualquer uma dessas nossas parafernálias tecnológicas e as coisas do *espírito* também eram importantes e estavam na pauta das discussões filosóficas. Hoje em dia, o *materialismo* desqualificou essas coisas e o aparato tecnológico anestesiou a nossa *mente* que gasta horas com coisas que nos estimulam a não mais pensar. Mas observe como a ideia de um *conceito* de *evolução* bem mais abrangente, do que a visão *materialista* nos consegue fornecer, nos possibilita um novo entendimento sobre o nosso passado, presente e futuro. Observe como isso resgata para a *Filosofia* o seu verdadeiro papel e como dá *sentido* a coisas que desprezamos, mas ao fazê-lo ficamos com uma *sensação* de perda que não passa.

P2

Você quer dizer, então, que isso não é perda de tempo e que é importante para *entendermos* o verdadeiro papel da *Filosofia*? Mas você não disse que *Filosofia* é *amor à sabedoria*?

André Barboni

E o que vem a ser *amor e sabedoria*? Essa é a pergunta óbvia que ninguém me fez explicitamente até agora. E é disso que nós estamos tratando desde que eu explicitiei que *Filosofia* é *amor à sabedoria*.

P2

Então, se eu entendi bem, você está querendo dizer que *sabedoria* é seguir um caminho específico. O melhor caminho que nos conduz de volta para o nosso lugar no *Sistema*. E o *amor* é esse caminho. É isso mesmo?

André Barboni

Em síntese é. As demais coisas que conversamos nos ajudam a *entender* como se pode dar esse nosso caminhar. O mais *sábio* dos *sábios* é aquele que, como Jesus, *evolui em linha reta*.

A7

Evolução em linha reta?

André Barboni

Aquela que vai do ponto **Y** ao ponto **X**, da figura 4, sem ficar ziguezagueando e vacilando na intenção de voltar ao *Sistema*. A *evolução* de Jesus em linha reta nos é relatada, por Roustaing em sua obra⁶³.

A8

Roustaing! André, você vai basear sua argumentação em Roustaing?

P2

O que tem Roustaing?

A8

Ele afirma que Jesus tinha um *corpo fluídico*...

A1

Corpo fluídico?

A8

Sim, muitos espíritas contestam isso.

André Barboni

A8, em primeiro lugar, para você atacar as ideias ou a obra de um autor, deveria ao menos se dar ao trabalho de ler a obra desse autor. Você não fez isso, e grande parte das pessoas que falam mal de Roustaing e/ou do próprio Ubaldi, ou até mesmo de Kardec, também não o fizeram. Um espírita que critica Roustaing sem ler sua obra fica sem razão para defender Kardec contra acusações infundadas que lhe são feitas por pessoas que não o leram.

⁶³ “Os quatro evangelhos: revelação da revelação” - obra em quatro volumes, publicada pela Federação Espírita Brasileira – Vide Roustaing (1999, 1994, 1996 e 2008).

A8

Espere aí, André, a história é outra.

André Barboni

Mas não é mesmo! Eu li toda a obra de Kardec, de Ubaldi e Roustaing. E posso dizer com toda a tranquilidade que não existe contradição entre elas. Muito pelo contrário, elas se reforçam em muitos pontos importantes e se complementam em tantos outros. Se você limita suas leituras, por preguiça ou preconceito você boicota o seu caminho rumo ao verdadeiro *conhecimento*, falta com a caridade e deixa de fazer jus aos títulos de *filósofo, espírita e homem justo*.

A8

Não é bem assim.

André Barboni

Como não. Dos três, provavelmente, Roustaing é o mais controverso. “Os quatro evangelhos” compõem uma obra de cerca de 2.000 páginas. É o fruto de um trabalho sério feito por um homem de bem que procurou ser fiel à mensagem transmitida sem adulterá-la. A obra consiste em uma explicação dos evangelhos pelos Apóstolos que os escreveram e pelo espírito de Moisés. Roustaing enfrentou muitas dificuldades por ter afirmado, nessa obra, que Jesus veio ao nosso plano em um *corpo fluídico*, uma espécie de materialização perispiritual de longa duração. No entanto, ninguém o ataca com relação ao restante da obra. Se você tiver o cuidado de ler a obra atentamente, vai ver que pouco importa se o corpo de Jesus era fluídico ou não, se Maria era virgem, se ela conheceu algum homem antes de José, etc. Tudo o que importa é a mensagem que nos foi deixada. Esse tipo de discussão é equivalente a discutir o sexo dos anjos, ou outros detalhes menores na interpretação da obra deste ou daquele autor. Tem gente que gasta uma vida discutindo isso, mas isso não serve para nada, não torna a gente melhor, nem pior. Isso não é *Filosofia*. Não contribui para a *Filosofia*, só preenche o tempo de quem não descobriu algo melhor para fazer ou ainda não se sente capaz de *pensar-por-mim-mesmo*.

A8

Eu reconheço que tenho uma certa resistência em ler as obras de Roustaing e até mesmo de Pietro Ubaldi, você pode até dizer que eu faço parte de uma linha do *Espiritismo* que prefere, tal como Kardec, recusar mil *verdades* a aceitar uma *mentira*. Eu prefiro assim, ser mais cauteloso. Acho que isso não faz mal a ninguém.

André Barboni

E não sou eu que vai lhe tirar a razão quanto a isso.

A8

Mas...

André Barboni

Sem ousadia a gente também não avança. E note que eu estou falando em ousadia e não em loucura. A minha leitura de “Os Quatro Evangelhos” se deu recentemente, eu não senti necessidade de lê-los antes. Quando li, constatei que as explicações dadas para os milagres e as passagens evangélicas eram lógicas, faziam todo o *sentido* e eram coerentes com as revelações espíritas sobre *reencarnação* e a interação do *mundo material* com o *mundo espiritual*. Mas Roustaing vai nos revelar um Jesus que *evoluiu em linha reta*, um *espírito* que caiu como nós, mas que foi mais *sábio* e evitou ficar perdendo tempo na *roda das encarnações*. Um *espírito* que atingiu um grau de perfeição que nós ainda nem conseguimos ter ideia, que lhe foi confiado o poder de presidir a formação de um planeta. Uma ação que muitos julgam que somente um deus é capaz. O que eu encontrei nessa obra me permitiu olhar para muitas coisas sagradas da *fé* católica e ver, mais uma vez, que por trás de toda lenda há um fundo de *verdade*.

A1

Como assim?

André Barboni

A virgindade de Maria, que parece um absurdo e um despropósito para muita gente, passa a ser algo viável e desejável caso haja a necessidade de confirmação de predições e profecias para reforçar a *fé* do povo e dar testemunho da *verdade*. O simbolismo, ao que parece, é bem mais do que uma mera formalidade. Ele visa a tocar a nossa *alma* de forma que as coisas em si não dão conta de fazer. O rito de passagem da garota que recebe a permissão do pai para namorar a liberta do *complexo de Electra* e lhe abre as portas para a felicidade conjugal. Não podemos e não devemos menosprezar essas coisas. Quanto mais *investigamos* esses assuntos, mais nos surpreendemos com a complexidade que a nossa *mente* é.

A1E que história é essa de *corpo fluídico* de Jesus?**André Barboni**

Na obra coordenada por Roustaing, é revelado que o corpo de Jesus era de natureza fluídica, uma espécie de materialização perispiritual. Maria, que era muito jovem e inocente, teve uma gravidez imaginária, deu a luz sozinha e a criança cresceu com muita independência. Dada a importância do cargo que Jesus ocupava, vez por outra ele desaparecia literalmente falando.

A1

Como é que é?...

André Barboni

Imagine, aqui na Terra, o presidente de uma grande empresa que resolve tirar férias. Será que ele consegue ficar um mês sem que alguém deixe de ligar do escritório pedindo a sua opinião sobre algum assunto importante?

A1

Acho pouco provável.

André Barboni

Imagine o governador espiritual do planeta tirando férias por trinta e três anos.

A1

Pensando assim...

André Barboni

Um *corpo fluídico* daria a ele a oportunidade de se ausentar por alguns momentos para resolver certos problemas e lhe ofereceria uma vestimenta mais condizente com o seu grau evolutivo sem os inconvenientes de um quase que total esquecimento do passado.

A1

A ideia é interessante mas me parece estranha.

André Barboni

Mas ela nem se quer é original.

A1

Como assim?

André Barboni

Bart D. Ehrman (2010), um dos maiores especialistas em estudos bíblicos e origens do cristianismo, escreveu um livro intitulado “Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?: mais revelações inéditas sobre as contradições da Bíblia”. Neste livro, entre outras coisas, ele afirma: “cerca de 150 anos após a morte de Jesus, encontramos uma grande gama de distintos grupos cristãos que alegavam representar as visões de Jesus e de seus discípulos, mas com pontos de vista completamente divergentes” (p. 208-209); Para os marcionistas “Jesus não era e não podia ser humano. Isso o tornaria físico, parte da criação física, uma criatura do Deus criador” (p. 211);

“Os adversários de Marcião chamaram essa visão de Cristo de 'docetismo', da palavra grega *dokeo* ('parecer, aparecer'). Jesus surgiu com a aparência de carne humana, como Paulo diz (Romanos 8:3); ele na *verdade* não se tornou carne” (p. 211).

A6

Docetismo? Eu não conhecia essa visão!

André Barboni

Mas há mais:

os vários grupos gnósticos imaginavam que alguns de nós não vieram daqui, desta terra, e não pertencem a ela. Viemos de outro reino, um local celestial, e fomos presos nos limites ímpios de nossos corpos. Precisamos descobrir como escapar, e para isso precisamos de conhecimentos secretos (*gnosis*) (EHRMAN, 2010, p. 213).

A6

Que coisa! Isso tem tudo a ver com o que a gente estava falando sobre *transição planetária*.

André Barboni

Pois é e: “dos 27 livros do Novo Testamento, apenas oito quase certamente foram escritos pelos autores aos quais são tradicionalmente atribuídos” (EHRMAN, 2010, p. 153); “essa visão de que o Novo Testamento contém livros escritos sob nomes falsos é ensinada em praticamente todas as grandes instituições de ensino superior por todo o Ocidente, com exceção de faculdades fortemente conservadoras” (p. 154); “e por que isso não é mais conhecido? Por que as pessoas nos bancos das igrejas – para não falar das pessoas das ruas – não sabem nada sobre isso? Seu palpite é tão bom quanto o meu?” (p.154). A pergunta que eu me faço é: se nós não estamos indo, em *Filosofia e Ciência*, pelo mesmo caminho que a *Religião* seguiu no qual, quem mais deveria incentivar as pessoas à *pensar-por-si-mesmas*, mais se empenha em esconder essas informações deixando que a preguiça da massa as mantenha na ignorância?

P4

Mais uma vez você ataca o “estruturalismo”!

André Barboni

Sempre, professor, essa nossa conversa é filosófica. Não há como, em *Filosofia*, deixar de atacar aquilo que nos desmotiva a *pensar-por-nós-mesmos*.

P4

Mas não é bem assim...

André Barboni

Como não? Se eu me prendo a um autor, e seus comentadores, discutindo uma questão fora do meu tempo, ou se eu não posso trazer elementos do meu tempo para revitalizá-la, como é que eu posso me libertar dessas amarras e produzir algo de novo?

P4

Mas o importante é produzir algo de novo?

André Barboni

Se não produzo, como eu posso ser chamado de *Filósofo*?

P4

Mas a *Filosofia* não se restringe a isso!

André Barboni

A *Filosofia* que me interessa é a que me põe a pensar. É esta que me faz ascender na escala da *evolução*, onde eu já entendi que não vale a pena ficar perdendo tempo achando que é vantajoso repetir de ano. A Terra está passando por um período de *transição planetária*, isso significa que eu tenho que ficar esperto. Se perder essa oportunidade de prosseguir a minha caminhada em um *mundo de regeneração* rumo a um *mundo feliz* eu vou ter que continuá-la em um *mundo primitivo*. Há dois mil anos Jesus nos ensinou que os “tempos estão chegados”, eu venho pisando na bola, desde então, mas a minha folga para errar já se foi. Com o *conhecimento* que disponho não há mais margem para deixar de fazer o que é certo. É claro que em um *mundo primitivo* eu poderia ser dos primeiros a se libertar, mas cá pra nós. Eu estou querendo passar um tempo em um *mundo* onde as pessoas, se não são perfeitas, pelo menos não desejam o mal para as demais. A minha *alma* tem sede disso. Depois, pode até ser que eu me proponha a executar alguma missão edificante, mas agora, eu estou mais afim de uma certa comodidade.

P4

E você acha que um trabalho estruturalista, sem aspas, não lhe interessa?

André Barboni

Pode até interessar no futuro, provavelmente com outro autor que não seja Descartes. Talvez Ubaldi, pois ele é mais abrangente. Eu até tentei fazê-lo, sinceramente, com Descartes, mas eu “travei”. Tive um tremendo bloqueio criativo que me angustiou. Foi só quando eu decidi me respeitar é que eu consegui respirar normalmente. Então, eu entendi que devia seguir a minha *intuição* e produzir algo que eu pudesse defender com paixão. Sem *coração no trabalho* a gente não passa de um mero “prostituto” na pior acepção que essa palavra possa ter.

P4

Eu não concordo com o que você falou de Descartes. Mas eu entendo e respeito que você não queira fazer algo que não lhe dê prazer.

André Barboni

Professor, Descartes, é o *filósofo* que lhe toca. O senhor se especializou na leitura de suas obras, com a professora P7 na de Heidegger/Wittgenstein, o professor P3 na de Galileo, o professor P6 na de Maquiavel, o professor P2 na de Hume, etc., isso é muito bom, não sou eu que vai dizer o contrário. Quando a gente se encanta por um autor, quer *saber* tudo sobre ele, os comentadores, são antes de mais nada, fãs que não se limitaram a ler, mas se dispuseram, também, a falar sobre o seu ídolo e se arriscaram a despertar a ira de outros fãs que se julgam mais fãs que os primeiros. Mas eu sempre que fui um tipo de fã meio que “vagabundo”, não sou lá de ficar montando fã-clubes, torcida organizada e achando que o meu ídolo não tem qualquer defeito. Eu sempre enxerguei os defeitos dos meus amigos, isso nunca me impediu de defendê-los com justiça e paixão, mas também nunca os livrou de um bom puxão de orelha em particular. Se eu fizer um trabalho estruturalista sobre Descartes o senhor não vai gostar.

P4

Mas a gente não precisa falar dos pontos fracos.

André Barboni

Eu nunca os iria deixar de fora. Eu jamais endeusaria Descartes ou quem quer que fosse. Eu teria que, publicamente, apontar esses defeitos e mostrar que ele é um ser humano como qualquer outro. A educação que ele teve não foi melhor que a minha. Sob muitos aspectos, eu que nada sou, tive e tenho vantagens em relação a ele. Uma delas é a ter nascido mais de trezentos anos depois de sua morte. O meu acesso a *dados e informação* é muito superior ao dele, a minha *visão de mundo* é bem mais completa do que a dele, no grande e no pequeno, a sua física é capenga e sua medicina um desastre. O seu método questionável. Se levo a sério as suas próprias palavras tenho que queimar a sua obra.

P4

Mas que absurdo!

André Barboni

Na “primeira meditação”, Descartes (2010, p.135-136) quer “estabelecer algo firme e de constante nas ciências”. No “Discurso do Método” (p. 75) ele estabelece como um primeiro princípio “jamais acolher alguma dúvida como coisa verdadeira que eu não conhecesse

evidentemente como tal”, mas em “As paixões da alma” ele nos dá uma noção de fisiologia e uma explicação de circulação sanguínea que não tem sustentação científica nos dias de hoje. Que ele errou é certo, se fez isso utilizando o *método* que ele criou, então esse é falho. Se não usou o método foi incoerente e falou de coisa que não sabia. Não merece, portanto, a nossa confiança e se me enganou uma vez, pode me enganar outra. Tenho mais do que a impressão, que nesses casos ele recomendava se livrar desses “amigos”, não é mesmo?

P4

Oh! Barboni, você está sendo muito duro com Descartes.

André Barboni

Professor, mas é justamente esse o ponto. Se eu fizer uma leitura estruturalista de qualquer autor, eu vou ser duro com ele. E eu vou achar que ninguém atende rigorosamente aos critérios para ser considerado *filósofo*. Por outro lado, se mantenho uma leitura fluida ela me faz *pensar-por-mim-mesmo* e isso me faz bem, pois me permite escrever mais livremente e consigo produzir algo novo que tem valor, que *fala da minha aldeia* e, portanto, é universal na medida que fala de algo que sinto e pode ser sentido por outras pessoas. Assim, eu só posso ser grato a quem me ajudou a chegar onde cheguei.

P2

Eu noto que essa é uma preocupação sua que tem um significado importante para você.

André Barboni

Exato, professor. Mas note, também, que não sou só eu que tenho essa *angústia filosófica* em *falar da minha aldeia*. Se fizermos uma enquete nos cursos de graduação em *Filosofia* veremos que quase todo estudante que queria *fazer Filosofia*, para não incorrer no risco de sermos pretensiosos e falarmos todos, iniciaram o curso *querendo falar da sua aldeia*. A grande maioria deles foi desestimulada a fazê-lo e se limitou a falar da *aldeia do outro*. Uma aldeia velha, que não existe mais, com índios que ele nem tem ideia de como são. Se *falo da minha aldeia*, trato dos problemas que me angustiam. Tenho que lidar com a questão da *deliberação*, pois não disponho de uma bola de cristal que me permita prever o futuro. Se não tenho certeza do que ocorrerá preciso encontrar a solução mais sábia, pois quero acertar. Nem tudo pode ser resolvido científica e logicamente.

P2

É aí que entra a *Filosofia* e a *Ética*. É isso que você quer dizer? Por isso, você formulou a questão: como um homem virtuoso deve se conduzir na vida?

2.3.5 A vida em sociedade e as questões éticas

André Barboni

Precisamente, professor. Ao nos perguntarmos: o que é *Filosofia*? As nossas divagações, mais cedo ou mais tarde, nos conduzem às questões éticas. Se isso não se der, é porque não estamos fazendo direito.

A3

Mas a discussão das *questões éticas* soa como uma espécie de moralismo. Eu tenho muita desconfiança de pessoas que seguem por esse caminho. Elas, geralmente, se mostram lobos em peles de cordeiro!

André Barboni

Não tiro a sua razão, A3. Por isto eu não confio em gente que fala, mas não faz o que prega para os outros. Eu também acho que todo e qualquer candidato a um cargo público deveria apresentar um plano de trabalho detalhado antes. Se não cumpri-lo, deve ser demitido por justa causa e não poderá mais concorrer a outro cargo público na sua vida.

A3

Mas aí, também, você está sendo duro demais.

André Barboni

Sou eu que estou sendo duro demais ou é você que não está sendo coerente?

A3

Não é bem assim. Nem tudo o que a gente se propõe a fazer depende inteiramente de nós. Se é exigido um plano detalhado e o plano falha porque alguma coisa que deveria acontecer não aconteceu, como é que a pessoa vai poder ser responsabilizada?

André Barboni

Quem submete um projeto de pesquisa a um edital de financiamento tem que apresentar um plano detalhado do que pretende fazer. O projeto é analisado e julgado, pelo menos teoricamente, por pessoas competentes, inclusive do ponto de vista da coerência, adequação, relevância científica/social e viabilidade. De tempos em tempos ele pode ser reavaliado, metas e cronogramas podem ser reajustados ou, simplesmente, o projeto pode ser abortado. Sempre se é possível auditar um projeto, apurar *responsabilidades* e aplicar as devidas penalidades. Por que isso não pode ser generalizado para toda a administração pública?

A3

Pensando bem, até que pode, mas...

André Barboni

O *poder* não é mais *Poder*, com “p” maiúsculo se estiver sujeito a esse tipo de regra, não é mesmo? O fato de estarmos no *Anti-Sistema*, já demonstra o quanto nos sentimos incomodados quando alguém sugere uma medida simples que poderia limitar o *poder* de quem ocupa uma certa *função*. A minha tese é que nos objetamos a isso, mesmo quando não estamos no *poder*, não porque essa medida é ruim, mas porque não desejamos estar sob sua ação caso ocupemos a *função* que nos daria esse *poder*.

A3

Eu nunca tinha pensado assim.

André Barboni

A vida em sociedade implica em se criar regras. Sós em uma ilha deserta não temos que dar satisfações a quem quer que seja, somos livres para agir sem nos preocupar se nossa ação vai incomodar alguém, mas se você divide um espaço com alguém a interação, que vem com a convivência, nos impõe o estabelecimento de regras para solucionar e/ou evitar os conflitos. Você discorda disso?

A3

De forma alguma.

André Barboni

Assim sendo, é fundamental perceber que as *questões éticas*, diferentemente dessas regras, valem tanto para as condições de convivência como de isolamento. Elas dizem respeito à *deliberação*, uma ação consciente tomada diante de um dilema. Qualquer decisão que eu venha a tomar terá consequências. Isso é um fato. Que consequências serão essas eu não posso garantir. A minha *consciência* terá que conviver com essas consequências. Então, três possibilidades se apresentarão: 1– minha *consciência* ficará mal com as consequências do meu ato; 2 – ela pode ficar indiferente ou; 3 – ficará bem. Ninguém se sente confortável com a primeira situação, isso é óbvio.

A3

Então, o ideal é *deliberar* de forma que o resultado seja sempre a situação três ou, no pior dos casos, a dois.

André Barboni

Imagine, então, um tarado *deliberando* se deve ou não estuprar uma mulher, ou um pedófilo incorrigível, se deve ou não abusar sexualmente de uma criança. Imagine um sádico que tem a oportunidade de torturar presos políticos e/ou criminosos para obter uma confissão. Imagine um sociopata diante de um gatilho atômico. Digamos que em todos esses casos eles terão uma vida longa sem qualquer tipo de remorso. Você ainda acha que *ética é deliberar* de acordo com a terceira situação?

A3

Eu já não sei bem o que dizer. Só sei que as *questões éticas* são complicadas!

André Barboni

É por isso que elas são filosóficas. *Filosofia* é complicada, faz a gente pensar. Pensar não é reproduzir o que os outros pensaram, mas ser capaz de examinar as diferentes possibilidades e encontrar soluções inéditas e melhores para todo e qualquer problema que se nos apresenta. Pensar implica em prever problemas e soluções para o que existe, mas também para o que não existe e, talvez, nunca venha a existir. Abdicar do direito de *pensar-por-nós-mesmos* é abdicar da nossa capacidade de resolver problemas, é menosprezar a importância das *questões éticas* e é uma receita certa para cair nas armadilhas do *Anti-Sistema*. Quem quer *evoluir* não comete essa loucura. *Sapere aude!* Já dizia Kant, que com seu *imperativo categórico* pensou as *questões éticas* como ninguém.

A7

E não se esqueça de Jesus.

André Barboni

“Amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos”. Que poder de síntese! Como poderíamos esquecer Dele? Não é mesmo?

A6

Não tem como.

André Barboni

Se o tarado se visse sendo estuprado, estupraria? O pedófilo abusaria da criança se sentisse a sua *dor*? O sádico sentiria o mesmo prazer se estivesse no papel do torturado? Haveria sociopatas se todos amassem a *Deus* e respeitassem a Sua *criação*? Como não ver em Jesus um grande *Filósofo*? Sinceramente, eu não consigo.

P6

Mas há controvérsia se esse Jesus que todos exaltam, se de fato ele existiu.

André Barboni

Que essas palavras foram ditas, ninguém nega. Nem que elas são atribuídas a uma tal de “Jesus de Nazaré”. Se o gato é amarelo, branco, preto ou pardo, o que importa é que ele pegou o rato. Portanto, se a gente deixar o nosso preconceito religioso de lado, vai ver que no seio das *religiões* encontramos muitas questões filosóficas discutidas seriamente e com uma profundidade que supera em muito os limites da ótica míope do *referencial materialista*. Eu não preciso ver e falar com *espíritos* para perceber que é absurda a ideia de achar que todo mundo que vê e fala com *espíritos* é louco, idiota ou iludido.

P6

Mas sempre se pode ter uma outra opinião.

André Barboni

Eu não nego isso, nem nego as preciosas contribuições dadas por pessoas presas ao *referencial materialista*. No entanto, chamo a atenção para o fato de que as pessoas religiosas se preocupam, de algum modo, com o resultado de suas ações. A miopia *materialista*, porém, não nos deve impedir de reconhecer que isso é bom. Independentemente de qual seja o *referencial* que nos pautamos, não podemos e não devemos deixar de perceber que as *questões éticas* nos conduzem a cultivar e desenvolver as nossas *virtudes*, e isso nos tornam melhores. Podemos relativizar tudo, mas há certas coisas que ao fazermos perdemos verdadeiramente algo que nos é precioso em um *sentido universal*. O *sofista* não se importa com isso, o *filósofo*, muito pelo contrário. Eu quero ser *filósofo* na verdadeira acepção que essa palavra tem. Isso, então, me força a assumir **certas posições inflexíveis** perante a vida, pois para crescer é necessário um certo ancoramento e, nesse caso, o ancoramento está no caráter. Não existe *filósofo mau-caráter*. Falhas morais podem ser encontradas em *candidatos a filósofos*, mas não em *filósofos*. É por isso que todo grande *filósofo* trabalha as *questões éticas* com todo o carinho e atenção.

P6

Mas o que é *virtude* para um povo pode não ser para outro. O que é valorizado em um tempo em outro pode ser desprezado. Você reconhece isso.

André Barboni

Certamente que sim. Então é lógico que você me pergunte: que parâmetro utilizar como base para afirmar esse *bom-caráter*?

P6

Ou, o que lhe permite distinguir uma *virtude* de um *vício*?

André Barboni

Para André Comte-Sponville (2009), a *virtude*: “é uma força que age, ou que pode agir” (p. 7); “é poder, mas poder específico. A virtude do heléboro não é a da cicuta, a virtude da faca não é a da enxada, a virtude do homem não é a do tigre ou da cobra. A virtude de um ser é o que constitui o seu valor” (p. 7-8); “virtude é poder, e o poder basta à virtude” (p. 8); “de um homem é o que o faz humano, ou antes, é o poder específico que tem o homem de afirmar sua excelência própria, isto é, sua humanidade (no *sentido* normativo da palavra)” (p. 8); “é uma maneira de ser, explicava Aristóteles, mas adquirida e duradoura, é o que somos (logo o que podemos fazer), porque assim nos tornamos” (p. 8-9); “ocorre, assim, no cruzamento da hominização (como fato biológico) e da humanização (como exigência cultural); é nossa maneira de ser e de agir humanamente, isto é (já que a humanidade, nesse *sentido*, é um valor), nossa capacidade de agir bem” (p. 9); “repete-se desde Aristóteles, é uma disposição adquirida de fazer o bem. É preciso dizer mais, porém: **ela é o próprio bem, em espírito e verdade**. Não o Bem absoluto, não o Bem em si, que bastaria conhecer ou aplicar. O bem não é para contemplar, é para se fazer” (p. 9, destaque nosso); “é o esforço para se portar bem, que define o bem nesse próprio esforço” (p. 9).

P6

Noto que você se utiliza de um autor que se declara *materialista* e ateu.

André Barboni

Mas que escreve bem e, ao que tudo indica, se esforça por trilhar o caminho do *justo*. Não é porque ele está em um *referencial* que eu considero errado que eu devo ignorar tudo o que ele diz, ao contrário de Descartes, eu não devo desprezar toda uma obra de alguém que se/me enganou uma vez, achando que se ele o fez poderá fazê-lo de novo. É claro que ele vai fazê-lo, nós somos humanos, a gente erra, o erro é inerente a todo *Anti-Sistema*, é bobagem ignorar isso.

P6

Então...

André Barboni

Devo ler de tudo, a tudo devo observar. Em todas as coisas há pontos positivos e negativos. Devo me valer de todas as qualidades do meu *espírito* (*virtudes*) para selecionar aquilo que irá me engrandecer e rejeitar aquilo que me afasta do *Sistema*. A cada degrau que subo, nessa grande escalada, refino minhas *virtudes* e fica mais fácil notar as armadilhas do caminho que trilhei.

P6

Mas não do que ainda estás por trilhar.

André Barboni

Eu diria que concordo, em parte, com essa afirmação, pois as dificuldades que superamos nos parecem sempre menores depois que as vencemos e as que nos angustiam atualmente parecem maiores do que, de fato, elas são. Quando a gente se convence disso, adquirimos uma força que nos ajuda a superá-las com mais facilidade.

P5

E quanto às *virtudes*?

André Barboni

Pelo que se pode deduzir das afirmações de Comte-Sponville (2009), a *virtude* é um bem na medida em que ela consiste no próprio esforço que fazemos para sermos bons e fazer o bem. Ela é fruto do próprio esforço evolutivo e, ao mesmo tempo, é instrumento que nos impulsiona nessa escalada. Mas, como diria Aristóteles (2009), a *virtude* é uma *justa medida* e, portanto, existe uma dose certa tal como o sal, que de menos torna a comida insossa e de mais fere o nosso paladar e prejudica a nossa *saúde*. A diferença entre o remédio e o veneno, muitas vezes está na dose. Isso, talvez explique por que, as vezes, temos tanta dificuldade em identificar se uma certa característica é ou não uma *virtude*.

P5

Inclusive a lista das *virtudes*, elencada por diferentes autores, muda.

André Barboni

Correto, professor, Comte-Sponville (2009) elenca 18: a *polidez*; a *fidelidade*; a *prudência*; a *temperança*; a *coragem*; a *justiça*; a *generosidade*; a *compaixão*; a *misericórdia*; a *gratidão*; a *humildade*; a *simplicidade*; a *tolerância*; a *pureza*; a *doçura*; a *boa-fé*; o *humor* e; o *amor*. Já James Rachels e Stuart Rachels (2013, p. 170) elegem também 18 *virtudes*: *benevolência*; *civilidade*; *compaixão*; *consciência*; *cooperação*; *segurança*; *equidade*; *amizade*; *generosidade*; *honestidade*; *industriosidade*; *moderação*; *paciência*; *prudência*; *razoabilidade*; *autodisciplina*; *autoconfiança* e; *tolerância*. Embora os números coincidam, é fácil verificar que o mesmo não se dá com relação às *virtudes*. Não pretendemos dizer qual é a melhor nem a mais importante, ou, se quer, dizer se concordamos com quem a respeito do que, mas apenas reconhecer que elas, em conjunto, definem o nosso *caráter* e na medida em que são desenvolvidas nos instrumentalizam para subir na *escala evolutiva*. Quanto mais subimos, mais as aperfeiçoamos.

P5

Mas com relação à *Ética*, Kant (2007) dizia que ela era uma das três ciências na velha *filosofia* grega, juntamente com a *Física* e com a *Lógica*. Assim como a primeira, não é *pura* como a segunda, por se apoiar também em princípios da experiência, enquanto que esta última se apoia em princípios *a priori*. À parte empírica poderia chamar especialmente “Antropologia prática”, enquanto que à racional seria a “Moral” propriamente dita. Na página 15, Kant diz:

limito-me a perguntar se a natureza da ciência não exige que se distinga sempre cuidadosamente a parte empírica da parte racional e que se anteponha à Física propriamente dita (empírica) uma Metafísica da Natureza, e a Antropologia prática uma Metafísica dos Costumes, que deveria ser cuidadosamente depurada de todos os elementos empíricos, para se chegar a saber de quanto é capaz em ambos os casos a razão pura e de que fontes ela própria tira o seu ensino a priori.

O que você me diz disso?

André Barboni

De cara, eu diria que essa é uma pergunta complicada, mas que por mais brilhante que seja o trabalho de Kant (2007), que eu admiro e respeito, ele está incompleto.

P5

No que você se baseia para fazer essa afirmação?

André Barboni

Em tudo o que temos discutido e, mais especificamente, no que podemos deduzir a partir da figura 1. Eu explico, antes que me perguntem. Do ponto de vista da **razão**: tem todo *sentido* em se falar de uma *Física Teórica* e em uma *Metafísica da Natureza* para a Física; assim como em uma *Moral* e uma *Metafísica dos Costumes* para a *Ética* e; por fim, em uma *Lógica Formal*. Do ponto de vista da **sensação**: também faz *sentido* em se falar em uma *Física Prática*; em uma *Antropologia Prática* e; neste caso, não sei se eu concordo com Kant com a sua afirmação de que, não existe uma *Lógica Prática*. Mas não é aí que está a falha, mas no fato de que **intuição** e **sentimento** foram excluídos da sua análise. Kant (2007) sequer pensa nelas como meios de condução ao *conhecimento*. Sua visão está focada na *Ciência*. A asa da **razão** não é suficientemente forte ou boa para empreender sozinha o voo que Kant (2001) tanto sonhava na sua “Crítica da Razão Pura”. Somente a **intuição**, asa poderosa do *filósofo*, pode lhe ajudar a desvendar os mistérios metafísicos que ele tanto almejava.

P5

Com isso, você quer dizer que a visão kantiana, por estar muito focada na *razão*, menospreza outros elementos que seriam fundamentais para os seus objetivos?

André Barboni

Precisamente isso, mas também indica que podemos trabalhar essas lacunas. Se ficássemos presos às obras de Kant, de seus comentadores e fechados no seu *sistema filosófico*, não faria *sentido* em falar nessas lacunas, mas como a nossa proposta é não se prender a isso, podemos situar a obra deste ou daquele autor em um contexto maior. Ao fazermos identificamos pontos que não foram tratados ou, se o foram, não de forma suficiente.

P5

E assim, teríamos espaço para produzir algo novo que o *mundo* pode apreciar. Interessante! Eu começo a vislumbrar vantagens na sua linha de raciocínio.

André Barboni

Para mim, professor, o que realmente importa quando trato das *questões éticas* é *compreender* como isso nos impulsiona individual e coletivamente para níveis mais elevados na *escala evolutiva*. Comte-Sponville (2009, p. 16) questiona: “como essa moral emergiria, se a polidez não fosse dada primeiro?”. Mais adiante (p. 37), ele afirma que “a polidez é a origem das virtudes; a fidelidade, seu princípio; a prudência, sua condição [...] A prudência é uma das quatro virtudes cardeais da Antiguidade e da Idade Média”. “Santo Tomás bem mostrou que, das quatro virtudes cardeais, a prudência é a que deve reger as outras três: a temperança, a coragem e a justiça, sem ela, não saberiam o que se deve fazer, nem como” (p. 39).

P5

Você está querendo dizer que a aquisição de uma *virtude* condiciona a aquisição de outras?

André Barboni

Pelo menos é isso o que o trabalho de André Comte-Sponville (2009) parece estar nos revelando e não sou eu que vai discordar. Muito pelo contrário, eu acho que ele foi feliz na sua análise e me ajudou a *compreender* um pouco mais como cada um de nós constrói os seus valores e como a sociedade, como um todo, progride moralmente falando.

P6

E qual é a implicação desse “progresso moral” em termos práticos?

André Barboni

Quem segue o caminho involutivo, talvez, preferisse a sua inexistência...

P2

Mas...

2.3.6 Os governos do *Forte* e do *Astuto*

André Barboni

Se não gostamos de alguma coisa, ignorá-la não fará com que ela deixe de existir.

P2

Então, as *questões éticas* não devem ser ignoradas, pois fazem parte de nossa vida e as *virtudes* são fundamentais para ascendermos na *escala evolutiva*. É isso que você quer dizer?

André Barboni

Precisamente. Em termos coletivos elas também ajudam a formar o “caráter” dos diferentes povos e suas políticas internas e externas. *Mude o homem e você muda a sociedade*. Essa é uma máxima que não podemos e não devemos ignorar. Por isso, Ubaldi com os seus três tipos biológicos (o *forte*, o *astuto* e o *justo*), nos é tão caro quando analisamos a ação do homem individual e coletivamente. Na *lógica egoísta* do *forte* e do *astuto* é lícito, justificável e pode até ser desejável, invadir um país alegando, por exemplo, que ele financia o terrorismo internacional e possui armas de destruição de massa, quando, na *verdade*, o que ele, de fato tem, é muito petróleo. Isso fica provado, mas o *mundo* nada faz, a gente não vê a imprensa protestar abertamente contra isso e exigir que esse país invasor restitua a paz, a liberdade e os recursos tomados do povo invadido. A gente não vê as pessoas debatendo a respeito, indignadas com o abuso cometido e exigindo que o agressor repare o mal feito.

P6

Quem vai se opor a um país que tem satélites, uma grande força armada atuante e um poderoso arsenal de armas de destruição de massa?

André Barboni

E por que não fazemos isso? Por covardia? Ou porque se estivéssemos no lugar dessa poderosa nação faríamos o mesmo e até pior?

A5

Talvez só estamos esperando a oportunidade para fazer pior e revelar o verdadeiro lobo que existe dentro de nós. Afinal, já dizia Hobbes (2011): “o homem é o lobo do próprio homem”.

André Barboni

Eu não li todo o “Leviatã”, mas nós trabalhamos parte dessa obra na disciplina “Filosofia Política”, com o professor P8. E os ensaios que eu escrevi tem tudo a ver com o que nós estamos discutido agora.

A5

E o que você dizia nesses ensaios?

André Barboni

Que se a gente observar mais atentamente a história da humanidade, constata uma sucessão infindável de governos ditatoriais que coexistem ou são suplantados, no seu tempo, por governos ditos democráticos onde as decisões são tomadas em nome de uma coletividade. Maquiavel, é um dos primeiros, e certamente, um dos mais importantes, autores a tratar de forma mais sistemática a questão do poder e uma característica que marca o seu discurso, que choca a maioria das pessoas que o lê, e que permite a atribuição do termo “maquiavélico” à pessoas que agem com frieza e calculismo é justamente a desvinculação ética na sua obra principal (O Príncipe). Nesta obra, a preocupação se dá basicamente com a manutenção do poder pelo príncipe e a *lógica da astúcia*, que caracteriza a obra, torna lícito ao príncipe dispor da vida humana da forma que melhor lhe aprouver e até mesmo eliminá-la, se for o caso, para garantir a sua permanência no poder.

P6

Cuidado! Com o que você vai falar de Maquiavel.

André Barboni

Nada que fira a sua honra ou a sua dignidade. A mensagem de Maquiavel é clara e objetiva. Se destina ao governante e lhe mostra opções e detalhes que ele precisa observar para garantir as condições de governabilidade. Embora ela tenha sido escrita há cerca de cinco séculos, continua sendo lida e relida por políticos do *mundo* inteiro que nela se inspiram para tramar suas estratégias de poder. O senhor concorda com o que eu disse até aqui, professor?

P6

Até aqui, tudo bem!

André Barboni

Para Maquiavel, o povo é sempre uma ameaça ao governante, que deve *saber* controlá-lo e evitar, na medida do possível, o conflito e o uso da força. Já Hobbes (2011) e Locke (1994), tratam também a questão do poder, da legitimidade e do conflito, mas apresentam um novo elemento nas suas análises: as ideias de “Estado de Natureza” e “Estado Civil”. Em ambos, o “Estado de Natureza” se caracteriza como um estado de liberdade sem a regulação de um aparato estatal controlador. No entanto, veja como a visão desses dois autores são distintas e tem a ver com a forma como eles olhavam para a vida e com o que viveram no seu tempo.

A5

Como assim?

André Barboni

No “Estado de Natureza”, “o homem lobo do próprio homem”, assume o seu caráter mais selvagem e não se tem quaisquer garantias, vale a lei do mais *forte* e o que faz com que este homem queira abrir mão desta liberdade em prol de um *contrato social*, onde ele “assina um cheque em branco” para o governante de um Estado Civil, é a garantia do seu direito à vida. Ou seja, para Hobbes (2011), existe um *contrato social* firmado entre o indivíduo e um governo central, em que este indivíduo em busca de segurança e paz, se faz representar por um governante que detém plenos poderes desde que respeite o direito fundamental de preservação da vida de seus governados. Direito este que se for lesado confere aos governados o direito de se rebelarem. Daí a importância, para este governante, da leitura atenta da obra de Maquiavel.

A5

E quanto a Locke?

André Barboni

Já Locke (1994), tem uma visão mais otimista do “Estado de Natureza”. Para ele, existe uma certa ordem, onde Hobbes (2011) só vê o caos. No “Estado de Natureza”, o indivíduo é livre, mas sua liberdade está limitada por certas convenções e tabus que impedem o roubo, o assassinato, o incesto e a bigamia, por exemplo, mas como não existe um Estado regulador e que detém o monopólio da força, a garantia da observação destas regras as vezes deixa a desejar. Daí, a ideia de formação de um “Estado Civil” organizado, também, por um *contrato social* que tem por dever garantir a propriedade (vida, liberdade e posses).

A5

Vejo que ambos consideram a constituição do “Estado Civil” uma *evolução* do “Estado de Natureza”.

André Barboni

Sim, mas observa-se em Locke (1994) uma *evolução* das ideias de Hobbes (2011), posto que o primeiro amplia os direitos individuais, reconhece o trabalho como origem legitimadora da propriedade e se contrapõe a ideia do segundo de que “o homem é o lobo do homem”. Assim, em Locke, o Estado é legítimo se preservar a propriedade, um *conceito* que inclui a vida, a liberdade e as posses, ao passo que em Hobbes, o Estado é legítimo se preservar somente a vida do indivíduo. Em ambos, a constituição do “Estado Civil” se dá por um “pacto” político.

A5

Em que consiste esse “pacto”.

André Barboni

Consiste na concordância daqueles que abandonam o “Estado de Natureza” abdicando de certa liberdade em prol de certas garantias. Para Locke (1994), a fruição da propriedade no “Estado de Natureza” é muito crítica e a vantagem de uma sociedade politicamente organizada se dá justamente na garantia da manutenção desta propriedade. Assim, a abdição dos direitos individuais de cada homem, em favor da comunidade, garante ao “Estado Civil” o monopólio da elaboração das leis, o que torna o *poder legislativo* o mais importante, mas diferentemente do que se vê hoje em dia, Locke pensava este poder como sendo um *poder temporário*. Ou seja, ele só seria constituído quando houvesse necessidade de elaboração de novas leis ou reformulação de alguma existente. Além deste poder, Locke pensou outros dois: o *poder executivo* que cuidava da execução da política interna e; o *poder federativo* que cuidava da política externa e com poder de declarar guerra a outras comunidades. As atribuições do *poder judiciário*, como o conhecemos hoje em dia, para Locke, seriam exercidas pelo *poder executivo*.

A6

Um *poder legislativo temporário* e atribuições do *poder judiciário* exercidas pelo *executivo*? Isso não soa como uma espécie de *tiranía*?

André Barboni

Você acha estranho porque atualmente, no Brasil, tal como muitos outros países do *mundo*, se segue as linhas gerais de um “Estado Civil” organizado. Mas, diferentemente da proposta de Locke, o Estado brasileiro se organiza em três poderes: *legislativo*, *executivo* e *judiciário*. Teoricamente, estes poderes seriam independentes entre si e com igual poder, mas na prática o *poder executivo* acaba controlando os demais, pois os cargos de mais alto escalão do *judiciário* são indicados pelo *executivo* que também se vale de cargos do *executivo* como moeda de negociação por apoio do *legislativo*. Outra peculiaridade do sistema de governo brasileiro se dá na possibilidade do *poder executivo* editar/reeditar decretos e medidas provisórias que tem força de lei. Na prática, será que existe tanta diferença assim?

P8

Pode não parecer, mas é claro que do ponto de vista legal tem muita diferença.

André Barboni

Eu não discordo do senhor, mas...

P8

Mas...

André Barboni

Se utilizarmos a chave de entendimento que Ubaldi nos apresenta, constatamos que no “Estado de Natureza” prevalece a *vontade* do mais *forte* enquanto que no “Estado Civil” de Hobbes, Locke ou o que vigora hoje em dia, o *astuto* é favorecido na medida em que elabora as leis de forma: a beneficiar segmentos da sociedade com os quais se identifica; a criar brechas na lei que lhe permitam ter fórum privilegiado ou mesmo, estar acima dos demais e; dar legitimidade a ações que todos condenariam, do ponto de vista *ético*, *moral* ou do interesse público, mas que lhe trazem benefício direto ou indireto. Para Locke, a formação de um governo pela maioria não pode desrespeitar os direitos da minoria. De certa forma, a lei brasileira também garante isto, mas como garantir isto na prática tendo em vista que é um *astuto* que está no poder? Se ele tem o poder de fazer as leis, executá-las e julgá-las? Como garantir que os direitos dos demais sejam respeitados?

P8

O Estado “democrático” em que vivemos possui leis que permitem a perda do mandato dos governantes que deixam de cumprir com os seus deveres, abusam do poder ou mesmo desviam recursos públicos.

André Barboni

Mas o direito de não depor em juízo contra si mesmo, o qual o próprio Locke defendia, faz com que justiça e legalidade sejam duas coisas que qualquer estudante de Direito aprende a diferenciar, no primeiro semestre do seu curso de graduação. Assim, isso faz com que o povo buscando justiça praticamente só encontra desrespeito e o aviltamento da sua dignidade como cidadão e fique com a impressão de que justiça é uma mera ilusão. Na forma como o Estado está estruturado, quem detém o *poder econômico* detém o *poder de manipulação da opinião pública* e pode eleger representantes, que mesmo apresentando um discurso politicamente correto, sejam incapazes de defender propostas, por mais legítimas e justas que elas sejam, que contrariem os interesses dos grupos econômicos que os apoiaram. Com isto, a *democracia*, que parece ser um tipo de governo mais correto que a *tiranía*, na realidade, passa a ser tão cruel quanto, e as vezes pior, pois passa a ideia de que as decisões foram discutidas e apresentadas pelo povo, no papel dos seus representantes, que ao assumirem o poder agem como se o povo lhe tivesse conferido um “cheque em branco” à la Hobbes. Essa é uma ideia que precisa ser seriamente combatida, pois nenhum povo passa “cheque em branco” para qualquer representante que seja.

A6

Mas, na prática é como se o tivesse feito. Nisso eu concordo contigo, André. Mas Rousseau tinha uma solução para esse problema.

André Barboni

Certo A6, nós chegaremos lá, tenha um pouco de paciência, mas note que para Rousseau, o pacto social teria sido uma proposta sedutora, e arditamente maquinada pelos ricos, que visava assegurar suas posses e integridade física com o apoio de quem justamente representava a maior ameaça a esta segurança. Quando se diz:

Unamo-nos para defender os fracos da opressão, conter os ambiciosos e assegurar a cada um a posse daquilo que lhe pertence, instituamos regulamentos de justiça e de paz, aos quais todos sejam obrigados a conformar-se, que não abram exceção para ninguém e que, submetendo igualmente a deveres mútuos o poderoso e o fraco, reparem de certo modo os caprichos da fortuna. Numa palavra, em lugar de voltar nossas forças contra nós mesmos, reunamo-nos num poder supremo que nos governe segundo sábias leis, que protejam e defendam todos os membros da associação, expulsem os inimigos comuns e nos mantenham em concórdia eterna (Rousseau⁶⁴, 1954 *apud* Nascimento, 2001, p. 195).

Não se precisa muito mais do que essas palavras para convencer “homens grosseiros e fáceis de seduzir” a aderirem a um *contrato social* enganador, onde o rico faz as leis e tem todas as garantias de que serão utilizados dois pesos e duas medidas na hora de julgar as questões legais. Esta astuta estratégia se deve ao fato de que “o forte nunca o é o bastante para garantir sempre as suas posses. Transformar sua força em direito e a obediência dos demais em dever”. Isso, observado por Rousseau, revela o alcance de um grau a mais na *escala evolutiva* das civilizações, para o pensamento de Ubaldi (1956, p.21):

Os homens são desiguais; não pertencem ao mesmo grau evolutivo. Se os bens para manutenção da vida são-lhe indistintamente necessários, o modo por que os homens os procuram lhes exprimem a evolução, isto é, assume o papel de índice revelador da natureza humana. Aprofundemos a classificação dos tipos humanos com base no real valor biológico, de acordo com a real natureza do indivíduo; em face dessa natureza, como já dissemos, as distinções sociais têm valor todo fictício. Escalonemos, assim, os vários tipos humanos conforme os métodos de aquisição dos bens. Três podem ser esses métodos: furto, trabalho, justiça, próprios de três tipos biológicos que sobem do involuído ao evoluído, isto é, o selvagem, o administrador, o espiritualista. Constituem três raças de homens, correspondentes às três leis da vida: fome, amor, evolução (Cf. História de um Homem – Cap. XXIII e A Grande Síntese – cap. LXXVIII).

A6

É interessante como você concatena o pensamento desses autores!

André Barboni

Note que o pensamento deles permite essa concatenação, pois a gente tem uma *linha mestra* que guia a nossa análise. Sem ela isso não se daria tão bem.

⁶⁴ ROUSSEAU, J. J. *Discours sur l'origine de l'inegalité*. Paris: Pléiade, 1954, t. III, p. 177.

A6

E essa *linha mestra* se deu com a leitura que você fez da obra de Pietro Ubaldi?

André Barboni

Sim, de acordo com o pensamento de Pietro Ubaldi, o meio utilizado para se atingir um determinado propósito faz toda a diferença e é revelador do tipo humano que estamos lidando e assim como os homens as sociedades evoluem. Numa sociedade primitiva a regra para se chegar ao poder é a imposição da força, que assume status de direito, a medida que seus indivíduos e a própria sociedade evolui, chega-se a um nível maior de sofisticação onde a *astúcia* leva vantagem sobre a *força* que é usada, muitas vezes, contra si mesma. Neste nível de civilização, a mentira e a trapaça são estratégias legítimas para se chegar ao poder e o primeiro discurso que destacamos (na página anterior), embora de grande valor se for de fato aplicado na prática, serve, no entanto, no nosso atual grau evolutivo, para legitimar as fontes das desigualdades sociais e manter cativo o homem de bem. A medida que o homem e as sociedades *evoluem*, tal discurso cada vez mais se justapõe à prática que se torna mais coerente com ele. Esta coerência promove a construção de uma sociedade mais justa onde há um real compromisso com a *verdade*.

A6

Rousseau parece querer isso.

André Barboni

Rousseau reconhece a liberdade como um direito natural e inalienável e tece severas críticas ao pensamento de Hobbes que diz que “o déspota assegura tranquilidade civil aos súditos”, mas, segundo ele, se vive com tranquilidade também nas masmorras e “os gregos encerrados no covil do ciclope, também aí viviam tranquilos, aguardando a sua vez de serem devorados”. “Renunciar à liberdade é renunciar à qualidade de homem, aos direitos da humanidade e mesmo os deveres. Não existe nenhuma compensação possível para aquele que renuncia a tudo”. Assim, para Rousseau, “os homens devem buscar um pacto social, pelo qual eles obedeçam a si mesmos”, deve existir uma *vontade geral* voltada para o bem comum e que representa a *vontade* de um coletivo, onde, a submissão de cada um à esta *vontade* não implicaria, necessariamente, à perda da liberdade, mas um dever cívico a que todos estariam submetidos⁶⁵. Pode-se ver claramente aqui que a proposição de Rousseau apresenta grande relação com as ideias de Ubaldi quando este último fala de um terceiro nível de sociedade baseada no homem *justo*. A questão, então, que se apresenta é como este tipo de sociedade pode ser viabilizada?

⁶⁵ SOMBRA, L. **Rousseau** – frases orientadoras. Feira de Santana-BA: UEFS, 2012. Notas e material didático fornecido nas aulas de Filosofia Política.

A6

Rousseau defende uma espécie de *democracia* direta, onde o povo é o soberano absoluto e onde as leis devem ser constituídas pela relação do povo como um todo e o Estado. Assim, a *vontade geral* se constitui num *poder legislativo* (povo) e existiria um *poder executivo* constituído por um agente próprio. Os bens particulares são de propriedade do povo (soberano), mas isto não exclui os direitos individuais à propriedade.

André Barboni

Quanto mais aprofundamos no pensamento do que vem a ser uma sociedade idealizada por Rousseau mais forte é a relação com a sociedade evoluída de Ubaldi. É evidente que em ambas, se pensa em um cidadão esclarecido, responsável, participativo e que se posiciona de forma altruísta. Ou seja, que consegue obedecer a uma lei justa, mesmo quando esta lei impõe limites e, até mesmo contraria, aos seus interesses particulares. O problema é que na prática isto só pode se dar com a predominância do tipo *justo* sobre os tipos *forte* e *astuto*. Tratamento que só aparece de forma bem discutida nas obras de Ubaldi, mas que são pouco conhecidas da *Tradição Filosófica*. Daí a importância de se estudar estas obras, que colocam o Brasil no centro do cenário mundial nas próximas décadas.

A5

Hegel, por sua vez, fala de um *espírito (Geist) do tempo*, sintetizado pela *razão*, onde o real é racional e o racional é real onde a *dialética* exerce um papel fundamental na superação dos limites impostos pela identidade do *espírito*. Se substituirmos a palavra “espírito” por “vontade geral” teremos um elo de ligação entre a *filosofia* de Hegel e a de Rousseau, mas para Hegel, o *conceito* que está na base do Estado não é o de *contrato*, mas o de *vontade* (universal):

Rousseau teve o mérito de estabelecer como fundamento do Estado um princípio que, não somente em sua forma (como por exemplo e instinto social, a autoridade divina), mas também o seu conteúdo, pertence ao pensamento e mesmo é o pensamento, pois é a vontade. Mas ao conceber a vontade apenas na forma definida de vontade individual (como mais tarde também Fichte), e a vontade geral, não como o racional em si e para si da vontade, mas como a vontade comum que resulta das vontades individuais enquanto conscientes, a associação dos indivíduos se torna um contrato, cujo fundamento é então o arbítrio, a opinião e a adesão expressa e facultativa das quais derivam consequências puramente conceituais, destrutivas do divino existente em si e para si na autoridade e majestade absolutas do Estado (Hegel⁶⁶ §258 *apud* Brandão, 2001, p. 107).

André Barboni

Certo, A5, mas note que a crítica de Hegel aos *filósofos* contratualistas é de que eles ao construir a *teoria do contrato*, pressuporiam a existência de “indivíduos livres e iguais, vivendo isolados e separados uns dos outros, fora e antes da sociedade e da história. Criam uma ficção” (Brandão, 2001, p. 108).

⁶⁶ HEGEL, G. W. F. *Filosofia do Direito*.

Para Hegel, a evolução do *espírito* se dá por um processo dialético em uma *espiral ascendente e teleológica* com níveis crescentes de complexidade partindo da família, passando pela organização de uma sociedade civil em rumo a um Estado universal:

O Estado é a realidade em ato da liberdade concreta: ora a liberdade concreta consiste em que a individualidade pessoal e seus interesses particulares recebam o seu pleno desenvolvimento e reconhecimento de seus direitos para si (nos sistemas de família e sociedade civil), ao mesmo tempo em que integram no interesse geral, ou então o reconhecem consciente e voluntariamente como a substância de seu próprio espírito, agindo para ele como o seu objetivo final. Disso resulta que nem o universal vale e se realiza sem o interesse, a consciência e a vontade particulares, nem os indivíduos vivem como pessoas privadas, orientadas exclusivamente por seus próprios interesses, sem o querer universal (Hegel⁶⁷ §260 *apud* Brandão, 2001, p. 107).

A3

Espiral ascendente e teleológica?

André Barboni

Muito observador, A3! Pois o interessante no trabalho de Ubaldi, é que ele também descreve a evolução dos indivíduos como sendo um processo que se dá de acordo com uma *espiral ascendente e teleológica*. Se isso é notado por Hegel e Ubaldi, deve ser interessante realizar um estudo aprofundamento sobre este ponto. Portanto a nossa proposta em se trabalhar com a ideia do *mosaico* se aplica também nesse campo.

A5

Mas o que você me diria das ideias de Marx?

André Barboni

O autor de obras de peso como: “O Manifesto Comunista” e “O Capital”, Karl Heinrich Marx (1818–1883), foi um profícuo pensador que acompanhou de perto boa parte dos grandes acontecimentos do século XIX como a emergência da burguesia e do proletariado e o próprio surgimento do capitalismo industrial e da consolidação das nações e dos Estados modernos (WEFFORT, 2001). “Seu pensamento influenciou e ainda influencia áreas como: Filosofia, Geografia, História, Direito, Sociologia, Literatura, Pedagogia, Ciência Política, Antropologia, Biologia, Psicologia, Economia, Teologia, Comunicação, Design, Arquitetura, entre outras”. Isso você encontra facilmente naquele site do nosso adolescente preguiçoso⁶⁸.

A5

Mas ele faz uma crítica à Hegel.

⁶⁷ Vide nota anterior.

⁶⁸ Wikipédia, que temos defendido como uma fonte tão merecedora de confiança como outra qualquer. Vide as outras considerações que tecemos a esse respeito anteriormente.

André Barboni

Para Weffort (2001, p. 236), é evidente, nas obras de juventude de Marx, tanto a sua crítica ao idealismo hegeliano quanto a sombra das suas frustrações com a Revolução Francesa. “As mesmas frustrações, aliás, que impulsionavam o pensamento socialista em vários países, a começar pela própria França”. Em seu livro *A questão Judaica*, ele critica Bruno Bauer (jovem hegeliano de esquerda), por não distinguir *emancipação política* (que envolve garantia de direitos liberais) de *emancipação humana* (um *conceito* que Marx não explicita). “Para Marx, a verdadeira liberdade se dá em comunidade, e não a partir de um *conceito* negativo estruturado em indivíduos atomizados e que reivindicam a liberdade como uma proteção contra a interferência do outro”⁶⁹.

P8

Se me lembro bem, Marx critica Feuerbach.

André Barboni

Feuerbach, foi certamente, uma das maiores referências entre os novos hegelianos para Marx, no entanto, a sua crítica ao autor de *A Essência do Cristianismo*, é que este:

não teria percebido que a alienação religiosa é condicionada por determinada realidade socioeconômica. A religião cria a falsa ideia de uma comunidade pela qual somos todos iguais perante Deus. Essa necessidade é complementada, na modernidade, pela sensação patriótica de uma comunidade de cidadãos vinculados ao Estado nação, no qual “todos são iguais perante a lei”⁷⁰.

P8

Para mim, é no seu pequeno texto *Teses sobre Feuerbach* que se encontra uma síntese das conquistas teóricas de Marx em sua passagem para uma fase madura e, embora, a tese onze denote uma certa desconfiança, que Marx passa a adotar progressivamente com relação aos *filósofos*, que até aquele momento, só cuidaram de interpretar o *mundo*, enquanto se fazia necessário, para Marx, transformá-lo, é na primeira tese que ele refuta toda a *filosofia* produzida até então sob o nome de *materialismo* ou *idealismo*:

O materialismo é criticado por ignorar o papel da atividade humana (que Marx chama práxis) na compreensão do mundo. O idealismo, por sua vez [emblemático no pensamento hegeliano] prioriza a subjetividade humana, a contemplação. Para essa forma de pensamento, o mundo é estruturado por categorias da nossa subjetividade⁷¹.

André Barboni

E então...

⁶⁹ SOMBRA, L. **Filosofia Política** – Marx. Feira de Santana-BA: UEFS, 2012. Notas e material didático fornecido nas aulas de Filosofia Política.

⁷⁰ *Ibidem*.

⁷¹ *Ibidem*.

P8

Marx tenta superar estes problemas dialeticamente afirmando que o *mundo* pode efetivamente ser criado e transformado pela atividade material e não, primordialmente, por uma transformação do pensamento. Segundo as premissas do método materialista, o funcionamento institucional e mesmo a subjetivação consciente de uma sociedade são condicionadas pelo modo de produção de determinada fase histórica. Por “modo de produção” ou “infraestrutura”, entenda-se uma articulação entre as “forças produtivas” (força de trabalho e os meios de produção, inclusive tecnológicos) e as “relações de produção” estabelecidas (relações sociais que condicionam o processo de produção). A infraestrutura é acompanhada de uma “superestrutura” formada pela vida social, política e cultural constituída de um lado, pelas instituições jurídicas e político-sociais e, de outro, pelos modos de *consciência* hegemônicos da sociedade. Para Marx, a infraestrutura condiciona a superestrutura, incluindo os modos de *consciência*. Isso você pode ler nas minhas notas de aula que eu passei aos meus alunos no semestre que fui seu professor.

André Barboni

Certo, mas se eu me recordo bem, para Marx, os modos de *consciência* hegemônicos de uma determinada época/sociedade formam o que se pode chamar de ideologia, onde:

As ideias da classe dominante, em todas as épocas, são também as ideias dominantes, ou seja, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é também a força *espiritual* dominante. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo dos meios de produção intelectual, se bem que, estando estes contidos naqueles, as ideias dos que não dispõem dos meios de produção intelectual ficam, ao mesmo tempo, subordinadas a essa classe dominante. As ideias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são estas relações materiais dominantes apreendidas sob a forma de ideias e, portanto, a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante. Em outras palavras, são as ideias de seu domínio. Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, além de outras coisas, uma consciência e, consequentemente, pensam. Na medida em que dominam enquanto classe e determinam uma época histórica em toda a sua amplitude, é evidente que tais indivíduos exercem seu domínio em todos os setores e que dominam, entre outras coisas, também como seres pensantes, como produtores de ideias, e regulam a produção e a distribuição de ideias do seu tempo. As suas ideias, portanto, são as ideias dominantes de sua época (WEFFORT, 2001, p. 261-262).

P8

Mais ainda,

[...] cada nova classe que toma o lugar daquela que antes dela dominava é obrigada, para alcançar os seus objetivos, a representar o seu interesse como o interesse comum a todos os membros da sociedade, ou, para expressar isso no plano das ideias: essa classe é obrigada a dar às suas ideias a forma da universalidade, de representá-las como únicas razoáveis, as únicas universalmente válidas (WEFFORT, 2001, p. 262).

André Barboni

Eu diria, então, que o senhor concorda comigo que Marx revoluciona e inova.

P8

Certamente. Assim, o *comunismo*, tal como Marx o concebia, se distingue de todos os movimentos anteriores pelo fato de subverter esta base das relações de produção e troca e de, pela primeira vez, conscientemente encarar todas as ditas “condições naturais”, existentes até então, como criações dos homens que nos precederam, despojando, desta forma, tais condições de seu caráter natural e submetendo-as ao poder dos indivíduos unidos (WEFFORT, 2001).

André Barboni

Vejamos então, como Pietro Ubaldi analisa o *comunismo*, esta questão e o que isso implica para a nossa proposição de uma *Meritocracia Intellecto-Moral*.

P8

Vejamos...

André Barboni

Pietro Ubaldi (1886–1972) é um autor singular. Filho de rica família italiana, teve o melhor da educação que o dinheiro pode comprar. Advogado formado em Roma, o *místico da Úmbria* sentia-se angustiado com a luta interna travada entre os deveres e obrigações sociais que a sua riqueza lhe impunha e a necessidade de vivência dos ideais franciscanos que aspirava. Em 1927, com a morte de seu pai, fez voto de pobreza transferindo à família os bens que lhe pertenciam, em 1931, estarrece novamente sua família, assumindo a renúncia franciscana, é aprovado e assume o cargo de professor de inglês para o Liceu Tomaso Campailla, em Módica, Sicília, mas em 1932, faz novo concurso público e consegue ser admitido na Escola Média Estadual Otaviano Neli, em Gúbio, mais próximo da família, e onde pretende viver com o suor do seu trabalho. Começou sua obra no natal de 1931 com a *Mensagem de Natal*, a primeira de uma série de mensagens reunidas no livro “Grandes Mensagens”⁷².

A7

Que bom que temos agora a oportunidade de *saber* um pouco mais sobre esse autor que você fala tanto, André.

André Barboni

Autor de uma vasta obra reunida em 24 volumes, escrita entre 1931 e 1971, Ubaldi apresenta ideias originais que tratam dos mais diversos assuntos da *Filosofia*. A coluna vertebral desta obra se encontra em cinco livros principais: “*A Grande Síntese*”; “*Deus e Universo*”; “*O Sistema*”; “*Queda e Salvação*” e; “*Cristo*”.

⁷²

A vida e a obra de Pietro Ubaldi podem facilmente ser conhecidas pelo site <http://www.ubaldi.org>.

Para Ubaldi, tudo está intimamente ligado e segue leis universais. Pode-se *entender* o extremamente grande se estudando o extremamente pequeno. Ubaldi apresenta o *conceito* de *Sistema* como o único modo de existir de *Deus*, um estado perfeito que não admite mudanças, um grande conjunto harmônico, formado por infinitos elementos ou células onde: *o Eu Sou Maior = Sistema = Todo = Lei = Deus = Organismo* coexiste com *Eu Sou Menores = Espíritos = Partes = Deuses = Órgãos*. Assim:

Só o todo, a Lei, tem o conhecimento absoluto que transcende o conhecimento individual, que é imanente em cada elemento e possui perfeição relativa à função exercida no organismo. O conhecimento perfeito do ser estava apenas no interior de sua função, que precisava somar-se ao conhecimento dos outros elementos – os quais, em conjunto, complementavam-se uns aos outros na onisciência do *eu diretor* ou *lei*. Assim, os elementos formavam uma hierarquia subordinada ao todo (MARTINS; DAMASCENO, 2002, p. 17).

A8

Certo! Você, então, está resumindo tudo para concluir o quê?

André Barboni

Calma, você verá. Segundo Ubaldi, o *Sistema* era tudo o que existia e, de certa forma existe, pois está fora do tempo e do espaço. Como é perfeito os seus *Eu Sou Menores*, gozam da propriedade de *livre-arbítrio* o que faz com que exista a possibilidade deles se rebelarem contra a ordem estabelecida. O que era apenas uma possibilidade se concretiza naquilo que Ubaldi chama de *Queda de dimensões* ou *queda dos anjos*, em uma linguagem antropomórfica. Apesar da *queda*, o *Sistema* continuou íntegro, pois: $\infty + N = \infty - N$. Na sua obra *A Grande Síntese*, Ubaldi apresenta a forma estática da *grande equação da substância*: $(\alpha = \beta = \gamma) = \omega$. Onde *espírito* (α), *energia* (β) e *matéria* (γ) e o *todo/universo* (ω) se equivalem, mas também se transformam uns nos outros (forma dinâmica). Se levarmos em consideração a equação de Einstein que relaciona *energia* com *matéria*, isto, por si só, já é suficiente para termos uma ideia de como o pensamento de Ubaldi é complexo e profundo. A *queda* teria, então, feito com que a parte menor do *Sistema*, que se revoltou, cair do *espírito* à *matéria*. Para termos a ideia da sua dimensão, é só contar os átomos do Universo (MARTINS; DAMASCENO, 2002).

A8

Eu ainda tenho resistência a esse *conceito* de *queda*.

André Barboni

Mas a gente já viu que os argumentos em favor dele não se contrapõem ao que é dito por Kardec. Portanto, tenha um pouco de paciência comigo.

A8

Que seja...

André Barboni

Embora o fenômeno de *queda* tenha sido rápido, o de *evolução* (retorno do *Anti-Sistema* ao *Sistema*) é lento e doloroso. A *dor*, que Francisco de Assis, chamava de irmã, tem o papel fundamental de despertar a *consciência* que está adormecida na *matéria*. O resultado final após o processo de *involução-evolução* é: 1- os que caíram tiveram dura lição. Por isso, não mais repetirão a *queda*, pois todos ficam inteiramente livres e convictos que permanecer no *Sistema* é a melhor opção; 2- os que não *caíram* assistiram a todo o processo e também aprenderam, conheceram o perigo e evitarão cair; 3- a posição final é de felicidade para todos, pois tudo volta ao seu devido lugar (MARTINS; DAMASCENO, 2002).

A3

Ou seja, esta *estória* tem um final feliz.

André Barboni

Se é *estória* ou *história*, a gente não pode afirmar com certeza. Mas o pensamento de Ubaldi, não permanece apenas nestas questões de ordem *metafísica*/ontológica, para ele, em meio à desorientação geral que caracteriza o século XX, o *mundo* caminha para as grandes unidades: religiosa, política, econômica, filosófica, etc. Cairão as barreiras que hoje dividem os povos, os partidos, as *religiões* e as *filosofias*, cessando os atritos sociais. A história da humanidade se dirige para a formação de uma unidade-síntese superior, quando a humanidade deverá atingir um nível de vida mais alto e espiritualizado, surgindo, em consequência, uma civilização mais amadurecida. O nosso momento histórico se exaurirá, não com a destruição do homem e do planeta, mas para dar lugar ao nascimento de um novo homem, numa nova Terra verdadeiramente cristianizada⁷³.

A3

Isso me soa como o anúncio de uma “Nova Jerusalém”.

André Barboni

Ninguém aqui falou em “Nova Jerusalém”. Esse não é um discurso religioso.

A7

Tenha respeito, A3, escute o que o André tem a dizer.

⁷³

Baseado em Comentários de Medeiros Correia Júnior sobre o livro *Ascensões Humanas* de Pietro Ubaldi.

André Barboni

Obrigado, A7. Ubaldi parte do princípio de que tal como o corpo humano, que é um sistema complexo, formado por bilhões de células que se ordenam formando órgãos e sistemas, que trabalham de forma harmônica, o universo também repete este esquema da menor unidade até a Maior que é *Deus*. Deve-se *compreender*, ainda, que cada unidade-síntese não é apenas a soma dos elementos componentes, mas é a resultante da sua organização. Desta forma, a *evolução* não se cumpre apenas individualmente, mas progride coletivamente (UBALDI, 1953d).

[...] O progresso é, pois sinônimo de unificação, ou seja, a evolução não se cumpre apenas individualmente, porque mal ela se tenha manifestado neste sentido, manifesta-se reorganizando rapidamente os elementos em unidades coletivas. Hoje, a identidade de interesses começa a irmanar, em grupos variados, os homens de todo o mundo, num sentido coletivo antes ignorado, pelo menos nas proporções e na extensão que se verificam agora. E o indivíduo pode encontrar, no respectivo grupo, qualquer que seja este, proteção e valorização. A unificação, sem dúvida, corresponde sempre a um interesse por enquanto mais alto e a evolução consiste em chegar a compreendê-lo. Assim, mal uma série de indivíduos progride, descobre a maior vantagem de viver organicamente que em luta recíproca. Atualmente compreende-se isto para vastas classes sociais; ontem se compreendia apenas para grupos menores; amanhã se compreenderá para toda a humanidade. A organização será tão ampla quanto a compreensão. Quanto mais se caminha para o separatismo, tanto mais se desce. A unificação é o caminho da ascensão. A nossa vida social é uma aplicação destes princípios (UBALDI, 1953d, p. 12).

P8

E com relação ao Capitalismo e ao Comunismo?

André Barboni

Ubaldi tece as seguintes críticas:

[...] A Democracia possui uma parte de razão que lhe é dada pelo princípio de liberdade. Isto representa a sua força, pela qual ela pode acusar a parte contrária. Mas também possui uma parte de culpa representada pela injustiça econômica, pelo egoísmo capitalista e pela desigualdade na distribuição dos bens. E isto representa a sua fraqueza, pela qual ela se expõe as acusações da parte contrária. O Comunismo, de outro lado, por sua vez tem uma parte de razão dada pelo princípio da justiça econômica, da igualdade e solidariedade social. Aqui está a sua força, que lhe faculta acusações a parte contrária. Mas também exhibe uma parte de culpa, dada pelas limitações a liberdade e ao individualismo, expressas pelo absolutismo e pelo capitalismo de Estado. Nisto está a sua fraqueza, que o expõe as acusações da parte contrária. [...] De um encontro entre os dois resultará a destruição daquilo que cada um possui de egoísmo separatista, anti-vital para a coletividade! pela qual, efetivamente, todos trabalham. É inerente à natureza humana que culpa e razão, méritos e defeitos se apresentem conjuntamente imiscuidos, e é lei de vida que, embora o homem seja separatista, tudo seja comum entre os homens. A solução não pode estar senão em uma recíproca depuração que elimine em cada um a parte de culpa. Sobreviverá aquilo que de melhor existe nos dois. Deste modo vencedora será unicamente a vida, que conseguirá o seu fim de fazer progredir a humanidade e com este objetivo utiliza ambos os antagonistas, confiando a cada um deles um princípio a ser afirmado. Neste sentido o Comunismo possui uma função vital, que é a de lançar no mundo uma ideia de justiça com métodos de tal ordem que ela possa ser lembrada bem claramente por aqueles que, embora tendo-a recebido do Evangelho há 2.000 anos, acharam mais cômodo não tê-la posto em prática. Neste sentido o Ocidente começa hoje, queira ou não, por prevenir o inevitável que já está pressionado pela imposição das massas em plena arremetida, a aplicar vários princípios

do Comunismo, ainda que sob bandeiras diferentes. E assim caminha no mundo a ideia da justiça social. [...] Encontramo-nos em verdade, atualmente, na maturidade dos tempos e está próxima a aurora de uma nova civilização, em que o Evangelho deverá ser aplicado plenamente. Quem dirige a história são as forças da vida e não o homem. O Comunismo não foi criado por uma doutrina econômica, por um partido ou povo que o tenha proclamado e aplicado. Ele não é senão o efeito da maturidade dos tempos que conduz ao Evangelho. Tudo o mais não passa de meios materiais, e por conseguinte transitórios, que cairão, uma vez preparadas as vias para a referida realização. [...] Assim, o Comunismo depois de trazer à lembrança dos homens o Evangelho, sobreviverá como Evangelho, pelo qual trabalha sem saber, e cairá como Bolchevismo, que é contingente; sobreviverá como justiça econômica e, com isto, esgotada a sua missão cairá como absolutismo de Estado e escravidão coletivista. Também a Democracia, após haver defendido a liberdade humana e salvo o individualismo nas novas e grandes unidades coletivas, sobreviverá nestes princípios do Evangelho e cairá como injustiça econômica e egoísmo capitalista. Tudo passará, exceto o Evangelho. Quem está cego pela luta vivendo no particular não pode perceber estes equilíbrios. A vida ressurgirá no Evangelho, agora não mais apenas pregado, mas vivido (UBALDI, 1953d, p. 21-25).

P8

E como fica essa tal *Meritocracia Intelecto-Moral* que Ubaldi propõe?

André Barboni

Essa proposta não é dele, mas minha. Ubaldi fala de um governo justo que está por vir, mas não dá nome a ele e nem o detalha a ponto de nós acharmos que ele propõe algo mais concreto. Certamente ele pensa em algo, mas não chega a propor uma República como Platão.

P8

Então...

2.3.7 Meritocracia Intelecto-Moral

André Barboni

A *Meritocracia Intelecto-Moral* (MIM), não é um sistema que se impõe, mas que surge naturalmente com a transformação do homem. A medida em que o homem evolui e se torna menos egoísta, tende a formular leis mais justas e sem exceção. Caem os privilégios e os mais vulneráveis são protegidos pelos mais preparados. As diferenças se reduzem, embora não desapareçam, são fundamentais, dado que num *sistema orgânico* existem papéis diferentes a serem cumpridos, mas qualquer que seja a *função* e por menor que seja a “célula” deste imenso “organismo” ela é importante para o funcionamento do todo e como tal deve ser protegida, preservada e valorizada.

P8

Um sistema que surge naturalmente?

André Barboni

Embora Ubaldi não chegue a falar em uma *Meritocracia Intelecto-Moral*, ele lança as suas bases mostrando a importância de se vivenciar o Evangelho pregado por Jesus Cristo. É com este homem *justo* e renovado que se pode construir uma sociedade justa e feliz. Para isto, faz-se necessário vencer o *egoísmo* e o *materialismo* que impera em nossos tempos. O que este autor nos dá, é a certeza de se atingir este objetivo, pois se este é o caminho de retorno ao *Sistema*, qual é a chance de vitória que o *Anti-Sistema* tem diante da *vontade* de *Deus*?

A3

Vivenciar o Evangelho? *Vontade* de *Deus*? A *Meritocracia Intelecto-Moral* é uma espécie de teocracia?

André Barboni

Não. De forma alguma. Pode-se dizer que o pensamento de Ubaldi é teleológico e *reencarnacionista*, mas para mim, suas explicações se apresentam bem mais condizentes com a realidade, explicando de forma bem mais simples e completa, por exemplo: o papel do gênio para o desenvolvimento da humanidade; o papel da *dor* para a nossa *compreensão* das leis da vida e para a nossa mudança de trajetória, freando o *impulso de queda* e começando a nossa ascensão de volta ao *Sistema*. Esses são alguns dos motivos pelos quais eu me valho desse autor, mas desde Platão a *Filosofia* ocidental vem pensando o surgimento de um Estado ideal. Eu cheguei à conclusão que um Estado desses só pode surgir como consequência natural da melhoria do homem e isso se dará em uma via que segue a *escala evolutiva*.

A3

Que termina em *Deus*?

André Barboni

Que começa e termina em *Deus*. O verdadeiro significado do *ouroboros*.

A3

Ouro... o quê?

André Barboni

Ouroboros. É aquele símbolo representado por uma serpente, ou um dragão, que morde a própria cauda. O nome vem do grego antigo: *οὐρά* (oura) = “cauda” e *βόρος* (boros) = “devora”.

A3

Você está querendo dizer que essa ideia de Ubaldi, de que tudo vem e retorna ao *Sistema*, resgata algo que era conhecido dos antigos gregos?

André Barboni

Eu não posso dizer, com certeza, o que pensavam os antigos gregos, mas se você consultar aquele site do nosso amigo adolescente *preguiçoso e descolado* vai ver que esse símbolo é utilizado para representar a eternidade e está relacionado com a alquimia. Por vezes é representado por dois animais míticos, mordendo o rabo um do outro e é possível que o símbolo matemático de infinito (∞) tenha tido a sua origem de dois *ouroboros* lado a lado. Se você está lembrado, a *lemniscata* é o símbolo utilizado por Pierre Weil (1993) para representar a *Matriz Holopoiética Fundamental* (figura 2), que nós reinterpretemos como correspondendo ao *Sistema* de Pietro Ubaldi. Portanto, tudo se interconecta e faz *sentido*. Se você pesquisar, mais sobre esses símbolos, certamente vai encontrar mais elementos que reforçam o que temos dito até aqui.

A5

André, a gente está fugindo do assunto! Você estava falando que a *Meritocracia Intelecto-Moral* é um tipo de governo que deve surgir naturalmente, com a *evolução* do homem rumo ao *Sistema*, mas isso é muito vago.

André Barboni

Obrigado, A5, pela sua oportuna intervenção. *Meritocracia Intelecto-Moral*. O que ela tem de diferente? Vejamos o que eu **inicialmente pensei** que seriam os seus princípios: 1- todos são iguais perante a lei; 2- ninguém está acima da lei; 3- nenhuma lei da MIM tem exceção; 4- se for preciso, por algum motivo justo, abrir uma exceção para alguma lei, muda-se a lei; 5- na MIM não existem cargos públicos de confiança; 6- todo cargo público da MIM deve ser preenchido mediante concurso público que constate o *mérito* e a *idoneidade ético-moral* do candidato; 7- só pode ocupar um cargo público quem tiver ficha rigorosamente limpa, sem exceção; 8- se alguma suspeita de irregularidade recair oficialmente sobre um funcionário público, este deve imediatamente se afastar do seu cargo e responder ao processo que irá apurar a *verdade*; 9- ao ser acusado de alguma irregularidade, a pessoa deve comparecer junto ao juiz e se declarar inocente ou culpado; 10- se for culpado e se declarar inocente o crime e as penalidades são agravadas e o advogado que defendeu esta posição passa a ser cúmplice no processo; 11- se se declarar culpado, cabe ao advogado de defesa cuidar para se evitar abusos; 12- na MIM o direito de cada um termina quando começa o direito do outro e quem fere o direito do outro tem por obrigação reparar o dano causado; 13- embora o dinheiro amplie os limites do trabalho, pela sua

capacidade praticamente infinita de multiplicação e guarda e com isso amplie as desigualdades sociais, na MIM o que é um problema não tratado por Locke, pode ser um poderoso aliado na medida em que se é possível atribuir um valor a tudo, inclusive para a vida, que deve ser bastante elevado de modo a não banalizá-la e, assim, é possível, se não devolvê-la pelo menos desencorajar quem a desrespeita; 14- todo prejuízo causado a terceiros deve ser reparado em dobro, desde que a parte que lesou se declarar culpada, caso contrário, o valor devido deve ser centuplicado; 15- se a acusação se mostrar falsa, cabe ao acusado receber do acusador, a título de indenização, cem vezes o valor que teria que pagar caso fosse declarado culpado; 16- na MIM as penas nunca prescrevem e caso a(s) parte(s) envolvidas tenham falecido, os herdeiros responderão pelos ganhos ou prejuízos devidos; 17- na MIM só existe liberdade com *responsabilidade* e só se vai para a prisão quem representa risco à sociedade, apresenta tentativa de fuga e/ou se nega a reparar o dano gerado; 18- todo prisioneiro tem que trabalhar e se reeducar; 19- prisioneiro com mal comportamento não tem direito a visitas ou qualquer outra regalia; 20- a MIM não muda as pessoas, mas incentiva atitudes de respeito entre elas e desestimula ações predatórias sem que seja necessário mudar as instituições. A MIM tem um compromisso com a *verdade* que é sempre a primeira vítima do *forte* e do *astuto* e é o esteio do *justo*, pois fazer justiça na MIM é procurar pela *verdade* nua e crua.

A5

Nossa! Isso me parece um tanto quanto rigoroso demais para quem comete alguma falta. Dependendo da situação, a pessoa entra em verdadeiro estado de escravidão, trabalhando a vida toda e sem direito a qualquer visita.

André Barboni

E isso é algo que me incomodou bastante. Pois, toda vez que eu penso em alguma lei que busque a justiça através da *verdade*, coíba o crime e iniba a trapaça eu acabava caindo em algo que me parecia desumano e cheguei a conclusão que isso acontece SEMPRE em um *mundo* onde predomina os tipos biológicos *forte* e *astuto*. Assim, eu entendi que a *Meritocracia Intelecto-Moral* tem que ser o resultado de um processo e que eu precisava reformular os seus princípios. Precisava partir de um número reduzido de princípios gerais e universalmente aceitos como bons e que se constituíssem, também, em metas a serem alcançadas. Daí que a MIM seria algo que poderíamos perseguir nas condições que vivemos hoje, sem que fosse necessário qualquer tipo de revolução que pudesse nos conduzir a um tipo de *tiranía* ou ação desumana.

A5

E o que foi que você obteve?

André Barboni

A *Meritocracia Intelecto-Moral* tem os seguintes princípios: 1- todos são iguais perante a lei; 2- ninguém está acima da lei; 3- a lei é válida para todos sem exceção; 4- liberdade implica em *responsabilidade* e todo dano a terceiros ou ao bem comum deve ser reparado e/ou compensado; 5- toda e qualquer ação lesiva deve ser desestimulada; 6- cargos públicos devem ser ocupados por pessoas *meritosas e idôneas*.

A5

Mas agora, as coisas me parecem um pouco vagas demais.

André Barboni

Mas tem algum dos seis princípios que você não concorde?

A5

Deixe me ver...Pensando bem, não.

André Barboni

Pois bem. Então, esses são os seis princípios que eu vou me basear, mas na *Meritocracia Intelecto-Moral* só existem os *poderes executivo e judiciário*, o *legislativo* é temporário.

A5

Como em Locke?

André Barboni

Se as leis forem boas e bem feitas, que necessidade temos de manter um *poder* tão oneroso que na prática cria brechas na lei e favorece determinados grupos sociais em detrimento dos demais?

P8

Mas o *poder legislativo* é a base da *democracia*! É o que nos impede de cair em uma *tiranía*. Como você espera evitar que isso se dê?

André Barboni

O que nos impede de cair em uma *tiranía* não é o corpo político que compõe o *poder legislativo*, mas a *força do povo*. Na MIM o povo exerce o seu direito de legislar diretamente, sem representação. A tecnologia que dispomos, atualmente, nos permite isso.

P8

E quem elaboraria essas leis?

André Barboni

Como eu disse, a MIM é um processo. Primeiro precisamos ter em *mente* os seus princípios e que ela é um objetivo a ser alcançado. Assim, se cada lei não terá exceções e eu estarei sujeito a essa lei, ela precisa ser elaborada de forma que a *verdade* apareça e a justiça se faça. Se eu ferir a lei, estarei sujeito a ela. Portanto, as leis que vigorarão na MIM começam a ser escritas nos regimes *democráticos* do *astuto*, pelo *forte* e pelo *astuto* que almejam ser *justos*.

P8

E isso pode dar certo?

André Barboni

Se essa é a nossa real condição, como sair dela, senão por ela?

P8

É por isso que você disse que se trata de um processo?

André Barboni

Justamente. Precisamos repensar nossas leis, partindo do princípio de que elas não podem ter exceção. Se algo o exige, então, é sinal que a lei precisa ser reescrita. Esse já é um primeiro passo que podemos dar na atual condição que nos encontramos.

P8

E que outros passos você sugere que nós demos?

André Barboni

Existe um que é fundamental e que muda tudo.

P8

Qual?

André Barboni

Quando somos acusados de algo temos o direito de nos defender e, atualmente, podemos nos negar a responder a uma pergunta se a resposta nos incrimina. A forma com que o sistema judiciário, hoje em dia, funciona desvincula, o que é correto do que é legal. A *verdade* não tem a menor importância em um processo. Na MIM: *verdade*, justiça e legalidade estão intimamente relacionadas. A primeira coisa que um juiz deve perguntar a um acusado é: como você se declara? E o(s) advogado(s) de defesa é(são) co-responsável(is) pela resposta obrigatoriamente dada. Respondem igualmente pela acusação no caso da declaração de inocência.

P8

E com isso...

André Barboni

Deixa de ser vantajoso inocentar criminosos. Busca-se a *verdade* com muito mais avidez. Reduz-se o tempo dos processos. Cabe à defesa dos culpados coibir os abusos nas tentativas de reparação/compensação pelos danos causados. E todo o sistema judiciário e penal teria que passar por uma revisão que há muito é desejada.

P8

Mas...

André Barboni

Vejamos como isso se daria na prática. Tudo bem? Pode ser que isso nos esclareça um pouco mais o nosso raciocínio.

P8

Tudo bem.

André Barboni

Um sujeito rouba uma galinha. A lei diz que a pessoa lesada deve ser recompensada e que a ação criminosa deve ser desestimulada. O que isso implica? As partes podem se encontrar e resolver diretamente entre si. O sujeito que se apropriou indevidamente da galinha indeniza a vítima com duas galinhas ou com quantia equivalente e tudo se resolve amigavelmente, ou em juízo ele se declara culpado, paga as duas galinhas e fica impedido de exercer qualquer cargo público por toda a sua vida.

A5

Espere aí, André, nesse caso a justiça foi longe demais. Qualquer advogado de defesa iria dizer que impedir uma pessoa, pelo resto de sua vida, de ocupar um cargo público porque roubou uma galinha é uma pena muito pesada.

André Barboni

O roubo está caracterizado. A pessoa paga pelo seu crime, mas isso não anula o fato de ela ter incorrido nele. *Idoneidade* implica em ficha limpa, que, nesse caso, deixa de acontecer pelo fato do processo ter se dado e o indivíduo ser culpado. Se, por outro lado, ele se declarasse inocente e não se conseguisse comprovar a sua culpa, a sua ficha ficaria limpa e ele poderia ocupar um cargo público, mas isso seria uma injustiça, pois a *verdade* não se apresentou.

A5

Se tivesse se apresentado, então, a justiça se daria...

André Barboni

Para o acusado e para a defesa que também deixaria de ser *idônea* e ainda se veria obrigada a compensar os danos à parte lesada.

A6

O que seria bem empregado.

André Barboni

Imagine se o ladrão fosse um funcionário público.

A6

Ele perderia o seu emprego?

André Barboni

Claro que sim.

P8

E se fosse uma brincadeira?

André Barboni

E se o governador por brincadeira resolvesse reduzir o seu salário esse mês?

P8

Eu não iria achar que isso é uma brincadeira.

André Barboni

Em termos de sobrevivência, a galinha pode ter mais importância para aquele dono que o seu salário para você.

A6

Mas se isso se dá com relação a uma galinha...

André Barboni

Imagine o que seria no caso de alguém que desviasse milhões de recursos públicos?

A6

Acho que ele não teria como pagar.

André Barboni

É aí que a mudança vai pegar. Quem é que iria querer sustentar uma alegação de inocência na defesa dessa pessoa? Note que na *Justiça* em si já se respira um novo ar. O *poder econômico* proveniente de fonte ilícita já não é tão poderoso assim.

P8

Reconheço que, pelo menos quanto a esse ponto, a sua ideia é interessante.

André Barboni

Mas tem mais. Vejamos como se daria a questão no caso de um crime ambiental.

P8

Você quer dizer que os responsáveis teriam que recuperar o meio ambiente?

André Barboni

Isso é óbvio. Na atualidade quem faz isso?

P8

Os governos, as Organizações Não-Governamentais (ONG's) e raras empresas, mas nem sempre de forma satisfatória.

André Barboni

É por isso, talvez, que as pessoas são tão displicentes com o meio ambiente. Nós mesmos, não nos damos conta do quanto o lesamos nas mais simples ações do nosso dia a dia. Quando pensamos em desastre ambiental, nos vem a cabeça acidentada com grandes derramamentos de óleo e indústrias poluindo a nossa atmosfera, mas nos esquecemos que nós também contribuímos ativamente para que as gerações futuras não consigam desfrutar dos bens que hoje gozamos.

A2

É *verdade*, a gente vive se esquecendo quantos anos a natureza precisa para dar conta de reciclar uma simples frauda descartável. Tudo seria mais simples se as pessoas se utilizassem das tradicionais fraudas de pano.

André Barboni

Pois é, A2, mas a frauda descartável é muito mais prática, não é mesmo?

A2

Pelo menos é mais cômoda e ninguém precisa ficar pegando em cocô na hora de lavar.

André Barboni

Isso já é mais do que suficiente para mostrar que a *Meritocracia Intelecto-Moral* só pode se dar com a melhoria do homem. Se nós não nos educarmos não seremos dignos de conhecê-la. Ela, antes de mais nada, exige uma mudança de atitude de cada um de nós. Essa mudança pode começar com uma lei e/ou uma medida educativa que nos alerte para a necessidade de empreendê-la. Pode, inclusive, se dar de forma voluntária, e é bom que ela se dê dessa maneira, mas sem que ela se dê não há como evoluirmos para um regime onde os cargos são ocupados por pessoas preparadas tecnicamente para eles e com conduta ético-moral impecáveis. Um sistema orgânico e eficiente onde os recursos são bem aproveitados e onde o bem estar e a justiça social se fazem presentes de forma bastante visível.

P8

Mas todo político vem com esse discurso de investir na educação e as coisas nunca mudam. O que a gente menos vê é um investimento real em educação.

André Barboni

Isso porque, na sua *lógica astuta*, esses políticos pregam o que não pretendem fazer. Na MIM, se alguém se compromete a fazer algo, ou faz ou perde o cargo e não pode mais se reeleger. Nesse novo sistema a *mentira* é uma desvantagem.

P8

E como ficam os partidos?

André Barboni

Para quê partidos políticos? O que importa são as propostas de trabalho. Quem se elege, tem que trabalhar com o corpo técnico existente. Não há cargos de confiança. O ministro da educação é escolhido entre os funcionários do Ministério da Educação que chegaram no último nível da carreira. Todos são idôneos, se não fossem já teriam sido demitidos. O mesmo se dá com relação a todos os demais cargos. Que benefício tem para a Petrobras, ou para o país, um presidente da república escolher alguém de fora do seu quadro de pessoal para ocupar um cargo qualquer de direção dessa empresa? Eu não me convenço de que uma pessoa que se diz política, não consiga conversar com um técnico bem preparado, que atingiu o último patamar de uma carreira, sobre uma política qualquer. Para mim, “cargo de confiança” é sinônimo de conchavo.

P8

Quanto a isso, eu não tiro a sua razão. Mas...

2.3.8 A Nova Era

André Barboni

Não tem mas, professor. Se alguns cargos são de “confiança”, os demais são o quê? Cargos de “desconfiança”? O *mundo* se prepara para uma *Nova Era*. Não podemos mais trabalhar com o mesmo tipo de mentalidade que coloca uma espada sobre a nossa cabeça. Não podemos continuar permitindo que a *lógica egoística*, do *forte* e do *astuto*, que criou a ideia de um *contrato social* injusto e perverso nos imponha condições cada vez mais inaceitáveis. Que nos trate como uma *massa ignara* facilmente manipulável de acordo com os seus interesses mesquinhos e, muitas vezes, desumanizantes.

P8

Mas ninguém, aqui, defende essa ação perversa que massifica as pessoas para que alguns poucos predadores se sintam beneficiados.

André Barboni

O “estruturalismo” faz precisamente isso. Quando a “mascara” cai, é isso o que o *espelho da verdade* mostra. E isso se dá no campo da *Filosofia*, um campo sagrado que mais uma vez é desrespeitado pela *astúcia* dos homens. Reconhecer isso, é o primeiro passo para a nossa libertação. É o primeiro passo para *pensarmos-por-nós-mesmos*. É o primeiro passo para adentrarmos uma *Nova Era* em um *mundo de regeneração* onde o homem não se coloca mais como *lobo do próprio homem* e, pelo menos, tenta respeitar o seu próximo como a si mesmo.

P8

Você não acha que está exagerando?

André Barboni

Será? Qual é o campo de produção do *conhecimento* que por excelência nos põe a *pensar-por-nós-mesmos*?

P8

Tenho que admitir que é a *Filosofia*.

André Barboni

E como vamos *pensar-por-nós-mesmos*, se nos limitamos a trabalhar o pensamento de um outro autor, sem margem para elaborarmos algo de novo, sem que sejamos acusados de incorrer em *anacronismos*?

P8

Mas há muitas formas de se trabalhar o pensamento de um autor de forma criativa e não *anacrônica*.

André Barboni

Mas a academia tem uma resistência muito grande a aceitar novos *filósofos* e pensadores. Estamos presos aos autores que nossos orientadores estão dispostos a trabalhar e a temas que eles, de alguma forma tem interesse. Nesse ponto, eu não sou tão inflexível assim, mas se sigo o modo “estruturalista” de trabalhar tenho que me limitar à visão do autor que eu estou trabalhando. Isto por si só já constitui um impedimento ao surgimento de novos *sistemas filosóficos*. É por isso que se tem a impressão que não existe mais nada para criar. Que tudo já foi feito pelos “grandes” *filósofos*. Eu gosto de pensar que *as grandes inteligências falam das ideias, as médias inteligências falam dos fatos e as pequenas inteligências das pessoas*. Eu procuro me esforçar para ser uma grande inteligência, ou pelo menos, para não ser pequeno.

P8

Eu até que compreendo a sua posição, mas você sabe o quanto é difícil ser inovador.

André Barboni

Eu sei, mas tudo o que eu reivindico é a liberdade de tentar e o direito de errar tendo a oportunidade de reconhecer o meu erro e poder corrigi-lo. Será que isso é querer demais?

P8

Não posso dizer que seja.

André Barboni

Então... Isso faz toda a diferença. A *Ciência* só chegou onde chegou, porque se permitiu ousar e errar, mas se impôs o dever de revisar os seus erros e corrigi-los. Para mim, a *Filosofia* se deixou perder no tempo e ficou impressionada com os feitos da *Ciência* e se esqueceu de pensar. Como uma pessoa que deixa de respirar quer viver? Esse desconforto que sentimos quando alguém nos pergunta “para que serve a *Filosofia*, afinal?”, independentemente de termos uma boa resposta na ponta da língua, se dá justamente porque não estamos mais filosofando. Se o estivéssemos fazendo, somente os tolos se arriscariam em fazer tal pergunta. Mas em uma sociedade massificada, onde *pensar-por-si-mesmo* constitui um risco para quem *pensa-por-nós* é fundamental que as pessoas não saibam para que serve a *Filosofia*. Se *Deus* quisesse que nós não filosofássemos não nos teria dotado de *razão* e não nos teria dado o *livre-arbítrio*. Dizer que não existe *livre-arbítrio* é o mesmo que dizer que não podemos filosofar. Que somos como gado.

P8

E nessa sua *Nova Era*, você acha que será diferente?

André Barboni

Na *Nova Era*, que se apresenta, estaremos livres de uma enorme massa de *espíritos*, tão ávidos de poder, que a tudo e todos querem controlar. *Espíritos* que olham para os demais como lobos olham para os cordeiros. Como um “orientador estruturalista” olha para o seu orientando menosprezando o seu valor e destituindo-o da sua capacidade de pensar. Achando que pode seduzi-lo, no bom *sentido*, como se este tipo de sedução tivesse algo de bom.

P6

Espere aí, mas essa “sedução” não tem nenhuma conotação sexual.

André Barboni

E o que foi que eu disse?

P6

Mas orientar o estudante, lhe ajudando a descobrir a beleza dos detalhes e os meandros do pensamento filosófico. Mostrando como é verdadeiramente *belo o filósofo* que esse orientador se especializou e ajudando esse aluno a trilhar esse caminho, não creio que seja algo ruim.

André Barboni

Mas deixar de reconhecer no aluno a sua capacidade de *pensa-por-si-mesmo*, deixar de incentivar isso e até desestimular tal intenção restando e matando o impulso que o trouxe à academia e, inclusive, interferindo no seu estilo de escrita, é, a meu ver, um verdadeiro crime que se comete. Não um crime menor, mas um crime hediondo cometido por alguém que deveria ser de confiança. Uma atitude típica de uma longa *tradição sofista*. Uma escola de *professores de filosofia*, profissionais remunerados, *pseudo-sábios*, mercenários do pensamento filosófico que usam e abusam dos seus pupilos, alguns, inclusive, tomados e tratados como amantes, no *sentido* literal da palavra, sem qualquer *sentimento* de *amor* verdadeiro. Com suas falsas promessas, introduzem seus discípulos na *lógica do astuto* que não tem compromisso com a *verdade*. Para estes, um autor como Pietro Ubaldi precisa ser execrado. Se os tempos fossem outros, ele teria sido queimado vivo em uma grande fogueira junto com suas obras.

P6

Mas, André, os *sofistas* eram grandes pensadores que deram boas contribuições para a *Filosofia*. Essa é uma visão preconceituosa que se tem deles.

André Barboni

A *sofística* não morreu. Eles ainda continuam a se fazer passar por *filósofos*. A *lógica astuta* nunca esteve tão viva, pois é nos momentos de transição como esta que há tantos séculos é anunciada, por tantas fontes diferentes, que a gente precisa ficar mais atento para não se deixar enganar. Eu sou *reencarnacionista*, isso me faz bem, pois me dá o direito de errar sem que eu tenha que me preocupar com uma pena eterna. A academia também me dá o direito de errar, não ser aprovado em uma disciplina e poder repeti-la novamente sem o perigo de ser jubilado, mas em um momento de transição como esse, é como se a não aprovação na disciplina implicasse na transferência para uma nova escola com condições piores. Uma escola para a qual estão sendo encaminhados os piores alunos do município. Aquele tipo de aluno que puxa o canivete ou aponta uma arma para o professor, que bate nos menores e destrói toda a escola. Sinceramente, esse caminho não me interessa mais.

P6

E o que faz você pensar que a *sofística* tem algo a ver com isso?

André Barboni

O nosso *mundo*, atualmente, é governado por pessoas que seguem essa *lógica astuta*. O dinheiro, as transações eletrônicas e as quebras de barreiras comerciais facilitaram muito a ação criminosa que financia políticos e lava o dinheiro sujo. Mas para subir, as vezes, é necessário que se chegue ao fim do poço.

A3

Você está falando de algum tipo de *Armagedom* ou holocausto nuclear?

André Barboni

Não é preciso tanto. Eu posso falar de algo bem mais simples e vital. Da água, por exemplo, uma molécula simples, formada por um átomo de oxigênio e dois de hidrogênio e encontrada em grande quantidade em nosso planeta.

A1

Você vai falar da pesquisa, daquele japonês? Como é mesmo o nome dele?

André Barboni

Masaru Emoto.

A1

Dele mesmo! Você vai?

André Barboni

Na realidade eu não pretendia falar dele. O foco agora é outro, mas já que você tocou no assunto, talvez seja interessante fazer um aparte. Pode ser que isso nos ajude a *compreender* melhor a gravidade do que eu vou falar.

A2

Agora eu fiquei curiosa...

André Barboni

Pois bem. Masaru Emoto, nasceu em Yokohama, Japão, no dia 22 de julho de 1943 e já tinha desenvolvido algumas pesquisas com magnetização da água para uso terapêutico quando teve a ideia de fotografar os cristais de gelo. É bastante conhecido que a neve forma belos cristais, então, a água congelada deveria também formá-los. Após várias e exaustivas tentativas, ele conseguiu desenvolver uma técnica que lhe permitiu criar, reproduzir e fotografar esses cristais de forma metódica.

A2

No que consistia essa técnica.

André Barboni

Essa técnica é descrita em uma série de vídeos que estão disponíveis na Internet sob os nomes de “a mensagem da água”, “o poder da água”, “Masaru Emoto”, etc. Após coletar a água, o técnico no laboratório bate com o frasco em sua mão, dando pequenas pancadas, para “ativar a energia da água”. Após esse procedimento, ele pipeta 1ml de água que é, em seguida, depositada no centro de uma pequena *placa de Petri*.

A2

Placa de Petri?

André Barboni

Um pequeno recipiente padrão, muito utilizado em laboratórios de microbiologia. Assemelha-se a uma tampa de frasco de maionese, sem a rosca. Tudo bem?

A2

Tudo bem.

André Barboni

Ele prepara cinquenta placas.

A2

Cinquenta placas?

André Barboni

Isso lhe garante a reprodutibilidade do padrão, se houver.

A2

Se houver?

André Barboni

Em certas situações, o cristal não se forma. Mas continuando, terminado esse procedimento, o técnico, cuidadosamente, empilha as *placas de Petri* em grupos de cinco e as leva ao *freezer* à uma temperatura de -25°C . Três horas depois as amostras estão prontas para serem examinadas ao microscópio de campo escuro em uma sala refrigerada (-5°C).

A2

Puxa, que frio!

André Barboni

Pois é, o técnico utiliza uma roupa especial e só pode trabalhar por cerca de meia hora. No topo da gota congelada, os cristais que surgem, começam a se formar, sempre a partir de uma base hexagonal. No entanto, como eu disse antes, nem toda água irá produzir cristais. O Dr. Masaru Emoto, notou que a água da torneira das casas de Tóquio não era propensa a formar cristais, enquanto, que a água proveniente de algumas fontes naturais formava belos cristais que ele passou a fotografar e comparar. Da água destilada, foi possível obter a fotografia de um belo e simples cristal hexagonal que ele passou a utilizar como controle em seus experimentos.

A2

Que tipos de experimentos?

André Barboni

É aí que a coisa fica interessante. Ele submeteu à água a diversos tipos de “tratamento” e observou se ela formaria ou não cristais e neste caso, os fotografava.

A2

Que tipo de “tratamento”, por exemplo?

André Barboni

Colocou a água para “ouvir” música.

A2

Para “ouvir” música?

André Barboni

Sim. Ele pegou dois frascos iguais com a mesma água destilada. Um ele usou como controle, sem nenhum tipo de tratamento, e notou, como dissemos, que eram formados belos cristais simples de formato hexagonal. O outro, ele colocou diante de duas caixas de som e, assim, ele podia testar o *efeito* que diferentes tipos de música teria na formação ou não de cristais na água que passaria pelo processo de congelamento.

A2

E o que aconteceu?

André Barboni

Os cristais formados variavam com a música executada. Músicas mais harmoniosas como as de estilo clássico formavam belos e bem definidos cristais, mas algumas músicas do tipo *heavy metal* se mostraram inadequadas para a formação de cristais.

A2

Que interessante!

André Barboni

Mas ele não parou aí. Ele pegou imagens e colocou o frasco transparente de água sobre elas e testou os resultados. E também pegou impressões de palavras e envolveu o frasco com elas, convidou pessoas para fazer orações e emitir pensamentos para os frascos com água e, meticulosamente, aplicou sua metodologia para verificar se formavam ou não cristais e fotografou os resultados.

A1

O que me impressiona são os resultados que ele obteve!

André Barboni

Sim...Por isso que ele afirma que a água tem uma importante mensagem para nós.

A2

E que mensagem é essa.

André Barboni

Que devemos ter cuidado com os nossos pensamentos.

A2

Como assim?

André Barboni

Sempre que as palavras e/ou os pensamentos eram bons, as músicas eram harmoniosas ou as imagens inspiravam alguma coisa salutar, os belos e diferentes cristais se formavam, mas quando a água era exposta a algo de negativo, não se conseguia observar qualquer tipo de cristal em nenhuma das cinquenta amostras e o arroz cozido com água submetida a uma palavra depreciativa apodreceu, ao passo que, o arroz cozido com uma palavra amorosa se conservou saudável. O que é interessante observar, no entanto, é que o arroz cozido com água deixada sem nenhum tratamento apodreceu mais rápido do que o arroz com a palavra depreciativa, mostrando que nesse caso, é melhor ser xingado do que ignorado.

A2

Mas o que isso tem de tão importante?

André Barboni

Você imagine que o nosso corpo é formado por mais de 60% de água. Se essa molécula tem a capacidade de captar a “psicosfera” do ambiente em que se encontra, então, isso significa que tudo o que é constituído de água “sente” à nível molecular essa influência. Heidegger não tinha a noção de até onde podia chegar a sua ideia de que nos movemos numa *compreensão* de *Ser* que é pré-cognitiva.

A2

Você encontrou uma evidência física para a sua filosofia?

André Barboni

De certa forma, eu acho que isso explica e tem a ver com o que ele disse e se nós repararmos melhor em nós mesmos veremos que, muitas vezes, sentimos, só de entrar em um ambiente, se somos bem vindos ou não. Talvez a água, em nosso corpo, tenha algo a ver com isso. Em todo o caso, eu fui pesquisar um pouco mais e me deparei com o livro “Medicina Vibracional: uma Medicina para o Futuro” do Dr. Richard Gerber (2009).

A2

O que diz ele?

André Barboni

Nele encontrei uma possível explicação física para a “memória” da água.

A1

“Memória” da água?

André Barboni

Neste livro, o Dr Gerber (2009) tenta ir além do modelo biologicista de doença geralmente aceito pela medicina e busca uma solução que passa pela ideia de um universo holográfico, trata do corpo etérico, trabalha a *matéria* a partir da *energia* buscando novos princípios energéticos para a *Nova Era* e chega em *um modelo de Energia Sutil* que explica a cura pela homeopatia. O livro é denso e seu rico conteúdo me deu muitas ideias de experimentos que pretendo executar, algum dia, com o apoio de alguns colegas da física e da biologia. A água, ao que tudo indica, é influenciada por essa *energia* mais sutil e conforma sua estrutura em sintonia com ela. Masaru Emoto, teria, então, descoberto uma maneira prática de comprovar essa conformação.

A1

Certo, mas você disse que esse não era o foco do assunto que você pretendia tratar, mas que o desvio nos poderia ser útil para nos ajudar a *compreender* a gravidade do que você tinha a dizer. O que é que você queria falar?

André Barboni

Obrigado, meu caro, pois dado o adiantado da hora, é melhor a gente ir fechando o assunto, senão, a gente nunca termina. Assim, como eu ia dizendo, a água é um elemento essencial para a vida. Embora ela exista em grande quantidade em nosso orbe, a água potável (que serve para beber) é um recurso finito, que se espalha em partes desiguais pela superfície do planeta, e que representa não mais que 3% desse total. Com o crescimento populacional da humanidade se acelerando nos últimos anos e com o uso irracional desse limitado recurso as previsões mais alarmistas declaram que a próxima guerra mundial será pela água.

A1

Isso me parece um exagero!

André Barboni

Se você pesquisar bem, vai ver que não. Grandes companhias como a Coca-Cola, por exemplo, tem investido na compra de fontes de água. E não é só água para produzir as suas bebidas, mas água no seu estado natural que nos é vendida, cada vez mais caro.

A5

Já basta o aumento dos preços da água que é vendida nas cantinas da UEFS.

André Barboni

Pois é, mas o homem é criativo e hoje é possível dessalinizar a água do mar. Já existe indústrias especializadas nisso.

A5

Mas deve ser um processo sofisticado e caro.

André Barboni

Muito barato não é, mas é um processo que pode fazer diferença, mas esse não é o problema, pode até ser uma possível solução, mas não é o problema.

A5

Então, qual é o problema.

André Barboni

O problema tem a ver com a solução de outro problema.

P2

Como assim?

André Barboni

Não é segredo para ninguém que a nossa sociedade atual é altamente dependente de *energia*. *Energia* é sobrevivência e também está relacionada com a questão de *status social* e diversão. Por *energia*, mata-se e morre. Por *energia* se faz guerra. Por *energia* os Estados Unidos da América (EUA) invadiram o Iraque alegando que eles financiavam o terrorismo internacional e tinham armas de destruição de massa.

P8

O que foi uma *mentira* deslavada.

André Barboni

Mas os americanos não vão sair de lá sem garantias de que seus interesses energéticos sejam contemplados e eles não são bobos de apostar todas as suas fichas em um único número.

P8

O que isso quer dizer?

André Barboni

Que eles buscam outras alternativas energéticas e uma possível autonomia.

P8

E eles encontraram?

André Barboni

Sim. A solução está na extração de gás natural a partir grandes reservas de xisto argiloso.

P8

E o que isso tem a ver com a água.

André Barboni

Muita coisa. Se você procurar na Internet utilizando as palavras “*GasLand*” vai se deparar com um documentário, escrito e dirigido, por Josh Fox em 2010. Neste documentário ele mostra como a extração de gás natural das reservas de xisto pela tecnologia de “*fracking*” tem contaminado os lençóis freáticos dos estados americanos.

P8

Tecnologia de “*fracking*”?

André Barboni

Uma tecnologia de extração de gás natural onde se perfura um poço verticalmente até atingir a camada de xisto e depois horizontalmente. Por essa perfuração, injeta-se uma grande quantidade de água com quase 600 produtos químicos cuja composição não é revelada, alegando se tratar de segredo industrial. Essa água pressurizada faciona a rocha liberando o gás. O problema é que, em cerca de 5% dos milhares de poços perfurados, essa água perigosa burla as medidas de segurança e invade o lençol freático contaminando a água potável e o solo.

P8

Causando um belo desastre ambiental.

André Barboni

Que afeta diretamente a vida e a *saúde* da população que vive nessas localidades. O filme é impressionante e mostra o quanto é poderosa essa indústria, que pretende mudar a malha energética americana tornando os EUA auto-suficientes, em termos energéticos.

A5

Mas a população não reage?

André Barboni

Reage, mas o *lobby* no Congresso é muito forte.

A5

Mas certamente os americanos tem mais recursos para lutar contra esse tipo de coisas do que a gente aqui no Brasil.

André Barboni

Essa é uma das coisas que me preocupa, pois há alguns meses eu vi um documentário na TV fechada mostrando a construção de um superpetroleiro no estaleiro da SANSUNG, o segundo maior do *mundo*. Esse navio tem a capacidade de transportar gás natural liquefeito (GNL), em uma quantidade tal, que a *energia* que ele consegue gerar equivale a sessenta bombas de Hiroshima.

A5

Nossa, ele deve ser imenso!

André Barboni

Imagine que aquilo que os americanos não puderem produzir em seu território eles vão poder produzir *mundo* a fora e transportar por esses navios.

A5

E o Brasil?

André Barboni

Tem imensas reservas de xisto que já começaram ser leiloadas para exploração pela tecnologia de “*fracking*”. Uma delas fica aqui perto, na Bahia.

A5

Que horror.

André Barboni

Se fosse só isso tava bom. O problema é que lugares que nunca tiveram histórico de terremotos, passaram a ter abalos sísmicos frequentes, e no documentário se percebe claramente a liberação de metano em grandes quantidades na atmosfera.

A5

Aquele vilão do *efeito estufa* e que pessoas no *mundo* inteiro tem colocado a culpa no boi?

André Barboni

Ele mesmo.

A5

Então, se eu entendi bem, tentando resolver um problema energético, a indústria criou um processo de extração de gás natural que: contamina a água potável e o solo; lesa o estilo de vida e a *saúde* da população; pode provocar terremotos e; contribui para o *efeito estufa* e as mudanças climáticas. Isso tudo pode abalar o delicado equilíbrio da natureza e agravar ainda mais os problemas econômicos e sociais do planeta. A água, recurso essencial para a vida, pode ficar ainda mais escassa e cara a ponto de só alguns poucos privilegiados terem acesso a ela. Na sua opinião, isso seria o equivalente a um *Armagedom* ou a uma terceira guerra mundial?

André Barboni

Precisamente isso, A5, você captou meu pensamento.

A5

Então...

André Barboni

Talvez seja isso, justamente o que faltava, para chegarmos ao fundo do poço e *entendermos* que precisamos urgentemente mudar a nossa conduta. Eu gostaria muito que não precisássemos comprometer tanto a nossa casa a ponto de talvez termos que nos mudar dela. Sei que tem muita gente se preparando para isso. Não é à toa que os programas que falam de viagens espaciais interestelares, e os esforços para encontrar outros planetas que possam sustentar vida como a Terra, estão se popularizando e se intensificando.

A5

E o que você acha que a gente pode fazer para mudar isso?

André Barboni

Antes de mais nada, precisamos nos *conhecer* melhor. Precisamos nos preparar para o advento da *Nova Era* e podemos fazer isso sem que o *mundo* se acabe. Podemos fazer isso pacificamente pela *via da amor*. A *via da dor* é sempre uma alternativa que pode ser evitada. Podemos ser mais conscientes e exigentes com relação às nossas escolhas. Escolher o *caminho do amor*, não quer dizer abaixar a cabeça e aceitar tudo o que nos querem impor como se não houvesse outra alternativa. Devemos resistir e lutar com todas as nossas forças e habilidades contra essa imposição.

A5

E você já o está fazendo em termos filosóficos?

André Barboni

Você me compreendeu.

A5

Mas, então, o que você acha que é mais importante para a pessoa se tornar um *filósofo*?

André Barboni

Não só para se tornar um *filósofo*, mas para a pessoa sair do *eu criança* e seguir com o seu *eu adulto* enfrentando os desafios, que a vida lhe apresenta, com *responsabilidade*... Eu diria que é fundamental que a pessoa se conheça.

A5

Você diria, então, que o autoconhecimento é condição de possibilidade para a pessoa sair da sua *menoridade*?

2.3.9 A importância do autoconhecimento

André Barboni

Eu não tenho dúvidas quanto a isso. Para que não venhamos a nos arrepender depois de qualquer *deliberação* é fundamental que a gente se conheça muito bem. Se você observar bem verá que diferentes pessoas deliberam diferentemente sobre uma determinada questão qualquer. Algumas se arrependem depois, outras não.

A5

Isso é óbvio, as pessoas que se arrependeram, seguiram pelo caminho que não deviam.

André Barboni

Não é tão simples assim. Eu preciso ser mais claro. Quatro pessoas estão diante de um dilema: seguir pelo caminho **A** ou pelo caminho **B**. A primeira pessoa segue pelo caminho **A** e fica bem consigo mesma. A segunda pessoa, também, segue pelo caminho **A** e se arrepende. A terceira pessoa segue, então, pelo caminho **B** e fica bem. Por fim, a última pessoa segue pelo caminho **B** e se arrepende. Nas duas opções a gente encontra pessoas que ficaram bem consigo mesmas e pessoas que se arrependeram. Ficou mais claro o que eu queria dizer?

A5

Acho que complicou! Agora eu fiquei confusa.

André Barboni

Creio que a maioria das decisões que temos que tomar envolvem esse tipo de dilema. Tem gente que faz um favor a uma pessoa e fica bem, tem gente que preferia não ter feito o tal favor. As vezes dizemos sim quando, na realidade, queríamos dizer não. Toda hora que fazemos isso nos sentimos mal. O que eu estou dizendo é que nos é permitido trilhar o caminho **A** ou **B**, se trilhamos ou não o caminho de *evolução*, isso é uma outra questão, o que importa agora é ser coerente com aquilo que a gente de fato é.

A1

Opa! Eu ouvi direito? André, você está dizendo que na *deliberação* não importa se o caminho que escolhemos seguir é, ou não, coerente com a *escalada evolutiva*?

André Barboni

Em termos evolutivos é claro que importa. Mas com relação a nos sentirmos bem não. Se o sujeito se compraz no mal e ainda não esgotou o seu *impulso de queda*, ele não vai ficar bem consigo mesmo se deixar de fazer o mal que lhe dá tanto prazer. É como o viciado que se compraz no seu vício, mesmo sabendo o quanto ele lhe é prejudicial. Conforme o seu grau de dependência, cada célula do seu corpo vai exigir aquilo que lhe dá prazer e se não tiver vai reagir violentamente contra isso.

A1

Mas se a gente se deixar guiar por esses impulsos, não vai ser bom.

André Barboni

Eu concordo plenamente contigo, mas note, o autoconhecimento possibilita à pessoa de hábitos viciosos encontrar os caminhos que a conduzirão à uma saída consciente, equilibrada e segura do vício. Uma saída de dentro para fora. Uma conquista que lhe dará forças para vencer obstáculos maiores mais a frente. Algo que ela possa se orgulhar de ter conseguido.

A4

Se eu entendi bem, André, você está dizendo que suponhamos que o caminho **A** seja o caminho de *evolução*. Todos deveriam tomá-lo, pois ele nos conduz à verdadeira felicidade. Quem o toma, e já esgotou o *impulso de queda*, fica bem consigo mesmo e fez a coisa certa. No caso da segunda pessoa que o tomou e se arrependeu, isso se deu porque ela não tinha esgotado o *impulso de queda*. Pediu desculpas por ter batido no coleguinha que pisou no seu pé enquanto, na realidade, queria ter dado um tapa. Quanto ao caminho de *queda* (**B**), quem não esgotou o *impulso de queda* segue por ele sem arrependimentos, mas quem quer subir se arrepende.

André Barboni

Exatamente isso, A4. Note como é lógico esse raciocínio! O exemplo que você usou é perfeito, pois, desde pequenos, somos adestrados a assumir um tipo de comportamento que, muitas vezes, não nos sentimos confortáveis em adotar. Reconhecer isso, não quer dizer que eu aprovo a escolha do caminho **B**, que você elegeu como o caminho de *queda*. Muito pelo contrário, eu só estou reconhecendo as possibilidades existentes e se eu quero *evoluir*, e fico desconfortável ao seguir pelo caminho **A**, isso deve servir como sinal de alerta de que eu ainda não esgotei o meu *impulso de queda*.

A4

E o que devo fazer, nesse caso? Dar vazão ao meu *impulso de queda*?

André Barboni

A escolha é livre, mas não há como fugir das consequências. Ao tomar consciência disso, você pode se disciplinar e redirecionar o seu *impulso de queda* para coisas mais produtivas.

A4

Como assim?

André Barboni

Você pode esmurrar um saco de areia quando tiver *vontade* de bater em alguém. Isso vai aliviar a sua raiva e impedir que ela se acumule lhe trazendo algum tipo de problema mais tarde e pode ser uma boa maneira de se exercitar. Um impulso de destruição é muito bem vindo na indústria de demolição. Há muitas formas de canalizarmos nossas *energias* negativas de modo salutar e não comprometedor diante da *Lei Maior*.

A4

Mas as vezes a gente quer bater, é na pessoa mesmo, não em um saco de pancadas.

André Barboni

Você pode fazer isso. O que lhe impede?

A4

O que me impede? Se eu fizer, ela pode revidar. Dependendo do caso, se a pessoa for meu chefe ou um colega de trabalho, eu posso ser demitida, etc.

André Barboni

Ou seja, existe consequências. Não há como fugir delas.

A4

As vezes eu bem que gostaria de achar uma maneira de agir sem ter de arcar com as consequências.

André Barboni

Você e todo mundo! Pelo menos em sonho e na imaginação você pode.

A4

É *verdade*, o beijo do príncipe encantado é sempre mais gostoso no sonho.

André Barboni

O beijo do príncipe eu não sei, mas que no sonho a minha disposição e o meu desempenho melhora, isso eu não tenho dúvidas. Mas isso só deve acontecer comigo, com as demais pessoas é diferente, não é mesmo?

A1

Antes fosse!

A2

A1...

A1

Eu também sou de carne e osso.

André Barboni

Pois é... Não dá para ignorar a nossa própria natureza. Mas, se disciplinar conscientemente procurando se educar para trilhar o caminho da *evolução* não violenta a nossa *essência*.

P2

Como não? Você não disse que as pessoas que não esgotaram o *impulso de queda* se sentem mal quando trilham o caminho **A**?

André Barboni

Sim. Mas, isso não quer dizer que sua *natureza* a afaste de *Deus*. Muito pelo contrário, todos são em *essência* e por *natureza* bons. Hitler, sempre execrado e lembrado pelos *filósofos* contemporâneos, é por *natureza* bom. O seu destino é ser *feliz*. *Deus* tem um bom lugar no *Sistema*, reservado para ele, assim como para todas as demais *almas* que alguém possa se lembrar. A nossa *natureza* pertence ao *Sistema*, a *revolta* é temporária, pode ser longa, mas tem um fim. Quem hoje se arrepende de seguir pelo caminho **A**, amanhã ficará feliz por o tê-lo feito.

P7

Então, para você, o universo é *teleológico*, assim como para Aristóteles?

André Barboni

Com relação a termos um final feliz, eu diria que sim. Buscamos ardorosamente essa felicidade e quando nos afastamos dela nos angustiamos.

P7

Mas, então, como você explica os casos daquele que segue pelo caminho **A** e se arrepende e daquele que segue pelo caminho **B** e não se arrepende. Isso não seria uma incoerência com o que você acabou de falar?

André Barboni

Em termos macros, parece que sim. Mas na nossa *deliberação* não está envolvida somente a nossa *razão*, mas também, a *intuição*, os *sentimentos* e as *sensações*. O *impulso de queda* contraria e anestesia o nosso desejo de retorno ao nosso lugar no *Sistema*. A intensidade dessa anestesia varia dependendo da nossa posição na *escala evolutiva* (figura 4). Quanto mais baixos nessa *escala*, mais forte são as influências *barônticas* e mais difícil é resistir a esse impulso negativo. Quanto mais evoluímos, maior é o desejo de acertar e mais fácil é fazer a escolha pelo caminho **A**. No entanto, maiores são as *responsabilidades* e mais difíceis são as missões de resgate dos nossos irmãos que caíram.

P7

Missões de resgate dos nossos irmãos que caíram?

André Barboni

Na medida em que subimos na *escala evolutiva*, nos tornamos mais *justos*. O *justo* é *altruísta*. Seu *amor* se refina e expande. Sua família aumenta significativamente e ele compreende melhor as consequências negativas da sua *revolta*. Nenhum ato é destituído de consequências, se podemos prevêê-las é outra história, mas não temos como evitar os desdobramentos dos nossos atos. Se eles não foram bons, mais cedo ou mais tarde, nos vemos obrigados, pela nossa própria *consciência*, a corrigi-los.

P7

Você está querendo dizer, que quanto mais ascendemos na *escala evolutiva*, maior e mais clara se torna a nossa visão sobre esses desdobramentos e cresce em nós a necessidade de reparar o mal feito? Que este pode ser muito grande e dar muito trabalho?

André Barboni

Pois é. Quanto mais elevados estivermos na *escala evolutiva*, maior será a nossa *família* e estaremos preocupados em garantir que todos fiquem bem. Quem mais erra, mais tem a corrigir. Se o meu erro foi em escala local, melhor para mim, é mais fácil corrigi-lo. Eu acho que já expliquei, de alguma forma, isso antes. Mas se o meu erro atinge proporções globais, como o do nosso infeliz amigo alemão de bigodinho engraçado, o resgate terá proporções gigantescas. Ele vai chegar no *Sistema*, mas terá que fazer por merecer. Suas vítimas terão que querê-lo lá.

P7

Mas que vítima irá querer bem ao seu algoz?

André Barboni

É por isso que o *corpo físico* anestesia a nossa memória e, através da *reencarnação*, temos uma nova oportunidade de reconciliação com os nossos adversários. Muitas vezes, os nossos maiores inimigos do passado são os parentes consanguíneos. Esse tipo de *informação*, explica muita coisa que acontece na nossa sociedade e que muitas vezes não entendemos. Simpatias e antipatias gratuitas que sentimos por certas pessoas, também nos servem de alerta para quem, de fato, elas são. A *escalada evolutiva* se dá por uma programação que contou com a nossa aprovação. Muitas *espíritos* se esquecem dos compromissos assumidos e falham na sua resolução de vencer esses desafios. O tempo que é perdido não se recupera.

P7

Você disse que, com a *reencarnação*, sempre é possível uma nova tentativa.

André Barboni

Certo, mas pode ser que na nova oportunidade, as condições não sejam tão boas como as atuais. *Espíritos* que não conseguem se conciliar, podem escolher *nascer* ligados fisicamente.

P7

Como irmãos siameses?

André Barboni

Eu não estou dizendo que todos os casos de irmãos siameses se encaixam nessa situação, mas quem procurar na literatura espírita encontrará diversos relatos em que isso se deu. Quando a gente recusa trilhar pelo *caminho do amor*, a *dor* se apresenta.

A6

Por isso Jesus recomendava amar os nossos inimigos?

André Barboni

Ele tinha plena consciência de que nossos inimigos hoje serão os nossos amigos no futuro. Se você não quer estar intimamente ligado a uma pessoa, nem no presente, nem no futuro, não faça dela seu inimigo. Reconciliar-se com seus inimigos é a melhor maneira de livra-se deles. Você já reparou o quanto tempo você gasta pensando em alguém que você não gosta?

A6

É mesmo, se não penso, posso seguir com a minha vida sem ter que me ligar a essa pessoa. Perdoar aos inimigos não é livrá-los da *lei do carma*, é não se ligar a eles. É isso?

André Barboni

Exato. Não existe isso de aprontarmos todas e depois sermos perdoados e ficar tudo bem como se nada tivéssemos feito. A *Lei* nos cobra cada centavo. Não é como no supermercado que a caixa por não ter troco arredonda a conta. O que devemos nós pagamos, nem mais nem menos. A *reencarnação* torna isso possível.

A6

Mas com a *reencarnação*, como fica as nossas relações familiares?

2.3.10 A família sob uma outra perspectiva

André Barboni

Boa pergunta! A nossa família se amplia e adquire uma nova perspectiva.

A6

Que nova perspectiva?

André Barboni

Família não é mais apenas aqueles que possuem laços consanguíneos conosco ou apenas aqueles que gostamos e temos uma forte relação afetiva. Ao longo das encarnações estabelecemos, com outros *espíritos*, relações de amizade e inimizade. Nós já vimos que não é bom estabelecer relações de inimizade, com quem quer que seja, mas elas são, meio que, inevitáveis dada a nossa atual condição evolutiva e a nossa baixa capacidade de resolver os conflitos. Se você considerar que se *Deus* é pai, então, nós somos todos irmãos e como irmãos devemos nos harmonizar, não há como sustentar qualquer tipo de inimizade no *Sistema*.

A6

Mas pelo que você disse, até agora, nós ainda estamos muito longe do *Sistema*.

André Barboni

Certo, mas a gente precisa *compreender* essa *Lei do amor* de nosso *Pai-maior* e respeitá-lo amando tudo o que ele criou.

A6

Mas isso foi o que Jesus nos ensinou.

André Barboni

Não vou discordar de você quanto a isso, muito pelo contrário. Se *Deus* é nosso *Pai-maior* e devemos amar e respeitar os nossos pais, certamente isso também se aplica a Ele. Como posso amar o meu pai e agredir um filho seu, ou destruir algo que ele criou com todo *amor* e carinho?

A6

Se o faço, isso certamente O desapontaria. Quem ama verdadeiramente, não quer ver o *ser* amado desapontado. Quem ama verdadeiramente só quer a felicidade deste *ser*. Se quero ver meu *Pai-maior* feliz devo amar e respeitar tudo o que Ele criou. Toda a *Physis*, certo?

André Barboni

Sim e não.

A6

Como assim?

André Barboni

Sim, porque *Deus* é imanente e está presente em toda a *Physis*. Não, porque não é somente a *Physis*, a parte que caiu, que devemos amar mas todo o resto do *Sistema*, que não caiu e que consiste na verdadeira *criação* divina.

A6

Mas como eu vou amar algo que não compreendo?

André Barboni

Você ama *Deus*?

A6

Claro que sim!

André Barboni

Mas você pode dizer que verdadeiramente o compreende?

A6

Pensando bem... Eu tenho que admitir que verdadeiramente não O compreendo, pois reconheço que ele ainda está além da minha *compreensão*.

André Barboni

Você usou a palavra “ainda”. Ela faz toda a diferença. Isso significa que você, bem lá no fundo, tem a esperança de *compreendê-Lo*. Se eu entendi bem Kant (2001), na sua “Crítica da Razão Pura”, *Deus* está além da nossa *compreensão*. Não conseguiremos atingir esse objetivo no atual estado evolutivo em que nos encontramos, mas temos todo um caminhar para chegar lá. A *reencarnação* é algo que necessitamos enquanto olhamos os nossos irmãos como inimigos. Precisamos dela para esquecer as nossas mágoas e termos uma verdadeira oportunidade de reconciliação. No momento que conseguirmos isso, não mais precisaremos *reencarnar*.

A7

É isso que significa conquistar a vida eterna?

André Barboni

Pode-se dizer que sim. Se a gente não precisa mais *reencarnar*, a gente não precisa mais morrer. Podemos, agora, ter plena ciência de quem nós somos, não temos mais do que nos envergonhar, quitamos os nossos débitos para com aqueles que considerávamos nossos inimigos, ou pelo menos, conseguimos deixar de querer que eles fossem privados do bem. O sincero perdão das ofensas é o primeiro passo para essa libertação, não desejar-lhes o mal, eu diria que consiste no segundo passo dessa caminhada, mas ela não termina aí. É necessário ainda, desejar-lhes o bem, amá-los verdadeiramente falando.

A4

Isso me parece muito difícil, para não dizer impossível.

André Barboni

Quando perdoamos sinceramente alguém que nos magoou, ficamos livres para seguir o nosso caminho. Com o tempo, olhamos para trás e mal conseguimos identificar o motivo pelo qual tudo começou. Olhamos para o nosso irmão e percebemos que talvez, no lugar dele, não procederíamos diferentemente do que ele procedeu. Nos sentimos felizes de o termos perdoado e, dependendo da situação em que ele se encontre, talvez queiramos participar ativamente do seu reerguimento moral. Esse é um passo importante que damos no caminho da amizade e do *amor*.

A4

Sei não... Eu acho difícil isso acontecer.

André Barboni

É difícil e até impossível enquanto a gente guarda mágoas em nosso coração. Mas se nos livramos dela, e a *reencarnação* é um importante aliado nesse sentido, a gente se prepara para esse momento de virada onde o inimigo do passado, passa a ser alguém a quem queremos auxiliar. Na medida em que o fazemos vamos construindo, pouco a pouco, as condições para o estabelecimento de uma amizade sincera. Qual é o amigo verdadeiro que temos, que nunca tenha dito ou feito algo que nos chateou?

A4

Certo, mas...

André Barboni

Quando você olha para trás e vê tudo o que ele fez de bom por você, percebe que é bobagem cortar a amizade por algo menor que vocês podem resolver entre si, não é mesmo?

A4

É.

André Barboni

Então, a gente tem todo o tempo que precisar para, viver todo o tipo de situação, que prove a nossa sincera *vontade* de, sermos amigos, como dois irmãos que se amam devem ser. Se vivemos essas situações, como é que não vamos ser amigos? Como é que não vamos nos amar? Depois de tudo isso, se olhamos para trás, vemos que alternamos papéis de vítima e de algoz, a *dor* já não dói como antes. O que temos são algumas histórias que nos fazem rir da importância que dávamos à coisas que, hoje, já não importam mais.

A8

Mas uma coisa ainda me intriga, André.

André Barboni

O quê?

A8

Se a *grande equação da substância*, de Ubaldi, está certa, então, *matéria*, *energia* e *espírito* são manifestações diferentes da mesma coisa, logo, *matéria* e *energia* são meus irmãos?

André Barboni

É por isso que Francisco de Assis dizia que o sol, a lua, a pedra, o lobo e tudo o mais era seu irmão. Ao tratá-los carinhosamente dessa forma ele reconhecia a veracidade dessa lei que Ubaldo nos revela. Se a visão que ele nos traz é verídica, então, toda a *Physis* é derivada do *Sistema* e no *Sistema* todos temos uma função e fazemos parte de um Todo que é harmônico. Se a *queda* se deu até o nível da *matéria*, então, o retorno tem que resgatar cada elemento, por menor e mais insignificante que nos pareça que ele seja. Portanto, como diriam os budistas, não pise na irmã barata, seja gentil para com ela, pois ela também faz parte desse universo maravilhoso que tanto nos encanta e, se você não compreende o seu papel, isso não lhe dá o direito de desrespeitar a sua natureza.

A5

Credo! A gente tem que amar até as baratas! Elas são nossas irmãs! Sinto muito, mas isso eu não consigo.

André Barboni

Isso é porque você é mulher. No dia que você for homem, vai perder esse medo.

A5

Como assim, no dia em que eu for homem.

André Barboni

Espírito não tem sexo. Todos temos uma parte masculina e outra feminina. Nascemos de acordo com as nossas necessidades de trabalhar essa ou aquela parte, e, como você já deve ter percebido, isso faz com que o ser humano seja algo bem mais complexo do que os nossos toscos modelos psicológicos conseguem representar. Mas existe uma explicação bastante plausível que justifica o pavor natural que as mulheres sentem por baratas.

A5

Qual?

André Barboni

Em certa medida, essa explicação me lembra Heidegger e Jung, mas também tem a ver com a biologia. Qualquer um que já visitou cavernas, sabe que baratas as vezes são encontradas em grandes quantidades nelas. Pois bem, no tempo que nossos antepassados viviam nelas, as mulheres não usavam calcinha. Deve ter acontecido algo tão traumatizante naquela época que marcou definitivamente o nosso inconsciente coletivo.

A5

Que horror, André, eu fico arrepiada só de imaginar a cena.

André Barboni

Bom, eu já ouvi essa história contada por algumas pessoas diferentes e ninguém que a ouviu até agora se dispôs a contestá-la, muito pelo contrário, ela parece ser bem plausível. Nojenta, eu concordo, mas explica muito bem porque alguém que tem um pé muito maior que uma barata, fica morrendo de medo dela. A barata é que deveria estar apavorada quando nos vê.

A5

Não sei se nossa *historicidade* tem algo a ver com isso, mas eu não quero conta com barata, e não me venha com essa história de que ela é um membro importante da minha família. Eu não quero *saber* disso, e pronto.

André Barboni

Tudo tem a sua hora e o seu lugar. Na China, em locais onde as fontes de proteína são escassas, a barata é uma iguaria muito apreciada.

A5

Que horror, André, vamos mudar de assunto.

André Barboni

Tudo bem, mas isso só nos dá uma pequena ideia de que a gente é nada. A Terra tem uma imensa diversidade de habitantes entre os quais, a Biologia, nos revela que somos apenas mais uma espécie. Com características muito especiais, eu não nego, mas uma espécie como outra qualquer que em algum momento pode deixar de existir, como aconteceu com tantas outras que nos precederam. A extinção é algo natural e corriqueiro, não podemos deixar de ter isso em nossa *mente*. Precisamos cuidar da nossa casa. Precisamos respeitar essa natureza. O seu equilíbrio é muito frágil. Se deslocarmos esse ponto de equilíbrio, pode ser que a vida humana se torne inviável a partir de um determinado momento. Os ecologistas e ambientalistas nos tem alertado para isso, mas nós insistimos em nos deixar enganar por pessoas egoístas e irresponsáveis que só estão interessadas nos seus ganhos imediatos.

A5

A questão ambiental que você levantou há pouco, me deixou intrigada. Se a água se tornar imprópria para o consumo, isso certamente vai alterar o equilíbrio ecológico do planeta. O *efeito estufa* pode acelerar o processo de derretimento das calotas polares e o clima não será mais o mesmo. A gente já consegue sentir os *efeitos* das mudanças climáticas.

André Barboni

Como diria Hume, ninguém pode prever, com exatidão, o que vai acontecer. Todo modelo e toda previsão tem suas limitações. Baseamos nossas análises em teorias construídas a partir de observações provenientes do hábito. Não temos acesso aos universais. Não temos uma bola de cristal, ou coisa parecida, que nos possibilite ver o futuro.

A8

Certo, mas vemos o passado. As coisas tendem a se repetir. Nossa experiência mostra isso. Lidamos com probabilidade. Como você já me disse uma vez, o *mundo* não é determinístico, mas probabilístico.

André Barboni

Isso eu ouvi de um professor meu do mestrado, na disciplina “Processos Estocásticos”.

A5

Que nome complicado!

André Barboni

Isso porque você não viu o que a gente estudava. Você iria pirar com a matemática utilizada. Eu tive que estudar cerca de trinta horas por semana só para dar conta de passar na disciplina, mas valeu a pena. Pelo menos eu consegui *entender* como, por mais complicados e sofisticados que sejam os modelos matemáticos, eles ainda são simplistas em relação aos complexos fenômenos que acontecem na natureza. Não dá para ficar achando que a gente consegue modelar tudo e a partir daí se tornar *mestre e possuidor da natureza*. Por mais brilhantes que sejamos e por mais investimentos que façamos, nesse sentido, basta uma pequena variação para por todo esse esforço por água abaixo.

A8

Mas, André, os modelos matemáticos são muito úteis e já conseguimos prever muita coisa. Não é porque eles tem falhas que não devemos nos empenhar em aperfeiçoá-los.

André Barboni

Eu não discordo de você, A8, mas o problema de quem dispende tanta *energia* na construção desses modelos é achar que eles, de fato, conseguirão prever o futuro. Nesse ponto eu fico com o ceticismo de Hume, pois nada garante que isso, de fato, se dará.

P2

Finalmente você fala de Hume. Eu estava sentindo falta dele nessa discussão.

André Barboni

Professor, eu falei de Hume, mas esse é um autor que eu quase nada li. Com isso eu não posso, em sã consciência, atacar ou defender suas ideias, mas na disciplina “Teoria do Conhecimento” eu teci algumas considerações sobre uma nota de rodapé que ele escreve sobre a questão do inatismo das ideias (HUME, 2004, p. 39-40, a identificação das partes é nossa):

[Parte 1] É provável que aqueles que negaram a existência das ideias inatas estivessem apenas querendo dizer que todas as ideias são cópias de nossas impressões, embora se deva confessar que os termos que empregaram não foram escolhidos com a cautela necessária nem definidos tão precisamente de forma a evitar todo engano acerca de sua doutrina. **[Parte 2]** Pois o que se quer dizer com *inato*? **[Parte 3]** Se *inato* é equivalente a natural, então todas as percepções e ideias da mente devem ser admitidas como inatas ou naturais, qualquer que seja o sentido que se dê a esta palavra, em oposição tanto ao que é incomum quanto ao que é artificial ou ao que é milagroso. **[Parte 4]** Se por *inato* se entende *contemporâneo ao nosso nascimento*, a disputa parece frívola, e não vale muito a pena investigar em que época começa o pensamento, se antes, durante ou depois de nosso nascimento. **[Parte 5]** Além disso, a palavra *ideia* parece ter sido tomada usualmente num sentido muito amplo por Locke e outros, como significando qualquer uma de nossas percepções, nossas sensações e paixões, bem como pensamentos. **[Parte 6]** Ora nesse sentido, eu desejaria saber o que pode significar a asserção de que o amor de si mesmo, o ressentimento pelas injúrias ou a paixão entre os sexos não é inata. **[Parte 7]** Mas admitindo-se esses termos, *impressões* e *ideias*, no sentido já explicado, e entendendo por *inato* aquilo que é original, ou que não é copiado de nenhuma impressão precedente, então podemos asseverar que todas as nossas impressões são inatas e nossas ideias não o são. **[Parte 8]** Para falar francamente, devo confessar minha opinião de que, nessa questão, Locke caiu na armadilha dos escolásticos, os quais, ao fazerem uso de termos não-definidos, alongam tediosamente suas disputas sem jamais tocar no ponto em questão. Semelhantes ambiguidades e circunlóquios parecem percorrer os raciocínios daquele filósofo neste como na maioria dos outros assuntos.

Nas minhas considerações, na época, eu dividi essa nota em oito partes.

P2

Agora eu fiquei interessado! Fale mais sobre isso.

André Barboni

Está bem, a gente vai fugir um pouco do que estávamos falando a pouco, mas pode ser útil para as nossas conclusões. Na sua obra “Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral”, Hume (2004, p. 26) começa a falar das diferentes espécies de *filosofia* para ressaltar que nem tudo está acessível ao entendimento humano, notadamente uma parte dos estudos metafísicos, que “não são propriamente uma ciência, mas provém ou dos esforços frustrados da vaidade humana, que deseja penetrar em assuntos inacessíveis ao seu entendimento”, e portanto, falharia por pretensão, ou ainda “da astúcia das superstições populares que, por serem incapazes de defender suas posições em campo aberto, cultivam essas sarças espinhosas impenetráveis para dar cobertura e proteção a suas fraquezas”, ou seja, refugiam-se nos *dogmas* das *religiões*.

P2

Mas isso tem a ver com o que a gente estava conversando há pouco.

André Barboni

Concordo, para Hume (2004), a única maneira de se resolver o problema que se apresenta e conquistar o prêmio desejado de alcançar o sucesso onde as tentativas anteriores fracassaram, é investigar a natureza do entendimento humano com seriedade e mostrar que ele não está apto a tratar de assuntos tão obscuros. A seguir, na seção 2 do seu trabalho, Hume trata da origem das ideias, diferenciando ideias de impressões com relação à força e vivacidade que estas percepções da mente produzem no homem.

P2

Certo. Prossiga...

André Barboni

Assim, para Hume (2004), *impressões* são todas as percepções mais vívidas e intimamente ligadas ou associadas à experiência. Ao passo que, *ideias* ou *pensamentos* são percepções menos vívidas do que as *impressões*. A imaginação tem um papel fundamental no que tange a possibilidade, praticamente ilimitada, de compor novas *ideias* a partir de *ideias* e *impressões* de acordo com a nossa *vontade*. É isso justamente o que confere ao pensamento humano a sua aparente capacidade ilimitada de tudo alcançar, exceto aquilo que implica em uma absoluta contradição. Dito isto, podemos, então, analisar a primeira parte do comentário de Hume (2004, p. 39):

[Parte 1] É provável que aqueles que negaram a existência das ideias inatas estivessem apenas querendo dizer que todas as ideias são cópias de nossas impressões, embora se deva confessar que os termos que empregaram não foram escolhidos com a cautela necessária nem definidos tão precisamente de forma a evitar todo engano acerca de sua doutrina.

Por aqueles que negaram a existência de ideias inatas, entenda-se *empiristas* como Locke que, na visão de Hume (2004, p. 39), por não definirem bem o termo *ideia*, acabaram por confundi-lo com o *conceito* de *impressão* e daí provém toda uma confusão. Neste ponto, fica evidente que estes que negam a existência de ideias inatas servem de desculpa para Hume formular a questão que lhe permitirá atingir o objetivo de apresentar a sua teoria. Assim, posto que a questão está mal formulada pois os *conceitos* estão mal definidos, cabe ao *filósofo* detentor do prêmio que outros não alcançaram colocar as coisas no seu devido foco:

[Parte 2] Pois o que se quer dizer com *inato*?

P2

Eu estou acompanhando o seu raciocínio, prossiga.

André Barboni

Formulada a questão que possibilita criticar as diferentes posições de seus adversários, Hume (2004, p. 39-40) parte para derrubar a posição que lhe parece mais frágil, pois se por *inato* entendemos algo natural, então todos, incluindo nós, não vão deixar de admitir que todas as *ideias* são inatas ou naturais tal como é afirmado na parte 3 da nota:

[Parte 3] Se inato é equivalente a natural, então todas as percepções e ideias da mente devem ser admitidas como inatas ou naturais, qualquer que seja o sentido que se dê a esta palavra, em oposição tanto ao que é incomum quanto ao que é artificial ou ao que é milagroso.

P2

Até aqui concordo com a sua análise.

André Barboni

Ainda que, alguém nos dias de hoje chegue a questionar se não seria possível construir uma máquina capaz de pensar por si própria ou então, obtermos algum tipo de *conhecimento* por alguma via milagrosa. Poder-se-ia contra-argumentar que para Hume, talvez a ideia de construção de uma máquina capaz de pensar fosse absurda, ou pelo menos, pouco provável e que talvez, ele não acreditasse em milagres e, portanto, estando estas hipóteses descartadas e/ou sujeitas a leis naturais desconhecidas, mas ainda assim, sujeitas a leis naturais, então, elas seriam, em última instância, naturais.

P2

OK! Prossiga.

André Barboni

Já com relação à possibilidade das ideias começarem antes, durante ou depois do nascimento, que Hume (2004, p. 39) considera frívola (Parte 4), talvez não seja o caso de se menosprezar a importância de tal discussão, pois como explicar o fato de uma criança de quatro anos compor uma sinfonia, com qualidade e perfeição que poucos adultos, com anos de estudo e formação não conseguem? Poder-se-ia argumentar que o gênio é um caso que foge à normalidade e que Hume não trataria, mas se a teoria de Hume não consegue resistir à prova de casos extremos poderia se dizer que ela se sustenta?

[Parte 4] Se por *inato* se entende *contemporâneo ao nosso nascimento*, a disputa parece frívola, e não vale muito a pena investigar em que época começa o pensamento, se antes, durante ou depois de nosso nascimento.

P2

É justamente aí que a gente começa a divergir.

André Barboni

Mas é nesse ponto que eu afirmo a necessidade de se fazer uma investigação séria, principalmente por parte daqueles que defendem o *referencial materialista*. Se perguntar pelo momento em que uma ideia começa: antes, durante ou depois do nascimento, parece sugerir que Hume esteja, talvez se reportando à questões da *metafísica* que são tratadas de forma dogmática. Embora o *conceito* de *ideia* se remeta a Platão, que não se pode chamar de dogmático, sua *teoria das reminiscências* e do *mundo das ideias*, poderiam, talvez, não ser levadas muito à sério por David Hume de tal forma que, mesmo um *filósofo* respeitado como Platão, não teria tratado devidamente o assunto, pois sua teoria estaria fundamentada em *conceitos* que não teriam muita credibilidade.

Como eu disse antes, o princípio da *reencarnação*, presente nas *filosofias* de Sócrates e Platão, e em várias *religiões*, só irá ser devidamente tratado “em campo aberto” por Kardec (1981; 2003) a partir da segunda metade do século XIX, e portanto, este material não estava disponível para Hume. Embora, a questão que formulamos sobre a genialidade com relação ao inatismo das ideias possa ser facilmente explicada pela *reencarnação* sem afetar as conclusões de Hume, muito provavelmente, ele não chegou a formular tal questão, pois o princípio da *reencarnação* não lhe merecia credibilidade, pela forma como havia sido tratado até então.

P2

Embora eu não concorde contigo, eu tenho que admitir, que entendo a sua posição.

André Barboni

Mas antes de se chegar ao verdadeiro *sentido* do termo *inato* é preciso também *compreender* o que se entende por *ideia*:

[Parte 5] Além disso, a palavra *ideia* parece ter sido tomada usualmente num sentido muito amplo por Locke e outros, como significando qualquer uma de nossas percepções, nossas sensações e paixões, bem como pensamentos (HUME, 2004, p. 39).

Neste ponto do comentário, Hume revela seu adversário, mostrando-nos como ele se confunde e perde a chave de entendimento do problema. Chave esta, que evidentemente ele irá nos revelar mais adiante, mas não antes de nos provar com um argumento fulminante, como Locke estava enganado:

[Parte 6] Ora nesse sentido, eu desejaria saber o que pode significar a asserção de que o amor de si mesmo, o ressentimento pelas injúrias ou a paixão entre os sexos não é inata (HUME, 2004, p. 39).

P2

Certo.

André Barboni

Demolido todo o edifício do *conhecimento* anterior, pode agora Hume construir no terreno preparado. Assim, dado que ele dividiu, anteriormente as *percepções da mente* em: *impressões* (mais fortes e vivazes) e *ideias* (menos fortes e vivazes), que, por sua vez, podem ser *simples* e *complexas*. E considerando que as *percepções mais simples* não admitem distinção ou separação, enquanto que, as *complexas* podem ser fragmentadas em partes. Existe uma relação íntima entre *ideias* e *impressões* de tal modo que as *ideias* parecem ser reflexos das *impressões* mas, as *percepções complexas* não necessariamente possuem *impressões* que lhe correspondam inteiramente ao passo que à toda *ideia simples* corresponde uma *impressão* que lhe antecede. É neste *sentido*, que Hume irá concluir que as *impressões* podem ser inatas, mas as *ideias* não (HUME, 2004, p. 40):

[Parte 7] Mas admitindo-se esses termos, *impressões* e *ideias*, no sentido já explicado, e entendendo por *inato* aquilo que é original, ou que não é copiado de nenhuma impressão precedente, então podemos asseverar que todas as nossas impressões são inatas e nossas ideias não o são.

P2

Isso parece lógico, não?

André Barboni

É claro que sim, e por fim, Hume (2004, p. 40), desfere o golpe de misericórdia em Locke:

[Parte 8] Para falar francamente, devo confessar minha opinião de que, nessa questão, Locke caiu na armadilha dos escolásticos, os quais, ao fazerem uso de termos não-definidos, alongam tediosamente suas disputas sem jamais tocar no ponto em questão. Semelhantes ambiguidades e circunlóquios parecem percorrer os raciocínios daquele filósofo neste como na maioria dos outros assuntos.

P2

Fica evidente que Hume ao relegar à questão do inatismo das ideias uma simples nota de rodapé não pretendeu subestimar a importância dos *conceitos* que ela envolve, mas ao colocá-la no corpo do seu texto, seria forçado a desenvolvê-la perdendo o foco do seu trabalho. Procedendo assim, ele demonstra estar ciente da questão, mas mostra que ela não é central para o que ele pretende desenvolver nas seções seguintes.

André Barboni

Também sou dessa opinião, professor.

P2

Mas...

André Barboni

Na seção três, Hume (2004) aborda a questão de como se daria a associação de ideias e ele chega a conclusão que haveriam três princípios de conexão de ideias, a *saber: semelhança, contiguidade* no tempo e no espaço, e *causa e efeito*. Já na seção quatro, ele trata das dúvidas céticas sobre as ações de entendimento. É justamente nesta seção que ele coloca em xeque se de fato os eventos futuros poderiam ser inferidos a partir da experiência passada para depois, na seção cinco, revelar o *princípio do hábito* que permitiria ao homem tomar decisões com base nas conexões e inferências possibilitadas por tal princípio.

P2

E, então...

André Barboni

O que nos despertou para desenvolver aquele trabalho foi a possibilidade de discutir, a partir da nota de rodapé escrita por Hume a respeito do inatismo das ideias, se o seu *conceito de hábito* permaneceria válido à luz do *Espiritismo*.

P2

E o que você concluiu?

André Barboni

Não caberia a nós, fazer uma defesa dogmática do *Espiritismo*, do princípio da *reencarnação*, da comunicação com os *espíritos* das pessoas que morreram, mas refletir como, alguns dos *conhecimentos*, não disponíveis no tempo de Hume e trazidos à luz da *razão*, pela obra investigativa de Kardec, um homem esclarecido e educado nas melhores escolas da Europa do século XIX, poderia contribuir para enriquecer uma discussão que envolveu e ainda envolve tantos pensadores. Mesmo porque, ao se admitir o princípio da *reencarnação* e analisar a questão do *inatismo das ideias*, a conclusão de Hume não é refutada. Apenas se ampliaria o campo das questões de fato e o que antes pertencia a um campo obscuro pode, agora, ser tratado “em campo aberto”. Essa é uma tese que defendi naquela época e ainda defendo.

P2

Sim e o que mais você defendeu nesse seu trabalho que poderia nos ajudar nas nossas conclusões?

André Barboni

O problema é que Kardec não é um comentador de Hume e este último não chega a tocar na palavra *reencarnação*, que como dissemos, é um princípio que só vai ser tratado “em campo aberto” por Kardec anos depois da morte de Hume. Utilizar-se de Hume para discutir uma questão que ele não formulou pode ser considerada um desrespeito a ele e contraria toda a uma *tradição filosófica*. Por outro lado, o maior elogio que se pode fazer a um *Filósofo* é criticá-lo, pois se não existe vida após a morte e nem *reencarnação*, criticar um *filósofo* é mantê-lo vivo na memória das pessoas, não fazê-lo e deixar que caia no esquecimento é condená-lo ao *Nada*.

P2

Isso, então, apoia a crítica que você faz ao “estruturalismo”?

André Barboni

É evidente que quem comenta um *filósofo* deve estudá-lo profundamente e procurar ser fiel ao seu pensamento. Bons comentadores se atêm ao texto original, mas se atendo e se limitando a expressar unicamente a ideia do autor sem criticá-la, trazendo novos elementos e colocando as questões por eles tratadas em um novo foco não conseguem fazer *ciência* nem *filosofia*. Apenas se firmam, quando se firmam, como bons comentadores e nada mais. Eu não conheço nenhum *filósofo* que tenha se conformado em ser somente isto. Eu posso até não me tornar um bom *filósofo*, mas ninguém há de me acusar de não ter tentado ser algo mais do que um mero comentador. Com todo o respeito que eles merecem, depois de ter lido as obras de Kardec, a visão *materialista* é muito pobre para a *ciência* e para a *filosofia* que eu pretendo desenvolver. O que me vale uma *tradição filosófica* que não permite que um sujeito repense as questões pensadas por outros *filósofos* sob uma nova ótica? Pode esta *tradição* ser chamada de filosófica?

P2

Entendo. Posso até não concordar com tudo o que você diz. Mas entendo, respeito e defendo o seu direito de você ser coerente com essa sua posição.

André Barboni

É só o que eu peço, professor. Como eu disse, estamos entrando em uma *Nova Era*, onde precisamos expandir os nossos horizontes, rever os nossos *conceitos* e preconceitos e...

P2

Precisamos de *uma nova Filosofia*?

2.3.11 Uma nova *Filosofia* para a Nova Era

André Barboni

Não precisamos de uma *nova filosofia* apenas para dizer que temos uma, mas, certamente, precisamos *pensar-por-nós-mesmos*.

P2

Mas *pensar-por-nós-mesmos* é muito doloroso. Todo aquele que faz isso e inova se vê isolado. Sofre a pressão do grupo a que ele pertence e não pensa como ele. Muitos até enlouquecem e/ou se matam, outros acabam se tornando pessoas amargas.

André Barboni

Por isso é preciso coragem para filosofar. A *lei de Linus* nos diz que *o reconhecimento dos nossos pares* é um dos três princípios pelo qual matamos e morremos. Inovar, significa que sofreremos uma dupla pressão: 1- *externa* – aqueles que buscam o reconhecimento dos seus pares e não concordam conosco, e eles são muitos, nos atacam e, alguns, se puderem, irão tentar nos matar, senão fisicamente, pelo menos moralmente; 2- *interna* – o medo real de deixar de ser reconhecido por nossos pares, pode fazer com que nos auto-boicotemos e queiramos nos matar, senão literalmente, pelo menos psicologicamente.

P2

Daí que muitos desistem da empreitada sem ao menos tentar.

André Barboni

E se sentem mal por isso. Quando eu penso em uma *Nova Era*, eu imagino que isso pode perder, pelo menos um pouco, dessa força.

P2

Em que *sentido* você fala isso.

André Barboni

Em uma *Nova Era*, eu imagino que a *moda* seja outra. *Não-pensar-por-nós-mesmos* é a *moda atual* que serve à *lógica do astuto* que visa nos dominar. Na *Nova Era*, a *lógica do justo* deve prevalecer, no mínimo devemos nos esforçar para isto, pois a *liberdade* é um valor inestimável que todos presam e ninguém é livre se *não-pensar-por-si-mesmo*.

P2

Parece lógico o seu raciocínio, mas será que isso funcionaria na prática?

André Barboni

Se não funcionar, nunca seremos felizes.

P2

E a *Nova Era* é uma era de felicidade?

André Barboni

Não, a verdadeira felicidade só se dará no *Sistema*. A *Nova Era* está bem mais próximo da gente, é um objetivo bem mais fácil de ser alcançado, pois não implica que todos sejam felizes, mas em nos dermos a oportunidade de sermos felizes. O que a caracteriza, entre outras coisas, é o fato de buscarmos com sinceridade nos *entendermos* com o nosso próximo. Para isso, precisamos respeitá-lo e, para respeitá-lo, precisamos aceitar que ele e cada um de nós é único. Não há qualquer problema nisso. É bom ser diferente, a nossa igualdade está em cada um de nós sermos diferentes uns dos outros e ao mesmo tempo, semelhantes.

A6

Você quer dizer, então, que precisamos aprender a ser tolerantes uns para com os outros.

André Barboni

Mais do que simplesmente tolerantes, precisamos aprender a amar as nossas diferenças. Precisamos aprender a valorizar essas diferenças que nos tornam tão iguais. Se você reparar bem, vai ver que nós, em diversas situações, já começamos a fazer isso, inclusive na academia.

A6

Como assim?

André Barboni

Experimente encontrar um trabalho pronto na Internet, copiá-lo e entregar a um professor como sendo seu.

A6

Ele vai me acusar de plágio.

André Barboni

Mas você pode alegar que o autor original captou perfeitamente a essência do que você queria dizer. Você pode dizer que é tão grande o grau de identificação com ele que é como se você tivesse escrito o trabalho junto com ele. Nesse ponto, é como se ele fosse uma *alma gêmea* sua. Se o seu professor for *materialista* e o autor tiver morrido, você pode até dizer que ele não

vai se importar por você ter colocado o seu nome no trabalho, pois afinal ele nem mais fumacinha é, não é mesmo? Que mal há em assumir a autoria de um trabalho que não fizemos, de um autor que já morreu, e voltou a ser *Nada*, quando o que ele disse é justamente o que queríamos dizer? Se nos identificamos com o que ele disse, podemos assumir seu pensamento como nosso. Podemos dizer que fazemos nossas as palavras dele.

P5

André, o que você está dizendo é um absurdo, o que se quer na academia é justamente que o aluno produza um texto que seja seu, que seja original, senão nas ideias, pelo menos na forma de expressá-las.

André Barboni

Ou seja, nós já estamos valorizando o ato de *pensar-por-nós-mesmos*. Senão no todo, pelo menos em parte. Por mais que eu me identifique com a ideia de um autor, não importa se ele esteja vivo ou morto, não importa o *referencial* que eu, ele ou quem vai me avaliar professe, nada justifica o plágio. Eu preciso *pensar-por-mim-mesmo* para pelo menos encontrar as palavras que darão uma forma original de dizer algo que já foi dito anteriormente. Mas além das dificuldades inerentes a esse processo, e isso não é fácil, pois implica em desenvolver um estilo próprio de me expressar, por mais de perto que eu siga o modelo de uma *tradição*, a combinação de palavras, o vocabulário e a forma como construo as sentenças do meu texto acabam por definir um estilo que deve ser único e que pode agradar a alguns e desagradar outros. Eu estou certo?

P5

Pelo menos quanto a isso, eu não posso dizer que você esteja errado.

André Barboni

Pois bem. Como eu estava dizendo, a *Nova Era* não será a chegada de um tempo de plena felicidade, como alguns imaginam, mas um tempo em que os “lobos” serão afastados dos “cordeiros”. Ou seja, um tempo em que a *lógica de dominação* não faz mais *sentido*. O fato de só ficarem os “cordeiros”, porém, não quer dizer que todos tem que se deixar conduzir como um rebanho por um pastor, por melhor que ele seja. Essa separação do joio do trigo só nos dá condições de respirar livremente para crescermos individual e coletivamente nos ajudando uns aos outros de forma sincera. Quando um professor chama a atenção do aluno para a questão do plágio e o força a vencer suas limitações e produzir um texto com suas próprias palavras, ele o está estimulando a promover esse esforço salutar de auto-crescimento. Esse é o trabalho de quem, verdadeiramente, nos quer ajudar.

A7

Então, André, a *Nova Era* representa um tempo em que esse tipo de solidariedade se torna mais comum e onde procuramos as fraquezas das pessoas, não para tirar algum tipo de vantagem mesquinha, mas para ajudar essas pessoas a se melhorarem?

André Barboni

Eu diria que é justamente isso que devemos esperar, cada vez mais, desta *Nova Era* tão almejada por muitos e a tanto tempo anunciada.

P2

E como fica a *Filosofia* nessa *Nova Era*?

André Barboni

Ela precisa ser *não-dogmática* e é preciso que entendamos que ela está no mesmo nível da *Ciência*, da *Religião* e da *Arte* em termos de importância e produção de *conhecimento*. Qualquer distinção que façamos que, de certa forma, a coloque acima das demais irá afetar o equilíbrio que deve existir entre elas. Na *Nova Era* o homem integral deve ser buscado com todo afinco, para que isso se dê, *razão*, *intuição*, *sentimento* e *sensação* são forças que precisam estar em equilíbrio dentro deste homem.

A8

Mas, André, não se pode colocar a *Filosofia* no mesmo nível das demais, nem se pode deixar de valorizar a *razão* e colocá-la no mesmo nível da *sensação*, do *sentimento* e da própria *intuição* como você tanto defende.

André Barboni

E por que não? Que diferença há entre *Ciência* e *Filosofia* a ponto de você dizer que esta última merece ser mais valorizada que a primeira?

A8

Para começar a *Filosofia* prova e a *Ciência* comprova...

André Barboni

Espere aí, não tem isso da *Filosofia* provar alguma coisa. A *Filosofia* não prova coisa alguma. O máximo que ela faz é chegar a uma conclusão, dado uma sequência de raciocínios que foi formulada a partir de algumas premissas, mas provar, ela mesma, não prova coisa alguma, pois se provasse não haveria mais discussão, e o que não falta na *Filosofia* é discussão e questões que nunca serão fechadas.

A8

André, você está confundindo provar com chegar a *verdade*?

André Barboni

Se você prova você chega à *verdade* dos fatos, ou então, você não provou.

A8

Mas não é bem assim que a prova em *Filosofia* funciona...

André Barboni

Porque ela não é prova, pelo menos não no *sentido* forte que a palavra “prova” tem. A prova em *Filosofia* se dá por uma argumentação que depende de pressupostos. Sempre há algum tipo de pressuposição, sempre se parte de algo que se considera verdadeiro. Como sempre se pode questionar a veracidade desses pressupostos, sempre se pode por em xeque a tal prova.

A8

Mas e a *Lógica*?

André Barboni

A função da *Lógica* não é provar, mas nos fornecer um auxílio para as nossas deliberações. Nós estudamos em “Lógica I” as estruturas das proposições e os silogismos categóricos de Aristóteles. Eu até fiquei empolgado e fiz um estudo que apresentei, no final do primeiro semestre, em um seminário onde o professor André Nascimento também fez uma apresentação baseada em um texto do professor João Carlos Salles Pires (1991).

P2

Eu me lembro daquele seminário.

André Barboni

Pois bem, naquela época eu estava empolgado e, ao mesmo tempo, frustrado com a maneira, um tanto complicada, com que o livro-texto do Copi (1978, p.173-183) apresentava os *diagramas de Venn* para testar os silogismos. Eu tinha aprendido no meu ensino fundamental uma outra maneira de representar conjuntos que eu descobri, mais tarde, ter sido criada por Euler. Também procurei outras fontes bibliográficas que tratavam a *Lógica Formal* e me deparei com o trabalho de Mundim (2002), na Internet.

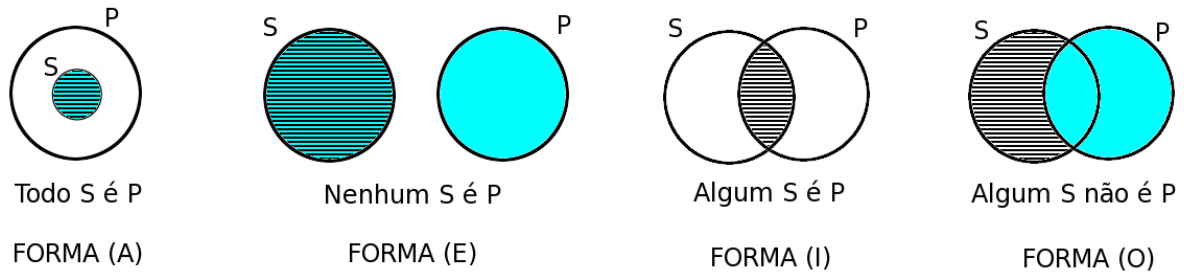
P2

Certo! E o que este trabalho lhe revelou?

André Barboni

Entre outras coisas, eu descobri que a *Lógica Formal* é definida como “a ciência das leis do pensamento e a arte de aplicá-los corretamente na procura da verdade” (MUNDIM, 2002) e é construída em cima de regras que permitem verificar se um determinado argumento dedutivo é válido. Para isso, constrói-se um argumento composto de duas premissas e uma conclusão, onde cada uma destas sentenças é composta de um quantificador (universal-particular)/qualificador (afirmativo-negativo) (Q), um sujeito (S), um conectivo ou verbo (C) e um predicado (P). As expressões assim construídas podem ser escritas de quatro formas diferentes: (A) – universal afirmativa; (E) universal negativa; (I) particular afirmativa e; (O) particular negativa. As sentenças universais distribuem o sujeito e as negativas o predicado (Figura 5).

Figura 5 – Representação gráfica das quatro formas de Expressões Categóricas – Diagramas de Euler.



Obs.: Em azul estão representados os elementos que se distribuem.

P2

Certamente a forma de representação é diferente da que vimos no Copi (1978).

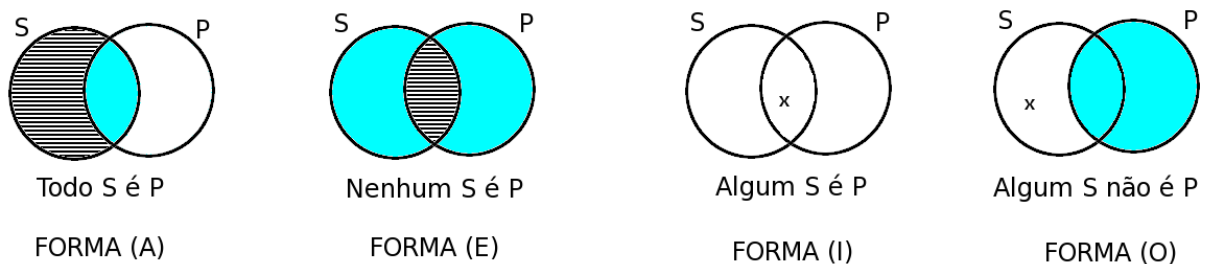
A1

Mas eu não entendi, André. Você pode explicar essa diferença?

André Barboni

Claro que sim. Acho que a forma mais fácil é a gente reconstruir a figura 5 nos moldes como ela ficaria se fosse utilizada a maneira de representação do Copi (1978). Assim, na figura 6 procuramos representar as mesmas situações.

Figura 6 – Representação gráfica das quatro formas de Expressões Categóricas – Diagramas de Venn.



Obs.: Em azul estão representados os elementos que se distribuem.

A1

Ainda não ficou claro para mim.

André Barboni

Observe como é bem mais simples do que parece. Primeiro, você precisa se lembrar que a proposição, na *Lógica Formal* de Aristóteles, pode ser *universal* ou *particular*. Tudo bem?

A1

Tudo bem.

André Barboni

Por sua vez, as proposições também podem ser afirmativas ou negativas. Assim, existem apenas quatro combinações dessas opções: 1- *universal afirmativa* (forma “A”); 2- *universal negativa* (forma “E”); 3- *particular afirmativa* (forma “I”) e; 4- *particular negativa* (forma “O”). Na representação gráfica escolhida por Copi (1978), representa-se os dois conjuntos se interceptando e hachura-se aquilo que se quer eliminar. Assim, quando eu digo “Todo S é P”, devo hachurar todo elemento de S que não é P e, desta maneira, obtenho a forma (A) da figura 6 e se repetir o mesmo procedimento para a *universal negativa*, obtenho a representação da forma (E) da figura 6, mas para as particulares, devo representar o termo “algum” por um “x”. O “x” pressupõe a existência deste “algum”. É daí que virá parte da confusão a que eu me refiro.

P2

Eu suponho que você vai explicar isso daqui a pouco.

André Barboni

Evidentemente que sim, mas continuemos. Quando eu digo que “algum S é P”, basta colocar o “x” na intersecção de S e P e quando eu digo que “algum S não é P”, basta colocar o “x” na parte que representa o conjunto S que não tem elementos de P. Mas note que na representação que eu aprendi na minha escola, lá em Ribeirão Preto, proposta por Euler, há uma significativa modificação na forma como se apresentam as proposições universais e hachura-se sempre o que se afirma. Não existe esse tal de “x” e a hachura não elimina a possibilidade do conjunto hachurado ser vazio.

A1

E a parte pintada em azul claro?⁷⁴

André Barboni

Por enquanto, faça de conta que a figura não foi pintada. Tudo bem?

⁷⁴ Vide o termo *distribuição* no Glossário.

A1

Tudo bem!

André Barboni

Então, o problema começou a aparecer quando eu comecei a procurar pelos silogismos categóricos válidos que, se você se lembra, é definido como sendo *um raciocínio que, a partir de duas proposições categóricas verdadeiras, leva, necessariamente, a uma conclusão categórica verdadeira*. Assim, cada silogismo categórico só possui três termos distintos: um termo médio (M – ocorre uma única vez em cada premissa) e dois extremos (S – sujeito da conclusão que ocorre uma vez em uma das premissas) e (P – predicado da conclusão que ocorre uma vez na outra premissa). Ou seja, cada silogismo categórico é constituído de três enunciados categóricos onde o termo médio (M) aparece, uma vez, como sujeito ou predicado de cada uma das premissas; o sujeito da conclusão (S) aparece como sujeito ou predicado de uma das premissas e o predicado da conclusão (P) aparece, também, como sujeito ou predicado da outra premissa.

A1

Certo. Até aqui, você não disse nada que não esteja no nosso livro-texto de Lógica I.

André Barboni

Desta forma, existem 512 combinações possíveis dos termos médio (M) e extremos (S e P) utilizando as quatro formas categóricas (A, E, I e O), mas para *saber* se são válidas eu apliquei as três regras de validação descritas por Mundim (2002): 1. O termo médio (M) está distribuído exatamente uma vez; 2. Nenhum termo extremo (S-P) pode estar distribuído apenas uma vez; 3. O número de premissas negativas deve ser igual ao número de conclusões negativas. Qualquer silogismo categórico que deixasse de obedecer a uma destas regras não seria válido.

A1

Se eu me lembro bem dos meus estudos de *Lógica*, não são essas as regras que o Copi (1978) se vale.

André Barboni

De fato, não são, o Copi (1978, p.183-191), trabalha com seis regras, ao invés de três: 1- um silogismo categórico válido deve conter exatamente três termos, cada um dos quais deve ser usado no mesmo *sentido* durante todo o raciocínio ou argumento; 2- num silogismos categórico válido de forma típica, o termo médio deve estar distribuído em, pelo menos, uma das premissas; 3- num silogismo categórico válido de forma típica não pode haver na conclusão qualquer termo distribuído que não esteja também distribuído nas premissas; 4- nenhum silogismo categórico de

forma típica que tenha duas premissas negativas é válido; 5- Se uma ou outra das premissas de um silogismo categórico válido de forma típica é negativa, a conclusão deve ser negativa; 6- *nenhum silogismo categórico válido de forma típica com uma conclusão particular pode ter duas premissas universais*. No entanto, eu notei divergências entre o que eu encontrei quando testei a validade dos silogismos pelos diagramas e usando as regras e isso me pôs a pensar.⁷⁵

A1

Que tipo de diferença você encontrou?

André Barboni

Vejam os exemplos que exemplificam bem o que eu quero dizer. **Barbara (AAA)** é um silogismo que ninguém questiona a validade, mas **Barbari (AAI)** – um silogismo categórico de forma típica que eu considero válido, embora fira frontalmente a sexta regra do Copi (1978) que eu destaquei. Porque eu posso dizer: todo mamífero é um animal; todo homem é mamífero; portanto, todo homem é animal, mas não posso dizer: todo mamífero é um animal; todo homem é mamífero; portanto, algum homem é animal? Por que se minhas premissas me permitem concluir que todo homem é animal, eu não posso dizer que algum homem é animal?

P2

Porque “algum” pressupõe a existência e o artigo do João Carlos Salles Pires (1991) mostra como essa diferença sutil pode nos levar a um pensamento falacioso.

André Barboni

Mas a solução não está aí, mas no fato das pessoas se esquecerem que afirmações como: “todo mamífero é animal”, “todo homem é mamífero” e, mesmo, “todo homem é animal”, inclusive quando essa proposição é derivada de um raciocínio lógico ou até mesmo uma definição, não se pode garantir que elas correspondam à *verdade*. Se tenho isso em *mente*, posso simplesmente resolver a questão adicionando a palavra “se” antes de qualquer premissa.

P2

Como isso resolve o problema?

André Barboni

Vejam. **Se** todo mamífero é animal e **se** todo homem é mamífero, então, eu posso dizer que todo homem é animal. Isso é lógico e atende à todas as regras que enunciamos, mas **se** todo homem é animal é verdadeiro, diz o senso comum que, então, deve haver algum homem que seja animal. A pressuposição dessa existência já está na palavra “se”.

⁷⁵ No Apêndice B se encontra os silogismos categóricos válidos que encontramos.

P2

E você acha que reconhecendo esta pressuposição o problema se resolve?

André Barboni

Claro, pois se a condição de todo homem ser animal não for confirmada, pode ser que algum homem não seja animal, ou que algum homem ser animal implique em um conjunto vazio, ou qualquer outra coisa, pois sobre algo que não é verdadeiro não se pode afirmar nada a não ser que esse algo não corresponde à *verdade*. Portanto, é uma tremenda perda de tempo e *energia* ficar discutindo se tem *sentido*, ou não, lidar com a questão de se o atual rei da França é careca dado que os fatos mostram que a França, não tem mais um rei.

P2

Mas essa é uma discussão rica e muita gente de talento já se debruçou sobre ela.

André Barboni

No entanto, observe que parece que eles ficaram andando em círculos e não atingiram os objetivos a que se propunham. A razão disso é que esses objetivos não podiam ser alcançados pelo fato deles quererem que a *Lógica* fosse algo que ela não é.

P2

Como assim?

André Barboni

Certamente a *Lógica* não é um amontoado de fórmulas para as pessoas ficarem brincando de substituir palavras para formar frases que podem ou não ter *sentido* e/ou *referência*.

P2

Nisso eu concordo contigo.

André Barboni

A *Lógica* também não está destituída de uma certa relação com o *mundo real*. Na realidade ela é feita para lidar com esse *mundo real*. Ela mostra o seu valor na contingência. Ela pode ser um poderoso aliado no processo de *deliberação* e produção do *conhecimento*, mas ela tem os seus limites que precisam ser conhecidos e respeitados. Não se prova nada pela *Lógica*, pode-se apenas verificar a coerência de um raciocínio dado **certas condições**. Somente isso, e não que isto não seja importante, muito pelo contrário, mas não podemos e não devemos achar que só porque há coerência que estamos com a *verdade*. Você pode encontrar coerência em tudo o que eu disse até agora, mas não há qualquer garantia de que tudo isso seja *verdade*.

A8

De fato, eu concordo com algumas coisas que você disse, outras eu tenho minhas dúvidas, no entanto, continuo discordando de outras, apesar do raciocínio coerente que você apresentou.

André Barboni

É por isso que eu espero que você há de convir que a *Filosofia* nada prova. Se fosse assim, Tomás de Aquino provou que *Deus* existe. Você poderia dizer que, como ele pertencia a uma ordem religiosa, a sua prova não seria uma prova verdadeiramente filosófica, mas Descartes também tem lá a sua prova, que ele afirma, categoricamente, se guiar pela via filosófica e muitos chegam a dizer que até reconhecem o mérito da sua tentativa, mas que não é lá uma prova muito boa. Não é boa por que? Porque se fundamenta na *causalidade*? Que Hume questiona? Ou porque depois de Darwin temos a impressão de que, finalmente, podemos tirar *Deus* da equação do surgimento e da diversidade da vida em nosso planeta?

P5

André, certamente estas conexões que você faz geram questionamentos interessantes. Eu não tinha pensado ainda sobre isso! Evidenciar que toda proposição pode estar errada pode evitar que incorramos no erro de concluir coisas que não tem sustentação na realidade.

André Barboni

Como, por exemplo, achar que: “a *Filosofia* prova e a *Ciência* comprova”; “a *Filosofia* é mais importante que a *Ciência*, porque todas as *ciências* derivam e devem pagar tributo a ela”; “a Bíblia, o Alcorão, ou qualquer outro livro religioso contém a *verdade* revelada por *Deus*”; “somente o conhecimento científico é verdadeiro”; “somente a Europa ou o hemisfério norte consegue pensar e *fazer filosofia*”; “alguém é capaz de dizer o que é *arte* e o que não é *arte*”; “aquilo que não se pode medir ou refutar não é objeto de estudo da *Ciência*”; “do que não se pode falar, deve-se calar”; “*Deus* não existe”; “*Deus* existe”; etc.

TUMULTO GERAL...

André Barboni

Calma pessoal! É evidente como essa “**verdade**” mexe com todos nós. Eu não quero sair daqui debaixo de pedras nem de vaias, só peço para que vocês reflitam e vejam que tudo pode ser questionado. Faz todo *sentido* esse questionar, principalmente, com relação àquilo que nos é mais sagrado. Eu não estou querendo abalar a *fé* de ninguém, nem estou querendo fazer proselitismos e convencer quem quer que seja a pensar como eu penso. Muito, pelo contrário, tudo o que eu reivindico é o direito de *pensar-por-mim-mesmo* e expor minhas ideias e discuti-las abertamente para que eu mesmo possa melhorá-las com as contribuições obtidas.

P3

Mas, André, ao colocar tudo sob suspeita você não está seguindo o caminho dos *sofistas* que, pelo que eu entendi até agora, você quer evitar?

André Barboni

Obrigado, professor, por me lembrar de esclarecer bem este ponto. O *sofista* é um pensador inteligente e habilidoso, mas que não tem compromisso com a *verdade*. Ele coloca nossas certezas em cheque, não para nos ajudar, mas para auferir vantagens que satisfaçam os fins egoístas que sua *mente astuta* acha que consegue dissimular. Os *filósofos* socráticos já haviam percebido isso e, Platão principalmente se empenha em denunciar suas intenções e combatê-los com *energia*. Creio que poderíamos dizer, até, que Aristóteles “inventou” a *Lógica Formal* para ajudar nesta luta.

P2

Isto parece um exagero!

André Barboni

Pode até ser, mas tem lá o seu *sentido*. Mas, continuando... O *filósofo*, na minha modesta opinião, se diferencia eminentemente do *sofista* por duas coisas: 1- pelo compromisso que possui para com a *verdade*; 2- por pautar sua vida pelo caminho do *justo*. Não existe *filósofo teórico*. *Filósofo* que não pratica aquilo que fala e acredita, não é *filósofo*. Esta é uma boa regra para se reconhecer um *sofista*. Falou e não agiu coerentemente, não é *filósofo*, no máximo *sofista*.

P3

Mas se o *filósofo* é aquele que tem compromisso com a *verdade*...

André Barboni

Então, ele deve por em xeque tudo o que alguém parece ter certeza, não para obter algum tipo de vantagem mesquinha, mas para verificar se de fato existe alguma *verdade* ali. Pois, o seu apetite pela *verdade* é insaciável e deve permanecer assim. Essa fome que nunca se esgota precisa ser constantemente alimentada, pois sempre que se acha saciada se engana e nos conduz à atitudes que nos envergonham.

P3

Mas, então, como poderíamos produzir *conhecimento* se nunca chegamos a uma *verdade*?

André Barboni

Não chegamos à *verdade*, mas temos uma noção do que possa ser essa *verdade*.

P3

Apenas uma noção?

André Barboni

Devemos ser humildes. A certeza conduz à arrogância que é perigosa. Se admitimos que temos apenas uma noção, por melhor que ela seja, ainda assim, uma noção. Então, estaremos sempre abertos para investigar o mundo de possibilidades de melhorarmos o nosso modelo de *verdade*. Não cristalizamos aquilo que deve permanecer fluido e nos mantemos abertos ao diálogo. A certeza, produz a arrogância que leva ao fanatismo seja ele religioso, artístico, científico ou filosófico ele não deixa de ser algo que fará com que, mais cedo ou mais tarde, nos envergonhemos e lamentemos nossas ações. Essa é a mensagem que eu quero deixar para vocês. OBRIGADO A TODOS PELA OPORTUNIDADE.

A2

Com isto, André, creio que neste tipo de evento, TODOS SAEM GANHANDO.

A1

E vamos ver se no próximo a gente traz mais bolo de tapioca. Essa torta do “Maná do Céu”, também não pode faltar.

A5

Nem se fala, realmente ela estava uma delícia. Eu só fico com pena de quem vai trazer o assunto, pois é o que menos come.

Suzi Barboni

André... André... Acorde! Já está na hora da gente ir para UEFS. Estamos atrasados!

André Barboni

O que? Como? Foi um sonho??? Mas, estava tão bom! Finalmente eu ia comer um pedaço da torta que a A7 reservou para mim...

Suzi Barboni

Quem é essa tal de A7?

André Barboni

Uma amiga, a gente estava em um café filosófico lá no CRIS, a discussão e o clima de amizade estavam tão bons, que eu não queria mais que terminasse. Quem sabe a gente não pode por em prática essa ideia. Vou falar com o A1 e com a A2...

3 DESENVOLVIMENTO SINTÉTICO

3.1 A IMPORTÂNCIA DE *PENSAR-POR-SI-MESMO*

O que é *Filosofia*? *Amor à Sabedoria*? E o que é *amor*? Algo que nos liga intimamente a alguém ou alguma coisa? Nesse caso à *Sabedoria*? Restaria, então, investigar: o que seria essa tal de *Sabedoria* afinal? Sempre que começamos a *entender* “o que a *Filosofia* é?” caímos nessa questão. O que os antigos gregos entendiam por *Sabedoria* quando forjaram o termo “filosofia”? *Sabedoria* é o quê? Será que ela tem a ver com *verdade*? É *sábio* quem sempre diz a *verdade*? O que é a *verdade*? Podemos *conhecer* a *verdade*? Existe uma *verdade* absoluta? Ou será que *sabedoria* ter a ver em encontrar o caminho certo, a seguir, sempre que se está diante de um dilema? De qualquer tipo de dilema? Como podemos *saber* se fizemos a escolha certa? *Sábio* é aquele que conhece? Que conhece mais? Como adquirimos *conhecimento*? Será que todo *conhecimento* conduz à *sabedoria*? O que é *conhecer*? *Conhecer* é o mesmo que *compreender*? Quem somos nós? De onde viemos? Para onde vamos? Que relação temos com o *mundo*? O que é o *mundo*? Isso que pensamos ser o *mundo* de fato existe ou é algo que imaginamos em nossa *mente*? O que vem a ser a *mente*? Algo material? Algo que é simplesmente fruto e pode ser explicado pela *matéria*? Algo imaterial? Incorrutível? Perfeito? Imperfeito? Que sempre existiu? Que foi criado? Como? Onde? Quando? Por quem? Ou por quê? Quantas questões mais podemos fazer? Estas são questões filosóficas? Certamente que sim. Mas tem, ou terá algum dia, a *Filosofia* alguma resposta definitiva para elas? Eu acredito que não.

Creio que é por aqui que devemos começar se pensamos em *Filosofia*. Será que ainda é possível filosofar? Pode um brasileiro filosofar? Ou somos um tipo de subespécie que o excesso de miscigenação com “povos inferiores” tornou impossível dizer que somos dignos de pertencer à raça humana? Absurdo? Certamente. Mas, então, o que nos impede de filosofar? Por que um país que está destinado, de acordo com algumas previsões, a ser a segunda maior economia do *mundo*, atrás apenas da China e a primeira do *mundo ocidental*, não pode produzir *filosofia*? Como poderemos ocupar um lugar de destaque tão grande no nosso planeta, com os olhos do *mundo* voltados para nós, e não sermos capazes de *pensar-por-nós-mesmos*?

Será que isso tem a ver com o caminho que escolhemos para *fazer filosofia*? Com o “estruturalismo”? Será que escolhemos um bom caminho? Este é o caminho certo que devemos seguir? Ele nos leva a *pensar-por-nós-mesmos*? Ou nos mantém em um estado de eternos colonos? Dependentes de alguém mais preparado? Melhor, mais digno e merecedor da atenção

do nosso pai (ou nosso Pai)? Daquele que nos gerou nesta terra de filhos bastardos de uma mãe generosa que nunca foi, ou será, digna de ser comparada à Europa. Será que a nossa inferioridade está impregnada em nosso DNA? Ou isso é apenas mais uma estratégia para continuarmos a ser explorados? Uma forma de manter sob controle a mentalidade de um povo que ao começar a *pensar-por-mim-mesmo* pode ser livre?

Eu sempre me incomodei com a baixa autoestima do povo brasileiro. Eu simplesmente me recuso a aceitar que é assim que tem que ser. Que sempre foi e sempre será desse jeito. Eu também nunca gostei dos rótulos que as pessoas dão para tudo e todos. Não acho que eles dizem o que de fato isto tudo é. Creio que eles são o primeiro passo que se pode dar no sentido de diminuir e controlar aquilo que não deve ser diminuído e controlado.

É por essa e outras razões que eu entendo que não devo seguir o caminho que me foi apontado para *fazer filosofia*. Não creio que o *Estruturalismo* ou qualquer outra corrente, ou técnica, filosófica seja adequado para eu me enquadrar e *fazer filosofia*. Acho que esta não é uma boa forma de se começar. Também não é um bom caminho para se trilhar por algum tempo. Não é um caminho que me agrada e que eu pretenda seguir. Simplesmente porque não é um caminho que me permita *pensar-por-mim-mesmo*.

Pensar-por-mim-mesmo, é o que me possibilita sair do círculo vicioso de dominação que me querem impor. Quem não *pensa-por-si-mesmo* se torna dependente de quem ousa fazê-lo. Eu não quero adquirir essa independência para controlar aqueles que se deixam conduzir como gado. Esta é uma ideia que, certamente, não me agrada. Ouso pensar que o *mun*do não se divide em dominados e dominadores, mas tenho que reconhecer que é assim que a maioria pensa. Eu não quero fazer parte desta maioria. Não gosto dos frutos que este tipo de conduzir as coisas produz. Prefiro pensar que o copo está meio cheio e nunca que está meio vazio. Pauto minha vida em algo mais positivo, em uma certeza interior, de que deve existir algo de bom dentro de mim que me torna capaz de superar as minhas limitações e os obstáculos que a vida me impõe.

Se o *mun*do foi sempre assim, eu não sei. Só sei que se eu fizer como a maioria e não procurar por uma alternativa diferente, o meu *mun*do não será diferente. Ser diferente parece ser algo ruim. Todos querem ser iguais, pertencer ao grupo que se mostra hegemônico. Será que isso é bom? A “Lei de Linus” nos fala que o lugar que ocupamos na nossa vida social é algo tão importante para nós que, tal como acontece com a diversão e a sobrevivência, somos capazes de matar e morrer por ele (TORVALDS; DIAMOND, 2001). Esteja isto certo, ou não, eu prefiro morrer a deixar de acreditar que o *mun*do pode ser diferente e melhor se nós reconhecermos e começamos a amar as nossas diferenças. Que é possível existir um tempo no qual as pessoas se respeitem e se relacionem sem que a *vontade* de um tenha que se subordinar à *vontade* de outro.

Sapere aude é o lema que Kant (2005) nos legou, em 1784, com o seu artigo “*Was ist Aufklärung?*”. É esse lema que eu adoto para ousar *pensar-por-mim-mesmo* e dar também o meu grito de liberdade: “Independência ou morte”. Não se pode, como diria Hobbes (2002), dar garantias ao vencedor de que sua *vontade* será obedecida por quem prefere a morte a se submeter a ela. Se eu não me submeto a essa *vontade* posso ser livre, se submeto-me já estou morto.

Este tipo de morte, em que nos transformamos em uma espécie de zumbis, me tira a condição humana de *pensar-por-mim-mesmo*. Quando se perde isto, tudo o mais não faz *sentido*. A nossa história mostra bem como foram eficientes nossos colonizadores em garantir esta condição que o grito do Ipiranga ainda não conseguiu apagar. Apesar do tempo que se passou, ainda vivemos como no tempo do Brasil colônia, buscando um senhor que nos diga o que fazer, como nos comportar. E, esse senhor nunca reconheceu em nós alguém semelhante a ele, alguém digno de respeito e capaz de grandes realizações. Até quando vamos acreditar neste engodo?

Basta, já é hora de romper com esta mentalidade. Precisamos de uma *Filosofia* com efe maiúsculo. Precisamos mostrar ao *mundo*, de uma vez por todas, que não é só no futebol que podemos ser grandes. Nossas esposas, nossas irmãs e nossas filhas não são prostitutas e nós não somos seus gigolôs. Nossas riquezas são nossas para delas fazermos o que quisermos. Delas queremos e temos todos os direitos de usufruirmos. Não queremos ser explorados. Relações deste tipo não nos interessa. Também não queremos ser exploradores. Há formas mais saudáveis de relacionamento em que todas as partes ganham. São estas que nos interessam. É este o caminho que eu quero trilhar. Se você está incomodado com o que eu disse aqui, então, você não é meu amigo. Meus amigos desejam a minha felicidade, o meu bem.

Eu não preciso de inimigos. Ninguém, em sã consciência, os quer. Não gosto de brigas. Sou um homem de paz, mas se você não consegue me respeitar, então, vamos à luta. *Sapere aude* é a minha bandeira. Toda mudança começa com uma ideia, é tudo o que se precisa para começar. Esta é uma ideia altamente contagiosa. Ouso abrir a caixa de Pandora, quero que esta doença de espalhe pelo *mundo* como uma pandemia que ninguém possa controlar e que a todos infecte de maneira irreversível. Se todos *pensarem-por-si-mesmos*, então, será impossível que alguém consiga impor a sua *vontade* e nos dominar. Um novo modelo terá que ser pensado para esta *Nova Era* que virá. Há muito ela é anunciada. Já passou da hora dela acontecer. Isto lhe amedronta? Que bom! Fique mesmo com medo. Se acovarde. Apele. Use todas as suas armas, as melhores e as piores, as mais sórdidas. Eu não tenho medo delas, nem da sua estratégia mesquinha. Das suas baixezas, elas não tem *efeito* sobre aquele que não teme a morte. Qualquer tipo de morte. A minha busca por *saber* me conduziu a um tipo de *verdade* que me libertou do medo que me aprisionava.

Se eu, que nada sou, posso isso, todos também o podem. Esse é o grande perigo de não ser “estruturalista”. De não seguir esse modelo para “filosofar”. Pensar faz parte da nossa essência, pode nos colocar em grande perigo, poder ser a causa da nossa *queda*, mas também é o caminho para a nossa maioria e a nossa liberdade. O modelo “estruturalista” inibe a nossa criatividade. Não se pode filosofar seguindo esse modelo. Alguém, em sua consciência duvida disto? História da *Filosofia* não é *Filosofia*. Comentarista e/ou tradutor não é *filósofo*. Não existe *filósofo* que não tenha ousado *saber*. Não existe *filósofo* que não tenha se arriscado. Quem não *pensa-por-si-mesmo* não é *filósofo*.

Eu não vim ao Curso de Filosofia da UEFS para me especializar neste ou naquele autor. Muitos se comprazem nisto, eu não os recrimino. Acho que cada um tem o direito de fazer as suas escolhas, eu respeito isto. Acho que cada um tem o seu tempo e o seu ritmo, essa é uma coisa que eu não quero e nem posso mudar. Mas eu quero ter o meu direito de *pensar-por-mim-mesmo* respeitado. Corro o risco de errar? Com certeza que sim. Vou errar? É claro que sim. E por que não erraria? Dizem que errar é humano. Qual o problema de errar? As pessoas vão “mangar” de mim. Que manguem. Isso não as tornam melhores, muito pelo contrário, só muda o foco das atenções para que o *mundo* não perceba toda a fragilidade que se esconde por trás das suas máscaras.

É preciso que eu saia da minha *menoridade* se quiser adentrar o *mundo adulto*. É preciso me livrar das minhas máscaras e encarar o espelho da *verdade* sem desviar o olhar. É preciso que eu goste da minha imagem refletida neste espelho e isto só será possível se eu me aceitar como o que de fato eu sou. Com todas as minhas limitações e qualidades. Se eu parar de me preocupar com as opiniões dos outros e escutar a voz que clama do meu interior serei capaz de grandes realizações. O impossível só é impossível até que alguém o faça. Muitos já o fizeram antes de mim, nenhum deles era perfeito, nenhum deles mais deus do que eu mesmo sou. Todos erraram, e daí, reconhecer isso só me dá forças para encarar os meus erros com tranquilidade. Errar é humano, mas persistir no erro é burrice. Tudo o que eu preciso é *saber* reconhecer os meus erros, humildade para admiti-los e coragem para consertá-los.

Pensar-por-mim-mesmo, certamente não pode ser uma decisão equivocada. Nem é equivocado buscar *fazer filosofia* em um Curso de Graduação em *Filosofia*. Se o curso fosse de graduação em História da *Filosofia*, eu não diria nada. Mas o curso é de *Filosofia*. Portanto, uma forma de pensar que me impede de filosofar não pode ser utilizada como parâmetro para me avaliar em um Curso de *Filosofia*, pois isso sim, seria um verdadeiro *anacronismo*, no sentido em que o pensamento do autor é distorcido pela visão dessintonizada do leitor. Sobre este aspecto não há mais o que dizer.

3.2 CONHEÇA-TE A TI MESMO

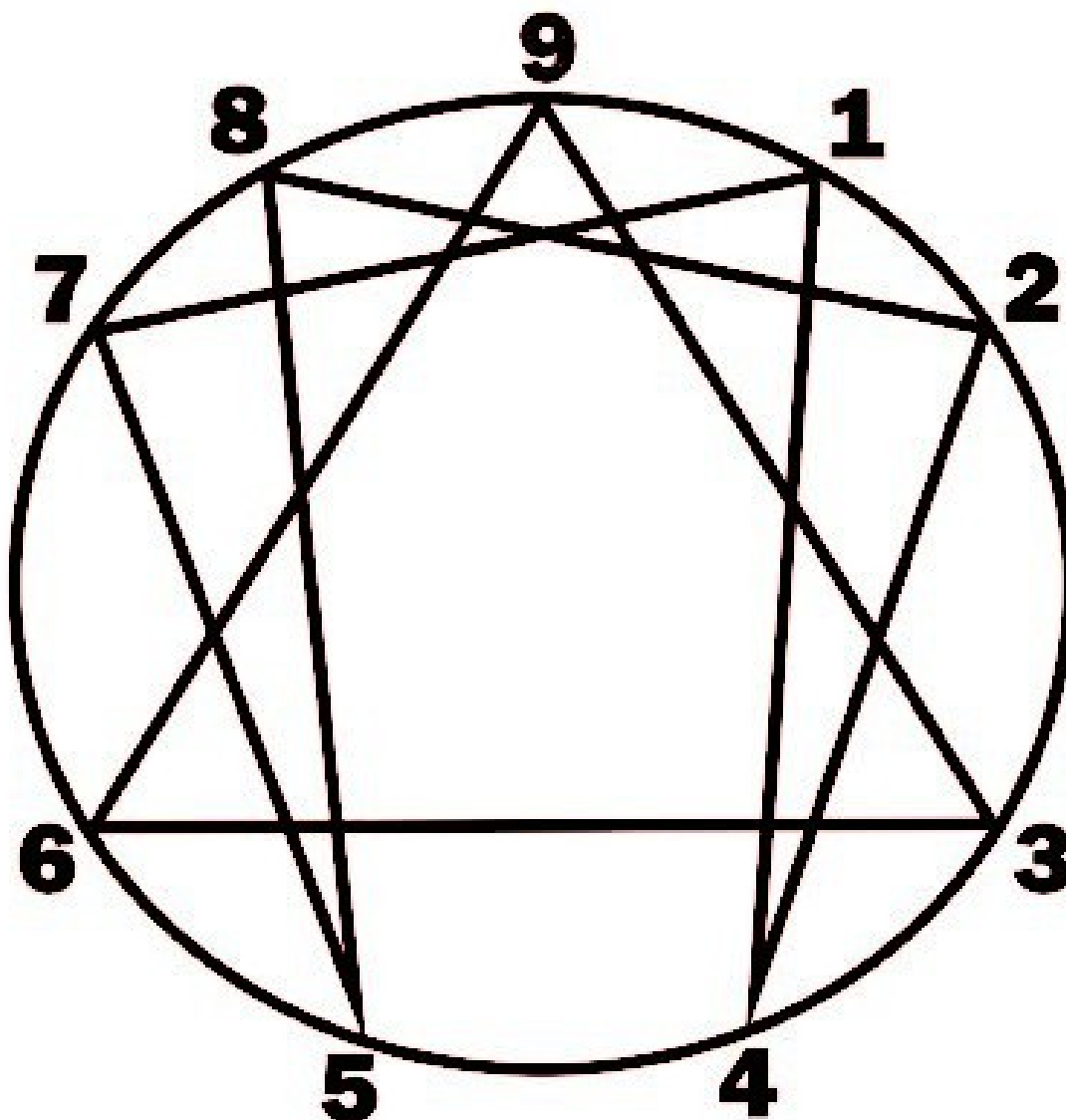
Como eu disse, o que me interessa é poder sair da minha *menoridade* e encarar a vida adulta como gente grande. Devo olhar frente a frente para o espelho da *verdade*, sem máscaras, sem desviar o olhar e mirar a imagem refletida e gostar do que vejo. Para isso, creio que a *Filosofia* me é fundamental na medida em que ela me proporciona encontrar e reconhecer o verdadeiro caminho da *sabedoria*. O caminho de crescimento e *evolução* que é revelado para aqueles que se mostram dignos de encontrá-lo.

Só pode segui-lo quem é coerente consigo mesmo. O autoconhecimento tem um papel importante neste processo. “Conhece-te a ti mesmo” era a inscrição na entrada o templo de Delfos. Já dizia Sun Tzu (2006, p. 60): “Conhece-te a ti mesmo, conhece teu inimigo. Tua vitória jamais correrá risco. Conhece o lugar, conhece o tempo. Então, tua vitória será total”. Isto parece ser verdadeiro tanto na guerra quanto na paz.

De Pietro Ubaldi herdamos os tipos biológicos: *forte*, *astuto* e *justo*. Eles nos ajudam a *compreender* três lógicas distintas de pensar e agir, três formas que usamos em diferentes situações e que devemos *compreender* se queremos trilhar pelo caminho da *sabedoria*. O verdadeiro *sábio*, o *filósofo*, se pauta pela *lógica do justo* que já entendeu que o *egoísmo* em excesso só produz *dor* e sofrimento. Um *mundo* de explorados e exploradores nunca poderá ser feliz. Somente uma *lógica altruísta* pode salvá-lo desse destino e para isso é preciso ser e não só parecer *justo*. Este tipo de pensamento também norteia a filosofia platônica.

Pierre Weil (1993) buscou em Jung inspiração para compor a sua *matriz de fragmentação do conhecimento* que trabalha com os tipos psicológicos: *científico*, *filosófico*, *religioso* e *artístico*. Tal como os tipos biológicos de Ubaldi eles também se misturam, o que quer dizer que cada um de nós possui as características de cada um destes tipos, em maior ou em menor grau, e as utilizamos predominantemente de acordo com a situação que estamos vivenciando. O homem integral só será integral se conseguir desenvolver e equilibrar cada uma das suas potencialidades. Assim, *razão*, *intuição*, *sentimento* e *sensação* precisam ser trabalhadas e receberem igual atenção. Quem hipertrofia uma parte e hipotrofia a outra acaba gerando um “monstro” que precisa usar mascara, pois não consegue (ad)mirar a sua imagem refletida no espelho da *verdade*.

Há inúmeras formas de se classificar e *compreender* a natureza humana a partir de (arque)tipos especialmente identificados por *mentes* privilegiadas que estavam e estão a frente do seu tempo. Uma que vale apenas citar e que não foi tratada neste trabalho é a que nos é legada pela sabedoria do *eneagrama* (vide figura 7). Um *conhecimento* milenar, cuja origem não está bem definida, mas que foi redescoberta recentemente.

Figura 7 – Representação básica do *Eneagrama*.

O espaço que ainda disponho para falar o que eu tenho de falar não é suficiente para tratar devidamente deste assunto. Talvez eu o possa fazer futuramente em um trabalho mais apropriado, mas fica algumas sugestões de leitura para quem se interessar são elas: “Eneagrama para Líderes: autoconhecimento e maturidade para o desenvolvimento de sua liderança” de Nicolai Cursino (2013); “A espiritualidade do eneagrama” de Andreas Ebert (2011); “A sabedoria do eneagrama: guia completo para o crescimento psicológico e espiritual dos nove tipos de personalidade” de Don Richard Riso e Russ Hudson (2011); “O eneagrama: as nove faces da alma” de Richard Rohr e Andreas Ebert (2010) e; “A dimensão espiritual do eneagrama: as nove faces da alma” de Sandra Maitri (2010). Espero que a leitura seja proveitosa para você como tem sido para mim.

Tudo o que eu posso adiantar é que encontrei uma provável conexão entre a *sabedoria* milenar do *eneagrama* e a obra “Fedro”, de Platão (248c-e, o destaque é nosso):

[...] Ademais, constitui lei divina da inevitabilidade da alma que acompanha um deus e que conquista a visão de qualquer das verdades estar livre de dano até o período subsequente, e se for sempre capaz de conquistá-la, estará sempre livre de sofrer dano; quando, pelo contrário, devido à incapacidade de ser acompanhante, não consegue ver, e por conta de algum acidente, adquire alguma carga de esquecimento e vício, tornando-se pesada, e ao tornar-se pesada perde suas asas e desce à Terra, então vige a lei segundo a qual essa alma não nascerá como um animal selvagem em sua **primeira** encarnação. A alma, porém, que experimentou a máxima visão nascerá como homem a ser um amante da sabedoria ou amante da beleza, alguém versado na arte das Musas e de pendor amoroso. A **segunda** alma se manifestará em alguém que será um rei legítimo ou comandante militar, a **terceira** em alguém a ser um político, um administrador doméstico ou um financista, a **quarta** em alguém a ser um esforçado treinador de atletismo ou um médico, e a **quinta** terá a vida de um profeta ou de alguém que celebra rituais místicos; à **sexta** [dessas almas] se unirá um poeta ou algum outro artista de arte imitativa; à **sétima** um artesão ou um agricultor; à **oitava** alguém que fará carreira de um sofista ou de um partidário do povo; à **nona** um tirano.⁷⁶

Possivelmente uma investigação mais apurada poderá comprovar a nossa suspeita de que Platão detinha um *conhecimento* secreto que remonta à períodos muito anteriores e que podem explicar a própria origem da *Filosofia*. Sua escola, seria, portanto, uma escola iniciática onde só aqueles que se mostrassem dignos teriam acesso pleno a esse tipo de *conhecimento*. Defendemos que Aristóteles, foi talvez, o aluno mais brilhante de Platão que não teve acesso a tal *conhecimento*. Mas este é um outro trabalho que teremos de empreender.

Autoconhecimento é fundamental para quem quer descobrir e trilhar o verdadeiro caminho da *sabedoria*, pois se manter em tal caminho requer foco e disciplina. As obras de Kardec e Ubaldi, principalmente, nos mostram que este é o caminho da *evolução*, não somente esta *evolução* que a *ciência* nos mostrou, mas uma *evolução* que assume um significado mais amplo e que compreende a dimensão do *espírito*. Mas para não hipertrofiar esta parte com a nossa visão *espiritualista* é importante, como propõe Paul Feyerabend (2010, 2011a, 2011b), que nós reforcemos os argumentos da outra parte. Assim, trabalharemos nesse sentido para mostrar que, também, na visão *materialista* faz todo *sentido* em se atenuar os exageros da *razão* e em se pensar uma nova forma de sociedade onde *ciência*, *filosofia*, *religião* e *arte* se integram.

Este, porém, não é um trabalho comum. Este é um trabalho de *filosofia*. Não qualquer filosofia, mas a *filosofia* que acredito. Um trabalho coerente com ela. E se é assim, preciso explicitar a minha posição para que o meu leitor não se sinta enganado. Sou *espiritualista* e *reencarnacionista*, estudo e admiro as obras de Allan Kardec, Pietro Ubaldi e Jean Baptiste Roustaing. Algumas correntes *espíritas* mais conservadoras torcem o nariz para as obras destes dois últimos autores. Particularmente, eu acho que elas deviam se dar ao trabalho de estudá-las seriamente antes de criticá-las. Acredito que uma *mente* aberta e uma boa formação eclética podem fazer maravilhas pelo progresso da *consciência* e melhoria da nossa capacidade de tolerância e respeito pelo próximo.

⁷⁶ Vide Platão (2008, p.62).

O estilo como um texto é escrito pouco importa. O fundamental é que ele atinja os seus propósitos. Isso não quer dizer que tudo é permitido, pode até parecer uma contradição, mas o respeito pelo leitor deve pautar toda boa obra. Um estilo elegante com um texto bem escrito, sincero, objetivo e que não se utilize de palavras rebuscadas pode ser melhor compreendido. Acredito nisto e tento não me alongar mais do que o necessário.

Se o meu “sonho” é de um dia poder filosofar abertamente em um campus universitário como o da UEFS, onde fale daquilo que me toca com pessoas que pensam diferentemente de mim, mas que se mostram interessadas em me ouvir falar, inclusive, de coisas que elas não concordam, mas que fazem *sentido* para a minha *visão de mundo* e as ajudam a me *compreender* melhor. A possibilidade desse sonho vir a se realizar já me deixa feliz com a visão de um dia me sentir incluído apesar da minha bizarrice. Será que uma sociedade humana pode suportar esse tipo de coisa? Será que isso é algo tão ruim assim?

Mas este trabalho ainda não estará completo se eu não realizar ainda um movimento. Algo que requer que entendamos e reforçemos a posição adversária. Se você pensou que o nosso adversário é o “estruturalismo” se enganou. Não combatemos o “estruturalismo”, mas a *arrogância materialista*. E mais especificamente, o *materialismo egoísta*. O “estruturalismo” é só um subproduto daquilo que combatemos. Preciso, para ser completo, então, mostrar como a *visão materialista* empobrece o *mundo*, distorce a realidade e pode ser extremamente perigosa se for *egoísta*, mas pode ser útil se se pautar pelo caminho do *justo* e se tornar altruísta.

No entanto, eu aviso aos meus leitores para que fiquem atentos e não acreditem em tudo o que eu vou falar, pois eu sou como um torcedor do Bahia falando do Vitória, ou vice-versa. Desconfiem de mim. Testem o que eu digo, investiguem seriamente o que eu levanto e aponto como coisas importantes ou problemas para o progresso da humanidade. Pensem sobre tudo, reflitam sobre tudo, escutem seu coração, sintam suas emoções, analisem todos os resultados e tirem suas próprias conclusões.

3.3 OLHANDO O OUTRO LADO DA QUESTÃO

Assim, a primeira coisa que eu defendo é que: o homem não é só *razão*, mas tomando as contribuições de Pierre Weil (1993), como referência, posso dizer que ele é também *intuição*, *sentimento* e *sensação*. O homem é um organismo complexo, que: cada vez mais se organiza em sociedades cada vez maiores e mais intrincadas; surgiu neste planeta muito recentemente, mas também; é fruto de todo um processo que comumente chamamos de *evolução*. Que na visão que eu defendo tem um sentido mais amplo do que o normalmente utilizado.

Ao longo da sua história, o homem se mostrou um organismo bastante criativo capaz de construir ferramentas sofisticadas que o colocaram no topo da pirâmide evolutiva. Ele desenvolveu a *ciência*, a *filosofia*, a *religião* e a *arte*. Tudo isto são criações humanas. Por incrível que pareça, *Deus* pode ser tirado desta equação. Até mesmo da *religião*. Pois estas áreas de produção do *conhecimento* são obras humanas. Pode-se até alegar inspiração divina na origem de tais obras, mas elas são, essencialmente, empreendimentos humanos.

A “lei de Linus” (TORVALDS; DIAMOND, 2001), nos ajuda a *entender* o papel que o reconhecimento de nossos pares, a diversão e a própria questão da sobrevivência tiveram no desenvolvimento da nossa história. Não vamos abrir mão desta chave de *conhecimento* na nossa análise, porque ela não é incompatível com a *lógica materialista*.

Os três tipos biológicos que Pietro Ubaldi nos apresenta (o *forte*, o *astuto* e o *justo*), também não ferem à *lógica materialista* e, portanto, não há porque abrimos mão deste recurso para *entendermos* como os nossos irmãos *materialistas* pensam e que tipo de conclusão podemos chegar com os caminhos que se nos apresentam caso optemos por trilhar por uma rota de raciocínio que desconsidere a existência de uma *alma* imortal.

Mas teremos que suspender o nosso juízo com relação à *reencarnação*, à comunicação com os mortos e as demais contribuições que Kardec nos dá para que possamos falar numa linguagem que possa ser compreendida por quem tem sérias dificuldades de aceitar o *espiritualismo*. Entendemos que é importante fortalecer também os argumentos deste outro lado de se encarar o *mundo* para mostrar que por ele também chegamos às mesmas conclusões.

Empreenderemos a nossa análise a partir do presente, do *conhecimento* que acumulamos, daquilo que se nos mostrou “verdadeiro” e que já derrubou teses que ficaram ultrapassadas. A minha leitura da história é, portanto, viciada. Admito isso. Este não é um problema, vocês verão. Não há como agirmos diferentemente quando estudamos o passado. A diferença em minha abordagem é que, honestamente, admito isso. Tenho compromisso com a *verdade* e, portanto, não posso e não quero enganar os meus leitores. Eles conhecem a minha posição, a forma como penso. Não escondo isso deles e não me coloco como dono da *verdade*. Admito a possibilidade de estar enganado e deixo a cada um o direito de decidir, por si mesmo, se acredita em mim ou não. Creio que esta é a forma correta de se agir até que alguém me prove o contrário⁷⁷.

Por onde, então, deveremos começar? Que tal pelo início. Talvez pelo surgimento do Universo? Pelo surgimento da *Physis*?

⁷⁷ Quando utilizo a terceira pessoa do singular o faço envolvendo o meu leitor num convite para acompanhar a minha linha de raciocínio, de maneira alguma isso deve ser tomado como uma fala em nome de um coletivo que eu não estou autorizado a falar, muitas vezes isso pode até se dar, mas por favor não tomem minhas palavras como algo que elas não são. Eu só posso responder sobre mim mesmo e isso é tudo o que eu desejo. Cada um é livre para agir por si.

3.3.1 O modelo *Big Bang* e a Cabalá

Simon Singh (2006, p. 13) começa o seu livro sobre o “Big Bang” dizendo que o

Nosso universo é pontilhado com mais de 100 bilhões de galáxias e cada uma contém aproximadamente 100 bilhões de estrelas. Não está claro quantos planetas orbitam essas estrelas, mas é certo que, em pelo menos um deles, a vida evoluiu. E, em especial, existe uma forma de vida que tem a audácia de especular sobre a origem deste vasto universo.

Evidentemente que falar sobre algo que aconteceu há bilhões de anos, e que ninguém presenciou ou tem registros, pode parecer pura especulação. E é, mas isso não impede que formulemos as nossas teorias e modelos para explicar as consequências e os resultados de tal evento. O modelo do *Big Bang* (Grande Explosão), na opinião de muitos cientistas e do próprio Simon Singh (2006, p. 13), “oferece uma explicação elegante para a origem de tudo o que vemos no céu noturno, o que o transforma numa das maiores realizações do espírito e do intelecto humanos”. E o que é mais incrível nesse modelo é que ele pode ser entendido por todos.

Tal modelo, para o universo, é fruto do desenvolvimento, no último século, de descobertas acumuladas por uma astronomia que remonta séculos anteriores e que tem em figuras como Copérnico, Galileo, Kepler, Tycho Brahe, Descartes, Newton, Einstein e tantos outros, importantes contribuições. Mas é com a *filosofia* grega que as explicações mitológicas para o surgimento do universo começam a cair. Parece estar na Grécia Antiga o berço da *filosofia* e da *ciência* ocidentais. Parece haver um consenso quanto a isso.

Mas como falar com simplicidade das teorias astronômicas que envolvem cálculos e experiências complexas/sofisticadas? O livro de Simon Singh (2006) faz isso. E ainda tem a vantagem de apresentar no final de cada capítulo um pequeno resumo ilustrado que eu decidi transcrever, aqui, dando um formato mais adequado ao estilo de escrita que estou utilizando atualmente. Assim, no resumo do capítulo 1 (p. 84-85) de seu livro ele afirma que:

Inicialmente as sociedades explicavam tudo em termos de mitos, deuses e monstros. **1** No século VI A. C., na Grécia: filósofos começaram a descrever o universo em termos de fenômenos naturais (e não sobrenaturais). Os protocientistas gregos buscavam teorias e modelos que fossem: simples, precisos, naturais e viáveis. Eles conseguiram medir o tamanho da Terra, da Lua e do Sol e as distâncias que os separaram usando: experiência/observação; lógica/teoria (+matemática). Os astrônomos gregos estabeleceram um modelo de universo falso, centrado na Terra, com o Sol, as estrelas e os planetas orbitando uma Terra fixa. **2** Quando o modelo centrado na Terra apresentou defeitos, os astrônomos responderam com remendos (exemplo: os epiciclos de Ptolomeu explicavam o movimento retrógrado dos planetas). Os teólogos encorajaram os astrônomos a permanecerem fiéis ao modelo centrado na Terra porque ele era condizente com a bíblia. **3** No século XVI, Copérnico elaborou um modelo de universo centrado no Sol, no qual a Terra e os outros planetas o orbitavam. Era um modelo simples e razoavelmente preciso. Infelizmente, o modelo de Copérnico, centrado no Sol, foi ignorado, porque: ele era quase desconhecido; ele desafiava o bom senso; ele era menos preciso que o de Ptolomeu; a ortodoxia religiosa (e científica) sufocava o pensamento original. **4** O modelo de Copérnico foi aperfeiçoado por Kepler, usando as observações de Tycho. Ele mostrou que os planetas percorrem órbitas (levemente) elípticas, e não circulares. O modelo centrado no Sol era agora mais simples e mais

preciso do que o modelo centrado na Terra. **5** Galileu defendeu o modelo centrado no Sol. Ele usou o telescópio para mostrar que Júpiter tinha luas, que o Sol tinha manchas e Vênus apresentava fases, o que contradizia a teoria antiga e apoiava a nova. Galileu escreveu um livro explicando porque o modelo centrado no Sol era correto. Infelizmente, a Igreja o ameaçou e o obrigou a retirar o que dissera em 1633. Nos séculos posteriores, a Igreja tornou-se mais tolerante. Os astrônomos adotaram o modelo centrado no Sol e a ciência se desenvolveu. **6** Em 1900 os cosmólogos concluíram que o universo não fora criado, mas que existia por toda a eternidade. Mas não havia evidências que apoiasse tal teoria. A hipótese do universo eterno não era mais do que um mito. **7** Os cosmólogos do século XX retomaram a grande questão e a abordaram cientificamente. O universo teria sido criado? Ou teria existido por toda a eternidade?

Como podemos constatar, *Filosofia, Ciência, Religião* e até mesmo a *Arte* se debruçam sobre as mesmas questões com abordagens diferentes. Enquanto o capítulo 1 do livro de Simon Singh (2006) trata do princípio o 2 (vide resumo p. 156-157), trata das teorias do universo:

1 Na década de 1670, Cassini provou que a luz tinha uma velocidade finita ao observar uma das luas de Júpiter. A velocidade da luz revelou ser de 300.000 km/s. **2** Os vitorianos acreditavam que o universo estava cheio de éter: um meio que transportava a luz. A medida da velocidade da luz era pensada como sua velocidade em relação ao éter. Portanto, conforme a Terra se movia através do espaço, ela deveria se mover através do éter, dando origem a um “vento de éter”. Assim, a velocidade da luz contra o vento do éter deveria ser diferente de sua velocidade cruzando o vento do éter. Na década de 1880, Michelson e Morley testaram esta hipótese. Eles não encontraram nenhuma evidência de uma diferença de velocidade e assim desmentiram a existência do éter. **3** Se a luz não viaja em relação ao éter inexistente, então Albert Einstein argumentou que: a velocidade da luz é uma constante em relação ao observador. O que contradiz nossa experiência com todas as formas de movimento. Ele estava certo. A partir dessa suposição (+ relatividade de Galileu) Einstein desenvolveu sua: teoria da relatividade especial (1905). Ela diz que o espaço e o tempo são flexíveis, formam uma única entidade unificada, o espaço-tempo. Em 1915 Einstein desenvolveu sua teoria da relatividade geral. Esta ofereceu uma nova teoria da gravidade que era melhor que a teoria de Newton porque também funcionava nos ambientes de alta gravidade (por exemplo, nas estrelas). **4** As teorias da gravidade de Einstein e Newton foram testadas estudando-se a órbita de Mercúrio e o desvio da luz em torno do Sol (1919). Em ambos os casos, Einstein estava certo, e Newton errado. **5** Com esta nova teoria da gravidade Einstein estudou o universo inteiro: problema – a atração gravitacional faria todo o universo desmoronar; solução – Einstein acrescentou a constante cosmológica à relatividade geral. Isso dava origem a um efeito antigravitacional que deteria o colapso do universo e que se encaixava na visão geral de um universo estático e eterno. **6** Enquanto isso, Friedmann e Lemaître abandonaram a constante cosmológica propondo que o universo deveria ser dinâmico. Eles visualizaram um universo em expansão. Lemaître descreveu um átomo primordial, compacto e poderoso, que explodiu, se expandiu e evoluiu para o universo atual. Nós agora chamamos isso de modelo Big Bang do universo. Universo do Big Bang *versus* universo eterno e estático? Friedmann, Lemaître e seu universo em expansão foram ignorados. Sem qualquer evidência observacional para apoiá-lo, o modelo do Big Bang caiu no ostracismo. A maioria dos cientistas continuou a acreditar em um universo eterno e estático.

Prosseguindo, no resumo do capítulo 3 do livro de Simon Singh (2006, p. 248-249, a formatação é nossa) o autor trata deste grande debate:

1 Astrônomos construíram telescópios maiores e melhores, exploraram o céu e mediram as distâncias até as estrelas. **2** Na década de 1700, Herschel mostrou que o Sol está encravado em um grupo de estrelas: a Via Láctea. Esta era a nossa galáxia. Será a única galáxia? **3** Em 1781, Messier catalogou as nebulosas (manchas débeis) que não parecem ser estrelas (pontos definidos de luz). O grande debate é sobre a natureza das nebulosas: seriam objetos dentro de nossa Via Láctea ou seriam galáxias separadas? Nossa Via Láctea é a única galáxia? Ou o universo está salpicado de galáxias? **4** Em 1912,

Henrietta Leavitt estudou as estrelas variáveis cefeidas e mostrou que seu período de variação pode ser usado para indicar seu brilho real e estimar suas distâncias. Os astrônomos agora tinham uma régua para medir o universo. **5** Em 1923, Edwin Hubble identificou uma estrela variável cefeida em uma nebulosa e provou que ela se encontrava muito além da Via Láctea! Portanto, as nebulosas (a maioria) eram galáxias separadas, cada uma composta por bilhões de estrelas, exatamente como a nossa Via Láctea. O universo estava cheio de galáxias. **6** A espectroscopia: átomos diferentes emitem/ absorvem comprimentos de onda específicos de luz. Assim, os astrônomos estudaram a luz das estrelas para ver de que são feitas: os astrônomos perceberam que os comprimentos de onda da luz das estrelas estavam ligeiramente deslocados. Isso poderia ser explicado pelo efeito doppler: uma estrela se aproximando tinha sua luz desviada para comprimentos de onda mais curtos (desvio para o azul) e uma estrela se afastando tinha sua luz deslocada para comprimentos de onda mais longos (desvio para o vermelho). A maioria das galáxias parecia estar se afastando da Via Láctea (desvio para o vermelho)! **7** Em 1929, Hubble mostrou que havia uma relação direta entre a distância da galáxia e sua velocidade. Isso é conhecido como Lei de Hubble: se as galáxias estão se afastando, então: 1 amanhã elas estarão mais distantes de nós; 2 mas ontem estavam mais perto; 3 e no passado estavam ainda mais próximas; 4 em algum ponto do passado todas as galáxias deviam estar bem em cima de nós. As medições de Hubble pareciam implicar que o universo havia começado num estado pequeno e condensado e então se expandira para fora. E continuava a se expandir até hoje. Seria isso uma evidência do Big Bang?⁷⁸

No resumo do capítulo 4, Simon Singh (2006, p. 330-331) trata dos dissidentes do cosmos:

1 Lemaître considerou que as observações de Hubble de um universo em expansão eram evidência de que o modelo Big Bang do universo (criação e evolução) estava correto. **2** Einstein mudou o seu ponto de vista e apoiou o modelo do Big Bang. Mas a maioria dos cientistas continuou a acreditar no modelo tradicional de um universo eterno e estático. Eles criticavam o modelo do Big Bang porque ele implicava que o universo era mais jovem do que as estrelas que continha. Universo do Big Bang *versus* universo estático eterno. Cabia aos defensores do Big Bang encontrar alguma evidência de que sua teoria era correta. De outro modo, o universo eterno e estático continuaria a ser a teoria predominante. A física atômica era um campo de provas essencial: será que o modelo do Big Bang poderia explicar por que átomos leves (como hidrogênio e hélio) são mais comuns do que átomos pesados (como ferro e ouro) no universo atual? **3** Rutherford deduziu a estrutura do átomo. O núcleo central contém prótons (+) e nêutrons e é orbitado pelos elétrons (-). Fusão = dois núcleos pequenos se juntam para formar um núcleo maior e liberam energia. É assim que o Sol brilha! **4** Na década de 1940, Gamow, Alpher e Herman visualizaram o universo primordial como uma sopa simples e densa de prótons, nêutrons e elétrons. Eles imaginavam poder formar átomos cada vez maiores pela fusão e o calor do Big Bang. Sucesso: o Big Bang conseguiu explicar porque o universo atual é composto de 90% de átomos de hidrogênio e 9% de átomos de hélio. Fracasso: o Big Bang não conseguiu explicar a formação de átomos mais pesados do que o hélio. **5** Enquanto isso, Gamow, Alpher e Herman previram que um eco luminoso do Big Bang havia sido liberado mais ou menos 300 mil anos depois do movimento da criação e ainda podia ser detectado hoje em dia. A descoberta deste eco podia provar que houve um Big Bang mas ninguém procurou pela chamada radiação cósmica de fundo em micro-ondas (RCFM). **6** Também na década de 1940, Hoyle, Gold e Bondi propuseram o modelo de um universo do estado estacionário que afirmava que o universo estava se expandindo. Mas nova matéria era criada e formava novas galáxias novos vazios crescentes entre as galáxias antigas. Eles argumentavam que o universo evolui, mas em essência permanece imutável e existe para sempre. Essa visão era compatível com as observações do desvio para o vermelho de Hubble e substituía o modelo tradicional, eterno e estático do universo. O debate cosmológico agora ficava centrado nestes dois modelos: universo do Big Bang *versus* universo do Estado Estacionário. Os cosmólogos estavam divididos sobre qual modelo seria correto.

78

Segundo a Wikipédia [fonte de informações acessível e preferida de todo adolescente preguiçoso], **estrela cefeida** é uma estrela gigante ou supergigante amarela, de 4 a 15 vezes mais massiva que o Sol e de 100 a 30.000 vezes mais brilhante, cuja luminosidade varia de 0,1 a 2 magnitudes segundo um período bem definido, compreendido entre 1 e 100 dias, de onde ela tira seu nome de estrela variável. Elas foram assim chamadas segundo o protótipo de estrela δ da constelação de Cepheus.

Por fim, no resumo do capítulo 5, Simon Singh (2006, p. 430-431, a explicação do termo “serendipidade” é nossa) trata da mudança de *paradigma*:

1 1950 a comunidade cosmológica estava dividida entre o modelo do Estado Estacionário e o modelo do Big Bang. Perguntas tinham que ser respondidas e conflitos tinham que ser resolvidos antes que um modelo pudesse ser considerado a verdadeira descrição do universo. Por exemplo: se houve um Big Bang, então: por que o universo era mais jovem do que as estrelas? Como se formaram os elementos pesados? Onde estava a RCFM? E como as galáxias se formaram? 2 Primeiro Baade e depois Sandage recalibraram a escala de distâncias das galáxias e mostraram que o Big Bang realmente previa um universo muito mais velho, compatível com a idade das estrelas e das galáxias dentro dele. 3 Hoyle partiu para explicar a formação dos elementos pesados e mostrou como eles se formavam através da fusão no interior das estrelas envelhecidas. O problema da nucleossíntese havia sido resolvido. Elementos pesados formaram-se em estrelas moribundas; elementos leves formaram-se logo depois do Big Bang. 4 Na década de 1960, astrônomos usaram a radioastronomia e descobriram novas galáxias (galáxias jovens e quasares) que tendiam a existir nas regiões mais remotas do universo. A distribuição desigual de galáxias ia contra o modelo do Estado Estacionário, que afirmava que o universo era aproximadamente igual em toda parte. E, no entanto, esta observação era totalmente compatível com o modelo Big Bang. 5 Em meados dos anos 1960, Penzias e Wilson descobriram acidentalmente a RCFM prevista por Alpher, Gamow e Herman em 1948, fornecendo uma evidência incisiva em favor do Big Bang. Essa peça de serendipidade [anglicismo que se refere às descobertas afortunadas feitas, aparentemente, ao acaso] ganhou o prêmio nobel em 1978. Quase todos os cosmólogos se transferiram para o campo do Big Bang. 6 1992 O satélite COBE descobriu minúsculas variações na RCFM vinda de partes diferentes do céu, que indicavam variações de densidade no universo primordial, que teriam iniciado a formação das galáxias. A mudança de paradigma de um universo eterno para um universo do Big Bang estava completa. O modelo do Big Bang tinha provado ser verdadeiro! Fim?⁷⁹

Será que acabou a discussão? Boa pergunta! E o que veio antes do *Big Bang*? Ubaldi estaria correto? Existem outras fontes sobre isso?

Na busca que empreendi procurando responder estas questões me deparei com o *conhecimento* da Cabalá. Uma *filosofia* esotérica revelada que visa *conhecer* a *Deus* e ao Universo. O trabalho mais importante dessa *filosofia* talvez seja o “Zohar”⁸⁰, um comentário *esotérico* e *místico* sobre o Torah. A *tradição* ortodoxa judaica afirma que o livro do esplendor, como é conhecido o Zohar, foi escrito pelo rabino Shimon Bar Yohai durante o século II, mas permaneceu esquecido até que, no século XII, um judeu espanhol chamado Moshe de Leon, o teria descoberto, publicado e distribuído. Para alguns, no entanto, Gershom Scholem, um célebre historiador e estudante de Cabalá, teria provado que o próprio Moshe de Leon seria o autor do Zohar. Tal livro registra o ciclo de morte e renascimento chamado *guilgul*, que significa tanto “roda” quanto “transformações”. Ensina que cada *reencarnação* é uma missão especial que inclui lições a se aprender, ordens a serem cumpridas e feitos a serem executados, para equilibrar erros cometidos em existências anteriores. O propósito mais importante do *guilgul* é a purificação da *alma* e sua libertação do ciclo de vidas terrenas.

⁷⁹ Note que a minha intenção em apresentar estas citações sem discuti-las é simplesmente mostrar um resumo da Teoria do Big-Bang e não criticá-la. Creio que este resumo é de grande valor para aquelas pessoas que ainda não se familiarizaram com essa teoria. Sua compatibilidade com o sistema proposto por Ubaldi é evidente para mim.

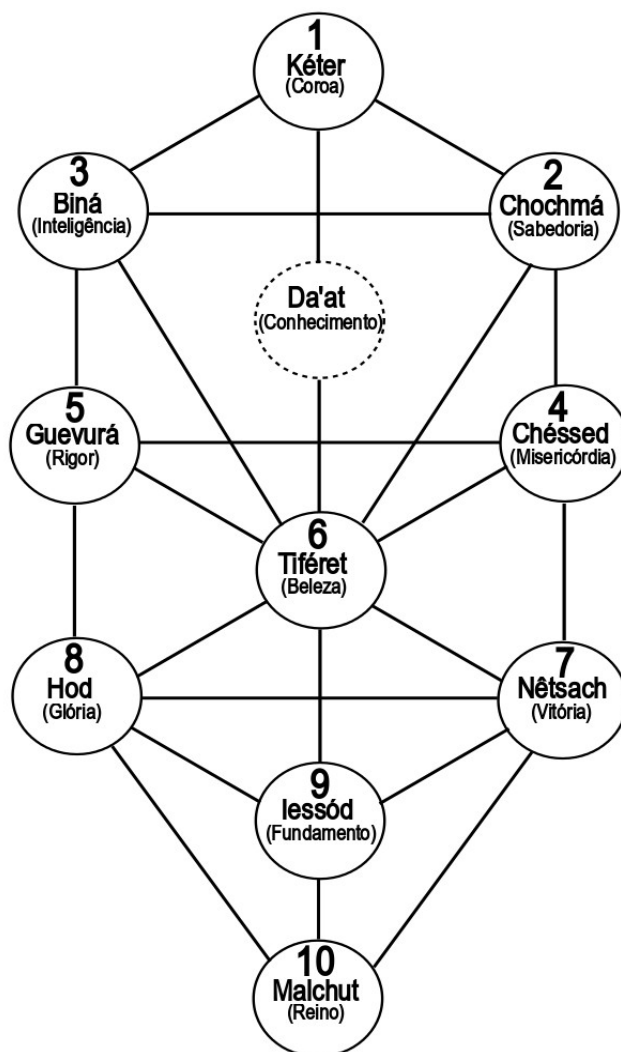
⁸⁰ Vide Bension (2006).

Nas páginas 73 e 74 do Zohar é dito:

Infeliz é o homem que vê na interpretação da Lei a recitação de uma simples narrativa, contada em palavras de uso comum. Se fosse só isso, não teríamos dificuldade alguma em compor hoje uma Torá melhor e mais atraente. Mas as palavras que lemos são apenas a túnica exterior. Cada uma delas contém um significado mais alto do que o que nos é aparente. Cada uma contém um mistério sublime que devemos tentar penetrar com persistência. Os que tomam o traje exterior pela coisa que ele cobre, não encontrarão muita felicidade nele – exatamente como os que julgam o homem apenas pela sua vestimenta exterior estão fadados à desilusão, pois são o corpo e o espírito que fazem o homem. Sob a vestimenta da Torá, que são as palavras e sob o corpo da Torá, que são os mandamentos, encontra-se a alma, que é o mistério oculto.

O que liga a Cabalá com a teoria do *Big Bang* é o fato da Cabalá afirmar que antes da *criação*, a divindade se concentrou em um ponto (Da'at) que pertence à esfera do infinito que em hebraico é conhecida como *Ein sof*. Literalmente “infinito” ou “ilimitado”. Esse “ponto alto e oculto” é o princípio de todas as coisas. Em um determinado momento, por razões desconhecidas, esse ponto explodiu, formando um grupo de dez emanções chamadas *Sefirót* que compõem a “árvore da vida” (figura 8) que contém toda a *matéria* que depois se tornou as estrelas, os planetas, as pedras e os seres vivos do universo.

Figura 8 – Árvore da vida.



Mas se o meu objetivo era ver o outro lado da questão e tentar explicar as coisas pela ótica *materialista*, por que recorrer a uma *filosofia esotérica* que tenta explicar os textos basilares do judaísmo? Esta é a pergunta óbvia que alguns podem se fazer. A resposta tem a ver, primeiramente, com o fato de que não é minha intenção nos aprofundarmos em uma *sabedoria* ancestral, que remonta à antiga mesopotâmia e a mais de 5.000 anos e, que entre os judeus só é estudada por aqueles casados e com mais de 40 anos (pelo menos é isso o que se recomenda).

O que é importante fazer notar, aqui, é que na base religiosa do *mundo ocidental* está um *conhecimento esotérico* que diz: que houve uma *criação* divina que precedeu ao surgimento do tempo e do espaço; *Deus* está acima do nosso entendimento, mas o método de busca de nossa percepção do *Criador* é conhecido como “Cabalá”; o universo (tempo e espaço) surgiu a partir de uma grande explosão a partir de um ponto de colapso (*Da'at*) da estrutura original; na origem de todo o mal está o *egoísmo*; precisamos elevar nosso olhar para acima do horizonte material e através do *altruísmo* encontrar o nosso caminho para os *mundos superiores* onde começaremos a viver uma *sensação* de tranquilidade, excelência e plenitude (LAITMAN, 2006).

Assim, pode-se dizer que os princípios que defendo se encontram em várias fontes que se reforçam e complementam e o que é mais impressionante é que *conhecimentos* antigos, de fontes que a *ciência materialista* “torce o nariz”, estão sendo redescobertos por essa mesma *ciência*, tão ardorosamente defendida e invocada para oprimir àqueles que ousam professar uma *religião* e/ou defender algum *conhecimento* mais subjetivo.

Desta forma, sem criar proselitismos, limito-me a indicar alguns textos para àqueles que burlando o preconceito e/ou por curiosidade queiram investigar se, de fato, existe algo que lhes possa ser útil. São eles: “Cabala: alcançando *mundos superiores*, um guia para a descoberta espiritual” de Michael Laitman (2006); “A Doutrina Secreta da Kabbalah: recuperando a Chave da Ciência Sagrada Hebraica” de Leonora Leet (2007); “O poder de cura da Cabala: descubra todo o seu potencial de saúde e energia” de Raphael Kellman (2004); “Jesus e a Cabala Mística: Chaves para o Reino” de Migene González-Wippler (2006); “A Cabala da Astrologia: a linguagem do número” de William Eisen (2006) e; “Simbolismo e o significado dos números” de Hajo Banzhaf (2009). Espero que a leitura seja proveitosa e que esse seja só um começo.

Mas se a teoria do *Big Bang* encontra sustentação em textos antigos que interpretam a base de toda a nossa *tradição religiosa* e possibilitando a convergência de opiniões que pareciam inconciliáveis, como fica, então, a questão do surgimento da vida? Será possível proceder a uma leitura mais aprofundada dos textos religiosos de forma a conciliá-los com as novas descobertas da *ciência*? O que diz a *ciência* atual sobre a origem e *evolução* da vida?

3.3.2 O surgimento da vida e a *evolução*

Para Richard Dawkins (2001), a física trata de coisas simples. Animais e seres humanos estão entre as coisas mais complexas do universo. Para algumas pessoas pode parecer estranho afirmar que a física trata de coisas simples quando apresenta uma matemática tão complicada, mas a razão pela qual ele afirma isto é que as coisas que a física estuda são tão simples que é possível descrevê-las em termos matemáticos ao passo que os objetos da biologia são tão complexos que isso não é possível. Neste texto, na página 11, o autor afirma que pretende “persuadir o leitor de que uma visão darwiniana não apenas é verdadeira, mas é também a única que poderia em princípio solucionar o mistério de nossa existência. Isso faz dela uma teoria duplamente satisfatória”. Para ele, Darwin teria formulado uma teoria de validade universal.

Uma das tarefas que Dawkins (2001, p. 13) se impõe é “destruir o mito sofregadamente acalentado de que o darwinismo é uma teoria do 'acaso'”. E o “outro fator que talvez nos predisponha a não acreditar no darwinismo está no nosso cérebro, que foi feito para lidar com eventos em *escalas de tempo* radicalmente diferentes daquelas que caracterizam a mudança evolutiva”. O propósito central do livro é, então, ajudar o leitor a empreender esse salto imaginativo que explicaria o surgimento do “design” complexo a partir da simplicidade primeva.

Dawkins (2001) busca como interlocutor os escritos do reverendo William Paley que, segundo ele, sabia da necessidade de uma explicação especial para o surgimento do “design” complexo descritos como “relógios vivos”. Nas páginas 24 e 25, Dawkins supõe que Darwin também conhecia esta necessidade, mas que David Hume apresentou uma argumentação logicamente válida para a exclusão divina da explicação sobre o surgimento do “design” complexo, no entanto, ele defende que embora “antes de Darwin, o ateísmo até poderia ser *logicamente sustentável*, mas que só depois de Darwin é possível ser um ateu intelectualmente satisfeito”. Ele gosta de pensar que Hume talvez concordasse com ele, “mas alguns de seus escritos sugerem que ele subestimava a complexidade e beleza do design biológico”.

Na tentativa de apontar aquilo que os seres humanos, animais e objetos complexos como aviões e relógios tem em comum e que os diferencia de uma manjar-branco ou do monte branco e da Lua, exemplos trabalhados por Richard Dawkins (2001) anteriormente, ele chega na página trinta na seguinte resposta:

coisas complexas tem alguma qualidade, que pode ser especificada de antemão, cuja aquisição seria altamente improvável por mero acaso. No caso de seres vivos, a qualidade em questão consiste em alguma espécie de “proficiência”: seja a proficiência numa atividade específica como voar, a ponto de causar admiração em um engenheiro aeronáutico; seja a proficiência em algo mais geral, como a capacidade de escapar à morte ou de propagar seus genes pela reprodução.

Para Dawkins (2001), se queremos, então, *entender* como funciona uma máquina ou um ser vivo, devemos examinar seus componentes e indagar como interagem entre si. Ele propõe a necessidade do que seria uma espécie de “reducionismo hierárquico”. Há quem, de pronto, “torça o nariz” quando se fala em “reducionismo”, mas esta abordagem permite que se explique satisfatoriamente uma entidade complexa em qualquer nível da organização com base nas entidades que estão apenas um nível abaixo, entidades que, por sua vez podem ser também explicadas aplicando este método recursivamente até um limite que se mostre desejável.

Neste quesito, temos que admitir que concordamos com os argumentos de Dawkins e não podemos dar muito crédito àqueles que criticam o “reducionismo” sem apresentar algo em substituição que dê conta dos problemas, sem os inconvenientes que eles apontam no método que criticam. A abordagem de Dawkins é biológica, com grandes implicações filosóficas. O assunto que ele trata requer uma metodologia, e a que ele se vale parece adequada para os seus propósitos, o que precisamos deixar claro aqui, mais uma vez, é que perguntas diferentes requerem abordagens diferentes. Não há porque adotarmos uma única ferramenta e acharmos que ela serve para todas as coisas. Só os tolos podem achar isso. Essa é a minha opinião.

Dawkins (2001, p. 36) defende que:

Uma coisa complexa é algo cuja existência não nos parece óbvia, e sim demasiado “improvável”. Ela não pode ter aparecido por um só golpe de sorte. Explicaríamos seu surgimento como consequência de transformações graduais e cumulativas, ocorridas passo a passo a partir de coisas mais simples, a partir de objetos primordiais tão simples que seu surgimento pode ser atribuído ao acaso. Assim como o “reducionismo de um grande passo” não serve para explicar um mecanismo e deve ser substituído por uma série de pequenos passos graduais hierarquia abaixo, do mesmo modo não podemos afirmar que uma coisa complexa tem origem num único passo. Novamente temos que recorrer a uma série de pequenos passos, desta feita ordenados sequencialmente no tempo.

Não é minha intenção, aqui, detalhar todo o livro de Dawkins (2001), nem fazer uma revisão de toda a teoria da *evolução*, mesmo porque não encontrei um material tão didático a este respeito, quanto com relação à teoria do *Big Bang*, que facilitasse a nossa vida com resumos brilhantemente feitos em poucas páginas. O assunto agora é mais complexo e envolve muito mais questões como concordaria comigo o próprio Dawkins. Aponto dois textos básicos para aqueles que queiram se aprofundar no assunto, são eles: “A origem das espécies e a seleção natural” de Charles Darwin (2004) e “Evolução” de Mark Ridley (2006).

Creio que todo filósofo deveria se aprofundar nesse *conhecimento* antes de proceder qualquer discussão que envolvesse *evolução*. De forma alguma contesto as descobertas e os avanços da Biologia. Mesmo porque, como biólogo, os estudo e reconheço a sua importância e o seu valor, mas a minha crítica se dá no *sentido* limitado que autores *materialistas* como o próprio Dawkins parece ser, dão ao termo “evolução”.

A visão que tenho se mostra mais abrangente, pois ela crê na existência de um *Deus* todo poderoso que cria e estabelece leis justas e imutáveis. Essa *criação* de acordo com a interpretação da Cabalá e na visão de Pietro Ubaldi se dá num nível que foge à nossa *compreensão*, fora do tempo e do espaço, no qual estamos inseridos. A *ciência* a todo momento nos revela aspectos surpreendentemente maravilhosos dessas Leis que se nos mostravam ocultos. Quem acredita em *Deus* só pode se admirar de tanta perfeição. Para os ateus, no entanto, o estudo destas leis já lhes basta. Mas eles, com seu preconceito historicamente construído como uma reação à *astúcia* dos homens, essa é uma tese que defendo, deixam também de perceber a existência de uma Lei maior de *evolução espiritual* que guia a *evolução material*.

Explicar a *evolução material* não basta para pessoas, como eu, que reconhecem a existência da *alma*, sua sobrevivência à morte do corpo físico e sua capacidade de se comunicar conosco. O *referencial materialista* não prepara as pessoas para o fenômeno da morte que terão de enfrentar. Na sua *mente* tudo que as espera é o *Nada*. Algo bastante desolador. Mas a escolha pelo *referencial espiritualista* não deve ser feita em função de um “consolo”. Isso seria um erro. Ela pode e deve ser feita também pelo uso da nossa *razão*.

O tiro que o *materialismo* quer dar com a teoria da *evolução* não é suficiente para matar *Deus*, pelo menos não a ideia de *Deus* que eu defendo. E existem duas boas razões para isso: 1- Se *Deus* fez as leis da natureza, a descoberta destas leis não destrói o seu *Criador*; 2- tal como acontece com a *ciência*, a refutação de uma teoria ruim, não destrói a veracidade do fenômeno que ela tenta explicar. Assim, tudo o que se conseguiu é refutar uma teoria problemática, ou pelo menos, parte dela. Uma *religião não dogmática* sempre conseguirá resistir a estes ataques, por melhor que eles sejam.

O livro de Dawkins (2001) tem o mérito, do ponto de vista filosófico, de derrubar um forte argumento *criacionista* que compara a vida, ou melhor, os *seres vivos* [organismos complexos naturais feitos por *Deus*] com *relógios* [instrumentos complexos feitos pelo homem]. Muita *mente* brilhante ficou sem *saber* o que dizer diante deste argumento *espiritualista*. Ainda mais, quando alguns “torcedores mais empolgados deste time” vão além e lhes pedem para construir uma célula a partir de elementos químicos e, diante do reconhecimento da nossa incapacidade de o fazer-lo, eles complementam dizendo que só *Deus* pode criar a vida. Os argumentos de Dawkins não resolvem todos os problemas do surgimento da vida a partir da não-vida, mas através do seu “reducionismo hierárquico” tenta explicar que o complexo pode surgir a partir do simples se lhe dermos tempo suficiente e as condições competitivas e de escolhas pseudo-aleatórias que a natureza e a seleção natural nos impuseram em todos esses anos. Como eu disse anteriormente, não refuto tal argumentação, só acho que ela está incompleta.

3.3.3 Algumas considerações sobre *filosofia da mente*

Agora que conhecemos como o universo surgiu e possuímos uma pequena ideia das implicações da teoria da *evolução* conforme a visão científica estou pronto para reforçar a visão *materialista* sobre a *mente*. Para isso, vou me valer do trabalho filosófico de Daniel Clement Dennett (1997) sobre os diferentes tipos de *mente*. Escolhi este trabalho por reconhecer nele uma abordagem digna de respeito em função da atualidade dos *conhecimentos científicos* apresentados e da qualidade dos argumentos desenvolvidos. Creio que procedendo assim, serei mais correto com a outra parte e espero poder mostrar que também, pela via *materialista* podemos chegar à mesma *deliberação* com relação às questões éticas que determinam os rumos que a nossa sociedade deve tomar daqui para a frente.

Já no início do prefácio do seu livro, Dennett (1997, p. 7) afirma ser um *filósofo*, não um cientista, e que “nós filósofos somos melhores em formular perguntas do que respostas. [...] Encontrar melhores perguntas para formular, e romper velhos hábitos e tradições de formulá-las, é uma parte muito difícil do projeto humano de *compreender* a nós mesmos e ao mundo”. Daí que os “filósofos podem dar uma excelente contribuição a esta investigação, explorando seus talentos profissionalmente aguçados como críticos, desde que mantenham uma mente aberta e se abstenham de tentar responder a todas as perguntas a partir dos primeiros princípios ‘óbvios’”.

A visão *materialista* de Dennett (1997) se revela ainda no final desta página quando ele afirma que “nossas mentes são tecidos complexos, criados com muitas fibras diferentes e que incorporam muitos padrões diferentes”. Mas o que eu gosto nele e faz com que ele, talvez, seja lido com melhor aceitação e avidez pelos biólogos atuais, do que autores como Heidegger e Wittgenstein é quando ele diz na página oito que “nossas mentes são exatamente como as mentes de outros animais em muitos aspectos e completamente diferentes em outros. Uma perspectiva evolutiva pode ajudar-nos a ver como e por que esses elementos das mentes chegaram às formas que possuem hoje”. Mas para fazer isso, ele afirma que terá de “andar para lá e para cá entre mentes simples e complexas, indo e vindo repetidamente, até que finalmente chegemos a algo que é reconhecivelmente uma mente humana”.

Note que existe coerência entre o que Dennett (1997) diz sobre “*mentes complexas*” com o que Dawkins (2001) fala no seu livro sobre “*organismos complexos*”. O raciocínio é o mesmo. Ambos se baseiam na *evolução*. Esta é a palavra-chave que contém todas as explicações, mas apesar de todos os esforços empreendidos a *ciência* ainda não foi capaz de explicar a partir de que momento desse processo evolutivo temos uma *mente*. Uma *consciência*. Como ela se forma? E, talvez, o fruto mais ambicionado: o que é necessário para se construir uma *mente consciente*?

Com “Que tipos de mentes existem?”, Dennett (1997, p. 9) intitula o primeiro capítulo do seu livro. Mas ele não se detém nesta pergunta. Pelo contrário, como *filósofo* ele formula outras:

Podemos realmente saber o que se passa na mente de outra pessoa? Pode uma mulher saber o que é ser um homem? Por que experiência um bebê passa durante o nascimento? Que experiências, se alguma, um feto sofre no útero da mãe? E o que dizer de mentes não humanas? Em que os cavalos pensam? Por que os abutres não se sentem nauseados pelas carcaças podres que devoram? Quando um peixe tem um anzol cravado no lábio, sentirá tanta dor quanto você se tivesse um anzol cravado no seu lábio? As aranhas podem pensar, ou elas são apenas pequenos robôs, tecendo suas teias elegantes irrefletidamente? A propósito, por que um robô não poderia – se fosse suficientemente sofisticado – ser consciente? Há robôs que podem movimentar-se e manipular coisas com uma destreza quase igual à das aranhas; poderia um robô mais complexo sentir dor, e preocupar-se a respeito do seu futuro, da mesma maneira como uma pessoa pode? Ou há alguns abismos intransponíveis separando os robôs (e talvez as aranhas, os insetos e outras criaturas “espertas” mas destituídas de mentes) daqueles animais que possuem mentes? Não seriam todos os animais exceto os seres humanos realmente robôs sem mentes? René Descartes notoriamente sustentava esta opinião no século XVII. Será que ele estava completamente enganado? Será que todos os animais, e mesmo as plantas – e mesmo as bactérias –, podem ter mentes?

Após formular todas essas perguntas, Dennett (1997, p.9-10) questiona: se temos certeza de que todos os seres humanos possuem *mentes*? “Talvez (considerando o caso mais extremado de todos) você seja a única mente no universo; talvez todas as outras coisas, inclusive o autor aparente deste livro, sejam simples máquinas destituídas de mente”. Ele conjectura que esta ideia é bem mais comum do que se imagina, inclusive ele e muitas outras pessoas que ele conhece já afirmaram ter este tipo de pensamento, mas se “ninguém jamais leva o solipsismo a sério por muito tempo, tanto quanto sabemos”, então, ele lança um desafio importante: “se sabemos que o solipsismo é tolo – se sabemos que há outras mentes –, como o sabemos?”. Que tipos de *mentes* existem? É uma pergunta ontológica. Como sabemos? Epistemológica. Nosso presente autor, em foco, defende que elas devem ser respondidas em conjunto.

Outra coisa que eu admiro, nos escritos de Dennett (1997), é quando ele afirma na página dez que “pode haver coisas completamente incognoscíveis para nós, portanto devemos ser cuidadosos em não tratar os limites do nosso *conhecimento* como guias confiáveis aos limites do que existe”. Pouco mais adiante ele afirma que “já sabemos o suficiente sobre as mentes para saber que uma das coisas que as tornam diferentes de todas as outras no universo é o *modo* pelo qual a conhecemos”. Descartes com a sua argumentação que concluiu que nós somos uma *res cogitans* demonstrou, na opinião de Dennett, que sem qualquer dúvida, que de fato possuímos uma *mente*. “Isso sugere que cada um de nós conhece exatamente uma mente por dentro, e dois de nós não conhecemos a mesma mente a partir do seu interior” (p. 10-11).

Se sabemos que existem outras *mentes*, então, o solipsismo é falso. Mas o que quer que seja uma *mente*, supõe-se que ela seja alguma coisa parecida com as nossas *mentes*. Mas existem dois tipos de erros quando tentamos identificar seres conscientes: 1- **erro de superatribuição** – erro tolo de credulidade; 2- **erro de subatribuição** – pecado terrível (DENNETT, 1997).

Segundo Dennett (1997, p. 18) “não sabemos nada comparável sobre as vidas mentais de quaisquer outras espécies, pois não podemos conversar sobre isto com elas. Podemos pensar que sabemos, mas é necessário investigação científica para confirmar ou refutar nossos palpites tradicionais”. Se pudéssemos nos comunicar com os animais, talvez, teríamos a possibilidade de reconhecer quais deles possuem uma *mente* consciente ou não, mas isto não é garantida de coisa alguma, pois na história da humanidade os europeus escravizaram índios nas Américas e negros da África justificando tal horror pelo “fato” deles serem desprovidos de *alma*. Esse é um exemplo do perigo de se incorrer no *erro de subatribuição*.

Me parece que a *filosofia da mente* é altamente influenciada pela *filosofia da linguagem*, pois ambas as áreas irão tomar a linguagem como a chave-mestra para o *conhecimento* de outras *mentes/mundos*. No entanto, Dennett (1997, p. 18) reconhece que devemos ser cuidadosos quanto a isto, pois “o ato de falar, não importa quão decisiva sua presença possa ser, não é requisito necessário para se ter uma mente”. Certamente existem *mentes* cujo conteúdo é inacessível à nossa curiosidade, Dennett (1997, p. 19) reconhece que “certamente animais não-humanos – pelo menos alguns deles – tem vidas mentais”, então, devemos ser humildes e reconhecer nossas limitações com relação a isso e acostumar-nos com esse fato maravilhoso.

A questão, agora, fica um pouco mais complicada, pois muitas vezes fazemos coisas inteligentes sem pensar, para Dennett (1997), nós as fazemos “automaticamente” ou “inconscientemente”. Qualquer um que tenha lido minimamente Heidegger diria que há uma concordância desses dois autores quanto a isto. Mas ao contrário deste último, Dennett não restringe a sua fala ao homem, investiga a possibilidade de reconhecer *mentes* não-humanas e admite que entre as criaturas que não tem linguagem, algumas não possuem *mentes* de modo algum, mas fazem tudo “automaticamente” ou “inconscientemente”. Algo que Heidegger chamaria de primordial, anterior, fundamental ao *res cogitans* cartesiano, que para ele era derivado. Mas Dennett precisa, então, encontrar algo que lhe permita identificar uma *mente* e isso que Heidegger tanto chama a nossa atenção não vai servir como parâmetro da investigação.

Para Dennett (1997, p. 20), “podemos nunca ser capazes de dizer onde estabelecer a fronteira entre estas criaturas que possuem mentes e aquelas que não possuem”. Para ele, temos de reconhecer que existem “dois tipos de fatos supostamente incognoscíveis: fatos sobre o que está acontecendo com aqueles que possuem mentes mas não uma maneira de verbalizar seus pensamentos, e fatos sobre que criaturas possuem mentes”. Admitir que não se é possível identificar se um certo *ente* possui, ou não, *mente* – algo de vital importância ético-moral – parece ser simplesmente intolerável para este autor. Não lhe tiro a razão quanto a isso, ainda mais quando na página seguinte ele afirma que “a asserção de que, digamos, as pessoas canhotas são zumbis inconscientes que podem ser desmantelados como se fossem bicicletas é absurda”.

Os exemplos de Dennett (1997), lembram um pouco o modo de Wittgenstein argumentar e, se mostram excelentes para prontamente vermos como são importantes os questionamentos que ele levanta. E ele nos apresenta muitas questões interessantes cuja resposta tenho dificuldades em *saber* se algum dia elas poderão ser encontradas. Mas parece que ele encontrou um caminho promissor para desvendar esse mistério e a chave de solução parece estar na *intencionalidade*.

A intenção parece estar na base da *razão*. O sujeito fez isso, com que intenção? Qual o motivo? Qual a razão que o moveu? Pode-se falar de intenção com relação aos animais, ou isso é apenas uma mania que temos de transferir, para os outros *entes*, características que são nossas?

No capítulo dois do seu livro, Dennett (1997) se dedica a falar da abordagem dos sistemas intencionais. Eu admito que fiquei positivamente impressionado com a forma elegante e atual como ele inicia o assunto nos fazendo ver que num grão de areia e numa molécula de água, evidentemente, não poderíamos encontrar uma *mente*, mas quando pensamos em um vírus, algumas pessoas podem achar que exista ali alguma *vontade*, mas evidentemente, eles também não sabem o que fazem, são como máquinas, “robôs naturais”. Eles não pensam e não *deliberam*. Portanto, não há como atribuir-lhes uma *mente*.

Na página 28 Dennett (1997) diz: “não há mais qualquer dúvida séria sobre isto: *somos todos descendentes diretos desses robôs auto-replicantes*”. Qualquer *evolucionista* concordaria com ele quanto a isto e não sou eu que vai discordar, muito pelo contrário. Concordo plenamente, pois somos o resultado de um longo e intrincado processo evolutivo que no decorrer das eras acabou nos selecionando como um maravilhoso animal racional que conseguiu, com sua criatividade e capacidade de construção de ferramentas/comunicação, se impor como a espécie dominante do planeta. Há apenas uma grande árvore genealógica da qual todos provemos.

Biologicamente “somos feitos dos mesmos tipos de autômatos que nos invadem – nenhum halo especial de humanidade distingue nossos anticorpos dos antígenos que combatem”. “Cada célula – um agente diminuto que pode realizar um número limitado de tarefas – é tão destituído de mente quanto um vírus”. “Os bilhões de neurônios que se reúnem para constituir nosso cérebro são células”. Esses são alguns fatos científicos que Dennett (1997) se utiliza para nos perguntar no final da página 28 e início da 29: “Pode acontecer de um número suficiente desses *homunculi* – homenzinhos – estúpidos serem colocados juntos e o resultado ser uma pessoa consciente, real, com uma mente genuína?”. E a resposta vem prontamente logo a seguir: “De acordo com a ciência moderna, não há outra maneira de se fabricar uma pessoa real. [...] somos cada um de nós uma coleção de trilhões de máquinas macromoleculares. [...] Portanto, algo constituído por robôs *pode* exibir consciência genuína”. Afinal somos um exemplo disso. Em última instância, para ele, é isto que a *ciência* atual afirma após tanta pesquisa e descobertas.

Ainda na página 29, Dennett (1997) irá nos revelar o seu desprezo pelo *dualismo* e pelo *vitalismo* dizendo que no primeiro “as mentes são compostas de uma matéria não física e absolutamente misteriosa” e que o segundo defende “o ponto de vista de que as coisas contém algum tipo de substância física mas igualmente misteriosa – o *elã vital*”. O problema é que ele se esquece de dizer que também é um grande mistério para os cientistas como ou a partir do que se dá a diferença entre um amontoado de máquinas macromoleculares sem qualquer tipo de *consciência* e a constituição de uma *consciência* genuína a partir de um arranjo especialmente misterioso destas máquinas. Provavelmente nunca obtemos esta resposta. Não acho que seja justificável tanta arrogância em desprezar dois mistérios em detrimento de outro tão misterioso quanto só porque, talvez, se use uma aparato mais caro e sofisticado para se tentar desvendá-lo. Se fossemos levar em consideração a relação custo benefício eu não jogaria fora nem o *dualismo* nem o *vitalismo*, pois pode ser que esta mesma *ciência*, em que Dennett e muitos outros tanto se baseiam, demonstre que eles são mais verdadeiros do que se imagina. Vale a pena continuar destrinchando o trabalho de Dennett (1997)? É claro que sim! Principalmente se queremos *entender* a “falsa segurança” que o *materialismo* conseguiu com a “ciência” que ele defende.

Alguém poderia se espantar com o emprego destes termos: “falsa segurança”. Mas, eu os emprego em função de que sempre há mais dúvidas do que certezas quando se pesquisa neste campo e, portanto, não há como se falar em algo que não se tem.

A leitura do restante do trabalho de Daniel Dennett (1997) irá revelar que uma *mente* é fundamentalmente um antecipador, um gerador de expectativas e o que as *mentes* fazem é processar *informação*. O que ele afirma, no final do capítulo três, marca bem a posição do modo de pensar *materialista*, no qual a *mente* seria fruto exclusivo de reações químicas que acontecem em nosso cérebro:

[...] Somos tentados a pensar que simples impulsos nervosos não podem ser as substâncias da consciência – que eles, de alguma forma, precisam ser traduzidos para alguma outra coisa.

A ideia de que a rede *em si mesma* – em virtude de sua estrutura intrincada, e portanto poderes de transformação e portanto capacidade de controlar o corpo – poderia assumir o papel de Chefão interno e assim abrigar a consciência parece ser absurda inicialmente. Mas alguma versão desta afirmativa é a **grande esperança do materialista**. Aqui é onde as próprias complicações que arruinam a história do sistema nervoso como um sistema puro de processamento de informação podem ser chamadas para auxiliar nossas imaginações, distribuindo uma porção da vasta tarefa de “consideração” de volta para o corpo (DENNETT, 1997, p.69-70, o destaque em negrito é nosso).

Na dificuldade de se diagnosticar como esquizofrênicos todas as pessoas que dizem ver, ouvir e falar com *espíritos*, aos *materialistas* só resta a esperança de provar que a *mente* é fruto, única e exclusivamente, de reações químicas que acontecem em nosso cérebro. As neurociências tem se empenhado nisto, mas esta não é uma tarefa fácil. As ferramentas de que dispomos ainda são muito rudimentares. Equipamentos caros e sofisticados como aparelhos de ressonância

nuclear magnética funcional (RNMf), que possibilitam o mapeamento do aumento do fluxo sanguíneo correlacionando com a nossa atividade cerebral, embora impressionantes ainda são muito frágeis como “prova” do que se pretende e deve-se tomar muito cuidado para não se deixar enganar pelos mais empolgados que veem aquilo que querem ver.

Muito mais simples, barato e confiável é provar a existência de um *espírito* desencarnado se comunicando conosco. Isso por si só já destrói a tese *materialista*. Já prova que o *software* independe do *hardware*, não se origina nele e não morre com ele. Pode até rodar melhor nele se ele for melhor e mais sofisticado do que uma versão anterior, mas qualquer garoto que tenha a mínima noção de informática sabe que a inteligência está no *software* e não no *hardware*. Só os *materialistas* e aqueles “caras” da diretoria da IBM, que decidiram comercializar os primeiros computadores pessoais com um sistema operacional fornecido pela Microsoft, é que são tolos o suficiente para pensar o contrário. Esta é a minha opinião, se alguém provar o meu erro eu mudo.

Mas as investigações das neurociências não se limitam ao que Dennett (1997) descreve em seu livro. No campo de estudo das redes neurais, algumas pesquisas merecem nossa atenção por serem, talvez, mais promissoras para explicar ou para, pelo menos, nos ajudar a *entender* o que é necessário para uma *mente consciente* se manifestar. Mas há também uma outra razão para recorrermos a essa outra abordagem: talvez ela nos indique um limite que não deva ser ultrapassado, note que eu disse “não deva” ao invés de “não possa”. *Poder* nem sempre é *dever*.

3.3.4 Redes neurais artificiais e algumas de suas implicações

Redes neurais são sistemas computacionais baseados em nós simples (unidades modelo matemáticos baseados em neurônios) que se interligam entre si. Estes modelos computacionais são cada vez mais utilizados para resolver problemas complexos à semelhança do que acontece no cérebro humano quando reconhecemos padrões, por exemplo. Uma rede com poucos neurônios pode ser construída para, por exemplo, controlar um sinal de trânsito em um cruzamento, onde um sistema de câmeras digitais lhe fornece informações visuais das pistas que compõem o cruzamento. Um colega meu, construiu e “treinou” uma rede assim, no seu trabalho de mestrado, para maximizar o fluxo de carros em um cruzamento⁸¹.

O problema de redes neurais computacionais é que elas requerem um volume razoável de processamento o que torna fisicamente impraticável, a construção de um sistema assim, depois de um certo tamanho. Mas em *ciência*, sempre que surge um problema, alguém aparece com uma solução inovadora.

⁸¹ Vide Ribeiro (1999) e Haykin (2001) para maior entendimento.

Na Universidade da Flórida um grupo de pesquisadores desenvolveu um meio de cultura que lhes permitia isolar e manter vivos neurônios corticais de rato por vários meses. Isso possibilitou à equipe, liderada pelo jovem professor/pesquisador Thomas DeMarse, construir o “cérebro”, uma rede neural com cerca de 25.000 neurônios vivos, cultivados em uma pequena *placa de Petri* com 60 eletrodos formando uma “teia” que, por meio de uma interface eletrônica, foi ligado à um microcomputador com um simulador de voo de um avião de caça F-22⁸².

O que antes pareceria coisa de ficção científica aconteceu na prática. O “cérebro” e o simulador estabeleceram uma comunicação e este conjunto de células foi capaz de controlar o avião. A pesquisa se mostrou importante, pois permite aos cientistas estudar como estas células interagem entre si e com o simulador e, assim, decodificar como uma rede neural estabelece conexões e começa a computar. Certamente Rudolf Carnap (1932) e os *filósofos* do Círculo de Viena iriam gostar deste tipo de pesquisa, pois não só ela é bastante palpável, como utiliza um dos recursos mais úteis hoje em dia, o computador, que é fruto indireto dos trabalhos dos lógicos. Estes são alguns dos fatos, vamos, então, à especulação: o que é importante destacar, aqui, é que os cientistas agora descobriram uma maneira de fazer com que células do sistema nervoso central de um mamífero “conversasse” com um dispositivo eletrônico.

Imaginemos, então, que daqui a uns trezentos anos, depois que esta tecnologia esteja mais evoluída, que alguém consiga implantar eletrodos no cérebro humano e conectá-lo ao uma espécie de chip de celular e que isso seja feito com duas pessoas de tal forma que elas consigam estabelecer uma comunicação entre si, uma espécie de telepatia cibernética. Note, que neste caso, elas não estão mais se utilizando de gestos, palavras, ou qualquer outros tipo de sinal, elas estão apenas pensando e sentindo. Os dispositivos implantados em seus cérebros estão transmitindo e recebendo impulsos elétricos que estabelecem uma comunicação cérebro a cérebro. Suponhamos, ainda, que se uma delas comer um sanduíche e estiver conectada à outra, esta última sentirá o cheiro, a textura e o sabor do sanduíche, conseguirá sentir o prazer de saboreá-lo à distância. Isso, certamente, elevaria a um outro patamar aquilo que chamamos de comunicação.

Digamos ainda que esta novidade se torne popular e toda a espécie humana venha a fazer uso dessa tecnologia e que passado mais uma centena de anos esta se torne a nossa única maneira de comunicação. Como ficaria essa tal *Filosofia da Linguagem*, uma vez que não teríamos mais algo que materializasse o pensamento na forma de um texto escrito e dado que agora se é possível transmitir o pensamento, *sentimento* e *sensações* diretamente cérebro a cérebro? Será que perderíamos a nossa capacidade de pensar? Certamente que não. E a nossa capacidade de questionar ficaria abalada? Também, é evidente que não.

⁸² Vide o trabalho de DeMarse e Dockendorf (2005).

Então, para mim, a linguagem é um importante meio de comunicação, um bom domínio dela nos permite transmitir uma ideia sem distorções, mas a linguagem não passa disso, um instrumento. Quando Carnap (1932) analisa a linguagem logicamente ele restringe ainda mais o universo de resultados que ele pode obter, pois a linguagem se mostra pobre para expressar toda uma série de coisas que sentimos e que pensamos, mas que temos muita dificuldade de traduzir em palavras. “Sobre aquilo que não pode ser dito deve-se calar” é algo que Wittgenstein⁸³ disse ao perceber que a linguagem não dava conta de descrever aquilo que era mais importante. O pessoal do Círculo de Viena, não compreendeu isso, o que fez com que Wittgenstein se afastasse deles. O fato da linguagem formal não dar conta de dizer uma coisa não quer dizer que esta coisa não exista, ou não seja importante, mas que simplesmente estamos reconhecendo um limite do método que estamos utilizando.

Outro fator importante que precisa ser considerado é o fato de que Carnap e os positivistas lógicos mantêm uma “Atitude em Relação à Vida”, para utilizar as próprias palavras de Carnap, diferente da “Atitude em Relação à Vida” dos metafísicos. No campo científico poderíamos utilizar a palavra *paradigma* para descrever esta “Atitude em Relação à Vida”. Eu prefiro utilizar o termo “referencial” para descrever esta *visão de mundo* que determina a própria forma de pensar e agir de um indivíduo. Como o *referencial* dos positivistas lógicos, do Círculo de Viena, não lhes permite ver *sentido* em nada que não possa ser passível de verificação, e entenda-se aqui por verificação, aquilo que eles admitem como algo digno de receber esse nome, então, eles não conseguem encontrar um significado para os termos da *metafísica*. Daí o seu desprezo por ela.

Evidentemente que toda palavra pode ser clara e inequivocamente definida, formulando-se *conceitos* que podem servir de base para uma teoria. Podemos dizer que as proposições são sentenças que expressam esses *conceitos* e hipóteses que podem ser passíveis ou não de verificação. Uma hipótese pode não ser verificável e, mesmo assim, ser verdadeira. Isso não é um impeditivo lógico. Geralmente formulamos estas hipóteses por força do nosso *hábito*, fazemos isso instintivamente até, pois essa é uma das razões pelas quais conseguimos chegar até aqui. A capacidade de deduzir coisas a partir de um número reduzido de *dados* (ou seja o *hábito*) literalmente nos salvou da extinção e foi filtrada pelo processo de *seleção natural*.

Podemos dizer: “Todo cisne é branco”. Esta proposição pode ser formulada por uma pessoa que, em toda a sua vida, só viu cisnes brancos. Mas pode-se indagar se é possível existir algum cisne de outra cor, uma vez que existem aves de outras cores. Se ninguém, daquela região, nunca viu um cisne de outra cor, pode-se pensar que as proposições: “algum cisne é branco” ou “algum cisne não é branco” não tem o menor *sentido* uma vez que todo cisne é branco.

⁸³ Vide Wittgenstein (2001).

Se, de repente, alguém observa um cisne rosa e tal cisne é capturado e se verifica que suas penas foram tingidas e mais tarde o mesmo acontece e um cisne azul ou verde são encontrados é logicamente aceitável que alguém formule a teoria de que “todos os cisnes são brancos, a menos que alguém pinte suas penas de outra cor” e se aparece algum cisne preto é lógico também supor que alguém logo indague sobre quem foi que pintou as penas do cisne de preto? Mas se uma pessoa se dá ao trabalho de investigar se de fato o tal cisne é preto e verifica que a cor de sua plumagem é natural, então, neste caso, já não se pode dizer mais que todo cisne é branco e dizemos que o *status* de *conhecimento* mudou.

Assim, é preciso ser mais comedido ao dizer que uma área de *conhecimento* não tem contribuições a dar para o *conhecimento* da humanidade e eleger uma outra área como sendo a área que consegue produzir *conhecimento*, pois podemos estar olhando para o *mundo* com lentes que distorcem a realidade. A minha tese é que foi exatamente isso o que se sucedeu com o “garotos” do Círculo de Viena, empolgados com o seu novo brinquedinho.

O mesmo perigo corre os “garotos” das neurociências, uma área fascinante que tem tudo para dar grandes contribuições para a humanidade. Pensem na tentação que é poder construir um “cérebro”, com trilhões de neurônios, a partir do *conhecimento* produzido por pesquisas como as desenvolvidas pela equipe do professor DeMarse. Um “cérebro” *consciente*; Quem sabe possamos, talvez até, construir um “cérebro” com um número bem maior de células, capaz de *pensar-por-todos-nós*? Seria isso possível daqui a algumas décadas? Isso seria um sonho ou um pesadelo? Se a *ciência* ainda não tem respostas para estas questões, nada impede a *arte* de tentar.

Podemos citar algumas tentativas mais conhecidas como: “O exterminador do futuro” (1984) e suas produções derivadas; “Matrix” (1999) e continuações e; “Eu robô” (2004), que mostram como a criatura decide eliminar o seu criador ao final de um período relativamente curto de tempo.

É claro que também poderíamos recorrer a visões mais otimistas, mas o fato de nos lembrarmos mais facilmente das pessimistas e de como estas visões costumam dar mais bilheteria, talvez, tenha a ver com uma espécie de *déjà-vu* que nos faz lembrar a teoria da *Queda* de Pietro Ubaldi (1965b). A diferença é, porém, que não somos eternos como *Deus*. A espécie humana pode ser extinta. Esse é um fato real, independentemente de professarmos uma visão *materialista* ou *espiritualista*. Podemos ficar sem o meio de manifestação da nossa *essência*. O fato de que, talvez, algum dia, quem sabe, possamos criar um cérebro capaz de manifestar uma *mente* consciente não descarta a possibilidade dessa *mente* ser algo imaterial e “misterioso” que se liga a ele de alguma forma que ainda desconhecemos. Tudo pode ser tratado, ainda, como especulação. Portanto, devemos prestar mais atenção às questões éticas.

3.3.5 As questões éticas na visão *materialista do justo*

Na minha tese de progressão de carreira para “Professor Pleno” (BARBONI, 2013), eu confesso que pesei um pouco a mão, pendendo o prato da balança para o lado *espiritualista*, mas essa foi uma medida que julgo acertada uma vez que minha intenção naquele trabalho era descaracterizar a *ciência materialista* como a única área produtora de *conhecimento* e desvincular a *Ciência do materialismo*. Mais ainda, eu achava, e ainda acho, importante mostrar, numa discussão ética, que a visão *espiritualista* é tão boa quanto e as vezes até melhor que a visão *materialista* e que boa parte do *conhecimento científico* que os *materialistas* defendem com tanto ardor foi produzido por *mentes espiritualistas*.

Mas agora eu tenho a oportunidade de corrigir uma “injustiça” e mostrar que também na visão *materialista* o aborto induzido é algo que deva ser evitado. A palavra “injustiça” está entre aspas porque o leitor menos atento ou malintencionado pode dizer que eu defendi naquele trabalho que todo *materialista* é a favor da legalização do aborto. De maneira alguma essa foi a minha intenção naquele trabalho. Não é assim que eu penso e não foi isso o que disse quando o escrevi. Agora, porém, chegou o momento de apresentar a questão sobre um novo foco e para isso me valho do trabalho de Dennett (1997).

No seu livro sobre os tipos de *mentes*, Dennett (1997, p. 13) afirma que o debate sobre o aborto está mergulhado num tipo de confusão onde “alguns acham óbvio que um feto de dez semanas possua uma mente, e outros acham óbvio que ele não possua”. Se o feto não possui uma *mente*, então, podemos dizer que “o caminho para argumentar que ele não possui mais interesse do que, uma perna gangrenada ou um abscesso em um dente está aberto – ele pode ser destruído para salvar a vida”. Com isto eu concordo. Mas com: “ou apenas para acomodar os interesses da pessoa que possui mente da qual ele é parte”, eu sou obrigado a discordar por dois motivos: 1- o feto não é parte do corpo da mulher que o está gerando, seu DNA é diferente do dela, tem contribuição dela, mas não é idêntico ao dela; 2- se o feto por enquanto não tem *mente* em breve ele a terá, se deixarmos a natureza seguir o seu curso.

Mas a argumentação de Dennett (1997, p. 13) prossegue dizendo: “se o feto já possui uma mente, então, seja qual for a nossa decisão, obviamente teremos de considerar *seus* interesses junto com os interesses do hospedeiro temporário”. Note que, neste trecho, o nosso autor se contradiz, reconhece e concorda comigo que o feto não pertence ao corpo da gestante.

Continuando..., Dennett (1997, p. 13) afirma que “entre estas duas posições extremas está o problema real: o feto logo desenvolverá uma mente se não for perturbado, portanto quando começaremos a levar em conta seus interesses em *perspectiva*?”, note que nesta afirmação ele também concorda comigo quanto à minha segunda objeção para não se fazer um aborto quando a gravidez não implica em risco eminente de morte para a gestante.

Dennett (1997, p. 13) pondera que a “pertinência de se possuir uma mente para questões de posicionamento moral é especialmente clara nestes casos, já que, se o feto em questão é conhecido por ser anacefálico (faltando-lhe o cérebro), isto muda, para a maioria das pessoas, dramaticamente a questão”. Não para todas, ele reconhece. Embora ele não tenha intenção de resolver estas questões morais, ele parece achar importante “mostrar como uma opinião moral comum amplifica nosso interesse nestas questões bem além da curiosidade normal”.

Para Dennett (1997, p. 14), “os ditames da moralidade e do método científico aqui pressionam em direções opostas. O caminho ético é errar no lado da superatribuição, para estar seguro. O caminho científico é colocar o ônus da prova na atribuição”. Neste ponto creio que há uma falha no pensamento deste autor. É como se ele dissesse que o caminho científico peca por subatribuição. Na minha opinião este é o tipo de raciocínio equivocado, uma verdadeira falácia que os defensores da legalização do aborto se utilizam. É fácil desmascará-la. Basta lembrar que se a gravidez seguir o seu processo natural, reconhecidamente se o feto não for anencéfalo em breve nascerá um ser dotado de *mente*, isso é um fato positivo. Assim, o caminho científico é provar que o feto não tem *mente*. Somente quando isso for feito é que os defensores da legalização do aborto poderão afirmar que se baseiam em fatos científicos para defender suas posições. Desta forma, para mim, diferentemente de Dennett, ambos os caminhos apontam para o fato de que se vamos errar que erremos por superatribuição para estarmos seguros.

Colocadas as coisas, então, no seu devido lugar, fica claro que o caminho científico, da forma como eu o encaro, não é muito fácil, o próprio Dennett (1997, p. 14) reconhece que nenhuma das teorias que tentam provar que animais e pessoas canhotas ou ruivas são conscientes foi ainda confirmada, e “enquanto isso podemos apreciar o desconforto daqueles que veem esta política agnóstica, de esperar e observar, como colocando em perigo o status moral de criaturas que elas tem *certeza* de que são conscientes”. Aqui ele parece estar falando em defesa dos animais não-humanos, ou pelo menos em defesa de alguns deles, mas também das pessoas ruivas e/ou canhotas e quanto a isso me solidarizo a ele.

O meu argumento é em defesa de que tanto eticamente como cientificamente devemos, em questões como a que discute a legalização ou não do aborto, admitir que o feto tem *mente* e basear nosso raciocínio nisso se dá pelo fato de que o que está em jogo é por demais precioso para que arrisquemos a tomar a decisão errada. Eticamente Dennett (1997), um autor com uma clara visão *materialista*, concorda conosco. Cientificamente, neste caso, creio que ele também não teria dificuldades de concordar com o fato de que ao delegarmos o ônus da prova de se demonstrar que o feto tem *mente* para os opositores da legalização do aborto estamos permitindo e sendo coniventes com um “possível crime hediondo”.

Para mim, não é um “possível crime hediondo”. É um crime hediondo, onde a vítima não tem qualquer chance de defesa. Um crime que subverte a natureza da mulher, destrói a possibilidade de convivemos com milhões de *mentes*, únicas e simplesmente encantadoras, que sequer foram consultadas sobre o seu direito de se manifestar. E tudo isso para que? Para manter um estilo de vida irresponsável de quem não se sente preparada para encarar às dificuldades do *mundo adulto*. Quem não está preparado para ser mãe ou pai não deveria transar. Ponto final.

Por isso que é tão importante a gente aprender a *pensarmos-por-nós-mesmos*. Se agimos hoje irrefletidamente, amanhã poderemos nos arrepender amargamente por algo que não podemos remediar. Cuidado! Por trás do financiamento das campanhas e pesquisas pseudo-científicas pró-aborto estão grandes fortunas cujo único interesse é garantir a preservação dos recursos naturais que ainda restam neste planeta, única e exclusivamente, para os donos destas mesmas fortunas. Legalizar o aborto no *mundo* todo certamente terá um impacto esperado: reduzir as taxas de crescimento da população pobre deste planeta. Mas há outro muito mais importante, que a maioria das pessoas não consegue enxergar. Ele coloca em risco a nossa própria condição humana.

Quem nos alerta sobre este tipo de risco é a autora de “A condição Humana”, Hannah Arendt (2010), notadamente após ter coberto o julgamento do oficial nazista Adolf Eichmann para a revista “*The New Yorker*”. Ela escreve sua avaliação sobre o caso e outros fatos desconhecidos, e a revista separa tudo em 5 artigos. Porém, aí começa todo um drama narrado em um filme biográfico intitulado “Hannah Arendt” (2012), estrelado por Barbara Sukowa no papel da *filósofa* alemã de origem judia, dirigido por Margarethe von Trotta e distribuído por Zeirgeist Films. Para aqueles que tenham dificuldades em ler os trabalhos desta autora, eu sugiro que vejam pelo menos o filme, pois ele mostra que nos seus escritos nem todos que participaram dos crimes de guerra eram verdadeiros monstros, segundo ela, judeus também estavam envolvidos e ajudaram na matança dos seus semelhantes. A sociedade se volta contra ela e contra a revista, e as críticas são tão fortes que até mesmo seus amigos mais próximos temem por ela.

No filme fica claro que o olhar de Hannah Arendt não é um olhar comum, mas observador, de uma *mente* acostumada à reflexão. A aluna “favorita” de Martin Heidegger, como diria alguns, mostra como as lições de seu mestre foram bem compreendidas e ela soube incorporar em sua vida o hábito de *pensar-por-si-mesma*.

Ao acompanhar o julgamento do oficial da SS, sequestrado pelo Mossad em Buenos Aires e levado para Israel, ela percebeu que não estava diante do monstro que todos esperavam, mas de um homem comum que não demonstrava qualquer *sentimento* de anti-semitismo. Ela percebeu que sua monstruosidade estava justamente em cumprir ordens de forma eficiente e burocrática:

sem pensar sobre as consequências do que estava fazendo; sem refletir se o que estava fazendo era certo ou errado; sem reconhecer nas pessoas que embarcava nos “trens da morte”, que as levavam para o extermínio nos campos de concentração, a sua “condição humana”.

O que parece estranho, para nós que vivemos em um outro país e em uma outra época, é a surpresa que as pessoas demonstraram quando Hannah Arendt afirma que o crime que os nazistas perpetraram foi contra a humanidade. As pessoas achavam que era contra os judeus. Como se os judeus não fossem humanos. Esse é o grande problema com os rótulos que se dão a torto e a direita. Matar judeu tudo bem, afinal o rótulo deles não é lá grande coisas, veja só o que o nosso amado líder alemão de bigodinho engraçado fala deles nos seus belos discursos, mas matar seres humanos é outra coisa, afinal eu sou um ser humano. Se desvinculo uma coisa da outra toda a violência fica justificada. Parece banal, simples demais, um verdadeiro ovo de Colombo, qualquer um sabe que com umas pequenas batidinhas na parte inferior da casca, pode-se facilmente colocar um ovo cozido em pé sobre a superfície plana de uma mesa, mas ninguém tinha pensado nisso até que alguém o fez. A partir daí todos enxergaram o que estava bem na cara deles e eles não viam. O que possibilita responder à pergunta: Por que os nazistas conseguiram fazer o que fizeram, se tanta gente em seu próprio país era contra?

No fundo não somos tão bons quanto pensamos que somos, pois o nosso *egoísmo* é a fonte de todo o mal e para fazer o bem é preciso: gastar *energia*; se opor ao mal; se comprometer; se arriscar; sofrer se for preciso; ter empatia; amar ao próximo como a nós mesmos; etc. Mas, para fazer o mal basta: cruzar os braços; se deixar levar pela maré; fazer de conta que a coisa não é com a gente; ficar quieto e deixar o perigo passar; buscar sempre o prazer; ser indiferente; amar a si e aos seus mas não se importar com os outros. Palavras como “Deus salve a América e somente a América” é na *verdade* um grande lema do mal. É assim que se forma toda uma geração de nazistas e/ou monstros piores do que eles. A gente tem dificuldades em reconhecê-los porque os vemos todos os dias quando nos olhamos no espelho. *Sapere aude* é a vacina para essa doença, mas cuidado! No *mundo* da *força* e da *astúcia* você vai ficar isolado se tomá-la.

Como, então, nos livrarmos da doença e evitarmos o isolamento? Vacinando todo *mundo*, esta é a solução que eu proponho. Precisamos mudar o *mundo* e deixar que o *justo* respire, que cresça, floresça e se multiplique. Precisamos substituir o nosso *amor egoísta* por um *amor* maior, mais belo, mais solidário e *altruísta*. A Cabalá tenta nos ajudar nessa tarefa, mas ela requer maturidade e disciplina. Não digo que isso é desnecessário, muito pelo contrário, mas a forma pela qual ela se nos revela é ainda obscura para àqueles que não conseguem se livrar de certos preconceitos. Mas há outros caminhos e soluções mais acessíveis e o empreendedorismo social é um deles. Um caminho que recomendo aos meus alunos.

3.4 O EMPREENDEDORISMO SOCIAL

Sapere aude é o desafio que Kant (2005) nos lançou e que eu adotei como lema para o meu filosofar. Ouse *saber, pense-por-si-mesmo*. Já vimos o perigo que corremos por não fazer isso, mas o que podemos ganhar procedendo assim. Creio que a melhor forma de terminar essa parte deste trabalho é, mais uma vez, recorrer à *Arte*. No caso, à sétima arte, que com o filme “Quem se importa” (2012) de Mara Mourão conseguiu captar a essência do tipo de tarefa que estamos querendo desenvolver. Em outras palavras, *empreendedor social*, como o próprio filme mostra, é algo que qualquer pessoa pode ser, os que são tem dificuldades de saber que o são até descobrirem o que é um *empreendedor social*. Quando descobrem isso, se identificam prontamente como sendo e aí acaba a sua crise de identidade. Quando eu vi o filme eu descobri que o que eu queria fazer ao buscar fundamento na *filosofia* era, através dela e com ela, me tornar um *empreendedor social* na minha sala de aula, contagiando meus alunos com essa “doença”, para que eles também se tornem *empreendedores sociais*.

O que tem de especial este filme? Que tipo de filme ele é? O que ele narra? Neste filme com pouco mais de uma hora e meia de duração, dezoito entre os maiores líderes sociais do planeta estão juntos falando sobre os seus trabalhos e sobre o que é ser um *empreendedor social*: “pessoas brilhantes com ideias inovadoras, e que enxergam desafios como oportunidades. Suas ações contribuem para reforçar a crença de que é possível SIM acabar com os grandes problemas da humanidade”. Essa definição é encontrada na capa posterior do DVD, mas você também encontra, neste mesmo local, uma definição de Dener Giovanini (um dos 18 líderes sociais apresentados no filme) de que *empreendedor social* pode ser qualquer pessoa, “não é nenhuma benção divina, você não toma comprimido para virar empreendedor social. Você simplesmente se conscientiza do seu poder de transformação”.

O que irei empreender neste momento, não é uma simples transcrição dos diálogos do filme, mas ao fazê-lo, estarei dando um exemplo claro de que o que estou dizendo, ao longo do meu trabalho, não é nenhuma maluquice da minha cabeça. Existem outras pessoas que como eu acreditam no ser humano, que ele é bom em sua essência, que só precisa de uma oportunidade e um bom direcionamento para fazer coisas incríveis e maravilhosas. Quero mostrar, com isso, como esse jeito de “fazer filosofia”, que estou defendendo, é melhor, mais coerente e especialmente necessário neste momento crucial de *transição planetária* que estamos vivendo e gostaria que meus leitores prestassem atenção na história de vida dessas pessoas e, então, compreendessem como é necessário se envolver com o que acontece em sua própria vida, com o que acontece “na sua aldeia”, para ser universal e maravilhosamente inovador mudando a sociedade para melhor.

Assim, após o anúncio dos patrocinadores, uma animação com alguns créditos e que termina por apresentar o nome do filme, este mostra várias cenas da ação negativa do homem em que ele é ao mesmo tempo o seu agente causador e a sua maior vítima enquanto a voz de uma mulher faz a seguinte narrativa: “Uma das coisas que sempre me intrigaram foi a frase 'quem se importa?' que ouvimos com tanta frequência. O *sentimento* de indiferença é algo muito triste e apatia e ignorância são na minha opinião nossos maiores inimigos”.

Após esta narrativa, aparecem outras cenas, enquanto a voz de Rodrigo Santoro narra que:

A maioria das pessoas passa a vida tentando apenas sobreviver o resto delas se perde em distrações bombardeadas por informações desconectadas de sentido. Muitas vezes acreditamos que o mundo é assim mesmo. Os problemas são assim mesmo, impossíveis de se resolver. Será que somos capazes de nos importar?

Após uma cena mostrando um céu estrelado à noite, Muhammad Yunus, *empreendedor social* – Grameen Bank de Bangladesh, faz o seguinte depoimento:

Nós não estamos aqui para curtir a vida como se alguém tivesse criado o mundo e nós fôssemos apenas convidados. Não somos convidados aqui. Somos criadores da nossa própria vida e do nosso próprio mundo. Mas antes de criar o nosso mundo devemos imaginar que tipo de mundo nós queremos começar a criar.

O filme agora mostra cenas em preto e branco com tentativas frustradas e criativas do homem voar até que, finalmente, um pequeno avião é lançado de uma catapulta e consegue voar com sucesso. Pessoas acenam felizes enquanto logo após a suástica nazista é implodida no alto de um prédio e em outra cena, agora colorida, pessoas derrubam parte do muro de Berlim. Karen Tse, empreendedora social do International Bridges To Justice – Suíça, é quem agora fala quando estas cenas são mostradas:

Eu acredito que o homem faz a história. A história está lá, mas cabe a nós criá-la. Sabe, a consciência precede os fatos. Primeiro nós temos que imaginar. Saber o que queremos e depois temos que ir além do que pensamos ser possível. Kennedy disse vamos pra Lua e todos disseram: um!, vamos pra Lua? Mas nós fomos!

Após cenas de um antigo filme mudo que mostrava de forma engraçada a realização do sonho de se ir à Lua, nos é apresentado imagens de um astronauta saltitando na sua superfície enquanto se dá mais um depoimento, desta vez de Premal Shah – Presidente da KIVA – Estados Unidos:

Eu sei que todo mundo... eh! Acaba pensando: “nossa o mundo está num período difícil agora. O preço da comida sobe. O preço do petróleo também”. Eh!... Acontecem guerras e conflitos pelo mundo inteiro e talvez tenha havido uma perda de fé nas lideranças e quem sabe... na integridade dessas lideranças. Eu acho que há muita coisa ruim, mas vamos olhar também para as coisas boas que estão acontecendo. Agora mais do que nunca as pessoas estão realmente pensando em energia limpa. As pessoas estão pensando em como podem se conectar com outras pessoas de todo o mundo via Internet e através, eu acho, de uma consciência crescente as pessoas fundamentalmente querem ter um mundo melhor. Nós aprendemos que conflitos e o apego ao passado e a muitos confortos que damos valor não são tão importantes e podem ser deixados de lado.

Se nós observarmos estes depoimentos e os demais que se seguem veremos que eles são coerentes com tudo o que temos dito. Que a *alma* humana é boa em sua essência e que todos anseiam por uma vida melhor. Soluções encantadoramente simples podem ser dadas para velhos problemas se nós nos permitirmos ser solidários e responsáveis:

Eu diria que é uma questão básica de estilo de vida como vivemos neste planeta. Que tipo de responsabilidade você se impõe a si mesmo. Sabendo disso, você cria a consciência de que se eu faço isso, se eu vivo a minha vida assim, estou prejudicando a vida de alguém e o princípio deveria ser: não prejudicar a vida de ninguém (Muhammad Yunus).

O filme mostra, agora, imagens de Mahatma Gandhi na Índia, Martin Luther King Jr. nos Estados Unidos e a voz de Rodrigo Santoro narra que “talvez seja necessário ser um tipo especial de pessoa para provocar uma grande mudança que se espalha por toda a sociedade e afeta milhões de vidas, mas todos nós podemos trazer alguma mudança positiva para algum canto do planeta. Todo mundo pode mudar o mundo”. Essa é uma ideia que tenho defendido e que este filme me dá oportunidade concreta de mostrar que isso não é meramente um sonho.

Vera Cordeiro é outra *empreendedora social* (Saúde Criança – Brasil) que agora diz “quando o cidadão comum disse: chega neste planeta eu não vivo. E o chega não é um chega e eu fico acomodado. Chega, eu vou fundar. Chega, eu vou fazer. Não importa se ele faz para ajudar quatro pessoas, ou para ajudar mil. O que importa é o *sentimento* que está por trás”. É aqui que a gente começa a perceber o quanto é fundamental espalhar esta ideia. Para quem é ajudado, não importa se esta ajuda faz parte de uma ação que envolve poucas ou muitas pessoas, o que importa é que essa ação foi feita e lhe beneficiou com aquilo que esta pessoa necessitava.

Na sequência do documentário, Karen Tse, afirma:

Quando eu comecei com o meu trabalho, as pessoas me chamaram de louca. Tantas pessoas disseram que nunca daria certo. Diziam: “por que não arruma um emprego?”. E eu tinha bons amigos que me levavam para jantar e diziam: “detesto ver você jogando fora o seu talento com esse sonho ridículo” e... “eu posso arrumar um emprego para você”. Sabe, todos tentavam me ajudar porque achavam isso tão estranho... “Você perdeu o seu rumo”. E aí eu mesma não conseguia explicar, porque eu não tinha um contexto para entender. E, então, um dia eu conheci Bill Drayton, e ele disse: “ei, você não é louca, é uma *empreendedora social*”.

Seguem-se, então uma série de depoimentos de outros empreendedores sociais que confirmam o fato de que um *empreendedor social* é um grande agente de mudança, que tem uma certa dificuldade de *saber* qual o seu verdadeiro papel nessa sociedade estranha, que faz coisas e lhe exige um certo tipo de comportamento que, bem lá no fundo, ele sabe que não é bom:

Eu comecei ator, e daí eu virei palhaço, e daí eu virei gestor de ONG... produtor (Wellington Nogueira – Doutores da Alegria – Brasil).

Quando faço o *check-in* no hotel eu gosto de colocar “escritor”. Há! Há! Há! Há! porque é isso o que eu quero ser quando crescer. Eu quero ser escritor (Al Etmanski – Plan – Canadá).

Olha... bom... eu escrevo, ah. Pera aí, o que eu escrevo? (Premal Shah).

O que é um empreendedor social? (Jehane Noujaim – Pangea Day – Estados Unidos).

Há! Há! Há! Há! Há! (Isaac Durojaiye – DMT Mobile Toilets – Nigéria).

Eu costumo escrever “pesquisador”. Porque é isso que eu sou oficialmente na Tanzânia (Bart Weetjens – Apopo – Tanzânia).

Como eu não me identificava com nada eu colocava: arquiteto, engenheiro, homem aranha, super-homem. Eh... jardineiro, qualquer coisa (Joaquin Leguía – Ania – Peru).

Quando eu faço o *check-in* no hotel eu escrevo com muito orgulho *empreendedor social*. Não escrevia, não (Dener Giovanini).

O conceito de *empreendedor social* não é muito conhecido. Hahah... talvez eu deva divulgá-lo melhor. Começar a explicar o que ele significa (Bart Weetjens).

Logo que me identificaram como *empreendedor social*... Eu pensei enfim... E aí eu sempre escrevo naquele espaço da profissão: *empreendedor social* (Joaquin Leguía).

O filme, agora, mostra várias cenas com os *empreendedores sociais* atuando no seu dia a dia, enquanto, Bill Drayton (Ashoka – Estados Unidos) diz:

Quando as pessoas finalmente entendem que elas pertencem a esta profissão é tão libertador... Minha madrinha, que me ama muito, por anos sofreu com isso. Ela dizia pros amigos: “meu afilhado Bill não é exatamente um advogado, embora, seja mais ou menos isso”. E agora ela diz: “*empreendedor social*”. E as pessoas dizem: “nossa! Isso é muito bom! Isso é muito útil!”.

Na sequência Dener Giovanini da Renctas – Brasil, diz: “qualquer pessoa pode ser um *empreendedor social*. Não é nenhuma benção divina. Você não toma comprimido para virar *empreendedor social*. Você simplesmente se conscientiza do seu poder de transformação”.

E, os depoimentos e as cenas de empreendedorismo social continuam:

Este conceito de que todo o mundo pode mudar o mundo. É um conceito muito verdadeiro. Porque na verdade, a partir de qualquer setor, de qualquer parte do nosso planeta, é possível que surjam iniciativas que podem mudar o rumo do planeta. O reconhecimento de que não é preciso ser um PhD, de que o conhecimento de um índio, que o conhecimento de uma mulher de uma comunidade tradicional é tão importante ou tão fundamental para o mundo quanto o que é produzido por um grande cientista de um grande laboratório. Acho que é um estado de consciência que nos fazia falta (Oscar Rivas – Sobrevivência – Paraguai).

Acho que um *empreendedor social* é alguém que enxerga esperança onde outras pessoas não veem esperança. Enxerga possibilidades onde não há possibilidades e conseguem ver os espaços entre uma coisa e outra. São visionários em muitos sentidos. Tem imaginação, tem esperança, mas são infinitamente práticos. Práticos e detalhistas de uma maneira muito estranha. Mas o que realmente eu acho que é uma nova tendência é que mais e mais pessoas como nós estão se posicionando e entendendo esse movimento como o nosso papel numa nova sociedade. Que estamos nos tornando cada vez mais interconectados e percebendo que cada um de nós tem uma responsabilidade e que se queremos criar um mundo melhor para todos nós, temos que participar (Karen Tse).

Agora, a voz do ator Rodrigo Santoro narra que “os conceitos são novos e ainda se misturam. Afinal qual é o nome que se dá para um empresário que decide doar toda a sua fortuna para desenvolver o setor social? Ou para o ativista que de tanto protestar inicia um movimento que acaba mudando tudo ao seu redor? Afinal quem é o *empreendedor social*?”.

Não é a capacidade de gerenciar, nem de fazer as coisas acontecerem, nem mesmo de liderança. Milhões de pessoas tem essas qualidades. O que define um empreendedor é que eles sabem quais os rumos que a sociedade deve tomar. Eles se preocupam com isso e vão fazer as coisas acontecerem e apostam suas vidas nisso e gastarão quanto tempo acharem necessário (Bill Drayton).

Qualquer *empreendedor social*, se você perguntar... Em algum momento... Pelo menos todos os que eu conheci até agora, em algum momento da vida eles se depararam com injustiça, com pobreza. Hahah!... E com desequilíbrio na sociedade. E é essa experiência contrastante que faz... Começam a se engajar com um objetivo específico (Bart Weetjens).

Quando eu tinha só cinco anos, uma experiência profunda me afetou para sempre. Eu acho que é a razão pela qual eu estou aqui hoje... E foi... Eu estava no mercado e lembro que eu estava com a minha mãe e era temporada de monção, então, estava cheio de lama e molhado e eu derrubei uma moeda de um rúpia que vale só alguns centavos, uma quantia muito pequena em dinheiro e minha mãe disse: “há deixa pra lá!”. E uma mulher de, uns... Talvez sessenta anos... Eh!... Uma pedinte, levantou e vasculhou a sarjeta só pra pegar aquela pequena moeda de um rúpia e... pra uma criança de cinco anos ver alguém que é bem mais velha do que você... Alguém que você normalmente respeita e venera... Ver a... a ausência de dignidade que a pobreza pode criar... Isso, ou aquele instinto de sobrevivência... Aquilo me marcou muito (Premal Shah).

Se eu pudesse apontar um momento, assim... Um momento assim em que você diz pronto... agora não tem mais jeito... Agora a minha vida vai ser essa, foi aquele oito meses... dez meses... que eu morei na “Rampa do Jangurussu”, em Fortaleza, no meio dos catadores de lixo, convivendo com os urubus, com os bichos, com o lixo, com a lama, com a alimentação... Tudo aquilo é um contexto só onde você pensa: “eu fui no posso da miséria humana”. E ali eu disse: “não tem mais jeito né? Daqui pra frente a minha vida inteira vai ser em defesa dos pobres. Enfrentando esse flagelo da humanidade que é a pobreza e a miséria” (Joaquim Melo – Banco Palmas – Brasil).

Eu dava aulas em uma Universidade de Bangladesh, em meados dos anos setenta, e vi a situação econômica se deteriorando e as pessoas sofrendo muito. Então eu quis ver se, como pessoa, eu podia ajudar. O que eu fiz, foi ir à comunidade ver se, como ser humano, eu poderia ter alguma utilidade para alguém. E eu vi como os agiotas estavam tirando vantagens dos pobres, lhes dando uma pequena quantia em empréstimo e, durante o processo, tomando controle de suas vidas usando-os para trabalho escravo. Então eu pensei, eu posso ajudar. Eu fiz uma lista das pessoas para entender o que precisavam e o total de dinheiro que tomaram emprestado foi vinte e sete dólares. E eu pensei: “se eu posso fazer tanta gente feliz com uma quantia tão pequena de dinheiro, por que não fazer mais disso?”. E, então, eu quis fazer mais. Eu fui aos bancos pra... convencê-los de emprestar dinheiro para as pessoas pobres para que não precisassem ir aos agiotas. Os bancos disseram: “não, não podemos”. Aí eu iniciei uma discussão com os bancos dizendo que não era certo. Que deveriam emprestar, mas não ouviram. Até que eu me ofereci como fiador e disse: “eu assino os documentos, assumo o risco e vocês dão o dinheiro” e finalmente aceitaram. Foi assim que tudo começou. E eu quis ter certeza de que as pessoas iam pagar de volta, e criei regras simples para que elas pudessem entendê-las e pagar. E elas pagaram. Então eu fiquei muito feliz e comecei a expandir, sempre com o mesmo resultado. As pessoas sempre pagavam de volta e isso agora é conhecido como microcrédito (Muhammad Yunus).

A voz do ator Rodrigo Santora, agora, nos informa que: “Yunus criou o banco Grameen, que foi o primeiro banco do mundo especializado em microcrédito. Com uma ideia tão simples como emprestar dinheiro aos mais pobres este homem inspirou várias instituições ao redor do mundo”. Em 2006 teve o seu trabalho reconhecido e foi laureado com o prêmio Nobel da Paz.

Eu achei que estava resolvendo um problema na vila, um problema local, mas com o passar do tempo, eu vi que não era um problema local, é nacional e depois vi que não é um problema nacional. É global. É um problema que está em todo lugar (Muhammad Yunus).

É impossível pensar em um grande problema mundial cuja solução não seja, pelo menos, parcialmente global. Não se resolve o problema do meio ambiente num só país. Não se constrói um sistema financeiro seguro num só país, nem só, nos países ricos. Não funciona (Bill Drayton).

E nós temos que pensar agora em como resolver os problemas globais juntos, em comunidade. E como... como você começa a pensar nisso se você nunca teve a experiência de se sentir parte de uma comunidade global? (Jehane Noujaim).

Na história da humanidade. Que tem bem seus milhares de anos. Creio que é a primeira vez que nós, como espécie, nos sentimos globalmente ameaçados (Oscar Rivas).

Nós não temos mais tempo, eu acho que o consumo já está exagerado. A produção de lixo e desperdício já está exagerado. O aquecimento global é fato. E existe uma conta muito simples que não fecha (Eugênio Scanavino – Saúde e Alegria – Brasil).

A Terra, se a gente não mudar ela vai limpar o ser humano como a dona de casa limpa a sua casa: com água quente; jato de vapor; com o ventinho da vassoura (Dener Giovanini).

Hoje o planeta Terra é um carro em alta velocidade rumo ao abismo. Nós não vivemos num mundo sustentável, nós precisamos desacelerar e mudar completamente a direção (Rodrigo Baggio – CDI – Brasil).

Se todos os humanos, todas as comunidades de seres humanos não reaprenderem a ética do cuidado evidentemente nós todos, iminentemente, nós todos estaremos caminhando para a autodestruição (Oscar Rivas).

Note como cada uma destas falas é coerente com o temos dito anteriormente e como as preocupações dos *empreendedores sociais* são também compartilhadas pelos *filósofos*. Isso não é mera coincidência, ambos são cidadãos conscientes e responsáveis. Como tal, querem mudar a sociedade e torná-la melhor. Sua *alma* clama por isso, mas, agora, o filme mostra mananciais de água contaminada, enquanto, a voz de Rodrigo Santoro diz: “Oscar Rivas é especialista no tema da água. Ele acredita que podemos recuperar áreas totalmente degradadas, transformando-as em paraísos. É o que sua organização vem fazendo em várias terras do Paraguai”. E...

Cheguei lá uma vez numa comunidade. Era uma comunidade de pescadores no meio do Amazonas. Eu cheguei lá na comunidade e falei... Mas porque é que o senhor veio aqui... Não é que a gente veio aqui... O projeto... não foi para dar o peixe pra vocês, foi pra ensinar vocês a pescar... Aquela comunidade olhou para mim assim... Eram todos pescadores... Um paulista médico, veio aqui para ensinar a gente a pescar? A gente pensou que o senhor vinha aqui atender a gente doutor... Então, a partir dali, eu nunca mais usei esta frase... Sabe? Eu era o único médico em oitocentas comunidades rurais e aí eu vi uma situação que eu não conhecia. Eram comunidades que nunca haviam visto médico. Eram mortalidades altíssima... diarreia, diarreia, diarreia... anemia... anemia... verme... verme... E aí, chegava na comunidade tinha cento e cinquenta pessoas para mim atender em um dia, dois dias. E aí eu comecei a separar as pessoas por tipo de doenças: quem está com diarreia pra cá, quem está com gripe pra lá. E começava a dar aulas explicando a parte educativa, porque se eu fosse tentar explicar, um a um, os cuidados de higiene: lave a mão; trate a água; use chinelo. Eu não atendia ninguém. E aí eu comecei a usar métodos, assim, mais divertido. Na verdade, o circo, o “Saúde e Alegria”, ele foi nascendo das maneiras mais eficientes e simples de educar as pessoas. Cada pequeno problema na comunidade é resultado de todos os fatores que envolvem aquela comunidade desde culturais, sociais, econômicos, histórico, organização social. Então, pra você desenvolver uma comunidade você precisa mexer com tudo (Eugênio Scanavino).

O narrador explica: “A organização criou um barco-hospital que consegue chegar nas regiões mais remotas da floresta. O barco leva uma equipe capaz não de trabalhar na área da *saúde*, mas também: na organização da comunidade; economia da floresta; educação; cultura e; comunicação”.

A primeira estratégia foi estar junto com a comunidade. Estar junto com a comunidade não é, o que muita gente acha, chega lá o médico e fala: “oi eu não sei nada, eu vim aqui aprender com vocês”. Ou então, outro que chega lá e fala: “olha vocês tem que fazer isso, tem que fazer aquilo, tem que fazer aquilo”. São duas coisas erradas, nós dois temos coisas a colaborar. Temos contrapartidas e obrigações mútuas a serem realizadas. Então, é uma realidade de parceria (Eugênio Scanavino).

“Criar a consciência de que todos podemos ser transformadores. É isso o que algumas organizações sociais estão conseguindo fazer. Envolver a comunidade em todos os trabalhos de modo que a população tome as rédeas do poder e possa guiar o seu próprio desenvolvimento”.

Se você quiser fazer alguma coisa pela inclusão social, pela pobreza. A primeira coisa é considerar os pobres como cidadãos, capazes, e dar a eles instrumentos para que eles se desenvolvam, respeitando eles como irmãos, como parceiros de um projeto conjunto. Eu... quando eu vi as comunidades amazônicas foi a coisa mais linda do mundo... Aquelas comunidades são lindas né? Elas tem uma saúde mental, uma saúde espiritual, uma saúde cultural... Elas tem um meio ambiente interno e externo, enorme de grande... Um dia o prefeito perguntou qual é o nome do seu projeto? Não tem nome. É saúde e alegria. Sei lá de onde que veio, pronto, é saúde e alegria. Mas, agora, eu já sei porque se chama assim. Tem uma mulher na comunidade... ela falou... um dia um jornalista perguntou para ela por que “Saúde e Alegria”? Ela falou: “é saúde e alegria do corpo, alegria e saúde da alma”, mas eu vim a descobrir isso depois (Eugênio Scanavino).

E após, uma breve pausa onde se mostram mais cenas emocionantes sobre as comunidades Amazônicas e o trabalho desenvolvido pelo “Saúde e Alegria”, seguem os depoimentos:

Quem é o governo? É o grupo que fica quatro ou oito anos? Ah-ah! Nós empreendedores, estamos lá... no “Saúde e Alegria”... nós estamos a vinte anos lá em Santarém. Já passou vereador de montão. Já passou prefeito de montão. Quem está lá todo dia? São os empreendedores que estão anos e anos, todos os dias aprendendo. Né? Quem está lá? São as empresas, gerando emprego, fazendo o seu trabalho. Os governos passam, os governos são frutos de pressões, ou da sociedade, ou do capital, da economia. Nós as ONGs, nós terceiro setor, temos soluções na mão, de baixo custo e alto impacto. As empresas tem capacidade de patrocinar e fortalecer isso, então, essa união tem que ser feita com visão estratégica, de escala e, isso tudo, forçar ou ser absorvido, influenciar ou alterar o governo a adotar como política pública. Acho que esse é o caminho (Eugênio Scanavino).

O crescimento do setor cidadão é uma nova esperança para a sociedade, pra humanidade, pro mundo, mas somente se ele não se isolar em si mesmo. Então o ponto crítico pro crescimento dos transformadores e também do setor cidadão é o seu consequente engajamento com outros setores da sociedade. Mudanças não funcionam quando isoladas do governo e não funcionam quando isoladas do mundo corporativo. Então, há esperança no mundo se criarmos uma geração de transformadores que veem o que há de bom em toda a sociedade, que investem nisso, que ordenam isso e que mobilizam isso como uma força de mudança. Não interessa em que setor está (Al Etmanski).

As pessoas precisam começar a pensar fora da caixa. Os desafios de hoje, são muito diferentes dos desafios de ontem. Assim como, também, não serão iguais aos desafios de amanhã. A habilidade de pensar fora da caixa, a habilidade de fazer as pessoas se envolverem, você não pode decidir por mim quais são os meus problemas e qual deveria ser a solução. É como dar bilhões de dólares para um oficial do governo que não saiu do seu gabinete por um ano e pedir para ele desenvolver uma favela. Ele nem sabe o que significa uma favela. Ele não viveu lá. Não fez parte daquilo. Não faz a menor ideia do que as pessoas que vivem em favelas enfrentam. Como ele vai conseguir? Só me conhece, quem me conhece mesmo. Não pode me ajudar se não conhece os meus problemas. E é por isso que eu acordei e disse: “vou fornecer banheiros para as pessoas que não tem banheiro”. Criamos um modelo de franquia no qual as viúvas ou líderes de gangues de rua gerenciam e mantêm os banheiros. Eles ficam com sessenta por cento do dinheiro gerado pelo banheiro e nós com quarenta por cento do dinheiro. E todos estão felizes com isso, quando a felicidade vai só para um lado, torna-se exploração. Eu pensei, se vou fazer isso, eu tenho que ser sério. Negócio de “merda” é um negócio sério. Claro que tem que ser sério. De um lado o espírito de Richard Branson, o homem que gosta de fazer dinheiro, e de outro o espírito da madre Teresa, a mulher que quer melhorar a sociedade. Junte os dois lados e terá um empreendedor social (Isaac Durojaiye).

Os negócios decolaram. Esse foi o primeiro momento de um mundo onde todos são transformadores. O setor social correu atrás e agora os dois campos estão se aproximando. Quase ninguém enxerga isso. É desconfortável, porque historicamente as pessoas do setor social usam um tipo de roupa e falam de um jeito os homens de negócio de outro (Bill Drayton).

Os empreendedores de negócio criam valor, mas muitas vezes, é um valor puramente econômico. Só lucro. Os empreendedores sociais estão focados no valor social, mas também usam muitas das coisas que fazem o mundo dos negócios tão eficaz, eles usam velocidade, análise, agilidade, montam grandes times... Eh! Empolgam realmente as pessoas, como fazem as grandes empresas como a Coca-Cola que conseguiu fazer todo mundo beber coca-cola. Mas os empreendedores sociais empolgam as pessoas com outra coisa (Premal Shah).

O tênis e o frescobol é o mesmo jogo. Só que no tênis, eu jogo pra tu errar. A tua dor é o meu prazer. No frescobol é o contrário, eu só posso acertar se tu acertar. Então eu levanto a bola pra ti da melhor forma possível, pra tu acertar e devolver a bola pra mim. Ou seja, o teu prazer é prazer pra mim. Eu só posso acertar quando tu acerta. Eu só vou ganhar, quando tu ganha. Isso é que é a lógica do mundo que nós estamos querendo construir (Joaquim Melo).

Os nossos problemas são heranças de um mundo compartimentado. Setorizado. Eu não entendo hoje justamente para poder dar conta dos erros feitos, as empresas estão falando de responsabilidade social corporativa. Eu não consigo imaginar, porque existe uma área de responsabilidade social ao invés de uma empresa nascer socialmente responsável. O que uma empresa pode aprender com uma ONG? O que uma ONG pode aprender com uma empresa? E nesse processo, será que é possível a gente buscar uma convergência e, justamente, a gente criar um novo modelo de gestão, um novo modelo de empresa que nasça socialmente responsável? E que só é bem sucedida porque todo o seu entorno é bem sucedido também? Hoje, os governos nos seus PIBs, ninguém privilegia a alegria, ninguém privilegia a força voluntária de um povo e o grande desafio da gente, hoje, como empreendedores, na medida em que nossas organizações crescem, é começar a influenciar esses indicadores. As pessoas já estão estudando a felicidade interna bruta que existe no Butão enquanto que o PIB é reducionista (Wellington Nogueira).

Observem que em todos esses depoimentos existe uma outra forma de encarar as relações sociais. Não estamos mais falando de uma relação do tipo identificado por Hobbes (2011) na sua obra maior onde o “homem é o lobo do próprio homem”. A ação não é mais *egoísta* em que os tipos biológicos *forte* e *astuto* recebem todo o foco da nossa atenção. Agora, temos um conjunto de propostas com ações com resultados concretos que mostram que uma abordagem *altruísta* é, não só possível, mas necessária para que a humanidade consiga sobreviver à sua ação *egoísta*.

O exemplo, a seguir, mostra que isso pode ser feito desde as primeiras idades. É preciso dar espaço para as novas gerações construir o *mundo* em que ela vai viver:

Quando observamos os indicadores de desenvolvimento de um país, o principal indicador de como um cidadão contribui ao bem estar é a PEA (População Economicamente Ativa). A População Economicamente Ativa reconhece as pessoas entre quinze e sessenta e quatro anos de idade, mas eu não conheço um indicador que chegue e diga para um menino ou uma menina de quatro, oito ou doze anos de idade, seja nas zonas urbanas ou rurais, pobre ou rico, não importa, que com isso que estão fazendo, estão hoje contribuindo para o bem estar do seu país. Então nos propusemos a criar um... Trabalhar para criar um novo indicador que se chama “População Ambientalmente Ativa”. E quem seria? Todos! Mas dando ênfase para a população menor de dezoito anos e maior do que sessenta. Com a crise ambiental que vivemos, nos perguntamos: por que isso está acontecendo? Por que dizem que nossos costumes estão nos matando? Dizem pra sociedade que os seus hábitos de consumo estão

colocando o planeta num estado de alerta quanto à sobrevivência dos seres humanos. O que está acontecendo com a gente internamente? Chegamos a conclusão que a causa é a incoerência, a falta de coerência. Ser coerente é ter a capacidade de pensar, de sentir, de dizer e de fazer as coisas de maneira alinhada e no tempo. Por que para os adultos é tão difícil ser coerente, pensamos e sentimos uma coisa e dizemos outra. Temos que recordar a nossa infância para compreender. Quando eu era pequeno, tocava o telefone... Triimm... Eu já sabia cobrir com a mão e dizer: “mamãe, o senhor Rodrigues”. “Oh não! Diga que eu não estou”. Na escola, o professor fala de meio ambiente, disso e daquilo e sai para fumar normalmente, mas joga a bituca no chão. Fala de reciclagem, toma a sua coca-cola e joga fora com a comida orgânica. Sobre os meios de comunicação, nem se fala. Você liga a televisão e a notícia mais cruel, a mais violenta é a que chama mais a atenção. Então, quando não há coerência na sociedade se alimenta a indiferença, a mentira e a violência. Então, nós temos que criar espaços para que as crianças possam desenvolver essa coerência. O que queremos é que mesmo que seja em um vaso a nível individual ou em um metro quadrado de terra, coletivamente, nesse pequeno espaço de terra as crianças possam pensar, sentir, dizer e fazer as coisas de maneira alinhada e com constância e finalmente elas vão entender que uma alta estima saudável não tem nada a ver com o seu rosto, com a sua posição social, ou o seu sobrenome, mas tem a ver com a capacidade de gerar bem estar para outros seres vivos. No total, no Peru, existem, mais ou menos, duzentos hectares que foram entregues a mais de cinco mil crianças e isto está pronto para se multiplicar. Nossa esperança é pensar, fazer e conseguir que um por cento do nosso território seja manejado pela população menor de dezoito anos que representa em alguns países quarenta por cento ou mais. E quanto aos céticos, não se preocupem, os noventa e nove por cento restante teremos para fazer o que nós já temos feito (Joaquin Leguía).

Mas o homem não pode viver só. É necessário, também, ter respeito e cuidar do bem estar e sobrevivência das outras espécies. A nossa condição de *seres conscientes* exige isso. Mas isso requer coragem, pois mexe com os interesses de quem tem muito dinheiro e poder, mas nenhum escrúpulo. Fazer o que é certo, incomoda e é perigoso:

Os obstáculos... Eles iam surgindo... Era quase que como uma maratona, daquelas que você vai pulando os cavaletes, você pula, acha que conseguiu vencer e quando olha tem outro e, tem outro, e entre tantos obstáculos ainda teve o obstáculo de tentar continuar vivo... Porque, foram muitas as ameaças, os atentados... Recebi, arma na cara... Recebi... A minha casa foi atingida por tiros (Dener Giovanini).

O narrador diz: “Dener foi ameaçado, porque o tráfico de animais é o terceiro maior do mundo, perde apenas para o tráfico de drogas e de armas. Movimenta bilhões de dólares todos os anos. Apenas dez por cento dos animais roubados chegam vivos ao seu destino final”.

É importante que a gente quebre a espinha dorsal do tráfico, exatamente onde ele é mais sensível, que é no consumidor. Para que o traficante não tenha a quem vender (Dener Giovanini).

Mas, por que salvar outras espécies? Algumas até vale a pena exterminar, não é mesmo? Mas os budistas não pensam assim: “Na África, um homem transformou ratos em heróis que salvam vidas. Bart Weetjens é o monge budista belga, que treina ratos na Tanzânia para detectar minas terrestres e tuberculose”. É o que nos é narrado, agora, por Rodrigo Santoro.

As pessoas não acreditavam em mim, elas só riam de mim e da minha ideia maluca. Mas, na medida em que fomos progredindo tendo evidência científica testada e certificada, as pessoas passaram a nos levar mais a sério (Bart Weetjens).

Parece incrível, mas para quem sabe ver, sempre se é possível enxergar algo de bom naquilo que todos só veem algo ruim e Rodrigo Santoro novamente nos esclarece que: “Os ratos conseguem detectar a tuberculose em amostras de saliva humana e são mais rápidos e eficientes do que os laboratórios convencionais. São também treinados para detectar minas terrestres liberando enormes áreas de terras, antes inutilizadas pelas guerras”.

O que nós fazemos realmente é dar poder para comunidades locais para resolver problemas comunitários de detecção por eles mesmos independentemente de ajuda estrangeira (Bart Weetjens).

O poder da *fé* e das ideias é sempre esquecido por quem se deixou levar pela *lógica materialista* que nadifica o nosso futuro, nos tira a esperança e nos faz acreditar que nenhuma mudança é possível, que não temos força suficiente para mudar aquilo que eles acham que não pode ou não querem que seja mudado.

Pode soar até simples demais, mas eu diria que o nosso maior problema tem sido a falta de crença, a falta de imaginação, a falta de esperança. As pessoas não acreditam que é possível e se elas não acreditam que é possível, geralmente não é. E é assim com tudo, se você acha que pode, ou que não pode, está certo dos dois jeitos (Karen Tse).

Por que não é mais possível filosofar?

Qual é a força que tem o maior poder do mundo? Isso é bastante óbvio, é uma grande ideia que muda padrões, mas apenas se estiver nas mãos de um bom empreendedor. É esta combinação que move o mundo. Tendo isso em mente a próxima questão é: como intervir? Qual é a forma mais eficiente de intervir que aumentaria o número dessas poderosas combinações entre ideias e empreendedores na arena social? E foi esta questão que conduziu a criação da Ashoka (Bill Drayton).

O narrador esclarece que: “Bill Drayton fundou a Ashoka, a primeira organização do mundo a identificar e apoiar empreendedores sociais”.

Quando se pensa no ciclo de vida de um empreendedor, você tem: a infância, a aprendizagem – que costuma levar bastante tempo, porque você não tem como saber qual é o próximo passo no campo até que você realmente o conheça, então, você atinge aquele momento mágico quando você sabe que tem uma ideia. E, nossa especialidade é conseguir enxergar a ideia da pessoa naquele momento da história em que estão prontos para mudar o mundo e saber como ajudá-los a obter sucesso (Bill Drayton).

“Bill Drayton foi o grande responsável pela disseminação do termo *empreendedor social*. Sua organização apoia milhares de líderes sociais em mais de sessenta países”.

Não dá para descrever metade das operações mundiais pelo que elas não são. É loucura. É baseado na história dos americanos vendo algo que não entendiam e dizendo: “porque não são pessoas do mundo dos negócios? Virou sem fins lucrativos”. E os europeus dizendo: “o que é isso? Por que não é estatal e virou não-governamental ou ONG?” E ambas as denominações são bem destrutivas. Não somos um não-alguma-coisa, nós somos cidadãos causando mudanças em grande escala na qual a mais importante é a multiplicação de agentes de mudanças, ou cidadãos. Existe um problema aqui, eu vou organizar um serviço. Ou, há uma oportunidade aqui, eu vou causar uma mudança. Eles se tornaram transformadores, talvez empreendedores, mas certamente cidadãos. Se cidadania significa alguma coisa, é se importar, organizar e fazer algo para as pessoas ao seu redor (Bill Drayton).

Especificamente, na área da *Saúde*, em que eu me especializei, a experiência de vida de um profissional que realmente se importa é, talvez, o que eu precisava para convencer os meus alunos a fazerem o mesmo. Dentro das suas condições, de acordo com as suas possibilidades, é tudo o que eu tenho lhes pedido. Não é necessário qualquer tipo de exagero, mas é fundamental que eles se envolvam se quiserem impactar o processo saúde-doença. É preciso, então, que eles saibam que para o Médico, aquele com “M” maiúsculo, o dinheiro não está acima de tudo. É claro que ele é necessário e bem útil quando tem uma boa finalidade, mas esta finalidade deve ser *altruísta*. Se bem empregado, estes recursos podem fazer a diferença entre a vida e a morte para muitas pessoas, entre a dignidade e algo que nem merece ser chamado de vida. Assim:

Existe um ciclo vicioso... Eh!... Na saúde pública, diria, no mundo, na saúde pública no que diz respeito às pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza. É como cavar um buraco na areia. É um trabalho que não tem fim e que você não vê o resultado, porque a cura não se consolida. Quando eu comecei a pensar, eu não pensei numa instituição. Quer dizer... A ideia não veio pronta de como é que seria a... ah... Como é que seria o combate à miséria. Como médica no hospital eu percebi que... Eh... As mães sofriam muito com as doenças dos filhos. E mais do que com as doenças dos filhos, elas sofriam no momento da alta, porque elas não tinham medo da doença, elas tinham medo das condições que elas teriam de lidar com a doença pós-alta. Elas teriam que lidar com a leucemia numa casa que chove dentro. Elas não teriam o dinheiro para o transporte para chegar de volta ao hospital para fazer quimioterapia. E eu convivia com mães que diziam assim: “toma doutora Vera, o meu filho, a senhora cria, porque eu não tenho dinheiro para continuar, a criar, a senhora cria”. E isso, quer dizer... Isso era insustentável. Eu fazia, naquela época, um eletrocardiograma em mim mesma por semana, quer dizer, eu vou enfartar, vou enfartar, vou morrer. Eu comecei a vender. Eu lembro... as meninas trancavam os armários, porque elas começaram a perceber que as roupas delas iam ser leiloadas e vendidas. E objetos, lá em casa, eu também comecei a vender... Então o meu marido viajava muito, nessa época, e ele chegava em casa... Cadê aquele relógio de parede... Eu falei: “virou quimioterápico”. E amigos íntimos que eu ligava... Eles começaram a desaparecer, porque eles entendiam que eu não queria ir ao cinema, que eu não queria passear, que eu queria o dinheiro... Até entender que era impossível continuar daquela maneira pedindo dinheiro pra apagar... Um incêndio... Outro incêndio... Outro incêndio. E nesse momento eu escrevi um projeto. E esse projeto eu mostrei pra uma advogada de sucesso e ela me disse: “Vera você enlouqueceu, isso é um projeto de governo, você quer melhorar moradia, você quer... Eh!... Colocar as pessoas na escola, promover o auto-sustento das famílias, dar cidadania, dar saúde... Isso é um governo”. Eu disse eh! Eu estou cansada de governos. Esse vai ser o governo da sociedade civil. Certamente, no mundo afora tem governos corretos, mas sem uma sociedade civil pulsante esse mundo não tem saída. Nós aprendemos a metodologia ouvindo quem servíamos. Que nada mais é do que você ajudar a família a pensar a sua própria vida e durante dois anos se organizar nas cinco áreas: saúde, educação, moradia, cidadania e auto-sustento. Se você ajuda essa família nessas cinco áreas, de uma forma integrada, você muda o patamar, muda a condição de vida dessa família e faz com que ela tenha as condições mínimas de sobrevivência. Quando eu tenho que dizer rapidamente o que que é a organização, qual é o *know-how* da gente, eu digo que é transformar miserável em pobre. Quando a gente pensa em mudar o mundo, a gente sempre pensa em grandes milagres, em grandes somas de recursos, em novas tecnologias. Nós não precisamos disso, com o que se já sabe, através de tecnologias sociais, de empreendedores sociais, de empreendedores de negócios, com o que já está à disposição e com o poder da Internet, esse mundo transforma em pouco tempo (Vera Cordeiro).

É desalentador ver como o serviço público é falho em coisas cuja solução técnica é tão conhecida, mas falta *vontade*. É isso o que precisamos mudar.

Eu defino ideias como um paraquedas. Um paraquedas é um equipamento maravilhoso mas apenas quando é utilizado para a sua função. Se enrolar o paraquedas em volta de si mesmo ele se torna um objeto inútil. Mas se você sobe a uma alta altitude, e salta, e liberta o seu paraquedas, o que acontece? Ele se abre. Você enxerga a beleza do paraquedas e ele vai te dar uma aterrissagem suave. E eu vejo as ideias da mesma forma. Ideias são coisas que nós precisamos libertar. Quanto mais você guarda a ideia para si mesmo, mais essa ideia vai se tornar inútil e aí a sua ideia vai acabar onde a maioria das ideias acaba, no cemitério (Isaac Durojaiye).

Ideias mudam o *mundo* quando o *mundo* pode apreciá-las. O *mundo capitalista* aprendeu que ideias são valiosas e criou maneiras de privatizá-las e obter lucro com elas. Quem pensa socialmente, não se importa muito com isso. O verdadeiro bom negócio não está no quanto dinheiro uma ideia pode nos proporcionar, mas no quanto bem ela pode fazer.

Eu me lembro que quando eu tava pensando o futuro do “Doutores”, eu já pensava nele como uma escola, como um lugar de formação e de ensino. E aí um consultor, com todo o seu conhecimento ancorado no passado, virou para mim e falou: “mas você vai ensinar para a sua concorrência, aquilo que você tem de mais precioso? E vocês depois, vão concorrer pelas mesmas verbas?”. Eu falei: “puxa tá aí uma coisa interessante”. Qual é a minha concorrência? A minha concorrência é com um cara que tá no interior do Ceará tentando fazer este trabalho pras crianças naquela região? Ou a minha concorrência é com a falta dele bem treinado e bem preparado, e fazendo um trabalho cada vez melhor? Então, eu vi que a minha concorrência não era com quem estava querendo fazer igual, mas com a ignorância, com a falta do saber e da oportunidade do acesso (Wellington Nogueira).

Esse pensamento pautou a criação dos “Doutores da Alegria”: “Quando Wellington Nogueira conheceu o trabalhos dos palhaços em hospitais teve uma *compreensão* profunda do papel social da arte. Por acreditar na força da alegria como transformadora da realidade, ele criou uma organização que foi em grande parte responsável pela humanização hospitalar no Brasil”.

Então ficou claro que eu não queria ser o dono do palhaço no hospital, mas o moderm para fazer um *download* de bons palhaços, no século XXI, em proximidade com as pessoas (Wellington Nogueira).

Para o agente social de mudança, a difusão de suas ideias é mais importante do que o dinheiro que ele pode obter com elas. Afinal, é a multiplicação desta alavancagem de mudança que possibilita mover o *mundo*. O dinheiro só distorce e desvia o objetivo inicial.

Então, se você quer passar a fazer mudanças pesadas, você vai ter que abrir mão de qualquer direito autoral sobre a ideia, porque o objetivo de fazer mudanças é embutir suas ideias nas estruturas, nos sistemas, no suprimento de água (Al Etmanski).

O importante, justamente, é que possamos descontaminar o mundo desses processos absolutamente antinaturais de privatização das ideias... Do... Do... Do pensamento. Das soluções. Todos nós devemos nos sentir parte de um movimento que gera ideias e que melhor recompensa dessas grandes ideias do que simplesmente se instalem no mundo (Oscar Rivas).

Mas não é só isso, estamos lidando com sistemas complexos. O *mundo*, hoje, está super interconectado, pelo menos é o que nós percebemos recentemente em termos de comunicação, embora os ecologistas já tenham percebido isto a mais tempo.

Em ciências estudamos sistemas lineares onde ao provocar uma pequena mudança se causa só uma mudança incremental. Ah-ah! Mas, agora, as pessoas veem que em sistemas complexos, de uma mudança mínima surge um comportamento totalmente novo. Eu acho que as pessoas estão sentindo que ações muito pequenas podem somar muito mais rapidamente do que penávamos antes. Ah!... E que indivíduos ou pequenos grupos podem transformar um sistema (John Mighton – JUMP – Canadá).

Qual é o percentual de empreendedores necessários para uma grande mudança social? Esta, talvez, seja uma daquelas perguntas que não tem uma resposta certa, mas, parece, que todos concordam que é bem menos do que se pensava anteriormente:

Se conseguirmos que vinte ou trinta por cento desta geração de jovens se tornem transformadores antes dos vinte e um anos, vamos inverter o sistema. E pra fazer isto os pais precisam se preocupar se o seu filho de quinze anos está praticando fazer mudanças. Eles se preocupam se o jovem não está indo bem em matemática e tomarão uma atitude, mas será que irão notar se ele está praticando causar mudanças? (Bill Drayton).

Eu vejo empreendedores sociais, sabe? Eh... Surgindo em todos os lugares. E eu vejo as pessoas contando histórias de empreendedores, o que cria praticamente um ciclo virtuoso de mais pessoas que aprendem sobre empreendedores sociais e aí se tornam empreendedores sociais, que por sua vez, cria mais deles e, finalmente, ser um cidadão e ser um empreendedor social... não haverá muita diferença nisto. Todos nós seremos muito ativos em nossas comunidades (Premal Shah).

Em qualquer sociedade, qualquer grupo, seja de empresas cidades, grupos étnicos, grupos religiosos, países, ou o que for. O fator essencial é: qual a proporção das pessoas que são transformadoras? Como facilitar pra que essas pessoas se juntem? Este é, sem sombra de dúvidas, o ápice da revolução democrática (Bill Drayton).

E será que uma pessoa pode fazer a diferença?

No Palmeiras tem um *banner* gigantesco que a gente coloca lá na sede e que diz assim: “Deus criou o mundo e nós construímos o conjunto Plameiras”. Nosso maior orgulho é ver a cidade como nós construímos. O canto mais lindo do mundo, sabe qual é? Chama-se conjunto Palmeiras. Que se eu achar que é Paris, Nova Iorque, sei lá mais o quê, estou lascado. É lá que eu vivo. É lá que eu me casei. É lá que estão os meus filhos. É lá que eu choro. É lá que eu canto. É lá que tem que ser o canto mais lindo do mundo. Aconteceu no Palmeiras um fato muito comum de acontecer nas favelas que se urbanizam e a renda não aumenta. Que foi que os moradores começaram a vender os seus barracos e ir embora para outras favelas. Por que isso acontecia? Porque não podiam mais pagar mais as contas. Agora chegavam conta de água, conta de luz, conta de telefone. Olha o tamanho da contradição. Passamos vinte anos para construir um bairro e agora a gente não podia mais morar no bairro que a gente mesmo construiu. E aí nós dissemos: “olha se nós conseguimos construir esse bairro, nós vamos conseguir gerar trabalho, gerar renda, aqui dentro desse bairro, com as nossas próprias forças, com os nossos próprios moradores. Nós inventamos na época uma brincadeira que era do balde furado. Qual é o dinheiro que entra aqui neste bairro? Tem aposentado que ganha dinheiro? Tem, então, jogava uma bolinha pra dentro do balde chamada dinheiro dos aposentados. Gente que trabalha? Pronto, gente que trabalha... Tem gente que ganha esmola? Tem, de repente o balde estava cheio de bolinhas. Então, tinha muito dinheiro entrando. A verdade é que ali no Palmeiras, já tinha um milhão e duzentos mil... Isso há dez anos atrás... que eram gastos mensalmente pelos moradores. Só que quando a gente perguntava: “onde a senhora compra os produtos e qual a marca?”. Tudo isso era comprado de grandes marcas. Então nós dissemos o seguinte: “nós vamos criar um programa que vai ser, a grosso modo falando, uma rolha para o balde”. Cada rolha do balde dessa que eu conseguir fechar, cada buraco desse, vai ser um dinheiro que fica aqui e gera renda. E aí, não deu outra... em janeiro de 1998, nós criamos, o que nós demos em homenagem ao Palmeiras, o “Banco Palmas”. Nós temos uma moeda social, a moeda “palmas” e as famílias pegam essa moeda e compram no comércio do bairro e o comerciante compra de outro comerciante, assim a moeda circula na própria

comunidade fazendo a riqueza ficar aqui no próprio Conjunto Palmeiras A lógica é a seguinte: o banco empresta para a produção e empresta pro consumo se eu conseguir equilibrar produção e consumo no mesmo local, no mesmo território, a gente gera trabalho e renda. Qual é a tese central? Qual é a certeza do banco comunitário? Não existe território pobre. Não existe bairro pobre. Não existe município pobre. Existem territórios, bairros e municípios que se empobrecem porque perdem suas poupanças locais. Qualquer território, qualquer bairro, qualquer localidade é portadora de desenvolvimento econômico (Joaquim Melo).

Novamente o narrador nos esclarece que: “Joaquim Melo era um seminarista trabalhando para os pobres e acabou virando banqueiro. Teve que enfrentar o Banco Central do Brasil, para criar uma moeda própria e fundar o primeiro banco comunitário do país”.

Esse Banco Palmas que hoje está em trinta e dois cantos do Brasil e que vai se multiplicar muito mais. Não surgiu em Harvard, não surgiu na USP, não surgiu na FGV. Nada contra todo esse povo, nada contra ninguém, mas surgiu na favela, nos grotões do Nordeste do Brasil. A pobreza não é uma sentença. A pobreza não é uma dádiva de Deus nem uma coisa que não tem jeito, basta que nós possa aqui: produzir, consumir, vender, comercializar uns pros outros. Se eu faço as pessoas acreditarem nisso eu consigo o que eu quero (Joaquim Melo).

Este homem simples e criativo, do interior de uma das regiões mais pobres do país, nos mostrou como uma ideia simples pode alavancar todo um ciclo de desenvolvimento que pode ajudar a eliminar este grande flagelo da humanidade. Mas ele não está só ao pensar assim:

Eu acho que a pobreza pode ser eliminada do mundo inteiro, porque a pobreza não faz parte da sociedade humana. A pobreza é artificialmente imposta aos seres humanos. Não é natural a eles. Não é parte deles. É algo artificial, sempre pode ser arrancado. É quase como uma árvore bonsai. Você pega a melhor semente, da árvore mais alta da floresta e a coloca num vaso de flores e a deixa crescer. Ela não cresce tanto quanto a árvore mais alta da floresta. Não importa quanto tempo fique lá, vai ficar pequena. É uma réplica exata da árvore que você viu na floresta, mas não é tão alta, é só uma árvore pequena. E você se pergunta: “e por que isso aconteceu?”. Não há nada de errado com a semente. A única resposta é que você não forneceu a base onde ela pudesse crescer (Muhammad Yunus).

Ao criar o microcrédito, Muhammad Yunus, mudou a vida de muita gente e chamou a atenção do *mundo* sobre si, mas sua ideia foi não só copiada mas atualizada por outras pessoas que, também, se incomodaram com a miséria alheia e pelo fato das oportunidades não serem iguais para todos:

No momento anterior ao nascimento, quando estamos prestes a vir para a Terra é impossível saber se você vai ser o filho de... de... de uma família bem rica na... na cidade de Nova Iorque, ou a terceira filha de um camponês na China. E... E... Essa... Essa... Essa loteria... A loteria ovariana da vida é algo tão interessante... Eh... E incrível que todos temos que lembrar que muito de quem somos, e do que nós temos, é consequência das condições em que nascemos. Reconhecer, respeitar e meditar sobre isso, torna muito natural pensarmos sobre outros indivíduos que nasceram sob condições que não propiciaram que fossem tão bem sucedidos quanto muitos de nós conseguimos ser (Premal Shah).

Dizem que o trabalho dá dignidade ao homem, mas cada vez mais pessoas estão descobrindo que ele também pode dar muito prazer:

Como será o mundo em que as pessoas acordam todo dia para buscar e viver experiências de alegria e consequentemente essas experiências de alegria, podem ser chamadas de trabalho? (Wellington Nogueira).

Como muitas pessoas, você pensa em fazer algo maior, algo que seja capaz de resolver essa injustiça enorme. Mas você está muito preocupado com a escola e depois com o trabalho. Sabe, eu acho que eu estava apenas flutuando na vida. Sinceramente, o meu salário era bom. Eu tinha bons amigos. A vida era boa, mas tinha alguma coisa faltando, então, no começo de 2005 eu encontrei o Matt e a Jessica que são os co-fundadores do KIVA. KIVA é uma história interessante onde a ideia, em si, é muito simples: a ideia é usar a Internet para permitir que as pessoas aprendam umas sobre as outras e depois, emprestem umas as outras através da Internet. Se você pode comprar um livro na Amazon.com, por que não poderia fazer um empréstimo para alguém, ao redor do mundo que precisa, sei lá, só de vinte e cinco dólares ou uma pequena quantia de dinheiro pra montar um negócio ou comprar uma máquina de costura? Então, é só unir a Internet com o microcrédito. Não queremos mostrar os pobres como pessoas indefesas que precisam da sua ajuda, mas sim como pessoas que tem suas próprias ideias de como podem, verdadeiramente, sair da pobreza. E eles querem ser tratados como um parceiro de negócios. Querem que você seja o seu investidor, o seu credor. E te pagarão de volta. É uma relação baseada na dignidade mútua. Os heróis são as pessoas no *Web site*, as celebridades são as pessoas que fazem os empréstimos e as que recebem os empréstimos. Você pode ver suas fotos, suas histórias. Por que pedem empréstimos, suas esperanças, sonhos e aspirações. Bom, no primeiro ano, nós não conseguimos nem levantar, nem um milhão de dólares. Eh!... Mas, agora, a cada dez dias, levantamos um milhão de dólares. Boas ideias, ou o que eu gosto de chamar de uma ideia correta, na sociedade, na Internet, vai viajar extremamente rápido e isso é uma coisa que é simplesmente maravilhosa de se assistir. E na verdade podemos ser todos nós em passos crescentes. São pequenas coisas no nosso dia a dia, que se somam e fazem o mundo girar numa direção ao invés de outra. Essa busca de sentido, fazer disso o seu trabalho de cada dia é uma das situações mais boas que você pode arranjar para si (Premal Shah).

Nosso filme, agora, aponta que é preciso adotar um novo estilo de vida para ser feliz.

Quando as pessoas fazem escolhas de carreira, se você tiver a chance de expressar amor e respeito de forma grandiosa... Esse é, certamente, o maior dom que você poderia ter. Se uma criança tem muitos brinquedos e nenhum amor, não funciona. A mesma coisa vale pros adultos. Carros e todas essas coisas, são medidas indiretas de sucesso na vida, são as sombras na caverna. Um quarto cheio de brinquedos não é o suficiente (Bill Drayton).

É a história do pescador que estava pescando com um empresário e pescava o suficiente pra comer naquele dia, então, o empresário disse ao índio pescador: por que você não faz uma rede e pega mais peixes? E o índio respondeu: pra quê?. E ele dizia: pra que você possa comer e o que sobrar, vender. E o índio disse: pra quê? E ele disse: pra que possa contratar pessoas que podem pescar mais com redes novas. E ele dizia: pra quê?. Para produzir mais peixe. E ele dizia: pra quê? Pra vender. E pra quê? Disse. Pra que você tenha bastante dinheiro. E o que eu vou fazer com tanto dinheiro? Nada! Não vai precisar mais trabalhar e pode, por exemplo, ir pescar (Oscar Rivas).

Nós nos tornamos aquisitivos ou materialistas porque nunca fomos mentalmente estimulados... Eu diria, em todos os níveis: intelectual, emocional, espiritual em relação a uma comunidade de mentes trabalhando juntas. Nós nunca nos interessamos muito pelo reino mental. Nós pensaríamos que uma criança seria tola se não visse beleza em uma montanha ou em uma estrela, mas achamos normal se ela não ver beleza nas leis e conexões das coisas invisíveis que estão por trás da natureza, das ciências e da matemática. Achamos natural que a grande maioria das pessoas se formem na escola sem o menor interesse por essas coisas. Com isso, bloqueamos parte dos nossos cérebros. Uma vez que você começa a utilizar a sua mente e se conectar com o mundo das ideias, das imagens, com outras mentes, percebe que há uma fonte infinita de alegria constante e entretenimento que é grátis. Totalmente grátis (John Mighton).

John Mighton, criou a JUMP – “uma filantropia baseada na ideia de que há um enorme potencial nas crianças, um potencial intelectual e emocional que não estamos nutrindo. Que matemática pode ser uma disciplina maravilhosa, e envolvente, e abrir portas e mundos inteiros pra eles”.

Desde o começo, quando eu via a alegria nas crianças, a alegria de solucionar problemas, de usar suas mentes, e o alívio que sentiam ao descobrir que eram inteligentes e que podiam fazer algo. Foi o primeiro indicador que havia alguma coisa positiva. [...] A verdadeira raiz da pobreza material é a pobreza intelectual (John Mighton).

“Albert Einstein, tinha em seu escritório um cartaz que dizia: 'nem tudo o que conta pode ser contado e nem tudo o que pode ser cotado, conta'. No mundo dos negócios pode-se medir o desempenho de uma empresa pelo seu lucro, mas como medir o impacto de uma organização que ensina as crianças a resolverem os seus conflitos na escola? Ou de outra, que muda a vida de comunidades carentes por meio da tecnologia?”. Este é o questionamento que o filme agora nos apresenta. Será que a solução está na velha e surrada forma, sempre muito vaga, lembrada nos tempos de campanha, mas sempre esquecida nos tempos de governo de se investir na educação?

Em noventa e três eu tive um sonho, e esse sonho redirecionou a minha vida. E nesse sonho eu vi jovens de baixa renda usando a tecnologia para refletir e impactar a e pra transformar a realidade em que essas pessoas viviam (Rodrigo Baggio).

O narrador nos informa que: “Quando todos ainda pensavam que computador é coisa de gente rica, Rodrigo já falava em inclusão digital”.

Eu lembro que em uma das nossas escolas no Rio de Janeiro, eu estava fazendo uma visita e conversando com um dos nossos educadores e esse educador, emocionado com aquele momento, ele compartilhou a história da vida dele. Então ele começou dizendo que aos doze anos de idade, ele se viciou em drogas. Chegou num determinado momento em que ele precisou trabalhar no tráfico para poder comprar as drogas e, dentro desse processo, ele foi preso duas vezes. E ele disse pra mim. Eu lembre que ele disse pra mim: Rodrigo, imagine tudo o que de pior possa acontecer com um homem. Tudo isso aconteceu comigo nestas duas vezes em que eu passei pela prisão. E num momento de confronto com a polícia, ele preferiu morrer do que ser preso novamente. E o policial deu cinco tiros na direção dele. E nenhum desses tiros atingiu esse rapaz. Esse rapaz, pela primeira vez em muitas semanas voltou pra casa da mãe e passaram abraçados a noite inteira. Então, ele tomou a decisão de sair da criminalidade, do tráfico, e procurou uma das escolas de informática e cidadania do CDI. E ele virou educador desta escola e ele mudou completamente a vida dele. Então, exemplos como esses nos inspiram fortemente. O trabalho do CDI é muito mais do que ensinar tecnologia pras pessoas de baixa renda. O trabalho do CDI é sobre emponderar comunidades através da tecnologia (Rodrigo Baggio).

Um olhar despreconceituoso faz toda a diferença para a forma como estendemos a mão para ajudar o nosso próximo. Isto pode viabilizar uma ação mais integradora e acolhedora, na qual, o socorrido não se sinta esmagado com o peso da “esmola”, que corrói e invalida a ação. As vezes, tudo o que eles querem e necessitam é de uma oportunidade de se posicionarem no *mundo* como verdadeiros cidadãos, capazes de serem úteis e contribuir para a melhoria da sociedade.

Lá nos anos oitenta, começamos a ouvir o questionamento do que iria acontecer às crianças com deficiência quando seus pais morressem. Muitos países dão às pessoas com deficiência os seus direitos humanos, mas acontece que os direitos, por si só, não tornam uma vida interessante. Não te dão uma vida significativa. Dois dos maiores obstáculos enfrentados pelas pessoas com deficiência são: o isolamento e a solidão. E percebemos que a nossa principal missão tinha de ser o desenvolvimento do apoio social, ou do que nós chamamos, hoje, de redes pessoais. Então dedicamos todo o nosso tempo para criar uma boa vida para as pessoas com deficiência garantindo que elas se sintam participantes. Que sejam acompanhadas na vida por amigos, por pessoas que se preocupam com elas e que as amam. Quando a mãe do David veio até nós, era apenas ela e seu filho. Ela era bem idosa e sabia que estava morrendo. Então, ela estava muito, muito preocupada. Aterrorizada com a ideia de que David se tornasse um morador de rua. Ele era autista, ele não tinha amigos, não tinha interesse em ninguém e construímos uma rede pessoal em torno de suas duas grandes paixões: a primeira grande paixão de David era a música clássica e; a segunda era que ele detestava ditadores. Ele odiava tanto ditadores que nós o apresentamos para a Anistia Internacional e eles o receberam de braços abertos. Alguns anos atrás, os membros de sua rede o levaram ao médico e ele foi diagnosticado com um tumor inoperável no cérebro. Durante o período... Hahah... em que ele permaneceu no hospital, ele teve mais visitantes do que alguém jamais havia tido. As paredes ficaram forradas com telegramas, com postais, as pessoas preparavam vídeos, tocavam músicas pra ele. Um dia o maestro da orquestra sinfônica de Vancouver foi visitar o David. “David, você veio me ver nos bastidores em tantas apresentações. Sempre valorizou o trabalho que eu faço. Sempre entendeu o trabalho que eu faço”. Ele saiu do quarto e viu um piano, e ele se sentou, então, ele começou a tocar uma das peças mais conhecidas de Mozart e uma das favoritas de David. Você nem imagina como a igreja estava na celebração em memória do David. Apareceram mais de trezentas pessoas. Esse potencial morador de rua, tinha inspirado, se conectado e se relacionado com pessoas de toda a cidade. Nós encontramos milhares e milhares de pessoas com deficiência e cada uma dessas pessoas quer fazer a sua contribuição pra sociedade. Cada uma quer ser necessária. Cada uma quer sentir que é contribuidora. E eu diria ainda, mais enfaticamente, que cada uma dessas pessoas tem uma contribuição a dar (Al Etmanski).

Em perfeito alinhamento com o que temos dito, o narrador complementa: “os transformadores inovam porque tem um olhar fresco, livre de dogmas. Partem do princípio que todos tem capacidades e conseguem liberar o potencial humano entre indivíduos que antes eram vistos como deficientes, incapazes, ou irrecuperáveis”.

Eu sempre tive muita preocupação com o tema da tortura, desde muito pequena. Me lembro de ter pesadelos com isso aos oito anos e, nos meus pesadelos, eu via pessoas sendo torturadas, e era horrível, horrível porque eu estava no mesmo quarto, assistindo uma pessoa sendo torturada e... aí, de repente... eu acordava, e acordava, suando frio e, primeiro eu sentia um alívio, sabe? É só um sonho ruim é um pesadelo, não está acontecendo, mas imediatamente, eu ficava transtornada porque eu sabia que naquele exato momento o meu pesadelo era realidade de alguém. Depois que eu me formei na faculdade, eu trabalhei em campos de refugiados e o que eu aprendi naquela idade foi que estar próximo do problema, dedicando o que eu pudesse pra fazer parte da solução e não do problema acabou com os meus pesadelos. Quando cheguei ao Camboja em 1994 eu lembro de entrar em prisões e ver crianças e mulheres presas e eu perguntava para as mulheres: por que você está aqui? E elas diziam: meu marido cometeu um crime há dez anos, mas não conseguiram encontrá-lo. E lá estava ela. Então, nós estamos trabalhando no sistema do país e já observamos mudanças significativas. Mas ao entrar numa prisão no Burundi, o que vemos? Há, a mesma coisa. Pergunto a um garoto: por que você está aqui? Um garoto de doze anos. Eu estou aqui porque roubei um celular. E... Bebês lindos, eu me lembro que eram uns vinte bebês e eu peguei um deles e falei pra mãe: a sua bebê é linda e a mãe disse: é, ela é. E disse: é por ela que eu estou aqui. Esta mãe me contou que havia roubado duas fraldas e havia roubado um ferro de passar do seu patrão. E ela disse eu roubei as fraudas sim, eu ia roubar mesmo, mas eu ia devolver o ferro. E aí quando eu percebo que ela já está na prisão há um ano e meio eu digo ao diretor da prisão: ela está aqui há um ano e meio, você tem que colocá-la pra depor. O

juiz vai libertá-la. E ele me diz claro, tudo bem, eu coloco ela diante do juiz e ele olha pros outros e diz, olha essa prisão, quase oitenta por cento das pessoas estão presas, aqui, em pré-julgamento. Elas não tem advogado e nem sabe em que dia serão julgadas. Então, provavelmente nós a libertaremos porque você pediu, mas que tal nos ajudar pra trabalharmos em todo o sistema. E é isso que fazemos, é a missão do *International Bridges To Justice*. O que nós procuramos é entrar em um país e descobrir como sistematicamente criar uma instituição e uma estrutura de acesso rápido a um advogado de defesa para cada homem mulher e crianças que estão presos. No outro século, dizia-se que era impossível acabar com a escravidão, mas um grupo de pessoas disse: vamos acabar com a escravidão. E foi a mesma coisa com o *apartheid*. Diziam: é impossível o *apartheid* sempre esteve aqui, é terrível sim, mas não se pode extingui-lo, mas um grupo de pessoas decidiu: tem que acabar e acabou. E é por isso que eu acredito que podemos acabar com a tortura no século XXI (Karen Tse).

A seguinte *informação* nos é dada pelo narrador: “A organização já reformulou o sistema de defensoria pública em vários países e através do seu trabalho bem sucedido no Camboja, Karen Tse, foi a primeira mulher autorizada a entrar na China para lidar com o tema da justiça. O objetivo de Karen Tse é acabar com a tortura e com as prisões injustas ao redor do mundo”.

Se nós pudéssemos ler os diários secretos dos nossos inimigos nós iríamos encontrar, dentro deles, dor e tristeza suficientes para remover a hostilidade e... eu não conseguia tirar esse pensamento da minha cabeça. Se todos ao redor do mundo fossem forçados a viajar pro seu país inimigo, ou para um país onde sentissem que nunca seriam capazes de compreender as pessoas, isso seria um sonho realizado. Mas não podemos forçar as pessoas a viajarem, isso é conta o livre-arbítrio, então, como eh... levar as pessoas a viajar? Mostrando filmes, fazendo com que as pessoas viajem através de uma tela e de um projetor. Não sei de filmes que podem mudar o mundo, mas as pessoas que os assistem podem. Quando você entra em num cinema, numa sala escura, você sai da sua cabeça para viver uma experiência, ao sair de lá... muitas vezes você pensa diferente sobre o mundo. Isso se você foi, realmente, tocado por alguém ou por uma história. O que nós estamos tentando fazer é criar empatia através do cinema, porque quando você vê a história de outros, ri com eles, chora com eles, entende eles, você naturalmente cria empatia e isso abre toda uma gama de possibilidades em termos de resolver os problemas do mundo em conjunto (Jehane Noujaim).

O documentário trata, ainda, de mais um tema crucial. A questão da empatia e a partir de, então, são apresentadas as últimas falas do filme.

“Raízes da Empatia” é um programa em sala de aula, onde trazemos um bebê de dois a quatro meses e a mãe, ou o pai e a mãe pra visitas à classe ao longo do ano escolar. É uma oportunidade para que alunos numa sala de aula criem o seu entendimento social e emocional. Para que sejam capazes de cuidar do outro. De aprenderem sobre a experiência do outro. E o que acontece nesse programa é que quando a empatia deles, a habilidade de entender os outros aumenta, todas as coisas ruins, como o *bullying* diminuem. Em todas as classes há crianças que são excluídas, há crianças que sofrem *bullying*, há crianças que tem o que chamaremos de uma dor de cabeça de tristeza, ou uma dor no estômago. Porque seus sentimentos não estão tranquilos. Há muitos motivos pelos quais as crianças se sentem assim. E existem uma grande tendência chegando à educação que reconhece a pesquisa que diz o seguinte: “o melhor motor pro aprendizado é como nos sentimos”. A empatia tem dois lados: tem um lado da tomada da perspectiva que é o aspecto cognitivo da empatia, é a habilidade de imaginar como a outra pessoa se sente. E se não podemos fazer isso, não chegamos ao primeiro estágio de resolução de conflitos, não podemos esperar que haja altruísmo no mundo. Mas o outro lado da empatia é a ética do cuidado. É essencial pra a nossa humanidade e por isso precisamos de relacionamentos afetuosos para estimular o desejo de querermos cuidar dos outros. Tem uma história sobre um garoto que tinha catorze anos. Quando ele tinha quatro anos, sua mãe foi assassinada em sua frente e ele passou por muitos, muitos orfanatos. Quando ele chegou nesta escola, já havia sido reprovado por dois anos, era

mais velho do que os outros, tinha raspado parte do cabelo e feito um rabo de cavalo no topo da cabeça e uma tatuagem na parte de trás. Estava tentando aparecer ameaçador. E... em uma das visitas a mãe estava conversando com os alunos sobre o seu bebê ser muito independente. E ela disse: Quando eu coloco o meu bebê no canguru ele não fica encolhidinho, ele quer olhar para o mundo. Aí o sinal tocou e as crianças correram pra pegar as suas mochilas fazendo barulho e a mãe disse: alguém pode pegar o meu bebê no canguru? Então, o nosso herói levantou a mão. Ele pegou o bebê e o colocou no canguru, junto ao peito, e aquele bebezinho se moldou ao seu corpo. Ele se sentou no canto da sala e começou a ninar a criança. Sabe daquele jeito que as mães balançam a criança pra dormir. E ele colocou os braços ao redor do bebê. E depois de alguns minutos ele tirou o bebê, gentilmente, do canguru e o devolveu para a mãe e disse para uma de nossas instrutoras: você acha que se ninguém amou você, você ainda poderia ser um bom pai? Então eu não acho que temos o direito de desistir de nenhuma criança, seja ela de quatro ou catorze anos. Para crianças pequenas se decidirem ser cuidadosas ou prestativas para o mundo elas precisam ver exemplos de cuidado e de ajuda. É quase como se empatia não pudesse ser ensinada, mas pudesse ser pega. É viral. Então, no futuro do nosso universo, como o conhecemos, nossa capacidade de nos dar bem com o outro, de incluir a todos, de imaginar um mundo onde há reciprocidade, preocupações compartilhadas, quanto a um futuro compartilhado, pede que desenvolvamos a empatia (Mary Gordon – Raízes da Empatia – Canadá).

Os jovens estariam ansiosos para criar um mundo através de suas escolhas. Então, primeiro tem que decidir que tipo de mundo querem e eles podem se sentar e escrever, uma, duas características do mundo que eles querem criar. E devem imaginar que tipo de mundo ele seria, que tipo de características ele teria. Uma vez decididas... Quando você tiver certeza, é isso que eu quero, você pendura o papel na parede e trabalha pra isso. É simples assim (Muhammad Yunus).

“Não é preciso muito para inspirar uma pessoa jovem. Não é preciso muito para permitir que sejam o que eles verdadeiramente são, Nessa idade eles são poetas, são criadores, são inovadores. Essa é a época em que nós devíamos nos livrar do entulho e abrir a possibilidade para que eles vejam o fazer mudança como um caminho a ser seguido”.

Não pergunte: do que o mundo precisa? Pergunte: o que te faz sentir vivo? Por que o mundo precisa de pessoas que se sintam vivas? Então, eu acho que se você encontra mesmo a sua real motivação na vida. Ahah! ninguém vai impedir você. E não peça permissão pra ninguém, apenas vai e faça. E depois as pessoas vão começar a se juntar a você e, mais cedo ou mais tarde, você vai olhar pra trás e ver que criou algo que realmente pode mudar o mundo (Premal Shah).

“Um garoto de nove anos levantou fundos para levar água para uma vila africana. Dos mais jovens aos mais experientes, talvez, a maior contribuição trazidas pelos empreendedores sociais tenha sido a crença de que é possível, sim, acabar com os maiores problemas do mundo”.

Como será o mundo onde todos são transformadores? É um mundo completamente diferente do mundo que temos, um mundo de real igualdade onde todos contribuem de forma grandiosa e onde todos precisam ser: realmente empáticos, éticos, profundamente respeitosos com as pessoas em sua volta pra viver (Bill Drayton).

É importante nos lembrarmos sempre que não se trata apenas o resultado. É a jornada, é quem você se torna durante a jornada que realmente importa afinal. Então, uma de minhas preces e desejos pro mundo é essa: “que nos lembremos de nossas maiores aspirações e possamos trazer nossas dádivas de amor e trabalho pro altar da humanidade e que nos lembremos, uma vez mais, de que não somos seres isolados, mas conectados em mistério e encantamento, a este universo, a esta comunidade, e uns aos outros (Karen Tse).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que é *Filosofia*? *Amor à sabedoria*? Sim, entendo justamente isso, que *Filosofia* é *amor à sabedoria*. Mas, o que vem a ser esse *amor* e essa *sabedoria*? Esta é outra pergunta filosófica que procurei responder neste trabalho. E que tipo de trabalho é este? Esta também é uma pergunta que não quero deixar sem resposta. Porém, este é um trabalho de *Filosofia*. Não uma filosofia qualquer, mas da *Filosofia* que defendo.

Não se pode falar de *Filosofia* sem se falar do homem, pois *Filosofia* é um empreendimento humano. Assim, devemos deixar bem claro, aqui, que o homem deve ser considerado como um todo. Para se falar de *Filosofia* não devemos e não podemos deixar de *compreender* esse homem integral que é dotado de *razão* e *intuição*, mas também, *sensação* e *sentimento*, ou seja, para falar de *Filosofia* vamos recorrer ao *quadro de fragmentação do conhecimento*, proposto por Pierre Weil (1993) e que eu modifiquei para explicar a situação atual que descaracteriza a *Filosofia*, a *Religião* e a *Arte* como áreas produtoras de *conhecimento*. A Figura 1 é utilizada, portanto, como uma chave que nos permitirá abrir as portas do verdadeiro *conhecimento* que estava oculto.

Mas apenas esta chave não é suficiente. Precisamos também nos valer de outras. Pietro Ubaldi é um autor que admiro, por diversos motivos, e que também dá grandes contribuições para abrir a nossa *compreensão* sobre aquilo que se ocultava ao nosso olhar. Os tipos biológicos: *forte*, *astuto* e *justo* são fundamentais para nos revelar porque chegamos aonde estamos e que *caminho* devemos trilhar para chegar ao nosso verdadeiro *destino*. Isso tem tudo a ver com as *deliberações* que fazemos na vida. E o verdadeiro *filósofo* é associado por mim à figura do *justo*, enquanto ao *astuto* associo a figura do *sofista*. Veremos que seus caminhos são distintos.

Alguns podem dizer que isso lhes faz lembrar de Platão. Isso não é mera coincidência. Platão é, também, um autor que admiro e que criou uma escola iniciática, ou seja, seus textos e sua *filosofia*, contém um ensinamento mais profundo que escapa ao leitor desatento e/ou que não tenha as chaves corretas para abrir as portas necessárias para acessá-lo. Defendo a tese de que Aristóteles, talvez seja o melhor exemplo de alguém que estudou a *filosofia* de Platão, mas não conseguiu adentrar a este *conhecimento* secreto, simplesmente porque ele não compreendeu e jogou fora a chave da *reencarnação*. Sem ela não se pode *compreender* verdadeiramente Platão.

O meu trabalho, também, procura mostrar como essa chave ficou esquecida até que na segunda metade do século XIX, o professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, resolveu investigar cientificamente alguns fenômenos que aconteciam na Europa, e a redescobriu.

“Por que simplesmente o ente e não antes o Nada?” é a pergunta fundamental da *Filosofia*

que Martin Heidegger (1999) propõe na sua obra “Introdução à Metafísica” em 1935, mas não responde. Defendo a ideia de que lhe faltou o *conhecimento* da obra de Pietro Ubaldi para que ele compreendesse que antes de tudo só havia o *Ser*, o *Nada* era apenas uma possibilidade de parte desse *Ser*, que ainda é *Ser*, no uso do seu *livre-arbítrio*, decidir sair da sua *função* no *Sistema*. O que antes era apenas uma possibilidade, tornou-se real e a partir de um certo momento, uma parte menor do *Sistema*, que era pura *consciência*, fora do tempo e do espaço, criada a partir da *substância divina* se colapsa, se concentra e explode gerando o tempo e o espaço, a *Physis*, o Universo que todos nós que fazemos parte, pois somos verdadeiros anjos caídos. Criaturas que se revoltaram contra o seu *Criador*, em um passado remoto que esquecemos, mas que precisamos recordar para que nossa *evolução* se complete.

De certo modo Heidegger, não deixa de estar certo, mas por não dispor das chaves que Ubaldi nos apresenta, ele não consegue abrir todas as portas que vê e, conseqüentemente, permanece na superfície dos textos de Platão, tal como Aristóteles e tantos outros.

Pietro Ubaldi, por outro lado, ainda não foi descoberto pela academia que permanece presa nas malhas do *materialismo* que astutamente descarta o lado espiritual como algo importante para se *conhecer*. Neste trabalho, procuro mostrar o quanto isso é tolo e como esse tipo de atitude é perigosa e prejudicial para a nossa *evolução*.

Evolução é também um assunto que me interessa e que foi tratado neste trabalho, no qual procurei demonstrar que tem sido abordado de forma reduzida e acanhada por essa arrogante *ciência materialista* que quer se colocar, de forma dogmática, como única e exclusiva dona da *verdade* e em tudo semelhante a uma certa *Igreja* que, durante um longo período, o fez em nome de *Deus*. Este trabalho teria sido bem mais reduzido se não tivesse que mostrar que isso tudo, nada mais é, do que uma ação astuta de homens que insistem em seguir o seu *impulso de queda* e em sua busca cega por poder e fazem questão de arrastar com eles, o maior número possível de incautos para que eles lhes sirvam, como escravos, de todos os seus caprichos.

O estudo da obras de Allan Kardec e Pietro Ubaldi me ajudou a *entender* os mecanismos desta ação nefasta que consegui identificar, também, no seio da *Filosofia* sob o disfarce de “estruturalismo”. Tolos e ignorantes, os incautos logo nos chamam a atenção de que nós estamos cometendo um grande erro na nossa análise e que o “estruturalismo” não é esse mal que eu estou dizendo que ele seja, muito pelo contrário, que ele é uma técnica muito útil, sem a qual não se pode *fazer Filosofia*.

Se é assim, como eles estão dizendo, por que é que eu não posso me valer de uma técnica diferente para fazer o meu trabalho monográfico de conclusão do curso de graduação?

Se posso e o que eu digo a respeito do “estruturalismo” não é *verdade*, então, não há porque ninguém se sentir ameaçado ou incomodado com o fato de eu escolher outro caminho para filosofar. Mas se o que eu digo é verdadeiro, então, todo aquele que ousar *pensar-por-si-mesmo*, estará cometendo um grande sacrilégio contra essa *tradição* de *astutos* que tenta se impor como pensamento hegemônico, e que usa a palavra “anacronismo” como um poderoso escudo de defesa para tentar blindar os carcomidos pilares da sua fundação. Assim como, o *materialismo* se utiliza da falsa desculpa de que os fenômenos *espíritos* não podem ser medidos e/ou reproduzidos, de acordo com a *vontade* do pesquisador, para evitar que as pessoas vejam como são frágeis os pilares que sustentam a sua fundação.

Neste trabalho, que foi propositadamente escrito em parte na forma de diálogo, eu procurei mostrar que é preciso romper com esta *tradição castradora* que tenta anestésiar e dominar a nossa *consciência* de forma disfarçada, e as vezes nem tanto, para que tudo continue exatamente como está. É por isso que tantos se frustram, se angustiam e desistem de fazer um curso de *filosofia* no Brasil. Eles ansiavam por algo que os libertasse e só se depararam com mais grilhões. Quem conseguiu avançar, seguindo esta *tradição*, nada tem a se orgulhar a não ser do fato de possuir uma maior resistência à *dor*. Se você não é sádico nem masoquista, o que está fazendo que ainda não saiu deste horror? *Sapere aude!* Crie coragem, ouse, seja feliz!

Você não sabe como? Leia este trabalho. Ele não é um mero trabalho de conclusão de curso de graduação em *Filosofia*. Ele é também um mapa para a liberdade. Leia as obras que ele referencia e leia depois os textos dos *filósofos* que você se especializou, mas leia refletindo sobre o que foi dito aqui e você verá que sua visão não é mais a mesma. Pronto, você se contaminou, agora é só deixar que a doença faça o seu trabalho e o liberte destes grilhões que lhe impuseram.

Deus nos criou livres, mas a *astúcia* dos homens nos quer sujeitos à sua *vontade*. Se *Deus* que é *Deus*, não nos impõe a sua *vontade* quem é o que para tentar fazê-lo sobre nós? Se você não é livre, não se engane, a culpa é inteiramente sua. Esta é uma *verdade* dura de encarar, mas é a mais pura *verdade*. Só é livre quem tem a coragem de sê-lo. O consolo, que Ubaldi nos traz, é que todos seremos livres um dia. A questão é: de quanto tempo precisamos para isto? Um dia? Uma semana? Um mês? Um ano? Uma vida? Mil vidas? Um bilhão de anos? Quanto tempo você precisa? Não se preocupe, *Deus* é paciente e está esperando de braços abertos o seu retorno.

Qual é o problema? Você não acredita em *Deus*? Na *alma*? Acha que sua *mente* é fruto, único e exclusivo, de reações químicas que acontecem em seu cérebro. Não há problema algum nisso, desde que você tenha uma conduta ética na vida. Quando você morrer o problema se resolve. Se você estiver certo, o *Nada* lhe espera. Se estiver errado, vai ter a grata satisfação de ver que existe vida após a morte e como você se conduziu bem é só colher os frutos que plantou.

Mas, e há sempre um mas, se você se utilizou da visão *materialista* como desculpas para aprontar. Sinto muito meu caro, agora só lhe resta a opção de encarar as consequências. Na visão *não-reencarnacionista* isso é por toda a eternidade. Na minha visão, que é *reencarnacionista*, como a de Platão, Kardec, Roustaing e Ubaldi, você terá tantas chances quanto for necessário para fazer a coisa certa e ser feliz. Nesta visão, a *dor* tem fim e *Deus* sempre sai vitorioso.

O que procurei mostrar, também, neste trabalho é que a perda desta visão *reencarnacionista* foi uma ação planejada daqueles que tinham intenção de prolongar esse torpor anestésico que nos impede de ver a luz. Muitas pessoas que verdadeiramente procuraram essa luz, como Santo Agostinho, também se deixaram iludir e não conseguiram enxergar o verdadeiro papel da *reencarnação*. Espero ter contribuído de alguma forma para desfazer esse engano e, quem sabe, te fazer refletir: se existe alguma coisa, algum mecanismo, ou alguma lei, que impeça uma *alma* imortal de *reencarnar*? Por que essa hipótese é tão absurda? Até agora eu não achei qualquer argumento sério, que demonstrasse que existe uma incompatibilidade lógica entre a existência de uma *alma* imortal e o princípio da *reencarnação*.

Mas qual a razão de eu insistir tanto em resgatar este princípio? Primeiro, porque ele descarta logo de vez o *referencial materialista*. Se *reencanamos*, então, temos uma *alma* imortal, essa ideia de *mente* fruto, única e exclusivamente, da *matéria* é bobagem. Mas isso, poderia ser uma estratégia astuciosa minha para denegrir o *referencial* a que eu me oponho. Eu poderia até concordar com esta argumentação se não houvessem diversas evidências em toda a história da humanidade, e em todos os campos de *conhecimento* que apontamos que corroboram com a nossa tese. Tentei, também, mostrar neste trabalho e despertar em meu leitor o seu espírito investigador, que é necessário livrá-lo do preconceito de que *reencarnação* é coisa de *religião*. Mais ainda, tentei também fazê-lo *compreender* que *religião* é um campo tão bom de produção do *conhecimento* quanto a *arte*, a *filosofia* e a *ciência* e que ele não deve desprezá-la.

Um segundo motivo para resgatar o princípio da *reencarnação* é que ele nos permite: *desdogmatizar* a *religião*; conciliar *criação* e *evolução*; ampliar o *sentido* de *evolução* mostrando que a *evolução espiritual* guia a *evolução material* e; não menos importante, mostrar que tudo, absolutamente tudo, está interligado, pois *espírito*, *energia* e *matéria* são apenas manifestações diferentes da mesma *substância divina*. É justamente por isso que ao estudar as leis da natureza, também estamos estudando as leis que regem o *espírito*. Não há milagres. As leis divinas são perfeitas, e como tal, não existe razão para subvertê-las. Aquilo que chamamos de “milagres” são produzidos por leis naturais cujo *conhecimento* completo foge ao nosso entendimento. O verdadeiro *cientista/filósofo* procura estudá-los. O *charlatão/sofista* denegri-los. É isso o que separa quem tem o real compromisso com a *verdade* daquele que se ilude com a *mentira*.

Defendo, então, o estudo sistematizado das obras de Kardec pela academia, pois se trata de um trabalho sério e monumental de uma *mente* brilhante, honesta e digna de respeito. O seu estudo nos revela que podemos nos comunicar de forma serena, segura e respeitosa com os *espíritos* desencarnados que estão no *plano espiritual* e que esta comunicação pode ser verdadeiramente benéfica ao nosso crescimento moral e espiritual. Isso certamente, tem impacto positivo sobre as nossa *deliberações* e nos ajuda a escolher o caminho do *amor* ao invés do caminho da *dor* na nossa escalada evolutiva.

Esta escalada evolutiva se dá, tanto no *plano material* como no *plano espiritual*. O *Espiritismo*, foi concebido por Kardec como uma *ciência positiva*, pois se baseava em fatos reais e em leis naturais. Esta *ciência*, com profundas implicações filosóficas e morais, nos desvela que além de um *corpo material* e de uma *alma imaterial*, temos um *perispírito semi-material* que no *plano físico* é o elo de ligação que faltava para explicar como é possível algo *imaterial* agir sobre algo de outra natureza como a *matéria*⁸⁴. No *plano espiritual*, por sua vez, o *perispírito* cumpre função análoga à do corpo físico no *plano material* e confere à *alma* e em conjunto com esta uma identidade que chamamos de *espírito*.

Eu reconheço que o trabalho que desenvolvi ficou um pouco grande para o que se espera de um TCC, mas entendo que existe uma imensa lacuna que precisa ser preenchida e a minha intenção era apenas apresentar uma pequena noção de como esta lacuna precisa ser trabalhada. Preciso, então, construir um edifício do qual estou apenas lançando alguns pilares e iniciando um processo que pretendo empreender e complementar com outros trabalhos no tempo que ainda me resta nesta encarnação.

Nos estudos que empreendi, percebi que a *evolução* se dá de forma individual e coletiva e que tal como acontece com as pessoas e com as populações, também os orbes habitados evoluem. Esta *evolução* que é *material* e principalmente *espiritual* segue um planejamento por parte da *espiritualidade maior* que, mais experiente e consciente, tenta nos fazer *compreender* os meandros da *Lei divina* que nos conduz de volta ao *Sistema*. Portanto, esta *evolução* é telefinalista, mas respeita o nosso *livre-arbítrio*. *Sábio* é aquele que escolhe o caminho do *amor* ao invés do caminho da *dor*. Isto separa o *filósofo* do *sofista*. Platão já tinha consciência disto e é um *espírito* que vem trabalhando pela *evolução* da humanidade desde que compreendeu que o *caminho da dor* só faz atrasar o nosso regresso para a nossa felicidade.

Estamos entrando em uma *Nova Era*, na qual a Terra deixará de ser um *planeta de expiação e provas* e passará a condição de *planeta de regeneração*. Este não é o fim do *mundo*.

⁸⁴ Como se dá essa ação foge ao escopo desse trabalho, que já está substancialmente grande. Incentivo os meus leitores a investigar o assunto por si mesmos, pois o que descobri por minha conta já me basta e não tenho interesse, pelo menos não no momento, de adentrar por esta seara.

Será que esta é uma conversa que interessa à *Filosofia*? Certamente que sim, pois não é de hoje que este assunto é discutido pelas mais diferentes *mentes* e nas mais diferentes condições de forma acalorada por se tratar do nosso destino. É inegável que os tempos são outros e que a população humana atingiu um número tal que se nós não nos educarmos vamos tornar a vida neste planeta insustentável. Precisamos passar para o próximo nível de *evolução* e abrir caminho para que o *justo* se torne predominante. Com esta mudança vem uma nova forma de governo a *Meritocracia Intelecto-Moral*. Esta forma de governo, não pode ser imposta ou implantada sob a forma de um decreto/lei, mas deve ser construída, pouco a pouco, pela *vontade* da maioria nesta sociedade em que ainda predomina a *astúcia* dos homens.

Para tal, precisamos criar leis que não possuam exceção e que todos a elas se submetam igualmente. Elas terão que ser reconhecidamente justas. Isto pode parecer simples, mas não é para aqueles que pensam de forma egoísta. Geralmente utilizamos este discurso para impor aos outros algum tipo de lei que os obrigue a determinados deveres, mas conservamos para nós o direito de nos isentarmos deles. Se termos que nos submetermos também a esta lei ela terá que ser justa e ela deve agir no sentido de promover o bem e combater todo tipo de coisa que é ruim. Quem lesa o outro deve reparar o malfeito e compensá-lo pelo prejuízo causado. Os abusos devem ser evitados e a justiça deve ser baseada na *verdade* e não mais no direito legal, mas nos direitos e deveres que a *verdade* impõe para aquele que deseja fazer a coisa certa. Na *Meritocracia Intelecto-Moral* não há espaço para a corrupção e todos devem querer o certo.

Mas tenho que reconhecer que este é um discurso perigoso, que é muito bonito na teoria, mas que na prática, muitas vezes descamba para as piores ditaduras, pois na *Meritocracia Intelecto-Moral* não há poder legislativo, apenas o executivo e o judiciário. Outros já sonharam com ela, mas todos os projetos de implantá-la fracassaram. Eles falharam, porque o homem não estava pronto para isso. É necessário mudar o homem e mudar a lei ao mesmo tempo em um processo gradativo até que as leis sejam justas, mas o comportamento do homem seja tão alinhado a elas que não precisemos mais de leis. Isso requer um pensar autônomo.

Este novo homem, para essa Nova Era é um homem que *pensa-por-si-mesmo*, que se conhece, que saiu conscientemente da sua *menoridade* e que é verdadeiramente responsável pelo que faz. *Altruísta* sabe identificar o seu papel no *mundo* e cumpre com prazer a sua *função*.

Eu entendo que esta mudança, que parece um sonho é o processo natural de uma Lei maior que rege a tudo e a todos. Uma lei que está inscrita na própria intimidade da *matéria* e, não importa se o nosso *referencial* é *materialista* ou *espiritualista*, esta Lei sempre se nos revelará em todo estudo sério que empreendamos para *conhecê-la*. É por isto que ao montarmos o nosso painel de *conhecimento*, o que é importante se reforça.

O surgimento da *Physis* (espaço-tempo) através de uma grande explosão é reforçado pela teoria do *Big Bang*, pela Cabalá e pela *filosofia* de Pietro Ubaldi. A ideia ampliada de *evolução* que Kardec e Ubaldi nos traz, onde a *evolução espiritual* guia a *evolução material*, compatibiliza as noções de *criação* e *evolução*. O homem não precisa mais matar *Deus* para aceitar os fatos científicos e estes não mais tornam necessários a destruição das *religiões*, apenas apontam para a necessidade de revisão/remoção de certos dogmas que cristalizam o que deve se manter fluido.

A *ciência materialista* não tem por que se gabar de dona da *verdade* uma vez que se baseia em tantas crenças quanto a outra parte. Qualquer pessoa séria irá investigar com afinco os fenômenos que podem abalar os seus fundamentos. Devemos olhar com desconfiança para tudo aquilo que tenta nos impedir de fazê-lo. Quem se compromete com a *verdade* investiga, vai até o fim e revê suas posições sempre que os fatos o exija. Isto tem tudo a ver com as questões éticas. O correto proceder é algo fundamental a toda pessoa de bem.

O *filósofo* é uma pessoa de bem que se guia pelo caminho do *justo*. Procura fazer a coisa certa e é *altruísta*. Sendo assim, está sempre pensando no bem de todos, se indigna com tudo o que lhe parece incorreto. Autêntico e fiel aos seus princípios está sempre lutando para transformar a sociedade em algo melhor. Enxerga sempre além do seu tempo e consegue ver aquilo que a maioria dos homens ainda não percebeu. No *mundo* da *astúcia* e da *força*, onde a ação egoísta ainda parece levar vantagem, ele é isolado do convívio social por uma reação de autoproteção daqueles que se recusam a *evoluir*. Isso lhe causa grande *dor*, mas não é suficiente para detê-lo porque ele tem *consciência* de que sofreria *dor* maior se não cumprisse a sua missão.

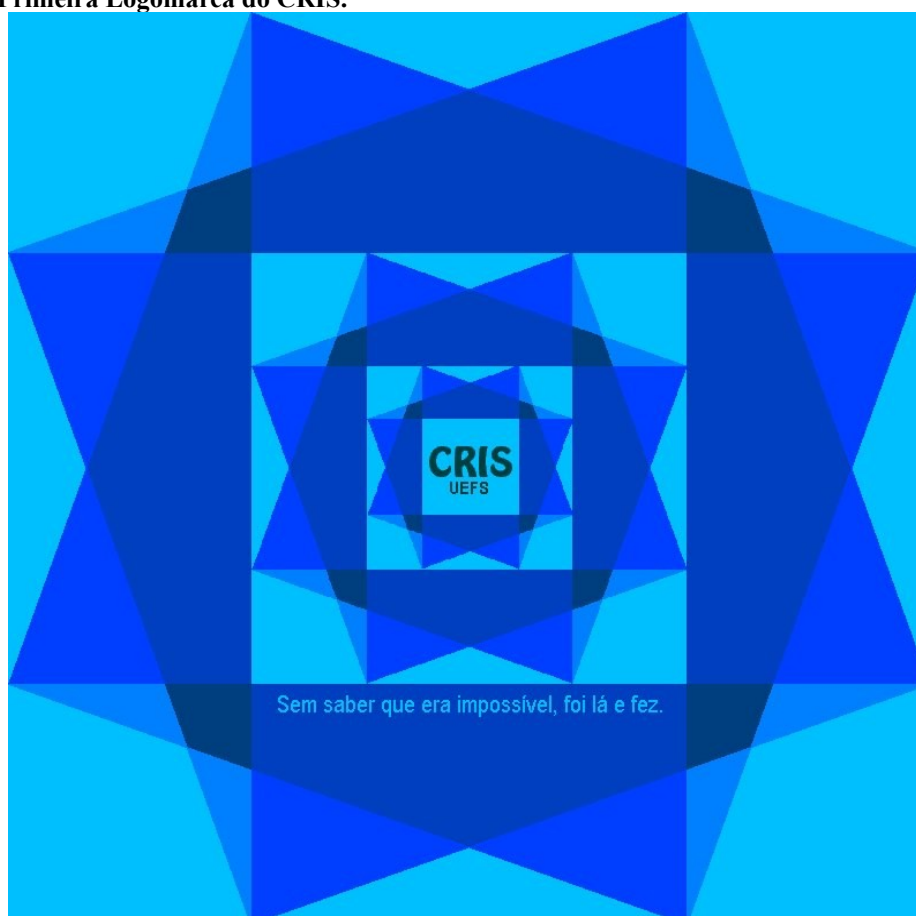
Pensar-por-si-mesmo requer muita autodisciplina e determinação. Exige-nos a capacidade de nos distanciarmos da nossa *historicidade* e olharmos a situação com outros olhos, exige uma certa ingenuidade capaz da ousadia de questionar os *dogmas*, rever os *paradigmas* e os *referenciais*. Quem não consegue fazer isso não decola do chão histórico em que se encontra. Quem o faz logo se depara com uma violenta reação. Se não física, pior.

Filosofia não é para covardes. Requer a ousadia de *pensar-por-si-mesmo* e a coragem de por em prática, pelo menos a nível pessoal o que se pensou. Este alinhamento entre teoria e prática é o melhor sinal para que possamos identificar o verdadeiro *filósofo*. Pois, todo *filósofo* é uma pessoa que *pensa-por-si-mesma*. Pode-se, até, dizer o mesmo do *sofista*, mas somente o *filósofo* é coerente. É como se ao *sofista* faltasse ainda esse pequeno detalhe, mas que não é um mero detalhe e faz toda a diferença, pois que a falta deste detalhe faz com que ele se desvie do verdadeiro caminho da *sabedoria* e este afastamento, este desamor, é algo que o *filósofo* não mais pode suportar, uma vez que compreendeu e entendeu que somente uma entrega total à Lei maior pode conduzi-lo à verdadeira felicidade.

O *empreendedor social* se importa com as pessoas ao seu redor. Ele é *altruísta* e segue o caminho do *justo*, mas também enxerga o que ninguém mais vê e acha a solução/explicação que a todos faltava. Não possui uma *sabedoria* apenas teórica, mas é essencialmente um prático. Trilha o caminho do *amor*, sabe evitar a *dor* desnecessária que o *egoísmo* da maioria dos homens tece. É uma luz onde há apenas trevas. É esse tipo de gente que precisamos procurar quando queremos identificar um *filósofo*. Portanto, entre eles acharemos bons *filósofos* senão, ao menos, boa *filosofia*. O filme “Quem se importa” é fundamental para mostrar como a Nova Era está se implantando em nosso planeta e como a *Meritocracia Intelecto-Moral* se dará. Fiz questão de ser o mais fiel possível ao transcrever as falas dos empreendedores para mostrar como elas são coerentes e complementam o nosso mosaico/mural e mostram, que na prática, o meu sonho não só é possível, mas começa a se realizar.

Sapere aude, mas tenha uma boa meta, pois o impossível só é impossível até que alguém o faça. Foi pensando nisso e nos pitagóricos, uma escola iniciática que descobrimos ao ler o livro “História da Matemática”⁸⁵, que a solução geométrica do Teorema de Pitágoras nos inspirou para criarmos a primeira logomarca do CRIS (figura 9).

Figura 9 – Primeira Logomarca do CRIS.



⁸⁵ Vide Boyer (1996).

REFERÊNCIAS⁸⁶

1. A COMUNICAÇÃO animal [documentário]. Direção: Michael Holmes. Produção: Alan Bray. Roteiro: Jacinth O'Donnell. Mixagem: Ted Spooner. Pesquisadora: Emma Ross. Investigação cinematográfica: David Haynes. Música: Paddy Kingsland. Controlador de produção: Peter Schofield. Produção executiva: Petra Regent. Produção: Survival Anglia. GNT, 2011. 1 filme (50:44min), sonoro, colorido, 35mm.
2. ALIGHIERI, D. (1265-1321). **A divina comédia**: inferno. Versão em prosa, notas, ilustrações e introdução por Helder L. S. da Rocha. Ilustrações de Gustave Doré, Sandro Botticelli e William Blake. São Paulo, 1999. 260 p.
3. ARENDT, H. (1906-1975). **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Revisão técnica de Adriano Correia. 11ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. 407 p.
4. ARISTÓTELES. (384 a. C.-322 a. C). **Ética a Nicômaco**. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. 3ª. ed. Bauru, SP: Edipro, 2009. 319 p.
5. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação – citação em documentos – apresentação. Rio de Janeiro, 2002a. 7 p.
6. _____. **NBR 6023**: informação e documentação – referências – elaboração. Rio de Janeiro, 2002b. 24 p.
7. _____. **NBR 6028**: informação e documentação – resumo – apresentação. Rio de Janeiro, 2003. 2 p.
8. _____. **NBR 6034**: informação e documentação – índice – apresentação. Rio de Janeiro, 2004. 4 p.
9. _____. **NBR 14724**: informação e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro, 2011. 11 p.
10. _____. **NBR 6024**: informação e documentação – numeração progressiva das seções de um documento escrito – apresentação. Rio de Janeiro, 2012a. 4 p.
11. _____. **NBR 6027**: informação e documentação – sumário – apresentação. Rio de Janeiro, 2012b. 3 p.
12. BARBONI, A. R. **TUNIKO**: Discutindo a questão da legalização do Aborto [tese de progressão de carreira de Professor Titular B para Pleno]. Feira de Santana – BA: Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana; 2013. 99 p. Disponível em: http://aquarios.uefs.br:8081/cris/media/pdf/barboni_2013.pdf.

⁸⁶ Este trabalho foi realizado seguindo: as “Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: documento eletrônico e impresso Parte I (ABNT)” (USP, 2009); as normas da ABNT – NBR 6023, NBR 6024, NBR 6027, NBR 6028, NBR 6034, NBR 10520, NBR 14724 e; o trabalho de Prado (2001) para a obtenção do código PHA da ficha catalográfica. Afim de apresentarmos uma melhor conformação histórica entre a data em que a obra foi escrita e o documento que tivemos acesso, indicamos, nas referências, o ano da 1ª publicação entre [], ou apresentamos os anos de nascimento e óbito do autor, logo após o nome dos autores, mas respeitamos a ABNT nas nossas citações. Esta pode não ser a melhor solução para um texto filosófico, mas foi a solução que escolhemos.

13. BANZHAF, H. [2006] **Simbolismo e o significado dos números**. Tradução de Thaís Balázs. São Paulo: Pensamento, 2009. 214 p.
14. BENZION, A. (1880-1932) **O Zohar**: o livro do esplendor. Passagens selecionadas pelo rabino Ariel Bension (1880-1932); prólogo Miguel de Unamuno; tradução das passagens do Zohar e introdução Rosie Mehoudar; tradução dos outros textos Rita Galvão. 3ª reimpressão. São Paulo: Polar, 2006. p. 362.
15. BOYER, C. B. **História da Matemática**. Tradução de Elza F. Gomide. Revisão de Uta C. Merzbach. Prefácio de Isaac Asimov. 2ª ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1996. p. 496.
16. BRANDÃO, G. M. [1989] Hegel: o Estado como realização histórica da liberdade. In: WEFFORT, F.C. (Org.). **Os Clássicos da Política**: Burke, Kant, Hegel, Tocqueville, Stuart Mill, Marx. 10ª ed. 4ª impressão. (2º volume). São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 101-148 (Fundamentos, 63).
17. CARNAP, R. A eliminação da metafísica por meio da análise lógica da linguagem. Tradução de Marcos Rodrigues da Silva. Do original “Überwindung der Metaphysik durch Logische Analyse der Sprache”, in **Erkenntnis**, Vol. II (1932). Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/86337034>.
18. COMTE-SPONVILLE, A. [1995] **Pequeno tratado das grandes virtudes**. Tradução de Eduardo Brandão. 2ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. 392 p.
19. COPI, I. M. [1953] **Introdução à Lógica**. Tradução de Álvaro Cabral. 2ª. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978. 491 p.
20. CURSINO, N. **Eneagrama para Líderes**: autoconhecimento e maturidade para o desenvolvimento de sua liderança. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 2013. 340 p.
21. DÄNIKEN, E. [1968] **Eram os Deuses Astronautas?** Tradução de E. G. Kalmus. 38ª. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2010. 200 p.
22. DARWIN, C. (1809-1882) **A Origem das Espécies**: e a Seleção Natural. Tradução de Caroline Kazue Ramos Furukawa. Revisão de Augusto do Nascimento, Karina Penariol Sanches e Alessandra J. Gelman Ruiz. São Paulo: Madras, 2004. 447 p.
23. DAWKINS, R. [1986] **O relojoeiro cego**: a teoria da evolução contra o desígnio divino. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 488 p.
24. DEMARSE, TB, DOCKENDORF, KP. 2005. Adaptive flight control with living neuronal networks on microelectrode arrays. **Proc. Int. J. Conf. Neural Networks**. 3:1548-1551.
25. DENNETT, D. C. **Tipos de mentes**: rumo a uma compreensão da consciência. Tradução de Alexandre Tort. Revisão técnica de Marcus Pinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 166 p.
26. DESCARTES, R. (1596-1650). **Descartes**: obras escolhidas. Organização de J. Guinsburg, Roberto Romano e Newton Cunha. Tradução de J. Guinsburg, Bento Prado Jr., Newton Cunha e Gita K. Guinsburg. Prefácio e notas de Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2010. 744 p.

27. DOYLE, A. C. [1926] **A história do espiritismo**. Tradução do original *The History of Spiritism*. Digitalizada por L. Neilmoris. Brasil, 2008. 348 p. disponível em: <http://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/110.pdf>.
28. EBERT, A. **A espiritualidade do eneagrama**. Tradução de Vilmar Schneider. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 279 p.
29. EISEN, W. **A Cabala da Astrologia**: a linguagem do número. Tradução de Julia Vidili. São Paulo: Madras, 2006. 335 p.
30. EHRMAN, B. D. **Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?**: mais revelações inéditas sobre as contradições da Bíblia. Tradução de Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010. 318 p.
31. EU ROBÔ [filme]. Direção: Alex Proyas. Produção: John Davis, Will Smith e James Lassiter. Roteiro: Jeff Vintar e Akiva Goldsman. Intérpretes: Will Smith, Bridget Moynahan, James Cromwell, Bruce Greenwood, Alan Tudyk, Chi McBride e outros. 20Th Century Fox, 2004. 1 filme (114min), sonoro, colorido, 35mm.
32. FEYERABEND, P. K. (1924-1994). **Contra o método**. Tradução de Cezar Augusto Mortari. 2ª. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011a. 372 p.
33. _____. [1978] **A Ciência em uma sociedade livre**. Tradução de Vera Joscelyne. São Paulo: Editora Unesp, 2011b. 288 p.
34. _____. [1987] **Adeus à razão**. Tradução de Vera Joscelyne. São Paulo: Editora Unesp, 2010. 399 p.
35. FRISCH, K. Von. Decoding the language of the bee. In: Nobel Lecture Presentation for Medicine, December 12, 1973, Estocolmo – Suécia. **Nobel laureates lecture...** Estocolmo – Suécia: Nobel Foundation, 1973. Disponível em: http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/medicine/laureates/1973/frisch-lecture.pdf. Acesso em: 31 out. 2012.
36. GERBER, R. [1988] **Medicina Vibracional**: uma Medicina para o Futuro. Tradução de Paulo Cesar de Oliveira. 15ª. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2009. 463 p.
37. GONZÁLEZ-WIPPLER, M. **Jesus e a Cabala Mística**: Chaves para o Reino. Tradução de Eudes Lucani Margô Cenovicz. São Paulo: Pensamento, 2006. 195 p.
38. GROF, S. [2000] **Psicologia do futuro**: lições das pesquisas modernas da consciência. Tradução de Jussara de Avellar Serpa. Revisão técnica de Kiu Eckstein. Niterói – RJ: Heresis, 2007. 368 p.
39. HANNAH Arendt [filme]. Direção: Margarethe von Trotta. Produção: Heimatfilm Gmtb. Roteiro: Margarethe von Trotta. Intérpretes: Barbara Sukowa, Janet McTeer, Klaus Pohl, Nicholas Woodeson, Axel Milberg, Julia Jentsch e outros. Zeirgeist Films, 2012. 1 filme (109min), sonoro, colorido, 35mm.
40. HAYKIN, S. [1999] **Redes Neurais**: princípios e prática. Tradução de Paulo Martins Engel. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 900 p.

41. HEIDEGGER, M. [1929] **O Retorno ao Fundamento da Metafísica**. In: Heidegger M. **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução, introdução e notas de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 55-63.
42. _____. [1935] **Introdução à Metafísica**. Apresentação e tradução revisada de Emmanuel Carneiro Leão. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999. 227 p.
43. _____. [1927] **Ser e tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 5ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2011. 598 p.
44. HELLINGER, B. [2008] **O Amor do espírito na Hellinger Sciencia**. Tradução de Tsuyuko Jinno-Spelter, Lorena Richter e Filipa Richter. 2ª. ed. Goiânia: Atman, 2011. 224 p.
45. HOBBS, T. [1651] **Leviatã: ou a matéria, forma e poder de um Estado, eclesiástico e civil**. Trad. Ruy Ribeiro Franca. Ed. Bilingue. Belo Horizonte: Tessitura, 2011. 960 p.
46. _____. [1651] **Do cidadão**. Tradução, apresentação e notas de Renato Janine Ribeiro. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 400 p.
47. HUME, D. (1711-1776). **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Editora UNESP, 2004. 440 p.
48. KAKU, M. [2004] **Mundos Paralelos: Uma jornada através da criação, das dimensões superiores e do futuro do cosmo**. Tradução de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 369 p.
49. KANT, I. [1781] **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Introdução e notas de Alexandre Fradique Morujão. 5ª. ed. Lisboa – Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. 694 p.
50. _____. [1784] **Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?** In: Textos seletos. Trad. br.: Resposta à pergunta: Que é o Esclarecimento?, de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005. pp. 63-71.
51. _____. [1785] **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa – Portugal: Edições 70, 2007. 120 p.
52. KARDEC, A. [1857] **O livro dos espíritos**. Tradução de Guillon Ribeiro. 52ª ed. Rio de Janeiro – RJ: Federação Espírita Brasileira, 1981. 494 p.
53. _____. [1861] **O Livro dos Médiuns** ou Guia dos Médiuns e dos Evocadores. Tradução de Guillon Ribeiro da 49. ed. francesa. 71ª ed. Rio de Janeiro – RJ: Federação Espírita Brasileira, 2003. 577 p.
54. _____. [1868] **A Gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo**. Tradução de Guillon Ribeiro da 5ª ed. francesa. 26ª ed. Rio de Janeiro – RJ: Federação Espírita Brasileira, 1984. 423 p.

55. KELLMAN, R. **O poder de cura da Cabala**: descubra todo o seu potencial de saúde e energia. Tradução de Jussara Simões. 6ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 227 p.
56. LAITMAN, M. **Cabala**: alcançando mundos superiores, um guia para a descoberta espiritual. Trad. Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006. 310 p.
57. LEET, L. [2004] **A Doutrina Secreta da Kabbalah**: recuperando a Chave da Ciência Sagrada Hebraica. Trad. José Arnaldo de Castro. São Paulo: Madras, 2007. 416 p.
58. LEIBNIZ, G. W. (1646-1716). **Discurso de Metafísica**. Tradução de Marilena Chauí Berlink e Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1974. 471 p. (Coleção Os Pensadores v. 19).
59. LOCKE, J. [1689] **Segundo Tratado sobre o Governo Civil**: ensaio sobre a origem, os limites e os fins verdadeiros do governo civil. Introdução de J. W. Gough. Tradução de Magda Lopes e Marisa Lobo da Costa. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994. 103 p.
60. MAITRI, S. [2000] **A dimensão espiritual do eneagrama**: as nove faces da alma. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. Prefácio de Geneen Roth. 11ª. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2010. 312 p.
61. MAOMÉ. (570-632). **O Alcorão**. Tradução de Mansour Chalita. 6ª ed. Rio de Janeiro – RJ: BestBolso, 2013. 489 p.
62. MARTINS, J. D.; DAMASCENO, J. C. **Para entender Pietro Ubaldi**. Prefácio de Stenio Monteiro de Barros. Niterói, RJ: Lachatrê, 2002. 192p (Coleção Grandes Questões, 1).
63. MATRIX [filme]. Direção: Andy Wachowski, Lana Wachowski (creditada como Larry Wachowski). Produção: Joel Silver. Roteiro: Andy Wachowski, Lana Wachowski (creditada como Larry Wachowski). Intérpretes: Keanu Reeves, Laurence Fishburne, Carrie-Anne Moss, Hugo Weaving, Glória Foster, Joe Pantoliano e outros. Warner Bros Pictures, 1999. 1 filme (136min), sonoro, colorido, 35mm.
64. MUNDIM, R. P. Lógica Formal – princípios elementares. **Econom. & Gestão**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 135-145, jan./jun. 2002.
65. NASCIMENTO, M. M. do. [1989] Rousseau: da servidão à liberdade. In: WEFFORT, F.C. (Org.). **Os Clássicos da Política**: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau, “O Federalista”. 13ª ed. 4ª impressão (1º volume). São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 187-241. (Fundamentos 62).
66. NOSSO Lar [filme]. Direção: Wagner de Assis. Produção: Iafa Britz. Roteiro: Wagner de Assis. Intérpretes: Renato Prieto, Fernando Alves Pinto, Rosanne Mulholland, Inez Vianna, Rodrigo dos Santos, Werner Schünemann e outros. 20th Century Fox, 2010. 1 filme (105min), sonoro, colorido, 35mm.
67. O EXTERMINADOR do futuro [filme]. Direção: James Cameron. Produção: Gale Anne Hurd. Roteiro: James Cameron, Gale Anne Hurd e William Wisher Jr. Intérpretes: Arnold Schwarzenegger, Michael Biehn, Linda Hamilton, Paul Winfield, Lance Henriksen, Bess Motta e outros. Orion Pictures, 1984. 1 filme (108min), sonoro, colorido, 35mm.

68. PEREIRA, O. P. [1998] Discurso aos estudantes sobre a pesquisa em filosofia. In: Souza JC de. **A Filosofia entre nós**. Ijuí: Ed. Ijuí; 2005. p. 109-123. (Coleção filosofia e ensino; 8).
69. PIRES, J. C. S. A pressuposição da existência na Lógica de Aristóteles. **Revista de Filosofia e das Ciências Humanas**, Salvador, v. 2. p. 24-39, 1991.
70. PLATÃO. (427? a. C.-347? a. C.). **Diálogos I**: Teeteto (ou do conhecimento), Sofista (ou do Ser), Protágoras (ou sofistas)/Platão. Tradução, textos complementares e notas de Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2007. (Clássicos Edipro). 320 p.
71. _____. (427? a. C.-347? a. C.). **Diálogos III**: Fedro (ou do belo), Eutífron (ou da religiosidade), Apologia de Sócrates, Críton (ou do dever), Fédon (ou da alma)/Platão. Tradução, textos complementares e notas de Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2008. (Clássicos Edipro). 278 p.
72. PRADO, H. A. **Tabela “PHA”**: para individualizar os autores dentro das diversas classes de assunto, isto é, dentro dos mesmos números de classificação. 3ª. ed. rev. 2ª. reimpressão. São Paulo: T. A. Queiroz, 2001. 116 p.
73. QUEM se importa [filme]. Direção: Mara Mourão. Produção: Tatiana Battaglia e Mara Mourão. Roteiro: Mara Mourão. Direção de Fotografia: Cristiano Wiggers e Dado Carlin. Animações, artes e gráficos: Camaleão Filmes e Citronvache. Produção executiva: Maurício Dias e Fernando Dias. Produtor Associado: Gullane Filmes. Narração: Rodrigo Santoro. Mamo Filmes e Grifa Filmes, 2010. 1 filme (93min), sonoro, colorido, 16:9 wide-screen (anamórfico).
74. RACHELS, J; RACHELS, S. [1986] **Os elementos da filosofia moral**. Tradução e revisão técnica de Delamar José Volpato Dutra. 7ª. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. 208p.
75. RIBEIRO, F. F. S. **Detecção de volume de tráfego de veículos proporcionada por visão computacional via redes neurais**. [Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-Graduação em Engenharia Elétrica da Universidade Federal da Bahia]. Salvador: UFBA, 1999. 58 p.
76. RIDLEY, M. [2004] **Evolução**. Tradução de Henrique Ferreira, Luciane Passaglia e Rivo Fischer. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 752 p.
77. RISO, D. R.; HUDSON, R. [1999] **A sabedoria do eneagrama**: guia completo para crescimento psicológico e espiritual dos nove tipos de personalidade. Tradução de Marta Rosas de Oliveira. 6ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2011. 400 p.
78. ROHR, R.; EBERT, A. **O eneagrama**: as nove faces da alma. Tradução de Edgar Orth. 15ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. 319 p.
79. ROUSTAING, J. B. [1865] **Os quatro evangelhos**. Vol. I: seguidos dos mandamentos explicados em espírito e verdade/pelos Evangelistas assistidos pelos Apóstolos e Moisés; recebidos e coordenados por J. -B. Roustaing. Tradução de Guillon Ribeiro. 9ª ed. Rio de Janeiro – RJ: Federação Espírita Brasileira, 1999. 488 p.

80. _____. [1865] **Os quatro evangelhos**. Vol. II: seguidos dos mandamentos explicados em espírito e verdade/pelos Evangelistas assistidos pelos Apóstolos e Moisés; recebidos e coordenados por J. -B. Roustaing. Tradução de Guillon Ribeiro. 8ª ed. Rio de Janeiro – RJ: Federação Espírita Brasileira, 1994. 516 p.
81. _____. [1865] **Os quatro evangelhos**. Vol. III: seguidos dos mandamentos explicados em espírito e verdade/pelos Evangelistas assistidos pelos Apóstolos e Moisés; recebidos e coordenados por J. -B. Roustaing. Tradução de Guillon Ribeiro. 8ª ed. Rio de Janeiro – RJ: Federação Espírita Brasileira, 1996. 545 p.
82. _____. [1865] **Os quatro evangelhos**. Vol. IV: seguidos dos mandamentos explicados em espírito e verdade/pelos Evangelistas assistidos pelos Apóstolos e Moisés; recebidos e coordenados por J. -B. Roustaing. Tradução de Guillon Ribeiro. 8ª ed. Rio de Janeiro – RJ: Federação Espírita Brasileira, 2008. 574 p.
83. RUSSELL, B. [1912] **Os problemas da Filosofia**. Tradução de Jaimir Conte. Florianópolis: 2005. 132p. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~conte/russell.html>.
84. SINGH, S. **Big Bang**. Trad. de Jorge Luiz Calife. Rio de Janeiro: Record, 2006. 499 p.
85. STEVENSON, I. [1974] **Reencarnação: vinte casos**. Tradução de Carolina Coelho Lima. 2ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Centro de Estudos Vida & Consciência Editora, 2011a. 508 p.
86. _____. [2001] **Crianças que se lembram de vidas passadas**. Tradução de Carolina Coelho Lima. São Paulo: Centro de Estudos Vida & Consciência Editora, 2011b. 449 p.
87. TORVALDS, L; DIAMOND, D. **Só por prazer: Linux, os bastidores da sua criação**. Tradução de Flávia Beatriz Rösseler. Rio de Janeiro: Campus, 2001. 297 p.
88. TZU, S. [~100aC] **A arte da guerra**. Tradução de Sueli Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2006. (Coleção L&PM Pocket). 80 p.
89. UBALDI, P. [1935] **A Grande Síntese**. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1939. 355 p.
90. _____. [1931...1953] **Grandes Mensagens**. Tradução de Clóvis Tavares. São Paulo: LAKE, 1952. p. 230 p.
91. _____. [1937] **As Noures**. Tradução de Clóvis Tavares. São Paulo: LAKE, 1953a. 283 p.
92. _____. [1944] **Fragments de Pensamento e Paixão**. Tradução de Rinaldi Rondino. São Paulo: LAKE, 1953b. 390 p.
93. _____. [1947] **Problemas do Futuro**. Tradução de Mário Corbioli. São Paulo: LAKE, 1953c. 349 p.
94. _____. [1951] **Ascensões Humanas**. Tradução de Erlindo Salzano e Aduauto Fernandes Andrade. São Paulo: LAKE, 1953d. 233 p.

95. _____. [1939] **Ascese Mística**. Tradução de Clóvis Tavares e Rubens C. Romanelli. São Paulo: LAKE, 1954a. 340 p.
96. _____. [1942] **História de um Homem**. Tradução de J. Herculano Pires e Jerônimo Monteiro. São Paulo: LAKE, 1954b. 274 p.
97. _____. [1951] **Deus e Universo**. Tradução de Erlinod Salzano e Adauto Fernandes Andrade. São Paulo: LAKE, 1954c. 392 p.
98. _____. [1954] **Profecias: O futuro do mundo**. Tradução de C. Torres Pastorino. São Paulo: Nova Era, 1954d. 351 p.
99. _____. [1945] **A Nova Civilização do Terceiro Milênio**. Tradução de Oscar Paes Leme. São Paulo: LAKE, 1956. 398 p.
100. _____. [1956] **O Sistema: Gênese e Estrutura do Universo**. Tradução de C. Torres Pastorino. São Vicente – SP: Grupo Editorial Monismo, 1959. 420 p.
101. _____. [1954] **Problemas Atuais**. Tradução de C. Torres Pastorino. São Vicente – SP: Grupo Editorial Monismo, 1960. 272 p.
102. _____. [1958] **A Grande Batalha**. Tradução de Mário Corbioli e C. Torres Pastorino. São Vicente – SP: Grupo Editorial Monismo, 1961. 283 p.
103. _____. [1958] **Evolução e Evangelho**. Tradução de C. Torres Pastorino. São Vicente – SP: Grupo Editorial Monismo, 1965a. 224 p.
104. _____. [1960] **Queda e Salvação**. Tradução de E. Da Silva. São Vicente – SP: Grupo Editorial Monismo, 1965b. 414 p.
105. _____. [1963] **Princípios de uma Nova Ética**. São Vicente – SP: Grupo Editorial Monismo, 1965c. 363 p.
106. _____. [1959] **A Lei de Deus**. São Vicente – SP: Grupo Editorial Monismo, 1966. 214 p.
107. _____. [1965] **A Descida dos Ideais**. Tradução de Manuel Emygdio da Silva. São Vicente – SP: Grupo Editorial Monismo, 1967. 368 p.
108. _____. [1970] **Pensamentos: Parte II – Análise de Casos Verídicos**. Tradução de Vasco de Castro Ferraz. São Vicente – SP: Grupo Editorial Monismo, 1971. 174 p.
109. _____. [1970] **Pensamentos: Parte I – Como Orientar a Nossa Vida**. Tradução de Vasco de Castro Ferraz. São Vicente – SP: Grupo Editorial Monismo, 1972. 170 p.
110. _____. [1971] **Cristo**. Tradução de Vasco de Castro Ferraz Jr. São Vicente – SP: Grupo Editorial Monismo, 1974. 205 p.
111. _____. [1959] **A Técnica Funcional da Lei de Deus**. Tradução de Marly de Oliveira e Ruth Maria Chaves Martins. 2ª. ed. Campos de Goytacazes – RJ: Fraternidade Francisco de Assis, 1993. 239 p.

112. _____. [1967] **Um Destino Seguindo Cristo**. Tradução de Manuel Emygdio da Silva. 2ª. ed. Campos de Goytacazes – RJ: Fraternidade Francisco de Assis, 2000. 407 p.
113. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas. Grupo DiTeses. **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP**: documento eletrônico e impresso. Parte I (ABNT) Vânia M. B. de Oliveira Funaro, coordenadora, ... [et al.]. 2ª. ed. Revisada e ampliada. São Paulo: SIBi-USP, 2009. (Cadernos de Estudos, 9). 102 p.
114. VASCONCELOS, J. C. R de. “Inércia circular” nos *Discorsi* de Galileo Galilei: interpretação ou erro de tradução? **Cad. Hist. Fil. Ci.**, Campinas, Série 3, v. 11, n. 1, p. 81-94, jan.-jun. 2001.
115. _____. Galileo contra a inércia circular. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 3. n. 3, p. 395-414, 2005.
116. WEFFORT, F. C. [1989]. Marx: política e revolução. In: WEFFORT, F. C. (Org.). **Os Clássicos da Política**: Burke, Kant, Hegel, Tocqueville, Stuart Mill, Marx. 13ª ed. 4ª impressão (2º volume). São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 225-278 (Fundamentos 63).
117. WEIL, P. Axiomática transdisciplinar para um novo paradigma holístico. In: Weil P, D’Ambrosio U, Crema R. **Rumo à nova transdisciplinaridade**: sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus, 1993. p. 9-74.
118. WITTGENSTEIN, L. (1889-1951). **Investigaciones filosóficas**. Tradução de Alfonso Garcia Suárez e Ulises Moulines. Barcelona – Espanha: Ediciones Altaya S. A., 1999. 191 p.
119. _____. (1889-1951). **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2001. 152 p.
120. WOOD, A. J.; TWIST, C. **Charles Darwin e a aventura a bordo do Beagle**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. 30 p.
121. XAVIER, F. C. **Nosso lar**. Pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1944a. 312 p.
122. _____. **Os mensageiros**. Pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1944b. 320 p.
123. _____. **Missionários da luz**. Pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1945. 376 p.
124. _____. **Obreiros de vida eterna**. Pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1946. 392 p.
125. _____. **No mundo maior**. Pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1947. 312 p.
126. _____. **Agenda Cristã**. Pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1948. 160 p.
127. _____. **Libertação**. Pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1949. 328 p.
128. _____. **Entre a Terra e o Céu**. Pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1954. 344 p.

129. _____. **Nos domínios da mediunidade.** Pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1955. 288 p.
130. _____. **Ação e reação.** Pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1957. 344 p.
131. _____. **Evolução em dois mundos.** Pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1959. 280 p.
132. _____. **Mecanismos da mediunidade.** Pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1960a. 208 p.
133. _____. **Conduta Espírita.** Pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1960b. 160 p.
134. _____. **Sexo e destino.** Pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1963. 456 p.
135. _____. **Desobsessão.** Pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1964. 276 p.
136. _____. **E a vida continua.** Pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1968. 296 p.

GLOSSÁRIO⁸⁷

Alma	Essência do <i>Ser</i> . Princípio inteligente e imaterial que sobrevive à morte do corpo físico. Muitos acreditam que sua origem é divina.
Alma penada	<i>Espírito desencarnado</i> , ainda preso à <i>matéria</i> , sem esclarecimento, que pode ser visto e acaba perturbando <i>espíritos</i> encarnados. Mais do que exorcismos ele requer nossa caridade.
Altruísmo	Se opõe ao <i>egoísmo</i> e indica um tipo de <i>amor</i> , mais amplo, que se ocupa do próximo. Um indivíduo altruísta não é interesseiro, isto é, não ajuda os outros pensando em algum tipo de prêmio.
Amor	Caminho evolutivo, em linha reta, que nos leva de volta ao <i>Sistema</i> .
Anacronismo	Erro cronológico expresso pela falta de alinhamento, consonância ou correspondência com uma época. Este tipo de erro se dá quando palavras, pensamentos, <i>sentimentos</i> , costumes, objetos, pessoas, ou outras coisas que pertencem a uma determinada época são erroneamente retratados em outra época. O desenho dos <i>Flintstones</i> são um bom exemplo disto.
Angústia filosófica	É o que nos leva a filosofar, aquilo que nos provoca um certo estado de mal estar e ansiedade que só para quando “parimos” aquilo que nos angustiava. No olhar de Platão, a causa desta angústia pode ser algo digno ou indigno de atenção do <i>filósofo</i> .
Anti-Sistema	Todo o universo conhecido. Todo o <i>Ente</i> , a <i>Physis</i> . A parte do <i>Sistema</i> que caiu. A cristalização do <i>Ser</i> .
Armagedom	<i>Fim do mundo</i> . É identificado na Bíblia como a batalha final de <i>Deus</i> contra a sociedade humana iníqua, em que os numerosos exércitos de todas as nações da Terra encontrar-se-ão numa condição ou situação, em oposição a <i>Deus</i> e seu Reino por Jesus Cristo no simbólico “Monte Megido”. Segundo Jeremias (46, 10) essa guerra será perto do rio Eufrates.
Arte	Área produtora de <i>conhecimento</i> que se fundamenta na <i>sensação</i> e no <i>sentimento</i> para fazê-lo crescer. Pela <i>arte</i> expressamos tudo o que pensamos, que sentimos e somos.
Astuto	Tipo biológico identificado por Pietro Ubaldi como sendo aquele que age egoisticamente e predominantemente com o uso da inteligência. Não tem compromisso com a <i>verdade</i> e sua maior arma é a <i>mentira</i> e o engodo. Muda de opinião como o camaleão muda de cor. Está em um nível evolutivo mais alto do que o <i>forte</i> , mas inferior ao <i>justo</i> .

⁸⁷ Na composição deste glossário foram utilizadas várias fontes, inclusive a Wikipédia, que optamos por não citar. O motivo de não o fazê-lo é que nesta parte do trabalho estamos sinalizando ao nosso leitor que estas são as definições que adotamos como nossa. Uma legítima apropriação de algo que queremos dizer da maneira como entendemos que deva ser dito. Se alguém o disse antes de nós isso não é uma mera coincidência mas uma perfeita sintonia de pensamentos. Nós só temos a lhes agradecer por isso. Espero que eles não se ofendam por divulgarmos os seu pensamento sem citar a fonte, mas o texto ficaria muito rebuscado e nesta parte do trabalho não pode ser assim. Por favor, desculpe-nos pela omissão e obrigado, desde já, pela *compreensão*.

Barôntico	Termo cunhado por Ubaldi que une “ <i>barós</i> ” [pesado, denso] e “ <i>ontos</i> ” [ser, entidade] para indicar algo proveniente de entidades de constituição psíquica densa.
Big Bang	Literalmente, grande explosão. É a teoria atualmente mais aceita pelos cientistas que explica a origem e formação do Universo. Para maiores detalhes vide o livro de Simon Singh (2006).
Biota	É o conjunto de seres vivos de um ecossistema.
Cabalá	<i>Sabedoria</i> ancestral com mais de 5.000 anos que remonta à antiga Mesopotâmia. Explica como os <i>mundos</i> são configurados e as forças que agem sobre nós. Um dos seus principais objetivos consiste em que utilizemos esse <i>conhecimento</i> para influenciar o nosso próprio destino. Começamos esse processo entendendo o verdadeiro motivo de estarmos aqui, descobrindo o significado da vida e a razão pela qual ela nos foi outorgada. Conjuga: as ideias de <i>queda</i> e <i>salvação</i> , descritas por Pietro Ubaldi; o princípio da <i>reencarnação</i> e; <i>evolução</i> .
Carma	Termo bastante conhecido das <i>filosofias</i> orientais, está relacionado ao equilíbrio de <i>energias</i> . Entre as possíveis formas de <i>entender</i> a teoria do <i>carma</i> , neste trabalho, nós o entendemos como fruto da <i>lei de causa e efeito</i> onde nossas ações negativas geram um saldo que precisa ser sanado para que se dê o equilíbrio. Assim, o mal que plantamos em uma vida, se nela não for sanado, produzirá um <i>carma</i> que deverá ser resgatado em uma outra vida para que o <i>espírito</i> fique livre para seguir o seu caminho evolutivo (vide <i>darma</i>).
Causa	Origem.
Ciência	Área de produção do <i>conhecimento</i> que se fundamenta na <i>razão</i> e na <i>sensação</i> para fazê-lo crescer. Geralmente a <i>ciência</i> busca respostas para as questões pela via material.
Cognoscente	É o indivíduo capaz de adquirir <i>conhecimento</i> , ou o indivíduo que possui capacidade de <i>conhecer</i> .
Cognoscível	É o objeto de investigação do <i>cognoscente</i> . O que se pode <i>conhecer</i> .
Columbófilo	Criador de pombos-correio.
Compreender	<i>Compreensão</i> é algo mais completo, básico e fundamental que <i>conhecimento</i> ou <i>saber</i> . <i>Compreender</i> envolve também a parte não intelectual e objetiva, mas toda a nossa capacidade de percepção que é condição de possibilidade para <i>conhecermos</i> . <i>Compreensão</i> envolve: <i>razão</i> , <i>intuição</i> , <i>sentimento</i> e <i>sensação</i> . Quanto maior for o equilíbrio destas “ <i>asas</i> ” maior será a nossa capacidade de <i>compreensão</i> .
Conceito	Mais do que uma simples palavra, expressa uma forma de se pensar e uma definição sobre aquilo que está sendo conceituado. Muda ao longo do tempo e acompanha a <i>evolução</i> da mentalidade das pessoas. Embora todo <i>conceito</i> tenha uma origem e uma “ <i>certidão de nascimento</i> ”, a coisa conceituada tem vida própria.

Conhecer	O <i>conhecer</i> remete ao <i>conhecimento</i> . No ato de <i>conhecer</i> o <i>cognoscente</i> busca a <i>verdade</i> do <i>cognoscível</i> .
Conhecimento	<i>Conhecimento</i> não é <i>sabedoria</i> , mas tem a ver com acúmulo de <i>informações</i> . <i>Conhecimento</i> é o <i>efeito</i> de <i>conhecer</i> . Chega-se ao <i>conhecimento</i> pela <i>ciência</i> , mas também, pela <i>filosofia</i> , pela <i>religião</i> e pela <i>arte</i> . <i>Razão</i> , <i>intuição</i> , <i>sentimento</i> e <i>sensação</i> são as “asas” que nos permitem <i>conhecer</i> . <i>Racionalistas</i> e <i>empiristas</i> disputam a primazia das suas “asas” na produção do <i>conhecimento científico</i> , como se este tipo de <i>conhecimento</i> fosse o melhor e o mais verdadeiro. Mas defendemos que as “asas” dos <i>sentimentalistas</i> e dos <i>místicos</i> são tão boas quanto às do cientista para produzir <i>conhecimento</i> . Não científico, é claro, mas artístico, religioso e filosófico que estão no mesmo nível daquele.
Consciência	É uma qualidade da <i>mente/alma</i> que está relacionada com a nossa capacidade de pensar, perceber, dar <i>sentido</i> às coisas e que denota a capacidade de raciocínio que nos torna seres inteligentes e humanos.
Constelação familiar	Desenvolvida por Bert Hellinger que com sua formação monástica foi conduzido a trabalhar com as comunidades Zulu na África do Sul onde desenvolveu o olhar <i>fenomenológico</i> das <i>constelações sistêmicas</i> . Neste tipo de terapia trabalha-se com técnicas de representação, uma espécie de psico-drama, onde constantemente nos é mostrado que alguém foi “esquecido” pelo grupo. Isso age como uma ferida aberta no campo energético familiar. A solução sempre se dá pelo reconhecimento disso e por uma ação amorosa de acolhimento.
Contrato social	Uma classe abrangente de teorias que tentam explicar os caminhos que levam as pessoas a formarem Estados e/ou manterem a ordem social.
Corpo astral	Vide <i>perispírito</i> .
Corpo fluídico	Na obra “Os quatro Evangelhos”, organizada por Jean Baptiste Roustaing, é afirmado que Jesus seria um <i>espírito</i> que atingiu um grau de <i>evolução</i> tal que não seria mais possível que ele tivesse um <i>corpo físico</i> como o nosso. Além disso, como governador espiritual do planeta ele, de tempos em tempos, precisava se ausentar. Assim, a solução encontrada, pela <i>espiritualidade maior</i> , foi providenciar o seu nascimento em <i>corpo fluídico</i> que lhe desse a liberdade necessária e ao mesmo tempo o tornasse visível e tangível para as pessoas com quem teria que conviver. Para elas é como se não tivesse diferença alguma, mas para Ele essa maior liberdade era fundamental não só para o sucesso da sua missão, mas era a única maneira possível dela acontecer.
Criação	Ação Divina que originou o <i>Sistema</i> .
Criacionismo	Movimento filosófico promovido por aqueles que acreditam que a <i>Physis</i> foi <i>criada</i> e teve uma origem inteligente.
Criptomnésia	Memória oculta, inconsciente, ancestral ou subliminar.

Dado	<i>Dado não é informação. Dado é apenas um registro de um valor quantitativo ou qualitativo que uma variável pode assumir. Dependendo do grau de <i>conhecimento</i> que se tenha, as vezes um mero <i>dado</i> serve para apoiar a decisão daí a confusão que se faz.</i>
Darma	Termo mais conhecido das civilizações orientais. Refere-se a um tipo de crédito positivo que se adquire ao praticar boas ações. Diferentemente do <i>carma</i> ele possibilita ao <i>espírito</i> uma ascensão evolutiva mais rápida se livrando da <i>roda das reencarnações</i> (vide <i>carma</i>).
Déjà-vu	Impressão de que já se esteve naquele lugar antes, já se viu aquelas pessoas, ou já se vivenciou tal situação. O termo vem do francês e literalmente significa “já visto”.
Deliberação	Escolha consciente que se faz diante de um dilema, uma questão ou, uma situação qualquer.
Democracia	Governo típico do <i>astuto</i> .
Deus	Inteligência suprema, origem de todas as coisas. <i>Criador</i> do <i>Sistema</i> que a tudo sustenta com a sua <i>vontade</i> . <i>Compreendê-lo</i> está além da nossa capacidade. Sua lei e Sua <i>vontade</i> estão escritas na <i>essência</i> de tudo o que há. Não há como nos dissociarmos delas.
Dialética	Método de diálogo cujo foco é a contraposição e contradição de ideias que levam a outras ideias e que tem sido um tema central na <i>filosofia</i> ocidental e oriental desde os tempos antigos. A tradução literal de <i>dialética</i> significa “caminho entre as ideias”.
Distribuição	Dizemos que um termo está distribuído em uma proposição categórica se este termo afirma algo a respeito de cada um e todos os elementos do conjunto que o termo designa. Quando isto é aplicado às proposições categóricas verificamos que <i>o sujeito da proposição universal é sempre distribuído, assim como, o termo predicado dos enunciados negativos. Os demais casos não o são.</i> Desta forma, na universal afirmativa (A), apenas o sujeito é distribuído, pois quando dizemos: Se todo S é P . O termo sujeito S está distribuído, pois o que dissemos se aplica a todo elemento do conjunto S , mas nada afirma a respeito de P . Na universal negativa (E), tanto o sujeito quanto o predicado se distribuem, pois quando dizemos: Se nenhum S é P . O termo sujeito é distribuído, pois todos os elementos do conjunto S são não-P da mesma forma como o termo predicado também é distribuído, pois todos os elementos do conjunto P são não-S . No caso das proposições particulares afirmativas (I), nem o sujeito nem o predicado são distribuídos, pois quando dizemos: Se algum S é P . O termo sujeito S não está distribuído uma vez que o que foi dito não se aplica a todo elemento do conjunto S , o mesmo pode ser dito com relação à P . Por fim, nas particulares negativas (O), somente o predicado é distribuído, pois quando dizemos: Se algum S não é P . O enunciado nada afirma a respeito de cada elemento do conjunto S , mas apenas de alguns ao passo que nós sabemos que cada elemento do conjunto P diferem dos elementos de S referidos no enunciado.

Dor	Caminho evolutivo sinuoso que nos leva de volta ao <i>Sistema</i> .
Efeito	Consequência.
Egoísmo	Um tipo de <i>amor</i> embotado. Se opõe ao <i>altruísmo</i> .
Empirista	Aquele que se move pela <i>sensação</i> . Segundo a nossa interpretação da figura 1, <i>sensação</i> é a asa que une <i>arte</i> e <i>ciência</i> . Portanto, os <i>empiristas</i> são altamente desejáveis para atuarem nestas duas áreas de produção do <i>conhecimento</i> .
Energia	Uma das formas de manifestação da <i>substância divina</i> (β).
Ente	O <i>Ser</i> cristalizado. O <i>Ser</i> materializado. O espaço-tempo. A <i>Physis</i> .
Entender	Tem a ver com <i>conhecer</i> um fenômeno, é algo intelectual ao passo que <i>compreender</i> é subjetivo. O <i>entendimento</i> é derivado da <i>compreensão</i> .
Equação da substância	Também conhecida como a <i>grande equação da substância</i> é a base do <i>monismo</i> Ualdiano. Relaciona <i>espírito</i> (α), <i>energia</i> (β) e <i>matéria</i> (γ) como formas de manifestação da mesma <i>substância divina</i> . Assim, <i>Deus</i> ou o próprio <i>Sistema</i> estariam presentes em todo <i>Anti-Sistema</i> (<i>Physis</i>) de forma <i>imanente</i> .
Esotérico	Nome genérico que designa um conjunto de tradições e interpretações que buscam desvendar um <i>sentido</i> oculto em algo que é passado de geração em geração. Contrapõe-se a <i>exotérico</i> , pronunciado da mesma forma, que nas antigas escolas gregas era o termo utilizado para se referir ao <i>conhecimento</i> transmitido ao público em geral. O <i>conhecimento esotérico</i> , ao contrário, era só para àqueles que se mostrassem dignos de alcançá-lo.
Espiritismo	<i>Ciência positiva</i> e doutrina filosófica criada por Allan Kardec, na França, na segunda metade do século XIX, e que rapidamente se espalhou pelo <i>mundo</i> . Baseia-se: na existência de <i>Deus</i> e da <i>alma</i> ; no princípio da <i>reencarnação</i> ; na comunicação com os <i>espíritos</i> desencarnados e; nos princípios cristãos. No Brasil, foi reconhecido oficialmente como “religião”, algo que Kardec se opunha por defender que o <i>espiritismo</i> não tem dogmas, nem ritos, clero, nem qualquer outro aparato que lembra uma “religião”, tal como as pessoas concebiam este termo. Se <i>religião</i> é algo que nos liga a <i>Deus</i> , então, somente neste <i>sentido</i> , o <i>espiritismo</i> pode ser considerado <i>religião</i> .
Espírito	O conjunto formado pela <i>alma</i> e pelo <i>perispírito</i> . Pode estar encarnado (ligado ao <i>corpo físico</i> = homem), ou desencarnado (<i>fantasma</i>). É também uma das formas de manifestação da <i>substância divina</i> (α).
Espiritualista	Todo aquele que acredita na existência da <i>alma</i> .
Espiritualidade	Grupo de <i>espíritos</i> desencarnados que interagem positivamente (<i>maior</i>) ou negativamente (<i>inferior</i>) com os <i>espíritos</i> encarnados.
Estado holotrópico	Estado alterado de <i>consciência</i> que pode ser induzido pela ação de drogas, respiração, meditação e outras técnicas.

Estruturalismo	Corrente filosófica que teve origem com Ferdinand de Saussure que se propunha a abordar qualquer língua como um sistema no qual cada um dos elementos só pode ser definido pelas relações de equivalência ou de oposição que mantém com os demais elementos e esse conjunto de relações forma o que chamamos de estrutura. Explorando estas estruturas, através das quais o significado é produzido, tem-se todo um sistema de significação que é fundamental para se <i>compreender</i> o pensamento de um <i>filósofo</i> . Na matemática, o <i>estruturalismo</i> estuda o que estas estruturas dizem que o objeto é e como a ontologia dessas estruturas deveria ser entendida.
“Estruturalismo”	Método, técnica, corrente filosófica que se restringe a estudar um único autor e seus comentadores limitando os seus seguidores a se aterem o que esses autores deram conta de trabalhar sem incorrer em <i>anacronismos</i> . É um tipo distorcido de <i>estruturalismo</i> , uma maneira <i>dogmática</i> de se posicionar, na qual algumas pessoas se investem de toda a arrogância que os títulos acadêmicos podem lhes conferir para, em última instância, garantir um espaço de poder semelhante ao que um certo clero ocupava no auge da Idade Média, com direito a inquisição, torturas, fogueira e tudo o mais. Os tempos mudaram, as técnicas se sofisticaram, mas continuam fundamentalmente a mesma coisa.
Etnobiologia	É o estudo científico da dinâmica de relacionamentos entre pessoas e seus grupos culturais, <i>biota</i> , e o meio ambiente, desde o passado distante até o presente imediato.
Evolução	Movimento de retorno do <i>Anti-Sistema</i> para o <i>Sistema</i> .
Evolucionismo	Movimento filosófico promovido por aqueles que acreditam que a <i>Physis</i> é resultante e pode ser explicada unicamente por leis naturais. Dispensa a necessidade de uma intervenção divina.
Exegese	Interpretação profunda de um texto.
Exotérico	Vide <i>esotérico</i> .
Fé	Firme opinião de que algo é <i>verdade</i> , sem qualquer tipo de prova ou critério de verificação, pela absoluta confiança que se deposita na ideia ou fonte de transmissão.
Fé inabalável	É aquela que, segundo Allan Kardec, pode encarar a <i>razão</i> face a face, em todas as épocas da humanidade. É aquela que resiste à prova do tempo e da <i>razão</i> .
Fenomenologia	Corrente filosófica fundada por Edmund Husserl afirma que tudo que podemos <i>saber</i> do “mundo” resume-se a esses fenômenos [aquilo que se apresenta ou que se mostra], a esses objetos ideais que existem na <i>mente</i> , cada um designado por uma palavra que representa a sua <i>essência</i> , sua “significação”. Os objetos da <i>Fenomenologia</i> são <i>dados</i> absolutos apreendidos em <i>intuição</i> pura, com o propósito de descobrir estruturas essenciais dos atos (<i>noesis</i>) e as entidades objetivas que correspondem a elas (<i>noema</i>).
Fenomenológico	Da <i>Fenomenologia</i> .

Filosofia	<i>Amor à sabedoria.</i> Área de produção do <i>conhecimento</i> que se fundamenta na <i>razão</i> e na <i>intuição</i> para fazê-lo crescer. A <i>filosofia</i> pensa as questões.
Filósofo	Alguém que é movido por uma <i>angústia filosófica</i> , <i>pensa-por-si-mesmo</i> , domina a palavra, tem compromisso com a <i>verdade</i> , segue o caminho do <i>justo</i> e procura evoluir na rota do <i>amor</i> . Vive o que prega para os outros. Nem todo <i>justo</i> é <i>filósofo</i> , mas todo <i>filósofo</i> é <i>justo</i> .
Fluído cósmico universal	É um fluído abundante no universo que a <i>alma</i> se utiliza para compor o <i>perispírito</i> , mas também é o grande responsável pela estabilização da <i>matéria</i> , possivelmente é o que os cientistas atuais chamam de <i>matéria escura</i> .
Forte	Tipo biológico identificado por Pietro Ubaldi como sendo aquele que age egoisticamente e predominantemente com o uso da força. Está em um estágio evolutivo mais primitivo do que o dos tipos <i>astuto</i> e <i>justo</i> .
Fracking	Técnica aplicada na extração de gás natural também conhecida como “ <i>hydraulic fracturing</i> ”, onde se perfura um poço verticalmente até atingir a camada de xisto e depois horizontalmente. Por essa perfuração, injeta-se uma grande quantidade de água com quase 600 produtos químicos cuja composição não é revelada, alegando se tratar de segredo industrial. Essa água pressurizada faciona a rocha liberando o gás natural aprisionado.
Frame	Termo em inglês que se refere a um fotograma de um filme.
Guilgul Neshamot	<i>Reencarnação das almas.</i>
Historicidade	Característica do homem enquanto <i>Ser</i> , mergulhado no tempo universal. Algo que lhe define e molda o seu modo de ser e pensar.
Igreja	Instituição eminentemente humana e não divina. Representa um tipo de interpretação humana de algo que é sagrado para os seus seguidores.
Imanência	A existência de <i>Deus</i> , como <i>substância divina</i> , presente em todo o <i>Sistema</i> e em cada sub-partícula do <i>Anti-Sistema</i> . Ou seja, <i>Deus</i> se manifesta na própria natureza íntima da <i>matéria</i> .
Impulso rebelde	Ou impulso de <i>queda</i> . É a nossa <i>vontade</i> se manifestando de forma contrária à <i>vontade divina</i> e provocando uma reação da Lei que nos impõe a <i>dor</i> .
Informação	Aquilo que é capaz de mudar o nosso <i>status</i> de <i>conhecimento</i> . Não deve ser confundida com <i>dado</i> . Embora, muitas vezes, o simples <i>conhecimento</i> de um <i>dado</i> já seja suficiente para a nossa tomada de decisão. Essa confusão se dá porque <i>informação</i> é algo que possibilita justamente isto, tomar uma decisão, deliberar. Sempre que um <i>dado</i> permite isto, ele assume o <i>status</i> de <i>informação</i> , mas na maioria das vezes o <i>dado</i> precisa ser trabalhado para produzir <i>informação</i> , pois não é capaz, por si só, de alterar o <i>status</i> do <i>conhecimento</i> .

Intuição	Constitui juntamente com a <i>razão</i> , a <i>sensação</i> e o <i>sentimento</i> uma das quatro vias que conduzem ao <i>conhecimento</i> . De caráter subjetivo e inteligível é a “asa” que liga <i>filosofia</i> e <i>religião</i> . Na <i>intuição</i> , chega-se a uma conclusão sobre algo quase como uma revelação que se apresenta à nossa <i>mente</i> , algo não racional e que pode surgir instantaneamente nos momentos mais inusitados sem que possamos identificar especificamente como isso se deu.
Involução	Vide <i>queda</i> .
Irmã dor	Forma carinhosa como São Francisco de Assis se referia à <i>dor</i> . Para muitos pode parecer um ato de expresso masoquismo, mas para quem estuda as obras de Pietro Ubaldi entende que se trata do reconhecimento de que a <i>dor</i> é, muitas vezes, o caminho que escolhemos para <i>evoluir</i> . Podíamos ter escolhido o caminho mais suave e agradável do <i>amor</i> , mas se a <i>dor</i> vem é porque fomos descuidados e imprevidentes nas nossas escolhas. Por isso, o quanto antes reconhecermos o porque dela se dar, mais rápido conseguimos corrigir a nossa trajetória de vida. <i>Sábio</i> e aquele que consegue <i>evoluir</i> sem ter que, frequentemente, passar pelo caminho da <i>dor</i> .
Justo	Tipo biológico identificado por Pietro Ubaldi como sendo mais evoluído que os tipos <i>astuto</i> e <i>forte</i> , é aquele que sempre procura fazer a coisa certa mesmo quando isso lhe é desvantajoso. <i>Altruísta</i> , prioriza o coletivo em detrimento do individual e tem real compromisso com a <i>verdade</i> . Todo <i>justo</i> procura ser <i>sábio</i> .
Lei-divina	Lei de <i>evolução</i> .
Lei do carma	Ou <i>lei de causa e efeito</i> , diz que a cada ação corresponde uma reação. Tudo o que plantamos, colhemos. Nada foge a ação desta lei que é sempre justa.
Livre-arbítrio	Capacidade de decidir por si mesmo, <i>deliberar</i> livremente. Fazer escolhas seguindo a própria <i>vontade</i> .
Lógica	Estudo normativo e filosófico do raciocínio válido.
Matéria	Uma das formas de manifestação da <i>substância divina</i> (γ).
Materialista	Todo aquele que acredita na existência da <i>mente</i> , mas não da <i>alma</i> .
Matéria escura	É a estrutura que provê a armação das galáxias. Como vigas mestras em uma construção, as partículas lentas da <i>matéria escura</i> agiram como a estrutura na qual a <i>matéria</i> comum poderia se prender.
Médium	Pessoa detentora de <i>mediunidade</i> (antena psíquica) que consegue através dela estabelecer uma conexão entre o <i>mundo material</i> e o <i>mundo espiritual</i> .
Mediunidade	Sensibilidade natural do ser humano que lhe permite captar os ditos <i>fenômenos mediúnicos</i> . Nas pessoas onde essa sensibilidade se mostra mais desenvolvida, os <i>fenômenos espirituais</i> são observados mais ostensivamente o que faz com que elas sejam conhecidas como <i>médiuns</i> .

Menoridade	Termo utilizado por Kant para indicar um estado de imaturidade filosófica de quem ainda não está pronto para <i>pensar-por-si-mesmo</i> .
Mente	<i>Essência do Ser</i> . Princípio inteligente fruto de reações químicas que acontecem em nosso cérebro. Quando este deixa de funcionar, a <i>mente</i> se apaga permanentemente. Sua origem é puramente <i>material</i> .
Meritocracia Intellecto-Moral	Governo típico do <i>justo</i> . Ainda uma utopia em nosso tempo no qual a lógica dos tipos <i>forte</i> e <i>astuto</i> ainda predomina.
Metafísica	<i>Ciência</i> primeira, uma das disciplinas fundamentais da <i>filosofia</i> , trata das causas ou dos princípios, bem como o <i>sentido</i> e a finalidade da realidade como um todo ou dos <i>seres</i> em geral. O que a diferencia das <i>ciências</i> particulares é que ela considera o <i>Ser</i> como um todo, enquanto as <i>ciências</i> particulares estudam apenas parte” específicas do <i>Ser</i> .
Místico	Aquele que se move por <i>intuição</i> . Segundo a nossa interpretação da figura 1, <i>intuição</i> é a “asa” que une <i>filosofia</i> e <i>religião</i> . Portanto, os <i>místicos</i> são altamente desejáveis para atuarem nestas duas áreas de produção do <i>conhecimento</i> .
Mônada	<i>Conceito</i> filosófico, introduzido por Giordano Bruno e fundamental na obra de Gottfried Leibniz. Elemento constitutivo de tudo o que existe.
Mosaico síntese	Painel filosófico formado por todo um conjunto de ideias proveniente de diversos autores, organizado de forma a compor todo um arcabouço filosófico que faz <i>sentido</i> para quem o monta.
Motor imóvel	Para Aristóteles, tudo o que move é movido por algo, mas se formos procurar a origem do movimento cairíamos em uma série infinita e absurda a menos que chegássemos a um <i>motor imóvel</i> , algo que mova sem ser movido, causa primeira de todo o movimento que Tomás de Aquino identificou como <i>Deus</i> .
Mundo	<i>Mundo</i> para nós não é apenas linguagem, ou <i>horizonte de significância</i> , mas algo que independe do nosso <i>referencial</i> . No entanto, não ignoramos e/ou desprezamos as contribuições de quem tem este tipo de abordagem, muito pelo contrário, vemos nela muitos méritos e raciocínios promissores, mas independentemente do que eu penso que uma coisa seja ela é, mesmo que eu não possa compreendê-la ou sequer tenha me deparado com ela. Quem acha que formiga não existe que sente num formigueiro.
Mundo celeste ou divino	São as habitações de <i>espíritos</i> depurados, onde exclusivamente reina o bem, visto que todos que aí vivem já alcançaram o cume da <i>sabedoria</i> e da bondade.
Mundo de expiação e provas	Refere-se ao atual estágio evolutivo da humanidade. No qual, estamos presos à <i>roda das reencarnações</i> que nos obriga aos limites do plano físico a fim de resgatar o nosso <i>carma</i> . Nesses <i>mundos</i> o mal predomina. É a atual situação da Terra, razão por que aí vive o homem a braços com tantas misérias.

Mundo de regeneração	Estado intermediário entre um <i>mundo de expiação e provas</i> e um <i>mundo feliz</i> . São <i>mundos</i> em que as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta.
Mundo espiritual	<i>Mundo dos espíritos</i> . Ainda de natureza <i>material</i> , mas formado por uma <i>matéria</i> mais refinada que não pode ser captada pelos nossos cinco sentidos. De certa forma, pode ser confundido com o <i>mundo da ideias</i> de Platão.
Mundo ditoso ou feliz	<i>Mundo</i> onde o bem sobrepuja o mal e, por isso, a felicidade impera.
Mundo material	<i>Mundo</i> como o conhecemos. Cópia imperfeita do <i>mundo espiritual</i> .
Mundo primitivo	<i>Mundo</i> onde a vida consciente ainda está nos seus estágios iniciais. Nos <i>mundos primitivos</i> , destinados às primeiras encarnações da <i>alma</i> humana, a vida, toda <i>matéria</i> , se limita à luta pela subsistência, o senso moral é quase nulo e, por isso mesmo, as paixões reinam soberanas. A Terra já passou por essa fase.
Nada	Nada se pode dizer do <i>Nada</i> a não ser que o <i>Nada</i> não é. Se fosse já não seria o <i>Nada</i> .
Negatividade	Vide <i>Anti-Sistema</i> .
Noúres	Termo criado por Pietro Ubaldi para se referir às <i>grandes correntes de pensamento</i> que podem ser sintonizadas e captadas pela <i>intuição</i> . A elevação espiritual é fundamental para isso.
Ouroboros	É um símbolo representado por uma serpente, ou um dragão, que morde a própria cauda. O nome vem do grego antigo: <i>οὐρά</i> (<i>oura</i>) = “cauda” e <i>βόρος</i> (<i>boros</i>) = “devora”. É utilizado para representar a eternidade e está relacionado com a alquimia. Por vezes é representado por dois animais míticos, mordendo o rabo um do outro e é possível que o símbolo matemático de infinito (∞) tenha tido a sua origem de dois <i>ouroboros</i> lado a lado.
Paradigma	Termo de origem grega que significa modelo, padrão. É um pressuposto filosófico, matriz, uma teoria, um <i>conhecimento</i> que define um campo científico, métodos, valores e forma de pensar.
Pensarmos-por-nós-mesmos	Sairmos da nossa <i>menoridade</i> e conquistarmos a nossa independência filosófica.
Perinatal	Próximo ao nascimento.
Perispírito	Corpo <i>semi-material</i> do <i>espírito</i> . Assim como o perisperma envolve o fruto, o <i>perispírito</i> envolve a <i>alma</i> . Este <i>corpo fluídico</i> e ideoplástico, produzido a partir do “fluido cósmico universal” ligado à <i>alma</i> forma o <i>espírito</i> que é imortal. Dependendo da <i>vontade</i> da <i>alma</i> pode se torna tangível e visível para os olhos humanos. Representa um elo de ligação entre a <i>alma</i> (imortal) e o <i>corpo físico</i> (mortal). A redescoberta, no <i>mundo ocidental</i> , do <i>perispírito</i> por Allan Kardec, nos possibilitou <i>compreender</i> como a <i>alma</i> de natureza <i>imaterial</i> pode agir sobre o <i>corpo físico</i> de natureza <i>material</i> possibilitando o movimento.

Physis	O vigor dominante que brota e permanece.
Placa de Petri	Recipiente cilíndrico de vidro ou plástico que os profissionais de laboratório utilizam para a cultura de micro-organismos.
Positividade	Vide <i>Sistema</i> .
Possessão	Expressão ou circunstância em que alguém está sob o <i>efeito</i> de uma ação de um <i>espírito</i> ou grupo de <i>espíritos</i> .
Queda	Movimento (in)volutivo que nos afasta do <i>Sistema</i> .
Racionalista	Aquele que se move pela <i>razão</i> . Segundo a nossa interpretação da figura 1, <i>razão</i> é a “asa” que une <i>filosofia</i> e <i>ciência</i> . Portanto, os <i>racionalistas</i> são altamente desejáveis para atuarem nestas duas áreas de produção do <i>conhecimento</i> .
Razão	É a capacidade da <i>mente/alma</i> que permite raciocinar e chegar a conclusões a partir de suposições e premissas. É um dos meios pelos quais os seres racionais propõem explicações para cada coisa. Permite identificar e operar <i>conceitos</i> em abstração, resolver problemas, encontrar coerência ou contradição entre eles e, assim, descartar ou formar novos <i>conceitos</i> , de uma forma ordenada e, geralmente, orientada para objetivos. Inclui: raciocinar, apreender, <i>compreender</i> , ponderar e julgar, por vezes utilizada como sinônimo de inteligência. É a “asa” que liga <i>ciência</i> e <i>filosofia</i> . Tem um caráter objetivo e inteligível.
Reencarnação	Princípio pelo qual a <i>alma</i> , após a morte do <i>corpo físico</i> , é capaz de ligar-se sucessivamente a outros corpos pelo fenômeno do nascimento. Isso permite o aperfeiçoamento da <i>alma</i> e o anulamento do <i>carma</i> . Este princípio é também conhecido como <i>transmigração da alma</i> e <i>metempsicose</i> . Esta última denominação, mais encontrada em <i>filosofias</i> orientais, é rejeitada pela maioria dos adeptos da <i>doutrina espírita</i> por admitir que a <i>alma</i> humana pode regressar em corpos animais. Eles alegam que isso não seria possível porque a <i>alma</i> não retroage no seu processo evolutivo.
Referência	A <i>referência</i> , caso exista, diz respeito a algo que corresponda à aquilo que foi expressado. Segundo Frege, a <i>referência</i> de um nome próprio é o próprio objeto que designamos com ele; a representação que então temos é totalmente subjetiva; entre os dois reside o <i>sentido</i> , que não é subjetivo como a representação, mas por certo não é próprio do objeto.
Referencial	Visão de <i>mundo</i> . <i>Paradigma</i> no <i>sentido lato</i> , aplicado não só no campo da <i>ciência</i> , mas também, no campo da <i>filosofia</i> , da <i>religião</i> , da <i>arte</i> e de qualquer outro que se queira. Conjunto de teorias, crenças e valores que definem todo um modo de pensar e que está imerso numa certa <i>historicidade</i> .
Religião	Área de produção do <i>conhecimento</i> que se fundamenta na <i>intuição</i> e no <i>sentimento</i> para fazê-lo crescer. A <i>religião</i> busca resposta para as questões pela <i>via espiritual</i> .
Reminiscência	Recordação do passado. Elemento chave na <i>filosofia</i> de Sócrates e Platão que fundamentava o ato de <i>conhecer</i> na recordação de algo que o indivíduo tinha visto no <i>mundo das ideias</i> e nas suas vidas passadas.

Responsabilidade	Natureza ou condição do que é responsável. Dever de arcar com o próprio comportamento ou com as ações passadas.
Sabedoria	Tem a ver com as escolhas que fazemos na vida. Não deve ser confundida com a <i>verdade</i> e nem com a <i>virtude</i> , embora esteja relacionada a elas. É antes de tudo, um caminho de <i>evolução</i> em linha reta que nos conduz de volta ao <i>Sistema</i> . É a verdadeira rota do <i>amor</i> . A <i>sabedoria</i> requer amadurecimento, mas também necessita de uma certa dose de iniciativa, ingenuidade e coragem. <i>Sabedoria</i> requer consciência do que se faz, mas não descarta a possibilidade de sentir. Com efeito, ela consegue conciliar as coisas da <i>razão</i> e da emoção. E o faz com toda a serenidade mesmo na mais angustiada das situações.
Saber	<i>Saber</i> não é a mesma coisa que <i>conhecer</i> . <i>Saber</i> requer muito mais, pois envolve um equilíbrio, uma <i>justa medida</i> , de combinação de coisas que muitas vezes são contraditórias. O <i>saber</i> remete à <i>sabedoria</i> .
Sábio	Aquele que dispõe de <i>sabedoria</i> .
Salto quântico	Em física e química, acontece quando um elétron ganha <i>energia</i> e passa uma nova órbita, mais afastada do núcleo. Em termos filosóficos, significa passar para um nível de pensamento mais elevado e elaborado.
Salvação	<i>Evolução</i> . Movimento evolutivo que nos aproxima do <i>Sistema</i> , nos conduz até <i>Deus</i> , nosso destino final.
<i>Sapere aude</i>	Significa “seja sábio”, “ouse saber”, “atreva-se a saber”. Este lema latino foi utilizado por Immanuel Kant no seu ensaio “Resposta à pergunta: Que é o Esclarecimento?” ⁸⁸ , onde ele nos convida a sairmos da nossa <i>menoridade</i> e ousarmos <i>saber</i> e <i>pensarmos-por-nós-mesmos</i> .
Saúde	Mais do que ausência de doença, <i>saúde</i> é um <i>conceito</i> que expressa qualidade de vida e uma questão de cidadania. É um direito de todos e um dever do Estado garantir esse direito. É também um estado de completo bem-estar físico, <i>mental</i> e social.
Sensação	Constitui juntamente com a <i>razão</i> , a <i>intuição</i> e o <i>sentimento</i> uma das quatro vias que conduzem ao <i>conhecimento</i> . De caráter objetivo e sensível é a “asa” que liga <i>ciência</i> e <i>arte</i> . É talvez, o meio mais valorizado pelo <i>empiristas</i> , que não deixam de se valer da <i>razão</i> , mas não conseguem aceitar nada que não possa ser comprovado, de uma forma ou de outra pelos sentidos, <i>in natura</i> ou artificialmente ampliados.
Sentido	O <i>sentido</i> tem a ver com o significado que uma palavra tem para nós e será apreendido por qualquer um que conheça suficientemente a linguagem ou o conjunto das designações à que ele pertença.
Sentimentalista	Aquele que se move pelo <i>sentimento</i> . Segundo a nossa interpretação da figura 1, <i>sentimento</i> é a “asa” que une <i>arte</i> e <i>religião</i> . Portanto, os <i>sentimentalistas</i> são altamente desejáveis para atuarem nestas duas áreas de produção do <i>conhecimento</i> .

Sentimento	Constitui juntamente com a <i>sensação</i> , a <i>razão</i> e a <i>intuição</i> uma das quatro vias que conduzem ao <i>conhecimento</i> . De caráter subjetivo e sensível é a “asa” que liga <i>arte</i> e <i>religião</i> . De todos as vias para se <i>conhecer</i> é talvez a mais desprezada. No entanto, ninguém a pode ignorar, pois a todos move e conduz na vida.
Ser	A essência de tudo o que é.
Sistema	<i>Criação</i> primeira, fora do tempo e do espaço. O início e o fim. Um sistema perfeito de elementos coordenados em função de <i>Deus</i> e regidos por Sua lei, concebido no primeiro momento a partir da própria <i>substância divina</i> formando um Todo-Uno. Onde o <i>Anti-Sistema</i> era só uma possibilidade um <i>Nada</i> .
Sitientibus	Sede, sede de <i>saber</i> .
Sofista	Alguém que é movido por uma <i>angústia filosófica</i> , <i>pensa-por-si-mesmo</i> , domina a palavra, mas não tem compromisso com a <i>verdade</i> , segue o caminho do <i>astuto</i> e acaba evoluindo na rota da <i>dor</i> . Não vive o que prega para os outros.
Sofística	Relativo à <i>sofista</i> .
Substância divina	“Matéria” primordial, sempre existente, com a qual <i>Deus</i> criou o <i>Sistema</i> .
Tirania	Governo típico do <i>forte</i> .
Tradição	Uma transmissão de práticas ou de valores espirituais de geração em geração, o conjunto de crenças de um povo, algo que é seguido conservadoramente e com respeito através das gerações.
Transcendência	É a capacidade de superar os limites. <i>Deus</i> transcende a tudo e a todos.
Transição planetária	Momento especial na <i>evolução</i> de um planeta onde um <i>salto quântico</i> está para ser dado em termos evolutivos. Aqueles <i>espíritos</i> que não tem condições de prosseguir são encaminhados para outros orbes mais condizentes com a sua condição.
Transpessoal	Referência à experiências ocorridas em vidas passadas.
Universo vaga-lume	Proposto pelo médico Maurício Crispim, é uma teoria que diz que o <i>Anti-Sistema</i> interage com o <i>Sistema</i> e, em última instância, é sustentado pela <i>vontade</i> divina. Tudo funcionaria como um grande filme 3D onde na passagem de um <i>frame</i> ao outro, o <i>Anti-Sistema</i> busca no <i>Sistema</i> a <i>informação</i> necessária para compor o próximo <i>frame</i> . Tudo é dinâmico e nessa “dança” está o segredo de tudo o que há.
Verdade	É a perfeita correspondência entre o que achamos que uma coisa seja e aquilo que, de fato, ela é.
Virtude	Como diria Aristóteles, é uma espécie de <i>justa medida</i> . Mas também é algo que se adquire, que é construído ao longo do tempo e que define o nosso caráter. A <i>virtude</i> é um bem na medida em que ela consiste no próprio esforço que fazemos para sermos bons e fazer o bem. Ela é fruto do próprio esforço evolutivo e, ao mesmo tempo, é instrumento que nos impulsiona nessa escalada

Vontade

Querer.

Vontade divina

Ou *vontade suprema* é a vontade de *Deus*. A única *vontade* que também é poder. As demais dependem das leis naturais e da interação com o seu meio para acontecer.

Vontade geral

Vontade voltada para o bem comum e que representa a *vontade* de um coletivo, onde, a submissão de cada um à esta *vontade* não implicaria, necessariamente, à perda da liberdade, mas um dever cívico a que todos estariam submetidos.

APÊNDICE A

(Mapa de fala das personagens)

Personagem	Página
André Barboni	21-266
Suzi Barboni	266
P1	22; 27; 31; 56; 139-142; 158
P2	22-23; 28-30; 34-37; 51-52; 64-67; 70-80; 84-87; 90-92; 104; 110-111; 118; 124; 129-134; 136-138; 142-146; 148; 151; 155-158; 160-165; 167; 179-180; 187; 195-196; 230; 237; 246-255; 257-260; 262-263; 265
P3	23; 45-47; 51-53; 66-68; 73; 75; 83-84; 92-97; 143; 265-266
P4	24-25; 27-28; 33-34; 42; 44; 49; 52; 54-55; 57; 78; 119-121; 152-155; 157-159; 163; 184-187
P5	27; 32; 50-51; 67-70; 158; 193-195; 256; 264
P6	30; 167-169; 191-193; 195-197; 223-224
P7	41-43; 45; 47-48; 86; 238-239
P8	80; 101; 137; 199-200; 205-207; 210-212; 215-223; 230-231
A1	21; 26; 44; 62; 97-104; 109-110; 112-113; 118; 120; 147-148; 151; 156; 180; 182-183; 224; 227; 229; 235; 237; 259-262; 266
A2	21; 37-40; 55-56; 58-59; 219; 225-228; 237; 266
A3	24; 26; 67; 81-83; 115; 125-127; 138-139; 150; 160; 188-190; 204; 209; 212-213; 224
A4	31; 63; 105-107; 122-123; 169-170; 172-177; 235-237; 242-243
A5	33; 60-63; 173-174; 196-199; 203-204; 213-215; 217-218; 229-234; 244-246; 266
A6	81; 83; 107-109; 114; 151; 184; 190; 199; 201-203; 218; 239-242; 255
A7	87-91; 99-100; 116-117; 128-129; 132-135; 156-157; 171-172; 174; 177-180; 190; 207; 209; 242; 257
A8	115-116; 118; 122-123; 125-126; 137-138; 140-142; 146; 148-149; 151; 162; 165-167; 178; 180-182; 208-209; 243; 246; 257-258; 264

APÊNDICE B (Silogismos Categóricos Válidos)

Silogismos categóricos válidos obtidos por André René Barboni ao efetuar todas as combinações possíveis e testá-las com os diagramas de Euler.

Tipo 01	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2
Tipo 01	S d (A) M n	M d (A) P n	S d (A) M n	S d (A) M n	M d (A) P n
	M d (A) P n	S d (A) M n	M d (A) P n	M d (A) P n	S d (A) M n
	S d (A) P n	S d (A) P n	S n (I) P n	S n (I) P n	S n (I) P n
Tipo x2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2
	M d (A) S n	M d (A) P n	M d (A) S n	M d (A) S n	P d (A) M n
	M d (A) P n	M d (A) S n	P d (A) M n	P d (A) M n	M d (A) S n
Tipo 02	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2
	S d (A) M n	M d (E) P d	S d (A) M n	S d (A) M n	M d (E) P d
	M d (E) P d	S d (E) P d	S d (E) P d	S d (E) P d	S n (O) P d
Tipo 09	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2
	S d (A) M n	P d (E) M d	S d (A) M n	S d (A) M n	P d (E) M d
	P d (E) M d	S d (E) P d	S d (E) P d	S d (E) P d	S n (O) P d
Tipo 10	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2
	S d (E) M d	P d (A) M n	S d (E) M d	S d (E) M d	P d (A) M n
	P d (A) M n	S d (E) P d	S d (E) P d	S d (E) P d	S n (O) P d
Tipo 13	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2
	M d (E) S d	P d (A) M n	M d (E) S d	M d (E) S d	P d (A) M n
	P d (A) M n	M d (E) S d	P d (A) M n	P d (A) M n	M d (E) S d
Tipo 03	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2
	S n (I) M n	M d (A) P n	S n (I) M n	S n (I) M n	M d (A) P n
	M d (A) P n	S n (I) P n	S n (I) P n	S n (I) P n	M n (I) S n
Tipo 07	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2
	M d (A) S n	M n (I) P n	M d (A) S n	M d (A) S n	P n (I) M n
	M n (I) P n	S n (I) P n	S n (I) P n	S n (I) P n	M d (A) S n
Tipo 04	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2
	S n (I) M n	M d (E) P d	S n (I) M n	S n (I) M n	M d (E) P d
	M d (E) P d	S n (O) P d	S n (O) P d	S n (O) P d	M n (I) S n
Tipo 11	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2
	S n (I) M n	P d (E) M d	S n (I) M n	S n (I) M n	P d (E) M d
	P d (E) M d	S n (O) P d	S n (O) P d	S n (O) P d	M n (I) S n
Tipo 08	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2	T1 d1 F T2 d2
	M d (A) S n	M n (O) P d	M d (A) S n	M d (A) S n	P d (A) M n
	M n (O) P d	S n (O) P d	S n (O) P d	S n (O) P d	S n (O) P d

M = Termo Médio F = Forma (A - ua; E - um; I - pa; O - pn)
 S = Sujeito da Conclusão P = Predicado da Conclusão
 d = distribuída n = não-distribuída T1 = Sujeito da Proposição
 T2 = Predicado da Proposição d1 e d2 = distribuições

APÊNDICE C

(Algumas análises e considerações extras sobre o trabalho)

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Graduação em Filosofia intitulado: “Filosofia Brasileira: um sonho ou uma possibilidade” é um trabalho monográfico incomum, tanto na forma como no conteúdo, pois, ao contrário do que se costuma encontrar nestas situações de defesa de TCC, este é um trabalho de **síntese** que teve por objetivo elaborar e apresentar um *Corpus Philosophicus* inovador para subsidiar a discussão de problemas brasileiros atuais relacionados à cidadania. Uma nova filosofia baseada no direito e na necessidade de incentivar as pessoas a *pensarem-por-si-mesmas* para que possam, a partir daí, propor e se empenharem na construção de uma sociedade melhor e mais coerente com a lógica altruísta do *justo* em contraposição à lógica egoísta do *astuto* e do *forte* que torna “o homem lobo do próprio homem”.

Este texto complementar que tenta ser um auxiliar para o entendimento do referido trabalho que deve ser lido com cuidado e atenção, pois mesmo sinalizando para o meu leitor quando eu estou utilizando conceitos redefinidos por mim [palavras em itálico], muito do que digo levei anos para entender. Estes conceitos encontram suas definições no Glossário.

Estrutura do Trabalho

O trabalho se divide nas seguintes partes: 1- Introdução (p. 13-20); 2- Desenvolvimento Dialógico (p. 21-266); 3- Desenvolvimento Sintético (p. 267-316); 4- Considerações Finais (p. 317-324); Referências (p. 325-334); Glossário (p. 335-348); Apêndice A (p. 349); Apêndice B (p.350); Apêndice C (p. 351-360). Para a sua construção foram utilizadas as normas mais recentes da ABNT e as diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP.

Detalhamento

1- INTRODUÇÃO

- P13 §1 Expõe a razão pela qual decidi fazer o curso de Filosofia da UEFS: “dar um tratamento filosófico mais adequado aos questionamentos que fazia”.
- P13 §2 Não é meramente a busca por mais conhecimentos que me movia, mas a busca por uma preparação para “fazer filosofia” no seu sentido mais profundo e verdadeiro para deixar uma mensagem para as futuras gerações que lhes permita construir um mundo melhor.
- P13 §4 - p14 §1 O método “estruturalista”/estruturalista não me serve, agora, isto não quer dizer que ele [método] não seja válido, mas simplesmente ele não dá conta da tarefa a que me proponho e para tal eu preciso me valer das chaves que utilizei para escrever o artigo “Quando menos é menos”: os tipos *forte*, *astuto* e *justo* de Pietro Ubaldi; a *matriz de fragmentação do conhecimento* de Pierre Weil e; o princípio da *reencarnação*.
- P14 §3 A questão principal que norteia a minha busca é: como nos devemos conduzir na vida? Isso me faz procurar o caminho do *justo*, mas esta questão perpassa pela questão do ser, da sua origem e do seu destino. Tudo o que eu desejo é trazer elementos que contribuam para a discussão desses assuntos, simplesmente trazendo a minha perspectiva. [Isto conduzirá a construção da minha filosofia brasileira].
- P14 §4 O que é filosofia afinal? É a questão que ora se apresenta e que será tratada mais detalhadamente na parte dialógica do trabalho.
- P15 Eu pondero que: a *Filosofia* é algo inerente à própria natureza humana; o mundo acadêmico está contaminado com as ideias materialistas que fazem com que a ciência seja tratada de forma *dogmática*; o *referencial espiritualista* não é incompatível com o conceito científico de evolução; a palavra “Deus”, hoje em dia,

gera resistências dentro desta academia *materialista*; esta resistência e tudo o mais que eu combato foi historicamente construída pela *astúcia* dos homens que reproduz e reforça o *impulso de queda*; para discutir as questões éticas, convenientemente, é necessário discutir as questões religiosas; como preparar as novas gerações para encarar o mundo adulto, que as espera, onde o capital assumiu o *status* de divindade?

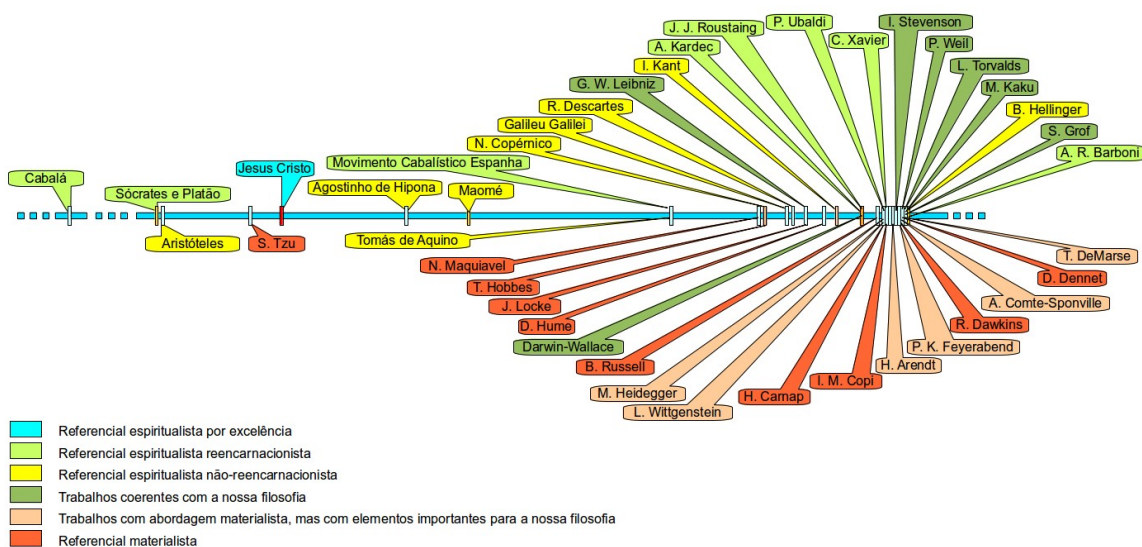
P16-18 Eu apresento esta última questão como a principal razão pela qual desenvolvo a minha filosofia e cujo caminho “estruturalista”/estruturalista não dá conta da tarefa a ser desenvolvida e, **justifico**: a escrita de parte do texto na forma de um diálogo filosófico [o *sonho* de poder discutir ideias abertamente no espaço acadêmico com um público que **não compartilha das minhas opiniões**, pelo menos não totalmente]; a não restrição à obra de um único autor; o uso de autores não consagrados pela academia e aponto o papel da banca na defesa deste tipo de trabalho; a estrutura escolhida (incomum, mas totalmente válida). E introduzo o *quadro de fragmentação do conhecimento* de Pierre Weil para explicar porque com a desvalorização da *religião* como área produtora de conhecimento descaracterizou-se, também, a *filosofia* e a *arte* em detrimento da *ciência* que se tornou absoluta. O “estruturalismo” seria uma maneira de *engessar a filosofia* com a visão de uma ciência empobrecida e, então, haveria vantagens em não se deixar guiar por este caminho.

P19 A tarefa é grande e arriscada, principalmente para um estudante de graduação, mas é o risco que todo *Filósofo* tem que correr. O que quero é encontrar parâmetros razoáveis para apontar caminhos que possam orientar os meus alunos na difícil tarefa de construção de uma sociedade melhor. Se só Deus é perfeito e eu não sou Deus, então, eu posso e vou errar, mas isso não é um problema para a minha filosofia. O problema está em não admitir o erro e não corrigi-lo. *Sapere aude* é o lema adotado para apresentar os elementos que eu julgo importantes para compor um sistema filosófico que um dia, talvez venha a criar.

P20 Explico a questão dos nomes e escolha dos personagens para o meu diálogo construído com base nos ensaios filosóficos desenvolvidos ao longo de todo o meu curso de graduação. Afirmando que a leitura da parte dialógica do trabalho pode ser pulada, o que reduziria o trabalho a uma estrutura mais convencional e suficiente para proceder a avaliação do TCC. Vide nota de rodapé (importante).

A figura A resume parte do esforço de síntese que eu tive de promover.

Figura A – Linha de tempo com algumas referências filosófico-científicas utilizadas neste trabalho.



2- DESENVOLVIMENTO DIALÓGICO

2.1 O ENCONTRO

P21 Apresenta o estudante que irá trazer o seu trabalho à discussão em um **café filosófico** que acontece no espaço acadêmico do CRIS (Centro de Referência de Informação em Saúde).

O diálogo tem duas partes: a primeira desconstrói certos conceitos, cria ferramentas e prepara as fundações do edifício que se pretende construir; o segundo movimento completa o trabalho no sentido de levantar a edificação de um ideal filosófico que pretende dar conta das questões apresentadas.

2.2 PREPARANDO AS FUNDAÇÕES

P21-31 Aqui trato da questão: o que é Filosofia? E chego a conclusão de que *filosofia é amor à sabedoria*.

P32-37 Para mim o “estruturalismo” não é *Filosofia* porque ela não pode se restringir a uma técnica, não deve ser cristalizada [deve permanecer fluida] e *Filosofia* não pode e não deve ser confundida com “História da Filosofia”. Isso não quer dizer, contudo, que o Estruturalismo e mesmo o “estruturalismo” devam ser desprezados naquilo de bom que eles podem dar, mas que simplesmente eles não se adequam à realização da tarefa proposta neste trabalho.

P38-50 Neste ponto do diálogo introduzo *a questão fundamental da Filosofia* proposta por Martin Heidegger: “por que há simplesmente o ente e não antes o Nada?”. Para tratá-la faz-se necessário apresentar os conceitos de: *ser simplesmente dado* (*vorhandenheit*); *ser à mão* (*zuhandenheit*) e; *ser aí* (*dasein*). Estes conceitos aparecem na obra maior de Heidegger (*Ser e Tempo*) e constituem, segundo ele, nas três formas de manifestação do *ser* do *ente*. Neste tópico, o personagem André Barboni procura mostrar a sua dificuldade em aceitar a ontologia de Heidegger por esta mostrar-se falha no que diz respeito aos animais. O mesmo tipo de falha parece também estar presente na obra de Wittgenstein no sentido em que estes dois autores parecem menosprezar a capacidade dos animais em se comunicarem e em parte a impressão que esse personagem diz ter se deve aos avanços que a Biologia auferiu após os trabalhos sobre o comportamento das abelhas de Karl Ritter von Frisch.

P50-54 Agora prossigo apresentando novas ferramentas e preparando o terreno para a construção do meu *Corpus Philosophicus*. Chegou a vez dos conceitos de *Sistema* e *Anti-Sistema* (que corresponde ao que Heidegger chama de *Physis – vigor dominante que brota e permanece*) de Pietro Ubaldi. O *Sistema* seria, na concepção ubaldiana, a primeira criação feita com a própria *Substância divina*, fora do tempo e do espaço. Este universo orgânico e perfeito seria composto por indivíduos com funções diferentes em uma perfeita hierarquia, mas como tudo nele é perfeito, cada individualidade possui o seu *livre-arbítrio* o que, pelo menos em possibilidade, lhe garante o direito de sair da sua função. O que era apenas uma possibilidade (o Nada) se concretiza e gera uma reação da própria Lei que organiza o *Sistema* e esta parte do todo se contrai e produz um movimento que gera o tempo e o espaço e todo o universo tal como o conhecemos (o *Ser* agora está no *Ente*). O *monismo* de Pietro Ubaldi irá, agora, dar conta de responder a *questão fundamental da Filosofia* de uma forma inovadora que como veremos, mais adiante, é perfeitamente coerente com a Teoria do Big-Bang e o que já diziam os estudiosos da Cabalá a mais de 5000 anos. E nessa solução a resposta é que antes de tudo não existia nem o *ente* nem o *Nada*, mas o *Ser* e *Deus*, agora, não é mais um *Ser/Ente* à parte da criação mas é na Criação.

- P54-65 Pode parecer que existe uma certa contradição em eu defender uma *filosofia não dogmática* e trazer conceitos que parecem provirem de algum tipo de mito ou religião, mas a confusão se desfaz se considerarmos que o dogmatismo aparece quando se considera uma determinada proposição verdadeira e se fecha a qualquer forma de discussão que ponha em cheque tal proposição. O que se pretende aqui é apresentar os conceitos e mostrar como eles se relacionam compondo uma teoria capaz de explicar algo de “forma mais satisfatória”, pelo menos na visão deste autor, mas deixando aberta a discussão para que essa teoria possa ser refutada e/ou aperfeiçoada. Segundo o texto, o método “estruturalista” não possibilita esse tipo de abertura e ainda tem a desvantagem de instituir “autoridades” que se colocam como intérpretes e intermediárias entre nós e a verdade.
- P65-73 *A matriz de fragmentação do conhecimento* de Pierre Weil será fundamental para mostrar como *Ciência, Filosofia, Religião e Arte* se relacionam entre si, reconhecer suas “asas”. Perceber como ela é importante para a busca do “homem integral” e interpretarmos a história da humanidade em busca de uma explicação para o fato de como a *ciência* se tornou hegemônica em detrimento das demais áreas do conhecimento humano que se fragmentou nesse nosso *Anti-Sistema*. Também reinterpreto a *Matriz Holopoiética Fundamental*, de Pierre Weil, correlacionando-a com os conceitos de *Sistema e Anti-Sistema*.
- P73-87 Nas páginas deste tópico defendo a ideia de que o *referencial materialista* se firmou desprezando e desvalorizando o *referencial espiritualista*. Isso é problemático porque “ao desvalorizarmos uma coisa assumimos uma série de atitudes que geralmente nos conduzem a uma posição que queremos evitar e que desprezamos” ao passo que “ao acolhermos essa coisa e darmos a ela o seu devido lugar adquirimos o equilíbrio e a serenidade necessárias à verdadeira sabedoria” (p. 77). A ação astuciosa dos homens seria a real causa dos crimes e horrores que se implantaram no seio da Religião através das suas instituições humanas (igrejas). Essa sim seria a maior causa da perda da fé por parte daqueles que buscam sinceramente a verdade.
- P88-97 Esta talvez seja a parte mais incômoda para os defensores do *referencial materialista* que são desafiados a estudar as obras de Allan Kardec e provar que os fenômenos espíritas são uma fraude e/ou encontrar uma explicação melhor e mais convincente para aquilo que parece ferir de morte o seu *referencial*. Ou seja, se é verdade que a *alma* de uma pessoa que morreu consegue se comunicar conosco, então, está provado que temos uma *alma imortal*, que a nossa *mente* tem uma natureza distinta daquilo que qualificamos como matéria e que o seu ataque ao *referencial espiritualista* é descabido já que é ele o *referencial* que se encontra alinhado com a verdade. A recusa a responder a este desafio já é prova de que não existe seriedade, por parte dos defensores do *referencial materialista*, que não tem coragem de por a prova os seus fundamentos e desqualificam os seus opositores. A *lei de Linus* nos permite entender esta posição, mas ela não justifica tal atitude.
- P97-104 A universalidade da comunicação com os espíritos é lembrada e utilizada como base para a argumentação de que o que Kardec observou na França, na metade do século XIX, também se verificou no restante do mundo nas diversas épocas da história da humanidade, em diferentes povos e culturas e os espíritas ainda esperam por uma explicação capaz de refutar as descobertas do codificador da sua doutrina.
- P104-111 Além de fazer uma descoberta que abala o pilar central do *referencial materialista* o trabalho de Kardec ainda tem o mérito de tirar da obscuridade o *princípio da reencarnação* que volta à discussão filosófica no meio espírita. Com a *reencarnação* o conceito de *evolução* assume um sentido mais amplo onde a *evolução espiritual* guia a *evolução material*. Isto fornece-nos outra chave para entendermos Platão.

- P112-120 Para mim e meu personagem homônimo, existem inúmeras evidências científicas a favor da *reencarnação*. Os trabalhos do Dr. Ian Stevenson e Stanilav Grof são dois bons exemplos de como a ciência atual pode, pelos seus próprios métodos, chegar às mesmas conclusões que a *ciência positiva* de Allan Kardec chegou a cerca de 150 anos atrás. Isso por si só já nos garante o direito de reivindicar esta discussão.
- P120-129 Mas os trabalhos de Allan Kardec trazem uma novidade para a mesa de discussão filosófica: a existência de um *corpo semi-material* que confere à *alma* uma identidade e que possibilita a sua ação sobre a *matéria*. Assim, a crítica feita por Leibniz ao dualismo cartesiano tem agora uma outra explicação alternativa à sua solução das mônadas. Será que nem isso é suficiente para provar porque as obras de Kardec merecem ser introduzidas nas discussões e nos cursos de filosofia? Como deixar de fora da discussão filosófica da academia um *referencial (espiritualista reencarnacionista)* que faz parte da visão de mundo de um terço da humanidade? Um *referencial* que está presente na origem da filosofia e que, por ação da astúcia e ignorância de alguns homens, foi banido da discussão central.
- P130-138 Nestas páginas eu faço uma relação entre o *mundo das ideias* de Platão e o *mundo espiritual* revelado pela literatura espírita. Achamos promissor a investigação filosófica deste assunto.
- P139-142 Para terminar a preparação das fundações, eu trago à baila a questão da pluralidade dos mundos habitados, amplamente defendida pela literatura espírita e que há décadas vem sendo explorada não só pela *arte*, mas também, pela *ciência*. **Se isso é verdadeiro**, como ficam certas filosofias que mal dão conta de discutir o homem e ignoram tudo o mais como seres providos de *consciência*?

2.3 CONSTRUINDO O EDIFÍCIO

- P143-152 Com o tópico **Análise x Síntese** eu começo a construção do meu edifício filosófico a partir da ideia de Pitágoras de que o universo é constituído por números naturais, mostro uma foto digital composta por um número limitado de cores e impresso em uma impressora com um número mais limitado, ainda, de cores e não há como perceber esses limites. Assim, Pitágoras pode estar mais certo do que se imagina. Em seguida apresenta quatro paradoxos formulados por Zenão de Eleia: **dicotomia**; **Aquiles (e a tartaruga)**; **flecha**; **estádio**. Na discussão que se segue o personagem “André Barboni” tenta explicar que na sua visão o paradoxo existe só quando tentamos dividir o tempo e o espaço indefinidamente na física assim como o fazemos na matemática. O que sugere que a forma de pensar dos gregos antigos precisa ser melhor apreciada, pois nos permite ir muito mais além do que os nossos pobres sentidos conseguem alcançar. No entanto, isso gera dois outros problemas: 1- se o tempo e o espaço são quânticos, então, podemos enxergar o nosso universo como um grande “filme 3D”. Sendo assim, o que dá movimento a esse filme e; 2- o que acontece entre um *frame* e outro? O Dr. Maurício Crispim, médico brasileiro e estudioso das obras de Pietro Ubaldi, conseguiu visualizar o que ele chama de “Universo vaga-lume” que responderia aos problemas formulados anteriormente. Segundo a sua ideia, o *Sistema* (criação inicial a partir da qual tudo foi gerado) se constitui em uma imensa *matriz de informação* que opera a uma velocidade superior a da luz, pois não está limitado às leis da “matéria densa” do *Anti-Sistema (Physis)*. Entre um *frame* e outro o *Anti-Sistema* interage com o *Sistema* e atualiza o seu “banco de informações”. Aquelas consciências que neste momento conseguem rodar o filme podem vislumbrar o nosso possível futuro com grande chance de acerto. Se levarmos em consideração o *monismo* de Ubaldi, Deus não nos abandonou ele sustenta todo esse Universo e move toda essa engrenagem (Motor imóvel).

- P153-160 Na busca **por um modelo melhor de produção do conhecimento** a figura do *sofista*, tão criticada pelos filósofos socráticos é associada à figura do *astuto* e a do *filósofo* à do *justo*. Ambos *pensam-por-si-mesmo*, mas somente o *filósofo* tem compromisso com a *verdade* e procura pautar a sua vida pelo que é certo. As peças trazida para o *mural síntese* começam a ser coordenadas. Se Filosofia é *amor* a *sabedoria* o que vem a ser este *amor*? E o que vem a ser esta *sabedoria*? O caminho está sendo preparado para apresentar a *teoria da queda* de Pietro Ubaldi.
- P161-175 No tópico: **a evolução individual e coletiva** um dos esquemas mais significativos de Pietro Ubaldi é detalhado e é utilizado para explicar como teria se dado o surgimento do *Anti-Sistema* e como se deve, então, se dar o retorno ao *Sistema*. Neste retorno (evolução individual e coletiva), o caminho mais curto e menos sofrido é o do *amor*, mas obedientes ao nosso *impulso de queda* que fomentou toda esta revolta, com o uso e abuso do nosso *livre-arbítrio*, nós insistimos no *caminho da dor*. Não é tarefa simples nem pequena sintetizar em poucas linhas uma das obras mais densas e controvertidas de Pietro Ubaldi que tem fortes opositores até mesmo dentro do espiritismo. Mas apesar de todas as dificuldades e resistências talvez valha a pena examinar um assunto que sempre foi objeto de estudos de grupos iniciados com mais profundidade e respeito. Pode ser que descubramos que somente aqueles mais merecedores entre os componentes dos círculos filosóficos originais tinham acesso a este conhecimento. “*Eles veem e não enxergam, escutam e não ouvem*”.
- P176-187 Falar do **fim dos tempos** pode parecer coisa destes “malucos e fanáticos” de beira de esquina que ficam querendo convencer as pessoas a abraçarem a sua “religião”. Não há dúvida, no entanto, que este é um assunto que há muito ocupa a mente dos homens dentro e fora dos círculos religiosos. Sendo assim, por que a Filosofia deveria ficar de fora desta discussão? E se não fica, porque a visão espírita e/ou ubaldiana deveria ser excluída do debate? Os trabalhos de Roustaing, que possibilita uma aproximação com o catolicismo, marginalizado em grande parte do movimento espírita deve também ficar de fora? Quem decide o que interessa e o que não interessa à Filosofia? Qual a autoridade deste censor? O que os censores podem fazer de bom pela Filosofia? O que eles podem fazer de mal? Será que realmente os queremos? Todo trabalho tem pontos fortes e fracos. Foi mostrado que o trabalho de pensadores consagrados como Aristóteles, Descartes e Heidegger apresentam falhas pequenas e grandes, no entanto, isso não nos impede de apreciar, admirar e, muitas vezes, utilizar o que estas obras tem de bom. Por que, então, recusar a obra de um estudante de graduação em filosofia apontando “falhas” que, talvez, não sejam falhas mas problemas de interpretação por parte de quem tem outra visão de mundo e não consegue empreender a leitura filosófica que o texto requer. E mesmo que a obra do estudante apresente falhas, será que elas são tão grandes quanto as da física aristotélica ou são tão problemáticas como a exclusão de todos os seres vivos não humanos e até, quem sabe parte destes últimos, do campo da filosofia? Algo que talvez possa justificar a crueldade com os animais, o desenvolvimento e uso de armas biológicas contra indivíduos da nossa própria espécie?
- P188-195 **A vida em sociedade** nos conduz, necessariamente, a pensar **as questões éticas**. Não por uma questão de falso moralismo, dominação ou qualquer coisa deste tipo, mas para que todos sejam beneficiados e respeitados nos seus direitos faz-se necessário, também, que se pense nos seus deveres. *A liberdade só é boa com responsabilidade*, não há como negar que todos os nossos atos tem consequências, boas e más, por mais que se relativize isto. Falar sobre virtude é fugir do campo da *Filosofia*? Será que ela só interessa ao campo das religiões? Por que, então, existem disciplinas como Ética e Bioética nos cursos de Filosofia? André Comte-Sponville é um autor de *referencial materialista* que discute este tema. Kant também o trata. Devemos esquecê-los?

- P196-211 Se discutimos as questões éticas e a vida em sociedade é inevitável falarmos de Filosofia Política, um tema perigoso para o *filósofo* que corre sempre o risco de ver o seu ideal de governo se transformar em um tipo terrível de tirania. Tal como Platão e tantos outros nós também ousamos sonhar com um tipo de *governo justo* que gostaríamos de viver, pois o **governo do forte** é a tirania e o **governo do astuto** é a democracia. E nenhum nem outro conseguiu promover a paz e a justiça social.
- P211-220 O governo do *justo* só pode ser a **Meritocracia Intelecto-Moral**, mas após muito refletir, chega-se à conclusão que ele só se pode dar com a *evolução* do homem. Assim, o personagem “André Barboni” propõe que as mudanças para a sua implantação precisam ser graduais, a medida em que evolui a própria mentalidade humana, mas um princípio básico deve ser respeitado: lei se cumpre ou se revoga. Na *Meritocracia Intelecto-Moral* todos estão sujeitos às leis, não há exceções. Todo prejuízo causado a terceiros deve ser reparado, num mundo regido pela *astúcia* e pela *força* a busca pela justiça pode produzir um verdadeiro inferno se a lei for levada ao pé da letra, por isso é necessário melhorar o homem. Melhore o homem a ponto das leis não serem mais necessárias e você terá a *Meritocracia Intelecto-Moral*.
- P221-234 A **Nova Era** é propalada e esperada há muito tempo, tanto no seio das religiões cristãs e não-cristãs, como em outros meios. Será que este assunto também deva ser excluído da Filosofia? Ou pode-se trazer outras visões para a mesa de discussão? O texto se refere, agora, aos trabalhos do Dr. Masaru Emoto que ao estudar a formação de cristais de gelo no topo de gotas de água congelada, em seu laboratório, constatou que a molécula de água “responde” às vibrações de pensamento, da música, à “energia contida na força” das palavras, símbolos e imagens. O método que ele e sua equipe desenvolveram conseguiu evidenciar o efeito sutil, mas importante, que o nosso pensamento tem sobre a água. Considerando que o nosso organismo é composto na sua grande maioria por essa molécula, talvez, devamos ter mais respeito e consideração com certas áreas do conhecimento humano que a nossa *ciência materialista* sempre torceu o nariz. Afinal, a água pode estar nos transmitindo uma “mensagem” que os defensores da Nova Era tiveram a sensibilidade de captar. Mas há algo, no final deste tópico, muito grave e que não deve ser ignorado: a denuncia de que na sua cega ambição por poder e riquezas o homem, na busca de novas fontes de energia, está contaminando este precioso recurso natural que não podemos deixar de ter. Sem água não há como sustentar a nossa vida neste planeta. Será que isso, por si só, já não é suficiente para se repensar a necessidade de se manter essa questionável hegemonia do *referencial materialista* na ciência?
- P234-240 Sem autoconhecimento não há como estar pronto para os desafios do mundo adulto que nos obriga a *pensarmos-por-nós-mesmos* se quisermos ser verdadeiramente livres. Como resistir a certas pressões? Como saber até que ponto devemos ir em uma caminhada? Quando devemos dizer sim? Quando devemos dizer não? Quem não se conhece não está pronto para a vida. Esta é a mensagem que está por traz deste diálogo. Na *visão reencarnacionista* não há como fugir das consequências dos nossos atos. Se tomarmos a decisão errada teremos que arcar com as consequências dos nossos erros que geram *carma* se não solucionados.
- P240-253 Esta visão estende o conceito de *família* e mostra que tudo está interconectado. Não se pode evoluir e, simplesmente, deixar para trás os nossos parentes, amigos e até inimigos, pois quanto mais se evolui mais se quer fazer por todos, o *amor* se dilata assim como a responsabilidade e o desejo de ajudar. Na visão espírita, não há felicidade no paraíso enquanto existir um inferno. Na visão ubaldiana, se uma só partícula subatômica permanecer no *Anti-Sistema*, então, Deus perdeu a guerra contra o mal e não pode ser considerado Todo-Poderoso. Mas, então, não existiria esse tal de *livre-arbítrio*, esta é a questão que se apresenta. A discussão dela perpassa

pelo fato do mundo ser probabilístico e não determinístico. A ideia de um “Universo vaga-lume” também é coerente com isso. O papel do gênio é entendido quando se analisa e se tece algumas considerações sobre a nota de rodapé que David Hume escreve nas “Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral” com relação ao inatismo das ideias. Neste trecho do diálogo, eu demonstro a minha capacidade de analisar uma citação tal como certas tradições acham que citações mereçam constar de trabalhos filosóficos. No entanto, lembramos que em outros trechos do texto as citações diretas e indiretas são utilizadas com outras finalidades sem tantos comentários em outro contexto que também é válido.

P254-266

Considerando que o “estruturalismo” não é e nem pode ser tomado como referência para se *fazer filosofia* eu defendo a necessidade de se buscar outras opções e propõno **uma nova Filosofia para a Nova Era**. Esta nova filosofia se caracteriza por se manter sempre aberta à discussão. Isso se dá pelo fato de que ela nunca se considerará dona de alguma verdade. Todas as suas proposições são o que, de fato, as proposições são: enunciados de leis/teorias que podem se mostrar falhas e requerer revisão. Agindo assim, o conhecimento se dará da mesma forma como deve se dar na *ciência*, o mesmo se propõe para a *religião* e para a *arte*. Não dogmatizá-las significa precisamente isso. A forma como algumas pessoas tratam a Lógica também é criticada nesta parte, mais particularmente, o tratamento dado pelo livro do Irving M. Copi (e que se refere a toda uma visão filosófica), que não permite que de uma proposição universal se deduza uma proposição particular afirmando que a proposição particular pressupõe a existência de pelo menos um. Mas se não se pode falar da existência de um, como pode-se falar da existência de Todos?

3- DESENVOLVIMENTO SINTÉTICO

3.1 A IMPORTÂNCIA DE *PENSAR-POR-SI-MESMO*

P267-270

Filosofia é amor à sabedoria, o que significa escolher *o caminho do amor* ao invés do *caminho da dor* na grande escalada evolutiva que todos nós empreendemos. Para deliberar corretamente temos que ser capazes de *pensar-por-nós-mesmos* e fazermos escolhas conscientes e acertadas para que não venhamos a nos arrepender mais tarde.

3.2 CONHEÇA-TE A TI MESMO

P271-274

O autoconhecimento é fundamental para que conheçamos os nossos próprios limites. Escolhas acertadas as vezes implicam em certos posicionamentos que exigem coragem e determinação para suportarmos as consequências dos golpes que virão. Conhecendo-nos melhor também podemos ser mais tolerantes com o nosso próximo e podemos ter atitudes mais autênticas e harmoniosas com a Lei de Deus.

3.3 OLHANDO O OUTRO LADO DA QUESTÃO

P274-275

A nossa visão é viciada pela nossa maneira de ser. Isso pode ser um entrave para nos fazermos entender. É preciso, então, reforçar o argumento da outra parte e dar-lhe uma chance para refutar o nosso [argumento]. Pode ser que isso nos ajude a percebermos o nosso erro ou, então, possibilite que se abra um canal de comunicação para nos fazermos entender.

P276-281

Encontramos uma perfeita correlação entre o modelo Big-Bang, a filosofia de Pietro Ubaldi e a Cabalá. Se na base da religião judaica encontra-se um modelo que previa a mais de 5000 anos descobertas que a *ciência* só conseguiu “comprovar” recentemente, então, qual é a justificativa que se tem para desprezar o conhecimento que provém da *religião*? Por que a *filosofia* discutida e desenvolvida no *espaço acadêmico laico* [o que não significa espaço ateu] deve dar as costas a isso?

- P282-284 Não somos contrários à *teoria da evolução* de Darwin-Wallace. A nossa crítica é que a visão materialista a impede de enxergar aquilo que afirmamos: que a *evolução espiritual* guia a *evolução material*. A visão que temos é mais abrangente e dá conta de responder muitas coisas que ainda configuram um mistério sem solução para a visão que combatemos. Se esta visão não é capaz de provar que estamos errados, **ou que ela está certa**, pelo menos deveria adotar uma atitude de respeito e deixar que manifestemos a nossa posição sem assumir atitudes que combateu nos outros no passado. A nossa briga não é com as pessoas, mas discutimos abertamente as ideias.
- P285-290 Será que a nossa mente é fruto de reações químicas que acontecem em nosso cérebro? Estamos muito longe de provar isso e, muito provavelmente, jamais o conseguiremos. Reconhecemos os avanços e a qualidade da argumentação que se tem nesse campo e que faz uso de uma Biologia mais atual. Reconhecemos nesta abordagem méritos e um certo cuidado que faz com que certos erros do passado sejam evitados, mas apesar de todo o aparato tecnológico utilizado [no campo de estudos da *filosofia da mente* e das neurociências], esta abordagem não consegue refutar a existência da *alma*. Sendo assim, também não pode ser usada como justificativa para nos impor um *referencial materialista* que não tem como se colocar como dono da verdade.
- P290-293 A arte imita a vida e a vida imita a arte. Novas tecnologias as vezes parecem promissoras para que os mais afoitos se lancem a anunciar o fim do *referencial* oponente. Cuidado! A história tem mostrado que esta afobação pode ter efeito contrário e que o “tiro pode sair pela culatra”.
- P294-297 A banalização do mal é algo que somente uma mente que *pensa-por-si-mesma* consegue se opor e evitar cair nas armadilhas que a sanha de dominação astuta tenta nos impor para nos escravizar aos seus desejos. *Sapere aude* e seja feliz.

3.4 EMPREENDEDORISMO SOCIAL

- P298-316 O *empreendedorismo social* é o caminho que eu encontrei e que de pronto identifiquei como a solução que buscava em termos práticos para ajudar os meus alunos a encontrar o seu próprio caminho para a felicidade sem prejudicar o seu próximo e construir um SUS (Sistema Único de Saúde) verdadeiramente resolutivo, pelo menos com relação ao seu campo de atuação. Ele me diz que **todo o mundo pode mudar o mundo** e que eu não estou só nesta tarefa.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

- P317-324 Nesta parte do texto faço um resumo da filosofia brasileira que começo a construir, de forma nenhuma isso deve ser considerado como um desprezo às demais tentativas precedentes, muito pelo contrário, eu congratulo os seus autores pela coragem de fazê-lo, nem menosprezo o trabalho daqueles que se afinam com os ideais do próprio método estruturalista, ou que acreditam numa filosofia da linguagem, ou qualquer outra ação no campo da filosofia desde que eles respeitem também o meu direito de defender no campo *laico* da academia a minha visão de mundo. Para aqueles, no entanto, que se utilizam da *ciência*, da *filosofia*, da *religião* e da *arte* para justificar as suas intenções escusas de dominação e controle da *mente* e da vida das pessoas o meu discurso “não alisa”. Gostem ou não dele, ele é autêntico e ao defender a posição de que devemos *pensar-por-nós-mesmos* para encontrar o verdadeiro caminho da liberdade eu acredito estar fazendo a coisa certa, pois nunca devemos acreditar naqueles que dizem que não podemos, que não somos capazes, que somos

inferiores. *Sapere aude* é a minha bandeira e espero que o mundo inteiro também a assuma, assim quem sabe, talvez um dia, a gente consiga amar as nossas diferenças e ver que é nelas que somos todos iguais. É na diversidade que somos fortes e que as ações no sentido de nos igualarmos a um modelo ideal excluindo aqueles que se desviavam do padrão estabelecido, sempre foram ações que geraram muita dor e sofrimento desnecessários e que só envergonharam os seus agentes. Dizem que liberdade e respeito se conquistam. Se for preciso lutar por isso não nos furtaremos ao combate, preparem suas armas, pois eu não estou só, paguem para ver e conheçam os meus amigos.

REFERÊNCIAS

P325-334 O trabalho possui 136 referências que consultamos e utilizamos, mas elas não correspondem à integridade dos textos que estudamos para construir esta síntese. O que pode ser visto aqui é apenas a ponta do iceberg que está para emergir com os trabalhos que irão aprofundar alguns dos tópicos levantados. Como tínhamos muito para falar o trabalho ficou extenso, mas apesar de grande é apenas uma ideia do que vem por aí.

GLOSSÁRIO

P335-348 Em *filosofia* é complicado se valer de certas palavras. Parece que quando a utilizamos, alguns leitores insistem em achar que a estamos utilizando em um sentido quando na verdade a estamos utilizando em outro, ou que deveríamos nos valer do trabalho deste ou daquele autor. Eu me vali daquilo que eu li e estudei, o que certos autores disseram e não foi lido por mim, obviamente, não influenciou o que eu apreendi. Para evitar muita confusão construí um glossário com as definições e conceitos que eu utilizei neste trabalho. Ler o meu texto dando outra interpretação a estes termos que aparecem em *itálico* pode ser considerado prova de má-fé (dependendo do caso).

APÊNDICES

P349-360 Os apêndices são presentes que visam ajudar o trabalho de leitura deste texto. Espero que meus leitores apreciem. OBRIGADO PELA ATENÇÃO!